BIBLIOTECA DULCE FERRÃO
OFERTA - 31 JAN. 2001

A LEITURA

MAGAZINE LITTERARIO

ROMANCES—HISTORIA—VIAGENS

SEGUNDO ANNO

TOMO XI

R-96

LISBOA
ANTIGA CASA BERTRAND
José Bastos—Livreiro-Editor
Rua Garrett, 73 e 75
1895

RIO DE JANEIRO
H. LOMBAERTS & C.ª
Livreiros-Editores
Rua dos Ourives, 7
1895

A EGREJINHA

Richard Fénigan, caçador emerito e pescador, residente em Seine-et-Oise, e que vivia todo o anno no campo com sua mãe e com sua joven esposa, acabava de levantar as redes n'esse boccado do Sena semeado de ilhas verdes cuja pesca arrendara, entre o açude d'Evry e o de Athis. Por essa manhã de julho, pesada e ardente, sob um sol de metal fundido que lançava uns tons prateados em todo o céo, o rio fumegava immovel e silencioso, sem até se notar a habitual ramalhada de gaiola que fazem nas moutas as toutinegras, as andorinhas, os pica-peixes e os espreita-marés, ao passo que das plantas marinhas se exhalava um cheiro acre, e esse cheiro especial das cantharidas, manchando de verde os freixos. Fénigan, o proprio Fénigan, um mocetão de trinta e cinco annos, robusto, de côres muito pronunciadas, de barba cerrada e escura, sentia esse peso enorme da atmosphera; e quando chegou ao minusculo porto onde, deante dos barcos presos por amarras, as suas redes de pesca jaziam extendidas exhalando um fumo dourado sobre o verde deslavado da margem, quedou-se alguns minutos completamente aturdido no fundo do batel,

dormitando nas suas vestes de fazenda verde, manchadas da agua. Ouvia-se d'esse lado do Sena o som de um sino, partindo do alto. Richard estremeceu...

— Ouviste Chuchin?

Chuchin, o guarda-pesca, mettido na sua barraca, entretido a contar a provisão de lucios, de tencas e de enguias, levantou a cabeça, cujo rosto pergaminhado tinha mais sulcos que o rio, quando encrespado pelo vento de leste:

— Com certeza que vem do palacio.

— Mas ao almoço não tocam?! São apenas onze horas.

— Alguma visita, talvez... alguem de Grosbourg... e agora me lembro que vi a sua carroagem que voltava pela ponte.

Nova badalada cujo som estridente quebrava o torpor da paizagem.

— Arranja tudo, Chuchin; vou vêr o que é.

Richard com o passo socegado que lhe dera a vida do campo, seguiu o caminho marginal até á avenida de alamos, subindo por uma encosta abrupta para a estrada de Corbeil, ao longo da qual se vê alinhada a aldeia des Uzelles e o dominio que tem esse nome. Andando, sonhava alto, intrigado por aquelle chamamento do sino, sem todavia lhe acudir nenhum presentimento mau... Uma visita de de Grosbourg, não seria possivel... Quem teria podido vir? O general estava na sua estação de aguas, no Tyrol, com a duqueza. O filho em Stanislas, a contas com os seus exames de Saint-Cyr. Talvez algum drama de cosinha ou de dispensa, reclamando a presença do dono da casa. Seria qualquer scena de familia, alguma scena entre sua mãe e sua mulher?... De certo que não; havia annos que terminara essa gerra intima, atroz, que desolara os primeiros tempos do seu casamento... Que seria então?

Um «bons dias, sr. Richard» obsequioso e felino, vindo do outro lado da estrada, arrancou-o ás suas reflexões. Estavam ali quatro ou cinco individuos, encostados a um enorme choupo. Eram: Robin, cantoneiro, o carteiro Roger, que

descera do seu velocipede, segurando-o pela manivela, uma engommadeira, assentada sobre os braços do seu carrinho pesado e luzente de roupa branca, escutando todos, de bocca aberta, uma historia que lhes contava o sr. Alexandre, ex-mordomo do palacio de Grosbourg, um homem alto, de cara rapada, correcto, com um fato completo de flanella branca e uma canna de pesca de bambu preto, com aros de prata. Que falacia era essa interrompida bruscamente com a chegada de Fénigan? Qual o motivo da saudação ironica feita por esse espertalhão de ordinario tão servilmente respeitoso? Mais tarde, os pormenores mais insignificantes d'essa manhã vir-lhe-hão á memoria com uma precisão feroz; explicará todos esses factos que agora apenas o ferem, privados de significação.

Deante da egreja, branca como um tumulo novo, ao rez da estrada poeirenta, alguem o chamou ainda; o velho Mórivek, de chapeu alto e blusa ampla e parda, com um pincel n'uma das mãos e na outra um caneco de tinta preta, muito afadigado em avivar, como elle dizia, a inscripção da sua frontaria.

— Olhe para isto, visinho. . vê-se até a uma legua de distancia.

E afastava-se para que o visinho pudesse admirar as linhas avivadas de novo no rebôco da parede, á direita do portal:

NAPOLÉON MÉRIVET
Cavalleiro da Ordem de S. Gregorio Magno
Edificou esta egreja
Em Memoria de sua esposa IRÉNE
E doou-a á communa des Uzelles

Esta epigraphe resumia um drama domestico que ninguem n'esse paiz conhecia a fundo. Sabia-se apenas que Mérivet, quando lhe morrera a mulher a quem amava até ao delirio, construira essa egreja em frente da sua pro-

priedade, e que cuidava d'ella, fazendo a sua cosinheira o papel de guarda e o seu creado particular o officio de sacristão, pondo todo o seu orgulho em vêl-a cheia de gente, aos domingos, quando o vigario de Draveil, do qual depende a communa de Uzelles, ali dizia missa ás nove da manhã. Foi aproposito d'esse officio do domingo que Merivet detivera Fénigan de passagem, para se queixar dos moradores do palacio. Podia lá comprehender-se que aquellas senhoras fossem ouvir missa a Draveil ou ao orphanato de Soisy, emquanto que ali, muito pertinho...

«E' mau isso, meu visinho, é mau isso, insistia o velho revolvendo com o pincel a tinta; nenhuma d'essas egrejas vale a minha. A minha, até dá felicidade á gente. Se soubesse qual a padroeira a quem eu a dediquei, e de que natureza era a minha Irene!... A Republica escreve na fachada dos seus monumentos: *Liberdade, Egualdade e Fraternidade,* na fachada d'este deveria eu escrever: *Piedade, Caridade, Perdão*... Chamam-lhe a «Egrejinha»; a «Boa Egreja» é que seria antes o seu verdadeiro nome; porque todos os noivos que ahi veem rezar podem ter a certeza de que serão felizes no seu lar domestico.»

Richard desculpava-se, e desculpava as senhoras; o facto da propria egreja estar tão perto era o obstaculo aos seus bons desejos. Pois se ellas sahiam tão poucas vezes! a missa do domingo, em Draveil ou no orphanato, dava-lhes ensejo para tomarem ar, para obrigarem os seus cavallos excessivamente gordos a fazerem algum exercicio. Mas falaria a sua mãe n'isso, e dentro em pouco as senhoras Fénigan teriam as suas cadeiras na «Boa Egreja». Este ultimo epitheto fel-o sorrir. Estava elle pensando na alcunha que designava n'essa região a igreja do velho Merivet, alcunha pouco propria para attrahir ali os maridos — quando uma terceira badalada do sino, saccudida, violenta, o fez pôr a caminho, e d'essa feita com mais pressa.

O dominio des Uzelles, no extremo da aldeia, dividia-se

em dois corpos distinctos: o palacio ou castello, de construcção recente, todo coberto de ardosias, varanda, balcões, habitado pela senhora Fénigan, mãe, e separado do pavilhão, por um passadiço. No pavilhão, construcção velha do seculo passado, residia o novo casal. Uma porta pequena aberta na parede communicava com essa parte da propriedade. Era d'ahi que Rosina Chuchin, filha do guarda-pesca, ao serviço dos Fénigan, como seu pae, espreitava, com as mãos acima dos olhos á guiza de guarda-luz, a estrada cheia de reverberos e que quasi cegava, e gritou do longe a Richard. «A senhora não vem comsigo?»

Com effeito, a maior parte das vezes, nas manhãs de visita ás redes de pesca, Richard levava comsigo sua mulher ao rio. Gostava ella de mergulhar os braços até ao hombro na agua fria para gosar a surpreza do que se traz á superficie, dos tons de prata que fulgem e se movem no fundo. Mas n'esse dia, Lydia estava possuida de certa fadiga e a todas as instancias do marido respondia com um leve resmungar de quem está com somno. Era uma delicia vel-a, rosada e tumida no travesseiro, filtrando o brilho dos seus olhos garços-perola, pelas pestanas quasi unidas. Um segundo, Richard, immovel no meio da estrada ampla, saboreou em espirito essa visão de marido apaixonado, emquanto a creada de quarto repetia, consternada: «A senhora não vem comsigo?

— Não; porque o perguntas?

— Porque a senhora desappareceu esta manhã.

— Desappareceu... Que loucura!»

Teve forças para galgar os dois degraus da porta minuscula, mas logo se deixou cahir no banco de pedra á entrada do passadiço. O seu mal estar, que logo de manhã o invadira, esse atordoamento que o accommettera no rio, começava de novo com mais violencia. Incapaz de falar ou de mover-se, ouvia como um zumbido a falacia de Rosina, comprehendendo-a a custo. O parque, o pomar, a barraca á beira do rio, tudo tinha sido investigado... finalmente,

havia pouco, Jorge, o velho guarda campestre, voltando da sua excursão á floresta, prevenira o jardineiro de que uma das janellas que dava para o bosque estava aberta; depois entregou um bilhete dirigido á senhora Fénigan, mãe.» A proposito, eil-a que chega; ahi está a sr.ª Fénigan... Talvez traga noticias...

A mãe de Richard, altiva e avantajada de fórmas, sempre de cabeça ao léu, os cabellos puxados para o alto, ou antes, achatados, avançava pelo passadiço acaramanchado, desfazendo a cada passo as manchas de luz intensa cuja trama assombreada se desenhava no chão. Ao ver o descompassado da sua andadura, percebia-se que estava sabedora do caso e furiosa. Richard tentou levantar-se, e ir ao encontro d'ella; mas, collado ao banco, poude apenas dizer-lhe com olhos de angustia e com a voz de quando era creança:

— Lydia? onde está Lydia, mamã?

Brutal, quasi triumphante, a mãe respondeu:

— Tua mulher abalou, meu filho, e essa é a unica alegria que lhe devemos.

— Abalou!

— E não foi sósinha, podes imaginal-o... Mas adivinha com quem... não; adivinha.

Em logar de adivinhar, soltou um gemido fraco, sentiu um sobresalto em todo o corpo, depois tornou a cahir sobre o banco, a cabeça congestionada, os braços tocando o cascalho do passadiço.

II

Diario do Principe

«Grosbourg, 6 de abril de 1886.

«Meu caro Vallongue: d'hoje em deante, o meu logar

«ficará vago nos bancos de Stanislas. Definitivamente re-«nuncio a Saint-Cyr e á gloria das armas que me parece «ser sufficiente na nossa casa. Desde meu avô Carlos Dau-«vergne, a quem o primeiro imperio fez marechal, duque «de Alcantara e principe d'Olmütz, até ao pobre diabo de «meu pae, Alexis Dauvergne, atacado recentemente de pa-«ralysia aos quarenta e sete annos de edade, general com-«mandante do 3.º corpo d'exercito, os meus illustrissimos «ascendentes não me deixaram uma distincção que eu possa «ambicionar. O armario russo, no meio do nosso salão da «rua de Chanaleilles, onde conservamos todas as distin-«cções nobiliarchicas da familia, está cheio, raso. Que fa-«zer então? Nada. É ao que estou firmemente decidido. «Aos dezoito annos, filho unico, herdeiro de um grande «nome, de uma enorme fortuna e sem duvida alguma her-«deiro tambem da triste saude do papá, a prudencia indi-«ca-me que gose o mais cedo possivel o que a existencia «me offerece de bom. Começo pois.

«As duas cartas mysteriosas que V. me viu estar escre-«vendo ha dias, durante a licção de trigonometria,— uma «era dirigida ao capitão Nuitt, de Cardiff, aprasando-o para «um encontro no portinho de Cassis, Bôcas do Rhodano, «com o *yacht Azul-branco-vermelho*, admiravelmente apres-«tado com oito homens de equipagem, cosinheiros, mor-«domo, tudo pago á razão de dez mil francos mensaes. A «segunda era uma prevenção á pessoa que me acompanha «na expedição, porque bem póde V. calcular que não em-«barcarei sósinho. A mulher em questão não é sua conhe-«cida; pelo menos não figura na gaveta das gravatas em «que muitas vezes separámos as cartas e os retratos das «minhas favoritas. Posso dizer-lhe que é casada, que é «nossa visinha, em frente de Grosbourg, lado opposto do «Sena. Trinta annos apenas, bellos olhos claros, sempre «olhando baixo, e que quando os abre, illuminam-lhe o «rosto com o reflexo de um collar de perolas; um ar de «reserva, mãos compridas, alvissimas, de pianista, metti-

«das em mitenes dos tempos antigos. Não tem filhos; tem «um marido que a adora e a consideração de todo o paiz. «Bastou escrever-lhe: «Vem,» e respondeu-me logo: «Cor- «ro,» e eil-a largando tudo, marido, casa, familia, para em- «barcar com um companheiro, joven e pouco experiente «como é este seu amigo. Sempre lhe digo que as mulhe- «res são umas avesinhas bem extraordinarias!

«Quanto a mim, não me sinto prender mais a esta do «que a outra qualquer; amo demasiadamente *tutte le done* «para que prefira qualquer. Mal acabo de trincar um «d'esses deliciosos *bons-bons*, tenho logo desejos de cus- «pil-o, e de pôr á prova toda a caixa com a esperança de «encontrar finalmente esse gosto super-exquisito que pro- «curo em vão. D'esta vez, meu caro Vallongue, faça votos «para que eu tenha mais sorte.

«Quando esta receber, correrei os mares, com as velas «pandas, e as maldições dos meus bradarão aos ceus. Tanto «peor! assim o quizeram, assim o tenham. Se, em logar «de me internarem primeiramente em Grosbourg, depois «em Stanislas, me tivessem deixado livre em Paris, por «certo que não me sentiria subitamente com os pruridos «de uma escapatoria. Mas a duqueza, minha mãe, não se «lhe dando muito de se conservar sósinha, longe dos seus «homens, como ella nos chama, houvera por acertado for- «çar-me ao trabalho e ao bom juizo, fazendo de mim o enfer- «meiro do general. Não pensou ella em que a solidão é «má conselheira, e que sempre a contemplar a collina des «Uzelles com a sua egrejinha de pedra branca e com o seu «campanario onde se anicham todos os pombos bravos da «floresta, assaltar-me-iam talvez reflexões melancholicas e «a necessidade de me pôr ao largo. O general, por seu «turno, enclausurando-me em Stanislas, determinou a mi- «nha fuga. Um dia contarei a V. o drama intimo que se «representou entre esse illustre invalido e eu, durante a «minha permanencia no castello.

«Ah! Vallongue, como eu, sósinho, ruminei projectos,

«ás tardes, n'esse vasto Grosbourg, errando ao fundo «do parque ou sobre o terraço á borda d'agua! Como eu «encarei bem de frente a vida, os outros e a mim mesmo. «— o mais complicado de todos! O resultado d'esta analy- «se foi o descobrir-me, aos desoito annos, velho e cançado, «rebelde a todas as ambições, não amando nada, não me «interessando por cousa alguma, vendo antecipadamente «o fim de uma alegria qualquer. Porque sou eu assim? «d'onde me vem esta experiencia precoce, este desgosto «de tudo e estas gelhas que as sinto até nas pontas dos «dedos? Seria isto commum á minha geração, áquelles a «quem chamam vulgarmente os «filhos da conquista,» por- «que nasceram como eu, no anno da guerra e da invasão, «ou sómente peculiar á minha familia, ao velho solo can- «sado por effeito de muito boas colheitas e que agora, está «pedindo um longo alqueive? Deus de misericordia eu «me encarrego d'esse alqueive.

«E antes de mais nada, como a mulher e o barco são, «a meus olhos, as unicas e invejaveis distracções, offere- «ço-as ambas a mim mesmo e com profusão. Até aqui, «como amante e como marinheiro bordejava apenas en- «saiando-me; d'esta feita, viajo a longo curso, e se as mi- «nhas confidencias o interessam, comprometto-me, meu «caro Wilkie, a ter por sua intenção um diario ou livro de «bordo absolutamente veridico, livro das viagens e aven- «turas de uma alma que o general duque meu pae, pro- «clamou de longa data obscura e perigosa como um com- «bate durante a noite.»

«*Charlexis*»

III

Como todos os aposentos do pavilhão, o quarto de Richard, para onde o tinham transportado depois da syncope

que o accommettera, dava sobre a estrada de Corbeil, n'uma posição sobranceira ao rio e uma das mais risonhas que existem no Seine-et-Oise. N'essa mesma estrada, trinta e cinco annos antes, por uma manhã de outubro de 1851 e por uma chuvada de outomno que de subito os apanhára, Fénigan, tabellião em Draveil e proprietario em Uzelles, ia com o seu visinho de Grosbourg, o velho duque de Alcantara, registar na *mairie* de Draveil o nascimento de um seu filho, nascimento que se déra na noute anterior. O duque, que por acaso fôra n'essa manhã a casa do seu tabellião, quizera dar-lhe essa prova de sympathia; e a longa caminhada a pé, sob o guarda-chuva do humilde notario, de braço dado com o illustre soldado de Napoleão, deixou nos fastos da casa Fénigan um vestigio não menos glorioso do que a assignatura do marechal no modesto registo da communa.

A mãe, durante muito tempo ficou soffrendo as consequencias da vinda tardia de Richard. Durante muitos annos não poude abandonar a sua *chaise-longue* e, como o pae tivesse de viver sempre fóra de casa, absorvido pelas funcções do notariado, o filho, unica distracção da doente, cresceu ao lado d'ella, sósinho, enclausurado, constrangido ao silencio, á phantasia, n'esse quarto onde apenas tinha a distrahil-o o espectaculo da estrada com a passagem das carretas, das carruagens, dos homens e dos animaes, caminheiros, pastores, vendilhões e pescadores. Por isso conhecia a fundo essa estrada branca, verdadeiro panorama em que os seus olhinhos assiduos e pacientes sabiam descobrir mil pormenores que os outros nem sequer suspeitavam.

Essa estrada marcava-lhe as horas com mais certeza que o proprio quadrante solar installado sobre um sócco no meio da relva. No verão, quando o cantoneiro Robin punha o carrinho de mão á sombra da parede fronteira, ao lado do repuxo, o pequeno dizia alto: «O almoço de Robin... é uma hora.» E era para elle uma alegria vêr o homem e os seus dois filhos assentarem-se á beira do ca-

minho, deante do carrinho de mão, servindo de mesa, e depois, terminada a refeição, o cantoneiro accommodar-se o melhor que podia no acanhado vehiculo e dormir a sésta, emquanto a poucos passos do homem, os pequenitos se entretinham em britar pedra, fazendo com ella montinhos, imitando o pae. Assim como, quando as mulheres abandonavam o lavadoiro, ou quando no portão da herdade visinha o rebanho entrava com um estrepito semelhante á queda da chuva, ou ainda quando os rapazes voltando da escola de Draveil, se separavam na volta da fonte, Richard já sabia que eram quatro... cinco... seis horas.

Como a estrada fazia o officio de relogio, servia-lhe tambem de calendario, marcando com um signal distinctivo cada dia da semana. Á segunda, os pobres, n'um lento e interminavel desfile de andrajos, de muletas vindas não se sabe d'onde, as mesmas figuras macillentas e terrosas mostrando-se ao postigo da porta principal para receberem da sr.ª Clément, a jardineira, um boccado de pão e uns cobres. Ao sabbado, as bodas, á moda da antiga França, com o rabequista á frente, saracoteando-se para marcar o passo, pondo a aldeia em alarme com o seu *crin-crin*. Atraz d'elle a noiva de branco, afogueada e a suar sob a sua capella de flôres de laranjeira, o noivo em cujo chapeu alto seconcentra toda a poeira do caminho, bem como no panno da sobrecasaca; a seguir os convidados, dois a dois, as mulheres muito anchas por exhibirem a ramagem dos seus chailes tapetes, os homens acanhados por terem de se mostrar no meio da rua, os braços a abanar e em trajos de festa, n'um dia de trabalho. Ás terças e quintas, vesperas do mercado em Corbeil, passavam enormes manadas de bois, e os feirantes com as suas carriolas parando algumas vezes deante do palacio para offerecerem a sua mercadoria. Nos domingos de verão, as philarmonicas e *orphéons* passeavam as suas bandeiras reluzentes de medalhas ganhas em concurso, os bombeiros apresentavam-

se em formatura. O outomno trazia a passagem de tropas, de peças de artilheria cujo longo desfile fazia tremer as casas, e sempre em volta da fonte soldados alagados em suor que se afadigavam e luctavam para beber, apesar dos gritos furiosos do major. Outras vezes, grandes *breaks* de caça transportavam para a floresta que ladeava a estrada, os convidados dos palacios visinhos, Grosbourg, La Grange, Mérogis, e carros com bolsas de caça e armas que luziam ao sol iam atraz d'aquelles.

Mas, em toda a semana, o dia de maiores attractivos para Richard, e aquelle por que anceiava febrilmente era a quinta-feira, quando á tarde, pelas tres horas, um enxame de vozes frescas zumbia, debaixo das janellas, e que, espalhados por toda a extensão da estrada, com os seus chapeus de palha guarnecidos de laços azues e as suas amplas romeiras, as orphãs de Soisy-sous-Étiolles passavam sob a vigilancia de duas ou tres irmãs de caridade. Quasi sempre faziam-n'as entrar no palacio, passear e divertir-se sobre a relva, Que festa para Richard, que não conhecia outras creanças senão essas pobres raparigas ás quaes apparecia como um joven rei n'esse quadro de luxo florido; e com que olhares tristes depois dos jogos, das correrias e dos risos pelas avenidas, o pobre Richard seguia até á quina do palacio, os chapeus brancos, semelhando azas de passaros e adejando sob o vento fresco do rio!

Oh! esse caminho de Corbeil, que logar tão cheio de magia tinha na sua memoria! A sua infancia, a sua mocidade, eram como que atravessadas por uma larga calçada toda cheia de poeira, onde se desenrolavam os grandes acontecimentos da sua vida.

Não fôra n'essa estrada, entre Draveil e Uzelles, n'um sitio commemorado depois por uma grande cruz de ferro, que o tabellião Fénigan, ao voltar do seu escriptorio, cahira fulminado pela apoplexia? Richard tinha então dezeseis annos, e, chamado a toda a pressa de Louis-le-Grand onde fazia lentamente e a custo os seus estudos, sentiu que a

magua que lhe causava essa morte tragica teria a sua consulação natural na esperança de que nunca mais voltaria ao lyceu. Esse exilio do moço Fénigan fôra pretexto para debates violentos em casa do tabellião, pois que a mãe queria conservar junto de si o filho com um preceptor, e o pae optava pela educação e disciplina universitarias, temendo que Richard, vivendo sósinho no campo, se tornasse tão rustico e selvagem como os filhos do cantoneiro.

Fénigan, de ordinario fraco deante da vontade da mulher, a quem chamava o seu bom tyranno, d'esta vez portou-se com firmeza; insensivel ás suas lagrimas e ás suas imprecações, elle mesmo levou Richard para Paris, internando-o entre as altas paredes negras, d'onde o filho só teria de sahir no fim dos seus estudos se não fôra o telegramma funebre que o chamava, orphão, a Uzelles.

Como lhe parecia agora tão linda essa estrada, emquanto seguia o carro funebre, só, adeante de uma multidão enorme e concentrada! A luzerna estava alta, e a onda dos trigaes resplandecia ao sol. A cada um dos seus passos, levantavam-se reminiscencias da sua infancia, partindo adeante d'elle; os bosques, o rio enviavam-lhe exhalações conhecidas que o embriagavam, e até censurava a si mesmo esse bem estar atravez das suas lagrimas, uma alegria terna em tornar a vêr essa natureza familiar que amava com todos os seus instinctos, e da qual fôra arrancado com tanto custo. E dizer que agora não mais a abandonaria.

D'accordo n'esse ponto com sua mãe, que pensava, ao ver por dentro das vidraças desfilar o enorme cortejo funebre: «Que iria fazer a Paris? para que terminar os seus estudos mal conduzidos e sem bom exito? para que seguir as pisadas do pae, quando a nossa fortuna se acha feita, e privar-me ainda do meu unico filho?»

Logo no dia seguinte áquelle em que Richard veio para Uzelles, poz elle todos os seus livros de estudo n'um caixote que pregou raivosamente mandandc-o para o sotão, mui-

to resolvido a não o abrir nunca mais, como a não folhear nenhum dos horrorosos calhamaços que durante tanto tempo o haviam torturado. Como quasi todos os burguezinhos educados no campo, era de temperamento indolente e contemplativo, timido até á selvageria, falando pouco, attento apenas aos exercicios ao ar livre, pesca e cavallaria, de que abusava em extremo, não lendo nunca nem um livro nem um jornal, salvo a *Caça Illustrada* e alguns numeros da *Volta do mundo*. A pé, logo ao romper da manhã, a mãe só o via nas horas das refeições; mas raro sahia de noute, e jogava com a mãe duas partidas de xadrez que se prolongavam até ás dez horas, momento em que se apagavam irrevogavelmente todas as luzes do palacio e suas dependencias. Visitas poucas. A prolongada doença da sr.ª Fénigan afastara os seus amigos de Draveil ou de Soisy, e posto que a viuva estivesse agora de boa saude, sentia-se bastante feliz com seu filho, agora já homem, e não lhe agradava reatar as relações interrompidas.

Assim se iam passando dez annos d'essa existencia uniforme, sem abalos. Alguns convites para as reuniões dos seus aristocraticos visinhos de Grosbourg, na inauguração das caçadas, uma viagem ao Havre para a compra de uma chalupa de recreio, phantasia que Richard tivera, eis no espaço d'esses dez annos, os factos notaveis da sua vida. Houve tambem, em dois verões consecutivos, uma estada em Uzelles, em casa dos Fénigan, dos primos de Lorient, pae, mãe e uma filha que era vista sempre a cavallo, trazendo na cabeça um chapéu de feltro, sósinha com o primo. Desde Villeneuve-Saint-Georges até Corbeil, em toda essa região em que a fortuna enorme dos Fénigan tornara o seu nome popular, correu por algum tempo rumores do proximo casamento de Richard; d'ahi a pouco desappareceu bruscamente essa tal familia de Lorient, e as proprias pessoas que haviam certificado a noticia do casamento, foram as primeiras a desmentil-a. Com o seu pescoço de toiro, com

a sua barba quasi até aos olhos, Richard, esse mocetão, era um fraco, um doce, dominado inteiramente por sua mãe; e a sr.ª Fénigan amava-o muito para permittir que uma outra mulher, que não ella, entrasse e se installasse em sua casa. E a prova é que no dia em que a joven amazona de Lorient se julgava certissima do seu effeito, ao voltarem da sua cavalgada a dois — cujo silencio sonhador lhe parecia decisivo — bastara á sr.ª Fénigan uma palavra, um olhar a seu filho: «Insistes n'isso?—Nunca,» respondia o mancebo, saccudindo sobre a bota a cinza do seu cachimbo inglez, de par com as suas velleidades amorosas. No dia seguinte, a donzella partia, sem que nunca mais se falasse n'esses tacitos esponsaes. Comtudo, passado pouco tempo, o filho da sr.ª Fénigan contrahia matrimonio, e d'esta vez, sua mãe, não oppunha a esse casamento nem sombras de um obstaculo.

Por um costume muito antigo e que datava desde a meninice de Richard, no verão e ás quintas-feiras, o orphanato de Soisy vinha passar o dia a Uzelles. A sr.ª Fénigan accommodara-se a essa costumeira, menos ainda em attenção ás orphãs que prefeririam comer os bolos, lá fóra, no meio da poeira da estrada, do que pelo prazer de conversar com as religiosas, quasi todas mulheres muito distinctas e de coração delicado. Uma quinta-feira em que Richard, que por acaso ficara no palacio, assistia a essa visita das orphãs, perguntou á mãe, ao jantar: «Quem é aquella menina, pallida e delicada, com uns olhos de um pardo prateado e avelludado... que esteve todo o tempo junto da irmã Martha, a Irlandeza?»

— Não a conheces? E' Lydia, a pequena Lydia.

— O quê, a horrenda bohemiasinha?...»

E de repente, no grupo de rebentos escrupulosos, macillentos, fructos da miseria e do vicio, acima d'essas infelizes campesinas, tornava a ver, sob os cabellos frisados e finos emergindo do triste chapéu de palha, a altiva e melancholica figura. Era pois esta a pequena Lydia! Essa

creança, filha da estrada, do fosso, apanhada n'um monte de andrajos anonymos havia uns quinze annos, eis em que se tornara.

«E se a ouvisses, aos domingos, tocando no orgão da capella... Ah! a Irlandeza pode gabar-se da sua obra; é uma perfeição essa pequena Lydia. Digo pequena, quando ella realmente, é tão alta como eu.»

No domingo seguinte, pela primeira vez, Richard acompanhava sua mãe á missa do orphanato; e, em todo o officio, os seus olhos não se desviaram nunca do perfil delicadissimo, inclinado sobre o orgão, ao fundo do côro. Oh! não, aquella não podia ser uma creança qualquer abandonada como as outras, o seu nascimento não tinha as mesmas origens impuras. A não ser assim como explicar esses instinctos aristocraticos, essas aptidões para a musica que tanto maravilhavam a irmã Martha?

Muitas vezes Richard foi a Soisy ouvir missa: ás quintas ficava para assistir á refeição das orphãs. Um dia, a sr.ª Fénigan chegou até a obter da Irlándeza o executar com a sua discipula uma sqnata a quatro mãos no piano do salão, que estava quasi fóra de uso, e cujas teclas davam uns sons fracos de espineta. Richard sahiu antes de findar o trecho. «Sentia immenso calor», disse elle brutalmente, quando tentavam fazer-lhe confessar a sua commoção. E todavia, desde esse dia em deante não cessou nunca de trautear a tal sonata, tentando reproduzil-a no piano sobre que tocava com uma dedilhação estupida e incongruente.

Por outro lado, continuava na sua vida activa, caçando, pescando em companhia do seu guarda-pesca, mas silencioso e reservado mais do que nunca, escondendo o segredo presentido pela mãe, e que esta conseguiu arrancar-lhe.

— Adivinha lá quem vem jantar comnosco, na proxima semana, disse-lhe ella uma noute, no intervallo de duas partidas de xadrez.

E como o filho não respondia, ruminando sempre no seu sonho favorito:

— O bispo de Versalhes... Vem dizer missa no orphanato, por occasião de Lydia professar.

— Então Lydia entra para o convento?

— Que queres tu que ella faça sem familia e sem fortuna? E por muito feliz se deve considerar por essas boas senhoras não lhe exigirem dote...

Richard, mudando de côr, abandonou o jogo, e desappareceu pela escuridão do jardim. A sr.ª Fénigan encontrou-o n'um chalésinho que servia de estufa e de sala d'armas, em pé, com o rosto collado á vidraça inundada por um luar brilhantissimo.

— Ingrato!... porque não disseste que a amas?

— Ah! mamã... mamã...

Estas duas palavras, unicas que poude responder, sahiam abruptamente dos seus labios tumefactos, febris, ao passo que as lagrimas rebentando dos olhos corriam em fio pela vidraça como chuva de tempestade e o seu corpo robusto tremia como varas verdes. Se a amava, Deus meu! Amava-a, sim, mas não ousara confessal-o com a apprehensão de uma recusa formal.

— Pateta, pateta, resmungava docemente a mãe, como se eu tivesse outra ambição que não seja a tua felicidade!

A idéa de que o filho preferia essa pobreza, essa orphã, inclinava tambem á indulgencia maternal: porque em summa uma rapariga que lhe devesse tudo, não poderia trazer para o lar domestico uma outra auctoridade, uma vontade em opposição á da sr.ª Fénigan, rainha unica desde longa data.

Lydia acceitou immediatamente a proposta d'esse casamento. Fel-o com alegria? Teve pelo contrario quaesquer saudades de um outro marido sonhado? Ninguem soube cousa alguma a esse respeito.

A primeira visita de Richard, quando foi fazer a côrte no locutorio de cortinas de uma alvura immaculada, paredes

egualmente brancas de neve, onde havia a imagem da Virgem, ornada de um enorme escapulario pendente, e a de um S. Vicente de Paula de madeira dourada, em frente uma da outra, a noiva recebeu-o com um sorriso affectuoso e simples, á vontade na sua miseravel touca e na sua coçada romeira, como a noiva a mais ricamente dotada e aparentada. Era, como elle, uma concentrada, uma silenciosa; mas a timidez da mulher por ventura a mais timida em nada se parece com a do homem, pois que a mulher, apesar de tudo, conserva a certeza dos seus encantos. Além de que, d'esses dois seres, um não amava ainda, emquanto que o outro, paralysado pela paixão, não podia pronunciar uma palavra. Era uma perturbação tão profunda, tão sincera, que a propria donzella se sentiu commovida, ficando um momento immoveis e coactos, sem pronunciarem uma palavra.

Felizmente, a estrada de Corbeil que passava defronte das janellas de vidraças pequenas do locutorio, veiu em auxilio do seu embaraço. A orphã conhecia-a em todos os seus pormenores, pois que tinha passado horas e horas como Richard, a contempla!-a por dentro das vidraças. Falaram d'essa estrada, como falariam de um espectaculo magico que ambos tivessem visto representar e cujas peripecias e personagens descreviam um ao outro. Oh! o carrinho de Robin e os pequenitos, filhos de Robin, agora muito crescidos, mas sempre substituidos por outros Robinsinhos vestindo as calças velhas e as mangas remendadas dos mais velhos. Oh! e o corcundinha vendedor de sapatos; e o turco com o seu casacão de pelles muito safado, passando todos os outonos com o seu urso que tanto susto causava a Lydia, quando era pequena, menos susto ainda assim que o que lhe causava o velho Jorge, e mais o seu enorme cacete. Póde lá imaginar-se a phantasia d'esse sinistro caminheiro cuja mania feroz era seguir as orphãs durante o passeio, mas só quando Lydia ia com as companheiras? A rapariguita sonhava com isso de noute; e na

quinta-feira não ousava sahir á rua. Por fim, para se desembaraçarem d'esse velho tonto, tiveram que ameaçal-o com a policia.

— Sabe, menina Lydia, que o pae Jorge ainda vive?

— Bem sei, senhor Richard, mas agora já me não causa medo, posto que ainda ande com o seu enorme cacete, e quando passa junto de mim ainda resmunga umas cousas quaesquer na sua algaravia de Alsacia.

Quem já não era vista era a confeiteira de Soisy, uma boa avósinha, derreada e sempre muito aceadinha, que calcurriava a estrada, aos domingos, a hora de matinas, com o seu avental branco, e com o seu taboleiro debaixo do braço, coberto com uma toalha branca d'onde se exhalava um aroma de pasteis magnificos e quentinhos. Apesar da sua edade avançada, servia todo o Soisy, Uzelles e até Draveil, e, orgulhosa por ter a freguezia do palacio de Fénigan, quando se detinha no orphanato, ás pequenas que lhe remexiam no taboleiro e queriam tocar na sua reserva, dizia com uma intonação respeitosa: «Cautela, menina Fulana, olhe que isso é o pastelinho do sr. Richard.» A historia d'esse pastelinho, que Lydia recordava agora gaiatamente imitando as mesuras antiguadas da vendedora de doces, fazia-os rir até ás lagrimas, mas a orphãsinha dispensava-se de confessar que, por esse tempo, compartilhava da veneração da velha pelo pastelinho do sr. Richard, pelo proprio sr. Richard e por todos os habitantes do palacio. O que ella não dizia tambem — a mulher, ainda quando seja muito joven, conserva sempre uma desconfiança ou uma discrição sobre os seus sentimentos intimos, mórmente aquelles que melhor experimentou — é a impressão deixada na sua alma de creança pelas visitas a Uzelles ás quintas-feiras, dias em que as arvores magestosas, o verde luxuoso da relva, lisongeavam os seus olhos muito abertos a essas maravilhas, bem como as tapeçarias sumptuosas, a ornamentação e decoração do palacio, entrevistas no rez-do-chão para lá da escadaria.

D'onde vinha á pobresinha esse gôsto, esse instincto precoce de riqueza e aristocracia? Por que motivo, d'entre os espectaculos innumeros que a estrada desenrolava a seus olhos, nada a interessava, nem lhe fazia bater o coração como essas equipagens caminhando para a estação, luzentes, brazonadas, atreladas a quatro, ou conduzidas por cocheiros ou lacaios de cabelleira empoada? Seria crivel, como contavam as religiosas, que Lydia tivesse sido dada á luz n'algum dos palacios circumvisinhos, e que mais dia menos dia seria descoberto o mysterio da sua vida, um bello romance ao fundo do qual se enxergava um brazão d'armas? Pelo menos as boas religiosas explicavam por esse modo o «sim» radiante de contentamento com que a joven noviça, na vespera de pronunciar os seus votos, acolheu a proposta de Richard, renunciando repentinamente á touca branca das irmãs de S. Vicente de Paula que parecia dizer muito bem com os seus olhos claros e com a sua fronte ingenua, trocando a touca pelo ruido e pelas tentações cheias de perigo do mundo.

O casamento realisou-se na capella do convento, n'um sabbado, como é costume na provincia. Mas, nunca a estrada de Corbeil vira umas bodas assim; pelo menos, os cantoneiros confessavam que nunca haviam visto cousa parecida. Todos os antigos clientes do escriptorio de Fénigan, desde o rendeiro das Bergeries até ao castellão de Grosbourg, assistiram a essa festa, prestando essa ultima homenagem a um typo agora raro, o notario de provincia, honrado e leal. Adeante da fileira de carruagens que precedia o coupé da noiva, patenteava-se a estrada, larga e unida, sob um esplendido sol de junho; no ramal que conduzia a Soisy, antes de chegar ao orphanato onde o bispo esperava o vistoso par, a estrada subia, subia perdendo-se no céu, um céu infinito de seda azul, sem uma préga, sem uma nuvem.

*

* *

«Hei de fazer o que eu quizer...» assim o promettera a sogra a si mesma, e assim se explicava a acceitação d'essa rapariga sem dote, sem familia, essa débil creatura, molle, de mãos grandes e pendentes, brancas como arminho. Aquella a quem o notario Fénigan chamava «o bom tyranno» era o typo de mulher absolutamente contraria. Activa, energica, saccudindo com o movimento das saias um mólho de chaves tão numerosas como as fechaduras do seu palacio, com os seus cincoenta annos, no momento do casamento de seu filho, a sr.ª Fénigan parecia ter apenas quarenta; os seus bandós pretos sempre levantados, rebeldes a todo o penteado, conservavam-se tão negros como os seus olhos, uns olhinhos dotados de grande mobilidade e bons, mas de uma bondade jansenista, destituidos de ternura e de nobreza. Era preciso que se déssem circumstancias extraordinarias para que ella beijasse o filho, esse filho a quem amava sobre todas as cousas. «Na nossa familia não gostamos d'essas pieguices,» dizia frequentes vezes. Além d'isso, uma necessidade de auctoritarismo, o habito de viver a seu modo como consequencia da viuvez e a franqueza d'esse despotismo logo a conduziram a este naturalissimo resultado: — dar-se mal com a nora.

Começou por oppor-se á viagem de nupcias. Richard não fez questão d'isso; ter sua mulher, toda sua, aqui ou ali, pouco lhe importava. Além de quê, á sua timidez excessiva repugnavam até um deslocamento, hoteis, refeições, a obrigação de falar a pessoas desconhecidas, em logares onde nunca fôra. Pelo contrario, para Lydia, a viagem representava o ideal da felicidade permittida, pois que na existencia sedentaria do convento nunca desejara senão isso, ver o paiz, ir para longe, muito longe, muito para lá da colli-

na em frente, e descer pela vertente, depois aquella outra, até a vista se perder.

— Consequencias de ter contemplado demasiadamente a estrada, dizia ella a Richard, durante as longas conversações de quando estavam noivos; e Lydia confessava-lhe que era tão grande a sua avidez do espaço que até invejava as miseraveis carriolas dos saltimbancos, sim, e as suas refeições da noute á margem de um fosso, as suas paragens ao meio-dia á sombra dos ulmeiros cheios de poeira. Encantado por vel-a com o rosto afogueado pelo enthusiasmo, Richard promettia: «Havemos de viajar, Lydia.» O que não teria promettido n'esse momento! Agora, não dizia nada, parecendo-lhe até naturalissimas as objecções reiteradas da mãe... Pois por ventura havia essas viagens de nupcias no seu tempo? Nada tão perigoso como isso. Quantas desgraçadas mulheres tinham pago com a vida essa tradicção ridicula. «E se soubesse, querida menina, como é rude essa provação para uma joven casada, para os seus pudores, para a delicadeza dos seus sentimentos... Creia que lhe falo verdade; renunciem a essa imprudencia.

Lydia não insistia, mas o seu desejo opprimido transformou-se n'um rancor perduravel. Até então, reconhecida a sua sogra, sentiu-se bruscamente n'uma prisão em sua casa e só pensou em evadir-se; quanto ao marido, a quem estava sempre disposta a amar, ao vel-o sempre com a cabeça baixa, incerto no olhar, ao vel-o tão cobarde, tão creança por detraz da sua farta barba, despresou-o, habituando-se a não contar mais com elle.

Instalados no velho pavilhão, os noivos tomavam as suas refeições no palacio com a dona da casa, da *senhora*, pois assim chamavam á mãe. Assentada na cabeceira da mesa, trinchava, conforme o costume antigo, distribuia o café, o chá, o assucar, os licores. Findo o almoço, os dois noivos desappareciam. A mãe, a principio, tentava conservar junto de si a nora, para inicial-a nos numerosos deveres de dona

de casa, tão complicados no campo, visto estar organisada a expoliação por toda a parte no jardim, na cosinha, na capoeira, envolvendo o dominio completo de uma rede de roubalheiras e de mystificações. Mas Lydia de tal modo se aborrecia com a narrativa dos furtos domesticos, Richard de tal modo abanava o busto n'um movimento de comica indifferença que a mãe via-se obrigada a despedil-os resignando-se a contar sósinha as peras, a apanhar os fructos cahidos, a espreitar a passagem dos cestos encobridores de furtos, e as devastações dos arganazes, esses terriveis arganazes menos larapios, no entanto, que o seu jardineiro que os carregava com todas as proprias culpas. E, desenvolvendo essa grande actividade, pensava comsigo quanto se tinha enganado com essa indolente creatura que pensara em amoldar ao seu geito, segundo a sua phantasia.

Sob a sua metamorphose apparente, Lydia ficara sendo a mesma bohemiasinha d'outr'ora, uma alma toda feita de desordem e de independencia. Acompanhar o marido á caça, á pesca, ajudal-o a fabricar os cartuchos, interessavam-n'a por uma fórma bem differente da costura e dos bordados.

— Todavia, é forçoso, minha querida filha, que aprenda a ser uma boa dona de casa.

— Para quê, minha senhora? Pois se eu não tenho casa minha, e a mamã quer tomar aqui tudo a peito!

— Mas nem sempre estarei aqui.

Esta discussão, frequente entre ellas, dava-se sobretudo na caleche que os conduzia a Corbeil uma vez por semana, e tornava-se ainda mais fastidioso para Lydia o interminavel passeio atravez da antiga cidade, as paragens no mercado onde a sr.ª Fénigan se obstinava em querer reconhecer os legumes e fructos do seu pomar.

— Olhe, iria jurar que são os nossos melões... E estas beringellas! Só Grosbourg e as nossas propriedades é que produzem beringellas como essas... Estou certissima de que tudo isto são cousas roubadas.

E lá voltava á sempiterna historia dos cestos e taboleiros que passavam deante dos seus olhos carregados de fructos e se evaporavam por cima das paredes do pomar a despeito de toda a vigilancia. Felizmente, a joven Lydia tinha para se distrahir, á ida como á volta, as reminescencias que apanhava sobre a estrada com o rodar da carruagem, reminiscencias que nunca lhe causavam o menor tedio. Via-se ainda muito pequena, correndo pela poeira do caminho com a sua romeira, com o seu chapeu de fitas azues, e quando a caléche atravessava a rua principal de Soisy-sous-Etiolles, a orphã experimentava sempre o mesmo estremecimento de alegria entremeiada de vaidade ao passar debaixo das janellas do seu antigo convento.

Depois do jantar, passava-se um bocado de noite na sala. Richard jogava, como outr'ora, a partida de xadrez com a mãe; mas o piano de Lydia causava-lhe distracções. Por acaso, este selvagem gostava apaixonadamente de musica. e não tendo ouvido senão aquella que era executada pela mulher a quem adorava, esses dois gozos confundiam-se n'um unico, que o embriagava.

A todo o instante o seu olhar desviava-se do taboleiro do xadrez para o perfil purissimo da executante, para o jogo das suas mãos compridas, mais brancas que as proprias teclas; e quando um gesto, um aviso de impaciente ciume o chamava á realidade, isto é, ao jogo, impellia distrahidamente as peças, acompanhando com a sua voz profunda e desageitada os sons graves da sonata que Lydia executava... Pum... pum .. pum...

—Cala-te, Richard, isso faz somno! ralhava a mãe.

Mas quantas vezes não recomeçava os seus «pum pum», até ao deitar-se, até ás dez, a hora do inflexivel apagar das luzes do palacio.

Era esta tambem uma obrigação a que o joven par se resignava. Deus sabe com que desgosto. Teria sido tão bom passear fóra do palacio, pela estrada invadida pelo luar, ou

pelos bosques, entre os arbustos que a lua prateando-os transforma em phantasmas! Mas qual! todas as portas e portões estavam fechados, todas as chaves dependuradas á cabeceira do leito da Senhora; e quando Richard e sua mulher se demoravam gosando o frescor do parque, Athos e Porthos, dois cães enormes de guarda, ladravam com tanta insistencia e destempero que os passeantes preferiam recolher-se.

Uma das janellas do seu pavilhão, a do gabinete de *toilette*, abria sobre as planicies de Willeneuve-Saint-Georges na direcção de Paris, cuja situação se adivinhava vagamente por um grande resplendor de luz esfominhada. A' noite, Lydia, passava grandes intervallos a essa janella, hypnotisada pelo nimbo de luz attrahente e longinquo. Oh! esse Paris, tão proximo d'ella, sete leguas, oito leguas se tanto, e aonde nunca a tinham levado! Era tambem uma das tyrannias da sr.ª Fénigan. «Que iriam vossês fazer a Paris, querida filha? Por ventura vou eu lá? Ia lá meu filho antes de casar?» Lydia nada respondia, nem até se indignava deante d'essa autocracia injusta que a privava de todo o prazer de que eram ávidas a sua mocidade e a sua optima saude. Mas Richard poderia ter tremido por effeito de certos olhares que ella enviava para essa luz de vulcão, durante os seus retardamentos devaneadores á janella.

Comtudo, certa vez os preconceitos da sr.ª Fénigan cederam ás instancias dos seus visinhos de Grosbourg. Os duques de Alcantara que eram proprietarios da caça nos terrenos de Sénart, ao longo dos quaes se estende a aldeia de Uzelles, não se esqueciam nunca, no dia da inauguração, de convidar Richard, optimo caçador, e que conhecia a fundo a floresta como um guarda campestre. Não tinha elle senão que atravessar o seu parque, sahir o portão do mesmo, sendo sempre o primeiro a apresentar-se a essa festa. No anno que se seguiu ao casamento de Lydia, na manhã da inauguração, o general e os seus convidados viram Fénigan que os esperava em companhia de um lindo

caçadorzinho vestido de velludo verde, com polainas seductoras, botas maravilhosamente bem feitas, e na cabeça um chapeu tyrolez sobre uns deliciosos cabellos finissimos. «Minha mulher... general,» disse Richard apresentando-a. E ella era tão joven, tão esvelta, com uns dentes deliciosos, um conjuncto tão delicioso, que o general, durante a caçada, não a largou mais, pondo-a a seu lado durante o almoço servido em pleno bosque; depois, ao retirarem-se, insistiu para que Richard levasse sua mulher a Grosbourg. A mãe oppoz-se a essa visita. Desde a morte do notario, as duas familias nunca mais se haviam visitado; o general desposara a filha unica do barão Silva, banqueiro rico de Vienna, cujo dote enorme viera a proposito para deshypothecar o morgado de Grosbourg, e salvar da ruina esses prodigos Dauvergne, jogadores e gosadores, tanto paes como filhos. A orgulhosa austriaca dizia que os Fénigan eram muito pequenos ao lado d'ella. «Sobre tudo depois do casamento de Richard,» accrescentava a mãe, que não se esquecia nunca, para matar as velleidades independentes da nora, de lhe lembrar a sua origem.

De repente, ahi pelos primeiros dias do inverno, chegava a Uzelles uma carta do general-duque, convidando, em nome da duqueza, a sogra e o joven par a assistirem a uma representação na Opera, no camarote dos Dauvergne, por occasião de uma estreia qualquer, d'ahi a quinze dias. A sr.ª Fénigan, d'esta vez muito envaidecida perante um tal convite, aconselhou os noivos a que o acceitassem.

— «Cá por mim, n'esta edade já não está proprio, mas, por vós ambos... ouviu, Lydia, é forçoso acceitar o convite e ir. Pagarei o vestido.

— Obrigado, mamã, respondeu, córando de prazer, Lydia, que desde muito havia que a tratava por senhora, como os creados.

Durante quinze dias Lydia viveu como n'um sonho. O seu vestido que fôra encommendado para Paris, precisou de varias viagens, e da presença em Uzelles de uma mu-

lher encarregada especialmente de o provar. Era uma creatura de fórmas elegantes, feições apagadas e flacidas, o rosto descorado, talvez effeito das ceias, e que adormecia nas cadeiras como se andasse falta de dormir. Essa problematica pessoa sabia a fundo a vida da sociedade parisiense, e ao mesmo tempo que provava os vestidos, contava os mysterios escandalosos de Grosbourg,—o general doido por mulheres, a duqueza pouco ou nada ciumenta, tendo apenas a paixão do dinheiro e amor ao filho. Depois d'essa creatura veiu o cabelleireiro, não o de Corbeil com o qual Lydia se contentara quando casou, mas um cabelleireiro a valer, de Paris.

Oh! quando ao cabo de tantos cuidados e de tantos contratempos, Lydia se assentou á frente no camarote espaçoso, os braços e hombros nús emergindo do seu vestido Imperio, dominando o salão immenso, cheio de luz, ella, a pobre campesina, filha das ervas, que até aos vinte e quatro annos nunca vira um theatro, experimentou uma impressão exquisita, unica, uma vibração louca em todos os seus nervos. Os olhos faziam-n'a soffrer, tanto os sentia brilhantes e aguçados pela visão. O que se representava, o que cantava lá longe na scena esse homemzinho, com seu gibão justo e gestos sobrios, as vozes da orchestra reforçando-se ou diminuindo como uma maré sonora, tudo para Lydia se perdia nas pulsações do seu coração e das suas fontes. Nem mesmo ouviu o impertinente cumprimento da duqueza, uma viennense baixa e rechonchuda, de rosto sardento, cabellos côr de limão, perfil acarneirado, o pescoço muito comprido, com um collar de perolas de tres voltas, as maiores que a orphã tinha visto na sua vida.

De repente, Lydia foi arrancada d'esse balanço vago, em que fluctuava como uma d'essas medusas cujo irizamento se extingue, uma vez fóra d'agua. O general, que estava assentado atraz d'ella, ao inclinar-se para vêr a sala, á muitas vezes havia roçado com as guias hirsutas dos

seus enormes bigodes pelas costas deliciosissimas da sua visinha; depois, Lydia sentiu tambem a mão agarrada, apertada por uma luva de aço e de fogo. Primeiramente, vexada, tentou livrar-se; mas a luva resistia, retendo a mãosinha macia, e sem forças contra esse aperto amoroso e brutal. Lydia sentia-se desfallecer. «Que audacia! como me aperta, como me queima! de certo que podem ver-nos... a duqueza... meu marido...» E o que acima de tudo mais a espantava, era a tranquilla impudencia do general conversando sobre cousas indifferentes. Pela primeira vez a hypocrisia mundana apparecia-lhe, revoltando-lhe os escrupulos da sua natureza ainda leal. Por que motivo, ao primeiro signal da duqueza que se levantara antes de findar o espectaculo, dizendo alto com a sua voz nasalada «Vamo-nos: este espectaculo bestifica-me!» por que razão o duque se puzera immediatamente de pé, e sahira tambem no meio do acto, deixando interdita e enfadada a mãosinha, abandonada com a mesma sem-cerimonia com que fôra presa? «Ah! pois bem... que torne esse sr. duque d'Alcantara, para me esmagar os dedos durante toda a noute... será recebido como merece.» E na vosearia tumultuosa dos córos e da orchestra, sósinha com Richard amodorrado no fundo do camarote, exaltava-se, combinava a resposta secca que daria ao general, porque pensava, e muito bem, que elle não ficaria por ahi.

Á sahida, subindo para uma carruagem, Lydia excitada em extremo, muito enervada em consequencia da sua aventura,—sem duvida alguma tambem por effeito da multidão, da luz electrica, da animação de uma noute em Paris depois dos espectaculos—disse para o marido: «E se nós ceassemos?» O marido contemplou-a, estupefacto. D'onde lhe viera tal idéa? E o comboio, o unico comboio da meia-noute e cincoenta, que era preciso ir tomar á estação de Lyon; felizes se ainda o apanhassem! «O comboio que se vá... dormiremos no hotel.» E ao mesmo tempo, Lydia passava-lhe ao pescoço dois braços tão cari-

ciosos e pregava-lhe na bocca um beijo de sabor tão exquisito, tão novo, que o pobre marido poupou-a á esperada cantilena «que dirá a mamã?» e, respondeu simplesmente: «Vamos cear.»

(Continúa.)

Alphonse DAUDET.

SOLILOQUIOS

I

Tenho vinte e cinco annos e seis mil duros de renda. Bonita edade e bonita posição! A marqueza, que já cedeu a meu irmão Leopoldo a mais velha das suas formosas filhas parece que teria um prazer especial cedendo-me a mais nova. Não sabe falar-me senão na felicidade de Leopoldo desde que este dorme todas as noites em casa, como Deus manda, e do horror que Leopoldo tomou aos mil vicios da vida ligeira de celibatario, desde que pode analysar as mil virtudes que o estado matrimonial mette, insensivelmente, no corpo do homem, por arte de berliques e berloques.

Havemos de concordar que a irmã de minha cunhada não tem o minimo defeito: loura, branca como o leite, com grandes olhos azues, cheios de doçura ineffavel, com uma bôca pequenina cheia de graciosos sorrisos; com uma cutis rosada como as florinhas do pecegueiro... e uma cintura... e um pé... e como toca bem!... e como canta!... e quando está cantando já ha bocado, como se lhe agita em movimentos de onda, o seio, que deve ser neve purissima!... E occorrem-lhe idéas tão engenhosas, ha em todas as suas palavras tão arrebatadora mistura de innocencia

e de malicia, de bondade e de alegria!... Decididamente, se eu tivesse menos experiencia e menos amor á minha liberdade, essa pequena feiticeira far-me-hia ouvir, com a mão d'ella na minha, a epistola de S. Paulo.

Mas a verdade é que Lola, e Pepa, e a condessinha viuva do Cysne, e muitas outras, tambem merecem attenção e dão provas de que me ouviriam com prazer, murmurar *desejo*, apressando-se em responder *quero*. Isto parece demonstrar que eu valho muito ou que ellas valem pouco. Ah! mas não valem!... Os olhares de Lola não são olhares; são faiscas, capazes de abrazar o coração mais frio. E não falemos nos olhos de Pepa; ella, na sua linguagem graciosa de andaluza, diz que os tem melados; outros dizem que são pardos; eu não sei o que são, mas ás vezes noto n'elles a serena doçura dos da irmã de minha cunhada, e outras vezes vejo-os relampejar com a febre tempestuosa que dá vida aos de Lola.—E a condessinha?... É um perfeito typo grego, com os mais bellos matizes de todos os outros typos de mulheres formosas. Milagre de perfeição, possuindo as que parecem mais oppostas, physicamente domina, moralmente seduz, e emquanto á intelligencia... pobres sabios e pobres diplomatas! É verdade que na sua qualidade de viuva tem mais motivos do que uma rapariga inexperiente para saber o que lhe convêm, e pode, querendo apanhar segundo marido, utilisar muitas armas que todas as raparigas bonitas possuem, posto que não façam uso d'ellas, porque — oh! anjos de candura! — nem ao menos suspeitam que as teem. É evidente que a condessinha, Pepa, Lola, a irmã da minha cunhada, e outras, e outras, e outras me agradam muito, muitissimo, mais do que muitissimo, muitissimo mais do que muitissimo.

Mas, suppondo que Deus me toque no coração e eu resolva levar bom modo de vida, como diz a marqueza, com qual hei de casar? Já observei que o meu coração é um sujeito caprichoso, que umas temporadas acha as louras

mais appetitosas do que as morenas; outras não daria uma morena por todas as louras do mundo, e outras não se satisfaz com nenhuma que seja francamente loura ou francamente morena. Supponhamos que escolho Lola... o que vae ser de mim e d'ella, principalmente d'ella, quando o coração me pedir olhos azues e serenos, olhos que sejam poemas do ceu, tão puros como os sorrisos de uma creança, e tão castos como os pensamentos de um anjo? Supponhamos agora que me decido pela irmã de minha cunhada; teremos o mesmo conflicto, invertendo os casos. Nem a mesma Pepa, sendo como é, neve e fogo, morena e loura, ceu e inferno, conseguiria dar-me a felicidade de Leopoldo, a saude de Leopoldo, e as mil virtudes que a mulher de Leopoldo lhe metteu no corpo, segundo affirma a bem informada sogra. Não o conseguiria, não. Tenho, porventura, a certeza de que quando o coração me pedir olhares azues, não estejam os olhos de Pepa lançando raios de azeviche? Tenho-a, de que quando eu precisar de olhares vivos e ardentes, os olhos de Pepa não m'os apresentem azues?... Talvez a condessinha, cujo mal disfarçado desejo de repetir o sacramento parece um indicio a favor do matrimonio... mas, qual historia! Isso poderá provar que o matrimonio é muito bom para a mulher, mas para o homem... Recordo-me agora de que o pobre conde, que Deus tenha, adorava a sua mulherzinha, e esta adorava-o a elle, e assim, adorando-se cada vez mais elle entregou a alma a Deus e o corpo á terra muito antes da epocha em que o devia ter feito, na opinião do medico, e ella ficou no mundo para chorar o morto, dar-me a entender que ainda é capaz de adorar os vivos, e provavelmente parà muitas outras cousas que pode averiguar quem tiver o habito de se metter nas vidas alheias.

Nada, nada! Eu tenho experiencia; sei o que vale a minha liberdade; era um louco se fosse embarcar para paizes desconhecidos. Ora ouçam o que diz a mulher do meu amigo Bobillo, que além de ser muito bonita, tem carradas

de intelligencia: — «Que necessidade tens tu de casar? O que ganhas com isso? Quando a que pensar em te deitar a mão disser que gosta de ti, sabes se diz a verdade? Não será o teu dinheiro que ella prefere? não te tomará como editor responsavel para fazer depois o que lhe appetecer? A mim que não posso pensar em casar comtigo porque já estou casada com Bobillo; a mim, que não posso amar outro além de meu marido, sem expôr a minha honra, a minha vida, e a paz da minha familia, deves acreditar-me em tudo, tudo, tudo; mas á que aspirar a que lhe dês o teu nome, a tua posição e a tua alma, não deves acreditar em nada, nada, nada.» — Entre parenthesis: como é graciosa a dizer tudo! tudo! tudo! e nada! nada! nada! — Fecho os parenthesis e continuo; isto é, continua ella: — E agora suppondo que a mulher que queira apanhar-te está realmente apaixonada por ti. Sabes o que é o amor depois do casamento? Sabes que, ainda que estejas louco por tua mulher, e tua mulher louca por ti, o amor depois do casamento, segundo disse alguem, ou segundo podia ter dito alguem, ou segundo digo eu, posto que o diga só a ti porque és amigo intimo de Bobillo; o amor depois do casamento, modifica-se de tal maneira, que parece uma moeda de cem reaes em ouro que se trocou por umas poucas de moedas de cobre. E não se fica com menos, não; o dinheiro está tão completo em cobre como o estava em ouro. Mas, que differença! Compara o tinir vibrante da moeda d'ouro com o ruido aspero e apagado das de cobre, e a côr de chammas d'aquella, com a côr negra ou esverdeada d'estas. Repara, tambem, que o contacto da moeda d'ouro é inoffensivo, e que não podes tocar nas de cobre, sem pegar immediatamente n'um sabonete para lavares as mãos. Além d'isso, algum tempo depois do casamento começam a apparecer os symptomas de que a união não será esteril, e n'este ponto podes ter a certeza de que a recem-casada mais mosquinha morta e mais apaixonada pelo marido, não deixa de aproveitar a feliz occasião para deitar os braços

de fóra. É verdade que este purgatorio dura pouco: no fim de nove mezes saes d'elle... para entrar no inferno! — Tua mulher cria o bébé? Mau! Não o cria? Peor! — O anjinho chora: susto no caso. Está calado durante mais de cinco minutos seguidos: outro susto! Parece que está um pouco pallido: susto! Parece que está um pouco afogueado: susto! Mamma muito: susto! Mamma pouco: susto! Precisa mudar os cueiros repetidas vezes: susto! Não precisa mudal-os: susto!... E os dentes... e a vaccina... e a fogagem... e o ar que lhe faz mal... e tel-o sempre em casa tambem não lhe faz proveito... Pergunta, pergunta a teu irmão Leopoldo como se tem dado com o casamento; apesar de tua cunhada ser uma santa, affirmote que se elle te responder com sinceridade, fugirás das que te falarem em matrimonio como o diabo foge da cruz.»

Amor! amor!... A mulher de Bobillo tem razão: cem reaes em ouro e cem reaes em cobre são exactamente a mesma cousa; mas cem reaes em ouro é uma cousa bonita, ligeira e asseada, e cem reaes em cobre são umas poucas de cousas feias, pesadas, e, o que é peor, sujas. Guardemos a nossa moeda d'ouro, e que troque a sua quem não se atemorisar com a idéa de consumir um numero infinito de sabonetes para lavar as mãos.

II

Faço hoje cincoenta annos, e ha dez que Leopoldo não vem, n'este dia, dar-me um abraço affectuoso. Faz hoje dez annos! Meu irmão estava muito contente. Depois de passar mil tormentos com um dos filhos, o qual, tendo tido a desgraça de vir ao mundo sem intelligencia nem memoria, nem vontade, sahia reprovado em todos os exames, impoz a si mesmo a obrigação de fazer uma visita diaria aos professores, enchendo-os, constantemente, de obsequios, e acabava de saber, com grande alegria, que

o rapaz tinha obtido boa nota em todos os exames do primeiro anno de leis. —Estou convencido, disse-me, de que ha de acabar o curso sabendo tanto como no dia em que o principiou; mas terá um titulo academico: aproveitarei a influencia de que disponho para o fazer sahir deputado por um districto onde ninguem o conheça, e director geral em qualquer secretaria; casal-o-hemos depois com uma mulher intelligente, e poderei ficar descançado a este respeito.

A proposito de casamento, accrescentou, ha tempos que ando a afagar um plano que vae encher-te de regosijo. A minha filha mais velha é um thesouro, como sabes. A sua formosura peregrina, os seus dezeseis annos, as suas virtudes, o seu caracter, os muitos attractivos que Deus lhe concedeu, fazem com que todos os rapazes morram por ella. Isto é muito natural; mas tambem o é que eu me esmere por esse pedaço da minha alma cahir em boas mãos. Dal-a a um rapazelho que, ainda que ao principio a idolatre, afinal pode sahir estroina e matal-a com desgostos, é uma coisa horrivel; tão horrivel que, vendo que não se enforca um sogro cada semana, começo a suspeitar que são menos do que se diz os maridos que tratam mal as mulheres. Mas, sejam poucos ou muitos, o perigo existe, e além d'esse, ha o da roleta que pode engulir uma fortuna n'uma noite, e outros que nem tu nem eu ignoramos. Como ella não tem vocação para freira; como a mulher precisa do apoio e da sombra de um marido; como não me serve para genro senão o homem que me inspire a conflança absoluta de que ha de viver sempre com ella, por ella e para ella; e como só tu podes inspirar-me essa confiança por seres outro pedaço do meu coração, quiz solemnisar este dia, declarando-te que estou decidido a ser teu papá, e que podes, desde este momento, entregar-te ao mais vivo prazer em signal de que comprehendes a enorme felicidade que deves á amisade de teu irmão.

Outro, que tivesse menos experiencia do que eu, fica-

ria com agua na bôcca quando ouvisse estas palavras. E isto prova até que ponto minha sobrinha é incomparavelmente seductora sob todos os aspectos. Como é insignificante o merito de Lola, de Pepa, da condessinha do Cysne, e de muitas outras, nos seus tempos! Todas ellas, comparadas com a filha de meu irmão, são menos do que humildes luzes de velas comparadas com a eterna luz do sol.

— Não ignoras, respondi a Leopoldo, que sou dos que estão convencidos de que o casamento é um manjar temperado pelo diabo. Apesar d'isto, como te quero, a ti e a teus filhos, com toda a minha alma, e faço consistir grande parte da minha felicidade em vêl-os felizes, estou disposto a sacrificar-me se me provares que uma rapariga de dezeseis annos pode ser feliz casando com um homem de quarenta, que será um sexagenario veneravel, com asthma, gôtta, ou outro achaque semelhante, quando ella estiver na plenitude da vida e das paixões. Não te parece que para fugir de um perigo duvidoso e remoto, vamos dar, com certeza, em outro, immediato e impossivel de evitar?

— O que me parece, replicou meu irmão, em tom desabrido, é que sou aqui de sobejo.

E dito e feito: sahiu de minha casa furioso, não tornando desde então a importar-se commigo senão para me amaldiçoar.

Tem razão? Não sei; mas a marqueza nunca se mostrou offendida por eu não me resolver a mudar de estado alguma de suas filhas, e hoje mesmo enviou-me um bilhete de brincadeira, affirmando-me que está decidida a não morrer antes de me vêr casado, e avisando-me de que já sou taludinho e devo apressar-me em escolher companheira.

Li o bilhete ao marido de Lola, o qual me declarou que *escolher companheira* é uma phrase insidiosa que significa o seguinte:

Precisar ter assignatura no theatro Real, porque nem sempre se ha de vêr comedias, outra no theatro Hespanhol, porque nem sempre se ha de ir á Opera; e outra no theatro da Zarzuela, porque nem sempre ha vontade de ouvir boa musica e bons versos.

Precisar morar em uma casa onde se pague mil e quinhentos duros, em logar da que se occupava em solteiro, onde a renda era de doze mil reaes.

Precisar levar a senhora com os meninos, ou, se não ha meninos, com alguma irmã, e se não ha irmã com alguma prima, e se não ha prima, com alguma amiga, para Biarritz, passar os mezes de julho, agosto e setembro.

Precisar pagar ás meias duzias o que ellas denominam chapéus; ás duzias os vestidos de cada estação, e aos pares de duzias, em todas as estações, as botas e os sapatos.

Precisar ter mais de um trem na cocheira e mais de uma parelha de cavallos na cavallariça.

Precisar pagar a um batalhão de creados para ser muito mal servido, porque, fiando-se uns nos outros, não vem nenhum quando se chama, e nenhum serve quando se manda.

Precisar dar alguma joia á senhora no dia do santo do seu nome, no dia dos seus annos, no do anniversario do casamento, e todos os dias em que, se não lh'a derem, ella achar conveniente pedil-a.

Precisar offerecer á senhora, e pagar antecipadamente uma quantia mensal para alimento maior do que a que possuem muitas familias numerosas para se sustentarem um anno inteiro.

Etc., etc., etc.

Escolher companheira!... O marido de Pepa, a quem li tambem o bilhete da marqueza, concorda em que a phrase pode ter a significação que lhe dá o marido de Lola, mas accrescenta que se dão casos como estes:

Primeiro. —Pepe!

—Senhor!

— Vá vêr se a senhora está visivel.

— Disse-me agora a creada de quarto que voltou do baile ao amanhecer e dorme ainda.

Segundo. —Pepe!

— Senhor!

— Vá vêr se a senhora quer que se almoce.

— A senhora sahiu para fazer compras, e disse que não a esperasse vossa excellencia para almoçar, porque almoçava em casa da mamã.

Terceiro. —Pepe!

— Senhor!

— A senhora já veiu de casa da mamã?

— A senhora voltou, mudou de trem e de vestido, e foi passear.

Quarto. —Pepe!

—Senhor!

— Vá vêr a que horas se janta n'esta casa.

— A senhora está jantando nos seus aposentos com alguns convidados, e disse que servissem o jantar quando vossa excellencia ordenasse.

Quinto. —Pepe!

— Senhor!

— Está só, a senhora?

— Quando acabou de jantar mandou pôr o trem, e disse ao cocheiro que a deixasse no circo equestre.

Resumo: —A companheira escolhida está acompanhada a toda a hora; mas o que a escolheu passa dias inteiros sem poder vêl-a, nem de manhã, nem de tarde, nem de noite.

As observações dos maridos de Pepa e de Lola, são de pouco alcance; deslizam pela superficie do assumpto e não merecem outra qualificação além da de miudezas indignas de figurarem em um capitulo de objecções contra o matrimonio. Que inconveniente ha em que tenham assi-

gnatura em todos os theatros, viagem, com esplendor, todos os verões, paguem uma casa carissima, e gastem milhares de duros em roupas e adornos, as pessoas cujos rendimentos chegam para isso e para muito mais? Quem sustenta uma creadagem numerosa para não ter que tratar de cousa nenhuma em casa, não tem razão em procurar a maneira menos aborrecida de passar as vinte e quatro horas de que dispõe cada dia? Ha coisas mais importantes, mas muito mais importantes, que um homem prudente não deve esquecer quando os primeiros symptomas do amor começarem a causar-lhe estragos no coração.

Nunca hei de esquecer, ainda que viva mais do que Mathusalem, o que succedeu antes e depois da morte do meu amigo Bobillo. Por signal estava a cahir neve. Quando o medico disse que o doente não escapava, a mulher do meu amigo ficou como doida; queria morrer primeiro do que o marido, queria envenenar-se, gritava, chorava, batia com os pés no chão... Fazia dó! Quando Bobillo disse «cá ficas, mundo amargo,» e os parentes e os amigos invadiram a casa, não sei se por curiosidade se para consolar a viuva, esta achava pouco morrer, envenenar-se, gritar, chorar e bater com os pés no chão. A altas horas d'aquella mesma noite, depois de sahirem todos os parentes e amigos, e estando em casa só a viuva, eu, que não quiz abandonal-a n'aquelles instantes supremos, e as pessoas que velavam o morto, ella declarou que estava sem alento: disse-lhe que comesse alguns biscoitos e que bebesse um copo de Xerez: affirmou que não provaria nem uma cousa nem outra: como na qualidade de amigo intimo de Bobillo conhecia a casa d'elle melhor do que a minha, fui buscar uma garrafa e os biscoitos; a viuva, que, desde que estavamos sós, em vez de gritar e chorar em altas vozes, contentava-se em fazer beicinho, e soltar de vez em quando um suspiro kilometrico, disse-me que não tivesse a crueldade de a obrigar a tomar nada: deitei vinho no copo, peguei n'um bis-

coito, e apresentei-lhe ambas as cousas; e ella... sem deixar de suspirar e de me chamar cruel, não bebeu o copo nem comeu o biscoito, mas foi porque bebeu a garrafa toda e enguliu mais de um kilo de biscoitos!... Depois disse que estava muito nervosa; em seguida confessou-me que tinha medo de parecer horrorosa com o vestido de lucto; e, ouvindo-me affirmar que ficaria encantadora com todos os trajes possiveis, chamou-me lisonjeiro, e poz-se a rir com a maior naturalidade; depois tornou a dizer que estava nervosa, e falando... falando... acabou por fazer uma descoberta maravilhosa: sendo ella viuva e eu solteiro, podiamos casar um com o outro se isso me agradasse; em seguida repetiu que estava muito nervosa, e d'ahi a cinco minutos tinha adormecido profundamente e resonava ao lado do fogão.

A neve continuava a cahir. — Casar-me! Casar-me!... dizia eu commigo mesmo, quando atiçava o lume e a viuva dormia e resonava: É menos fria essa neve que está cahindo do que o coração da *mulher*. Comtudo, as *mulheres* são a graça, a formosura, o encanto irresistivel... Profundando um pouco, chega-se inevitavelmente a esta pergunta: — Será verdade a *mulher* ter alma? Mas, profundando tambem, tropeça-se n'esta affirmação: — Sem as *mulheres* não ha felicidade, nem prazer, nem alegria...

Oh! Bemaventurados aquelles que, como eu, chegam aos cincoenta annos fugindo da *mulher* e adorando as *mulheres!*

III

Para gosar completa liberdade; para não ter obrigações nem encargos: para evitar responsabilidades e desgostos; para viver a vida alegre dos prazeres e não ter que pensar em ninguem, excepto em mim, resolvi durante a minha mocidade, permanecer solteiro; e hoje, sem cabello, sem dentes, sem paixões, sem esperanças, sem desejos,

sem nenhum laço que ligue a minha alma a outras almas, e o meu ser a outros seres; hoje, sem força nas pernas para andar, nem no estomago para digerir; hoje, que faço setenta e cinco annos, vejo-me obrigado a reconhecer que fui um insensato, em toda a extensão da palavra, e que mereço a solidão e o abandono em que me encontro.

Leopoldo, dizia eu ha meio seculo, passou a época do noivado, e passa a lua de mel tão agarrado ás saias da mulher que deixou e deixa de ir aos touros, porque a ella não lhe agrada o espectaculo; deixou e deixa de fumar porque ella incommoda-se com o fumo do charuto; deixou e deixa de frequentar o Casino, porque ella diz que alli ha jogo; deixou e deixa de sahir só porque ella podia suspeitar que o que se afasta da sua noiva ou da sua mulher talvez o faça para se aproximar da noiva ou da mulher alheia; deixou e deixa de tomar parte em jantares de amigos para evitar que ella o receba depois com má cara; e, em compensação, viam-o e vêem-o todos os dias nas lojas, a fazer visitas, no theatro, e nas reuniões sempre com a mulher.

Não é possivel haver maior escravidão.

Eu, entretanto, faço e fazia a minha santissima vontade; ia e vou aonde queria e aonde quero; dizia e digo amabilidades a todas as raparigas bonitas; fazia e faço a côrte ás altas e ás baixas, ás louras e ás morenas, ás magras e ás gordas, ás sérias e ás alegres, ás asperas e ás meigas; se me sentia ou se me sinto com preguiça, não sahia nem saio de casa por cousa nenhuma d'este mundo; e se me divertia ou me divirto fóra da minha habitação, passava e passo mezes inteiros sem pôr lá os pés. Isto é ser livre, é ser homem.

Allucinado com estes raciocinios e outros da mesma força, não percebia que meu irmão era completamente feliz porque toda a sua ternura, todos os seus prazeres, todos os seus desejos estavam concentrados na mulher; nem me vinha á idéa que eu, sendo completamente livre, não sa-

bia o que havia de fazer á liberdade que disfructava, e via-me obrigado a inventar uma loucura em cada dia para não morrer de aborrecimento ou de tédio.

A irmã de minha cunhada, Pepa, Lola, a condessinha viuva do Cysne, a filha mais velha de Leopoldo, e muitas outras, passaram ao meu lado como promessas dulcissimas de felicidade; mas não vi que as tive ao alcance da mão, e afastei-me d'umas e de outras para ir buscar longe o que então estava perto e que depois não pude jámais encontrar.

Passaram bastantes annos, e eu pensava d'este modo: —Leopoldo continua a viver afastado do mundo e a passar uma vida de negro. Tem meia duzia de filhos, e posso jurar que, desde que nasceu o primeiro, ainda não dormiu socegado uma só noite, nem deixou de trabalhar um unico dia, não só para evitar que as despezas cheguem a ser maiores do que os rendimentos como tambem para conseguir que o capital augmente de maneira que, quando fôr preciso repartil-o entre os filhos, caiba a cada um d'elles uma herança que lhe chegue para viver sem necessidades!

Eu, cheio de coragem, continuo livre, independente, sem cuidados nem obrigações! Viva a liberdade! Viva a independencia!

Tornaram a passar muitos annos, e Leopoldo morreu. Emquanto esteve doente, a mulher, os filhos e os netos trataram-o com carinhosa solicitude: separou-se d'elles abençoando-os e abençoado: e, com certeza, na sua ultima hora serviu-lhe de consolação e recompensa dos trabalhos e contrariedades de toda a vida, não vêr junto do leito senão os entes a quem tinha ensinado que a familia, a virtude, e o trabalho honrado, são a unica base de todas as felicidades da terra.

Entretanto, o que era feito de mim?

Ah!... Eu nunca fôra obrigado a passar uma unica noite velando um filho doente ou estudando a maneira de tornar

o meu capital mais productivo; mas perdi muitas a jogar em gabinetes luxuosos, ou aturdindo-me em escandalosas orgias; gastando o dinheiro e a saude, convencido de que nem esta nem aquelle podiam ter fim. Não tinha obrigação de dar presentes a uma mulher que fosse minha; mas a do meu amigo Bobillo e o proprio Bobillo viveram muitos annos gosando tudo o que se paga com dinheiro, e desgraçadamente elles não o tinham nem podiam empregar tempo em adquiril-o, porque lhes fazia falta para gastarem o meu ás mãos cheias. Eu não precisava de averiguar em que determinados casos se procura um medico e uma comadre, em cujos braços cahimos sem nome, e uns dias depois um sacerdote, de cujas mãos sahimos christãos; mas quando a mulher do meu amigo Bobillo apresentava symptomas de ser preciso, brevemente, dar trabalho ao sacerdote e ao medico, eu ia logo encommendar para Paris o melhor e mais rico enxoval de recemnascido que ali soubessem confeccionar, e mandava um dos meus creados á Asia, nada menos, para me trazer agua do Jordão, afim de que o filho do meu amigo fosse baptisado com agua authentica do dito rio. Nunca me succedeu fazer o triplo milagre de obter para uma creatura sem intelligencia, sem memoria e sem applicação, um titulo academico, um posto importante e uma mulher de talento excepcional; todas estas cousas foram conseguidas por Leopoldo, e a ultima com tanto exito que o meu sobrinho, começando, por causa da sua estupidez e da sua preguiça, por sahir reprovado em todos os exames, acabou por não fazer senão o que lhe aconselhava a mulher com quem o casaram, e hoje gosa fama de homem sabio e distincto: não fiz nada d'isto, mas tive o meu amigo Bobillo mettido n'um processo de moedeiros falsos, e só custando-me o que Deus sabe, consegui que se reconhecesse a innocencia, de certo muito duvidosa, do meu intimo amigo.

E' verdade que Leopoldo tinha obrigação de fazer o que fazia, e eu podia ter deixado de fazer o que fiz; mas, como,

com obrigação ou sem ella, o que se fez ou se gasta fica feito ou gasto, sem outra differença do que a de ser em uns exemplo de virtudes e despesa reproductiva o que em outros é cynismo vil e extravagancia sem proveito, o resultado moral das acções e das despezas de Leopoldo era uma homenagem ás leis divinas e humanas, e o resultado moral das minhas era um insulto ás mesmas leis; o resultado material dos nossos systemas parallelos era elle augmentar a sua fortuna e eu caminhar para o numero dos que pedem esmola.

Isto é tão evidente, que, durante muito tempo, a phrase mais affavel, com respeito ao moral, que se podia dirigir a qualquer individuo laborioso e honrado, era dizer-lhe que seguia as pisadas de Leopoldo, ou que levava um caminho opposto ao meu: e em relação ao material, ninguem ignora que meu irmão deixou os seus herdeiros nadando na opulencia, e que eu depois de ter dissipado um capital de mais de dois milhões, estou reduzido a viver n'uma casa de hospedes a tres pecetas! O homem independente!... O homem livre!... Bella liberdade e bella independencia que conduzem á escravidão do vicio, creador eterno da miseria, não só porque consome o que temos, mas tambem porque não deixa tempo nem aptidões para adquirir o que não temos!

Que grande verdade dizia a marqueza, quando affirmava que o casamento introduz nos homens mil virtudes que os separam dos mil peccados do celibato! E que grande mentira dizia a mulher do meu amigo Bobillo quando chamava ao amor cem reaes em ouro e ao casamento cem reaes em cobre, accrescentando outros gracejos que eu ouvia lambendo os beiços de prazer, sem comprehender, estupido! que se tratava apenas de me aturdir e de me explorar!...

Vivi para as mulheres, e as mulheres fugiram de mim quando me faltou a mocidade e o dinheiro. Fizeram bem; para que serve um limão depois de expremido, e depois

de se lhe tirar todo o succo? — Se tivesse vivido para uma só, a minha historia seria semelhante á de meu irmão. Sim: eu não seria tão hypocrita como o marido de Lola, que, para occultar que era um avaro falava das enormes despesas de sua mulher: tambem não faria o que fez o marido de Pepa, que se lamentava por passar dias inteiros sem a ver; mas não pensava em declarar que lhe ensinara o caminho, passando dias e semanas completas sem entrar em casa.

Oh!... Se quando o sangue ferve, e as paixões se dominam, e os desejos se revoltam contra a razão, o homem soubesse o que sabe quando o sangue não é sangue, nem as paixões são paixões, nem os desejos são desejos! Se soubesse que a mulher só é má quando não a deixam ser boa, e que até a do meu amigo Bobillo, unico exemplar, que em toda a minha extensa vida conheci, de materialismo grosseiro sem sombra de sentimentos nobres e delicados, não teria descarrilado, nem de corpo nem de alma, se os homens não se tivessem encarregado de á fazer descarrilar!...

Se todos os solteiros soubessem aquella uerdade tão vulgar e ao mesmo tempo tão ignorada na qual se prova que custa menos sustentar com decoro uma familia do que sustentar um unico vicio!... Mas, ai! os homens para não saberem nada, nem ao menos sabem ser egoistas: se o soubessem, encontrar-se-hia um solteiro em todo o mundo?

Dil-o-hei cem vezes: fui um insensato. Dil-o-hei cem mil vezes; meu irmão creou seis filhos e deixou-os ricos; eu creei corvos, e, tendo possuido seis mil duros de renda, estou reduzido a comer batatas, lentilhas e outros manjares indigestos usados nas hospedarias de pouco preço.

Os annos, os achaques e os guisados infames da minha hospedaria, em breve darão cabo de mim: mas é certo que, apesar de estar já ouvindo as vozes da morte, que me chama, se eu tivesse o direito de fazer leis, ainda me so-

brava tempo para destruir muitas chagas sociaes. Fazia apenas o seguinte:

«*Artigo unico.*— Cada povoação tratará de enforcar todos os varões que não casarem até aos vinte e cinco annos. Os bens dos enforcados serão repartidos entre as solteiras da mesma povoação.

P. M. BARRERA.

MOGAREM

(Episodio indo-portuguez)

(Conclusão)

Alta noite, no bambual da estrada de Cumbarjua, despediam-se entre soluços os dois amantes.

— Esperas por mim, Mogarem? dizia D. Fernando, estrellejando-lhe de lagrimas os perfumados cabellos.

— Espero; e se morres, morro.

Foram as derradeiras palavras, se não foram as unicas que irromperam dos seus corações, tão saturados de amargura.

Momentos depois D. Fernando caminhava em direcção a Goa; sentiu passos, parou e achou-se em presença do padre Francisco Xavier.

— Padre, exclamou elle, ajoelhando de improviso e beijando-lhe a orla da ampla capa, ahi fica a minha alma! perdoae-me e lançae-me a vossa benção. Eu amo-a, padre; ella é gentia, mas o nosso Deus é grande. Se quereis que eu seja forte, e que meu pae não tenha que envergonhar-se de mim, jurae-me que velareis por ella!

— Erguei-vos e ide em paz, meu filho; confiae no servo do Senhor.

N'essa mesma noite, e no salão do docel, dizia D. João de Castro a um grupo de cavalleiros, que se despediam e que com D. Fernando iam marchar para bordo:

— «Quem me dera trocar as prisões do meu cargo pela vossa liberdade de soldados!» E para D. Fernando: — «Eu vos mando, filho, com este soccorro a Diu; encommendo-vos que tenhaes lembrança d'aquelles de quem vindes; fazei por merecer o appellido que herdastes, acordando-vos que o nascimento em todos é egual, as obras fazem os homens differentes; e lembro-vos que o que vier mais honrado esse será meu filho.» [1]

E D. Fernando, depois de beijar a mão a seu pae, partiu para não mais voltar.

IX

Como cahisse o inverno torrencial sobre Goa, e os ventos, mudando do quadranfe, fechassem a barra da Aguada, e o mar das Indias se tornasse intractavel, nenhumas novas chegavam do norte.

D. Alvaro de Castro sahira, já no meio do grande esbravejar das marés, em navios bem apercebidos de gente e munições, mal sabendo que ia destinado a vingar a morte de seu irmão.

E emquanto Diu, mais feliz, mais nobre, mais heroica do que a famosa cidade de Priamo, acompanhava a trovões os versos da sua Iliada, D. Alvaro de Castro completava a mais formosa Odyssea, arrostando com os mares da India «em tempo em que se não deixam navegar», luctando contra os temporaes, cego pelos caliginosos nimbos que roubam todo o horisonte, «forçando o remo e navegando por debaixo das ondas. Era o vento travessão, e os mares andavam tão cruzados e soberbos que comiam os navios.»

---

[1] Jacintho Freire de Andrade.—

O inverno da India dá mostras do diluvio, e assusta como a approximação de um cataclismo. Mais negro que o céu andaria de certo, e não se mostrava, o coração de D. João de Castro.

Quando os aguaceiros se adelgaçavam, e quando o governador tencionava soccorrer pessoalmente a inconquistavel fortaleza, chegou á capital do Estado a vaga noticia da sua perda.

Ouviu-a rindo, D. João de Castro, que nunca a ninguem mostrava elle as suas penas.

Mas com os clarões da bonança chegaram tambem esperanças e alentos. Na barra surgira uma náu do reino, commandada por D. Manuel de Lima, e após ella mais cinco.—Se Diu ainda resistisse!... pensava o governador. E n'isto chegava á barra de Gôa a capitania em que fôra D. Alvaro, e vinha embandeirada e dando salvas de alegria, para annunciar de longe as boas novas que trazia.

É facil calcular como o povo correu, e cobriu as duas margens do Mandovy, a ver passar o mensageiro, que mostrava nas salvas e nas flammulas saudações de alegria e noticias de muita gloria.

«Quando o capitão entrou no palacio estava o governador, refere ainda J. Freire, com o bispo D. João de Albuquerque e frei Antonio do Casal, custodio dos franciscanos. A primeira cousa que o governador perguntou foi: se estava ainda a fortaleza por el-rei, seu senhor. Ao que o capitão respondeu: que estava e estaria. A cuja nova, ajoelhando-se o governador, com os olhos no céu, deu a Deus as graças, não sem derramar lagrimas significadoras de piedade com Deus, de zêlo com seu principe. E logo recebendo as cartas, soube da morte de seu filho D. Fernando, que recebeu com tanta constancia, que os de fóra lhe não conheceram mudança no rosto ou nas palavras, como se fôra fraqueza parecer pae, ou indignidade ter affectos de homem.

«Fez mercê ao capitão, e o mandou que fosse alegrar a

cidade com as novas que trazia, e logo, recolhendo-se, chorou em secreto o filho, esperando tempo á dôr sem injuria do logar e do animo...

«No seguinte dia se fez uma solemne procissão de graças, a que assistiu o governador, vestido de escarlata, consolando com o seu proprio exemplo o povo na morte de seu filho.»

X

Um grupo de moças indús, acoitadas sob as mangueiras da alfandega, tinha visto chegar o navio embandeirado, o pregoeiro das boas novas; n'esse grupo estava mais morta que viva, a formosa Mogarem.

Bem olhava ella o convéz, e bem quizera ella quinhoar da alegria geral! debalde! aquelle navio parecia-lhe um tumulo.

Vio-o colher as vélas, amainar, lançar ferro; viu-o cercado de escaleres, tonas e galeotas; viu descer, subir, vozear, formigar a immensa multidão de marinheiros e curiosos, a faina e a alegria, e sentia o coração despedaçar-se-lhe.

Quando os escaleres desatracaram de bordo e se dirigiram ao caes, quando chegava o momento de saber o que mais desejava, fugiu.

Um *botto* vigiava todos os movimentos de Mogarem; correu para ella e tomou-lhe o passo no mais cerrado da floresta.

— Mogarem, lhe disse elle, e ella parou e olhou-o, pallida, porque vinha pallida, mas serena e fera, d'esta fereza que o desespero ás vezes dispensa á mais fraca das creaturas; Mogarem, sabes que te amo?

— Não o sabia.

— Sei eu tudo de ti, porque os meus olhos e o meu coração te acompanham dia e noite. Lembras-te do vulto que

atravessou o teu jardim nas noites em que te encontravas com D. Fernando de Castro?

— Recordo-me.

— Era eu, que tive mil vezes vontade de assassinar esse imberbe passeiante nocturno, esquecido de que estava n'um paiz de féras.

— Elle matava-as.

— E recebia os teus parabens e talvez os teus protestos de amor.

— Talvez?! ó fraco! pois não sahiste da tona? o tigre já estava morto.

— Mogarem: eu amo-te, para que me offendes? O teu noivo e o teu pae ignoram o que eu sei e lhes posso dizer; promette que serás minha, e não perturbarei as festas do teu noivado.

— Chacal! redarguiu ella com os olhos chammejantes!

— Nada esperes de Diu, que D. Fernando é morto.

Não é facil avaliar o que se passou na alma d'aquella mulher. A expressão dos seus olhos e do seu rosto foi tal, que o *botto* recebeu em cheio a descarga formidavel de uma pilha electrica; pareceu que girava vertiginosamente sobre si mesmo, que o sol se escondia e que uma vertigem o fulminara.

Quando voltou a si achou-se só, e duvidou se teria sonhado.

Certo porém do que se passára, correu para a casa dos bambuaes, na esperança, talvez, ou de evitar uma grande desgraça obtendo o silencio de Mogarem, ou de se salvar perdendo-a.

Avistou-a já perto do jardim e bradou por ella. Mogarem, allucinada como ia, desejosa de se vingar e de morrer, teve uma lembrança cruel. Deu um grito, chamando por soccorro, e momentos depois era amparada nos braços de seu pae e do seu noivo.

— Que tens, Mogarem, que assim vens tremula e desfeita? bradaram os dois, assustados.

— Esse miseravel, dizia ella, apontando o *botto* que chegava, persegue-me desde o Mandovy!

— Mentes, Mogarem, lhe disse o *botto*, sentindo já sobre o peito a ponta de um punhal: pedi-te que não deixasses beijar ao teu noivo essas faces tão polluidas pelos beijos de D. Fernando de Castro.

Emquanto os rostos dos dois brahmines se contrahiam medonhamente, o de Mogarem illuminava-se, e erguia os olhos ao ceu. Dir-se-hia que através do espaço descobrira a sombra do seu amante, e que na voz da sua alma lhe estava dizendo: — Vê como eu te amo, e como sei cumprir o meu juramento.

— Calumniaste-a! rugiu emfim o noivo de Mogarem, mettendo o miseravel debaixo dos joelhos.

— Não, não! amei-o; fui d'elle em vida, sou d'elle na morte e para sempre. Volta para mim o teu punhal, e bemdito sejas tu.

Ergueu de novo os olhos ao céu e cahiu por terra, que já não houve braços que a amparassem.

No dia seguinte duas unicas pessoas appareceram trajando de escarlate: o governador e Mogarem.

XI

Não foi na cidade que a viram assim vestida de gala, como se caminhasse para o noivado. De noite, voltando a si, entrou na casa, que achou deserta; levou do seu quarto as joias que primeiro encontrou, desceu ao rio, desprendeu um escaler pequeno e doirado, em que costumava brincar pelos canaes, olhou ainda na direcção da sua casa infamada, e chorou de saudade, e quem sabe se de remorsos, pelo mal que havia feito a todos os que a adoravam! Recobrou-se; tomou um remo, e com elle, aproveitando a maré, guiou e conduziu o barquinho ao valle onde, mezes antes, vira o tragico fim dos dois amantes.

Prendeu o escaler ás raizes de um arbusto marinho e foi curvar-se e chorar sobre o tumulo humilde, e já quasi escondido pelas trepadeiras, em que D. Fernando reunira e guardára os ossos dispersos.

Depois de orar e chorar bateu na pedra, como para ser ouvida e disse em tom de confidencia e com lagrimas na voz:

—Brahmine, minha irmã! venho contar-te as minhas penas e o valor do meu coração, digno do teu. Como a ti, mataram-me as féras o meu amante; como tu calquei aos pés uma serpente e deixei-me dilacerar por ella. Só não posso, ai de mim! morrer abraçada a elle e devoral-o com beijos na hora das ultimas agonias!

A minha morte ha de ser mais lenta e mais cruel; hão de vir fazer-me companhia a fome e a sêde; que importa? morro por elle!

Todas as mulheres são escravas, nós quizemos ser livres.

Só tu podias entender-me e perdoar-me. Vim contar-te a minha desventura e abraçar-me comtigo.

Antes que o sol me veja, vou esconder-me nas selvas. Adeus, minha amiga, minha companheira, minha irmã.

E, entre soluços e prantos, beijou e abraçou a pedra tumular.

Pouco depois o barquinho doirado singrava para o norte sobre as aguas do canal, deixava á ré as nogueiras e palmares de Cumbarjua, costeava a ilha do Chorão e aproava ás aguas da *tirte*, junto do logar sagrado onde se queimam os cadaveres dos gentios.

Mogarem saltou em terra, e arrojou com o remo o escaler ao largo. A maré, que descia, levou-o para oeste, no rumo do Mandovy. A lua cahia no horisonte, as estrellas desmaiavam, o barquinho sumia-se além, na estrema da sua esteira, e ella olhou-o, parada, até perdel-o de todo na bruma prateada que ao longe pulverisava as aguas.

Adivinham-se as saudades que a prendiam áquelle bar

quinho, sobre cujas almofadas de seda tantas vezes adormecera, d'aquelle somno irrequieto e risonho das creanças, embalada pelas vagas preguiçosas e acalentada pelas brisas e pelas canções longinquas das aves e dos marinheiros. Dos sonhos e dos prazeres da infancia ficam sempre uns echos e uns perfumes, que nos acompanham na vida e nos fazem rir e chorar. Encontram-se nas abstracções dos poetas, nos extasis dos amantes, nos passeios solitarios dos velhos, nas inconsequencias e impaciencias das mulheres; e descobrem-se principalmente no fundo luminoso dos céos, no remanso extenso dos rios, no seio mysterioso dos arvoredos. Traduzem-se n'uma palavra só: «melancolia.»

Pobre creatura! sósinha! perdida nas trevas e no ermo; fraca, inerme, sem ninguem e sem esperança! deshonrada perante os homens, perdida para com Deus, privada de bater á porta do mais humilde *garath*, de estender a mão ao obulo do passageiro, de pedir soccorro!... Saber que ás suas lagrimas, á sua voz, ao seu contacto, as mães — as creaturas amoraveis — hão de fugir d'ella, levando comsigo os seus filhos! Saber que o mundo lhe será ermo, porém ermo intencional, ermo só para ella, ermo em que ha olhos que a não querem ver, ouvidos que a não querem ouvir, mãos que a não querem amparar!... Saber que, ao entrar no povoado, os risos hão de extinguir-se, os cantares hão de immudecer, os velhos hão de esconder o rosto, os moços desviar-se, as moças fugir e as creanças chorar de medo!... A sua voz não ter um echo, a luz de suas lagrimas não ter um reflexo, a sua agonia não ter uma consolação, o seu cadaver não ter uma fogueira nem uma sepultura! Terem todos a descaridade de a deixar morrer, e ninguem a caridade de a matar!

Comprehende-se o horror do vacuo n'este martyrio sem cruezas, n'este naufragio sem ondas, n'este aniquilamento sem lucta. O infinito abre-se, o todo faz-se nada, a vida torna-se vertigem.

Porque será que o immenso se não revela em nós pela ventura e se revela pelo infortunio?!

.....

O barquinho perdera-se entre a bruma. A lua, olho sanguineo, ardente e somnolento, fechava-se no horisonte. A aurora espreguiçava-se já entre as ramarias do levante. Mogarem banhou-se nas aguas sanctas da *tirte*, enxugou-se e compoz os cabellos, adornou-se com as suas joias, e, quando o sol se entre-mostrava nas avenidas dos Gattes, viu-se o seu *panno* vermelho sumir-se pelas florestas insondaveis.

XII

Na festa que se celebrou n'esse dia em acção de graças, na egreja do Bom-Jesus, e a que assistiu o governador, faltava Francisco Xavier — o apostolo das Indias. Quando D. João de Castro perguntara por elle a um dos padres, ninguem lhe soube dizer o seu destino. Affirmava o porteiro que o vira entrar na egreja, á hora de vesperas, orar por alguns instantes, prostrado ante o altar do Santissimo, que procurara particulas e uma caixa da extrema-uncção e sahira. Os outros padres nem sequer o tinham visto.

A festa fôra concorridissima, porém a cidade estava triste. D'entre tantos, só o governador parecia alegre.

XIII

Apenas Mogarem se achou protegida pela solidão mysteriosa da floresta, parou; encostou-se ao tronco gigante de uma jaqueira e perguntou a si mesma qual seria o seu destino. Morrer... Mas morrer, como? precipitando-se n'uma torrente? despedaçando-se pelas pedras agudas dos alcantis?... esperando a pé quedo a fome?!... E a lucta ex-

trema?! e a incerteza do exito?! e o horror das agonias premeditadas?!...

Que tumultuar de visões e de sensações encontradas e disformes não veio assaltar a phantasia da pobre moça perdida!

— Era de prever, murmurou ella com os tristes olhos no chão; a gralha tinha-me açoitado com as azas a minha pobre cabeça, e duas vezes a capello atravessou deante de mim na estrada... Vinha a desgraça perto, e eu não quiz ver a desgraça... Se ao menos pudesse orar!... E por que aragem e a quem posso enviar hoje a minha prece?! Brahma, tu creaste a minha casta de um halito da tua bocca sacrosanta; fizeste-me pura como o ether, e como o sandalo aromatica; e eu fiz-me terrena e impura!... Nem posso pronunciar o teu nome!... Wischenú, tu és o deus da conservação e do amor; sobre o teu seio repousa sempre uma mulher amante, e eu por amor me perdi; talvez te apiedasses de mim, se pudesses olhar-me, que não pódes, se eu tivesse que pedir-te, mas não tenho!... Olha-me tu, Siva, que feres como o raio e destroes como o tufão que revolve os mares e arranca as florestas e os rochedos! ou tu, Kali divina, esposa do grande deus! tu cuja lingua pende afogueada e sedenta, que brandes n'uma das mãos a espada coriscante e levantas na outra uma cabeça ensanguentada, que espumas sangue dos teus labios trémulos, e tens cadaveres em vez de *bugdiós*, pendentes das tuas orelhas, um cinto em que pendem, lividas, as mãos dos teus inimigos e um collar de craneos de gigantes, olha para mim, Kali! toma-me e esmaga-me entre os teus quatro braços vingadores, e esconde-me na nuvem dos teus cabellos revoltos, que te cobrem os pés!

Calou-se e escutou. Nem um sopro de vento, nem o vôo d'uma ave, nem o cahir d'uma folha quebravam o silencio da floresta.

Estava só, tão só como o primeiro ou ultimo ser humano no principio ou no acabamento do mundo. Olhou em

volta de si, e os olhos não viam para além de dez passos de distancia: tão cerrada era a floresta; o sol descia, em fios tenues e raros, pelos poucos rasgões da cupula de ramagens.

As solidões são pavorosas, e os grandes desertos o melhor correctivo das vaidades; ali toda a grandeza se reconhece mesquinha, toda a coragem se vê trepidar e cahir; mas nos desertos despidos ha o céu que está sorrindo de esperanças e os largos horisontes d'onde nos pódem vêr alguns olhos compadecidos, e póde-se gritar e correr, e ha sempre muito ar que se respire; mais triste e mais afflictivo é o ermo fechado e mudo e escuro de extensos arvoredos, d'onde o céu se não vê, onde o ar não circula, d'onde a voz não póde sahir, que parece crescer para nós lenta mas implacavelmente, enredar-nos, tolher-nos, abafar-nos, asphixiar-nos!

Teve medo e fugiu espavorida, não sabendo de quê ou de quem.

Fugia do caminho mais direito; quando as veredas transversaes se demoravam em apparecer, internava-se no matagal invio e emmaranhado; uma vez alli, todo o seu anceio era descobrir novamente um caminho.

Na sua corrida desatinada duplicaram-se-lhe a respiração e os passos; juraria que após ella corria alguem, cada vez mais proximo e cada vez mais anhelante. Aqui, alem, onde alguma penedia ou montanha repercutia os sons, cresciam, não já os passos de um perseguidor, mas o tropel de muitos e vozes de ameaça e maldições. N'este correr vertiginoso sentiu-se de repente retida pelos cabellos, que lhe iam soltos, fechou os olhos e sentiu-se morrer.

XIV

A noite veiu brilhante, perfumada e exaltada de scintillações.

Mogarem acordava do seu desmaio lethargico, desfeita e

com os pés ensanguentados, á orla da floresta, ao ouvir o choro de uma creança que parecia abandonada, não longe d'alli. Lembrou-se a pouco e pouco da sua posição e do seu destino, da sua quéda, do medo que a perseguira e admirou-se de accordar. O choro da creança era cada vez mais distincto. — Não terá mãe — pensou a triste; ia a erguer-se quando se sentiu presa pelo cabello. Repetiu-se a sensação que de manhã experimentara, e cahiu de joelhos. Como o tempo ia passando sem que a mão do algoz lhe sacudisse as tranças, voltou-se mansamente e viu-se presa aos ramos espinhosos de uma arvore morta. Em meio de tanta lastima veiu-lhe um sorriso aos labios. O choro da infancia é tão dolorido e tão supplicante, e Mogarem estava tão impressionada com a tristeza d'aquella voz, já meio enrouquecida, que n'um momento se desprendeu e partiu.

Terminavam alli as grandes arvores; uma larga clareira, semeada de arbustos, deixava já vêr aquelle céu, de que se não pódem desprender os olhos em noutes de astros e de luar.

Alguns passos mais e um lago quietissimo espelhava os astros em todo o seu brilho. O choro tinha cessado. Mogarem parou a escutar. Notou que n'aquellas immediações não havia signaes de habitação. O seu espirito exaltado, á falta dos sons que a attrahiram, entregava-se agora todo ao espectaculo que tinha deante dos olhos. A outra margem do lago subia em grandes rochas escalvadas e sinuosas. — Ha de haver grutas alli, pensava ella, e póde tambem haver tigres...

Acordou-a d'este pensamento um novo choro, mais timido e mais lastimoso. Caminhou para elle. No mesmo instante, porém, soaram na orla da floresta passos d'homens, que se encaminhavam para o lago. O choro parou ainda, e Mogarem escondeu-se debaixo da copa d'um arbusto, á beira quasi do lago. Seis *jogues*, quasi de todo nús, com os corpos pintados de caprichosos arabescos, mesmo de

noite distinguiveis, com os braços aleijados, uns velando-os verticalmente erguidos, outros horisontaes; outros com as mãos, que se lhes immobilisaram, fechadas, tendo-lhes passado as unhas para o outro lado; um saltitando n'uma só perna, por ter atrofiado a outra, e todos de barbas e cabellos intensos e esqualidos, monstruoso e repugnante grupo de fanaticos, se encaminhavam para a orla do lago.

— Chegámos emfim ás nossas grutas, disse para os mais um d'elles.

— Dá-me com a tua mão uma pouca d'agua, que tenho sêde, dizia o das mãos fechadas ao que saltitava n'uma só perna.

E chegaram-se de todo ao lago.

De sob a folhagem d'um salgueiro sahiu de subito e com as fauces abertas um crocodillo monstruoso e arremessou ao lago o jogue, que se abaixara para dar uma pouca de agua ao seu companheiro.

Foram duas quedas quasi simultaneas.

Jogue e crocodillo desappareceram, e as aguas, que se ancearam por momentos, revelaram á superficie as agonias que lá se lhe passaram no seio.

Os jogues recuaram quando um grito de Mogarem, que se arremeçou para elles, os deixou petrificados. Emquanto a pobre contorcia os braços, clamando — soccorro! — elles, reconhecendo-a, começaram de afastar-se para as grutas fronteiras, proferindo esconjuros n'um canto lento e monotono, em que Mogarem ouvia muita vez repetido: — «Era no logar maldito o monstro impuro, porque deus tinha d'ali apartado os olhos.»

— «Nem pae, nem mãe, nem irmãos, nem filhos, ponham n'ella a vista compadecida! converse com os monstros do lago e as feras do monte, que se nutrem dos santos do bom deus.»

O lago tinha serenado. Mogarem estava fria e serena, quasi imbecil.

XV

O resto da noute passou-o a olhar para o lago, e a repetir de quando em quando: — «Converse com os monstros do lago e com as feras do monte, que se nutrem dos santos do bom deus!» E porque não vindes para mim, monstros e feras? eu conversaria comvosco.

De manhã, quando o sol subiu nos Gattes, achou a á beira do lago, batendo na agua com um raminho de salgueiro, e dizendo ainda: — Monstros do lago, porque não conversaes comigo?

Desde que se viu exposta a tanta claridade entrou no bosque, a esconder-se de Deus, e caminhou, caminhou durante muitas horas, sem levantar os olhos do chão. Os medos do dia antecedente estavam substituidos pela mais automatica indifferença; em parte era insensibilidade, em parte era stoicismo. Uma cobra rugia-lhe aos pés e ella não tremia, o levantar e correr dos animaes silvestres, um grito de fera, um pio inesperado de ave receiosa, os mil extranhos rumores das solidões e dos arvoredos vinham açoital-a em vão! todos os seus musculos e nervos estavam adormecidos; não se produzia n'aquella harpa, ainda na vespera tão sensivel, uma vibração sequer. Seguia automaticamente o seu caminho, não provocando a morte, mas não fugindo d'ella. Ao fim da tarde, prostrada de fome e de cançasso, parou no cimo de uma montanha, ao fundo da qual se via serpentear um rio. Sentou-se alli, a vêr o pôr do sol. —Será a ultima vez, disse ella, e começou de compôr os seus cabellos e a enfeital-os de flôres do matto.

— Os cabellos do sol são mais bonitos, dizia ella; eram assim, d'oiro e luz, os do meu Fernando. E chorou copiosamente.

Noite fechada ergueu-se, e sentiu que os pés lhe estavam tão feridos, que mal podia dar um passo. Foi-se ar-

rastando monte a baixo até á beira do rio, banhou-se e, deitando-se sobre as folhas da margem, com os pés ainda dentro da agua, adormeceu.

XVI

Altas horas da noite veiu despertal-a um rumor longinquo, que mais e mais crescia, aproximando-se do rio em que Mogarem se banhára.

No estado de enfraquecimento e cançasso, que lhe tinham produzido perto de sessenta horas de febre, insomnia e jejum, começou de ouvir e de vêr sem escutar nem olhar. O torpôr, que a invadira, deixava-lhe uma vida automatica, deante da qual passam indifferentes todas as mutações de scena, quer na sociedade quer na natureza. É a paralysia de todos os sentimentos, que presta aos sonhos o prosaismo das realidades e ás realidades a fatuidade das chimeras.

Os sentidos estão acordados, mas somnolentos; a alma está dormente, mas sonhadora.

Por entre os zig-zagues da sinuosa montanha começaram de apparecer luzes movediças, cujo numero crescia espantosamente; eram já dezenas, centos e milhares, descendo em caprichosas curvas para o rio. Pouco depois distinguia uma turba de gentios, homens e mulheres, que paravam na outra margem, e ao clarão, cada vez mais vivo, era visivel uma grande porção de lenha amontoada, com destino certamente á queima de algum cadaver. Encheu-se em breve o recinto de milhares de pessoas, que todas traziam o seu facho e vestiam trajos de festa. Chegou o esquife e foi depositado sobre o montão de lenha. Entoaram-se umas preces, e os *bottos* derramaram oleos sobre as achas da grande pyra.

Logo após abriu-se a multidão, entre a qual appareceu

uma mulher, deslumbrante de formosura e de joias e adornos, os mais ricos do oriente.

Mogarem ergueu-se, exclamando:—Um *Suthi!* Começava a comprehender. Viu-a despojar-se das suas joias, em favor das suas mais proximas amigas, e começar, com passo firme, as voltas em roda da fogueira, a que já se ateava o fogo por differentes lados, e em cujo centro se destacava, em negro e horisontalmente, o perfil do cadaver.

O coração de Mogarem começou de bater! A viuva, terminadas as voltas fataes, que deu com passo resoluto e olhar levantado e firme, pareceu vacillar. Quiz subir para o meio das chammas, amparada pelos seus parentes, e não poude. Mogarem estendeu-lhe os braços, e com os olhos medonhamente dilatados, exclamou:—foge! Este grito perdeu-se na algazarra enorme, que, ou para animar a pobre victima, ou para encobrir as suas supplicas, se ergueu junto da fogueira fatal. Viu-a erguer nos braços de muitos homens, debater-se, gritar por cima de todas aquellas vozes, esconder-se e abysmar-se n'um mar de chammas, que projectavam no rio o seu clarão sanguineo.

Os braços de Mogarem descahiram, deixou pender a cabeça, e já quando a grande pyra se desmoronava, entre o sinistro silencioso de tantos milhares de espectadores, disse:—Feliz de ti!

E começou de caminhar lentamente, sem medo, sem destino, sem pena... Comtudo algumas lagrimas lhe vieram marejar os olhos.

E assim caminhando, caminhando, perdeu-se de novo nas florestas.

XVII

Os invernos da India deixam após de si trovoadas temerosas. As manifestações da natureza, grandes em toda a parte, são enormes no Oriente. Não ha trovões, nem relam

pagos, nem temporaes, nem inundações, nem estiagens como aqui.

Na noite immediata começaram de vêr-se correr do sul nuvens negras condensadas; e os pobres habitantes de Nanús, que tinham, segundo o seu costume, sem medo ao orvalho nem ás féras, adormecido ás portas das cabanas, exhaustos pelo trabalho e pelo calor do dia, acordaram alta noite sobresaltados pelo estertor de um trovão, que fazia tremer a terra. Um prolongado e vasto clarão, pelo meio do qual cahia a chuva em grossos fios de oiro, deslumbrava-os. De repente o clarão apagou-se, e pelo meio das trevas, as mais densas e involventes, serpeavam centenares de faiscas azuladas e sanguineas em todas as direcções. O vento mettia hombros ás serras e ás floressas, e de momento a momento sentiam-se estalar os troncos mais robustos, como se a mão de um gigante andasse partindo e colhendo lenha no montado. Aos mugidos do vento, ao bramar dos trovões e ás queixas do arvoredo juntaram-se, em côro, as vozes dos animaes selvaticos, que espreitavam do fojo e pareciam applaudir a sublimidade augusta do cataclismo.

Junto a Nanús passa um pequeno rio, grosso e tumultuoso nos mezes do inverno, claro e murmuroso no estío, correndo entre ribas, selvaticas sim, mas de uma formosura especial. Aquella agua, que deslisa sobre um leito de mosaico, feito de pedras transparentes e de côres as mais brilhantes, roça-se por tapetes aveludados de musgo florido, que cobre ambas as margens, e deixa-se beijar pelos vastos e finissimos fetos, que sobre elle se debruçam. O sol passa difficilmente por algumas frestas do arvoredo, e, como rara chuva de luz, esmalta as flôres e os mosaicos do rio.

Na margem direita d'este arroio havia um pagode da deusa Parvaty, dentro do qual, n'aquella noite tempestuosa, se accendiam luzes, e para onde corriam os habitantes espavoridos, que a trovoada surprehendera.

De todos os lados se viam correr as sombras escuras dos indús, porque a religião foi sempre a suprema força, a suprema protecção, a derradeira esperança em todo o mundo. A trovoada parecia ter escolhido aquelle ponto para fixar-se; até ali corrêra; chegada ali attrahia, como as trombas marinhas, as nuvens todas do ceu, e redemoinhava. Dir-se-hia que aquella abobada esfumada e insondavel se tornava absorvente.

Sentia-se ramalhar violentamente a folhagem, como se mão invisivel, enroscando-se n'ella, tentasse desarreigar a floresta. Sentia-se mugir o vento lá por cima, como a respiração violenta de luctadores titanicos; mas em baixo asphyxiava-se.

Quando os chuveiros cahiam a flux, o homem que corria era frequentemente lançado por terra, e morreria, a não ser soccorrido, sob aquelle jacto violento.

Com a furia crescente da trovoada cresciam o medo e os clamores; sobretudo quando o tufão apagava as luzes do pagode, ouvia-se um grito estridente e prolongado, grito em côro, de centenares de pessoas, que julgavam sentir-se abraçar das azas negras da morte.

No momento em que o mundo parecia desabar, quando mais bastas se cruzavam e ferviam as fitas de lume no espaço, quando mais forte a rajada fazia vacillar a montanha, quando acabava apenas a repercussão do mais violento dos trovões, ouviu-se uma voz de mulher gritar:— Soccorro!— na direcção do templo gentilico.

Instantes depois Mogarem, desfeita, ensanguentada, febricitante, tentava da porta estender os braços para a multidão apinhada, e poude ainda murmurar:— Soccorro!

N'isto ouviu-se dentro do templo pronunciar, como um grito de horror, o seu nome, e as luzes apagaram-se e a porta fechou-se violentamente sobre ella, e... Não longe d'alli, na outra margem do rio, ouviu-se tocar um sino umas badaladas vibrantes e compassadas, a convidar christãos á oração.

— Tantos deuses, murmurou a pobre, e nenhum tem piedade de mim.

— Tem! ouviu ella ainda, ao cahir desmaiada nos braços de um velho, que chegava açodado, e a tempo de a salvar das aguas do rio, que trasbordava.

Dentro do templo gentilico soava um côro de maldições. O velho ajoelhou, encostou sobre o peito a cabeça desfallecida de Mogarem, e, pondo as mãos, agradeceu a Deus, juntando á prece o nome de D. Fernando de Castro.

Era a ultima noite que a melindrosa menina teria de passar nos bosques, á espera da morte.

O céu desanuvêa-se.

XVIII

A menos de oitocentos passos do pagode de Parvaty havia o padre Francisco Xavier constrnido uma capellinha, toda branca e devota, no meio de umas penedias abruptas. Era no seu campanario que o sino tangia, chamando á oração o minguado rebanho de christãos, obra e amores do apostolo venerando.

— Ouves? pobre mulher desamparada? lhe dizia elle, enxugando-lhe as faces ardentes e conchegando-a ao peito; ouves? E' a voz da caridade christã que te chama, é um porto franco e seguro ao pé do mar tempestuoso d'esta sociedade inclemente; é o meu Deus que te espera, o Deus de todos os naufragos.

E tomou-a nos braços e ergueu-se, o velho, o enfermo, o debil padre de Christo, orgulhoso da sua fé, pago dos seus sacrificios, agradecido á Providencia, que lhe proporcionava ainda uma obra de misericordia, dando-lhe mais uma irmã para os seus filhos, mais uma alma attribulada para o seu Deus; e, de cabeça erguida, ligeiro, e forte, atravessou uma tosca ponte de madeira, que a corrente ameaçava, costeou os rochedos da outra riba,

na direcção do sino, que continuava a tanger, chegou ao atrio da capellinha, que estava por dentro toda festiva e allumiada, e ajoelhando, exclamou no tom vibrante e sonoro do seu verbo inspirado.

— *Orate!*

Um tremor jubiloso e mystico percorreu o grupo dos fieis, que respondeu em côro:

— *Benedictus qui venit in nomine domini.*

Um pequeno orgão acompanhava os canticos; e Mogarem foi acordando e estremecendo, na idéa talvez de que após a morte lhe era dado entrever o logar dos bem-aventurados.

A pouco e pouco lhe foi voltando a consciencia, e quando olhou attenta para o homem que a tinha nos braços, reconheceu o apostolo.

Ficou-se quieta e comprimida, sem despregar os olhos d'elle.

— Senhor, onde estou eu? segredou ella emfim.

— Na casa de Jesus.

— Sou gentia!

— E's desgraçada, minha filha.

— Sou maldita!

— Nunca o serás no templo do Deus do amor, da esperança e da misericordia.

Mogarem chorava, e o côro ia cantando:

— *Bemaventurados os que padecem, porque elles serão consolados.*

XIX

Dois dias depois entrava o padre Francisco Xavier no palacio dos viso-reis. Era em 1548.

— Bem vindo, padre, tinha saudades vossas. Tenho chorado hoje. O meu pobre Fernando deve ter encontrado a sombra de D. Lourenço de Almeida, e no céu hão

de gostar de os ver, áquelles dois cherubins. Ouvis, padre? disseram-me que uma gentia o amava.

— Confessou-m'o elle, senhor, e confiou-a á minha protecção.

— Ah! padre! protector de amantes! de amantes temerarios, que se abraçavam por cima de tantos abysmos! Dizia o viso-rei, sorrindo.

— Ora ainda bem que entrou n'esta casa um raio de alegria. Deixemos lá os caminhos do Senhor, que só Elle sabe, e, quando os quer ensinar, ou accende a sarça no Horeb ou sólta a estrella dos Magos.

— Bem falado, lingua de oiro; e voltando aos caminhos dos... amantes: que é feito da vossa protegida?

— Prepara-se para se encontrar com o seu noivo, já nivelados todos os abysmos, no paiz onde só ha Deus e não religiões.

— Como, Francisco Xavier? algum prodigio novo?

— Ousaria eu esperar, de hoje a um mez, uma visita do nobre viso-rei no meu humilde ermiterio de Nanús?

— Esperae! e levarei a minha cruz de Christo. Honrar-vos-hei como devo, cofre de todas as consolações.

Abraçaram-se, chorando e rindo.

*
* *

Um mez depois, na capellinha de Nanús, D. João de Castro era padrinho da formosissima noiva do seu Fernando, e punha-lhe o nome de Maria das Dôres, que ella mesma escolhera; a madrinha era Nossa Senhora.

Quando, finda a ceremonia, em que nenhuns olhos ficaram enxutos, a nova christã beijou a mão de seu padrinho, olhou para elle com os olhos muito abertos e muito cheios de tristeza e chamou-lhe: — Seu pae.

D. João de Castro abraçou-a commovido e disse-lhe, que todos ouviram:

— Sim, minha filha querida, has de ser d'elle no ceu.
E o povo, e os padres, e os nobres cantavam:
— *Te-Deum laudamus.*

*
* *

Um anno após, os paes de Mogarem tinham abraçado o christianismo, e fugiam ao anathema que sem culpa sua os fulminára. Nas ruinas do pagode de Nanús começava a construir-se uma egreja. Mogarem tinha morrido um mez depois de baptisada. As suas ultimas palavras ouviu-as Francisco Xavier:

— Já estou vestida de branco e tenho saudades do meu noivo. Ah! padre, bemdito sejas tu.

THOMAZ RIBEIRO.

CONTRA DARWIN

Contam que na Abyssinia uma manada
De babuínos, raça simiana,
De Brehm pelos cães se viu cercada
Ao cortar-lhe o caminho da savana.

Os quadrumanos velhos e maduros
Sobre os cães com denodo se arrojaram,
Té que emfim, vendo-se estes mal seguros,
Aos contrarios o campo abandonaram.

Quando aos saltos trepava pela encosta,
Já livre e salva, a simiana gente,
Quiz Brehm a sua fôrça recomposta,
E chamou a matilha novamente.

Esta correu veloz, e n'um momento,
O val ensurdeceu com seus ladridos,
Em mostras de feroz contentamento
Por apanhar ainda um dos fugidos;

Um pobre babuíno malfadado,
Que apenas cinco mezes contaria,

E que ao vêr-se cercado
Prorcmpeu em aguda gritaria.

Ouvindo aquella voz angustiosa
Um velho babuino destemido
Baixou logo do monte a toda a pressa;
Mais de um cão vae ficar de mau partido
Quando o bravo com furia temerosa
Sobre a matilha unida se arremessa.

Lucta o gigante a dente, a unha, a braço;
Ao pequeno consegue deitar mão,
Agarra-o e defende-o largo espaço,
E mais de um inimigo morde o chão.

Correndo para os seus que ao longe via,
Triumphante, do cêrco rompe as alas,
Affrontando com extrema valentia
Da matilha o furor, de Brehm as balas.

Ferido, ensanguentado,
O heroe subiu a ingreme montanha
E aos outros entregou o resgatado.
Cahiu, então, exhausto, e dentro em breve
A morte foi-lhe o premio da façanha.

As doutrinas de Darwin abandono,
Pois a dizer, ó estupidez! se atreve
Que o homem se parece com o mono.

J. M. BARTRINA.

NA INDIA

CEYLÃO

(Continuação)

IV

Que occulta este sorriso immutavel? O abbade budhista, superior do mosteiro de Kandy, homem sabio e prudente, que se interessa pelas cousas da nossa Europa e cuida que o positivismo, a psychologia e a moral dos nossos pensadores os approxima muito das doutrinas de Budha, o abbade Sri-Smangalo, mostra bom desejo de conversar comigo durante meia hora. Indica-me alguns livros especiaes e dá-me uma idéa da vida d'estes religiosos. Mas não se vae alem do exterior; impossivel penetrar o mysterio d'aquellas almas.

Ha duas classes de monges: os noviços *(samanera,)* ou mendicantes propriamente ditos, e os antigos *(sramana)* ou homens que sabem regular a sua vontade. Para chegar á conquista de si proprio, que é o fim principal, o religioso segue os preceitos indicados no *Pittri mokkho*, o mais antigo dos sagrados livros budhistas, cuja idade a critica mais severa faz remontar ao anno 350, anterior á nossa era.

O monge póde possuir oito objectos: tres habitos, uma escudela para recolher as esmolas, um cinto, uma navalha de barba, uma agulha, um filtro para separar da agua as particulas de materia organisada, que são sagradas por serem vivas. No convento, todas as regras relativas ao regimen monastico são escrupulosamente observadas; o noviço ergue-se antes da aurora romper, lava a sua roupa, varre os corredores do templo e a terra em volta da arvore Bo, tira do poço a agua para o dia e filtra-a. Em seguida retira-se para um sitio solitario e medita: depois de collocar flores defronte da arvore sagrada, pensa nas grandes virtudes de Budha e nas proprias miserias, e então, tomando a *escudella*, segue o seu superior que vae mendigar. Não pedem coisa alguma limitando-se unicamente a parar diante das portas. Á volta, o noviço lava os pés ao seu mestre, lava a escudella, cose o arroz, pensa em Budha, na sua bondade e na sua caridade. Uma hora mais tarde, accende a sua lampada e vae estudar, copia manuscriptos, ou, assentado aos pés de seu superior, recebe instrucção e confessa as faltas commettidas durante o dia. Os antigos, isentos do trabalho manual, concedem mais tempo á meditação, que não á prece, pois o budhismo não invoca o auxilio da divindade.

Para evitar a dôr, conta comsigo simplesmente, empregando um systema, recommendado tambem por Spinosa e pelos stoicos, o qual consiste em esquecer o eu passageiro para contemplar o conjuncto de todos os seres.

Esse mundo inteiro contempla-o elle em cinco meditações, a primeira das quaes se denomina *Mutta bhavana* ou reflexão sobre o amor.

Pensando em todas as creaturas vivas e phantasiando quão grande seria a propria felicidade se conseguisse libertar-se do pesar, da paixão e dos maus desejos, ambiciona para todos os seres esta felicidade. Depois occupando-se dos seus inimigos, recorda sómente as boas acções que elles hão praticado, e esforça-se, de todo o coração, em

desejar-lhes o maior bem que para si proprio estimaria alcançar.

A segunda meditação (*Karuna bhavana*) é a da piedade. —Pensa em todos os seres que soffrem, diligenciando compenetrar-se da dôr alheia e procura d'esta fórma compartilhar, e em si proprio despertar, o soffrimento dos outros.

A terceira meditação (*Mudilha bhavana*) occupa-se da alegria. O religioso pensa em todos os que são felizes ou como tal se consideram e, julgando-se possuidor da felicidade dos outros, rejubila com a sua alegria.

A quarta meditação (*Asuba bhavana*) é relativa á impureza. Pensando na sordidez e impurezas de todos os corpos, e nos horrores das doenças, o monge diz que todas estas miserias se desfazem como a espuma do mar e que sómente existem na eterna successão entre o berço e o tumulo, successão que considera como uma simples apparencia.

Chega finalmente a meditação ácerca da serenidade (*Upeskha bhavana*). Pensando em todas as cousas que os homens têem por boas ou más, e que todas são passageiras, no poder, e na dependencia, no amor e no odio, na riqueza e na pobreza, no renome e no despreso, na juventude e na belleza, na decrepitude e na doença, contempla-as com uma indifferença invencivel, com uma serenidade absoluta.

Ha cento e vinte monges no mosteiro. O convento é uma sabia instituição, devidamente authorisada, respeitada como outr'ora, na idade media, o podia ser uma grande abbadia, como Cister ou São Germano. Visitei a bibliotheca, que occupa uma sala retirada, cujo tecto se eleva em fórma de cupula; os tomos manuscriptos encontram-se ali envolvidos em pano. A um canto d'esta casa, lêem alguns noviços japonezes, vindos como peregrinos ou como estudantes do outro extremo do mundo budhista.

Mostraram-me um magnifico livro vermelho que contém as tres *pitakas*, ou escripturas sagradas dos budhistas do sul. Na primeira pagina lê-se:

«Ao mui reverendo Sri Weligama, superior do mosteiro de Kandy, em testemunho de respeito

«*Eduardo*, principe de Galles.»

V

Por volta das cinco horas o sol é menos ardente. Deixo o templo, ancioso por me perder no meio d'esta natureza equatorial. Ella sómente nos preoccupa, e perante a sua grandeza pouco interesse nos despertam os homens e os costumes.

De que provém este poderosissimo attractivo?

Seria n'um mundo similhante que os nossos mais remotos antepassados, de fórma humana, appareceram, quando os gigantescos fetos cobriam ainda os continentes?

Serão os seus instinctos, por milhares de seculos adormecidos, que em nós revivem quando presenceamos o espectaculo que apresentam as cousas que lhes foram familiares?

Caminho por uma estrada deserta entre sebes constelladas de estrellas azues, amarellas, vermelhas, carregadas com enormes flôres resplandecentes, de petalas fortes e assetinadas, aqui silvestres, mas mais formosas do que se vivessem n'uma estufa real.

D'esta florescencia sumptuosa, sobem caprichosamente as hastes brandas e elevadas do cautchouc, do bambú chinez, das grandes palmas de dez pés de comprido. A' esquerda e abaixo da estrada, estende-se, em plano inclinado, um bosque de coqueiros, com os troncos direitos, unidos, coroados por frondosas copas de palmas duras similhante a um exercito de bravos mancebos, das primitivas epochas, com a cabeça eriçada de grandes plumas selvagens. Os côcos novos ali estão aos milhares, na axila dos

ramos carregados, fazendo-nos adivinhar, por sua delicada apparencia, a suavidade e frescura que encerram.

Nada ha mais poderoso do que a força que projecta estes verticillios e determina a subida inflexivel das columnas que os sustentam. Sente-se a violencia d'essa força organisadora, que os ergue do solo; parece-nos vel-os sugar avidamente a terra e a agua com as raizes, e como que se nos affigura poder seguir com a vista o seu rapido crescimento, no calor do mundo vegetal. Outras arvores teem fructos verdes escamosos, do tamanho da cabeça de um homem. Reconheço a jaqueira e a arvore do pão. Em torno de mim vejo o cacau, o café, a manga, a muscada, a canella, o acajù; cobrem o solo, espessas e impenetraveis alcatifas de essencias desconhecidas, d'onde surgem, como girandolas, vinte especies de palmeiras, não hirtas, solitarias, cobertas de poeira, como as palmeiras do Egypto, mas sim brandas, macias, viçosas, como as que brotam nas regiões humidas do equador. Toca-se com o pé a verde herva que borda a estrada, e logo a vemos contorcer-se, crispar-se e cobrir-se de grandes placas amarelladas. E' aqui onde reside a maxima intensidade da vida vegetal. Sentimol-a palpitar n'estas sensitivas, expandir-se n'estes enormes cipós projectados das arvores mais altas, descendo para o solo em longas cortinas, vemol-a flamejar nas petalas vermelhas d'essas brilhantes flores venenosas incendiadas entre verdura. E, pelo meio d'esta doida profusão de plantas, alonga-se a estrada, sempre purpurea. Além, ao longe, por entre as columnas de coqueiros que descem, distingue-se, por momentos, o serpentear de um grande rio amarello correndo impetuoso, e ainda mais além, ao norte, abysmando-se n'um oceano de nuvens pardacentas, o desenrolar vaporoso das montanhas.

Em baixo, fica o paiz virgem, onde vagueia ainda o elephante selvagem, parente do mammuth desapparecido e do veddah, ultimo sobrevivente dos homens pre-historicos.

Vê-se alguns chingulezes que passam, homens vestidos

com uma comprida saia atada sobre os rins, de tronco nú e cabellos erguidos, presos na nuca, em forma de penteado feminino, esbeltos, bronzeados; mulheres graciosamente trajadas, com o braço levantado e ligeiramente curvo, empunhando a grande folha que lhes abriga a cabeça, como se fôra uma sombrinha. Uma, de esculptural tronco grego e traços aryanos, a pelle côr de bronze fosco a destacar-se na tanga purpurea, sustenta, com gesto classico, um vaso sobre o hombro.

Passa uma familia, que parece voltar da caça. Vem em fila: na frente o homem, de saia vermelha e uma comprida espingarda na mão, avançando lentamente. A mulher segue-o; atraz, dois rapasitos a correr, mui fransinos, completamente nús; o da frente traz uma peça de caça suspensa por uma das patas, é um pequeno periquito amarello, com a formosa cabeça pendida e olhos cerrados pela morte. População feliz e tranquilla, que se perpetua á sombra das frondosas palmas e encontra facil alimento no fructo do coqueiro ou na arvore do pão. Uma familia possue um coqueiro, vive á sombra d'elle e sustenta-se dos seus fructos.

Passam, semi-nús, suavemente, graciosamente, saudando-se com um sorriso, penteando-se constantemente com o seu inseparavel pente de tartaruga loira. Em todas as fontes se encontram banhistas folgando alegremente, ou passeiando á sombra da folhagem verdejante. População ditosa, preguiçosa existencia, que nos faz lembrar o divino poema de Tennyson, toda inteira passada entre sonhos e visões. A religião é digna d'elles. Não os arrebata, nos apaixonados transportes d'alma, como o christianismo, nem os subordina á esmagadora meditação metaphysica, de ritos tyranicos e praticas extravagantes, como o brahmanismo indico.

Ha, por certo, grande metaphysica no budhismo, que os padres chingulezes sómente conhecem, porém ella não preoccupa o povo. A sua religião sómente exige uma vida

placida, e que todas as noites os crentes se inclinem reverentemente diante do sorridente Budha, juncando-lhe o pedestal com as grandes flores de frangipana. O homem aqui é muito meigo e languido, dominado pela natureza oppressora, pelo sol em chammas, pela vegetação regorgitante. Mas não se revolta, não lucta contra o desenvolvimento indifferente e rival das cousas. Ausencia completa de tragicos combates, de lucta pela vida, nada d'essas manifestações energicas da vontade, pelas quaes o homem affirma a sua dignidade e se apresenta como uma força a defrontar a força do mundo material. Aqui, são semelhantes os destinos. Cada qual vegeta no meio das flores, com mais ou menos energia do que as flores, enlanguescido, semi-entorpecido pela tepidez do ambiente e pela actividade dos perfumes enervantes.

VI

A estrada agora volta para Kandy, torneando o cume de um planalto, sempre assombreada por espessa verdura. De um lado estende-se a planicie, coberta por um cannavial denso, tenebroso, povoado de macacos; á esquerda, o valle vaporoso termina muito ao longe por uma multidão phantastica de picos e cumiadas. Bruscamente, sem intervenção do crepusculo, surprehende-nos a noite, e as florestas e os horisontes mergulham subitamente na sombra, como uma visão de luz promptamente desfeita.

Agora, brilham todas as estrellas do equador. Um silencio enorme, do seio do qual se erguem alguns ruidos tristes, zumbidos de insectos, rugidos fracos e queixosos que sahem das florestas invisiveis. Estes momentos são cheios de melancholia indisivel, de inexplicavel voluptuosidade.

Sente-se o coração opprimido por uma serie de sons, sem motivo plausivel, e um estremecimento singular e pro-

fundo nos traspassa a alma. Encontramo-nos repentinamente tão afastados, tão perdidos na tranquillidade indifferente d'esta immensa natureza. E' como se nos isolassem do grupo natural a que pertencemos: patria, sociedade, familia, tudo se esvae; a illusão que constitue a vida desfaz-se, e achamo-nos sós, como um phantasma sahindo das sombras da noite, por um instante, para se agitar á superficie do ser imcomprehensivel.

Milhões de estrellas vivas phosphoream no espaço, innundando-o com as suas scintillações. Na terra, as sombras silenciosas, os phantasmas dos gigantescos fetos e das arvores desconhecidas, parecem um sonho. Por toda a parte o sussurro dos grandes insectos do sul. As moscas de fogo volteam em zig-zag no seio das trevas, e a custo se distinguem os sons longiquos, difficilmente perceptiveis, d'uma musica selvagem, um extranho repique, singularmente harmonioso dos instrumentos asiaticos chamados *gongs*, acompanhados de trombetas, annunciando a offerta das flores, n'algum templo de aldêa longiqua.

Á medida que nos approximamos de Kandy a estrada vai-se animando. Homens e mulheres apressam-se em voltar para a cidade. Lá em baixo, no fundo do valle silencioso, a admiravel melopêa buddhista chama-os, atravez do cannavial, e elles sahem, não se sabe d'onde, de todas as pequenas choupanas, dispersas no meio dos fofos tapetes de verdura espessa occultos debaixo das grandes plantas.

Atravesso rapidamente Kandy, misturado com os bandos silenciosos de fieis carregados de flores, quasi invisivel na espessura da noite. Nenhum outro ruido se distingue além das vibrações dos *gongs* repercutindo-se em toda a cidade. Ao lado do lago escuro, sobre o grande portico, velam os monstros, e guardam a entrada padres silenciosos, que recebem as offertas sem fazer um gesto. Passa-se por baixo d'uma grade de prata para uma grande salla allumiada mysteriosamente pelas pequenas lampadas sagradas. De

cem pyras se evolam perfumes, que se espalham em azuladas nuvens, e este incenso entorpecedor e enervante dá a toda a scena um não sei que de phantastico, de sobrenatural. Espalhadas na obscuridade, semi-visiveis, inquietadoras sombras de grandes Buddhas, uns deitados outros acocorados, repousando sobre flores.

Subimos uma tenebrosa escada bordada de frescos indecisos, representando demonios que se agitam confusamente por entre as chammas. No alto d'esta escada, e por detraz d'uma balaustrada de prata, os padres, de pé, recebem as flores, que as devotas collocam em cima d'uma grande mesa. Perante a multidão silenciosa, está immovel um bello adolescente, com os braços nus carregados com um montão de flores de frangipana e jasmins. Curva-se, depois da offerta, varias vezes diante da imagem e, eil-o que pára, meio inclinado, de mãos crusadas sobre o peito; nos formosos labios arqueados paira um sorriso mystico e vago, realçado pela expressão dos grandes olhos d'esmalte a sorrirem tambem...

Reina grande e profundo silencio, a espaços repentinamente cortado pelas vibrações sonoras do *tam-tam* e da trombeta, por essa melopêa asiatica que sobe até nós. Da multidão porém não sahe o mais leve ruido.

Á frouxa luz das sagradas lampadas, os padres, indistinctos e silenciosos,. estão solemnes e hieraticos em pé, detraz das flores. Vendo agitar-se no vapor inebriante dos perfumes, essa multidão confusa e effeminada, pausadamente executando todos os gestos prescriptos pelo seu ritual, sonhâmos com algum mysterio sagrado dos tempos remotos, com qualquer iniciação de diabolica origem.

Retirada no fundo d'um tabernaculo solitario, em mansão inviolavel, jaz uma figura de crystal de vagos contornos, sem sombra, com as pernas crusadas, cuja transparencia faz lembrar um fantasma, um espirito puro, liberto do jugo do peso e da materia.

Imagem symbolica d'aquelle que, pela intensidade da

meditação soube despedaçar os grilhões da carne e do desejo. Dominando a multidão, parece afastada da humanidade irrequieta, e o eterno sorriso de seus labios translucidos diz-nos que ha para sempre entrado nas regiões da paz.

VII

Quanto mais contemplo este paiz e estes homens mais me parece haver comprehendido a sua moral e a sua religião. O ponto de partida para o homem é a fadiga, a oppressão, uma immensa necessidade de repouso e de tranquillidade, perante uma natureza desproporcionada, violenta e florida, em que todas as cousas visiveis, incessantemente renovadas, estão sempre em via de nascer e morrer. O que hoje dizem os nossos grandes pensadores europeus, já os sabios budhistas ensinam ha vinte e tres seculos. Nada existe, dizem elles, tudo muda: o universo não passa d'um fluxo de ephemeras apparições, em que cousa alguma é estavel e permanente, senão a propria mudança. A terra, o ceu, os vinte e oito infernos, os demonios e os mundos inferiores, que elles habitam, tudo está prestes a desapparecer, como as aguas que correm n'um rio, ou melhor, em via de apparição e de fuga, como as diversas côres d'uma chamma que irrompe, brilha, enfraquece e se extingue. Depois d'esta, outra e outra e assim successivamente, durante uma serie de cyclos, de periodos que se repetem. A serie é eterna, não teve principio nem jámais terá fim. Que é o homem no universo? Um ser pensante, mas um ser como os outros, um conjuncto de forças por algum tempo reunidas, mas condemnadas a se dissolverem: um systema de faculdades e de tendencias, uma sequencia de imagens, de idéas, de veleidades, de vontades, de sentimentos que passam, tudo submettido a uma *lei* que subsiste algum tempo, como a

forma e estructura d'um corpo organisado persiste atravez da morte e do renovamento das suas cellulas. Nada ha de estavel no homem, nem os acontecimentos, que se reunem e succedem segundo uma certa lei, constituindo a individualidade, nem esta mesma lei que vai lentamente mudando desde o berço ao tumulo. Ha cinco grupos de elementos (skandhas) cuja cohesão forma o individuo, e os budhistas mostram, circumstanciadamente, que nenhum d'estes elementos, nenhum d'estes grupos é de substancia permanente. O primeiro comprehende as propriedades materiaes (extensão, solidez, côr) estas são como a espuma, que gradualmente se faz e depois desapparece. O segundo contém as sensações: são como as bolhas que dansam á superficie das aguas. No terceiro ficam as percepções e os juizos, similhantes á miragem incerta das regiões meridionaes. O quarto, comprehende as disposições moraes e mentaes, as quaes recordam «a haste da tanchagem privada de força e solidez». Emfim os pensamentos são um espectro, uma illusão magica!...

«O' mendicantes! diz Gautama, de qualquer fórma que os diversos mestres contemplem a alma, imaginam sempre que ella é um dos cinco grupos, ou o seu conjuncto. É assim, ó mendicantes! que o homem, que não está convertido e que não comprehende a lei dos convertidos, considera a alma, ora como identica ás qualidades materiaes ou como possuindo-as, ou como contendo-as, ou como n'ellas residindo, ora identica á sensação, ou como contendo-a, ou como residindo n'ella», e assim successivamente, tomando, um após outro, os tres ultimos grupos.

Concebendo, portanto, a alma de qualquer d'estas fórmas, salta a idéa:

Eu sou. Da sensação, por exemplo, o homem sensual e ignorante tira a noção: *Eu sou, este eu existe. Eu serei ou não serei, eu terei ou não terei qualidades materiaes, eu serei ou não dotado de idéas.* Mas o sabio discipulo dos homens convertidos, comquanto possua os cinco orgãos dos senti-

dos, havendo-se desembaraçado da commum ignorancia, attinge a meta da sabedoria, e por isso as idéas: *Eu sou, este eu existe, eu serei ou não serei,* nunca se apresentam ao seu espirito.»

Descartes disse: «Eu penso, portanto eu sou». Buddha de bom grado diria: «Eu penso, portanto eu não sou». Porque o pensamento não é mais do que uma serie de successos differentes.

Segundo os psychologos modernos, é o pensamento assim considerado. Um mechanismo, estudado por Stuart-Mill em Inglaterra e por M. Taine em França, creou-nos a illusão do eu substancia, a mais perniciosa de todas, dizem os buddhistas, a principal cilada que nos arma o tentador Maro; porque ella representa o laço que nos prende ás cousas, a grande miragem, que nos vem arrancar á immobilidade e á indifferença, para nos lançar no meio da acção impellindo-nos para a frente. O buddhismo qualifica-a de heresia, heresia da individualidade (sakkaya dithi).

Admittido que seja não passar o mundo d'uma successão de apparencias e não haver, quer em nós, quer fóra de nós, cousa alguma persistente, a pratica torna-se simples. Este *eu,* que ao homem tanta importancia merece, passa a consideral-o como uma illusão. Chegado a este ponto, o homem está liberto, não mais aspira á continuação d'esse eu, cessa a lucta e o desejo, extingue-se a sêde de vida, e, portanto, a dôr desapparece; porque a dôr deriva precisamente d'esses acontecimentos que constituem a existencia individual, taes como, o nascimento, a velhice, a doença, a decrepitude e a morte. E porque constituem taes acontecimentos o soffrimento? Porque a illusão do eu, d'onde sahe a vontade de viver e de persistir em nosso ser, creando o desejo e o medo, faz-nos repellir estes acontecimentos e desejar os contrarios.

Arranquemos do peito este amor ao que existe, e, cessando de querer, d'obrar, de pensar, escapando á lei uni-

versal da mutação, o homem tornar-se-ha inaccessivel á dôr, que só provem da mudança. «Aquelle que domina os impetos d'essa miseravel sêde de existencia, o soffrimento abandonal-o-ha, como a gôta d'agua que deslisa sobre uma folha de *lotus*». Segue a enumeração dos caminhos que conduzem a este estado de perfeição: o primeiro, que destroe a heresia da individualidade e a crença na necessidade de ritos e ceremonias; o segundo, que desvanece toda a paixão, todo o odio, toda a illusão; o terceiro que apaga os ultimos vestigios do amor proprio; o quarto, ou via superior dos *arahats*, isto é, dos homens emancipados pela intuição, e que cessaram de aspirar a toda a especie de existencia, quer material quer immaterial.

N'estas circumstancias o homem é livre: não mais gravitará sobre si mesmo, deixará de ser um centro d'attracção, uma força egoista trabalhando para subsistir. Então poderia dedicar-se ao proximo; a caridade e a compaixão pelo soffrimento alheio penetram o seu coração.

Como uma mãe que, com risco da propria vida, defende seu filho, seu unico filho, assim elle sente um amor sem limites por todos os seres, um immenso amor por todo o universo, amor que se espalha em volta d'elle em todos os sentidos, purificado do sentimento rival dos proprios interesses; e este amor persiste firme n'este estado do espirito, durante todo o tempo que vigia, de pé ou sentado, durante o trabalho e durante o repouso. Os sentidos acalmam-se. O homem torna-se semelhante ao corcel domado, livre do orgulho, limpo da sordidez da ignorancia, insensivel aos acicates da carne e ao estimulo da vida.» Os proprios deuses invejam-lhe a sorte. «Aquelle que possue uma conducta recta, immovel, como a larga terra; immutavel como a columna que sustenta um portico, serena e limpida como um lago de crystal.» Para elle findaram de todo os nascimentos. «Tranquillo é o espirito, tranquillas são as palavras e as acções dos que souberam libertar-se pela sabedoria. Não aspiram a uma vida futura; o incentivo que

os chamava á vida desapparece, nenhum desejo novo brota em seu coração, e os sabios extinguem-se como uma lampada que não tem novo azeite para se alimentar.» Tal é a suprema felicidade. Çakya-Muni, tendo sondado as reconditas profundidades das cousas, como os brahamanes seus predecessores, nada encontrou que resistisse. Toda a substancia analisada desfazia-se-lhe nas mãos e n'esse enorme amplexo só estreitou o vacuo. Em toda a parte flamejavam os phantasmas illusorios, por toda a parte viu fugir os turbilhões, os acontecimentos. Ser algum subsiste: cessemos pois de querer persistir no nosso ser. A natureza illude o ignorante para conseguir os seus fins, mas o sabio não se deixa lograr. Este escapa ao movimento incessante das apparencias para se refugiar no repouso do nada. Faz no seu espirito o vacuo, nada o agita mais, e se os seus labios se desfranzem ainda é n'um sorriso de caridade e de compaixão para com todo esse doloroso tumultuar da humanidade.

Eis ahi, alguns traços d'essa religião buddhista, cujos ritos segui no sombrio templo, junto ao lago escuro. Inercia, tranquillidade, socego bemaventurado, apathia da vontade, entorpecimento do eu, todas estas qualidades buddhistas se divisam entre os chingulezes do interior, n'esse gracioso povo, que ha um instante vimos curvado diante da imagem sagrada, alheio a toda a acção, estranho á revolta e ao desespero, repousando a sorrir entre as flôres.

Elle é genuinamente buddhista, e pouco importa que a languidez e o socego lhe advenham da doutrina, ou que a doutrina nada mais faça do que annunciar certas tendencias n'elle estabelecidas pela natureza circumdante. Elle caminha na primeira das vias sagradas, que conduzem á salvação.

Em plano superior, ficam-lhe esses padres que recebiam as flôres, impassiveis por detraz da grade de prata, esses mendicantes asceticos, de labios cerrados e fronte intelli-

gente; são os sabios que marcham na segunda ou terceira vias, os vencedores da paixão, do odio, da illusão.

Mas, dizem os buddhistas, nenhum chegou á via superior, nenhum subiu ás aladas regiões serenas, até á tranquillidade do Nirvana, senão o Mestre cuja figura pallida e indecisa fluctuava na sombra, acima dos padres e da multidão, com os olhos semi-cerrados entre nuvens de perfumes.

VIII

11 de Novembro.

Esta manhã, tive grande surpresa ao despertar, encontrando-me aqui, defronte da estrada vermelha, deante das casinhas agachadas entre a verdura das colinas. N'esta primeira parte do dia, as cousas possuem um encanto singular, um brilho fresco e flacido. Nos flancos das alturas arrastam-se as brumas argentinas envolvendo em vaporosa suavidade as palmas que sahem da nevoa, com pallidos reflexos dourados, a escorrer em orvalho, brilhando muitissimo n'uma claridade virgem. Não se vê viv'alma sobre a estrada que conduz aos Peradinya-Gardens, sómente reina esta vegetação perfumada de joven paraiso, inteiramente novo, onde parece ainda não haver apparecido o homem.

Na curva d'um caminho, encontra-se uma ponte de pau negro, e, n'este sitio, sentimo-nos verdadeiramente arrebatados. Innundado de luz, entre dois muros de compacta verdura, corre lentamente um rio de agua lodosa e superficie lusidia, sem uma vaga, sem uma ruga, sem um extremecimento: a agua pesada avança n'um unico movimento, como se fora levada toda d'uma vez, e o seu brilho escuro é cortado por sombras duras, immoveis. Nas duas margens pullula luxuriante a vegetação humida; á es-

querda, os verticilios sobrepostos das nobres palmas assetinadas, symetricas e fortes, tres vezes rainhas: pela grandeza, pela belleza e pelo brilho; á direita, espessos macissos de muralhas vegetaes, de bambus e de cipós, um entumescimento de vegetações verdes e flexiveis que se enlaçam por cima do lôdo, se comprimem e esmagam para chegar até á luz, cahindo novamente, em confusão, e desdobrando-se na sombra escura que projectam no seio do rio. E ao longe, ao longo da resplandecente curva, a mesma exuberancia de força inutil, indifferente, regorgitante e prodiga, a mesma pujança furiosa de vida.

Ali mui perto ficam os Peradinya-Gardens, onde passo o dia, jantando unicamente um pouco de arroz, na cabana d'um guarda chiugulez. Póde-se percorrer aqui varias leguas sem encontrar pessoa alguma, e todavia [illegible]ta-se uma ordem qualquer, um plano em todo este maravilhoso jardim selvagem. É um paraiso dos contos orientaes, desenhado e habitado por genios invisiveis, longe do mundo real e terrestre. Ha vastos prados onde as plantas equatoriaes podem crescer á vontade, attingir o seu completo desenvolvimento; alamedas formidaveis de arvores d'areca, que se elevam n'um unico lanço lusente e metalico, um só *bouquet* de palmas brilhantes exposto n'uma altura de cento e vinte pés. Ha fetos de cambiantes inacreditaveis, fetos azues, subtis como vapores, folhas delicadas, que parecem d'uma vegetação phantastica, tenuissimas rendas verdes, capilares delicados, verdadeiros cabellos de fadas. Ao fundo d'uma alameda de *banians*, arvores de cautchouc gigantescas, projectam tão longe seus enormes ramos que, não os podendo afinal suster, os deixam cahir por terra, onde lançam raizes, crescem e formam uma nova arvore. As raizes monstruosas furam o solo, em rudes resaltos de quatro pés de altura, e serpenteam em forte e sinuoso movimento, similhantes a correntes de granito, outr'ora fundido, irradiações de lava solidificada, transbordada d'uma cratera, nas primitivas epochas do globo.

Eis aqui finalmente o triumpho e como que a apotheose da vegetação da ilha. No limite dos jardins, á borda da agua amarellada e lenta de uma *ganga*, ha um feixe de bambús de trinta metros de circumferencia. Estão ali ás centenas, suffocando-se, e cada um tão grosso como uma arvore da Europa. As rudes hastes asuladas e lisas, divididas em articulos de dois pés, perfeitamente redondos, estão replectas de seiva. Algumas salpicadas de esverdeadas manchas, parecem envenenadas. Brotam tão apertados, tão cerrados, que não se lhes distinguem os primeiros ramos; os outros, opprimidos, intercallados, dardejam para o céu seus rebentos no seio da noite. Com um movimento suave vão-se desligando e desabrochando em fórma de taça, envoltos n'uma grande coma, confusa e triste. Este feixe escuro possue não sei quê de sinistro. Dir-se-hia um reservatorio cheio de seiva venenosa. Sentimo-nos vergar ao peso de um vago assombro, diante de uma força gigantesca, cuja violencia extraordinaria é impossivel reprimir. Não se pode descrever o aspecto d'essa multidão de troncos que se apertam uns contra os outros, a energia do seu crescimento, a ligeireza, e elegancia das suas elevadas hastes. São seres simples e fortes esses gigantes da flora tropical. Em junho e julho vêmol-os crescer um pé em cada dia. N'esta epocha a seiva está em completa effervescencia e o trabalho de organisação é feito n'um fremito de impaciencia. Como nos sentimos affastados dos climas europeus, onde os carvalhaes, em seu lento crescer, são formados cellula a cellula no decorrer dos longos annos!

Estes bambús são hastes herbaceas, que possuem a suavidade e brandura dos fetos, irrompendo impetuosamente do seio da terra vegetal para receberem a acção benefica do sol creador.

(Continúa.)

André CHEVRILLON.

PRAZERES DE VERÃO

A baroneza Edméa meditou longamente o seu golpe e escolheu a hora em que ha de lançar as suas redes. Sabe que a sua mais intima inimiga, a marqueza Thais, tem um pé enorme, como a Venus de Milo e como a rainha Bertha, e saboreia com antegosto a alegria de humilhal-a deante da condessa Herminia e da condessa Joanna. Em Etretat, por uma tarde de verão em que o sol mosqueia de ouro as taboinhas das persianas cerradas, no *chalet* da condessa Herminia, d'onde se ouve cantar o mar, as quatro mulheres estão semi-deitadas sobre os divans de seda do quarto de vestir forrado a côr de rosa, e com uma astucia infernal Edméa faz recahir a conversa n'aquelles bonitos *pasteis* do seculo XVIII nos quaes rosadas Eglés comparam a brancura dos seus seios e a finura das suas pernas. Por fim fala em compararem os pés, atira para longe o seu pantufo, e na meia azul desmaiado mostra o mais bonito pésinho que se póde imaginar.

Depois d'ella, Herminia e Joanna mostram tambem pés calçados de seda, que não teem nada de vulgar, e eis, pois, chegado finalmente o momento em que a marqueza

Thais vae soffrer uma angustia cruel! Mas Thais não se perturba, porque sabe tudo quanto a muito bonita Edméa traz em cima da cabeça, e como o cabelleireiro ali amontoa crescentes escuros comprados no mercador de cabellos para senhoras. E como n'um olhar imperioso, Edméa parece dizer-lhe:

—É a sua vez, agora!

—Não, diz ella com orgulhosa tranquillidade, eu não mostro os meus pés. Eu mostro isto.

E, tirando o seu pente, abandona, liberta e faz rolar sobre as suas costas uma avalancha de pesados, espessos e finos cabellos loiros, cheios de flammas extaticas e de sombras transparentes. E como está ali, ao lado d'ella, sobre uma mesa de lacca vermelha, um monte de ouro de uma subscripção para os pobres, pega n'uma das moedas, e, como se esta fosse de chumbo, dobra-a ao meio com os seus fortes dentes, e, triumphantemente, exclama:

—E isto tambem!

A baroneza Edméa já não ri. Recolhe envergonhada para debaixo da saia os seus pésinhos, com um olhar submisso encara a inimiga fitando-a com os seus olhos verdes, e pensa comsigo em como seria bom podel-a cortar aos boccadinhos como carne picada.

Theodoro de BANVILLE.

A VIDA PRIVADA DE MIGUEL TEISSIER

(Continuação)

IV

Branca a Miguel

«Como fomos cegos, Miguel! Agora vejo tão claramente o verdadeiro caminho, o que deviamos ter logo seguido! O nosso amor é culpado até na sua existencia: já eramos culpados quando elle se nos formava no coração e não faziamos a diligencia para suffocal-o á nascença. Era então que *deviamos* reprimil-o. Não o fizemos, fomos fracos, os nossos sophismas desvairaram-nos. Agora expiamos. É justo.

«É duro para sua esposa, meu amigo; não esqueça que a offendida é ella. Se o seu perdão se faz esperar, lembre-se de que não tem o direito de se irritar por isso, Miguel. Lembre-se de todo o mal que lhe causou, lembre-se de que a confiança, depois de destruida, precisa muito tempo para se formar de novo, lembre-se de que é necessario muita paciencia, muita humildade, muitos sacrificios, para lhe reconquistar o coração.

«Pelo que me diz respeito, não me queixo; o amor illegitimo tem o castigo em si mesmo, tanto peor para os que o acceitam. Alem d'isso, a hora dos enternecimentos passou: devemos tomar um partido e reparar o melhor que pudermos o mal causado por nossa culpa. Adormecemos a consciencia para darmos ouvidos ao coração. Fizemos mal: o coração é mau conselheiro. Agora, a consciencia vinga-se.

«Li a carta de Suzanna: ella tem mais juiso do que nós. Eu, no seu logar, dizia o mesmo, pouco mais ou menos. A vida não é um romance, effectivamente. Não, não é! Nós é que somos absurdos não a acceitando como devemos e querendo a todo o custo introduzir-lhe sonhos. Se expozessemos o nosso caso a estranhos, elles não o comprehendiam; riam-se de nós e creio que tinham razão. Imagine a idéa que o senhor mesmo faria de um homem na sua posição, um homem sério, um dos seus collegas, por exemplo, d'aquelles que o senhor estima, se o ouvisse falar em sacrificar tudo a uma paixão romantica da qual nada tivesse a esperar? Condemnal-o-hia, com certeza; diria: «Está doido,» e se exercesse alguma influencia n'elle, diligenciaria leval-o para o caminho do dever. Por consequencia, volte para o seu lar, Miguel, e não pense em mim. O meu destino é muito simples, tambem. Porque não hei de casar? Sou tão superior ás outras, porventura, que não possa arranjar a minha vida da mesma maneira que ellas? Vivemos na sociedade, seguimos as leis e os habitos da sociedade: fujamos, portanto, como ella foge, do que é excessivo e exaggerado.

«Ainda se eu tivesse a affeição de mãe! Mas, se eu possuisse essa affeição, ter-me-hia salvo. Refugiava-me n'ella, confiando-lhe o meu desgraçado amor, e ella ter-me-hia defendido de mim mesma. Ai! não tinha ninguem a não ser Miguel! Tinha necessidade de amar e faltava-me a mais banal das sympathias. Acceitei o amor onde o encontrei, porque queria viver. Se eu fosse feliz, não me teria ama-

do, Miguel, estou certa d'isso, ou, pelo menos, nunca se atreveria a dizer-m'o.

«Mas, primeiro que tudo, quero estar descançada a seu respeito, quero esperar que a sua existencia não ha de ficar perturbada. Lembre a sua esposa, tão severa e tão rigida, que ella prometteu acompanhal-o tanto nos bons como nos maus dias. Quererá agora abandonal-o, á primeira fraqueza? Esquecerá n'um instante todos os annos de felicidade que Miguel lhe deu? Oh! se eu estivesse no logar d'ella, não era preciso exhortarem-me a perdoar! Saberia attrahil-o á força de ternura e de indulgencia.

«Parto sem demora para Lyão: tenciono demorar-me lá bastante tempo, tanto quanto o interesse de nós todos exigir. Depois!... Depois!... O nosso amor será quasi uma historia passada... Talvez eu me case: o que importa o que será feito de mim, uma vez que não posso ser sua?

«Mas amal-o-hei sempre, sempre.

Branca.»

P. S. Não me escreva, eu não lhe respondia. É preciso que isto acabe de todo. É um adeus irrevogavel que lhe envio.

Miguel a Mondet

(CARTA ESCRIPTA TRES DIAS DEPOIS DA PRECEDENTE)

«Meu caro amigo:

«Escrevo-te depois da tempestade, no meio das ruinas de tudo o que me fazia a existencia boa, de tudo o que a tornava quasi feliz. Tinhas razão, tu: Suzanna sabia tudo. Soube-o no dia da tua visita. Reprimiu a angustia, conservou-a secreta emquanto poude: deve ter soffrido muito, porque é de natureza expansiva, e aquelle peso no cora-

ção devia parecer-lhe bem difficil de supportar. Mas, afinal, chegou um momento em que já não poude conter os sentimentos dolorosos e violentos que a opprimiam. Então, fez explosão, sem novo motivo para isso, a proposito de cousa nenhuma.

«Tivemos uma primeira explicação, tão repentina, tão pouco calculada da parte d'ella, tão pouco prevista da minha, que perdemos ambos o sangue-frio e todas as palavras que dissemos, ella para me accusar, eu, para me defender, não serviram senão para envenenar a ferida. Assemelhava-se um pouco a uma scena de theatro. Eu não encontrava senão phrases que produziam o contrario do effeito desejado. Ella mal me ouvia, repetindo-me unicamente que sahia de casa se eu não promettesse acabar de vez as minhas relações com Branca; e queria que escolhesse logo n'aquelle momento. Quasi que fugi; era o unico meio de pôr termo áquella questão que não fazia mais do que irritar-nos. Além d'isso, eu tinha a ingenuidade de esperar que, logo que ella conhecesse melhor a natureza do nosso sentimento e das nossas relações, aquelle rancor se apaziguaria a pouco e pouco, dando logar á sua generosidade habitual. Escrevi-lhe, portanto; fiz-lhe a confissão completa e franca do que se passou entre nós e em mim mesmo. Branca, aconselhada por mim, tambem lhe escreveu. Esforços inuteis! Nada do que dissémos lhe causou o mais leve abalo! A pobre Branca, com o bom senso que ella reune a uma sensibilidade tão delicada, comprehendera logo a situação: sem hesitar offerecia-se para partir, para nunca mais me ver, para desapparecer da minha existencia. Não te parece que um offerecimento tão generoso devia receber uma resposta generosa? Mas não; tudo o que escreviamos a Suzanna tinha por unico effeito exasperal-a. Cada uma das nossas palavras, cada uma das nossas confissões ia ferir-lhe ainda mais profundamente o coração e o amor proprio. O amor proprio, sobre tudo, porque foi elle que eu vi mais claramente sangrar e protestar. O co-

ração que soffre não tem colera, a vaidade ferida é que se revolta e faz as pessoas más. Mas creio que as mulheres, até as melhores de entre ellas, são todas assim e que o seu amor proprio eguala sempre pelo menos, o sentimento.

«Quando eu d'antes pensava na eventualidade presente não imaginava que as cousas corressem d'esta maneira, confesso-te. Imaginava Suzanna ainda mais triste do que offendida, conservando-se boa e intelligente como ella é, abrindo para mim os thesouros de brandura e de indulgencia que tantas vezes lhe vi prodigalisar aos outros. Pois não senhor! Ergueu-se contra mim, irritada, exigente, teimosa, sem nada querer comprehender nem ouvir. O que podia eu fazer? Ella tinha o direito e a força a seu favor. Não sacrificou nada, absolutamente nada d'essa força e d'esse direito. Manteve a sua attitude de rainha ultrajada, com nma dureza, uma inflexibilidade de que não a julgava capaz.

«Depois da nossa troca de cartas inutil, tivemos segunda conferencia. Foi bem singular, pódes crer. A violencia desapparecera, estavamos ambos muito serenos e conversavamos pausadamente, como pessoas que discutem uma questão de interesse secundario. Cada um expunha os seus motivos. Eu dizia-lhe que um rompimento completo com Branca era impossivel, porque se assemelhava a uma cobardia: que seria notado por todos os que conhecem a nossa intimidade; que exigil-o, era introduzir o que quer que fosse de irreparavel entre nós. Esforçava-me por fazer-lhe ver que ella, afinal, tinha o melhor papel, visto que estavamos em seu poder e a reconheciamos mais forte. Offereci-lhe concessões: não vêr Branca senão de tempos a tempos ou mesmo deixar de vel-a, escrever-lhe, unicamente.

«Pedir esta licença, dizia eu, quando me seria tão facil passar sem ella, não é uma prova suprema de submissão e de boa fé?

«Ella, com uma tranquillidade facticia e irritante, respondia-me que queria tudo ou nada; que a tinhamos offendido e que tinha direito a uma reparação; que soffrera demasiado para se compadecer dos nossos males, aliás bem merecidos; que já não pensava em nós nem em ninguem mas apenas em si; que as minhas concessões talvez fossem subterfugios inconscientes e que não queria ouvir falar n'elles.

«Emquanto houver um laço entre ambos, amal-a-has, repetia-me ella. E depois, como posso eu saber se respeitam as suas promessas? Mentiste-me durante um anno, continuarias a mentir: eu queria acreditar o que dizem, mas já não posso.

«Conversámos assim por muito tempo, ella ganhando, eu perdendo terreno. Depois, de repente, a serenidade abandonou-a; desfez-se em lagrimas, exclamando:

— «Ah! eu bem vejo que a preferes e que a victima hei de ser eu!...

«Estou quasi a pensar que era comedia, de tal maneira aquellas lagrimas vinham a proposito para acabarem de agitar-me a consciencia e vencer-me. Não pude vêl-a chorar. Cedi, mas n'um movimento de colera contra ella e contra mim, de colera e de desespero.

— «Não, disse eu, não serás a victima, porque és a menos generosa. Como sempre a melhor é que ha de soffrer mais!...

«Era bem inutil, com certeza, offendel-a assim, e um momento depois já estava arrependido d'estas más palavras, tão pouco generosas como as suas exigencias. Mas senti como que a irresistivel necessidade de fazel-a expiar o sacrificio que ella conseguira impôr-me.

«Agora, está acabado. O socego restabelece-se a pouco e pouco, o socego exterior, quero dizer, porque no meu coração...

«Branca partiu hontem para Lyão, como me tinha dito. Partiu sem uma palavra de despedida, para me fazer vêr

bem, de certo, que o seu sacrificio é definitivo, que não leva nenhum pensamento reservado, nenhuma esperança. Pobre amada! Como ella vae soffrer! Só eu posso sabel-o, eu, que penetrei o segredo d'aquella alma profunda, toda ternura e necessidade de amar. Se soubesses como me atormenta pensar no mal que lhe causei! Sim parece-me que lhe estraguei a existencia, que lhe introduzi no coração um germen de soffrimento que nenhuma felicidade futura, se ella viesse ainda a ser feliz, poderia destruir. E não tenho meio algum de reparar o mal de que sou culpado, nem sequer posso dirigir-lhe uma palavra de consolação, nem mesmo fazer-lhe saber que soffro egualmente, e que não a esqueço! O meu amor parece que augmentou extraordinariamente por causa da nobreza d'alma que ella mostrou. Até aqui, amava-a, nada mais; agora, admiro-a. Parece-me uma d'estas creaturas excepcionaes que destacam, em plena luz, no fundo escuro e embaciado da especie humana, uma d'estas almas onde se condensaram todos os raios de bondade, de grandeza, de ternura.

«O que irá passar-se entre Suzanna e eu? O que será d'ora ávante a nossa vida de familia, com esta recordação que nos separa? Sim, esta lembrança que encerra um rancor, oh! um rancor inextinguivel. Agora conheço bem minha mulher: ha de levar annos a perdoar, se alguma vez chegar ao perdão. E eu tambem tenho razões para lhe querer mal: estava no seu direito, bem sei, mas podia não levar esse direito até á crueldade. Mostrar-se generosa seria simplesmente mais habil, porque eu não sou dos que se conquistam á força. Sim, quero-lhe mal: é como se lhe tivesse visto o intimo do coração e o achasse menos bondoso, menos puro do que eu julgava. Parece que somos dois socios que já se não entendem, que têm motivos surdos de desconfiança ou de antipathia um contra o outro, que se observam, que diligenceiam apanhar-se reciprocamente em falta, mas que a communidade de interesses ou de de-

veres conserva juntos como se estivessem ligados. Ha tres dias que nos evitamos, que pesamos as palavras, e não trocamos senão phrases insignificantes. Cada um anda para seu lado. Quando entro em casa, recebem-me quasi como a um estranho que se tolera porque não se póde pôr na rua. As minhas filhas, segundo me parece, tambem já não são as mesmas; as pobres pequenitas adivinham que ha o quer que seja, e tomam o partido da mãe. Todas as affeições se extinguem em torno de mim...

«Deves comprehender como sou desgraçado. É minha a culpa, bem sei, mas isso não me faz soffrer menos, pelo contrario. E depois, é tão grande, essa culpa? Como podia eu luctar contra este sentimento que se apoderou de mim sem que eu désse por tal? Ninguem tem mais força que o coração. O mais que pude fazer foi contel-o; e já é muito. Eu não sou mau, não sou perverso; tinha apenas um grande desejo irrealisado, uma necessidade extraordinaria de amar. Mas para que hei de estar a discutir, a procurar causas e desculpas? Admitta-se que a culpa é só minha, que sou um miseravel, um criminoso, se quizerem: não deixo, por isso, de soffrer muito e não penso senão na minha dôr.

«Peço-te que me escrevas, meu bom amigo, visto que és a unica pessoa com quem posso falar sinceramente. De mais, é provavel que nos vejas apparecer brevemente em Annecy. Aproveito as férias, este anno; hei de até antecipar-me a ellas. O trabalho torna-se-me impossivel. E não imaginas quanto me custa o supportar o fardo das minhas preoccupações, dos meus negocios, do meu papel. Queria poder esconder-me n'um buraco, como um animal ferido, para não vêr nem ouvir cousa alguma que não fosse a minha dôr.

Teu,

Miguel Teissier.

V

Foi um espanto geral, na Camara, quando se soube que Teissier pedira licença e ia ter férias, mais de um mez antes de findar a sessão. É verdade que se notava, havia algum tempo, a prostração e o abatimento que o dominavam, a mudança das suas maneiras e da sua physionomia, como se succumbisse a longas fadigas accumuladas. Os amigos inquietavam-se, já não falavam n'elle sem trocar as phrases do costume:

— O trabalho mata-o...

— Estafou-se...

— Já não pode mais ..

Como, porém, estavam habituados a vêr o piloto no seu posto, não esperavam uma retirada, e admiravam a energia com que elle empregava as ultimas forças.

Effectivamente, durante a quinzena seguinte á crise domestica que o deixára vibrante de commoção, Teissier trabalhou e falou como se estivesse em plena posse das suas idéas. Obteve mesmo alguns dos seus maiores successos oratorios. Discutia-se n'essa occasião o projecto de lei sobre a reforma da instrucção religiosa, do qual Monsenhor Russel tomara a iniciativa e que dera causa a uma verdadeira batalha.

Nunca o partido da reconstituição moral tinha sido tão forte no ataque; nunca tambem as fracções jacobinas haviam tido a sensação mais directa do perigo nem se tinham reunido com mais cohesão afim de conterem o poder, prestes a escapar-lhes. Foi Miguel quem dirigiu o ataque: todos se lembram ainda dos dois discursos que elle proferiu n'essa occasião, assim como do enthusiasmo que esses discursos provocaram. Os jacobinos venceram ainda, mas por tão pouco, que a sua victoria assemelhava-se a uma derrota. A dissolução da Camara parecia inevitavel: effectivamente, foi discutida no conselho de ministros. Mas o

triumpho da direita republicana não admittia duvida, e o governo declarou que, emquanto tivesse um voto de maioria, sustentava a lucta. A legislatura durava ainda dezoito mezes: em dezoito mezes podem realisar-se muitas mudanças.

Foi n'estas circumstancias que Teissier annunciou a sua partida. Os seu amigos politicos, como era natural, diligenciaram detel-o.

De Thornes que, na ausencia de Miguel, tinha a direcção do partido, sabia perfeitamente o que limitava a sua propria acção, e a que ponto a influencia de Teissier era necessaria para lhe corrigir os impulsos praticos, habeis, mas seccos, esterilisados por uma flagrante mediocridade de idéas:

«Eu não descubro senão os meios pequeninos, confessava elle; ás vezes são uteis; mas as grandes inspirações de Teissier são indispensaveis.»

Disse-lh'o a elle mesmo, com a justeza de apreciação e a honestidade de espirito que davam, algumas vezes, a illusão de qualidades mais elevadas:

— Não podemos dispensal-o, repetiu-lhe elle por duas ou tres vezes. É preciso continuar o ataque; e o seu projecto de lei sobre os seguros dos operarios, ao qual se não podia recusar a urgencia, offerecia-nos um terreno ainda mais favoravel do que o projecto sobre a reforma do ensino religioso. Talvez pudessemos fazer cahir o ministerio antes das ferias. A dissolução impunha-se, n'esse caso, e era o triumpho... Mas, bem sabe que não podemos nada sem o meu amigo... Logo que partir, os indifferentes deixam-nos, os neutros reunem-se ao poder, segundo o seu costume... Já vê que se trata de interesses muito graves... Vamos! mais um boccadinho de coragem! mais um esforço!...

— Não quero, respondia Miguel, já não posso... Estou exhausto de forças... Estou doente... Parece-me que se me partiu alguma cousa!...

—Lembre-se de que talvez não tornemos a encontrar uma situação tão favoravel... Reuna toda a sua energia...

—Está gasta, repito... E' forçoso que descance... Não posso já pensar em cousa nenhuma... Se visse o partido afogar-se e não fosse preciso mais que um gesto para salval-o, não tinha força para fazer esse gesto... Na minha terra, nas minhas montanhas, talvez me restabeleça... Sabe que, em se chegando a um certo grau de soffrimento, não pensamos senão em nós mesmos...

O mais que De Thornes obteve foi a promessa de ir votar em caso de urgencia:

— Mas não me chame se a minha presença não fôr absolutamente indispensavel, disse Teissier fazendo esta concessão.

E partiu, com os seus, com a sua ferida que sangrava constantemente, esperando pouco, com o cerebro atormentado por pensamentos que não o deixavam nunca, feliz, comtudo, por escapar á tyrannia dos negocios, por fugir do mundo, do ruido, para ir esconder-se nas solidões abençoadas onde ao menos se pode soffrer socegado, sem augmentar a dôr com o esforço necessario para occultal-a.

Uma pequena *villa*, muito simples, a vinte minutos de Annecy. A brionia trepa ao longo das paredes, emmoldura as janellas, sobe ao telhado. Um prado pequeno, com alguns grupos de arvores, estende-se em talude até á beira do lago. Em um porto minusculo, uma canoa ligeira balouça-se á mais leve aragem que corre sobre as aguas moveis. A ultima vez que estiveram aqui, os Teissier occupavam este mesmo *cottage*. N'esse tempo, Suzanna e Miguel sahiam alegremente, de braço dado, de rostos serenos e frescos como flores em descanço e em plena luz, alegres, com esta alegria de estudantes em ferias que os parisienses fatigados costumam encontrar no campo. Anna e Lourença, esta vacillando nas perninhas ainda pouco solidas,

aquella gorgeando a bonita linguagem que as creanças esquecem depois dos cinco annos, seguiam-os com a governante ou com Branca Estève. Porque esta acompanhava-os, para acabar de convalescer de uma ultima doença de creança: um sarampo tardio, aggravado por outras complicações. Tinha dezeseis annos, uns grandes olhos limpidos, claros como um céu sem nuvens; começava apenas a fazer-se bonita; elles tratavam-a como se fosse uma filha mais velha. Quem havia de imaginar, meu Deus!... Davam bellos passeios, juntos, e Suzanna alegrava-se, quando, depois de uma boa caminhada, via reapparecer côres frescas nas faces da pequena. Quando iam pelas ruas, os moradores cumprimentavam-os com respeito, voltavam-se, falavam uns com os outros, dizendo:

— E' o nosso deputado, com a senhora... Estes, sim, é muito boa gente... Esse bonito par!...

E Suzanna gosava com essa admiração na qual tinha a sua parte.

Agora, pelo contrario, uma atmosphera de tristeza paira sobre a casinha banhada de luz côr de malva, que parece deshabitada, tão silenciosa está sempre. Os Teissier já não dão os seus passeios do costume. E' raro encontrarem-os juntos na cidade, que evitam instinctivamente ou que atravessam com passo rapido, fugindo de todos os olhares. Suzanna, pallida, triste, vagueia pelo jardimsinho que alegram apenas, de tempos a tempos, os brinquedos de Anna e de Lourença. Emquanto a Miguel, sae muitas vezes ao romper do dia, e vae para longe, andando unicamente para andar, quebrando os musculos, adormecendo os nervos, achando uma especie de bem-estar incompleto em entrar em casa exhausto de fadiga, com o cerebro vasio, sem ouvir outra cousa em si mesmo além do zumbido surdo do seu eterno pesar. Mondet, ás vezes, acompanha-o, quando está livre. Mondet é um tanto grosso e pesado, sopra quando anda, incommoda-se com o sol; e toda a sua amisade não é demais para obrigal-o assim a trepar ladeiras ou a percorrer

grandes estradas accidentadas. Os dois amigos partem juntos, Mondet com a sua grossa bengala de gancho e ponteira de aço, Teissier com as mãos vasias, pendentes ou atraz das costas. Caminham de vagar, sem destino, conversando intimamente, com pausas e momentos de silencio. Não tarda que se vejam no meio da solidão: a solidão animada e pacifica dos campos onde os ceifeiros trabalham á luz do sol, entre o ouro dos trigos, ou a dos bosques, onde os vôos de passaros deslisam furtivamente, emquanto que as libellulas vibram nos discos de sol filtrados atravéz da folhagem. E as suas conversas não variam quasi nada. A' partida é Mondet quem dá assumpto para o thema, sabendo que Miguel espera já a pergunta:

— Então, como vae isso?

A resposta é a de um doente, atacado por uma enfermidade chronica que observa sem cessar, com alguma hypocondria:

— A mesma cousa...

E, depois de um breve silencio, Teissier repete:

— Sim, os dias vão passando, e a ferida cá está, sempre!...

Mondet não diz nada, esperando de certo, que elle fale; elle continúa:

— A's vezes desejo recuperar a actividade para me ver obrigado a pensar em outra cousa...

Porque eu não sou um contemplativo, como sabes, e devoro-me n'esta constante preoccupação de mim mesmo... Outras vezes, porém, tenho medo do contacto dos homens, dos negocios, dos votos, d'essas barafundas, d'essas trapalhadas que já não me interessam nada.

Mondet, então, arrisca-se a reprehendel-o, brandamente, como quando se ralha com uma creança docil, que fez travessura e que só a indulgencia pode trazer a bom caminho:

— Vamos, Miguel, não te abandones assim!... Resiste!... Resiste um pouco, que diabo!... Um homem na tua

posição, um grande homem, que pode ser ministro quando quizer...

— Talvez antes, interrompe Miguel com um sorriso triste .. Eu nunca fui ambicioso, e agora muito menos o sou. Deves comprehender isto: logo que não tenho nem posso ter o que desejo, o resto, que me importa?...

— E o bem que tens feito?... E o que pódes ainda fazer?... Porque, emfim, se te deixas ir por agua abaixo, perdes as forças...

— O bem! exclama Teissier com um grande gesto de incerteza, parando no meio do caminho... O bem...

— Agora tambem caes no scepticismo?... Ah! as mulheres, as mulheres!... Não fazem senão mal, mesmo as melhores d'ellas!

— O bem! repete Miguel sem responder a este ataque. Ah! meu caro, sinto-me cheio de duvidas!...

E continua, com gestos largos, tocando n'um dos pontos mais dolorosos da sua nova existencia:

— Ha mais de seis annos que me consagro á reconstituição das forças sociaes e dos principios conservadores... Mas agora que sou victima d'elles, percebo como é tudo falso, barbaro e deshumano n'essa organisação do mundo da qual me fiz defensor!... Comprehendo bem os que a atacam porque tem soffrido com ella!... Sim, os que querem mudal-a, os que querem destruil-a, mesmo! .. A ordem, eu quiz a ordem! .. Não sabia de que renuncias, de que torturas ella se compõe... E para que, afinal?... Para que havemos de recusar-lhe os seus direitos?... Ella não acaba sempre por ter mais força do que nós?...

D'essa vez é Mondet que o interrompe:

— Vê lá o que dizes; um passo mais e...

— ...E estarei fóra da moral, fóra da religião, é o que queres dizer?... Pois olha, não sei se o não estou já... não digo completamente: seguro-me o melhor que posso... O que é humano foge-me, mas resta-me Deus, que está sempre presente...

— Um pouco longe, insinua Mondet, que, pelo que diz respeito a materias religiosas, nunca teve convicções muito solidas.

— Sinto-o mais perto de mim desde que soffro, meu caro... É fraqueza, dirás tu. Será. Mas, que importa, se essa fraqueza me dá força?... Sim, Deus, a Egreja, a religião não eram para mim, até agora, senão machinas sociaes, forças utilisaveis para a conservação da ordem.... Agora acho-lhes outra razão de ser... Que queres? necessito esperar alguma cousa...

Mondet não replica; estes assumptos irritam-o e, comtudo, não quer contradizer Miguel ou affligil-o mais: a occasião não é propria para discutir, diz elle com os seus botões; e guarda para outra vez os seus argumentos. Os dois amigos caminham então em silencio, um ao lado do outro, param afim de admirar um ponto de vista, almoçam uma *omelette* em qualquer estalagem, dirigem-se para a cidade, a passos mais lentos. E a conversa gira sempre no mesmo circulo. Mondet não perde a paciencia senão quando Teissier, analysando as suas lembranças recentes, accusa Suzanna, contra a qual sente rugir no peito um surdo rancor. Defende-a, então, com toda a eloquencia que lhe dá o seu bom senso; e Teissier irrita-se ainda mais:

— Tinha-a na conta de generosa: foi cruel...

— Querias então que ella te cedesse á outra e lhe agradecesse, ainda por cima!...

— Não... Queria unicamente que tivesse alguma intelligencia, alguma compaixão... Branca escreveu-lhe uma carta admiravel: ella nem sequer respondeu... Egoismo e amor proprio, nada mais...

— ...Cala-te, estás a calumnial-a; comtudo, sabes perfeitamente...

— ...Julgava que sabia: enganava-me... É preciso haver tempestade para o lodo vir á superficie da agua, e é durante as crises que se vê o intimo do coração... Egoismo e amor proprio, repito... Alguma estupidez, tam-

bem... Porque, emfim, ella devia comprehender que eu nunca lhe perdoava este sacrificio completo que exigiu de mim... Emquanto que, se tivesse ao menos consentido que escrevesse, nos primeiros tempos!... Oh! ficar-lhe-hia infinitamente reconhecido e estaria com o espirito muito mais tranquillo...

— Ah! precisavas bem d'isso, meu caro!... Nunca se viu ninguem disparatar d'essa maneira! É caso para se julgar que já não distingues a direita da esquerda... Quando estiveres lucido, ha de custar-te a crêr que tivesses pensado essas cousas, e dizel-as .. Felizmente, não as dizes senão a mim, e eu esqueço-as...

Um dia que elle lhe repetia isto, Miguel disse-lhe bruscamente, como que inspirado por uma idéa subita:

— Ouve, Mondet!... Se tu escrevesses a Branca? Que te parece isto?

Mondet protestou:

— Eu?... E o que tinha eu a dizer-lhe santo Deus?...

— Em primeiro logar, explicou Miguel pausadamente, tu pódes muito bem escrever-lhe: conhece-l'a bastante para que isso não tenha nada de extraordinario: tu que foste o amigo mais intimo do pae d'ella...

— Depois de ti.

Miguel não replicou á censura.

— Podias dizer-lhe que falamos n'ella, ambos... Ella respondia-te... Dava-te noticias suas...

— E sabia que não a esqueces... Não, não, meu caro, é de mais isso que me pedes: nunca te auxiliarei n'uma cousa que desapprovo... Logo que entrasses n'esse caminho, não quererias deter-te e reatar-se-hiam as relações, por minha intervenção... Ora, eu sou a favor de tua mulher, que é uma boa e nobre creatura, digas tu o que disseres, e que te ama com um amor que vale mais que o outro... Não farei nada que seja contra ella; por ella, em primeiro logar... e tambem porque era fazer-te mal, a ti...

Miguel conhecia bastante o seu amigo para não insistir. Mas, por outro lado, a especie de idéa fixa que o perseguia, augmentava na ociosidade dos seus dias, na solidão dos seus passeios, no aborrecimento que o invadia e que era cada vez maior. Acabou por pegar na penna, faltando assim á sua promessa:

«Não posso viver sem saber nada a seu respeito, Branca, escreveu elle, não posso ignorar o que faz, onde está, o que pensa. Falto á minha palavra, e envergonho-me; mas envergonhava-me ainda mais se não faltasse...»

Pensava que escrevia com facilidade, que poria no papel todo o amor e toda a angustia que lhe enchiam o coração. Mas as palavras são traiçoeiras: o que ha, que se possa escrever, que valha um olhar?... Assim, foi com esforço que continuou:

«Se soubesse como os dias são longos e tristes, estes interminaveis dias de verão em que o sol brilha sobre nós durante quinze horas, tão alegre, insultando as nossas tristezas! Já não ha felicidade, não ha paz, não ha alegria, e estes logares que tanto amei, estes logares onde a cada passo encontro alguma cousa do passado, agora não são mais do que uma prisão monotona onde me encerrei. A sua lembrança apagou tudo, não procuro outra cousa na solidão das paisagens, e sei tão bem que nunca mais poderei encontral-a ahi, Branca!... Lembra-se da estação que passámos aqui juntos, ha quatro annos? Eu ainda não a amava, n'esse tempo. Branca era uma creança que começava a fazer-se senhora, e, comtudo, já tão deliciosa!... Estou bem certo, porventura, de que ainda não amava? Quando me lembro de si, agora n'esta mesma casa onde brincava com Annie, parece que a ouço rir, e falar! Lembro-me tambem de um certo dia que fomos ambos á egreja. Branca estava muito recolhida: tive de contar-lhe a

historia toda de S. Francisco de Salles, e interessou-se tanto por ella, que á sahida, comprei-lhe n'uma livraria, a vida d'esse santo, do padre Marsollier...»

Miguel interrompeu-se afim de meditar um instante n'esse episodio que acabava de evocar: tornou a ver, com uma clareza surprehendente, o delicado perfil de Branca, de chapeu de palha, vestido claro, parando, na rua, para abrir o livro religioso e folheal-o. Talvez fosse essa a primeira vez que elle notou como ella era graciosa.

«...Depois, quantas recordações desvaneceram esta! continuou elle. Cercam-me, opprimem-me, levam-me para junto de si. Oh! aquellas horas deliciosas em que eu sentia a caricia do seu amor, o encanto da sua ternura, todo o thesouro da sua alma, que abrira para mim! Era a minha luz, Branca, eu vivia em si, unicamente! E agora estamos separados pela crueldade das cousas, entre nós ha o abysmo do nosso destino e da nossa vontade...»

Parou, de novo, com um gesto de desalento:

«Para que hei de escrever-lhe estas cousas, murmurou, para quê?» E ficou muito tempo deante da carta começada, hesitando em continual-a, sentindo idéas muito vagas revolverem-se-lhe na cabeça, que lhe doía. Depois, com um movimento quasi machinal, tornou a pegar na penna e continuou:

«...Mas esta separação, Branca, não me impede de ser seu, apesar de tudo. Foi para lh'o dizer que quiz escrever-lhe: seria tão cruel para mim pensar que Branca podia julgar-se esquecida! Ai! nós não somos dos que esquecem! Estou certo de que o seu coração se conserva fiel ao meu, da mesma maneira que o meu ao seu. Sim, estou certo d'isso, e, comtudo, algumas vezes tenho duvidas e penso que talvez fosse melhor...»

Decididamente, não dizia o que queria dizer: as phrases sahiam-lhe frias, não trahiam nenhuma das tempestades, que o agitavam. Que força, que obstaculo era então esse que o não deixava exprimir-se livremente, como tencionara? Perdendo a esperança de conseguil-o, hesitou um momento em rasgar a carta. Mas não poude resolver-se a isso e concluiu-a:

«Escrever-me-ha? Uma palavra, unicamente, para eu saber que não é excessivamente desgraçada, que sente, como eu, alguma consolação em pensar que nos conservamos unidos atravez da distancia, e que o nosso doloroso amor é mais forte que a sociedade, mais forte que o espaço. Escreva-me para casa de Moudet, peço-lhe: elle entregar-me-ha a sua carta. É um excellente amigo: sabe tudo, comprehende-nos. Se soubesse com que impaciencia vou esperar os correios!... Adeus, Branca, não lhe escrevi como desejava escrever-lhe; não soube. Perdoe-me: as palavras não são mais do que palavras e o amor é o amor...»

(Continúa.)

Alphonse DAUDET.

A ESTATUA DE SERAPIS

Sua destruição

Viu-se Constantino fechar os olhos, como se recuasse de horror perante o espectaculo da obra que a fatalidade lhe impunha; viram-o agarrar com a mão esquerda um dos canudos da barba do deus, e com a direita brandir uma pancada formidavel; viu-se, ouviu-se, sentiu-se descer o machado duas vezes, sibilando, sobre a face de Serapis; viu-se, ouviu-se o marfim polido cahir em discos redondos — grandes e pequenos — sobre as lages de pedra, resaltando com elasticidade ou partindo-se ruidosamente em pedaços.

Produziu-se então uma bulha e uma vozearia enormes, tal como o raio cahindo, e depois como o mugido das ondas que se quebram. Constantino havia desapparecido: sobre os degraus sustinham-se escadas portateis, n'um tropel confuso, cavalleiros bardados de ferro e frades que concluiam a obra de destruição.

Logo que os primeiros golpes haviam sido vibrados, e o deus os havia recebido n'uma tranquillidade impotente, todos á uma cahiram sobre elle poupando ao seu chefe a

magua de continuar o trabalho destruidor. Em breve, no logar da estatua magestosa da divindade, o nicho apenas continha um pedaço de madeira informe, horrorosa, junto ao qual jaziam, em montão confuso, taças de marfim, pratos de ouro, fragmentos de marmore.

A grande imagem estava profanada.

Serapis já não existia: o céu pagão tinha perdido o seu rei.

N'um furor surdo, mas com a alma alliviada da sua angustia, os adoradores do deus decahido juntaram-se fóra, ao ar livre, e procuraram, em vão, no céu, nuvens vingadoras. O azul, sem mancha, resplandecia de uma luz serena.

EBERS.

Nota. Archeólogo erudito, egyptólogo distinctissimo, professor em Berlim, Ebers, que nasceu em 1837, quiz vulgarisar a sciencia por meio dos seus romances egypcios: e até certo ponto conseguiu-o. Os seus interessantes romances: ***Uma filha de rei de Egypto***, ***Uarda***, ***As Irmãs***, ***O Imperador Adriano***, ***Serapis***, tornaram o seu nome celebre. Entre os seus outros romances, historicos ou philosophicos, o mais bello e o mais suggestivo é ***Homo sum***, narrativa anachoreta do seculo iv. Ebers desenrola com vivas côres vastos quadros de historia, ou pinta como poeta épico as ultimas luctas do paganismo e do christianismo.

O FIM DO MUNDO

Vi em seguida um ceu novo e uma terra nova; porque o primeiro ceu e a primeira terra tinham passado.

APOCALYPSE, XXI, 1.

PRIMEIRA PARTE

No seculo XXV — As theorias

CAPITULO III

A sessão do Instituto

(Continuação)

Facevano un tumulto, il qual s'aggira
Sempre in quell'aria senza tempo tinta,
Come l'arena quando il turbo spira.

DANTE, *l'Inferno*, III, 10.

— A sciencia, replicou o Secretario perpetuo, tem estado de accordo mais de uma vez com as profecias dos nossos antepassados. O incendio devoraria primeiro as regiões terrestres feridas pelo cometa. Todo o lado da Terra attingido pela immensa massa cometaria seria queimado antes dos habitantes do outro hemispherio terem dado pelo cataclysmo. Mas o ar é um mau conductor do calor, e este não se transmittiria immediatamente ao ponto opposto.

«Se o nosso lado estivesse justamente voltado para o cometa nos primeiros minutos do encontro, seria o tropico de Cancer, os habitantes de Marrocos, da Algeria, de Tunis, da Italia, da Grecia, do Egypto, que se encontrariam

nas primeiras filas da batalha celeste, emquanto que os cidadãos da Australia, da nova Caledonia, das ilhas da Oceania e os nossos antipodas seriam os mais favorecidos. Mas haveria uma tal chamada d'ar pela fornalha europêa, que um vento de tempestade, mais violento do que todos quantos se teem formado nos tufões mais espantosos que na terra tem havido, e mais formidavel ainda do que a corrente de 400 kilometros por hora que reina constantemente no equador de Jupiter, começaria a soprar dos antipodas para a Europa e a derrubar tudo na sua passagem. A Terra, gyrando sobre si mesma, traria successivamente ao eixo do choque os paizes situados a oeste do meridiano primeiramente ferido. Uma hora depois da Austria e da Allemanha, seria a França; logo depois a Hespanha e a Inglaterra; depois o Oceano Atlantico, depois a America do Norte, que não chegaria ao mesmo eixo, um pouco obliquo em consequencia da marcha do cometa para o seu perihelio, senão cinco ou seis horas depois da França, isto é proximo do fim da passagem.

«Apesar da velocidade inaudita do cometa e da Terra, a pressão cometaria é fóra de duvida que não seria enorme, dada a extrema rarefacção da substancia atravessada pela Terra; mas esta substancia, encerrando sobretudo carbonio, é combustivel, e, na exaltação dos seus ardores perihelicos, vê-se muitas vezes estes astros accrescentarem uma luz propria á que recebem do Sol: os cometas tornam-se incandescentes. O que seria no choque terrestre! A inflammação das estrellas cadentes e dos bolides, a fusão superficial dos uranolithos que chegam ardentes á superficie do solo, tudo nos conduz a pensar que o calor mais intenso seria o primeiro e o mais consideravel effeito do encontro, o que não impediria evidentemente os elementos massiços, que formam o nucleo do cometa, de esmagarem os pontos feridos pela sua passagem, e talvez mesmo de deslocarem um continente inteiro.

«O globo terrestre achando-se envolto pela massa come-

taria, durante sete horas proximamente, gyrando a terra no interior d'esse gaz incandescente, soprando com violencia uma grande tiragem d'ar para o incendio, começando o mar a ferver e enchendo a atmosphera de vapores novos, cahindo das cataractas celestes uma chuva quente, suspensa por toda a parte a tempestade, as deflagrações electricas do raio lançando relampagos para todos os lados, accrescentando-se os ribombos do trovão aos urros da tempestade, e tendo a antiga luz dos bellos dias dado logar ao clarão lugubre e pallido da atmosphera, não tardaria que todo o globo fosse invadido pelo estrepito da grande lamentação funebre e o cataclysmo tornar-se-hia universal, ainda que a morte dos habitantes dos antipodas fosse sem duvida differente da dos primeiros. Em vez de serem immediatamente consummidos pelo fogo celeste, morreriam suffocados pelo vapor ou pelo predominio do azote — pois o oxygenio teria diminuido rapidamente — ou envenenados pelo oxydo de carbone; o incendio não faria em seguida mais do que incinerar-lhes os cadaveres, emquanto que os europeus e os africanos teriam sido queimados vivos.

«Tomei como exemplo o cometa historico de 1811; mas apresso-me a accrescentar, terminando, que o cometa actual parece incomparavelmente menos denso. E como se viu, eu tratei o problema de um modo bastante desinteressado, persuadido de que, se formos victimas de um choque, não morreremos d'elle.

— Está-se bem certo, exclamou de um camarote uma voz conhecida (era a de um membro illustre da Academia dos cirurgiões,) está-se bem certo que o cometa seja essencialmente composto de oxydo de carbone? As observações spectroscopicas não encontraram tambem as riscas do azote? Se fosse protoxydo de azote, o resultado da mistura da atmosphera cometaria com a nossa poderia ser a anesthesia dos terrianos. *Toda a gente adormeceria,* talvez para

não mais acordar, se a suspensão das funcções vitaes durasse sómente um pouco mais tempo do que nas nossas operações cirurgicas. O mesmo succederia se o cometa fosse composto de chloroformio ou de ether. Seria um fim bastante tranquillo.

«Sel-o-hia menos, accrescentou elle, se o cometa absorvesse o azote em logar do oxygenio, porque essa extracção gradual ou total do azote produziria dentro d'algumas horas, em todos os habitantes da Terra, homens, mulheres, creanças, velhos, uma mudança de genio que não teria nada de desagradavel: primeiro uma serenidade encantadora, em seguida uma alegria contagiosa, depois um jubilo universal, uma expansão ruidosa — uma exaltação febril, — emfim o delirio, a loucura, e, segundo toda a probabilidade, uma dança phantastica terminando pela morte nervosa de todos os seres, na apotheose de uma sarabanda insensata e de uma sobrexcitação inaudita de todos os sentidos. *Toda a gente rebentaria de riso*... Seria este um fim tragico?...

— A discussão continúa aberta, replicou o secretario perpetuo; o que eu disse das consequencias incendiarias possiveis do encontro applicar-se-hia a um choque directo de um cometa analogo ao de 1811; o que nos ameaça é menos colossal, e o seu choque não será directo, mas obliquo. Como os astrónomos que me precederam n'esta tribuna, eu acreditaria antes, no caso actual, em um simples fogo de artificio.

«Accrescentarei que poderiam manifestar-se phenomenos chimicos bem inesperados. Assim, por exemplo, ninguem ignora aqui que a agua e o fogo se assemelham: hydrogenio que arde pela sua combinação com o oxygenio, ou hydrogenio combinado com oxygenio, são cousas bem proximas. A agua dos mares, dos lagos, dos rios é formada de dois volumes de hydrogenio combinados com um de oxygenio. Na origem do nosso planeta esta agua era

fogo. Poderia voltar ao seu antigo estado se por certos phenomenos de electrolyse os ferros magneticos de um nucleo cometario viessem a decompol-a dissociando as suas moleculas de hydrogenio e fazendo-as arder: todos os mares poderiam incendiar-se rapidamente...»

Emquanto o orador falava ainda, uma rapariga da administração central dos telephones tinha chegado por uma porta baixa, conduzida por um macaco domesticado, e precipitava-se como o relampago até ao logar do Presidente, para lhe entregar directamente um grande sobrescripto internacional quadrado. Este foi aberto immediatamente. Era um telegramma remettido do Observatorio do Gaorisankar. Continha estas simples palavras:

«*Habitantes de Marte enviam mensagem photophonica. Será decifrada dentro d'algumas horas.*»

«Meus senhores, disse o presidente, acabo de ver muitos ouvintes consultar os seus relogios, e penso do mesmo modo que elles, ser-nos materialmente impossivel exgotar n'esta sessão a ordem do dia d'esta importante discussão, na qual devem ainda tomar parte representantes eminentes da geologia, da historia natural e da geonomia [1]. E além d'isso, o telegramma acabado de ler introduzirá sem duvida um novo elemento no problema. Estamos proximos das seis horas. Proponho uma sessão complementar para esta mesma noite ás nove horas. É provavel termos então já recebido da Asia, a traducção da mensagem martianna. Vou, tambem, solicitar do sr. Director do Observatorio que se mantenha em communicação telephonoscópica permanente com o Gaorisankar. No caso em que a mensagem

[1] Antiga physica do globo.

não tenha sido decifrada ainda ás nove horas, o sr. presidente da sociedade geologica de França poderia abrir a sessão pela exposição do estudo, que elle acaba precisamente de terminar sobre «o fim natural do mundo terrestre». Todos se interessam apaixonadamente n'este momento por tudo quanto respeita a esta questão capital, quer o fim do nosso mundo deva verdadeiramente depender da ameaça mysteriosa suspensa n'este momento sobre as nossas cabeças, quer tenha de produzir-se por outras causas calculaveis.

CAPITULO IV

Como ha de acabar o mundo

A hora final chegará, sobre isso não ha duvida, e no entretanto a maior parte dos homens não crêem em tal.

MAHOMET, *Alcorão*, XL, 61.

A multidão immobilisada ás portas do Instituto afastara-se para abrir passagem á sahida dos ouvintes, alvoroçados todos por conhecerem o resultado da sessão. Este resultado, não se sabe como, havia já transpirado, em seguida ao discurso do director do Observatorio de Paris, e circulava o boato de que o encontro do cometa não seria provavelmente tão fatal, como o haviam annunciado. De mais, acabavam de ser affixados nas principaes esquinas de Paris, cartazes immensos, annunciando a reabertura da Bolsa de Chicago. Era um estimulo imprevisto dado ao reatamento dos negocios publicos e ás actividades da vida normal. Eis o que se havia passado.

Depois de ter rolado, como uma bola, do mais alto ao mais baixo degrau do hemicyclo, o principe da finança cuja sahida brusca póde ter impressionado o leitor d'estas pagi-

nas, precipitava-se em aérocab para os seus escriptorios do boulevard Saint-Cloud, e telephonava para o seu socio de Chicago, declarando-lhe que vinham de ser apresentados nóvos calculos ao Instituto de França, que o acontecimento cometario não teria a gravidade annunciada, que a reabertura dos negocios estava imminente, que era preciso a todo o custo reabrir a Bolsa central americana, e comprar todos os titulos que se apresentassem, quaesquer que elles fossem. Quando são quatro horas da tarde em Paris, são dez horas da manhã em Chicago. O financeiro estava a almoçar quando recebeu o phonogramma de seu primo. Não teve difficuldade em preparar a reabertura da Bolsa e em comprar muitas centenas de milhões de titulos. A reabertura da Bolsa de Chicago havia sido immediatamente annunciada por cartazes em Paris, onde teria sido tarde de mais para fazer o mesmo jogo, mas onde se podia preparar o do dia seguinte por novas combinações financeiras. O publico tinha crido benevolamente n'um regresso pessoal e espontaneo dos americanos aos negocios, e associando esse retorno com a impressão satisfactoria da assemblea academica, tinha-se deixado enleiar de novo nos raios da esperança.

Não foi, comtudo, menos apressado em comparecer á sessão das nove horas do que o havia sido á das tres, e se não fosse um serviço especial de guardas de França, teria sido impossivel aos ouvintes privilegiados chegar ás portas do palacio. Descera a noite; o cometa ostentava-se, flammeante, mais extenso, mais brilhante, mais ameaçador do que nunca estivera, e se, talvez, metade dos seres humanos parecia mais ou menos tranquillisada, a outra metade, e não a menos interessante, conservava-se agitada, nervosa, fremente.

O auditorio era sensivelmente o mesmo que o anterior, cada um tendo a peito conhecer immediatamente os resultados d'esta discussão publica geral, feita pelos sabios mais auctorisados e mais eminentes, sobre a sorte reservada ao

nosso planeta pelos accidentes celestes ou pela espectativa tranquilla de uma morte natural. Todavia, notou-se a ausencia do cardeal-arcebispo de Paris, chamado subitamente a Roma pelo papa para um concilio ecumenico, e que partia n'essa noite mesmo pelo tubo Paris-Roma-Palermo-Tunis.

«Meus senhores, disse o presidente, não recebemos ainda a traducção do despacho martiano assignalado pelo Observatorio do Gaorisankar, mas podemos abrir immediatamente a sessão para ouvir as importantes communicações annunciadas pelo sr. presidente da sociedade geologica e pelo sr. secretario geral da Academia meteorologica. Dou, portanto, a palavra ao primeiro.»

O orador estava já na tribuna. Expressou-se nos termos seguintes, stenographados com fidelidade por uma joven geóloga da nova escola.

«A affluencia tão consideravel que se comprime n'este recinto, a commoção que vejo pintada em todos os rostos, a impaciencia com que são esperadas as discussões que devem ainda apresentar-se aqui, tudo me levaria, senhores, a abster-me de expôr aqui a opinião a que os meus estudos me conduziram no que respeita ao problema actualmente agitado sobre a superficie inteira do nosso globo, e a deixar a palavra a espiritos mais imaginativos do que o meu, ou mais audaciosos. Porque, para mim, o fim do mundo não está proximo, e a humanidade, em logar de o ver chegar esta semana, esperal-o-ha sem duvida ainda durante... muitos milhões d'annos..., sim, meus senhores, eu disse muitos *milhões*, e não muitos milhares.

«Estão-me vendo em perfeita tranquillidade, n'este momento, e creiam senhores, que eu não tenho o mesmo merecimento de Archimedes quando, ao traçar com serenidade as suas figuras geometricas sobre a areia, foi de-

golado pelo soldado romano do cêrco de Syracusa. Archimedes conhecia o perigo e esquecia-o; eu, porém, não acredito no perigo.

Ninguem ficará, por conseguinte, surprehendido ouvindo-me expôr com a maior calma a theoria do fim natural do nosso mundo pela nivelação muito lenta dos continentes e pela submersão gradual das terras sob a invasão das aguas... Mas talvez fosse melhor eu adiar esta dissertação para a semana proxima..., porque não duvido um só instante que poderemos ainda estar todos — ou quasi todos — aqui para nos occuparmos das grandes épocas da natureza.»

Aqui o orador fez uma pausa de um instante.

O presidente tinha-se levantado: «Caro e eminente collega, disse elle, estamos aqui todos para ouvil-o. Muito felizmente, o panico d'estes ultimos dias está parcialmente acalmado, e espera-se que o dia 14 de julho proximo ha de passar como os precedentes. Não obstante o interesse é ainda extraordinario por tudo quanto respeita ao grande problema, e não ha palavra que se ouça com mais prazer do que a do illustre auctor do classico *Tratado de geologia*.

— Pois bem, meus senhores, continuou o presidente da Sociedade geologica de França, eis como o mundo morrerá de morte natural, se nada vier transtornar o curso actual das cousas, o que é provavel, visto como os accidentes são raros na ordem do cosmos. A natureza não dá saltos bruscos; os geologos não crêem já nas revoluções subitas, nos cataclysmos do globo, pois aprenderam qne tudo marcha gradualmente por evolução lenta. Em geologia, as causas actuaes são permanentes.

«Se é dramatico imaginar o nosso globo arrastado n'uma catastrophe universal, com certeza que o é menos, ver a simples acção das forças actualmente em obra ameaçar egualmente o nosso planeta com uma destruição certa.

Não parecem os nossos continentes de uma estabilidade indefinida? Como se poderia pôr em duvida a permanencia indefinida d'esta terra, que tem produzido e sustentado tantas gerações antes da nossa, e sobre a qual os monumentos da mais alta antiguidade bem mostram que, se os não vemos hoje senão em estado de ruinas, não é porque o sólo se tenha recusado a sustel-os, mas sim porque soffreram as injurias do tempo — e sobretudo as do homem? *Tempus edax homo edaciar!* Tão longe quanto remontam as nossas tradições, representam-nos ellas os rios correndo no mesmo leito que hoje, as montanhas erguendo-se á mesma altura; e por algumas embocaduras que se obstruem, por alguns esboroamentos que se notam aqui e acolá, a sua importancia é tão fraca, relativamente á massa enorme dos continentes, que não parece dar o prognostico de uma destruição final.

«Assim póde raciocinar aquelle que não detem, sobre o mundo exterior, senão um olhar superficial e indifferente. Mas inteiramente outra será a conclusão de um observador habituado a prescrutar, com olhos attentos, as modificações, mesmo de apparencia insignificante, que se passam em torno d'elle. A cada passo, por pouco que saiba vêr, surprehenderá em acção os vestigios de uma lucta incessante travada pelas potencias externas da naturesa contra tudo o que excede o nivel inflexivel do oceano, no fundo do qual reinam o silencio e o repouso. A chuva, a geada, a neve, o vento, as nascentes, os ribeiros, os rios, todos os agentes meteóricos concorrem para modificar perpetuamente a superficie do globo. Os valles são cavados pelos cursos d'agua e mais tarde atulhados pelas terras arrastadas. Tudo muda incessantemente. Aqui é o mar que bate furiosamente as suas praias e as faz recuar de seculo em seculo. Acolá, são porções de montanhas que desabam eugulindo em alguns minutos muitas aldeias, e semeando a desolução no meio dos valles mais risonhos: as avalanchas e as torrentes desaggregam as montanhas. Ou então,

são cones vulcanicos, contra os quaes embatem as chuvas tropicaes, recortando n'elles profundas ravinas, cujas paredes se esborôam e mostram ruinas no logar d'esses gigantes. Os Alpes e os Pyreneus perderam já mais de metade da sua altura.

«Mais silenciosa, mas não menos efficaz, é a acção dos grandes rios, como o Ganges e o Mississipi, cujas aguas são tão fortemente carregadas de particulas em suspensão. Cada grão de areia que perturba a limpidez d'essas aguas é um fragmento arrancado á terra firme. Lentamente, mas com segurança, as ondas conduzem para o grande reservatorio do mar tudo o que a superficie do sólo perdeu, e os residuos, que se ostentam á vista nos deltas, nada são ao lado dos depositos que o mar recebe para os dispersar nos seus abysmos. Como é que o pensador, testemunha de tal obra, e sabendo que ella continua durante os seculos, póde subtrahir-se á idéa de que, na realidade, os rios, como as vagas do oceano, trazem permanentemente o lucto da terra firme?

«Esta conclusão é confirmada pela geologia em todos os pontos. Faz-nos vêr, sobre a extensão inteira dos continentes, a superficie do sólo constantemente atacada, quer pelas variações da temperatura, quer pelas alternativas da seccura e da humidade, do gêlo e do degêlo, quer ainda pela incessante acção dos vermes ou dos vegetaes. D'ahi um processo de desaggregação, que termina por derruir mesmo as rochas mais compactas. Os fragmentos rolam primeiro sobre os declives e no leito das torrentes, onde se desgastam e se transformam a pouco e pouco em cascalhos, areias e limos, e depois nos rios, que conservam ainda pelo menos durante as suas cheias, força snfficiente para os conduzir até ás suas embocaduras.

«É facil prevêr qual deve ser o resultado final de tal acção. A gravidade, sempre actuante, não é satisfeita senão quando os materiaes submettidos ao seu imperio conquistaram a situação mais estavel. Ora tal conquista não é

realisada senão no dia em que esses materiaes não podem descer mais. E' necessario, portanto, que todo o declive chegue a ser supprimido até ao oceano, reservatorio commum, onde vae terminar toda a potencia de transporte, e que as parcellas tiradas aos continentes sejam disseminadas no fundo do mar. Em resumo, é o aplanamento completo da terra firme, ou, para melhor dizer, a destruição de todo o relêvo continental.

«O resultado da corrosão pelas aguas correntes deve ser fazer nascer, sobre as linhas de repartição de um paiz, arestas agudas, passando rapidamente a planicies quasi absolutamente chatas, entre as quaes se não manteria em ultima analyse, nenhum relêvo superior a uma cincoentena de metros.

«Mas em nenhuma parte as arestas agudas, que esta concepção deixa subsistir á separação dos leitos, estariam em circumstancias de se manter muito tempo, porque a gravidade, a acção do vento, a das infiltrações e das variações de temperatura bastariam para lhe provocar o esboroamento. Assim, é legitimo dizer que o termo a que deve fatalmente conduzir a corrosão continental é o *aplanamento completo da terra firme*, assim conduzida a um nivel apenas differente do da emboccadura dos cursos d'agua.»

O coadjuctor do arcebispo de Paris, que occupava o logar da Eminencia na tribuna dos altos funccionarios, levantou-se e interrompeu o orador:

«E d'esse modo, observou elle, serão verificadas á letra as palavras da Escriptura: «Todos os valles serão cheios; todas as montanhas e collinas serão abatidas.»

— A Biblia annunciou tudo, respondeu o geólogo, tanto a agua como o fogo, tanto o frio como o calor, e os espiritos engenhosos podem encontrar n'ella tudo o que desejam. Do que nós podemos estar seguros é de que, se nada

modificar as condições reciprocas da terra firme e do occeano, o relêvo continental está fatalmente destinado a desapparecer.

«Quanto tempo será preciso para isso?

«A terra firme, se se extendessem uniformemente todas as montanhas, apresentar-se-hia como um plan'alto dominando por toda a parte o mar, em escarpas de 700 metros, pouco mais ou menos, de altura.

«Se admittirmos que a superficie total dos continentes é de 145 milhões de kilometros quadrados, d'ahi resultará que o volume da massa continental emergida póde ser avaliada em 145.000.000 × 0,7 ou 101.500.000, ou, em numeros redondos, *cem milhões de kilometros cubicos*. Tal é a provisão, seguramente respeitavel, mas não indefinida, contra a qual se exerce a acção das potencias destruidoras.

«Todos os rios juntos podem ser considerados como arrastando cada anno para o mar 23.000 kilometros cubicos d'agua (ou dizendo-se por outra fórma, 23.000 vezes mil milhões de metros cubicos). Tal dispendio, para a relação estabelecida de 38 partes sobre 100.000, daria um volume de materias solidas egual a *10 kilometros cubicos e 43 centesimos*. Este numero está para o do volume total dos continentes como 1 está para 9.630.000: se a terra firme fosse um plan'alto uniforme de 700 metros de altitude, perderia, só por este facto, *uma camada de proximamente sete centesimos de millimetro* por anno, ou um millimetro em quatorze annos, ou *sete millimetros por seculo*.

«Eis, senhores, um numero positivo, que exprime o valor actual da corrosão continental. Applicando-o ao conjuncto dos continentes, acha-se que esta corrosão, a operar sósinha, destruiria *em menos de dez milhões d'annos* a massa inteira das terras emergidas.

«Mas a chuva e os cursos d'agua não são os unicos agentes empregados n'esta obra do globo; ha outros factores

que contribuem para a destruição progressiva da terra firme. O primeiro é a corrosão maritima.

«E' difficil escolher melhor typo d'esta corrosão do que o das costas britannicas; porque a sua situação expõe-as ao assalto das ondas atlanticas, impellidas pelos ventos dominantes do sudoeste, e cuja violencia não foi amortecida por nenhum obstaculo. Ora, o recuo medio do conjuncto das costas inglezas é certamente *inferior a tres metros por seculo*. Extendamos esta percentagem a todas as praias maritimas, e vejamos o que d'ahi póde resultar.

«Póde proceder-se a esta investigação de duas maneiras. A primeira consiste em avaliar a perda de volume que representa, para a totalidade das praias, um recuo de 3 centimetros por anno. E' necessario para isso conhecer o seu desenvolvimento, bem como a sua altura média. Esse desenvolvimento, para todo o globo, é de 200.000 kilometros proximamente. Emquanto á altura das costas acima do mar, é exaggero fixal-a, em média, em cem metros. E assim, um recuo de 3 centimetros corresponde a uma perda annual de 3 metros cubicos por metro corrente, ou, para 200.000 kilometros de costas, 600 milhões de metros cubicos, o que prefaz simplesmente *seis decimos de kilometro cubico*. Por outros termos, a corrosão maritima não representaria senão a *decima-setima* parte do trabalho das aguas meteoricas!

Continúa.

Camillo FLAMMARION.

PORTUGAL EM 1787

«Beckford [1] era filho d'aquelle espirituoso William Beckford, que sendo lord mayor em Londres, com resolução rara dirigiu a Jorge III, em 1770, as severas queixas do povo contra o seu governo. Este acto de valor levou os cidadãos da capital a perpetuarem a boa memoria do magistrado, erguendo-lhe na casa da camara a audaciosa estatua, que sustenta no braço erguido a famosa fala, origem da sua popularidade.

«Grandes riquezas, e a importancia que ellas quasi sempre dão, unidas a um caracter vigoroso e respeitavel, tinham determinado a eleição de William; e parece que o conceito publico, nunca desmentido, o acompanhou até á sepultura, á qual desceu em edade pouco adeantada, deixando por universal herdeiro de seus immensos bens, re-

[1] Tanto a noticia biographica com que abre este artigo, como a traducção das interessantes cartas que o compõem, são devidas á penna do grande escriptor portuguez L. A. Rebello da Silva.

putados em cem mil libras esterlinas de rendimento annual, a seu filho unico, ainda menor, que é o mesmo que veiu a Portugal em 1787, e veremos estimado dos fidalgos, e bemquisto até dos plebeus, graças ao condão que possuia de saber insinuar-se.

«Concluidos os seus estudos, o mancebo, notavel pela magnificencia do seu trato, e pelos grandes talentos com que a realçava, foi olhado como um dos cavalheiros mais distinctos da Grã-Bretanha, e a sua alliança invejada pelos orgulhosos fidalgos da antiga e poderosa aristocracia.

«A sua escolha não se demorou. Em 5 de maio de 1783 Beckford ligava a sua sorte, e offerecia os seus thesouros á formosa e seductora Margarida Gordon, filha do conde Aboyne, par de Escocia, e n'este doce enlace abençoado por todas as aventuras cifrava o jubilo e a esperança da sua mocidade.

«Mas os mais felizes e opulentos estão expostos, como os pobres e humildes, aos mesmos rigores da fortuna.

«Passados tres annos, quando os laços do amor conjugal, se é possivel, estavam mais apertados, a esposa de Beckford foi arrancada de repente aos extremos de seu marido, e sepultou comsigo no tumulo todas as alegrias, que o ditoso consorcio havia feito nascer.

«Dando á luz o segundo fructo da sua união, Suzanna Eufemia, depois duqueza de Hamilton na Escocia, de Brandon em Inglaterra, e de Chatellerault em França, lady Margarida não poude resistir aos effeitos de um parto desastroso e expirou nos braços de seu marido. A magua d'este foi sincera e longa; e a vista dos logares, que lhe recordavam os serenos dias, tão curtos! do seu amor tranquillo tornou-se-lhe insupportavel. Para não ceder á intima e desesperada tristeza, que o consumia, separou-se pois de suas filhas, e deixou a Inglaterra, procurando o allivio d'ella nas variadas sensações de uma viagem extensa. Executou o projecto em 1787, e começando pelo reino de Portugal, aportou a Lisboa, seguindo directamente de Falmouth.

«Apesar do tempo e da inquietação, com que de proposito queria sobresaltar-se, a sombra querida da esposa não se lhe apagava da alma, e até no meio dos prazeres e regosijos o vemos de repente desviar-se para enxugar as lagrimas, que lhe arranca a suave imagem, sempre viva no fundo do seu peito.

«A carta XXIII é uma prova do que dizemos.

«Admittido a beijar a mão da rainha, e a assistir com a côrte a um festejo, o observador interrompe-se de subito para nos descobrir a nodoa indelevel, que lhe pizava o coração.

«A semelhança casual, que se lhe figurou achar entre o rosto da condessa de Lumiares e o da esposa, a quem chorava, foi quanto bastou para logo se commover e arrebatar! Por mais que tente conter-se, foge-lhe dos labios a verdade; e por fim nem elle mesmo lucta já para a esconder.

«Ouçamol-o: «O conde de Sampaio, camarista de semana, ajoelhou e offereceu assim o chá á rainha. Depois d'esta cerimonia, porque tudo é ceremonioso n'esta côrte cheia de ostentação, annunciou-se o fogo de artificio, e as reaes victimas, acompanhadas das suas victimas, entraram em outra sala. A marqueza de Marialva, suas filhas e a condessa moça de Lumiares, vieram para o aposento, aonde eu me achava, e apossaram-se das janellas. Sete ou oito rodas de fogo, e outros tantos valverdes collossaes começaram a arder, lançando admiraveis foguetes por todos os lados, com grande alegria da condessa de Lumiares, que não conta ainda mais que dezeseis annos, e já é casada ha quatro. A sua jovialidade quasi infantil, e as loiras madeixas que se annelavam, emmoldurando as faces risonhas e vivas de côr, fizeram-me lembrar tanto da pobre Margarida, que a sua vista me infundia a mais terna melancolia. O estado interessante em que se achava ainda augmentou a illusão; e emquanto ella, sentada, me apparecia por vezes envolta no clarão azulado dos fogue-

tes, que subiam silvando, e estalavam no ar, eu estremecia como se um espectro surgisse de repente, e dava por mim com os olhos banhados em lagrimas.»

«Nos fins de 1787, Beckford passou a Hespanha, e escreveu ácerca d'esta segunda viagem outra collecção de curiosas cartas.

«Depois recolheu-se á patria, e lá residiu, ora em Londres, ora na sumptuosa abbadia de Fontill, morada de principes, que a sua inclinação ás novidades e ao esplendor o decidiram a enriquecer de magnificas obras no estylo gothico da renascença.

«Em 1794 uma accusação grave, que se julga provada, obrigou-o a sahir precipitadamente da Grã-Bretanha, refugiando-se em Portugal, para onde o attrahiam os laços da convivencia anterior e as sympathias pessoaes.

«Então é que edificou em Cintra, n'um dos pontos mais pittorescos, a casa de recreio de Monserrate, sumptuoso capricho d'uma imaginação, que sabia crear e desejar.

«O marquez de Marialva estimava o opulento inglez, e em casa d'este fidalgo, tão distincto pelo sangue e pela cortezia é que elle avaliára o conchego amavel e a benevolencia intima da hospitalidade portugueza.

«Sabedor da causa que forçára o amigo a expatriar-se, e do processo que o ameaçava na sua terra, o marquez não poupou diligencias com o principe D. João para o resolver a interpor a sua protecção, recommendando a Jorge III o negocio de Beckford, e alcançando, como a final obteve do governo britannico, a promessa do mais completo esquecimento.

«Em testemunho da sua gratidão o estrangeiro pediu licença para offerecer á rainha quatro soberbos lustres de filagranna de oiro destinados a ornarem a capella real: mas a soberana recusou, entendendo que não ficava airosa a sua corôa, acceitando de um particular presente de tanta valia. Beckford, tendo vivido alguns annos em Portugal, requereu o titulo de visconde, e pediu a mão de uma filha

natural da casa de Marialva, segundo se crê; porém a sua qualidade de extrangeiro, e a religião protestante, que professava, não lhe permittiam obter nem uma, nem outra coisa.

«O fausto oriental do seu trato pessoal eclipsava já a grandeza do throno, e conselheiros menos prudentes insinuaram a necessidade de o constranger a abreviar a sua residencia.

«Seguiu-se esta perniciosa opinião, e o opulento proprietario, contra vontade, e muito a seu pesar, teve de deixar o paiz, que desejara adoptar para patria, transportando para elle as suas immensas riquezas.

«Voltando para França e Italia, e assignalando por toda a parte a sua passagem, Beckford recolheu a Inglaterra, e em Fontill, onde morava quasi todo o anno, ostentou as posses da magnificencia, e o gosto delicado, com que sabia utilisar os seus thesouros.

«Beckford, antes de cerrar os olhos, ainda teve a satisfação de receber em sua casa a neta de D. João VI, a rainha D. Maria II, quando foi a Londres aguardar que a espada dos portuguezes fieis á sua causa, lhe restituissem a corôa dos seus reinos usurpados.

«A abbadia de Fontill, depois da morte do proprietario, vendeu-se em hasta publica, e um capitalista, M. Farquhar, foi quem a arrematou por trezentos e quarenta mil libras esterlinas.

«No meio dos primores d'arte que ennobreciam o seu palacio, os objectos que recordavam a sua longa residencia em Portugal occupavam o primeiro logar; e na sua instructiva conversação eram frequentes as saudades, com que o faustuoso inglez confessava ter sido constrangido a separar-se do nosso brando clima, e dos lindos olhos, que o levariam a esquecer a patria, se mesquinhas invejas lhe não cortassem os desejos, e não o afastassem para sempre.

CARTA I

Passeio a Palhavã

30 de maio de 1787.

«Horne induziu-me, bem contra minha vontade, a acompanhal-o na sua sege portugueza á residencia dos filhos bastardos de D. João V, em Palhavã, em vez de proseguir as minhas costumadas excursões pela beira-mar. É detestavel a estrada até áquelle magnifico jardim, nem conheço outra mais infestada de mendigos, cães, moscas e mosquitos. A quinta pertencente ao marquez de Louriçal fica n'uma cova, e o basto arvoredo que a cérca nem passagem deixa á viração do ar; por isso eu abafava á sua sombra.

«Um grande espaço plano da banda da frontaria da casa de campo está occupado com tristonhos labyrinthos de murta tosquiada, de que surgem altas pyramides, no desprezivel estylo hollandez do que foi plantado pelo rei Guilherme em Kensington, e arrancado ha annos pelo rei Jorge III. Para lá d'esta brenha intrincada ha extensos carreiros de perenne verdura sombria, litteralmente, e com grande propriedade denominados ruas, mais apertadas, com maior formalidade, e não menos pulverulentas do que High-Holborn. Tomei d'ahi para uns canteiros d'hortaliças e plantas aromaticas de regadio, fechados por uns caniçados muito limpos, que engrinaldavam mui perfeitas e virentes rosas, de todo livres de insectos e polilha, dignas de se espargirem nos leitos, ou metter no seio de Lais, Aspasia ou Lady... Bem sei eu o enthusiasmo, com que toda a pessoa de bom gosto se deleita n'estas amaveis flores: e quanto a miudo e com versos harmoniosos foram pelo Ariosto celebradas. E não tem Lady... um camarim pintado todo de rosas? Por ventura não as esfolha no seu

banho, e de nenhumas outras flores enfeita os seus idolos?

«Quem lhe contestará esse direito?

«Em quanto eu estava poeticamente embevecido nas rosas, Horne travou conversação com um tal mestre de picaria anglo-portuguez, da casa de suas altezas bastardas, o qual trazia sua cabelleira mui composta e bem polvilhada, lustroso espadim de punho de prata, toda a andaina de fato de côr carmezim, e era dotado de uma guapa e bojuda pança.

«Com a mão direita na abertura do collete, e a outra em acção de tomar a pitada, encarecia a piedade, temperança e pureza de vida de seus augustos amos, que viviam retirados do mundo, em perfeito estado de socego, aborrecendo companhias profanas, nem sequer olhando para as mulheres.

«Curioso de ver a vivenda d'estes sisudos regios enxertos, entrei no palacio: nem um insecto se bolia, nem se ouvia o mais leve susurro. Os aposentos principaes consistiam n'uma série de salas de tectos altos, magestosas e forradas uniformemente de damasco carmezim escuro: o topo de cada uma era coberto por um pezado docel de veludo lavrado: da direita e esquerda estavam enfileiradas immensas poltronas dos mesmos materiaes: nada de espelhos, de pinturas, doirados, ou decorações, nada mais do que monotona tapeçaria: até as mezas tapavam pannos de veludo franjados, no gosto d'aquelles que as nossas viuvas ricas usavam antigamente para arreiarem seu toucador. Basta a vista das mezas assim tapadas para fazer suar a gente; e não posso atinar como o diabo tentou os portuguezes a buscar moda tão sediça.

«Este gosto de vestir saias ás commodas e bancas é geralmente havido aqui por bonito, ao menos nos aposentos reaes. Em Queluz nenhuma mesa de jogo ou de jantar escapou; e suspeito que não poucos vestidos velhos da côrte foram desmanchados para fornecerem aquelles atavios; ha

de todas as côres, lisos ou floreados, com ramagens campezinas, ou esplendidamente recamados. Não assim em Palhavã, onde só predomina o carmezim, tingindo sem rival todos os objectos com a sua regia côr opaca. Arrumadas á parede entre duas das sobreditas mezas, estão duas poltronas para suas altezas, e defronte uma ordem de cadeiras para os reverendos em Christo, que de tempo a tempo tem a honra da admissão.

«Quanto póde a força da educação! Que esforços não demandaria da parte das aias, escudeiros e camaristas abafar todas as vividas e generosas sensações no animo dos principes, que educavam! violentar a natureza humana, sujeitando-a aos habitos d'uma realeza sem poder! A magestade sem dominio é de todas a carga mais pezada. Um soberano achará em que se occupe; tem a escolha do bem ou do mal; porém, principes como os de Palhavã, sem mando, nem influencia, que nada mais tem a manter do que uma imaginaria grandeza, bocejarão com o espirito aparvalhado, e no andar do tempo se mostrarão tão cerimoniosos e inanimados como as pyramides de buxo entezado em seus jardins. Quanto mais felizes foram os rapazes, que o rei João entendeu, que não devia reconhecer, e que não são pouco numerosos, porque o piedoso monarcha «largo como os seus dominios, espalhava a imagem e similhança do seu creador pela terra.» Talvez que esses, emquanto seus irmãos bocejam inertes debaixo de enferrujados doceis, passem a vida zangarreando em suas violas nos ranchos vadios, e descuidosos passeios ao luar, ou saracoteando-se no alegre fandango, ou gozando do profundo somno, das iguarias campestres, e das galhofas, revestidos do caracter de curas d'alguma festiva povoação rural.

«Folguei de ver-me fóra do palacio: o silencio, a luz fraca desalentavam-me, e n'uma atmosphera restricta, impregnada do cheiro de alfazema queimada, quasi desfallecia. Estou sequioso de ar. Nem é cousa que mova espanto;

póde uma pessoa achar-se tão bem na cama com um esquentador, como dentro d'uma sege portugueza com o corpulento Horne, que ostenta a volumosa barriga, ataviada n'esta estação com um colete de brilhantes lantejoulas. Forçoso me é partir para Cintra ou morrer abafado.»

CARTA II

Jardim Botanico — Açafatas do Paço

31 de maio de 1787.

«Debalde chamo pelas nuvens, que me cubram, e por nevoeiros, que me envolvam. Não podeis formar adequada idéa do continuo deslumbramento que nos offusca a vista, n'este afamado clima. Lisboa é de todo o mundo o sitio mais apto para se exclamar:—Abrigae-me da pomposa claridade do dia! Mas achar o abrigo não é cousa facil. Nem aqui ha mattinhas de pinheiros, como nas classicas quintas italianas, nem os tremulos choupos e folhudos castanheiros, que cobrem as planicies da Lombardia. O arvoredo nos arredores mais proximos d'esta capital, consta, com bem poucas excepções, de larangeiras anãs e cinzentas oliveiras.

«Estava eu determinado a não bolir pé fóra da sombra do meu toldo; mas de tarde, tendo afrouxado algum tanto o extremo ardor do sol, o velho Horne (que parece ainda lhe não nasceu o dente do siso) conseguiu mover-me a passeiar no Jardim Botanico, onde não é raro encontrar certos animaes de pouca edade, e do genero feminino, chamados em portuguez açafatas, especie entre a camareira e a dama de honor. A rainha fizera o favor de levar comsigo, para as Caldas, as mais feias; e as que ficaram teem rasgados olhos pretos, em que scintillam amorosas

tendencias, uma exuberante trança de cabello azevichado, e beicinho de côr das rosas. Tudo isto não ocnstitue uma belleza perfeita, nem eu quero dizer isso; só quero que fiqueis sabendo que as nymphas de que falo, são as flôres do rancho da rainha, e que ella tem na sua comitiva, pelo menos quatro ou cinco duzias mais d'essas damas dotadas de boccas grandes, olhinhos franzidos e tez morena.

Não me achando assaz habilitado para cumprimentos em lingua portugueza, dirigi principalmente a conversação a uma irlandeza de olhos azues, amavel rapariga de quinze a deseseis annos, recem-casada com um official das alfandegas de sua magestade. O marido foi a uma romaria a Nossa Senhora do Cabo, e a senhorita espaneja-se no Jardim Botanico com as damas do paço e um rancho de sopranos, que lhe ensinam a gargantear e a falar italiano; bem digna é de se lhe ensinar o que cada um sabe; o seu cabello de uma mimosa côr de castanha, e as suas bellas feições e fórmas gregas, fazem notavel contraste com a pelle morena e madeixas pretas das suas companheiras; parece um ente sobrenatural, que se evade ao longo das alamedas, deixando muito atraz os bojudos sopranos, e as mal amanhadas açafatas em pasmaceira á vista da sua agilidade.

«O jardim é bastante agradavel, situado n'uma eminencia, cheio de arvores frondosas carregadas de flôres; acima das suas mais altas copas eleva-se um soberbo e espaçoso terraço com balaustradas de marmore de lustrosa alvura e d'um singular molde oriental.

«N'este paiz desenham sem escolha, mas o lavor da obra é mui puro e perfeito. Nunca vi balaustres melhor cinzelados do que os da escadaria que conduz ao terraço grande.

«Essa ampla superficie é dividida em repartimentos oblongos de marmore, contendo variedades, em pouca abundancia, de heliotropios, aloes, geranios, rosas da China, e de plantas mais communs das nossas estufas: tão pezadas

divisões produzem desagradavel effeito; fazem lembrar um cemiterio, e causaram-me uma impressão como se os habitantes defuntos do palacio adjacente brotassem do chão na fórma de espinheiros, figueiras da India, louçãos azevinhos e pimenteiras.

«O terraço terá mil e quinhentos passos de comprido; tres copiosas fontes lhe dão um ar de frescura bastante augmentado pela ondulação de grandes acacias, expostas em virtude da sua situação elevada a toda a brisa, que sopra da foz do Tejo, cujas bellas aguas azuladas se descobrem com um bom effeito atravez da movediça ramagem.

«A senhorita ingleza e o vosso fiel correspondente correram como creanças ao longo do terraço, e, quando fatigados, repousaram á sombra d'um grupo de gigantes aloes brazilicos, junto d'uma das fontes. A porção fusca da companhia de passeantes separou-se do seu principal guarda, um guapo clerigo moço, para observarem todas as excursões e descanços de nós outros, gente branca.

«Era já tarde, e havia alguns minutos que se tinha posto o sol, quando me despedi. Os olhos pretos e os olhos azues parecem me horrivelmente ciosos uns dos outros. Receio que a minha juvenil e espirituosa companheira tenha soffrido alguma cousa por ter sido mais esperta que as açafatas, e que a beliscassem com alguns remoques, quando a companhia se recolhesse pelos escuros e intrincados passadiços, que dão serventia do paço da Ajuda para os jardins. Ruim lembrança deixar assim uma bella e jovem creatura em mãos de altivas e despoticas mulheres, que tão inferiores lhe são na polidez e em formosura. Aposto que teriam o especial cuidado de encher os ouvidos do marido com suspeitas menos caridosas, do que as inspirações da Senhora do Cabo.»

CARTA III

Bispo do Algarve — Arcos das Aguas Livres — Marquez de Marialva

3 de junho de 1787.

«Fomos por especial convite ao real convento das Necessidades, pertencente aos congregados, ver a ceremonia da sagração do bispo do Algarve, padre d'esta casa; estivemos collocados defronte do altar, n'uma tribuna atulhada de figurões de lustrosos trajos, pessoas relacionadas com o novo prelado. O pavimento estava alcatifado com ricos tapetes e coxins de veludo, onde se podia ajoelhar muito bem; mas não obstante esta commodidade pensei que a cerimonia nunca acabava. Havia um excessivo esplendor de cruzes, thuribulos, mitras e baculos em continuo movimento, porque varios bispos assistiam com toda a sua pompa.

«A musica, que era extremamente simples e pathetica, parecia commover profundamente os fidalgos, que ficaram ao pé de mim, pois que mostravam semblantes compungidos e batiam nos peitos, como quem se considerava que a maior parte d'elles são miseraveis peccadores. Sentindo-me opprimido pelo calor e pelo sermão, effectuei a minha retirada da esplendida tribuna, sorrateira e caladamente, e passei para o jardim por alguns corredores estreitos, tão quentes como tubos de chaminé. Mas isto era sómente mudar de uma scena de formalidades para me encerrar em outra. Eu almejava por ar, e afim de gozar d'este beneficio evadi-me por uma portinha para o silvestre e despejado valle de Alcantara. Tudo ahi estava solitario, ouvindo-se o zumbido das abelhas, e as frescas viraçÕes sopravam da entrada do Tejo por cima das copadas larangeiras dos

pomares. O susurro refrigerante da agua nas azenhas, parecia dar-me vida nova!

«Arrostei com o ardor, e encaminhei-me para aquella parte do valle, que atravessa o enorme aqueducto, que tantas vezes tendes ouvido mencionar como o edificio mais colossal do seu genero na Europa. Tem uma só ordem de arcos ponteagudos, e o principal galgando um rapido ribeiro, mede quasi 250 pés de altura.

«Mas n'este aqueducto é a vastidão, e n'uma fieira de arcos, que infunde assombro. Sentei-me no fragmento d'um penedo debaixo do arco grande, e olhei para aquella abobada lá tanto acima de mim com certa impressão de respeito não de todo desacompanhada de temor, como se o edificio que eu contemplava fosse obra de um ente incommensuravel dotado de força gigante, a quem désse a teneta de andar saracoteando n'essa manhã por cima da sua construcção, e por capricho bruto me reduzisse a impalpaveis atomos.

«Perto do sitio, onde me sentei, havia alguns cerrados cheios de cannas da altura de onze ou doze pés, cujas folhas viçosas, agitadas pela viração, faziam perenne susurro; gostei d'este murmurio, que me acalentava n'um estado de repouso bem necessario depois das fadigas de trepar por alcantis e precipicios.

«Logo que recolhi do passeio, Horne levou-me a jantar com elle, e depois ao palacio de Marialva afim de pagar uma visita ao grão-prior. O pateo, cheio de mesquinhas seges, recordou-me a entrada d'uma casa de pasto em França; lembrança que não foi desvanecida pelo aspecto de volumosos montes de estrume, por entre os quaes não andámos pequeno espaço até á escadaria principal, tendo empeçado n'uma porca que alli retouçava com uma numerosa progenie fugindo por entre as nossas pernas, com queixosos grunhidos.

«Esta bulha annunciou a nossa chegada, vindo recebernos o grão-prior, e seu sobrinho, o abbade velho, e um

tropel de creados; todas as principaes familias portuguezas são infestadas de bandos d'estes, em geral, desfavorecidos dependentes, e ninguem mais que os Marialvas, que distribuem diariamente trezentas rações, pelo menos, de arroz e outros comestiveis a tão avidos devoradores.

«O grão-prior desataviado de seus habitos prelaticios fez as honras da casa, e nos conduziu promptamente a todos os aposentos, e ao picadeiro, onde o marquez velho, seu irmão, posto que de edade bastante avançada, ostenta os primores da mais consummada picaria. Parece ter decidido gosto pelos relogios de parede, bussolas e pendulas; contei nada menos de dez no seu quarto de cama, quatro ou cinco em plena oscillação dando estrondosos assobios; tocaram e deram horas, porque eram as seis em ponto, quando eu seguia o meu conductor subindo e descendo meia duzia de lanços de escada até uma sala forrada de damasco desbotado.

«No centro d'este antiquado aposento havia uma mesa atulhada de raridades postas alli por ostentação; curiosas obras de conchas, crucifixo de marfim, modelos de navios, xaireis bordados de pennas, e Deus sabe quantas coisas mais, tudo recendendo a camphora d'um modo capaz de tombar um homem.

«Quando nós olhavamos com grande applicação tapando o nariz com os lenços, appareceu o conde V... vice-rei do Algarve, de grande uniforme verde e agaloado, e de pernas largas fazendo tregeitos, como a quem tinha acontecido algum accidente desagradavel.

«Comtudo estava na melhor disposição, e era o novo bispo, que com muita complacencia recebeu, assim que se fez conhecer, os nossos cumprimentos.

«A conversação sustentou-se coxeando intercalada de variedade de idiomas, hespanhol, italiano, portuguez, francez e inglez, todos por seu turno em rapida successão. Os assumptos d'esta salgalhada polyglota foram as magnificencias e piedade do rei D. João V, o pezar pela extincção dos

jesuitas, e o inverso pela morte do marquez de Pombal, á memoria do qual o bispo consagra pouco menos que a execração. Este fluxo de eloquencia era acompanhado pelas mais extravagantes e ridiculas visagens, que eu tenho observado, com uma chuva de perdigotos, porque o vicerei tendo continua humidade de bôcca baba-se a cada syllaba. Comtudo não se deve decidir de salto pelas apparencias exteriores. Este personagem babão e manhoso é um distincto estadista e habil empregado, proeminente entre os poucos que teem prestado serviços e dado provas de vigor e capacidade.

«Para evadir-me ás enfadonhas narrações, que me escandeciam os ouvidos, refugiei-me ao pé de um cravo, ao qual cantava, fazendo ao mesmo acompanhamento o Polycarpo, um dos primeiros tenores da real capella. Meio corridas as cortinas da porta de um escuro quarto contiguo, deixaram-me entrever um transitorio vislumbre da pessoa de D. Henriqueta de L... irmã de D. Pedro, adiantando-se n'um momento, e retirando-se logo no outro, desejosa de approximar-se e examinar as nossas figuras estranhas, porém não se atrevendo a entrar na sala na ausencia de sua mãe; pareceu-me uma interessante menina com olhos de uma languidez feiticeira; do que oiço dizer a seu respeito só divisei uma figura pallida, evaporavel como as que a phantasia nos finge ás vezes em sonhos. Um grupo de amaveis creanças, suas irmãs creio eu, sentavam-se no chão a seus pés, semelhando genios occultos parcialmente nas dobras dos cortinados n'alguns bellos quadros allegoricos de Rubens ou de Paulo Veronense.

«Approximada a noite brilharam as luzes nas torrinhas, terrados, e por toda a parte da singular mistura, de que é composto este palacio com parecenças de mourisco; metade da familia occupava-se a rezar a ladainha, outra metade com venetas e brincos, talvez de natureza pouco edificante; as monotonas vibrações da guitarra acompanhadas do ameno e brando susurro das vozes femininas entoando

modinhas, tambem formavam uma extraordinaria, posto que não desagradavel combinação de sons. Escutava eu com avidez, quando o clarão de archotes e a bulha d'agua batida dos remos nos attrahiram ás varandas a tempo de presencear uma procissão, que de maravilha se terá visto desde o tempo de Noé; duvido que a sua arca abrangesse uma collecção de animaes mais heterogenea do que sahiu de um escaler de cincoenta remos, d'onde desembarcaram o velho marquez de M. e seu filho D. José, acompanhados de um enxame de musicos, poetas, toureiros, lacaios, frades, anões e rapazes de ambos os sexos, phantasiosamente vestidos.

«Parece que todo o rancho voltava de uma romaria a certo Santo da outra banda do Tejo.

«Primeiro saltou um anão corcovado, assoprando uma pequena e chiadora trombeta, logo em seguida um par de capitães de guias apparentemente commandados por um personagem fanfarrão, velho e burlesco, de uniforme apparatoso, e que me disseram ter representado a parte de uma especie de brigadeiro geral n'uma casta de ilha: se fosse a Barataria, Sancho o teria cedo despojado do cargo, porque, a acreditar a chronica escandalosa de Lisboa, de raro apparece um truão mais impudente, parasita e ratoneiro.

«Logo nos calcanhares d'estes vinham com affectada gravidade um frade de aspecto selvagem, alto como Sansão, e mais dois capuchinhos pezadamente carregados, ignoro com que provisões; apoz dos frades um boticario muito magro e descorado, todo vestido de preto, completamente correspondendo em gestos e trajo á figura, que cada um imagina do sr. Apuntador no Gil Braz; seguia-o um orate improvisador, que nos disparava um esguicho de versos ao passar debaixo das sacadas, a que estavamos encostados. Difficultosamente se podia ouvir no confuso tumulto de aguadeiros e creados de servir com gaiolas de passaros, lanternas, cabazes de flôres, caminhando aos saltos,

com grande deleite d'um bando de rapazes, que para melhor arremedarem os habitantes dos céus traziam azas resplandecentes e ondeantes, pegadas aos hombros rozados. Alguns d'estes anjinhos de comedia, eram extremamente lindos e tinham o cabello encaracollado com muita elegancia.

«O marquez velho é loucamente amigo d'elles: com elle estão noite e dia, e assim participa de todas as vantagens que uma constituição physica decadente póde tirar do folego juvenil e innoxio; o patriarcha dos Marialvas tem seguido este regimen ha muitos annos, e tambem alguns outros, que serão custosos de acreditar. Tendo uma facilidade mais que romana para engulir immensa profusão de gulodices, e dando sempre campo a novo provimento, é enorme a comida, que eu vi estendida na mesa para elle. Ninguem me acreditaria em Inglaterra, se pelo miudo a referisse; dê-se largas á imaginação sobre tudo o que póde conceber-se em materia de gula, e nenhuma hypothese excederá a realidade.

«Logo que todo o conteudo, quer do reino animal, quer do vegetal, existente no escaler principal, e em mais tres ou quatro lanchas da comitiva, foi depositado nas respectivas tocas, cantos e poleiros, recebi convite do velho marquez para participar de uma merenda no seu aposento. Estou bem certo que nada menos de cincoenta criados faziam o serviço da mesa; e alem de meia duzia de tochas, que eram levadas por estado adiante de nós, para mais de cem vellas de cera estavam accesas ao longo das camaras, de mistura com profumadores e caçoilas, que diffundiam mui agradavel aroma.

«Achei o dono de toda esta magnificencia mui cortez, lhano e affavel. Ha uma urbanidade e genio alegre no seu olhar, voz e gestos, que immediatamente predispõe a seu favor, e justifica a geral popularidade de que gosa, e o affectuoso nome de pae, com que a rainha e real familia frequentemente o tratam. Todas as graças da corôa se tem

accumulado na sua pessoa, tanto pelo actual, como pelos precedentes soberanos, fluxo de prosperidade não interrompido nem mesmo durante o grande visiriato do marquez de Pombal. «Procedei, como julgardes mais acertado «com toda a outra nobreza (costumava dizer o rei D. José «ao seu formidavel ministro) mas livrae-vos de intromet-«ter-vos com o marquez de Marialva.»

«Em consequencia d'esta decidida predilecção o palacio de Marialva veiu a ser em muitos casos uma especie de ponto de reunião, um asylo para os opprimidos, e seu dono em mais d'uma occasião um escudo para os raios de tão poderoso ministro. As recordações d'esse tempo parece estarem ainda vivas, porquanto o cordeal respeito e filial affecto, que eu vi tributar ao velho marquez, são na verdade notaveis; os seus mais leves movimentos de olhos eram obedecidos, aquelles a quem se dirijiam, mostravam-se gratos e animados; seus filhos, o marquez de Tancos e D. José de Menezes, nunca se chegaram a offerecer-lhe alguma coisa sem se ajoelharem; o conde de Villa Verde, herdeiro da grande casa de Angeja, e o *vice-rei* do Algarve, ambos de pé no circulo que se formára á roda d'elle, recebiam uma palavra sua benigna ou affavel com o mesmo fervoroso agradecimento dos cortezãos, que dependem dos sorrisos e favor de seus soberanos. Por muito tempo me lembrarão as gratas sensações, de que me penetrou esta scena de reciproca benevolencia; afigurou-se-me um escambo de amigaveis sentimentos, benevolencia dispensada sem artificio nem affectação, e protecção recebida sem maligna ou abjecta vileza.

«Quão preferivel é um governo patriarchal d'esta natureza ás deslavadas theorias, que sophistas pedantes desejariam estabelecer e que, se fossem ávante os seus interesseiros e atheistas delirios, solapariam os melhores e mais seguros esteios da sociedade! Quando os paes deixarem de ser venerados por seus filhos, e se não conhecerem os sentimentos de agradecida subordinação n'aquelles

de edade ou condição, que carecem de amparo e auxilio, em breve os reis cessarão de reinar, e as republicas de ser governadas pelo conselho da experiencia; a anarchia, a rapina, a carnagem percorrerão a superficie da terra, e a morada dos demonios será transferida do inferno para o nosso desventurado planeta.»

(Continúa.)

William BECKFORD.

NO MAR

Ha pouco tempo liam-se nos jornaes as seguintes linhas:

«*Boulogne-sur-Mer, 22 de janeiro* — Escrevem-nos:

«Uma desgraça horrivel acaba de consternar a nossa população maritima, tão perseguida pela desgraça ha dois annos para cá. O barco de pesca commandado pelo patrão Javel, ao entrar no porto foi arremessado para Oeste, indo despedaçar-se nos rochedos do quebra vagas do mólhe.

«Apesar dos esforços do salvavidas e dos cabos enviados por meio da espingarda de amarra, pereceram quatro homens e o grumete.

«O mau tempo continua. Receiam-se novos sinistros.»

Quem é este patrão Javel? Será o irmão do maneta?

Será o pobre homem arrebatado pelas ondas e morto, provavelmente, sob os destroços do seu barco despedaçado, aquelle que, supponho, assistiu, faz agora dezoito an-

nos, a outro drama, terrivel e simples como são sempre estes dramas formidaveis do mar?

O mais velho dos irmãos Javel era patrão de uma lancha, n'esse tempo.

A lancha é o barco de pesca por excellencia. Solido a ponto de arrostar com todo o tempo, com o casco arredondado, constantemente balouçado pelas ondas como uma rolha de cortiça, sempre ao de cima, sempre açoutado pelo vento aspero e salino da Mancha, revolve o mar, infatigavel, com a vela a todo o panno, arrastando ao lado uma grande rede que varre o fundo do Oceano e despega e agarra todos os peixes adormecidos nas rochas, os peixes chatos colados á areia, os caranguejos pesados, de patas reviradas, as lagostas de barbas finas e agudas.

Quando a brisa refresca e as ondas são pequenas, começa-se a pescar. A rede está pregada a uma grande haste de madeira guarnecida de ferro, a qual desce por meio de dois cabos que escorregam sobre dois rolos collocados nas duas extremidades da embarcação. Esta, impellida pelo vento e pela corrente, puxa comsigo aquelle apparelho que devasta o fundo do mar.

Javel levava a bordo o irmão mais novo, quatro homens e um grumete. Sahira de Bolonha com um bello tempo claro para deitar a rede.

Ora, não tardou que se erguesse uma grande ventania, sobrevindo uma borrasca que obrigou a lancha a fugir. Alcançou as costas de Inglaterra; mas o mar, furioso, açoutava os rochedos, atirava-se á terra, tornava impossivel a entrada dos portos. O barquinho fez-se ao largo e voltou para as costas de França. A tempestade continuava a tornar os molhes inabordaveis, envolvendo em espuma, em barulho e em perigo todas as proximidades dos refugios.

A lancha tornou a partir, correndo por cima das ondas, balouçada, agitada, escorrendo em agua, açoutada pelos rolos de espuma, mas valente, apesar de tudo, costumada á-

quelle mau tempo que ás vezes a conservava cinco ou seis dias errante entre os dois paizes visinhos, sem conseguir aportar a nenhum.

Afinal, a tempestade abrandou, quando estavam no mar alto, e, não obstante as ondas serem ainda fortes, o patrão mandou deitar a rede.

O grande apparelho de pesca foi, portanto, lançado por cima da borda, e dois homens na prôa e dois na ré começaram a deixar cahir por cima dos rolos as amarras que o seguravam. De repente, tocou no fundo; mas, uma onda maior fazendo inclinar o barco, o mais novo dos Javel, que estava na prôa e dirigia a descida da rede, vacillou, e o braço ficou-lhe prezo entre a corda, que o abalo fizera alargar um instante e o rolo de madeira por onde ella escorregava. Fez um esforço desesperado, tentando levantar a amarra com a outra mão; a rede, porém, já arrastava e o cabo retezado não cedeu.

O homem, crispado pela dôr, gritou.

Todos acudiram. O irmão largou a canna do leme. Atiraram-se á corda, diligenciando soltar o membro que ella triturava. Foi debalde. «Corta-se« disse um marujo; e tirou do bolso uma grande faca que, em dois golpes, podia salvar o braço do mais novo dos Javel.

Mas cortar, era perder a rede, e valia dinheiro, mil e quinhentos francos; e pertencia ao Javel mais velho, que tinha empenho em salvar a sua propriedade.

«Não, não cortes, espera, gritou elle com o coração torturado, espera.»

E correu para o leme, pondo a barra toda abaixo.

O barco mal obedeceu, paralysado por aquella rede que lhe immobilisava o impulso, e arrastado, além d'isso, pela força do vento e da corrente.

O Javel mais novo deixara-se cahir de joelhos, com os dentes cerrados, o olhar desvairado. Não dizia nada. O irmão voltou, temendo sempre a faca de algum marinheiro: «Espera, espera, não cortes, vae-se deitar a ancora.»

Deitou-se a ancora, largando-se a corrente toda, e em seguida virou-se para o cabrestante afim de alargar as amarras.

Estas, afinal, cederam, e soltou-se o braço inerte, dentro da manga de lã ensanguentada.

O Javel mais novo parecia idiota. Despiram-lhe a camisola e viram uma cousa horrivel, uma massa de carne de onde o sangue esguichava em ondas como se fosse lançado por uma bomba. Elle, então, olhou para o braço e murmurou: «Prompto.»

A hemorragia formava um lago na tolda do barco; um dos marujos gritou: «Vae esvair-se, é preciso atar a veia.»

Pegaram n'um cordel, um grosso cordel escuro e alcatroado, e, enlaçando o membro, por cima da ferida, apertaram com toda a força. Os jactos de sangue diminuiram, a pouco e pouco; acabaram por cessar completamente.

O Javel mais novo ergueu-se; o braço pendia-lhe ao lado. Elle pegou-lhe com a outra mão, levantou-o, virou-o, sacudiu-o. Tudo estava partido, os ossos esmigalhados; apenas os musculos seguravam aquelle bocado do seu corpo. Elle contemplava-o com olhar triste, reflectindo. Depois sentou-se em cima de uma vela dobrada, e os camaradas aconselharam-o a que molhasse constantemente a ferida, para evitar o *mal negro*.

Puzeram-lhe um balde ao lado, e elle, de minuto em minuto, enchia um copo e banhava a horrivel ferida, deixando correr por cima um fio d'agua clara.

— Estavas melhor lá em baixo, disse-lhe o irmão. Elle desceu, mas, passada uma hora, tornou a vir para cima, não se sentindo bem só. Alem d'isso, preferia o ar livre. Tornou a sentar-se na vela e continuou a lavar o braço.

A pesca era boa. Ao lado d'elle jaziam grandes peixes de ventre branco, agitados por convulsões mortaes; Javel contemplava-os sem deixar de regar as carnes esmigalhadas.

Quando iam a chegar a Bolonha, levantou-se outro tufão; e o barquinho recomeçou a sua carreira louca, saltando e voltando-se para todos os lados, sacudindo o pobre ferido.

Anouteceu. O tempo esteve bravio até amanhecer. Ao nascer do sol avistou-se novamente Inglaterra; mas, visto o mar estar menos rijo, partiram para França, bordejando.

Para a tarde, o Javel mais novo chamou os camaradas e mostrou-lhes signaes negros, uma feia apparencia de podridão na parte do membro que pendia.

Os marujos olhavam, dando cada um a sua opinião, viravam-o, cheiravam-o.

O irmão disse: «O melhor, agora, é deitar isso ao mar.»

Mas o Javel mais novo zangou-se: «Ah! isso é que não! Não quero. É o meu braço, pertence-me, julgo eu.»

Pegou-lhe e segurou-o entre as pernas.

«— Não deixa, por isso, de apodrecer,» tornou o mais velho.

Então o ferido teve uma idéa. Para conservar o peixe quando o traziam muito tempo no mar, empilhavam-o em barricas de sal.

«Não se podia mettel-o na salmoura?» perguntou elle.

«É verdade, podia,» declararam os outros.

Despejaram uma das barricas, já cheia com a pesca dos dias antecedentes; e pozeram o braço mesmo no fundo. Deitaram-lhe sal por cima e tornaram a collocar os peixes, um por um.

Um dos marujos disse o seguinte gracejo:

«O diacho é se a gente o vende no mercado.»

E todos se riram, excepto os dois Javel.

O vento continuava. Bordejou-se ainda á vista de Bolonha até ao dia seguinte, ás dez horas. O ferido continuava a deitar agua na ferida, sem cessar.

«— É provavel que seja *o negro*,» dizia um.

«— É preciso deitar-lhe agua salgada,» declarava outro.

Foram buscar agua salgada e deitaram-a por cima da

chaga. O ferido fez-se livido, rangeu os dentes, torceu-se um pouco, mas não gritou.

Depois, quando o ardor abrandou mais:

«— Dá cá a faca,» disse elle ao irmão.

O irmão extendeu-lhe a faca.

«— Segura-me o braço no ar, direito, não largues.»

Fizeram-lhe o que pedia.

Elle, então, começou a cortar. Cortava devagar, com reflexão, separando os ultimos tendões com aquella lamina aguda como a de uma navalha afiada; e, d'ahi a bocado, restava-lhe apenas um côto. Soltou um profundo suspiro e declarou: «Era preciso isto. Estava prompto.»

Parecia alliviado e respirava com força. Começou outra vez a deitar agua no bocado de membro que lhe restava.

A noute foi má e não puderam chegar a terra.

Quando rompeu o dia, o Javel mais novo pegou no braço despegado e examinou-o attentamente. A putrefacção declarava-se. Os camaradas foram tambem examinal o e passavam-o de mão em mão, apalpavam-o. De vez em quando, levantava-se e passeava pelo barco, de um lado para o outro.

O irmão, que segurava a barra do leme, seguia-o com a vista, abanando a cabeça.

Acabaram por entrar no porto.

O medico examinou a ferida e declarou-a em bom caminho. Fez um curativo completo e ordenou ao ferido que descançasse. O Javel, porém, não quiz deitar-se sem tornar a pegar no braço e voltou ao porto afim de descobrir a barrica, que marcara com uma cruz.

Despejaram-a deante d'elle e entregaram-lhe o membro, bem conservado na salmoira, enrugado, refrescado. O Javel embrulhou-o n'um guardanapo que levara para esse fim, e voltou para casa.

A mulher e os filhos examinaram demoradamente aquelle pedaço do pae, apalpando os dedos, tirando as pedrinhas

de sal mettidas nas unhas; depois mandaram chamar o marceneiro que tomou medida de um caixãosinho.

No dia seguinte a tripulação completa da lancha acompanhou o enterro do braço despegado. Os dois irmãos, um ao lado do outro, guiavam o cortejo. O sacristão da freguezia levava o cadaver debaixo do braço.

O Javel mais novo deixou de navegar. Obteve um empregosito no porto, e, quando, mais tarde, falava n'aquelle accidente a alguem, dizia-lhe confidencialmente em voz baixa: «Se o mano tivesse deixado cortar a rede, ainda eu agora tinha o meu braço, com toda a certeza. Mas elle não queria perder a fazenda.»

Guy de MAUPASSANT.

A EGREJINHA

III

(Continuação)

Para que tudo fosse imprevisto, essa noite, para Lydia, o seu companheiro, habitualmente timido, a ponto de não se atrever a entrar sósinho n'uma loja, nem a falar a um caixeiro, mostrou-se desenvolto, alegre, cheio de aprumo, de satisfação, tratando por tu os creados dos restaurantes nocturnos, bebendo champagne á larga, um marido como ella nunca o tinha conhecido, como não devia mais tornar a vêi-o, falador, expansivo, jurando que havia de repetir todos os mezes essa pequena extravagancia, e que, se sua mãe lhe viesse com objecções, a mandaria passeiar, sem mais cerimonias, positivamente. Ás duas da manhã, n'um Paris gelado, espelhento, o casal vagueava em fiacre em cata de um albergue, pois que muitos hoteis lhe haviam fechado as portas na cara, como a pessoas suspeitas, o que os fazia rir ás escancaras. Naufragados por fim na rua Montmartre, conservaram do aposento enorme que lhes deram, com vidraças de côres desbotadas, com tapete no fio, uma recordação inolvidavel.

Quando depois de despir o vestido se viu quasi nua

n'esse aposento sem calor, Lydia sentiu que tremia. «Tenho frio,» dizia ella puxando o lençol muito acima; mas o lençol tornava a cahir. A principio Richard tentou ingenuamente enrolar toalhas em volta dos braços e dos hombros da mulher, em guisa de camisa de dormir. Ella porém não podia supportar cousa nenhuma; tudo isso era muito grosseiro para a sua cutis delicadissima. Lydia ria, dando uns gritinhos: «Isso pica-me... isso pica-me...»

Só então é que elle comprehendeu, e atirou tudo fóra, lençol, toalhas, rendas, agarrando-a furiosamente, a plenos braços, como nunca ousára fazel-o por um sentimento de respeito terno e temor apaixonado; e foi essa a sua primeira noute de amantes.

Mas, e a volta a Uzelles! Os creados falavam baixo, consternados. A senhora estava deitada, doente, depois de ter esperado até pela manhã. Durante oito dias não desceu á sala de jantar, e se perdoou a Richard a sua escapatoria, entre ella e a nora não houve reconciliação possivel. Comtudo, Lydia ousou lembrar uma ou duas vezes ao marido a sua promessa de repetir a partida; mas o pobre rapaz tão lorpamente se retrahia murmurando: «Isso seria a morte para a mamã!» que a joven, despresando-o e lamentando-o renunciou ao seu divertimento, como renunciou ao marido amoroso, enthusiasta, todo animado de audacia e vontade a quem amára uma unica noute apenas.

Do general e das suas emprezas galantes nunca mais se falou. Nem cartas, nem visitas; e a idéa de que esse veterano de grandes olhos baços, de maçãs do rosto violaceas, se divertira á sua custa uma noute inteira, sem achar que ella valesse mais alguma cousa, parecia tão ultrajante a Lydia que quiz vingar-se ou queixar-se d'elle. Mas como fazel-o, com um marido tão piegas como era o seu? Mais um dissabor a accrescentar aos outros, a relegar para o fundo de tantas recordações humilhantes ou tristes, de par com o vestido do costureiro da moda dobrado no fundo de uma mala, esse vestido de *soirée*

que nunca chegou a estrear, que nem mesmo chegou a vêr, taes eram as tristes recordações que elle lhe suscitava.

«A senhora já sabe a desgraça que succedeu em Grosbourg?» perguntava Rosina, uma noute, ao descalçar as botas á sua ama. O general, doentissimo havia muito tempo, em consequencia da queda de um cavallo, occorrencia que se conservava secreta, acabava de ser transportado para o palacio, n'um estado de paralysia completa. Rosina Chuchin soubera-o por Alexandre, antigo thesoureiro de Grosbourg, que vivia dos seus rendimentos em Uzelles, e que não se poupando a cuidados com a sua pessoa, sempre barbeado e com os cabellos empomadados, fazia, apesar da edade e das pinturas, o desespero de todas as bellas do paiz.

Lydia, ante essa lugubre noticia que explicava tudo, não mais sentiu senão piedade pelo heroe ferido no seu orgulho e na sua força, em plena pujança de gloria e de ambição.

Batendo a floresta com o marido, passado pouco tempo, encontraram n'um caminho cheio de verdura, um *landau* meio fechado, em que se via n'um meio torpor um velho corpulento, branco de neve, immovel, absorto, ao lado de um homem ainda moço, de lunetas e cabello comprido encaracolado.

«O general; viste?» perguntou baixinho a sua mulher Richard, cuja vista de caçador nunca o enganava. O general com os seus bigodes de neve, o rosto cor de cêra e as mãos inertes! Lydia não podia acredital-o! Mas como duvidar da realidade, quando viu, a vinte passos da carruagem, a duqueza que seguia a mesma avenida pelo braço de seu filho, o principe d'Olmultz, um rapaz imberbe e roseo entre quatorze e dezesete annos? E como ella mesma estava tão mudada, pelo menos no tom e nos modos, desde a recita da Opera! A duqueza apresentou aos seus caros visinhos

o principe seu filho, a quem chamavam Charlexis, prenomes de seu avô e pae, Charles, Alexis; e o preceptor que ficára no *landau* chamou o mancebo, circumstancia de que a mãe se aproveitou para falar mais á vontade. O querido filho não se divertia nada em Grosbourg, agora que a doença do general obrigava toda a familia a passar ali o verão.

Por uma coincidencia desoladora, o pae da duqueza cahira doente em Vienna, e a duqueza devia partir para ali dentro em pouco tempo. Por esse motivo pedia aos visinhos e pessoas das suas relações que viessem frequentes vezes a Grosbourg passar um boccado de tempo junto do doente e distrahir Charlexis, cuja existencia derivava melancholicamente entre a sua meza de estudo e a cadeira do enfermo. Realmente Richard e a sua encantadora esposa faziam um acto de caridade levando-o comsigo nos seus passeios a cavallo, ou em barco; o pobre rapaz gostava immenso de todos os prazeres do *sport* prazeres, que infelizmente nem o pae nem o preceptor lhe podiam proporcionar.

«Leval-o-hão em sua companhia algumas vezes, não é assim?»

Atravessando a relva dos caminhos, o principe vinha para elles, elegante e flexivel, levantando a sua airosa cabecinha frisada, de um loiro fulvo; e o seu sorriso fazia dizer aos trez:

«Como é encantador!»

O principe, ainda de longe, disse á duqueza:

«Uma feliz noticia, minha mãe... O general ao ver passar a sr.ª Richard proximo do *landau*, pronunciou o seu nome distinctamente. São as primeiras palavras qne tem podido pronunciar. O mestre João chamou-me para me dar tão boa nova.

Lydia Fénigan sentiu-se invadida pelo pudor que a tornou brilhante de mocidade e de vida; e a duqueza, apertando-lhe as mãos, dizia-lhe:

«Como vê, a sua presença realisa milagres; conto comvosco ambos.»

Desde esse dia em deante, Charlexis foi o laço entre Grosbourg e Uzelles. Era uma creança extraordinaria, de uma delicadeza requintada e tranquilla, e que sabia interessar-se pelas historias da sr.ª Fénigan ácerca das depredações dos arganazes e dos jardineiros, e pelas *coquetteries* de Lydia a quem dava conselhos sobre as suas *toilettes*, sobre a escolha dos chapeus, sobre o bom gosto nas roupas brancas. Ao mesmo tempo era um frenetico, um atrevido, que adorava os perigos correndo ao encontro d'elles, inquietando Richard com as suas imprudencias, ás quaes communicava essa mesma resolução pacifica, esse mesmo olhar de pedra dura, luzente e impenetravel. Bom ou mau? Ninguem o sabia. «Não o comprehendo» dizia o seu preceptor.

É verdade que João Metzer, antigo professor da faculdade de Lausanne, a qual abandonára por causa de uma doença de larynge, era um mediocre conhecedor da humanidade, pois que folheava menos os seres que os livros. Esse preceptorado no campo favorecia-lhe o seu restabelecimento, amenizado com os longos passeios de carruagem e com a musica que executava agora com Lydia, porque mestre João era um violoncellista de primeira ordem.

Que bellos concertos, que bellas sonatas não ouviram Grosbourg e Uzelles! A enorme caixa do violoncello passava o rio no barco de Chuchin quasi com tanta frequencia como o príncipesinho. Á noute, durante as interminaveis partidas de xadrez, entre Richard e sua mãe, o notario de Draveil, successor de Fénigan pae, o padre Mérivet, proprietario da egrejinha á beira da estrada, aos quaes por vezes se juntavam o cura e um juiz do tribunal de Corbeil, constituiam o auditorio habitual de Lydia e do preceptor. O serão terminava por um copo de tilia, bebida predilecta da dona da casa e que ella offerecia ás suas visitas, confortando as para a sahida em plena noite; isto fazia crêr

que se estava a cem leguas de Paris, n'esse canto da provincia cujos habitos se distinguiam pela mediocridade e regularidade.

Que differença que Lydia encontrava nos concertos de musica em Grosbourg! Eram á tarde, n'uma das immensas e magestosas salas de recepção no andar terreo, com suas armações de seda raiada de verde e oiro, ornatos e talha do tempo de Louis XIII, como o palacio, com portas-ajanelladas abrindo sobre uma vasta escadaria, em frente de um soberbo jardim á franceza, magestoso, luminoso, onde palpitava e vibrava sob o sol o marmore branco das estatuas, dos vasos, dos balaustres, um jardim terminado e ladeado por veredas sem fim com duas arvores talhadas em candelabros. Depois da doença do marido e da morte do pae, que em breve se lhe seguiu, a duqueza não mais habitava em Grosbourg, detida em Vienna, e em Budapesth, pela herança complicadissima do barão, e todo o palacio tinha essa tristeza resultante do abandono.

Logo aos primeiros accordes do piano e do violoncello soando bem alto no deserto das salas, sentia-se avançar sobre os tapetes o tinido de uma cadeira de rodas. O general, que recuperára a memoria, bem como a fala e toda a sua vida pensante, mas que parecia condemnado á sua immobilidade perpetua, ordenava que o levassem para o pé do piano, e quedava-se horas e horas a ouvir Bach, Beethoven, Schümann. Algumas vezes, no meio de um trecho qualquer, Lydia olhando de soslaio via o doente em quem a musica distendia os nervos, deitar a cabeça para traz na sua cadeira de molas, tentando conter lagrimas como punhos e que trasbordavam das suas palpebras mortiças; e cada vez o espectaculo d'esse desespero mudo, d'essa miseria grandiosa e chorada silenciosamente n'essa decoração pomposa e melancholica, inundava o coração da joven de uma angustia terna e compassiva.

Nunca uma simples palavra nem mesmo uma simples allusão por parte d'elle ou d'ella se pronunciara ácerca do

que se tinha passado entre ambos na opera. Algumas veves, quando ambos estavam sósinhos deante do piano, o general tomava-lhe a mão conservando-a alguns minutos no tremor das suas; e esta caricia desfallecida, tão pouco parecida com o aperto brutal com que a perseguira durante toda essa noite, ao espectaculo, causava-lhe um sentimento de tristeza suavissima. Por muito tempo Lydia viveu enganada, e, abandonando-se quasi ás cegas a um sentimento completamente platonico, a joven podia crer, quando acompanhava o marido a Grosbourg, que ia alli por causa do enfermo. Mas este foi o primeiro que viu claro n'esse negocio, fazendo-lhe sentir um dia n'um estado proximo de colera:

— Mas então seu marido não tem ciumes?

Lydia sorriu-se com certo ar coquette:

— Ciumes? e de quem?

— Do rapaz, que demonio! Pois não o vê andar sempre em volta de si; pois não o vê espreitando os seus passos nas alamedas e o fru-fru do seu vestido pelos passeios?

E o general falava com violencia balbuciando as palavras, por effeito de um pouco de aphasia sobrevinda a este acesso de ciume. Lydia tentava rir-se. Podia lá ser, uma creança! Pois aos dezesete annos pensa-se lá em mulheres?! de certo que ella deveria parecer-lhe sua tia. Mas o duque obstinava-se, saccudindo a cabeça, com as mãos crispadas sobre os seus joelhos tolhidos, sem vida:

— Acautele-se; olhe que o rapaz não queima os seus primeiros cartuxos. Lá em cima tem uma gaveta cheia de cartas de mulheres. Peça a seu marido que faça com que elle as mostre... Ah! o monstro começou cedo, e é já mestre em torturar corações... De resto, como diz mestre João, tem a *cavata*.

Ter a *cavata*, em linguagem de violoncellistas, diz-se do arco seductor que sabe communicar o arripio das notas profundas e agita egualmente as cordas e as fibras. O rapazinho tinha a *cavata* e Lydia deixava-se penetrar in-

conscientemente pela mysteriosa seducção. Advertida quiz reagir e defender-se; mas qual o meio com esse rapaz travesso e ladino, tão pouco perigoso, e sempre alli? Ambos divertiam-se no rio, nas pescarias, com os braços nus encontrando-se nas aguas. Passavam horas inteiras na espera da caça, unidos, ás apalpadellas, nos bosques. Falavam baixinho, abrigando-se de uma chuva miudinha de outomno que salpicava as folhas. O principe sentia frio e ella deitava-lhe sobre as costas a metade da sua manta. Para acabar de tranquilisal-a, Richard nunca andava longe e dizia de Charlexis: «É o nosso filho...» sem notar que estas palavras cada vez avivavam mais o segredo de sua mulher, o seu eterno desgosto de não ser mãe. O excellente homem cahia insensivelmente n'estas fraquezas sendo sempre o primeiro a pôr em relevo a graça heroica do principe. «Tudo o que elle faz é bem feito!» era ainda um dos seus bordões favoritos; mas a natureza de Lydia guardava um fundo de franqueza e de altivez que a preservava da traição banal. Seria preciso para isso uma surpresa, esse imprevisto contra o qual as mulheres se defendem mal, por não terem tempo para hesitar ou para raciocinar.

Um domingo á noite, em fins de setembro, os frequentadores dos concertos admiraram-se de ver chegar mestre João a Melly sem violoncello nem discipulo, mais aphono que de ordinario e tão commovido... Charlexis ia partir: no dia seguinte daria entrada no collegio «Stanislas» para se preparar para os exames de Saint-Cyr. O general tinha tomado subitamente essa decisão, e o mancebo depois de uma breve e violenta explicação com seu pae, vinha despedir-se dos Fénigan, quando de repente, a dez passos de sua casa, se separou do seu preceptor, com o coração cheio de tristeza, dizia elle, encarregando o seu mestre de exprimir a todos a sua amisade e a sua mágua. Na sala houve uma explosão de lamentações, de palavras ternas. A sr.ª Fénigan não podia perdoar ao general uma tal decisão tomada na ausencia da duqueza.

— Ella nunca está quando mais preciso se torna! resmungou Richard, furioso, dando encontrões no taboleiro do xadrez.

— E mestre João, perguntou Merivet, por ventura havemos de perdel-o tambem?

Com a sua voz roufenha, o preceptor respondeu que lhe haviam feito uma proposta para ficar em Grosbourg como... como...

— Mestre de capella? aventou Merivet.

— Justamente, respondeu o pobre homem corando da sua posição mesquinha... e acceito, com a esperança de ver o meu querido discipulo uma vez por mez ao domingo.

Todos exclamaram em côro:

— Só uma vez por mez? Que crueldade!

Lydia ouvia sem proferir nem palavra, mas todavia era precisamente quem mais soffria com tal separação; porque pensava e acertadamente que ella não era extranha a isso e se o ciume apaixonado do general inflammava o seu orgulho, o aperto do coração que lhe causava essa separação era motivo para surprehendel-a. Realmente, amava ella essa creança? Mas então e o seu *flirt* com o pae?... Emquanto procurava deslindar esses sentimentos complexos, a noite ia passando melancholica. Ás dez horas, toda a gente estava a pé para a partida; Richard accendeu no corredor uma lanterna e perguntou:

— Vens acompanhar mestre João, Lydia?

A noute era escurissima e soprava o vento. Uma janella mal cerrada batia contra a parede. Por que razão, Lydia que na noute anterior sentira immenso prazer em atravessar o Sena por essa borrasca de outomno, resistiu á proposta do marido? Foi instincto, presentimento ou simples desejo de estar a sós uma hora, para pensar, no seu quarto, n'esse desgosto imprevisto? Lydia desceu a escada com os seus convidados, e acompanhou-os até ao portão, na estrada, depois metteu-se pela sombra opaca dos carpinos, ao fim

dos quaes brilhava n'uma mancha amarella a luz de uma lampada no rez-do-chão do palacio. Lydia caminhava lentamente, como em sonhos, e o vento que enrolava em volta de si o seu ligeiro vestido lançava, sobre este, turbilhões de folhas seccas, cujo ruido dava-lhe a illusão de uma perseguição sob as arvores, de um passo atraz do seu. Duas ou tres vezes voltou-se, e ouviu o seu nome pronunciado a medo, em voz baixa:

— Lydia... Lydia...

Sem susto, com as mãos adeante, caminhou direita para o banco, d'onde partia uma voz muito sua conhecida.

— Charley!... o sr.... aqui!

Charley estava ali havia duas horas, esperando-a, pois queria dizer-lhe adeus, a ella sósinha. Como tremia o querido principe! As lagrimas afogavam-lhe os lamentos, e comprimia os soluços, verdadeiros soluços de creança e que Lydia tentava abafar pondo-lhe sobre a bocca a sua mão ou o seu lenço de rendas. Por fim temendo que a ouvissem do palacio, internou-se com elle pelas sombras do parque, mas immediatamente os cães á solta começaram a sua terrivel inferneira.

— Na isba, disse o principe em voz baixa.

Era essa antiga estufa que Richard transformara em sala d'armas, fazendo polir e envernizar as traves do tecto e os revestimentos de pinho das paredes, o que dava a essa casa, com suas esteiras, e assentos revestidos de tapetes orientaes, um aspecto russo. Ah! se Lydia pudera vêr o sorriso de Charley, quando entravam na isba para a qual o mancebo enfiara surrateiramente havia cinco minutos! Mas inteiramente atarefada em consolal-o, em animal-o, como lhe teria nascido a suspeita d'essa malvadez precoce?! A porta rangeu; as folhas mortas, fustigadas pelo vento, entraram de roldão com os dois na sombra, rolaram até ao largo *divan* do fundo, sob um trophéo de espadas reluzentes. Os cães não ouvindo mais passos, tinham-se calado.

*
* *

Em todo o tempo que Charlexis se conservou em Stanislas, as entrevistas realisavam-se na isba. Essas entrevistas, perigosas e raras, uma vez por mez, eram aos sabbados á noute, dia em que o principe sahia do collegio. O mancebo, quando tudo estava recolhido em Grosbourg, passava o rio, saltava a parede de Uzelles, e insinuava-se pela quinta até á estufa d'onde só sahia pela madrugada voltando para sua casa pelo mesmo caminho. Arriscava a vida cada vez que o fazia; mas Lydia que tinha de abandonar a alcova e o quarto conjugaes para se encontrar com o amante era quem mais se expunha. Quando voltava, sempre arquejante em resultado da caminhada, com o seu penteador enxarcado de orvalho ou da chuvinha, contava encontrar todas as manhãs o marido a pé, á entrada do palacio com a terrivel pergunta nos labios: «D'onde vens tu?» E este perigo não lhe desagradava, desculpava a seus olhos as baixezas do adulterio cuja hypocrisia sobretudo a revoltava. Acontecia-lhe até inventar rasgos de audacia que terminavam por causar sustos ao principesito.

Uma noute de entrevista na isba, Lydia quiz que Charlexis, convidado a almoçar em casa d'elles no dia seguinte, ali ficasse até de manhã no divan, e ella, antes de ir para a missa, trouxe-lhe uma camisa do marido para que o amante não apparecesse com a sua enxovalhada. Era positivamente um milagre não os terem surprehendido por differentes vezes, tanto mais que os creados, á excepção de Rosina, a filha de Chuchin, detestavam essa filha das ervas que chegara a ser mulher do seu amo. Quanto não teriam dado para a surprehenderem em flagrante!... Pois não. Ninguem vira cousa nenhuma, ninguem suspeitava de cousa alguma. Os cães da quinta talvez o soubessem, mas o seu testemunho conservava-se indecifravel, inintelligivel.

Apenas, lá em baixo, na sua cadeira de paralytico, o general, sem sombras de espionagem, adivinhara tudo. Quando Lydia vinha a Grosbourg, nos dias do concerto, um olhar matreiro, doloroso, ficticio, lançado sobre ella, esperava-a, incommodava-a, sobretudo em presença de mestre João, a quem podia causar suspeitas. Nos raros momentos em que nem o preceptor nem Richard se encontravam ahi, o enfermo, com a caricia das suas mãos grandes e tremulas, ralhava-lhe baixo e com ternura: «Eu bem a preveni... o rapaz não a ama, nunca a amará... É isto, apenas. O que elle tem é a *cavata*... tem a tal *cavata*...

Lydia fingia que não entendia, abria os seus bellos olhos ingenuos; mas o general continuava, e fazia affirmações categoricas, pertinazes. Da sua propria paixão não falava senão n'um tom de saudade das cousas longiquas, perdidas.

Disse-lhe elle um dia:

— De tudo o que foi forçoso sacrificar, d'entre tantas ambições fulminadas pela desgraça, o que mais lamento é Lydia. E quando penso que pertence a meu filho... Oh!

Outra vez:

— Quando o rapaz vae a sua casa, embora m'o occulte, adivinho tudo pelos seus passos, pelo cheiro do seu fato que é exactamente o seu, querida Lydia... E isto para mim é uma angustia, uma tortura... Então lamento que a minha doença não me faça soffrer ainda mais. Ao menos a dôr concentrar-me-hia, não me deixaria pensar sempre n'esta mesma cousa atroz, no ciume que me torna louco.

Nos primeiros dias da primavera, a duqueza veio buscar o marido para o acompanhar ás aguas do Tyrol, de que se diziam maravilhas. O enfermo devía passar ali duas estações, e dando ao proprio ciume o pretexto dos exames e dos trabalhos escolares, decidiu que Charlexis passaria todo esse tempo em Stanislas sem sahir, apezar do offerecimento que Richard fez para trazer a férias, em Uzelles, o joven principe. Charlexis resignou-se sem o menor protesto.

Como havia muito tempo que projectava uma grande viagem á roda do mundo, em *yacht*, recorreu á intervenção do antigo mordomo de sua mãe para obter os fundos necessarios á sua escapada. E decidindo, e muito bem, que não viajaria só. bastou-lhe apenas para decidir Lydia, recorrer a algumas cartas um tanto subtis, a um jogo seguro de pedaes, sobre tal ou tal corda d'esse instrumento feminino de que elle conhecia todas as vibrações. Ante os instinctos viajantes e bohemios da orphã, o principe desenrolava as peripecias e aventuras de uma longa travessia, abria céus e horisontes desconhecidos; e para lisongear a vaidade da filha do accaso e o romance que ella mesma phantasiava ácerca da sua origem mysteriosa:

«O teu sangue de aristocrata, escrevia-lhe o principe, não se revolta pois contra esse meio de crassa burguezia, e de rapinações vulgares?» Apesar de tudo isso, Lydia tinha medo d'elle, da sua juventude; imaginava bem o desespero da mãe, do pallido e consternado sorriso do general, mas por fim decidiu-se apoz um pormenor de importancia infima.

«Quem lhe entregou isto?» perguntou ella á sua creada de quarto, no dia em que Rosina lhe entregou a primeira carta do principe. A creada córou. Foi o sr. Alexandre... é para v. ex.ª... só para v. ex.ª.» Desde esse momento sentiu-se á mercê da creadagem. Esse homem, quando a encontrava, simulava uns ares discretos e cumplices; viu-se forçada a ignorar voluntariamente as suas relações com Rosina, pois que ambos estavam senhores do seu segredo. Mais dia, menos dia, por indiscripção ou malvadez, o escandalo havia de rebentar: valia mais não o esperar. Lydia escreveu ao amante: «Quando quizeres.» Resposta: «Ámanhã, pela manhã, ás cinco horas, no portão que dá para o bosque.»

O ultimo dia em Uzelles foi semelhante aos anteriores. Á noute, xadrez e musica; ás dez horas precisas todos

recolheram ao pavilhão, onde, emquanto Richard se deitava, a esposa no seu gabinete de *toilette* gatafunhava algumas linhas a sua sogra, assegurando-lhe que partia sem dinheiro, nem cofre, nem malas, justamente com a roupa que trazia sobre o corpo. «A senhora tomou-me sem nada, vou-me embora no mesmo estylo... Estava presa, agora fujo... E atirou a Rosina o seu lindo penteador, ainda em bom uso, de rendas magnificas, com grande pasmo da creada.

«A senhora dá-m'o?!...

«Sim, guarda-o.»

Em seguida deitou-se absolutamente tranquilla, dormiu até ao romper d'alva, quando o marido partia para a pesca; e ás cinco horas precisas chegava ao portão do fundo do parque que encontrou aberto, escancarado, deante—não da carruagem esperada—mas de uma carreta de hortelão sobre a qual os jardineiros carregavam cestos de legúmes e de fructos. Oh! os arganazes...

A apparição de Lydia provocou uma mudança de scenario. A carreta desappareceu pelo bosque, e os jardineiros atravez do parque; ficou um cesto, esquecido sobre a erva, contra o portão. Como ella não riria doidamente, se o momento fôra menos dramatico para a fugitiva! Mas Lydia caminhava apressadamente para uma victoria, cujas rodas e libré reconhecia, meio dissimuladas sob um macisso de arvores, quando um velho vagabundo se ergueu do fôsso, caminhando direito para ella. N'esse ser terroso, envolvido em farrapos, de barba hirsuta, reconheceu a fugitiva o pae Jorge, o terror da sua juventude, e pensou em entregar-lhe a carta para a sogra. «Leva isto lá a casa.»

O velho, com a carta nas mãos, não se mexia, com a cabeça de lado, impedindo a passagem a essa bella creatura a quem mirava com olhos piscos, toda rosea na manhã de rosa. Imaginando que o velho esperava pela paga do mandado: «Não tenho dinheiro; lá em casa te

pagarão.» Mas o vagabundo parecia não comprehender, quedando-se immovel deante d'ella com os labios ruminando palavras que não sahiam. E sómente quando a jo-ven, saccudindo-o com um gesto brusco para passar, se afastou torneando um macisso de verdura, é que o velho começou de marchar em sentido inverso com um som rouco e surdo, uma lamentação inarticulada no fundo da garganta.

IV

Em frente do pavilhão, no angulo da estrada de Corbeil, e d'uma rua estreita que descia para o Sena entre vinhas, havia, encostado á parede de um antigo parque um marco fontenario muito conhecido dos caminheiros, com o seu pucaro de ferro branco, preso por uma cadeia. O primeiro som que chegou aos ouvidos de Richard, quando sahiu de uma lethargia cuja duração não poude apreciar, foi o tilintar d'esse pucaro que o viandante pendura no competente prégo, depois de desedentado. Sorriu ao ouvir esse som muito seu conhecido desde a sua infancia, abriu os olhos, e na cama, na meia claridade do quarto com as cortinas corridas, viu reflectido no tecto, como estampada sobre o panno de uma lanterna magica, a sombra microscopica de um caminheiro, tornando a pôr ás costas a sacola, depois de ter descançado junto da fonte.

«Oh! a estouvada...» disse em voz alta, sentindo-se feliz por essa recordação que lhe viera á memoria. Mas ao mesmo tempo lembrou-se do desastre que lhe succedera. Teve frio, teve medo, e com um movimento pueril tornou a fechar os olhos como para entrar no anniquilamento, no olvido de tudo; mas os seus olhos fechados viam; os ouvidos posto que abafados pelos cobertores ouviam, e sempre a mesma e sinistra cousa, sua mãe á entrada do passadiço gritando-lhe:

«Tua mulher fugiu!

Por uma extranha anomalia n'esse ser de natureza simples e candida, mas absolutamente instinctiva; o ciume, que mais tarde o faria soffrer tanto aos pontos de servir de typo a este estudo *passional,* não lhe fez sentir logo as suas garras e o seu bico acerado de Chimera cruel. Quando soube com quem sua mulher se fôra embora, com Charley, o seu marinheiro, como o pequeno a si mesmo se chamava, o amigo com quem mais estivera em contacto, na verdade o golpe pareceu-lhe bem rude; era como um ferimento feito no ventre, debaixo para cima, traiçoeiro, mas cujo caracter inesperado attenuou a principio o soffrimento. «Elle... é elle...» Uma vermelhidão furtiva sobre a sua pallidez febril, uma nuvem velando-lhe os seus olhos de pobre diabo—eis tudo. A doença do ciume veiu mais tarde, ferindo-o de ricochete, e d'essa vez até ao delirio. Por agora, tudo se sumia pelo abysmo negro aberto a seus pés, e sobre o qual se inclinava sem comprehender... Fugira?... porque?... que lhe tinha feito?... Ella não o amava, pois, amando-a elle tanto?

Sentado proximo da janella, em face d'esse horisonte familiar onde tudo lhe lembrava Lydia, o unico pensamento da sua convalescença foi este: «Que se passaria?» Bem desejava lêr a carta que a fugitiva escrevera ao partir; mas a mãe escondera essa carta... Um dia seria, mais tarde, quando estivesse curado. De certo que ali se conteriam cousas que lhe causariam muitissimo mal e que poderiam feril-o pela segunda vez. E ella ficaria a rir-se, a porca!

Na realidade, a carta de Lydia accusava tão formalmente a sogra, e com um tal accento de revolta e de sinceridade, que esta recuava deante do desespero e talvez da colera do filho, amoroso como no primeiro, depois do oitavo anno de casado. E a constancia d'esse amor é que sobretudo causava engulhos á boa mulher. Para ella, como para tantas outras francezas, muito mais mães que esposas, fazendo reflectir para os filhos a ternura soffreada de que

o marido não quiz ou não soube aproveitar-se, a paixão não contava senão como um accessorio de romance ou de theatro, e a vida conjugal não passara de uma banal associação, Como poderia ella explicar a violencia d'esse desejo que lia nos olhos do filho, tão indomavel ao cabo de uns poucos de annos como no tempo em que as suas lagrimas de fogo corriam em fio pela vidraça da isba?

«Realmente não vos comprehendo, a vocês os homens, dizia a mãe guiando e amparando o filho no seu primeiro passeio no parque, uma bella tarde de agosto.... Vocês pódem amar e despresar ao mesmo tempo... Por exemplo, tu ainda pensas n'essa porca que te enganou, que vive com outro e que te tornou o objecto da gargalhada publica.»

A mãe sentia tremer o braço em que se apoiava no seu, mas continuava, em tom aspero, com os olhos do operador implacavel:

«A sua historia é conhecida, põe bem na tua imaginação... As suas entrevistas realisaram-se em nossa propria casa... Elle vinha de noite, saltava o muro...

— Entremos para aqui mamã, estou derreado,» murmurou Ricardo empurrando a porta da pequena casa de madeira. Cahindo com todo o peso do corpo fatigado sobre o divan, as molas rangeram e a mesma idéa fez córar ao mesmo tempo a mãe e o filho.

«Pelo teu orgulho, pelo teu nome, querido filho, não penses mais n'essa mulher, promette-m'o.» E a sr.ª Fénigan desviou um coxim para se assentar junto do filho; as mãos tocaram n'uns ganchos de mulher que ali tinham ficado por esquecimento. Apanhou-os, lançando-os fóra com repugnancia. Depois houve um silencio prolongado, durante o qual uma andorinha entrou por uma das frestas da casa, roçou com as azas nas traves deixando ouvir um «*frrt*» de leque aberto e sahiu n'uma evolução de mulher caprichosa.

«Promette-m'o...» repetia a mãe muito commovida.

Ricardo respondeu: «Pois bem, prometto-te, mas com uma condição... quero saber, quero que me digas onde param.»

A mãe sentiu receios de ter carregado de mais na fibra do orgulho e da colera.

—Saber onde param, para quê? que queres tu fazer?

—Nada; simples curiosidade.

—Asseguro-te que o ignoro.

—Bem. Sabel-o-hei pelos de Grosbourg; responderão á minha pergunta.

A sr.ª Fénigan, no receio de um escandalo, prometteu ir mesmo em pessoa saber noticias a casa dos duques d'Alcantara; ficaria quite com uma enxaqueca que a atormentava cada vez que punha o chapeu.

Passados dois dias, descendo da carruagem deante do immenso portão de Grosbourg, ahi encontrou a duqueza em intima e animada conversação com Alexandre cujo cumprimento affectado e ironico fez arrefecer o coração da visitante.

— Falaremos ainda outra vez, sobre este assumpto, Alexandre... disse a duqueza introduzindo a sr.ª Fénigan n'uma sala forrada de sedas antigas... A que devemos o prazer da sua visita, minha senhora? disse a fidalga com um tom de benevolencia hypocrita e altiva.

A Fénigan sentiu-se quasi suffocada por effeito d'essa recepção com tudo o que havia de terrivel e de reservado ainda entre ellas.

— Meu filho Ricardo por pouco que não morreu, minha senhora.

— Ah! sim... pois chegou a esses pontos!... Ignorava...

— Como! V. ex.ª não sabia que meu pobre filho...

— Por Deus, minha querida senhora, são assumptos tão delicados...

E chegava ao nariz de curva hebraica um frasquinho.

— E comtudo, este assumpto diz-nos respeito, a v. ex.ª e a mim, murmurou a sr.ª Fénigan.

E repentinamente, na explosão do seu rancor maternal:

— Ah! senhora duqueza, foi uma grande infelicidade meu filho encontrar o seu!

A cabecinha de cabellos côr de limão impertigou-se com um risinho escarnecedor.

— Supponho que a sr.ª Fénigan não pretenderá accusar Charlexis de ter raptado sua nora! Meu filho tem apenas dezoito annos; andava ainda no collegio...

Abriu-se uma porta, mostrando sobre a enfiada de salas de recepção a figura triste, alquebrada, do general-duque apoiado a custo sobre o braço da cadeira, para saudar a sr.ª Fénigan com estas palavras insolentes:

— Accrescentarei, minha respeitavel senhora, que o nosso innocente filho partiu pedindo emprestados cem mil francos que nos hão de custar muito mais do dobro, ao passo que a sua Danae se gaba de ter fugido unicamente com a camisa que trazia sobre o corpo.

Emquanto assim falava, um tremó antigo sobre que assentava um espelho, acima da chaminé do salão, reflectia o movimento tremulo do seu enorme bigode torcido por um riso raivoso e o gesto desesperado que mestre João, por detraz da cadeira de molas desenhava com o arco do seu violoncello. A sr.ª Fénigan levantara-se, com muita dignidade, e disse ao sahir:

— Peça a Deus que seu filho não encontre de cara a cara o meu.

O general tremeu, mas a duqueza tranquilisou-o:

— Descance!... um no Seine-et-Oise, o outro a caminho das Indias, não é muito provavel que se encontrem.

Todavia, mal que a sr.ª Fénigan entrou para o carro, e que este se encontrou ao fim da alameda, chamaram Alexandre.

— Meu general?

— Olho sempre em Ricardo, ouviste? Se elle sahir para fóra, é ir-lhe no encalço e o que houver participar-nos-has.

A duqueza accrescentou:

— Quanto ás despesas do meu filho, seja o que fôr que lhe peça, dirija-se a mim.

O ex-mordomo inclinou-se até ao chão e sahiu de Grosbourg, macabro e pavoneando-se.

Durante esse tempo, Ricardo passeava pelo salão de Uzelles, nervosamente, raivosamente, ouvindo a narrativa da sr.ª Fénigan, no auge da indignação, sentada n'uma poltrona, com o chapeu posto sobre os joelhos. Ricardo escutou-a com paciencia até ao fim da narrativa, cerrados os dentes; por fim parando deante da mãe, ergueu-a, apertou-a contra o coração, e n'um transporte de ternura assaz rara n'esse homem de sua natureza concentrado:

— Bem, está tudo acabado. Tens razão; essa mulher é indigna; vá para aonde quizer, não falaremos mais n'ella.

Dizia isto na sinceridade da sua colera, torturado com a idéa de que Lydia raptara e debochara um collegial. Pela primeira vez sentia o grotesco e o horror da aventura, espantando-se de ter tido junto de si, durante tanto tempo e sem o saber, uma doente, uma hysterica; e appellava para o testemunho da mãe, e esta apoiava-o, insistia, radiante por ter reconquistado o seu logar:

«A culpa foi nossa, vês tu, meu filho... Fomos buscal-a á Roda dos Engeitados. Evitam-se os inconvenientes de uma familia, mas a mulher chega-nos sem antecedentes nem fiadores, envolvida no mysterio, no desconhecido, com todas as *taras* possiveis da hereditariedade. Esta rapariga pretendia provir de estirpe nobre... Tinham lhe mettido isso na cabeça, no convento. Em todo o caso a sua nobresa carreava nas suas innumeras vilanias... Abraça-me ainda, e não pensemos mais n'isso.»

Foi o que o desgraçado tentou fazer, fatigando o corpo á força de exercicios physicos, para cahir todas as noutes

n'um somno profundo. Indubitavelmente Ricardo, se tivera casado com uma mulher de governo, como sua mãe, consagrada exclusivamente á sua dispensa, aos seus armarios, ás suas roupas, aos seus doces, distrahir-se-hia das suas maguas na vida externa. Mas Lydia, sem filhos, sem casa para olhar por ella, acompanhava por toda a parte o marido, pescava a seu lado, e, quando o pobre homem quiz lançar para longe as suas recordações, encontrou-as em todas as suas excursões, vivas e presentes como sombras da sua felicidade para sempre anniquilada.

Foi entre Ris e Juvisy, a alguns metros do rio, que Ricardo lançou pela primeira vez a rede, depois da fuga da sua mulher. A agua, n'esse logar absolutamente tranquilla, mostrava-lhe a imagem invertida de uma estalagem de carreiros, uma estação de muda de carros, solitaria ao rez do caminho, deixando vêr ainda o seu tecto de colmo e as janellas rasgadas com vidraças.

«Sou de mais aqui? perguntou Chuchin, que segurava os remos, admirando-se da immobilidade do patrão. Ricardo não respondeu; tornava a vêr, n'esse mesmo logar, uma scena da sua vida conjugal, o rio turvado por uma chuva de temporal, o céo negro, o barco cheio de agua. Lydia gritando e rindo, aparando a agua que cahia a cantaros, por que de mais a mais perdera um dos sapatinhos, levado talvez pela enxurrada; via depois a estalagem, comprida e escura, onde as vélas mettidas em gargallos de garrafas alumiavam cabeças de carreiros, de carregadores de areia, de pastores surprehendidos pelo temporal, pela chuva, seccando os seus enormes cobertores de lan á lareira onde Lydia, completamente alagada, se aquecia, escorrendo e entrançando os cabellos, divertindo-se em vêr esses olhos libidinosos, esses desejos de faunos postos a distancia respeitavel pela estatura herculea e pelos solidos pulsos do marido.

«A agua aqui é transparente de mais, Chuchin, vamos para lá da ponte», mandou Ricardo com a voz alterada. E

sob o impulso muito forte que o guarda-pesca deu ao barco, o espelho em que se reflectia a escalavrada casinhola quebrou-se em muitos boccados que desappareceram no fundo do rio com as recordações que evocavam. O barco parou na *ilha dos Pardaes,* sitio magnifico para ahi se lançar a rede, mas o patrão n'esse dia não se sentia com animo para fazel-o.

A ilha, n'um dos seus pontos accessiveis, desdobra-se formando um como crescente um pouco alongado, onde, n'um fundo de areia finissima dorme uma agua transparente nas sombras entrecruzadas de dois salgueiros inclinados, de basta ramagem. Lydia chamava a esse sitio a sua banheira. Era ahi que tomava as suas licções de natação; o barquinho de Ricardo ficava de travez á entrada do mysterioso recanto com a vela larga desfraldada, e os salgueiros aos lados faziam officio de cortinas; e ao sahir da agua, despindo o fato de banho, eram então uns risinhos, uns adoraveis gritinhos de susto, mal que um ramo de salgueiros ou o vôo de qualquer insecto assentado, roçava sobre a sua epiderme nua e rosea. A evocação d'essas carnes esplendidas, escorrendo em agua, ondeadas de frio e de luz, de arripios e de raios luminosos, o sabor repentino d'esse fructo magnifico que imaginava saborear outra vez, e em que só mordera á sua vontade uma unica occasião, finalmente a tristeza, até ás lagrimas, das alegrias perdidas, das horas mortas, foi tudo o que lhe trouxe em tres ou quatro lanços de rede a sua longa estação na ilha dos Pardaes.

«Cousa curiosa, dizia á noite o pae de Rosina Chuchin — o sr. Ricardo apesar do seu rosto triste não parou de cantar durante todo o tempo da pesca.»

Com effeito, emquanto se absorvia na recordação unica e querida lembrava-lhe machinalmente uma aria de Pergoléso que Lydia e mestre João executavam, e cujo compasso, marcado com os seus *pum, pum,* servia de acom-

panhamento ao canto divino que lhe fervilhava na cabeça e lhe entumecia o coração.

Nos dias seguintes era sempre a mesma obsessão. Em todos os cantos e sinuosidades do rio, a qualquer hora, por essas brumas matinaes, tão densas que o barco tinha apenas para se guiar o choque da onda contra as estacas da ponte, ou á tarde, quando o fogo de uma chata deslisava mysteriosa ao rez d'agua, sobre o Iéres ou sobre o Orge, esses lindissimos e pequenos affluentes do Sena bordados de declives tapetados de verdura, de massiços de arvores e de ramadas em flor, de pombaes, de lavadouros, de antigas abbadias transformadas em moinhos, por toda a parte lhe apparecia a imagem amorosa. Tornava a encontral-a sob o remo, esbelta e fresca como uma planta aquatica, com a côr de um branco esverdinhado, impenetravel ao sol e ao calor.

A floresta ladeava o rio. Ricardo lançou-se na floresta para escapar ás obsessões da agua. Mas nos bosques, no esconço dos córtes florestaes, na encruzilhada dos caminhos tapetados de verdura de que elle conhecia todas as pégadas indicadoras, a visão perseguia-o. Sempre Lydia; e quando não era a propria Lydia, eram os encontros, as circumstancias que vinham lembrar-lhe a sua infelicidade. Uma noite, voltando de uma longa caminhada a pé, ao passar deante do eremiterio, umas vozes affectuosas e roufenhas gritavam-lhe:

— Olá! sr. Ricardo...

N'esse dia, Santecoeur, por alcunha o Indio, velho guarda florestal, um gigante muito temido dos caçadores furtivos, casava o filho, que era o caixa de um dos grandes armazens de Paris com uma empregada do mesmo armazem. No meio do pateo, escalavrado e revestido de erva, do antigo claustro havia uma mesa muito comprida á qual estavam reunidos uns tantos guardas com a libré azul dos Grosbourg em companhia de suas mulheres, de côr terrosa, endomingadas de côres berrantes; es-

tavam tambem o rendeiro de Uzelles e sua familia, os dois musicos da boda e o sr. Alexandre, muito peralta com seus sapatos de verniz, calça clara, assestando o monocolo com insistencia á noiva, uma raparigaça nada bonita, mas adoravel, vestida e penteada na perfeição. Ricardo entrou e sentou-se um momento. O jantar estava quasi no seu termo, alguns copos de vinho branco foram bebidos ainda á saude dos noivos. Depois do que, a um signal dos instrumentos, collocaram-se todos para dançarem uma quadrilha aos ultimos raios do sol poente. Ricardo e o Indio, com os cotovelos fincados na mesa, conversavam seguindo com os olhos as evoluções da quadrilha.

— Sim, acho-a um tanto *coquette*, sr. Ricardo, dizia o guarda-caça, que com os seus olhinhos de pesado pachydérme, seguia a corôa de larangeira da sua nora. Por isso o rapaz não quer que ella torne para o armazem, tanto mais que a rapariga é fraca do peito. Ficarão no Eremiterio uns tres ou seis mezes. O marido passará os dias em Paris, no trabalho, e eu vigiarei a mulher. Não tive sorte com a minha, em tempos; mas garanto-lhe que esta ha de andar direitinha.

— Duvido, respondeu Ricardo, com o sorriso constrangido, e pensando.

A noite invadia o bosque quando sahiu do Eremiterio; os passaros já não cantavam; os instrumentos da boda eram os unicos a lançarem as suas notas rythmadas e asperas, mas não era essa musica a que Ricardo ouvia e que acompanhava com os seus sons graves e arpejados, com os seus desconsoladores *pum pum* semeados pela sombra negra das avenidas.

Descoroçoado, não sahiu mais. No rez-do-chão do Pavilhão, proximo da casa dos engommados, havia uma cousa a que chamavam o *atelier*. Ricardo, que depois da fuga da mulher dormia no palacio, no seu quarto de rapaz, proximo do de sua mãe, servia-se ainda d'esse aposento abandonado para ahi dormir a sesta na cadeira grande de coiro,

ou para verificar quaesquer contas deante da secretária do antigo tabellião. Desde então para alli se encafuava constantemente. Da janella, contemplava a estrada, como o fazia em solteiro, entretendo-se em ver alli antigos conhecimentos, o carrinho de mão do cantoneiro, o carcundinha vendedor de calçado, imaginando por fim ter a seu lado o rosto de Lydia. Lembrava-se então do medo que ella tinha dos bois, nas vesperas do mercado, e tambem da carreta do Foucart em que se transportavam os afogados envolvidos n'uma sarapilheira, no tempo dos banhos frios... Justamente, eis que lá sóbe vagarosamente o Sena, essa carreta mysteriosa; transporta o creado de quarto do velho Mérivet, retirado dos arbustos da margem onde se afogou ante-hontem por accidente. Era elle o sacristão da egrejinha; por isso o bom do seu amo segue-o chorando, mais curvado, mais derreado que do costume.

— Olha! o pae Jorge com o seu enorme cacete, com um pedaço de pão debaixo do braço.

E comtudo, hoje não é o dia das esmolas; mas ha tempos a esta parte que o velho vagabundo não abandona o logar de Uzelles. Parece esperar por alguem, parece espiar. Encontram-no sempre errando em volta do palacio, ou deitado contra um dos portões, ou caminhando pela estrada ou pela floresta.

— Sempre borracho! disse Chuchin com certo ar de inveja; e as raparigas da cozinha, quando o velho caminheiro approxima das grades da porta o seu focinho de homem-cão, gritam-lhe rindo:

— Tens então muitas maguas no coração, pae Jorge?

Durante o dia luminoso e calido é uma cousa sinistra ver essa pobre larva humana arrastar-se pela ampla estrada, collar-se ás arvores, ás paredes. D'onde sae essa cousa? Tem isso o que quer que seja que se pareça com uma patria? Que idioma, que algaravia, que calão tritura essa bocca sem dentes? E como se encoutra esse pobre diabo n'este canto do Seine-et-Oise, esse velho pedinchão,

tão perdido, desconhecido e remoto como se errasse pelo centro de Africa?

Eil-o que se approxima da fonte, tentando alcançar o pucaro e sustental-o sob a escoante da agua clara. Tremem-lhe as mãos, os pés escorregam-lhe, o chapeu, farrapo de feltro sem forma nem côr, cahiu ao lado do pucaro tombado, o que faz rir até ás lagrimas a joven rendeira de defronte, de pé, de guarda ao pateo, com as mãos sobre um enorme ventre de mulher gravida. Finalmente o misero, depois de horriveis esforços, consegue beber até pela torneira; e dois fios de agua escorrem-lhe pela barba, emquanto o sol aquece o seu craneo pellado, vermelho, sulcado por grossas veias azues. E Ricardo recorda-se então de que Lydia lhe dissera uma vez que nunca via um caminhante parar, á tarde, para beber, n'esse cruzamento de caminhos, e ficar em seguida indeciso, os olhos fitos no chão, nunca ella via um quadro, como esse, de miseria, de incerteza, de abandono ao sol poente, que não pensasse que esse desgraçado errante fôra, em pequenino, embalado, acalentado por uma mãe doce, terna, que talvez o contemplava no seu somno phantasiando para elle as cousas mais bellas, sonhando os mais deliciosos sonhos. Como é que uma mulher que falava com essa bondade, com essa piedade sincera, podera ter feito tanto mal ao marido? Era elle então a seus olhos menos que um desgraçado mendigo?

O pae Jorge, agora que acabou de beber, deita-se proximo da fonte, pesadamente, por pedaços, como se lançasse os membros por terra, um apoz outro. Lá tira o pão de dentro do casacão esburacado, esfrangalhado, põe-no sobre uma pedra junto de si, depois, fechando os olhos, mas sómente a meio, porque defende a sua pitança contra as moscas e contra uma multidão de bichos inimigos das suas paragens de vagabundo, adormece, com uma das mãos sobre o pão, a outra sobre o bordão de pau duro como ferro.

Ricardo não dorme. Foram-se essas bellas sestas de outr'ora. Do outro lado do caminho inundado de luz, olha, escuta o somno pesado d'esse miseravel pelo qual sente como que uma certa ternura, porque era o pobre de Lydia, porque fôra elle o ultimo a quem ella falara, porque fôra a elle, n'essa mão gretada e crispada que entregara esse bilhete de despedida que nunca a sr.ª Fénigan ousara mostrar ao filho. E de repente pensa que á falta d'essa carta, a pequenina secretária, lá em cima, no seu quarto, encerra talvez outras e tão curiosas. Como se explica que não tivesse mais cedo a tentação de ir lá ver?

Dito e feito: n'um prompto corre a Rosina para lhe pedir a chave, para ver a imagem do sr. Alexandre galgar á janella da casa dos engommados aberta sobre o parque, e subir lestamente a pequena escada de madeira forrada de tecido de Genova com grandes flores; eil-o deante de um movel gracioso de marchetaria antiga cuja fechadura faz saltar, embebedado repentinamente por esse aroma de iris mettido n'um *sachet* que lhe traz á memoria a ausente melhor ainda que as arias de Pergolèse ou de Beethoven. Ricardo, com os seus dedos enormes e febris, fura, folheia, procura. Já achou cartas de sua mãe, e d'elle, do tempo em que fizera a côrte á orphanzinha, alguns bilhetes da irmã Martha durante uma estada da religiosa em Dublin, e depois conservadas preciosamente, as duas contas da ceia e da dormida no hotel, na noite da opera. Pobre Lydya! condemnada a não ter ensejo nunca de gosar, de divertir-se...

Eis porém um sobrescripto grande no qual existem uma miniatura em marfim n'um escrinio e tres cartas cuja lettra fina e felina reconheceu — a lettra de Charlexis. Logo ás primeiras linhas estremece, as faces ruborisam-se por effeito da arte infernal do principe desenvolvida com o fim de decidir Lydia á fuga, mostrando-lhe perfeitamente o odioso da sua existencia entre o ridiculo e sonoro *pum pum* e a sr.ª Loir, a apanhadora de fructos; é assim que

elle trata Ricardo e a mãe. Ah! que monstrosinho! nada lhe escapa — as manias, as insistencias; e como é habil em exaltar as vaidades da rapariga, as suas pretensões á nobreza, a sua febre das viagens, e das aventuras! Como sabe fazer-lhe crer que ella abafa n'esse cantinho do Sena entre duas eclusas!... E accusaram Lydia de ter abusado dos dezesete annos do principe! Mas esse joven tem cem annos; e a mais d'isso a experiencia de uma antiga dansarina e a de um mau padre. Não, não foi ella que o amestrou nem que o debochou; provam-no essas cartas...

Mas quem é este *baby* radiante e soberbo, n'um quadro de ouro minusculo, completamente nu sobre as flôres de um tapete? A quem pertence essa creancinha? A elles, talvez. Mas quando? onde? como? pois se ella não abandonou nunca a casa...

E o pobre marido, cuja paternidade gorada foi o seu constante desgosto, eil-o ahi a prescrutar, a interrogar esses traços em miniatura, esses anneis de ouro frisados, os olhos de pedra fria d'esse que suppõe ser um bastardo do monstro. Ah! não: é o proprio monstro ali estampado!

Esse retrato de Charlexis aos dois annos é uma phantasia do general; um modo de dizer ás mulheres extasiadas ante a nudez do delicioso pequerrucho: Vejam como eu os faço...» ao passo que o principe offerecendo á sua amante esse medalhão da sua primeira infancia parece insinuar-lhe: «Vê como eu sou feito.»

No fundo do escrinio, debaixo do retrato, uma carta mais intima, mais calorosa ainda que as outras, dá essas explicações.

Percorrendo essa carta Richard empallidece subitamente, agitado completamente por movimentos nervosos, sentindo no vasio do estomago contracções horriveis. Os olhos perturbam-se-lhe, cessam de ver, atravessados, ennevoados por fulgores internos... O veneno, o veneno do ciume... não conhecia ainda essa atroz queimadura. Nada imaginava além da fuga de Lydia; mas agora pensa,

no outro, n'aquelle que lh'a roubou aos seus delirios, ás suas caricias... E o pobre ciumento continua a ler. Não o queria fazer, porque cada palavra despedaça-o, queima-o; mas é preciso... é como um veneno delicioso que uma febre má o força a beber...

Para decidir Lydia á fuga, o amante queixa-se em phrases ardentes de que as noutes passadas na isba são demasiadamente negras; está farto de amar ás apalpadellas, na sombra, por entre sustos, com o bafo dos cães sob a porta. De certo que ha a attracção, o goso do perigo... Oh! o beijo que hontem trocaram ao portão de Grosbourg, esse beijo em plena bocca, tão doce, tão profundo que, durante cinco minutos, ficaram ambos cambaleando, os joelhos vergados... Mas não importa, a sua primeira noute na camara do yacht ainda será melhor. Uma noute franca, passada em claro, sem sustos nem pudores, nada entre elles, nada sobre elles; beijos e luz! Será como na canção malaguenha em que a bella catholica segreda aos labios do amante: «Apaga: oh! apaga... basta de maldade; o peccado dos olhos não quero conhecel-o.» Depois, muito alto, no transporte do prazer: «Torna a accender amigo, torna a accender. Quero commetter o peccado dos olhos tambem com todos os outros».

O desgraçado levantou-se; caminha pelo quarto furiosamente, agitando as mãos ávidas de massacre. Que cousas abominaveis que elle vê, que cousas horrorosas que os seus olhos descobrem, e que não poderá mais extinguir: «Ah! principesinho malvado; ah! bandido... para onde a levou elle? onde a occulta? se eu pudera sabel-o, tel-os ao pé de mim, cevar-me n'elles... tomem lá!» E com o tacão da bota esmaga, esmigalha o medalhão de marfim, julgando triturar a carne nua e a vida... Mas o veneno está bebido, misturado no seu sangue, e não lhe trará mais descanço.

A' noite, no salão, dispondo as peças do xadrez sob a luz tranquilla do *abat-jour*, a sr.ª Fénigan contempla o fi-

lho com um sorriso de bem estar e de plenitude: «Dize que se está aqui bem, que nós ambos somos felizes juntos!»

Se ella imaginasse o que o filho vê, as scenas que o desgraçado imagina.

(Continúa.)

Alphonse DAUDET.

PHANTASIA CREPUSCULAR

—Vesper, fulge-te o esplendido regaço,
Abençoa-te o nauta na procella,
Tens um sólio ideal no azul do espaço...
E eu te lamento,—desgraçada estrella!...

— Que sabes tu de Deus?—Das creaturas
Que sabes tu?—Que laço a ti nos liga?...
Impassiveis, as Iloras, nas alturas
Levam-te, levam-te, infeliz amiga!

Esta singela e pallida bonina,
—Esta bonina que viveu um dia
Sobre a relva orvalhada da campina,

Viveu e amou!... E tu?—Lucida e fria,
Vaes, —pariá da sensação divina—,
Emquanto o Amor, do meu olhar, te espia!...

NARCISA AMALIA.

NA INDIA

CEYLÃO

(Continuação)

IX

12 de Novembro.

Hontem, ao voltar do interior, encontrei no comboio um hollandez: gordo, sereno, pallido, gesto pacifico e poucas palavras. Do temperamento hollandez só lhe resta a fleugma e a placidez; a carnação sanguinea, essa desapparecera sob a acção do calor. Passados cinco minutos pede-me o meu endereço, a fim de me mandar flores, porque as minhas algibeiras replectas de rosas, jasmins, pétalas multicores, a minha admiração por estas flores immensas, tinham-n'o surprehendido. Pouco a pouco soube ser o meu homem natural de Ceylão, possuir plantações de chá na montanha, e residir com a familia em Colombo. Hoje almóço em sua casa. O *bungolow* de que é proprietario está situado nos *cinnamon-gardens* (jardins de canella) e assimelha-se a uma quinta de recreio de antigo romano rico; espaçosas sallas separadas por divisorias de madeira odorifera, bem trabalhada, com rendilhados e recortes, grandes *chaise-longues* de vime, onde se passa os dias estendido, de cigarro na bocca e um livro diante dos olhos. Bellas creanças, extraordinariamente pallidas, de uma côr translucida de cera branca, purissimas, enlanguescidas pela

influencia do clima, rodeadas por uma familia de criados muito querida, com quem tanto as creanças como os senhores fallam em lingua chinguleza.

Depois do almoço passeiamos no jardim, onde se expandem em liberdade as flores exoticas das nossas estufas e as mais bellas palmas do paiz. Colhendo a folha de uma planta gorda, um jacto de seiva queimou-me a mão; por aqui se poderá bem comprehender o ardor e actividade d'esta vegetação.

E' necessario partir. Esta noite tornaremos a embarcar. Quiz ver novamente o olhar tranquillo, o grave olhar dos religiosos e o sorriso do grande Buddha deitado, a fim de que esta recordação se gravasse mais profundamente no meu espirito, e por isso terminei o dia de hoje no templo de Colombo.

A' tarde, ao declinar do dia, fui até á praia do Monte-Lavinia, uma praia solitaria, orlada por uma alta e sombria floresta de coqueiros, que nos faz pensar nas pequenas ilhas selvagens perdidas na linha do equador, na vastidão amplissima das aguas. Ao longe, agitado pelo vento que vem do largo, encrespa-se azulado o mar, o formidavel oceano indico, ardente e forte, de cujas vagas, ao perderem-se no horisonte, apenas se divisam as espumosas cristas esbranquiçadas, subitas e silenciosas. As alterosas ondas, assaltando a terra vermelha, rebentam inteiras com estrondo, cheio e pesado. E por momentos, na monotonia d'este clamor ouve-se o triste rumorejar dos grandes coqueiros...

PONDICHÉRY E CALCUTTÁ

I

16 de Novembro.

Recomeçamos a vida de bordo. Outra vez os longos dias enervantes, sobre a agua tranquilla, debaixo do mesmo céu

empallidecido pelo excesso de luz, de novo volteiam as longas noites passadas no convéz á luz das estrellas tropicaes e, depois, a lassidão proveniente d'esta continuada monotonia.

Uma manhã accordámos defronte de Pondichery. Indigenas completamente nus e completamente negros, com a cabeça cingida por um grande turbante, volteam em seus botes á roda do navio. Depressa porém fazem a sua toilette de cerimonia para o que simplesmente lhes basta atar um lenço entre as pernas, e trepando, ligeiros e ageis ás portinholas, como um bando de formigas diligentes, agarram-nos e precipitam-nos nas suas embarcações. Remando com energia, soltam gritos enthusiasticos, nos quaes immediatamente se reconhece a lingua franceza:

«Hurrah pelo papá!

«Hurrah pela mamã!

«Hurrah pela feliz viagem!»

E eis tudo quanto conhecem d'aquelle idioma estes grandes filhos das selvas, o que todavia os não impede, segundo me dizem, de exercerem funcções eleitoraes, votando com toda a dignidade de cidadãos livres. O sacerdote magno do pagode entende-se com o governador e os negros lá votam, conforme se lhes ordena, como se cumprissem uma ceremonia religiosa do seu ritual, analoga á procissão periodica das imagens sagradas em carros.

Vae uma enorme balburdia no caes.

Comnosco vem um alto funcionario da Republica. As forças da India francesa, os trezentos cipaes, que a Gran-Bretanha tolera, lá estão em linha encantados por fazerem de soldados, satisfeitissimos dentro do seu brilhante uniforme. A multidão de curiosos indigenas é afastada com fortes coronhadas, para dar livre passagem aos brancos, sob os arcos triumphaes onde se recebem os cumprimentos de felicitação pela boa vinda e as acclamações officiaes.

Pobre população branca a de Pondichéry, pobres francezes, nascidos tão longe, descendentes de antepassados

valorosos, que ali se installaram quando a França era uma potencia gloriosa nas terras da India, hoje tão esquecidos, tão affastados do seu primitivo berço! Encontro filhos de velhas familias creoulas, e apraz-me devéras distinguir entre elles o cunho e a expressão da raça de que provém o povo francez. Parecem admiravelmente provincianos, atrasados, com o quer que seja de fadiga, de indolencia, de tibieza, algumas vezes de degeneração. Não sei porque; mas tudo aqui se ressente da vida das pequenas provincias da França muito distantes do centro, que vivem apenas dos lampejos da vida que d'esse centro dimana, da banal sub-prefeitura, onde tudo é pautado, monotono, fastidioso e senil. Estamos aqui sob este ponto de vista, muito mais longe de Paris do que em Carpentras ou Landerneau.

O alto funccionario desembarca e recebe as demoradas apresentações e os sorrisos officiaes. Um personagem indigena inclina-se diante d'elle, trajando pomposamente saias brancas, que o embaraçam, carregado de joias, muito gordo, pesado e ventrudo, com os seus olhinhos pequenos pestanejando muito n'uma cara de brahamane meiga e gorda. Apoia-se com dignidade, sobre a bengalla de prata, com a qual fôra gratificada a sua familia, no dia em que, escaceiando os projecteis, um seu antepassado offerecera barras de ouro para bombardear os inglezes que sitiavam Pondichéry.

Continuam as apresentações, os discursos, os apertos de mão, e o funccionario, entre os seus secretarios, de casaca preta, á testa do cortejo, passa sob os arcos de triumpho, e as forças francezas e os trezentos cipaes retiram ao som dos seus instrumentos bellicos. Muito emocionante e um tanto comica, n'este exotico quadro, essa ceremonia que lembra as distribuições de premios, as inaugurações officiaes de monumentos ou ainda as excursões eleitoraes dos nossos ministros.

A cidade é bella, clara e aceiada. Por toda a parte se nota sempre o solo avermelhado da India, e esses perfu-

mes que se evolam não se sabe d'onde. As estradas alongam-se em linha recta, orladas de palmeiras, atravessadas continuamente por pequenos esquilos raiados, que levantam ligeiras nuvens de pó. Sentimo-nos já longe de Ceylão; a vegetação aqui tem um tanto de resumida como de limitada. Eis uma alameda de palmeiras que seguramente não tem experimentado qualquer alteração ha dez annos: aqui desapparece a ondulante suavidade da vida rapida.

O que mais deleita a vista é contemplar o movimento d'uma multidão de mulheres tão magnificamente, tão simplesmente vestidas. Com o porte correcto, busto inclinado para traz e a cabeça carregada de vasos de cobre, apresentam uma linha pura e nobre. Apezar do brilho das côres, este povo faz pensar na antiga Grecia: as mesmas attitudes de estatuas, a mesma tranquillidade de gestos, a mesma vida ao ar livre, as mesmas casinhas de terra baixas, frescas, brancas, quadradas, sem moveis, onde as mulheres fiam sentadas á sombra.

A tres kilometros de Pondichéry fica o pagode de Vilenoor, e, uma vez aqui, nunca mais se póde pensar na Grecia. Acima da cidade, que se compõe de vinte pobres cabanas, vinte choças selvagens, á sombra das quaes dormem negros de frontes bestiaes, ergue-se uma cousa indescriptivel, um montão azulado de fórmas movediças, uma pyramide confusa, formada de innumeraveis monstros de porcelana, com visagens medonhas, dispostos em andares e em fileiras cerradas. É horrendo e louco o tecto d'este pagode, fructo d'uma imaginação desvairada de cerebro enfermiço, que oppresso e pervertido pelo sol torrido, delira em pesadellos horriveis e grotescos.

E n'este amontoado de figuras disformes, de membros torcidos, que se enlaçam, não ha sómente um disparate inconcebivel, ha tambem o que quer que seja de selvagem e inquietador, incomprehensivel, como nos idolos da Polynesia, ou nas antigas divindades sanguinarias do Mexico, um não sei que, que nos falla das velhas roças indi-

genas, que os conquistadores arianos encontraram por toda a parte, quando invadiram a India, raças negras mysteriosas, que povoam ainda a parte meridional da peninsula, cujas tribus errantes se encontram nas florestas do interior. Depara-se sempre com o vestigio d'essa raça na architectura do sul. A dois passos d'aqui, em Madura e em Trichnopoly, ella attinge então a maxima extravagancia, a maior das extranhezas, expandindo-se em vastos pagodes de granito, grandes como cidades, cobrindo a terra com as suas columnas, empilhando sobre as gigantescas pyramides os deuses, as deusas, os demonios, os heroes, os monos, os cavallos, os elephantes, um mundo vivo, completo, que se mistura, que se esmaga, suffoca e sobe, amontoado na mais extraordinaria promiscuidade.

Uma multidão de padres e fieis negros atropella-nos, a guinchar, e cem mãos avidas se estendem. O meu guia distribue ao acaso algumas bengaladas, e logo todas aquellas caras apparecem contristadas, os guinchos transformam-se em prantos e as mãos, que mendigavam, juntam-se e supplicam. Algumas moedinhas de prata bastam, porém, para logo restabelecer a alegria entre esta pobre gente negra, e as piedosas physionomias dos brahamanes desannuviam-se, com sorrisos de prazer infantil.

Depois afastam a multidão, consultam-se com ares mysteriosos. Dois minutos apenas de conciliabulo, em seguida ao qual os dois mais velhos se esquivam, desapparecendo no sanctuario; lê-se-lhes claramente na physionomia o projecto d'uma surpresa que nos preparam; effectivamente não tardam em voltar conduzindo um rancho de bailadeiras, extravagantemente enfeitadas.

Ellas executam uma pantomima erotica, magnificamente vestidas de seda, com o nariz, orelhas, braços e artelhos carregados de manilhas; têem gestos de voluptuosa indolencia e extremecimentos no corpo e na extremidade dos dedos. São pouco seductoras estas bailadeiras: physionomia brutal, cara excessivamente gorda, labios espessos,

indicativos da inferioridade da raça; o olhar é vasio e quasi idiota e a bocca abre-se n'um sorriso imbecil.

Evidentemente a alma escasseia n'estas creaturas negras, que muito se approximam do animal. Levam o dia inteiro a dormitar á sombra, despertando sómente do seu torpôr para desempenharem os seus deveres de bailadeiras: a dansa e a prostituição. A união com uma bailadeira, segundo affirmam os brahamanes, redime todos os peccados.

Por detraz d'ellas abre-se o sanctuario para nós interdicto, mas, lá ao fundo, eu entrevejo as indecisas fórmas de dourados deuses, e um idolo horrendo, que jaz nas profundidades d'um tabernaculo escuro. Idolos, bailadeiras, pyramides, monstros accumulados, negros fieis, padres mendicantes e selvagens, tudo isso deixámos bem depressa, um tanto desorientados, sem, afinal, podermos quasi nada comprehender do que respeita a toda esta gente.

Á tarde, regressando a Pondichéry, vi a estatua de Dupleix. O heroe defronta o oceano, intrepido, imperioso, desafiando com o olhar, cheio d'uma vontade e d'uma audacia extraordinarias. «Um bravo, — diz-nos um inglez, — que nos deu bastante que fazer. De que vos serve agora Pondichéry? Obrigou-nos a guarnecer a fronteira com guardas aduaneiros e os nossos ladrões vão refugiar-se entre vós. Que tendes a vêr com esta colonia?» Absolutamente nada, respondeu um francez, mas é preciso que Dupleix tenha a sua estatua na India, porque aqui é a sua casa.»

II

19 de novembro.

Que novo mar é aquelle em que navegámos esta manhã, um mar completamente escuro, lamacento, com vagas espessas e pesadas? Nem uma só costa vemos esboçar-se

no horisonte. Tão longe quanto a vista póde abranger, vemos estremecer debaixo d'um limpido céu azul, esse grande circulo côr de lama, sobre o qual palpitam doiradas scentelhas. Approximámo-nos finalmente da embocadura do Hoogly, as aguas agora são muito barrentas, devido á grande quantidade de terra que o Ganges e o Brahmaputra arrastam das planicies do Indostão e das vertentes do Himalaya.

Cerca das duas horas, depois do meio-dia, o mar cobre-se de escuras manchas, da côr do proprio mar, mas immoveis, foscas ou uniformemente luzidias, sem scintillarem á luz do sol, unicas no meio d'essa reverberação universal. É o limo que o rio deposita, a terra que elle lança á superficie das aguas, terra inerte ainda, perfeitamente nua, completamente virgem, materia primitiva, prenhe de vida futura, d'onde hão de brotar os futuros cannaviaes dos tropicos, com toda a exuberancia da vida, d'onde surgirá a grande vegetação venenosa, os enxames de insectos de fogo a zumbir e os pantanos pestiferos. E diz-se que além, por detraz do horisonte, n'uma extensão de duzentas milhas, este lodo prolifico vae creando silenciosamente, no meio das aguas estereis, um novo pedaço da Asia.

Pouco a pouco se esboça uma margem vaga e informe, uma margem de lama pastosa, que apenas emerge da agua, como a terra em seus primeiros dias. Finalmente apparece a vegetação herbacea primeiramente, vastos mantos sombrios de bambus e cipós cobrem a terra, depois os cannaviaes tenebrosos, que crescem no ambiente empestado pela vegetação e corrupção extremamente rapidas, mortiferos focos de fermentação onde o cholera e as febres são endemicas, onde a natureza solitaria, longe do homem, ensaia ainda as suas forças, nos processos simples da vida primitiva, onde os crocodillos, as serpentes, os gigantescos sapos se arrastam na vasa tepida, onde as flores, excitadas pelos miasmas putridos, se enroscam como linguas de fogo nos troncos das grandes arvores. O nau-

frago, n'estas paragens, tem menos a temer o perigo da agua do que o que offerecem esses cannaviaes, essas febres e toda essa rubra vegetação. N'um e n'outro ponto da margem, alvejam torres brancas; são refugios para os naufragos, onde, ao abrigo dos tigres, encontram alimento, medicamentos e pódem esperar a passagem d'alguma embarcação.

Avançamos lentamente, com infinitas precauções. O grande rio, que corre impetuoso, facilmente voltaria o barco se, demorado um instante por qualquer banco de areia, se atravessasse na corrente. A sonda não repousa um só momento. O leito é formado por areias movediças, que a força da agua desloca, agita, escava e accumula. As margens approximam-se e a cultura começa a apparecer: vastas messes douradas, limpidos arrozaes, altivos feixes de lustrosas palmas. Mui proximo da margem uma fila branca de indios serpenteia por entre as altas hervas.

Sobre o rio passam lentamente grandes barcos, os formidaveis vapores, oriundos dos portos d'Inglaterra, da America e da Australia. Ha ali grande quantidade de brigues, ancorados em lotes, com a prôa erguida, reflectindo a luz brilhante nos pobres cascos velhos, onde as marés estão marcadas por sinuosas curvas. Barcos velhos que penaram solitarios, perdidos ao largo nos negros oceanos, saccudidos da tormenta, ora erguendo-se nas cristas das vagas alterosas, ora despenhando-se pesadamente nos abysmos traidores abertos pelas mesmas ondas, longas horas de soffrimento paciente e obscuro. Como o seu repouso é tranquillo, agora, no esplendido seio do convulso rio!...

A actividade augmenta consideravelmente: sente se a approximação d'um grande enxame humano.

As pesadas gabaras passam, applicando os enormes bôjos sobre a grossa agua escura; inclinadas por effeito do vento na vela inchada, e o homem do leme, de pé, á pôpa, põe uma pequena mancha negra no fundo pallido do ceu. A agua em toda a sua extensão é amarella e espessa, e as

vagas, erguendo-se coroadas de clara espuma, serpenteiam no fundo mais sombrio. Um grande vapor de Liverpool cruza comnosco, elevado sobre as aguas, de cento e cincoenta metros de comprimento, completamente negro, ostentando a grande amurada semelhante a uma fortaleza de ferro.

Divisa-se a bordo um povo inglez, physionomias preoccupadas, homens vestidos de flanella branca, raparigas de bonet de panno, soldados vermelhos...

E sempre as palmas e os coqueiros, agora contrastando singularmente com as grandes fabricas amarellas, com as officinas fumegantes, em tudo semelhante ás que enegrecem o pardacento ceu do norte da França.

O rio curva-se bruscamente; uma floresta de mastros nos serprehende, depois apparecem as altas casas; é Calcuttá, Calcuttá, alvissima, toda resplandecente de luz.

III

Demorei-me tres dias em Calcuttá. Nada pude vêr, aturdido pela multidão, soffocado pelo calor. Uma coisa resalta: a sensação do branco: luz branca, casas brancas, a multidão vestida de branco, que corre atravez das ruas. Isto assimelha-se a Colombo ou a Pondichéry, como Londres se parece com uma pacifica cidade de provincia. Pelo numero das lojas, dos escriptorios, dos bancos, das carruagens, dos cartazes que cobrem os muros, julgamos encontrar-nos em Holborn, em Londres, ou em Paris, nas proximidades da Bolsa. Unicamente, nas ruas, em vez de europeus, de sobrecasaca preta e de chapeu alto, temos uma ruidosa população de magros e delicados filhos de Bengala, cobertos de cassa branca, franzidos, de efeminados traços, não indolentes e enervados como em Ceylão, mas activos, ner-

vosos, ageis, frementes de vida. Aqui, como em Londres, desde os vendedores de lapis ajoelhados em fileira sobre os passeios, até os gordos *babous*, curvados em seus caleches, toda a gente anda á caça de dinheiro; sente-se que esta cidade é uma praça commercial, um dos grandes mercados do mundo.

Nada mais extravagante do que esta mistura da Asia e Londres. Ha momentos em que nos julgamos em West-End, proximo a Hyde-Park. As mesmas grandes ruas direitas, as mesmas casas monumentaes, os mesmos porticos e columnas gregas, os mesmos passeios amplos, as mesmas praças ajardinadas, cercadas de grades, as mesmas estatuas inglezas em todas as esquinas.

Sómente, em certas horas, tudo isto fica deserto, a luz enche todo o espaço, ondeando em brancos reflexos no meio do silencio.

Durante as horas de trabalho, homens nús, de pelle negra, cobertos de suor, luctam contra a poeira, lançando agua d'um sacco de coiro que apertam debaixo do braço.

Nos escriptorios trabalha-se debaixo do pankah. Algumas vezes, de verão, as lojas fecham, carros de carreira interrompem as viagens, as ruas ficam desertas. A vida cessa inteiramente, durante alguns dias, e o sol, somente, habita a desolada cidade. Em summa, a vida é aqui meramente artificial. A natureza é demasiado forte para que o homem a possa olvidar, como na Belgica ou na Inglaterra, para que se possa entregar de todo ao trabalho e encher tudo com a sua actividade. Pode-se ser feliz aqui, mas é necessario o socego, o silencio, a verde sombra das palmas, a vida natural do paiz. As grandes cidades activas são pedaços da Europa transportados para aqui, grandes agencias, na realidade.

Passeio ao acaso n'uma ou n'outra direcção. Uma manhã tentei penetrar nos quarteirões indigenas. Nas ruas mais estreitas, sempre a mesma multidão de Bengalenses precipitando-se para a frente, os mesmos milhares de saias

brancas, os mesmos milhares de caras sombrias, magras e finas.

N'uma ou outra occasião nota-se um chim de amarelladas faces, vestido de pannos azues, frontes extravagantes do Népaul, do Dekan, do Afghanistan. E nada consigo distanciando-me do centro, as ruas continuam sempre, entrecruzando-se e acabando em novas ruas, ainda cheias do mesmo esvoaçar de saias brancas, e da mesma multidão, d'onde sahe um rumor surdo e confuso de enxame em actividade. E volta-se oppresso pelo sentimento que produz este fluxo humano. É bem certo que a nossa Europa não passa d'um pequeno recanto do globo onde se prosegue um desenvolvimento local e particular da humanidade; bem sabemos que ha outros, que tem havido outros, como ao lado d'uma floresta de carvalhos vegeta um pinheiral qualquer, como antes d'uma floresta de carvalhos já existiu uma floresta de grandes fetos. Mas isto é apenas uma noção abstracta e fria, despida de imagens e de emoções. Aqui desvenda-se o mysterio e a diversidade d'esta porção do genero humano, que surgiu de profundas e negras fontes, em milhões de vagas ondulantes, completamente ephemeras, que só nasce para desapparecer, sempre expulsa da existencia pelo incessante affluxo da nova agua, elevada para a luz por um desconhecido esforço, imperioso e cego. Lançado de repente no meio d'um formigueiro asiatico, descobre-se uma d'estas fontes, distincta da nossa, que ha muito tempo corre sem se misturar com a nossa, mas tão profunda, tão inexhaurivel, tão impetuosa e violenta, manifestando, com egual grandeza, o Ser que sempre se renova, diffundindo-se segundo os innumeraveis typos, na variedade dos seres.

DARJEELING

I

24 de Novembro.

Vinte e quatro horas de caminho de ferro, é o bastante para alcançarmos Darjeeling e a grande cadeia do Himalaya. Embarca-se na gare de Bengala-Norte, uma estação tão vasta como King's-Cross ou a gare d'Orleans. No grande *terminus* envidraçado, os vagons enfileirados esperam, emquanto uma enorme quantidade de indios, empregados de toda a especie, inspectores, verificadores, guardas, carregadores, accendedores de gaz, vendedores de refrescos, se occupa socegada e tranquilla dos seus negocios. Livreiros indigenas, com as barracas repletas dos ultimos romances inglezes ; pilhas de jornaes, que chegam ainda humidos, cheirando a tinta d'impressão, os grandes *papers* inglezes de oito paginas, sobrecarregados d'annuncios, duros, assetinados, custando muito a desdobrar. Cinco ou seis *babous* sobem para o wagon, onde os seus creados os installam. Tipos flacidos, melifluos e cheios, de casacos á ingleza, e a nudez das coxas a transparecer sob as saias de cassa franzida.

Ao partir avistam-se os depositos de carvão, as campanulas dos gazometros, toda a costumada decoração dos arredores d'uma grande cidade. Depois apparecem as planicies, os arrozaes, os feixes de palmas, que brilham com a mais suave e resplandecente luz.

O sol desce para o horisonte azul, polido e limpido, sem se offuscar, sem se deformar. Liquifaz-se, mas fica intacto como um disco puro de fogo fluido, palpitando docemente, e insensivelmente declina, dissolvendo-se ao tocar a planicie, desvanecendo-se n'uma luz rosea que fluctua im-

movel, vaporisada, na faxa do horisonte até morrer no azul das regiões mais elevadas, onde tremulla uma estrella unica, sem raios, uma grande gôta d'agua de purissima brancura. Lá em cima o ceu ennegrece, ao passo que o horisonte se torna rubro como cinza ardente, e nós vamos correndo na planicie, na planicie vasia e interminavel que de todos os lados agora desapparece nas sombras da noite.

Ao norte distinguem-se vastas extensões pallidas, clarões indecisos, longiquos esteiros d'um rio extravasado.

*
* *

25 de Novcmbro.

O paiz que se descobre ao amanhecer é plano, dourado pelo trigo, e em alguns pontos com faixas arruivadas, formadas pelas ervas seccas. Não sei porque tudo isto me faz lembrar Tourguéniev e as steppes russas. A natureza desperta com a paz habitual d'estas horas matutinas, ouvem-se os frescos gritos das grandes aves de vôo triangular, e sobre as grandes ervas passam filas de homens que se dirigem ao labor quotidiano. Encontra-se aqui de novo o sentimento familiar que inspiram as planicies dos nossos paizes, ama-se esta terra rica e amena, immersa em profunda tranquillidade, boa para os homens, para os animaes, para as plantas, para todos os seres que levam, sem precipitação, uma vida regular em seu fertil seio.

Cerca das oito horas vê-se em pleno ceu, mesmo em frente de nós, fluctuando acima da planicie, alguma cousa extranha que se nota sem maior reparo, uma sombra vaga, cuja pallidez é precisão acabam por nos impressionar.

Repentinamente occorre a idéa que deve ser o Himalaya, erguendo-se a quarenta leguas de distancia. As neves, tão altas, tão leves, ligeiramente azuladas, parecem regiões mais diaphanas do ar, no meio do azul profundo. Regiões aladas que nada teem de commum com a terra... Em baixo nada mais ha; os rochedos não se distinguem: é ainda o vazio, a amplidão de saphira que constitue o espaço, dir-se-hia que o ceu se fendêra para nos mostrar, suspenso no ether, um paraiso inaccessivel, uma mansão dos devas, os genios bons do brahamanismo luminosos e soberanos.

Em Siliguri mudamos de comboyo. As primeiras vertentes distam ainda vinte milhas, mas já se sente a approximação d'um mundo novo.

Ao lado dos delicados Bengalenses temos aqui os montanheses mongoes, pequenos e rochunchudos, de fronte robusta, tez amarellada e olhos obliquos, com as suas botas de feltro e um punhal de tres laminas á cinta, destacando-se por seus mantos de lã escura entre as alvas saias dos afeminados filhos do Industão.

É aqui a fronteira de duas raças, o limite de dois continentes humanos, porque os tartaros, que começam junto do Himalaya, cobrem a Asia central, a China e estendem-se até ás regiões glaciaes arcticas.

Que espantosa variedade humana n'esta estação perdida no sopé da montanha! Uma duzia de lavradores e officiaes inglezes, dois ou tres excursionistas allemães e suecos, e o resto composto d'uma multidão de Hindus, de Lepchas, de Boutaneses. Os casacos europeus, as brancas saias de Bengala, os vestidos vermelhos das mulheres lepchas, quasi siberianos pelos traços, pelas joias e pelos costumes, os *houppelandes*, esses casacões thibétanos, tudo se amontôa dentro das carruagens semelhantes a trenós. Silva a pequena locomotiva, eis-nos a correr na direcção da muralha azul, onde finda a planicie.

*
* *

Quando os vapores aspirados do oceano pelo sol equatorial são impellidos pela monsão do sudoeste, elles veem empanar o ceu da India, atravessam-n'o em grandes massas esbranquiçadas, ou se fundem immoveis no ar aquecido. Ao norte, porém, encontrando uma barreira gelada de sete mil metros de altura, que lhes embarga o passo, precipitam-se em neve ou em chuva pelas vertentes abaixo. Quasi nada passa além d'essa cadeia de montanhas.

Os plan'altos do Thibet são áridos, e a encosta meridional recebe todas as aguas vindas dos oceanos do sul. Nada se póde comparar a estas chuvas. Em Londres cahe dois pés d'agua por anno, ao passo que aqui cahem trinta e um. Em 1861, a altura da camada liquida que recebeu esta região, elevou-se a *sessenta e sete pés*. Pela profundidade da terra e pelo ardor do sol se poderá inferir o que deve ser a vegetação. Estas montanhas, onde nascem os grandes rios que se alastram na planicie, disseminam a vida em todo o Indostão, e é a este manancial que a vida deve, aqui, a sua violencia suprema.

— Imagine-se um levantamento monstruoso do solo, o dorso principal do globo, onde as tempestades vindas do mar se desfazem em borrascas e diluvios, qne lembram os primeiros cataclysmos do mundo; uma vegetação primitiva brotando no fogo, na agua, nos nevoeiros, onde estão accumuladas todas as arvores e todas as plantas da terra, desde os cannaviaes de cipós e de bambus até ás verdes florestas dos pinheiros; lá dentro, o rumor das torrentes, o estrepito das cascatas, o vagido stridente dos rios que sahem do berço; em baixo o miar dos tigres, e nas alturas, acima dos rochedos, o grito das aguias que volteam no espaço gelado; em toda a parte e sempre os ri-

bombos do trovão a repercutirem-se, uma vida compacta, violenta, ardente, que parece jorrar de cima, ou antes que sóbe no espaço, enfraquecendo como o tumultuar d'uma multidão que se afasta, e vae expirar na indifferença silenciosa dos gelos que se erguem no vacuo, — e assim sentir-se-ha talvez a grandeza d'este mundo.

*
* *

Penetremos ahi; eis-nos no cannavial, na espessa alcatifa que se estende até ás neves. As florestas chingulezas parecem con certeza inferiores a estas; as palmeiras e os bambus, rapidamente desenvolvidos achamol-os frageis, e o admiravel lustre das hastes e das grandes palmas, dir-se-hia que apenas vive por um perpetuo milagre de calor e de luz.

— Aqui a arvore é uma verdadeira arvore, solida, lenhosa, antiga, não lisa e esvelta, mas rugosa, de tronco enorme. A magnolia e o acajú jazem ocultos, sob espessos musgos verdes, que de todos os ramos pendem como cabelleiras molhadas. Cipós, de duzentos pés de comprimento, correm d'uns para os outros, extendidos como cabos, como serpentes erguidas por um violento esforço. E debaixo da grande floresta, ha ainda outra, um nevoeiro de vaporosos fetos, de altas hervas espessas, de rhododendros a suffocarem-se na sombra.

Os primeiros declives estão agora abaixo de nós e as florestas descem, prolongando-se na planicie, como um grande manto escuro cahido aos pés da montanha, ostentando-se, lá ao fim, em fartas dobras, em tufos de luzidia verdura, velada de vapores luminosos, bordada de profundas sombras. Ás vezes a montanha abre-se n'um largo amphitheatro de quinze leguas, cheio d'ar, espesso, azulado, visivel. Lá dentro, parece que tres florestas desabaram,

amontoadas, fumegantes, espalhando vapores resinosos, exhalando a respiração da sua intensa vida vegetal.

Além as planicies de Bengala vão-se desenrolando, vagas, indistinctas, subindo para o céu, desvanecendo-se e perdendo-se nas alturas, entre a luz e as brumas.

A dois mil metros, faz muito frio, é já o frio da Asia central. Voltamos a encontrar o nevoeiro que se arrasta deante de nós como uma maré pardacenta e vaga, circulando vagarosamente por entre os troncos da grande floresta, deslisando sobre os prados, despedaçando-se e ligando-se novamente, encobrindo o sol, colorindo-o e offuscando-o, dando-lhe a apparencia esverdeada d'uma lua desconhecida. Á direita e á esquerda, fantasmas pallidos de gigantes arvores, o lençol de neblinas atravessado pelos cipós, e fetos em cujas folhas se condensa e corre o orvalho, uma vegetação colossal no seio das brumas, que parece crescer longe da luz, n'algum mundo phantastico.

Eis-nos pois já bem distantes dos plainos rutilantes, onde o homem se enerva envolvido em cassa branca. De longe em longe apparecem pequenas aldeias lepchas, apenas visiveis na sombra humida, cabanasinhas conicas, quasi chinesas, onde flameja um grande fogo claro, tendas baixas, obscuras, replectas de bananas, de laranjas trazidas da planicie, de carnes fumadas, uma população mongolica a patinhar na lama, creanças semelhantes a figuras de cêra amarella, mulheres baixas, atarracadas, vestidas de pesada lã vermelha, homens abafados com fortes casacões de pello de cabra, de botas verdes e pequeno chapéu tricornio de feltro; muito mais differentes de nós, com as caras macissas, as maçãs do rosto salientes e os olhos obliquos, muito mais extraordinarios do que o Hindu ou o Chingulez, mostrando evidentemente pertencerem a uma especie humana diversa. Tudo aqui é mongol. Os yatagans, os objectos de madeira acharoados, as estatuetas rochunchudas, que se vendem na maior parte d'estas aldeias, tudo revella immediatamente o cunho chinez; já se nota a influencia d'essa arte

extravagante e exaggerada. Como explicar tudo isto senão pela affinidade de raça, mais forte do que todas as barreiras, capaz de vencer as maiores distancias? Porque o Thibet não começa senão além, por detraz d'essas altas barreiras geladas, quasi inaccessiveis, e a India ingleza está a dois passos.

Repentinamente o nevoeiro desfaz-se, foge por baixo de nós como uma cortina que se corre, para descobrir, cheia de luz, da base ao cume, toda a grande cadeia branca.

Acabámos de attingir o pinaculo do unico contraforte que separa os altos cumes dos plainos da India: entre nós e as neves nada mais se encontra além de um circulo escuro de cem leguas quadradas, onde se misturam a sombra dos nevoeiros e o negrume das florestas primitivas. Do outro lado, dispostos n'um arco de cento e cincoenta graus, elevam-se vinte picos, de sete mil metros de altura, subindo do fundo do valle como uma vaga em movimento, que se solidificasse ao erguer-se.

No centro, defronte de nós, tão proximo que parece que a sua quéda nos pode alcançar, a Kitchijunga estende os cannaviaes densos da sua base ampla, ergue os seus rochedos, as suas azuladas geleiras, perfilando lá em cima, a vinte e seis mil pés, a crista aguda sobre a fria pallidez do céu. N'um relance do olhar, como o valle desce muito, pode-se medir á vista essa prodigiosa altura.

N'este momento, eis o que tenho diante de mim: no primeiro plano, sobre a linha de cumiada, que acabamos de alcançar, semeando de pontos brancos o fundo negro das florestas, estão as pequenas quintas de Darjeeling, ultimo limite do mundo civilisado, á beira do abysmo onde começa a Asia selvagem, o grande paiz desconhecido, povoado por homens amarellos. Depois o vacuo tenebroso, o circo immenso immerso em trevas, onde rolam, esfarrapadas e informes, as grandes nuvens. Atravessam-n'o cinco raios de bruma debil, dardejados por uma massa scintillante, amontoada por detraz de nós no dorso negro

da montanha. Fixos, por cima do chaos sombrio de vapores movediços, elles medem a extensão do abysmo.

Não ha mar nem deserto, que possa dar a sensação vertiginosa do espaço, como estas cinco linhas rigidas, lançadas atravez d'este valle de quinze leguas de largo, fechado, lá ao fundo por uma muralha de oito mil metros. N'esta profundidade, entremeiam-se indecisamente as linhas e as cumiadas, mas além irrompe serena a soberana claridade, a inviolavel serenidade do grande cume, onde vão terminar todas as cadeias inferiores, que do Nepaul, do Thibet, da India se levantam, esforçando-se, na sombra, para se reunirem e, n'um arranco supremo e commum, saltando por cima de tudo, no silencio do claro espaço, virem a dominar o mundo.

II

26 de novembro.

Chegámos, preparados pela viagem para as grandes emoções e encontramos uma cidade ingleza de recreio. No caminho da gare, em frente do Himalaya, lê-se em grandes cartazes: *Colman's — Mustard, Pears — Soap, Beecham's Pills*, ranchos de crianças a cavallo, pequenos saxões activos e bochechudos, meninas, aprumadas sobre as sellas, alvas, como sangue rosado a cobrir-lhes as faces, toucadas com o gorro de jockey, elegantes em suas amazonas, seguidas do criado hindu, que o respeito dobra perante a raça forte. Passa-se diante das casas de campo cujas janellas salientes estão emolduradas em clematites e rosas trepadeiras. Nas grades dos pequenos jardins ha nomes de quintas de recreio inglezas: *Birchwood* ou *Woodland House*. O mais alto pinaculo de Darjèeling, que domina todo o Sikkim, é marchetado de garridas *villas*, coroado por um pequeno campanario saxão de pedra cinzenta, inteiramente semelhante

aos que se erguem sobre a pallida campina ingleza. Ao lado, um *tennis-ground* d'onde sahem jogadores vestidos de flanella.

Perante todas estas apparições, muda a orientação do nosso espirito, antigas recordações despertam da sombra em que jaziam adormecidas, restabelecem-se isoladas velhas correntes de idéas e de emoções. Julgamo-nos em Inglaterra, ao declinar d'um dia de verão, e, quando se ergue a cabeça, a vista espera encontrar as vermelhas faixas do occaso ao fim d'um prado coberto de nevoa.

Temos aqui tambem as *Assembly Rooms*, onde se dança á noute, onde se fazem os primeiros galanteios que vão terminar no casamento.

Encontra-se agora a capella dissidente que methodistas, baptistas, wesleyanos, possuem alternadamente. Depara-se com os soldados vermelhos, athleticos, cuidadosamente penteados, vivendo como senhores em suas tendas, e passeando enfatuados de vara na mão, com ares de amadores e de conquistadores. Eis aqui o *Boarding house, genteel and respectable* onde vos hospedastes em East-*bourne* ou em Scarborough. Veste-se a casaca para o jantar: a dons da casa faz a oração e passa cerimoniosamente finas tiraa de carneiro, de lombo assado ou pesados boccados de *pudding*. O marido, individuo vulgar, mas correcto, augmenta a respeitabilidade da casa. A conversação generalisa-se, um cavaco agradavel de pessoas bem educadas, tranquillas, sociaveis, que se approximam sem receio.

Passa-se depois ao salão: uma senhora nova senta-se ao pianno, o sarau finda com alguns trechos do ultimo *burlesco* de Sullivan, ou tambem por canções patrioticas e sentimentaes, e separamo-nos projectando qualquer passeio para o dia seguinte. Comparae com esta gente o colono francez na Tunisia ou no Tonkin, geralmente celibatario. Como elle se aborrece! como sente o seu exilio! Estes inglezes estão aqui como na Inglaterra. Transportaram não sómente as suas instituições, os seus costumes, os seus

prejuizos, mas tambem todo o seu meio natal, todo o decoro do seu paiz. O contacto d'um povo differente nenhuma influencia tem sobre elles.

Raça alguma é menos essencialmente capaz de adaptação, menos flexivel, nenhuma outra persiste tão continuadamente no seu typo e na sua personalidade. D'ahi lhe provém a energia moral, a força de vontade solicitada por algumas idéas immutaveis, mas d'ahi provém egualmente os limites da sua sympathia e da sua intelligencia. Isto, ignoram completamente os indigenas e não se esforçam para o comprehender. Do alto da sua civilisação, o inglez contempla o indigena como um semi-selvagem *idolatra*.

«Idolatra, é o termo pelo qual se designam indistinctamente os Hindus, os Budhistas, os Parsis. [1] Eis ahi bem claro o modo de ver biblico; era assim tambem que os judeus falavam dos povos extranhos.

Em Ceylão um plantador, installado na ilha ha quinze annos, fez-me a seguinte pergunta:

«E como se chamam os seus idolos, o que é que elles adoram?»

Ha pouco tive occasião de admirar a sobranceria, a fleugma, o desdenhoso silencio de dois soldados, que, n'um estabelecimento de artigos chinezes, examinavam varios objectos sem se dignarem olhar para o proprietario. Esta tarde á mesa do hotel, um jóven official, que vem passar alguns dias aqui, resumia assim as suas impressões, ácerca da visita que durante o dia fizera a um templo de lamas: «Um antro fedorento e miseravel, do qual me safei o mais depressa possivel.» *(A dirty stinking hole which I was only too glad to get out of)*. Elles vêem no indigena apenas um cooli, um moço de carga para conduzir bagagens ou um

---

[1] Na Allemanha, em Italia, em França, chamam os habitantes *the natives*. Em inglez a palavra *foreigner* tem certamente um sentido analogo ao da palavra «barbaro» entre os gregos.

engraxador de botas, assim como não vêem no paiz mais do que uma exploração agricola on industrial. Elles cavaram, infatigavelmente, as mais bellas florestas de Darjeeling ou de Ceylão, para cobrir o terreno despido com as suas tristes plantações de chá. Quem subir ao Sinchul, o cume que d'aqui a dois passos domina Darjeeling, verá o maior panorama do mundo; ao sul as planicies da India; ao norte as cristas do Himalaya, mas os primeiros planos são inglezes, cobertos de jardins, de culturas, de quintas, de egrejas, de quarteis *Civilians* não sómente para si proprios, mas tambem por espirito de dever para com os indigenas. Cobrir a India de caminhos de ferro, engrandecer e multiplicar-lhe os portos, desenvolver-lhe o commercio, convertel-a ao christianismo protestante, supprimir as castas, libertar as mulheres, abrir-lhe os zenanas, apurar-lhe, com o gosto pelos trajes europeus, a predilecção pelo crickct, pelo *foot ball*, pela musica e poesia ingleza, dar-lhe uma educação «pratica e racional», n'isto, dizem elles, consiste a sua missão, persuadidos, como Addisson, como Sydney Smith e Macaulay, que o augmento do bem estar humano, a civilisação decente, rasoavel, confortavel, em uma palavra, a civilisação ingleza, são os fins supremos da humanidade. «Quando tivermos findado a nossa obra na India, dizia-me um inglez em Ceylão, provavelmente os naturaes podendo passar sem nós, hão de pôr-nos na rua. Mas teremos cumprido a nossa missão.» E a proposito, louvava-me «o caminho de ferro que atravessa as florestas levando a vida ao interior, combatendo as velhas superstições e todas as *momices buddhistas*.» São por tal forma emprehendedores que a India munida de manufacturas, vias ferreas, universidades, bancos, tem hoje um orçamento e um commercio tão importantes como a Italia ou a Austria. São tão fortes e tenazes que, perdidos no meio de duzentos milhões de indigenas, jámais se transformam, ao passo que estes se vão inglezando pelo contacto com os seus cem mil colonos.

Em Calcuttá pude ver livros e jornaes escriptos pelos naturaes; não sómente o inglez é excellente, mas ali se encontra a fórma, o estylo, os prejuizos, todos os modos inglezes de sentir e de pensar. Alguns artigos pareciam sahidos da penna de um reverendo redactor de uma bella revista londrina. Da mesma fórma, certos individuos artistas, d'alma plastica, depois de conversarem algum tempo com uma pessoa de original e potente personalidade, copiam-lhe fielmente as attitudes, os gestos e as inflexões da voz. «Raça de silex», dizia Carlyle dos Anglo-Saxões: raça de silex, sim, que, implantando-se, sem se deformar, na molle argilla indiana, lhe imprime todas as suas saliencias e reintrancias. Conquistadores altivos, organisadores infatigaveis, são aqui a raça nobre, uma nova raça de brahmanes, de devas superiores. E eu o senti esta manhã, contemplando, por cima da grotesca balburdia dos miseraveis mongoes, a correcção do porte, a compostura do movimento calmo, o gesto tranquillo e energico, a face clara, o olhar resoluto e sereno de tres mancebos inglezes.

(Continúa.)

André CHEVRILLON.

IN ILLO TEMPORE

In illo tempore... — costumava o dr. Chaves. que rege no 4.º anno Theoria do Processo, marcar na ultima epoca uns exercicios muito innocentes de *practica forense*, a fim de dar aos rapazes, alguns dos quaes nunca tinham posto os pés n'um tribunal, a idéa do que vinha a ser isso; ao mesmo tempo a scena de pôr em juizo uma acção; tramites d'esta, etc., etc.

Semelhante coisa caberia talvez melhor no 5.º anno, em Practica do Processo. Mas como o dr. Chaves, alem de ser o redactor principal da *Revista de Legislação e Jurisprudencia* e o melhor advogado da Lusa Athenas, é o Praxista Mór da faculdade, elle mesmo tomou á sua conta encaminhar n'esses primeiros passos a rapaziada, pregando-lhe os taes exercicios!

*
* *

Ora o dr. Chaves é um chronometro... de carne e osso! Ao bater o quarto, elle que nunca deu uma falta, e só no

verão sae a banhos até á Figueira, eil-o nos Geraes pontualmente, como se tivesse dormido na secretária. Recolhe o curso; entra; senta-se lá no pulpito; abre a Reforma Judiciaria; rapa dos apontamentos; e durante tres quartos de hora, prelecciona, prelecciona sem despegar! Pode cair a torre da Universidade; póde Coimbra desabar d'alto a baixo e mesmo escangalhar-se o Orbe, que se escapar a *taberna*, como lá se chama á sala do 4.º anno, escapou com toda a certeza a prelecção — meirinha!

Aos tres quartos, nem mais minuto nem menos minuto, abre o dr. Chaves a caderneta, e chama. Assiste, como se nada fosse com elle, a um estenderete; e cumprida essa obrigação como cumpre todas as outras — fleugmaticamente, levanta-se e vae-se embora.

Mas nos taes dias de exercicios forenses, nem se levantava nem se ia embora. Como aquillo era *fóra-parte*, e mais por amor do officio do que por outra coisa, começava então aquella massada, como se a pregasse... por obsequio!

Ora mas os rapazes é que embirravam com o tal obsequio! E porque era uma soffrivel massada, e massada, de mais a mais, officiosa, os rapazes faziam por amenisal-a o melhor que podiam,— e poucos a levavam a sério...

*
* *

Marcou uma vez o dr. Chaves, para exercicio, uma acção não sei já de quê. Na vespera distribuira os papeis: — o sr. numero tantos faria de juiz; de ministerio publico, o sr. n.º tal; de escrivães, este e aquelle; de distribuidor, o sr. n.º tal; de official de diligencias, fulano; e, emfim de advogado do auctor, para requerer em juizo a tal acção, um rapaz Mesquita Carvalho.

*
* *

A patuscada principiava logo com a nomeação do official de diligencias! Immediatamente choviam sobre o nomeado os epigrammas, e pela Via Latina e na rua Larga a montaria não despegava:

— Official! um copo de agua!

— Official! um escarrador!

— Official! estes autos lá p'ra casa!

Acrescendo que o proprio dr. Chaves tinha sempre dedo para o escolher...

*
* *

Outras patuscadas se faziam.

O papel *sellado*, por exemplo, levava de sello a caricatura de algum condiscipulo, e os nomes que figuravam nas acções eram sempre... intencionaes. Como fosse marcada, uma vez, uma acção de separação, o advogado fez figurar de réu um condiscipulo que era casado, e allegou por ali abaixo, por conta da verdadeira mulher, as cousas mais escandalosas, acontecidas... com a criada!

*
* *

Mas vamos ao caso.

Distribuidos d'aquella vez os papeis para a tal comedia, cada um poz-se a fagulhar pelos cartorios do tribunal de Coimbra, em processos da mesma especie, o que lhe cumpria fazer na *audiencia:*— o juiz copiou o despacho; o distribuidor fez o rascunho da distribuição; os escrivães an-

daram a cheirar os protocolos; o official decorou o que lhe dizia respeito, e que era só isto:

— Está aberta a audiencia ordinaria. Quem quizer requerer pode fazel-o.

Só o advogado do auctor, que era afinal o que tinha mais que fazer, porque havia de levar escripto o articulado, não quiz saber de coisa nenhuma, e nem abriu, sequer, um formulario!

*
* *

Chega-se a hora da aula, e vão logo todos ter com elle, para que deixasse ver os *provarás*...

— Não fiz! Não é preciso! respondeu o Mesquita Carvalho sem dar importancia.

Os outros ficaram banzados!

— Mas olha que o Chaves não é p'ra graças! preveniram-no todos.

E o Mesquita sem se ralar:

— Bem me importa a mim!

Ficou o curso todo, por conseguinte, a crer o que d'alli sahia...

*
* *

Chega o *momento psychologico!* O tribunal constitue-se; faz-se de conta que bateram as dez; e a um signal do que fazia de juiz, o official, que estava de pé, volta-se para o curso e diz o recado:

— Está aberta a audiencia ordinaria. Quem quizer requerer pode fazel-o.

.....

Moita! Alguns, cabisbaixos, fungavam de riso mordendo

o lenço. Parecia uma comarca de 3.ª classe, Portel ou coisa que o valha:—não havia distribuições!

*
* *

Mas o dr. Chaves, que estava muito longe de esperar o que lhe aconteceu, vira-se então para o Mesquita Carvalho e diz-lhe assim:

— Sr. Mesquita Carvalho, o articulado!

Ergue-se o rapaz a meio corpo, e com a cara mais séria d'este mundo, volta-se para o Chaves e responde-lhe:

— Peço perdão a v. ex.ª... mas as partes... compuseram-se!

Trindade COELHO.

O FIM DO MUNDO

Vi em seguida um ceu novo e uma terra nova; porque o primeiro ceu e a primeira terra tinham passado.

APOCALYPSE, XXI, 1.

PRIMEIRA PARTE

No seculo XXV — As theorias

CAPITULO IV

Como ha de acabar o mundo

(Continuação)

A hora final chegará, sobre isso não ha duvida, e no entretanto a maior parte dos homens não crêem em tal.

MAHOMET, *Alcorão*, 61. XL,

«Objectar-se-ha talvez a este modo de proceder que, crescendo a altitude das praias para a parte central dos continentes, um mesmo recuo deveria, com o tempo, corresponder a maior perda em volume. Seria esta objecção bem fundada? Não; porque o trabalho das chuvas e dos cursos d'agua, tendendo por si mesmo, como já o dissémos, para o aplanamento completo das superficies, continuaria a caminhar de par com a acção das vagas.

«Por outro lado, sendo a superficie da terra firme de 145 milhões de kilometros quadrados, um circulo de egual

superficie deveria ter 6800 kilometros de raio. Mas a circumferencia d'esse circulo não teria senão 40.000 kilometros, isto é, o mar teria, no seu contorno, cinco vezes menos acção do que tem actualmente, graças aos recortes que levam a 200.000 kilometros a extensão das costas. Póde, portanto, admittir-se que o trabalho de corrosão maritima anda *cinco vezes mais depressa* do que sobre um circulo equivalente. Com certeza, que esta avaliação representa um maximo; porque uma vez roídas pelo mar as peninsulas estreitas, a relação do perimetro para a superficie diminuiria cada vez mais, o que tornaria menos efficaz a acção das vagas. Em todo o caso, como, na razão de 3 centimetros por anno, um raio de 6800 kilometros está condemnado a desapparecer em 226.600.000 annos, a quinta parte d'este numero, ou 45 milhões d'annos proximamente, representaria o minimo do tempo necessario para a destruição da terra firme pelas vagas maritimas; seria apenas superior, como intensidade, á *quinta parte* da acção continental.

«O conjuncto das acções mecanicas parece, portanto fazer perder cada anno á terra firme, um volume de 12 kilometros cubicos, o que, para um total de 100 milhões, provocaria a destruição completa em pouco mais *de oito milhões d'annos*.

«Simplesmente, o que nos falta ainda é termos exgotado a analyse dos phenomenos destruidores da massa continental. A agua não é só um agente mechanico; é tambem um instrumento de dissolução, instrumento muito mais activo do que geralmente se crê, em consequencia da proporção bastante notavel de acido carbonico que todas as aguas conteem, quer o peçam á atmosphera, quer vão encontrar a origem d'elle na decomposição das materias organicas do solo. Estas aguas, que circulam atravez de todos os terrenos, carregam-se ahi de substancias que ellas arrancam, por um verdadeiro ataque chimico, aos mineraes das rochas atravessadas.

«A agua dos rios contêm, por kilometro cubico, pouco mais ou menos 182 toneladas de substancias dissolvidas. A totalidade dos rios leva todos os annos para o mar *perto de cinco kilometros cubicos* de substancias dissolvidas. Não seriam já doze, mas sim *dezesete* kilometros cubicos, que perderiam cada anno a terra firme, sob as diversas influencias que trabalham para a sua destruição. D'ahi, o total de 100 milhões desappareceria, não já em oito, mas em *pouco menos de seis milhões d'annos.*

E ainda, meus senhores, este numero deve passar por uma attenuação notavel. Com effeito, não devemos esquecer que os sedimentos introduzidos no mar, tomam ahi o logar de uma certa quantidade d'agua e que, d'esse modo, e por tal motivo, o nivel do oceano deve elevar-se, indo ao encontro da plata-forma continental que se abaixa, e cuja desapparição final se encontra accelerada na mesma proporção.

«A medida d'este movimento é facil de precisar. Com effeito, para uma certa camada que perde o planalto, supposto uniforme, é necessario que o mar se eleve de uma quantidade tal, que o volume da camada maritima correspondente seja justamente egual ao volume de sedimentos introduzidos, isto é, ao da camada destruida. O calculo mostra que a perda em volume eleva-se em numeros redondos, *a vinte e quatro kilometros cubicos.*

«Portanto, podemos concluir, visto que este numero de 24 kilometros cubicos está contido 4.166.666 vezes no de 100 milhões, que representa o volume continental que *a acção unica das forças actualmente em obra,* se ella continuasse sem outros movimentos do sólo, *bastaria para arrastar, dentro de* QUATRO MILHÕES *d'annos, a contar de hoje, proximamente, a desapparição total da terra firme.* O mar terá invadido a superficie inteira do globo.

Accrescentarei que se esta desapparição do relêvo continental póde preoccupar um geologo e um pensador, não é esse, em verdade, um dos acontecimentos com que as

nossas gerações tenham de se inquietar; não são nem os nossos filhos, nem os nossos bisnetos, que terão de aprecial-o de modo sensivel. Portanto, meus senhores, se me permittem terminar esta exposição por uma phrase, um pouco... phantasista, accrescentarei que o cumulo da previdencia seria, com toda a certeza, construir desde já uma nova arca para escapar a esse futuro diluvio universal.»

Tal foi a these sabiamente sustentada pelo Presidente da Sociedade Geologica de França. Esta exposição lenta e calma das acções seculares dos agentes naturaes, abrindo um futuro de quatro milhões d'annos ás esperanças da vida terrestre, tivera como resultado distender os nervos sobreexcitados pelas apprehensões cometarias. O auditorio estava maravilhosamente acalmado. Tão depressa o orador desceu da tribuna e recebeu os elogios dos seus collegas, principiaram conversações animadas entre os grupos. Acabava de passar em todos os cerebros como que um ar de apaziguamento moral. Conversava-se ácerca do fim do mundo, como se se tratasse da queda de um governo ou da chegada das andorinhas, sem paixão, com uma indifferença completamente desinteressada. Um acontecimento, mesmo fatal, adiado por quarenta mil seculos, não nos impressiona absolutamente nada.

Mas o Secretario geral da Academia meteorologica acabava de subir á tribuna, e toda a gente lhe prestou immediatamente a mais sympathica attenção.

«Minhas senhoras, meus senhores:

«Vou expôr deante do auditorio uma theoria diametralmente opposta á do meu querido e eminente collega do Instituto, e apoiada sobre factos de observação não menos

precisos e sobre um methodo de raciocinio não menos rigoroso.

«Sim, meus senhores, diametralmente opposta...»

O orador, dotado de excellente vista, notou que todos os rostos se assombreavam.

«...Oh! objectou elle logo, opposta, não emquanto ao tempo que a natureza reserva á vida da humanidade, mas emquanto ao modo como o mundo terá de acabar; porque, pela minha parte, eu tambem sou dos que crêem em um futuro de muitos milhões d'annos.

«Simplesmente, em logar de ver a terra continental destinada a desapparecer sob a invasão gradual das aguas e acabando por ser inteiramente submergida, vejo-a pelo contrario destinada a morrer de seccura...

«Eu teria podido objectar aos estudos que precedem, o facto que, em muitos pontos, não é o mar que avança sobre a terra, mas pelo contrario é o sólo que invade o elemento liquido, aqui pelas areias, pelas dunas, pelos cordões littoraes, além pelos carreamentos dos rios, pelos deltas, pelos aterros. Mas não quero abrir entre a acção contraria comparada do mar e da terra uma discussão que poderia levar-nos muito longe; quero unicamente chamar a attenção do auditorio para um facto geologico muito interessante, e que vem a ser este: a quantidade d'agua que existe no globo diminue gradualmente de seculo para seculo. Um dia virá em que não haverá mares, nem nuvens, nem chuvas, nem nascentes, isto é, não haverá agua, e a vida vegetal como a vida animal perecerá, não afogada, mas *por falta d'agua*.

«Com effeito, á superficie do globo, a agua diminue, mares, rios, chuvas e nascentes. Sem ir procurar muito longe os meus exemplos, lembrarei, senhores, que outr'ora, no começo do periodo quaternario, o logar que Paris

occupa actualmente com os seus dois milhões de habitantes, desde o monte S. Germano ao confluente do Marne, era quasi inteiramente occupado pelas aguas, pois que a collina de Passy a Montmartre e ao Père-Lachaise, o planalto de Montrouge ao Panthéon e a Villejuif, e o massiço do Monte-Valeriano eram só o que emergia acima da immensa toalha liquida. As altitudes d'esses planaltos não augmentaram, não houve levantamentos do sólo; mas a agua diminuiu. Eis, de resto, accrescentou o orador projectando um mappa sobre o grande quadro do fundo do amphitheatro, eis o que era o Sena na região de Paris, nos tempos prehistoricos.

«Uma quantidade de agua, muito pequena, é verdade, relativamente ao conjuncto, mas não desprezivel, penetra atravez das profundidades do sólo, quer para baixo do leito dos mares, pelas aberturas, pelas fendas, pelas entradas devidas ás deslocações e ás erupções sub-marinas, quer em plena terra firme, porque nem toda a agua das chuvas encontra, quando embebe o sólo, uma camada d'argila impermeavel. Em geral, a agua da chuva regressa ao mar pelas nascentes, pelos regatos, pelas ribeiras e pelos rios; mas é necessario para isso que ella encontre um leito de greda e que corra n'elle seguindo os declives. Quando não ha camada impermeavel, ella continúa a descer por infiltração na crôsta porosa do globo e vem saturar as rochas profundas. É o que se chama a agua de mina.

«Essa agua é perdida para a circulação. Combina-se chimicamente e constitue hydratos. Se a descida é bastante profunda, a agua attinge uma temperatura bastante elevada para ser transformada em vapor, e tal é a origem mais frequente dos vulcões e dos tremores de terra. Os fumos vulcanicos são quasi inteiramente compostos de vapor d'agua. Mas, no interior do sólo como ao ar livre mesmo, uma parte não desprezivel das aguas em movimento na circulação atmospherica transforma-se em hydratos e mesmo em oxydos; não ha nada como a humidade para pro-

duzir rapidamente a ferrugem. Assim fixados, os elementos da agua, o hydrogenio e o oxygenio deixam de ser combinados no estado liquido. As aguas thermaes, por outro lado, não constituem ellas uma completa circulação fluvial interior, e não provêm ellas da superficie? Pois não voltam a esta do mesmo modo que voltam ao mar.

«Quer fixando-se, quer combinando-se, quer penetrando as camadas profundas do globo, a agua diminue portanto á superficie da Terra. Descerá cada vez mais á medida que o calor interno diminuir.

«Os poços de calôr que ha cem annos se teem cavado na visinhança das principaes cidades do mundo, e que dão gratuitamente o calor necessario para os usos domesticos, esgotar-se-hão com a diminuição da temperatura interior. Chegará um dia em que a Terra terá arrefecido até ao seu centro, e esse dia coincidirá com a desapparição quasi total das aguas.

«De resto, meus senhores, parece que deve ser esta a sorte dos diversos corpos celestes do nosso systema solar. A Lua, nossa visinha, cujo volume e cuja massa são muito inferiores ao volume e á massa da Terra, resfriou mais rapidamente e percorreu mais depressa as phases da sua vida astral: os seus antigos mares, sobre os quaes se reconhecem ainda hoje os vestigios irrecusaveis da acção das aguas, estão inteiramente seccos; nunca ali se nota nenhuma especie de evaporação, nenhuma nuvem, do mesmo modo que o spectroscopio não descobre n'ella nenhum vestigio de vapor d'agua. Planicies aridas, rochedos abruptos, circos desertos. Por outro lado, o planeta Marte, egualmente mais pequeno do que a Terra, está sem contradicção mais avançado tambem na sua carreira, e observa-se que não possue já um oceano digno d'esse titulo, mas simplesmente mediterraneos de mediocre extensão, pouco profundos, ligados entre si por canaes. Que ha menos agua em Marte que na Terra, é um facto averiguado pela observação; as nuvens são egualmente ali muito mais raras e

a atmosphera muito mais secca; os phenomenos de evaporação e de condensação effectuam-se lá mais rapidamente do que cá; as neves polares mostram, conforme as estações, uma variação muito mais extensa do que as neves terrestres. Por outra parte ainda, o planeta Venus, mais novo que a Terra, está rodeado de uma immensa atmosphera constantemente carregada de nuvens. Emquanto ao immenso Jupiter, esse está ainda no começo da sua vida; por assim dizer, não vemos n'elle senão vapores e nuvens. Assim, os quatro mundos que conhecemos melhor, confirmam cada um por seu lado a observação terrestre da diminuição secular das aguas.

«Sinto-me feliz em fazer notar, a este proposito, que a these do nivellamento geral sustentada pelo meu sabio confrade recebe um grande apoio do estado actual do planeta Marte. O eminente geologo dizia-nos ha pouco que, em consequencia da obra secular dos rios, planicies quasi horisontaes deverão anniquilar no futuro o relevo final da terra firme. É o que já succedeu a Marte. As praias visinhas do mar são tão planas que frequente e facilmente são innundadas, como toda a gente sabe. D'uma estação á outra, centenas de milhares de kilometros quadrados são alternadamente enxutos ou submergidos por uma pequena espessura d'agua. É o que se observa muito notavelmente nas praias orientaes do mar da Ampulheta. Na Lua, comtudo, o nivellamento não se fez. Terá faltado o tempo para isso, tendo deixado de haver aguas e ventos ainda antes da sua consummação. De mais, a gravidade, ali, quasi que não tem acção.

«É, portanto, fóra de duvida que soffrendo de seculo para seculo um nivellamento fatal, como tão completamente expoz o meu eminente confrade, a Terra soffre ao mesmo tempo uma diminuição gradual na quantidade d'agua que possue. Segundo toda a apparencia, essa diminuição caminha parallelamente com o nivellamento. Á medida que o globo perder o seu calor interno e arrefecer, soffrerá sem

duvida a sorte da Lua, e fender-se-ha. A extincção absoluta do calor terrestre terá como resultado operar retrahimentos, produzir vasios no interior, e a agua dos oceanos correrá para esses vasios, sem ser transformada em vapor, e será ou absorvida, ou combinada com as rochas metallicas, no estado d'hydrato d'oxydo de ferro. A quantidade d'agua diminuirá indefinidamente até á sua desapparição talvez total. Aos vegetaes faltará o seu elemento essencial, transformar-se-hão egualmente; mas haverá sempre herbivoros e carnivoros, e os primeiros desapparecerão, ao principio gradualmente, causando a morte inevitavel dos outros, até que emfim a propria especie humana, apesar das suas transformações morrerá de fome e de sêde, sobre o flanco da Terra, sêcco de todo.

«Por consequencia, meus senhores, podemos concluir que o fim do mundo não succederá por um novo diluvio, mas *pela diminuição da agua*. Sem agua a vida terrestre é impossivel. A agua constitue a parte essencial de todos os corpos vivos. O corpo humano encerra-a na enorme proporporção de 70 por 100. Sem agua, não pódem existir nem plantas nem animaes. Quer no estado liquido, quer no estado de vapor, é ella que rege toda a vida terrestre. A sua suppressão equivale a uma sentença de morte. E tal sentença, ser-nos-ha infligida pela natureza... dentro de uma dezena de milhões d'annos. Accrescento que o nivellamento não estará terminado antes. O sr. Presidente da Sociedade Geologica de França teve o cuidado de fazer observar que os seus quatro milhões d'annos applicam-se á hypothese em que as causas actuaes de destruição da terra firme actuem sempre na mesma proporção em que actuam hoje, sem que cousa alguma venha jamais perturbar a sua acção, e, por outro lado, elle proprio ensina que as manifestações da energia anterior não pódem cessar desde já. Observar-se-hão muito tempo ainda por aqui e por acolá levantamentos de terrenos, e os accrescimos continentaes pelos deltas, pelas ilhas vulcanicas e madreporicas, etc.,

far-se-hão durante muito tempo ainda. O periodo indicado não representava portanto senão um minimo.

Assim falou o secretario geral da Academia meteorologica. O auditorio tinha ouvido estas duas exposições com a mais cscrupulosa attenção, e manifestava pela sua attitude, que estava plenamente tranquillisado emquanto á sorte actual da Terra: parecia mesmo ter esquecido completamente o cometa.

«Tem a palavra *mademoiselle la chéfesse* (a menina chefe) da repartição dos Calculos do Observatorio.»

A este convite, a joven laureada do Instituto, doutora em sciencias mathematicas, physicas e naturaes, com quem travámos conhecimento no começo d'este livro, dirigiu-se para a tribuna.

«Os meus dois sabios collegas, principiou ella, sem exordio superfluo, teem ambos razão, pois que de um lado é incontestavel, que os agentes meteoricos, ajudados pela gravidade, nivellam insensivelmente o globo terrestre, cuja crosta se torna mais espessa e se solidifica de cada vez mais, e por outro lado a quantidade d'agua diminue de seculo para seculo á superficie do nosso planeta. Esses dois pontos póde a sciencia consideral-os como adquiridos. Porém, meus senhores, parece-me, no entanto, que o fim do mnndo não terá por causa *nem* a submersão dos continentes, *nem* a falta d'agua para a manutenção da vida das plantas e dos animaes.»

Esta nova declaração, este annuncio de uma terceira hypothese, pareceu impressionar o auditorio com uma admiração proxima do espanto.

«E não creio, tambem, apressou-se a accrescentar a ele-

gante oradora, que seja o cometa que se encarregue da catastrophe final; pois eu penso, com os meus eminentes predecessores n'esta tribuna, que os mundos não morrem por accidente, mas sim de velhice.

«Sim, meus senhores, continuou ella, é fóra de duvida que a agua ha de diminuir, e que talvez acabe por desapparecer completamente; mas não será essa falta d'agua em si mesma, que motivará o fim das cousas, será a sua consequencia climatologica. A diminuição do vapor d'agua na atmosphera produzirá o resfriamento geral, e os meus estudos levaram-me á conclusão de que será *pelo frio*, que a humanidade terá de morrer.

«Aqui, não vou ensinar a ninguem, que a atmosphera terrestre respiravel é composta de 79 por 100 de azote, de 20 por 100 de oxygenio, e que o centessimo restante é formado: n'um quarto de centessimo pouco mais ou menos pelo vapor d'agua, em 3 decimos millessimos pelo acido carbonico, e no resto pelo ozone ou oxygenio electrisado, pelo ammoniaco, pelo hydrogenio e por alguns outros gazes em quantidades infinitamente pequenas. O azote e o oxigenio formam, pois, 99 centessimos, e o vapor d'agua o quarto do centessimo restante.

«Porém, minhas senhoras, sob o ponto de vista da vida vegetal, animal e humana, esse quarto de centessimo de vapor d'agua é da mais alta importancia, e não receio affirmar que, no que respeita á temperatura e ao clima, essa pequena quantidade de vapor d'agua é mais essencial do que todo o resto da atmosphera! O que não é para admirar, pois se eu appelasse para o testemunho dos historiadores, elles dir-me-hiam que são causas minimas que governam o mundo.

As ondas de calor que chegam do Sol á Terra, que aquecem o sólo, e que d'elle emanam em seguida para se derramarem no espaço atravessando a atmosphera, embatem na passagem contra os atomos do oxygenio e do azote, e contra as moleculas de vapor d'agua disseminadas no ar.

Estas moleculas são tão espalhadas e tão raras (pois não representam em volume a centessima parte do espaço occupado pelas outras), que se poderia crêr sêr a conservação do calor devida antes ao azote e ao oxygenio do que ao vapor d'agua. Com effeito, se consideramos os atomos em particular, vêmos que para 200 de oxygenio e de azote, ha apenas 1 de vapor aquoso. Pois bem! esse simples atomo tem oitenta vezes mais energia, mais valor effectivo para conservar o calor irradiante, do que os 200 de oxygenio e de azote! Por consequencia, uma molecula de vapor d'agua é dezeseis mil vezes mais efficaz do que uma molecula d'ar secco para absorver o calor — como para irradial-o—porque os dois poderes são reciprocos e proporcionaes. Diminuam-se em uma forte proporção estas moleculas invisiveis do vapor d'agua, e a Terra torna-se immediatamente inhabitavel, apesar do oxygenio: todas as regiões, mesmo o equador o os tropicos, perdem repentinamente o calor que as faz viver, e são condemnadas ao clima das altas montanhas, onde estacionam os gêlos eternos; em logar das plantas luxuriantes, das flôres e dos fructos, das aves e dos ninhos, da vida que pullula no globo e nas aguas, em logar dos regatos murmurantes, dos limpidos ribeiros, dos lagos e dos mares, não temos em redor de nós senão gêlos immoveis no seio de um immenso deserto... E quando digo *nós*, minhas senhoras, está bem de vêr que não seriamos nós quem por muito tempo presenciaria o facto, porque o nosso proprio sangue nos gelaria nas arterias e nas veias, e todos os corações humanos teriam em breve deixado de pulsar. Eis quaes seriam as consequencias da suppressão do vapor aquoso, que derramado na nossa atmosphera, actua como uma estufa protectora e beneficente para a vida terrestre inteira.

«Os principios de thermodynamica demonstram que a temperatura do espaço é de 273 graus abaixo de zero. É esse, meus senhores, o frio mais do que glacial, no meio do qual o nosso planeta adormecerá, quando fôr privado

do véu aereo que tão quentemente o envolve hoje com o seu veludo protector.

«É essa a sorte reservada á terra pela diminuição gradual da agua que existe á superficie. Essa morte pelo frio é inevitavel, se a nossa residencia durar o bastante para esperar por ella.

«Tal fim é tanto mais certo quanto não é simplesmente o vapor d'agua que diminue, mas ainda os outros elementos do ar, o oxygenio e o azote, n'uma palavra a atmosphera inteira. O oxygenio fixa-se insensivelmente por todos os oxydos que perpetuamente se formam á superficie do globo; o azote fixa-se pelas plantas e pelas terras, e não regressa integralmente ao estado gazoso; a atmosphera penetra, pela sua pressão, os oceanos e os continentes, e desce, tambem elle, para as regiões subterraneas. A pouco e pouco, de seculo para seculo, a atmosphera diminue. Outr'óra, durante o periodo primario, por exemplo, era immensa;as aguas cobriam quasi inteiramente o globo, os primeiros levantamentos graniticos emergiam elles sós do oceano universal e a atmosphera era impregnada de uma quantidade de vapor d'agua incomparavelmente superior á dos tempos modernos. É o que explica a elevada temperatura d'essas epochas desapparecidas, quando as plantas tropicaes dos nossos dias, os fetos arborescentes, assim como as calamites, as equisetaceas, as sigillarias, os lépidodendrons, cresciam em florestas opulentas nos pólos, do mesmo modo que no equador. Hoje, a atmosphera e o vapor d'agua diminuiram consideravelmente. No futuro, o seu destino é desapparecer. Em Jupiter, que está ainda na sua epocha primaria, a atmosphera é immensa e cheia de vapores. Na Lua, parece que já a atmosphera desappareceu absolutamente; assim a sua temperatura é constantemente inferior ao gêlo, mesmo em pleno sol. Em Marte, a atmosphera é sensivelmente mais rarefeita do que a nossa. No futuro, sobre o nosso planeta, a miseravel raça humana morrerá de frio.

«Emquanto ao tempo necessario para nos chegar o reinado do frio causado pela diminuição da atmosphera aquosa que envolve o globo, eu adoptarei tambem os dez mimilhões d'annos calculados pelo orador que me precedeu.

«Taes são, minhas senhoras, os estadios que a natureza parece haver traçado á marcha vital dos mundos, pelo menos no systema planetario a que pertencemos. Concluo, portanto, que a Terra terá a sorte da Lua e acabará pelo frio, quando fôr despojada do vestido aereo que actualmente a garante da perda perpetua do calor recebido do Sol.»

O chanceller da Academia colombina, n'esse dia mesmo chegado de Bogotá, em aeronave electrica, para assistir a estas discussões, pediu a palavra.

Sabia-se que elle tinha fundado no equador mesmo, e a tres mil metros de altitude, um observatorio que dominava o planeta todo; d'onde se viam a um tempo os dois pólos do ceu, e todos se lembravam que, em testemunho da sua sympathia pela França, elle havia dado a esse templo d'Urania o nome de um astronomo francez que tinha consagrado a sua vida inteira ao estudo dos outros mundos, a fazel-os conhecer ás consciencias esclarecidas, e a estabelecer o papel soberano da astronomia em toda a doutrina philosophica ou religiosa. Conhecia-se de ha muito a sua fama universal, e por isso foi escutado com attenção especialissima.

«Meus senhores, começou elle, apenas appareceu na tribuna, temos ouvido, n'estas duas sessões, admiravelmente resumidas, as curiosas theorias que a sciencia moderna está no direito de offerecer ao espirito humano sobre as diversas maneiras como o nosso mundo terrestre poderá acabar. O incendio da atmosphera ou a asphyxia dos nossos pulmões, causados pelo encontro do cometa,

que se approxima com rapidez; ou então, para um futuro longinquo, a submersão dos continentes devida á sua descida geral para o fundo dos mares; a seccura final da terra e da atmosphera pela diminuição gradual da agua; e finalmente o resfriamento do nosso infeliz planeta envelhecido e no estado da Lua gelada e caduca.

«Eis, se me não engano, cinco especies de fins possiveis.

«O sr. director do Observatorio disse que não acreditava nos primeiros fins, e que, para elle, o encontro do cometa será pouco mais ou menos inoffensivo. Sou absolutamente da mesma opinião, e desejo accrescentar agora que depois de ter attentamente escutado as tres sabias dissertações dos meus eminentes collegas, eu não creio tambem nas outras tres.

«Minhas senhoras, continuou o astrónomo colombino, todos sabemos que nenhuma cousa é eterna... Tudo muda no seio da natureza immensa. Os botões da primavera expandem-se em flores, as flores transformam-se em fructos, as gerações succedem-se e a vida cumpre a sua obra. O mundo em que estamos acabará, portanto, da mesma maneira que começou. Mas, pelo menos na minha opinião, não será nem o cometa, nem a agua, nem a ausencia da agua que produzirão a sua agonia. O problema jaz, todo inteiro, parece-me, na ultima palavra da allocução tão notavel que vem de ser pronunciada pela nossa graciosa collega, a erudita e illustrada directora da repartição dos Calculos.

«Sim, *o Sol*, tudo está ali.

«A vida terrestre está suspensa dos raios do Sol. O que digo? Não é mais do que uma transformação do calor solar. É o Sol que mantêm a agua no estado liquido e o ar no estado gazoso; sem elle tudo seria sólido e morto; é elle que vaporisa a agua dos mares, dos lagos, dos rios, das terras humidas, que fórma as nuvens, que dá origem aos ventos, que dirige as chuvas, e rege a fecunda circu-

lação das aguas; é graças á luz e ao calor solares que as plantas assimilam o carvão contido no acido carbonico do ar: para separar o oxygenio do carbone e reter este, a planta effectua um trabalho immenso; a frescura das florestas tem por causa essa conversão do calor solar em trabalho vegetal, junto com a sombra das arvores de potente folhagem; a lenha que nos aquece no fogão não faz mais do que restituir o calor solar armazenado, e, quando queimâmos gaz ou hulha, pômos hoje em liberdade os raios do sol aprisionados ha milhões d'annos nas florestas da época primaria. A propria electricidade é apenas a transformação do trabalho de que o Sol é a primeira fonte. É portanto o Sol que murmura na nascente, que sopra no vento, que géme na tempestade, que floresce na rosa, que canta no rouxinol, que ribomba na trovoada, que é a voz de todas as symphonias da natureza.

«Assim, o calor solar transforma-se em correntes de ar ou d'agua, em poder expansivo dos gazes e dos vapores, em electricidade, em madeira, em ferres, em forças, em força muscular e nervosa; por isso, emquanto esse astro brilhante nos puder fornecer sufficiente calor, está assegurada a duração do mundo e da vida.

«O calor do sol tem muito provavelmente por causa a condensação da nebulosa, que deu nascimento ao astro central do nosso systema; essa transformação do movimento deve ter produzido uns 28 milhões de gráus centigrados; sabe-se, meus senhores, que um kilogramma de hulha cahindo de uma distancia infinita sobre o Sol produziria pelo choque seis mil vezes mais calor do que daria a sua combustão. Na proporção da radiação actual, a provisão de calor solar representa a irradiação do astro durante 22 milhões d'annos, e é muito provavel que esteja ardendo ha muito mais tempo já, porque nada prova que os elementos da nebulosa tenham sido absolutamente frios; pelo contrario, traziam já em si mesmos uma verdadeira provisão de calor. O astro do dia não parece ter

perdido nada da sua alta temperatura; continúa a condensar-se, e esta condensação póde reparar as perdas da radiação.

«No entretanto, tudo tem um fim. Se o Sol, continuando a condensar-se, chegasse um dia á densidade da Terra, essa condensação produziria uma nova quantidade de calor sufficiente para manter ainda durante 17 milhões d'annos a mesma intensidade de calor, que mantem actualmente a vida terrestre, e esse termo póde ser prolongado admittindo uma diminuição na percentagem da radiação, uma queda de meteoros precipitando-se sobre o astro devorador, e uma condensação continua além da densidade terrestre. Mas, por mais que afastemos esse termo, elle chegará fatalmente. Os sóes que se apagam nos céus são outros tantos exemplos antecipados da sorte reservada áquelle que nos illumina. Já, em certos annos, elle se cobre de manchas immensas.

«Mas quem poderia dizer se d'aqui a dezesete, vinte, trinta milhões d'annos ou mais, as maravilhosas faculdades de adaptação que a physiologia e a paleontologia teem descoberto em todas as especies animaes e vegetaes não conduzirão a especie humana de stagio em stagio, de grau em grau, a um estado de perfeição physica e intellectual tão superior ao nosso estado actual quanto este o é ao iguanodon, ao stégosauro ou ao compsonota das épocas geologicas desapparecidas? Quem sabe se os nossos esqueletos fosseis não parecerão aos nossos successores tão monstruosos como os dos dinosaurios? Talvez então a estabilidade da temperatura faça duvidar de que uma raça verdadeiramente intelligente tenha sido contemporanea de uma época submettida como a nossa aos saltos insensatos do thermómetro e ás variações fantasticas do estado do ceu, que caracterisam as nossas burlescas estações. E quem sabe se muitas vezes d'aqui até lá alguma immensa revolução do globo, alguma transformação geral, não sepultará o passado em novas camadas geologicas para re-

constituir uma era nova, novos periodos, quinquennario, sexennario, inteiramente differentes das épocas quaternaria, terciaria, secundaria e primaria?

«O que é certo, é que o Sol acabará por perder o seu calor; a sua massa condensa-se e comprime-se, a sua fluidez diminue. Chegará uma época em que a circulação que alimenta a photosphéra e que regularisa a sua radiação fazendo participar d'esta a enorme massa quasi inteira será embaraçada e começará a diminuir. Então a radiação de luz e de calor diminuirá, a vida vegetal e animal apertar-se-ha cada vez mais para o equador terrestre. Quando esta circulação tiver cessado, a brilhante photosphera será substituida por uma crosta opaca e obscura, que supprimirá toda a radiação luminosa. O Sol tornar-se-ha uma bomba vermelha escura, depois uma bomba preta, e a noite será eterna. A Lua, que não brilha senão pela luz solar reflectida, deixará de illuminar as noites solitarias. O nosso planeta apenas receberá a luz das estrellas. Extincto o calor solar, permanecerá a atmosphera n'uma tranquillidade absoluta, sem que nenhum vento possa soprar de nenhuma direcção. Se os mares existirem ainda, serão solidificados pelo frio; nenhuma evaporação virá formar nuvens, nenhuma chuva cahirá mais, nenhuma fonte tornará a correr. Talvez os ultimos espasmos de um facho na agonia, como se vê nas estrellas que vão a apagar-se, talvez um desenvolvimento accidental de calor, devido a qualquer abatimento da crosta solar, despertem por um instante o velho Sol dos antigos dias; mas isso não seria mais do que os symptomas do fim ultimo.

«E a Terra, bomba negra, cemiterio gelado, continuará a girar em torno do Sol negro, e a vagar na noite infinita, levada com todo o systema solar para o abysmo immenso. *Será a extincção do Sol, que terá provocado a morte da Terra... dentro de vinte milhões d'annos*, ou mesmo mais tarde..., o dobro, talvez.»

O orador parou, e preparava-se para descer da tribuna, quando o director das Bellas-Artes pediu a palavra:

«Meus senhores, disse elle do seu logar, se comprehendi bem o que se acabou de dizer, o fim do mundo virá a ser motivado, provavelmente, pelo frio, e só dentro de milhões d'annos. Portanto, se um pintor tivesse que representar a ultima scena, deveria cobrir a Terra de gelos e de esqueletos...

— Não seria isso precisamente, replicou o chanceller colombino. A causa primaria dos gelos não é o frio, é... *o calor*.

«Se o Sol não evaporasse a agua dos mares, nenhuma nuvem se produziria e, sem o astro do dia, tambem não haveria nenhuma especie de vento. Para produzir gelos, é necessario primeiro um sol que vaporise a agua e a transporte no estado de nuvem, e em seguida um condensador. Sabe-se que cada kilogramma de vapor produzido representa uma quantidade de calor solar sufficiente para elevar 5 kilogrammas de ferro gusa ao seu ponto de fusão (1:110 gráos)! Enfraquecendo sufficientemente a acção do Sol, estancamos a causa productora dos gelos.

«Assim, não será o gelo que sepultará a Terra; mas o que restar dos mares será gelado, não haverá de ha muito nem rios nem ribeiras, e todo o movimento atmospherico terá parado.

«A não ser, no entanto, que o Sol haja experimentado, antes de exhalar o ultimo suspiro, um dos espasmos de que falávamos ha pouco e tenha desfeito os gelos adormecidos, produzindo de novo nuvens e correntes aereas, despertando as nascentes, os regatos e as ribeiras, recahindo, depois d'esse periodo de um despertar perfido, subitamente na lethargia. Seria um dia sem ámanhã.»

Uma nova voz, erguida do centro do hemicyclo, fez-se ouvir. Era a de um electricista celebre.

«Todas essas causas de morte pelo frio, disse elle, são plausiveis; mas o fim do mundo pelo fogo? D'isso não se falou senão a proposito do encontro cometario. Pois poderia succeder de outra maneira.

«Sem falar do desabamento possivel dos continentes no fogo central, provocado por um tremor de terra geral ou por qualquer deslocação formidavel das camadas da terra firme, parece-me que uma vontade suprema bastaria, sem nenhum choque, para deter o movimento do nosso planeta no seu curso e transformar esse movimento em calor.

— Uma vontade? interrompeu outra voz. Mas a sciencia positiva não admitte milagre na natureza.

— Nem eu, tambem, repetiu o electricista. Quando digo vontade, quero dizer força ideal e invisivel. Eu me explico.

«O globo terrestre vôa no espaço com uma velocidade de 106.000 kilometros por hora, ou 29.460 metros por segundo. Se algum sol, brilhante ou obscuro, quente ou frio, chegasse do fundo do espaço de maneira a formar com o nosso sol uma especie de binario electro-dynamico e a collocar o nosso planeta sobre essa linha de força actuando n'elle como um freio; se, n'uma palavra, por uma causa qualquer, a Terra fosse subitamente detida no seu curso, o seu movimento de massa transformar-se-hia em movimento molecular, e o nosso planeta achar-se-hia subitamente elevado a tal grau de calor que seria quasi que completamente reduzido a vapor....

— Parece-me, accrescentou do seu logar o director do Observatorio do Monte Branco, que a Terra poderia morrer pelo fogo ainda de outra maneira. Observámos outr'ora no céu uma estrella temporaria, que passou dentro de algumas semanas da decima-sexta ordem de brilho á quarta ordem. Esse sol longinquo tornara-se subitamente cincoenta mil vezes mais luminoso e mais quente! sim, cincoenta mil vezes! Se tal sorte succedesse ao nosso sol, nada po-

deria continuar a viver no nosso planeta. Tudo seria rapidamente incendiado, consummido, sêcco ou vaporisado, planetas, animaes, raça humana com todas as suas obras.

«Segundo a analyse espectral da luz emittida durante aquella conflagração, é provavel que a causa de tão subita exaltação fosse devida á chegada d'esse astro e do seu systema a uma especie de nebulosa. O nosso sol voga tambem com grande velocidade para a constellação d'Hercules, e poderia perfeitamente facultar-nos algum dia um encontro d'esse genero. Poder-se-hia, portanto, tambem morrer de calor e de seccura. A Terra tornar-se-hia em alguns dias um deserto abrasador, arido e sêcco, onde se não poderia respirar senão a atmosphera de uma fornalha...

— Confessemos, minhas senhoras, accrescentou, sorrindo, o Presidente, que decididamente a natureza nos faculta bastantes maneiras de morrer!

— Meus senhores, disse, levantando-se, o director do Observatorio de Paris, permittam-me que eu resuma em poucas palavras estas interessantes dissertações sobre o grande problema do fim do mundo.

«Em vista de tudo quanto acabámos de ouvir, o nosso planeta, em verdade, para acabar com a vida não tem a luctar senão com o embaraço da escolha. Não creio mais agora do que acreditava ha pouco no perigo que acompanha o cometa actual. Mas é preciso confessar que, unicamente sob o ponto de vista astronomico, este pobre globo errante está exposto a mais de um desastre. A creança que nasce n'este mundo, e que está destinada a ser homem ou mulher pode ser comparada a um individuo que estivesse collocado á entrada de uma rua bastante estreita, no genero d'essas ruas pittorescas e arcabuzeiras do seculo dezeseis, ladeada de casas das quaes cada janella fosse occupada por um caçador armado com um d'esses bonitos fuzis-revolveres do seculo ultimo. Trata-se para esse

individuo de percorrer aquella rua em todo o comprimento e de evitar a fuzilaria dirigida sobre elle quasi á queima roupa. Ahi estão todas as doenças que nos ameaçam e que nos espiam: a dentição, as convulsões, a tosse convulsa, o crup, a meningite, o sarampo, a varicella, a influenza, a febre typhoide, a escarlatina, a pneumonia, a enterite, a febre cerebral, o aneurisma, a tuberculose, a diabetes, o cancro, a apoplexia, a cholera, a raiva, etc. etc.; quero esquecer mais de uma que os nossos ouvintes e as nossas ouvintes não terão difficuldade em accrescentar a esta enumeração feita de um jacto. Chegará o nosso infeliz viajante são e salvo ao fim da rua? Se lá chegar... será para morrer da mesma maneira.

«O nosso planeta corre assim na sua rua solar, com uma velocidade de mais de cem mil kilometros por hora, e o sol leva-o ao mesmo tempo com os seus irmãos para a constellação d'Hercules. Resumindo o que acaba de dizer-se e recordando o que póde ter sido esquecido: póde encontrar um cometa dez ou vinte vezes maior do que elle, composto de gazes deleterios que envenenariam a nossa atmosphera respiravel. Póde encontrar um enxame de uranolithos que fariam sobre elle o effeito de uma descarga de chumbo sobre uma cotovia. Póde encontrar no seu caminho uma bomba invisivel mais ou menos densa, e cujo choque bastaria para reduzil-o a vapor. Póde encontrar um sol que o consumiria instantaneamente, como uma fornalha onde se deite uma maçã. Póde ser apanhado n'um systema de forças electricas, que exerceria a acção de um freio nos seus onze movimentos e que o derreteria ou o faria arder como um fio de platina sob a acção de uma corrente dupla. Póde perder o oxygenio que nos faz viver. Póde rebentar como a tampa de um vulcão. Póde desabar e afundar-se n'um immenso tremor de terra. Póde submergir a sua superficie debaixo das aguas e soffrer um novo diluvio mais universal do que o ultimo. Póde, pelo contrario, perder toda a agua que constitue o elemento essen-

cial da sua organisação vital. Póde ser attrahido pela passagem de um corpo celeste que o destacaria do Sol e o lançaria nos abysmos gelados do espaço. Póde ser arrebatado pelo proprio Sol, tornado elle proprio satellite de um novo Sol preponderante, e arrebatado assim na engrenagem de um systema d'estrella dupla. Póde perder, não só os ultimos restos do seu calor interno, que já não tem acção á sua superficie, mas ainda o envolucro protector que mantem a sua temperatura vital. Póde n'um bello dia não ser mais illuminado, nem aquecido, nem fecundado pelo Sol obscurecido ou resfriado. Póde, pelo contrario, ser queimado por uma centuplicação subita do calor solar, analoga á que foi observada nas estrellas temporarias. Póde...

Porém, meus senhores, não exgotemos de uma vez todas as causas de accidentes ou de doenças mortaes e deixemos a sua facil enumeração aos cuidados dos senhores geologos, paleontólogos, meteorologistas, phisicos, chimicos, biologistas, medicos, botanicos, e mesmo veterinarios, visto como uma epidemia bem estabelecida, ou a chegada invisivel de um novo exercito de microbios convenientemente morbificos, poderia bastar para destruir a humanidade e as principaes especies animaes e vegetaes sem provocar por isso o menor transtorno astronómico ao planeta propriamente dito.

Em verdade, como já dissémos, só ha o embaraço da escolha.

Fontenelle dizia:

«Atormenta-se cada um com a idéa de morrer; mas, em definitiva, todos se arranjam por fim.»

O mesmo acontecerá com o nosso planeta. Mas não é o actual cometa que ha de matal-o. Eu compartilho a opinião da nossa joven e sabia directora da repartição dos Calculos: a diminuição do vapor d'agua da atmosphera precederá a extincção do Sol, e a vida terrestre extinguir-se-ha pela ausencia da agua e pelo frio. Esse será o fim.»

No momento mesmo em que o orador acabava de pronunciar estas ultimas palavras, ouviu-se cahir subitamente do tecto uma voz estranha, que parecia vir das profundidades do espaço...

Continúa.

Camillo **FLAMMARION.**

A REVISTA NOCTURNA

A' noite, ao bater da ultima badalada que marca as doze horas, sae o tambor do seu esquife, e pegando na caixa de guerra, caminha para um e outro lado, a passadas febris.

Com as mãos descarnadas agita as duas vaquetas ao mesmo tempo; e assim faz ouvir rufos vibrantes e prolongados, toques de avançar e toques de alvorada.

Erguem-se da caixa sons extranhos, cujo poder é maravilhoso; sons que despertam nos seus tumulos os soldados ha muito tempo mortos.

Aquelles que, nos confins do Norte, ficaram entorpecidos na neve fria, e aquelles que jazem na Italia onde a terra lhes é excessivamente quente;

E aquelles a quem o limo do Nilo ou a areia da Arabia cobre; todos sahem de seus tumulos e pegam nas armas com as suas mãos de mortos.

E ao som da decima segunda hora, sae o clarim do seu

esquife, e fazendo vibrar estridentes signaes de guerra, percorre o campo todo no seu cavallo impaciente.

Chegam depois, em corceis aereos, todos os cavalleiros mortos ha muito tempo; são os velhos esquadrões sangrentos, cobertos com as suas diversas armas.

Sob os capacetes reluzem os craneos brancos; as mãos, que apenas teem ossos, brandem no ar as espadas compridas.

E ao bater da decima segunda hora, o general em chefe sae do seu esquife; e chega lentamente no seu cavallo, seguido pelo seu estado maior.

Traz um chapeu pequeno; veste farda sem ornatos; pende-lhe ao lado a espada.

A lua illumina com os seus pallidos clarões a vasta planicie. O homem do chapeu pequeno passa em revista as tropas.

As fileiras apresentam-lhe armas; depois o exercito inteiro rompe a marcha e desfila, musicas em frente.

Os marechaes, os generaes apertam o circulo em torno d'elle: o general em chefe diz, baixo, uma palavra unica ao ouvido do mais proximo.

Essa palavra vôa logo de bôcca em bôcca e resôa em breve até ás mais afastadas filas: o grito de guerra é *França!* O grito de união é *Santa Helena!*

É essa a grande revista dos Campos Elysios que o Cesar defunto passa ás suas tropas ao soar a ultima badalada da meia noite.

ZEDLITZ.

O barão *Christian de Zedlitz* (1790-1862), soldado e diplomata austriaco, foi um poeta cheio de sentimento e de ternura, que soube imprimir, além d'isso, ás suas composições, um grande senso da vida, nitidez de expressão e gracioso movimento. Traductor de Byron, aprendeu d'elle a conciliar a paixão e a arte, mantendo uma physionomia bem propria, ao lado de *Lenau* e de *Grun*. A sua *Revista nocturna* parece dever dar aos nossos leitores uma boa idéa da sua inspiração e do seu talento.

A VIDA PRIVADA DE MIGUEL TEISSIER

(Continuação)

IV

Miguel releu o que escrevera, abanou a cabeça com um gesto descontente, e assignou com o nome todo, cedendo a essa necessidade de imprudencia bem conhecida dos que amam verdadeiramente. Depois, dirigiu a carta para Lyão, onde Branca devia estar ainda, pensava elle, e, depois de a ter deitado no correio, foi contar a Mondet o que acabava de fazer e o serviço que esperava que elle lhe prestasse.

Mondet zangou-se, ralhou, protestou:

— Eu devia queimar essa carta, se ella viesse, sem te dizer nada. Era o meu verdadeiro dever de amigo. Mas tu és tão fraco, que não tenho animo para isso.

Effectivamente, quatro dias depois entregou-lhe um pequeno sobrescripto.

Miguel abriu-o com o coração sobresaltado: pareceu-lhe tão leve!... N'uma folha de papel branco, ligeiramente

perfumado, vinha um annel de cabellos, atado com uma fita azul, e acompanhado por estas unicas palavras:

«Não torne a escrever-me.»

— O que significa isto? perguntou elle a Moudet que o observava de revez, com ar discreto.

— O que, pois não comprehendes? Os seus cabellos, é uma porção de si mesma que ella te envia... Sabes que é bonita, essa resposta?... Sim, muito simples, mas bonita... Uma leitora de romances da moda não seria capaz de descobril-a!...

— Mas por que razão não quer ella que eu lhe escreva?

— Porque é uma rapariga ás direitas, com mais caracter do que tu... Prometteu, quer cumprir a sua palavra: tem razão.

— Parece-me que, se ella ainda me tivesse amor...

— Cala-te! Eu não vi a tua carta, mas tenho a certeza de que esta é mais eloquente... Tu és um pateta, apesar de seres um grande homem!... És amado, descança, visto que o tomas tanto a peito... É obedecer-lhe: é o melhor que tens a fazer... Ella é mais razoavel do que eu pensava: quasi que lhe perdôo ter-se deixado amar...

Nos dias seguintes a este, Miguel cahiu n'um estado nervoso que não escapou a sua mulher: evitava Mondet, como se receasse deixar-lhe adivinhar os pensamentos; e, em vez de sahir de manhã para os grandes passeios do costume, dava mil voltas á roda do jardim, desbastando as arvores, como um homem que se aborrece a ponto de nem já poder furtar-se ao aborrecimento. Na realidade, pensava constantemente na carta de Branca que, pelo facto de não responder a nenhuma das suas perguntas, lhe abria espaços infinitos á imaginação. O unico pormenor exacto que recebera vinha no sobrescripto, que trazia o sello de Cobourg. E isso mesmo era um novo mysterio: por que motivo deixara Branca os seus amigos de Lyão? Porque se resolvera a ir ter com a mãe e com o padrasto áquella praia que detestava?...

Procurando assim respostas complicadas a perguntas muito simples, Miguel enervava-se cada vez mais. Quando notou que Suzanna o observava com uma inquietação que elle tomou por desconfiança, esse enervamento tornou-se irritação. Ella perguntou-lhe, por duas vezes, o que tinha.

— Nada, respondeu elle.

Esta breve palavra, brutal e mentirosa, esta palavra que deixa entrever os segredos que pretende occultar, esta palavra que engana, que foge, que recusa, despertava os rancores mal adormecidos. Não havia nenhuma explicação; mas o olhar da mulher dizia: «Mentes!»

E o do marido respondia:

«Pois seja, minto; isso é commigo!...»

A segunda vez que Suzanna, contra o seu costume, levou o correio a Miguel, elle fez explosão:

— Desconfias de mim! exclamou. Pois fazes mal!... Olha, lê as minhas cartas, se queres... se é que as não leste já... Vês? cartas de negocios, tudo. Agora não trato senão de negocios... Foste tu que o exigiste; que mais queres?...

Suzanna rompeu em choro. Elle, então, com a mobilidade de sentimento que lhe era peculiar, enterneceu-se:

—Perdoa-me! sou um brutal, um malvado!... Minha pobre amiga, ao que nós chegámos!...

Como diligenciasse attrahil-a a si, ella repelliu-o:

— Não, não, é inutil!... Sei perfeitamente que já não sou nada para ti!...

A sua voz não exprimia colera, d'essa vez; mas só tristeza; e Miguel commoveu-se ainda mais. Mas o que podia elle responder-lhe? Ai! Ella tinha razão!... Comtudo, prometteu a si mesmo fazer a diligencia para ser mais affectuoso com Suzanna. Foi debalde: ella repelliu-lhe as tentativas com a frieza digna que, ao principio, lhe servira de mascara e se tornava natural, a pouco e pouco. Miguel, então, aproximou-se das creanças: encontraram-o uns poucos de dias a fio com as duas pequenitas, admiradas e con-

tentes por verem o pae entreter-se com ellas. Lourença, porém, era demasiado bulhenta: fatigou-o; e, como a creança tinha ciumes quando o via sahir só com Anna, elle tornou a afastar-se d'ellas.

«Nem já gosta das filhas!» pensou Suzanna.

— Que abominavel injustiça, que crueldade! dizia Miguel a Mondet, contando-lhe os pormenores mais recentes da sua vida domestica. Eu não tenho maldade nenhuma, não commetti nenhuma falta, fiz um sacrificio que muitos não fariam, e sou infeliz, e todos os que amo são infelizes por minha culpa!... Emquanto que, se vivesse como a maior parte dos homens, se tivesse amantes, vicios e uma dóse sufficiente de hypocrisia, ninguem soffria por minha causa, e eu estava socegado e era perfeitamente digno de inveja!...

— Tens razão, respondeu Mondet, é injusto, é abominavel. Mas é assim. Tu e os que tu amas são de uma especie superior á média humana, e é por isso que são infelizes. Outros, no seu logar, procederiam peor e dar-se-hiam melhor com isso, porque valeriam menos. Esse soffrimento é a medida do seu valor: deviam consolar-se um pouco com esta idéa... Quando se atira uma mão cheia de bagos para uma gaiola onde estão pardaes, estes cahem-lhes logo em cima. Se a atirarem para uma gaiola onde estiver um passaro bom cantor, rouxinol ou tentilhão, o animal olha para elles, tem vontade de os comer, e, comtudo, não se approxima senão passado um grande bocado...

— Mas approxima-se, ainda assim.

— Porque são bagos e elle, afinal, não é mais do que um pobre passaro... Mas, para chegar ao mal, por muito attrahente que elle seja, que luctas um homem de bem se vê obrigado a sustentar!... E' melhor para elle que a vontade vença, atravez de mil soffrimentos... e ás vezes assim acontece!

Em Teissier, a vontade estava muito longe de vencer. Sem prevenir Mondet, d'essa vez, escreveu segunda carta

a Branca: não recebendo resposta, tornou-se cada vez mais irritavel e nervoso. Queira vel-a, agora, e procurava um pretexto para sahir de Annecy. O acaso devia fornecer-lh'o.

Já recebera muitos convites que as deputações ou os conselhos municipaes de diversas cidades lhe queriam offerecer. No dia em que recebeu um de Lyão decidiu-se bruscamente: ao menos, teria noticias d'ella. E annunciou que ia partir, dar um grande giro politico. Quando Suzanna lhe perguntou o itinerario, e elle indicou Lyão, ella deteve-o, desconfiada:

— Porque ha de ser Lyão?

Elle respondeu bruscamente:

— Porque é uma grande cidade.

Depois, como ella ficasse preoccupada, accrescentou:

— Receias que eu encontre ahi... uma certa pessoa, não, é verdade?... Descança, já lá não está...

— Como sabes tu isso? exclamou Suzanna.

Elle perturbou-se, balbuciando:

— Sei... por Mondet... que teve noticias d'ella... uma vez...

Vendo que Suzanna não o acreditava, zangou-se:

— De mais, eu não vou dar-te conta de todos os meus passos, não sei se sabes... Negocios são negocios... Convidam-me para ir a Lyão, convem-me acceitar o convite e falar lá, não tens nada com isso... Depois do que fiz por ti parece-me que podias deixar de ter desconfianças, ao menos.

Em Lyão, assim que poude escapar um instante á solicitude cordeal e absorvente dos seus partidarios, Teissier correu a casa dos amigos de Branca, sem esperar outra cousa que não fôsse vêr pessoas que a tinham visto, e saber algumas noticias d'ella.

Foi recebido pela dona da casa: uma rapariga simples e bondosa a quem a sua visita não causou admiração.

— Branca ainda não lhe escreveu desde que se foi embora? disse ella apenas.

— Não, ella sabe que não escrevemos, explicou Miguel, e quando nos escreve é unicamente por causa de negocios... Julguei que vinha encontral-a aqui...

— Esteve só algumas semanas comnosco e, de repente, resolveu deixar-nos para ir ter com a familia a Cobourg... Não sei porque: talvez os grandes calores a assustassem...

Hesitou um pouco; em seguida continuou:

— Demais, ella estava muito triste, como se a consumisse algum desgosto... Mas, apesar da nossa intimidade, nunca me fez a minima confidencia... Sabe como ella é: toda sentimento; deve teve ter algum pesar de coração.

— O anno passado falou-se n'um casamento que não se levou a effeito...

— Em todo o caso, guarda bem o seu segredo; diligenceia, até, não dar a conhecer o que tem... Mas... como era possivel não dar por tal? Nada a alegrava; tudo o que fazia era unicamente por um esforço de delicadeza, sem se interessar por cousa alguma... E sabe o que me admirou mais?... Sempre a conheci muito indifferente em religião, não praticando... Pois agora confessou-se...

— Confessou-se? perguntou Miguel, admirado.

— E' verdade, respondeu a sua interlocutora com a mesma voz tranquilla e sem notar a sua perturbação... Sei até que foi ao abbade Gondal que ella se dirigiu... E' um dos nossos melhores padres, o abbade Gondal, fervoroso, activo... Branca esteve com elle umas poucas de vezes; depois de cada entrevista, vinha ainda mais triste, mais concentrada.. Eu estou verdadeiramente inquieta com o estado em que a vejo, porque sou muito amiga d'ella.

Houve um silencio; depois, a rapariga accrescentou:

— Escreveu-me duas ou tres vezes de Cobourg; as suas cartas teem o mesmo tom de desalento e resignação que tinham as suas palavras quando estava aqui.

Miguel não se atreveu a pedir para ver essas cartas, e despediu-se, mais angustiádo do que antes de receber noticias, mais decidido a arriscar tudo para obter outras.

Todos se lembram ainda do celebre discurso de Lyão, que marcou o apogeu do talento oratorio de Miguel Teissier e que, pela abundancia e elevação das idéas, recordava a grande eloquencia dos oradores da restauração.

Com aquelle calor de convicção que dava tanta auctoridade ás suas palavras, Teissier desenhou, a largos traços, um quadro magistral da historia da terceira republica. Começou por mostrar as luctas do primeiro estabelecimento, a derrota da tentativa reaccionaria do 16 de maio, o triumpho do que elle denominava os partidos jacobinos e os partidos dos factos. Em tudo, na litteratura, na arte, na philosophia, na politica, se patenteava o espirito acanhado que acceita como verdade as suas manifestações mais exteriores e nega tudo o que não cae directamente sob a influencia dos sentidos. O genio da França definhava, oscillando ontre o grosseiro materialismo ostentado no Hotel de ville e o naturalismo violento ou o pessimismo desanimado dos romances da moda. Houve um instante em que o grande e generoso paiz se mostrou exgotado, como um terreno emmagrecido, prestes a tornar-se infecundo. Mas eis que se ergue um sopro de vida que o reanima. De onde vinha esse sopro? Da conveniencia publica, da propria alma da patria que adormecera e despertava. Alguns homens de vontade energica davam o signal. Ao principio eram espiritos pouco praticos, incertos, que fitavam o Ideal com mais desejo do que fé, e, sobre tudo, do que força. Eram como que detidos no seu impulso por antigos habitos de espirito, tendo sahido de um meio excessivamente esteril para possuirem toda a seiva que a sua obra exigia. Mas, com todas essas fraquezas, estavam cheios de vontade. Eram escarnecidos: avançavam sempre, prégando a fé que não tinham, recommendando a acção que não fazia parte do seu temperamento e da qual só a intelligencia

lhes fazia ver a necessidade. Facto singular! Phenomeno que mostra as nascentes que brotam incessantemente do velho solo abençoado que produziu os Du Guesclin, as Joannas d'Arc, os Henriques IV! Aquellas palavras incertas germinavam como se fossem sementes preciosas. O povo escutava-as, e acceitando-as, dava-lhes um sentido mais claro, mais consistente, mais solido. Abalavam-lhe a consciencia, excitavam-lhe a eterna sêde de esperança, as virtudes desoccupadas, a generosidade sem emprego. Erguia-se então uma nova geração, ardente, corajosa, intelligente, tambem, bastante intelligente para comprehender as lições do passado. Um espirito novo animava a nação, desenvolvia-se na aquietação das antigas desordens. Cessava o divorcio entre a França das Cruzadas e a França da Revolução, as quaes se reuniam, afinal, para avançarem. A Egreja, comprehendendo que a sua alta missão é superior ás luctas dos partidos, acceitava a republica; a republica, livre do dominio de a'guns espiritos tão acanhados como impios, cessava de repellir a Egreja; e as duas forças ligadas marchavam, como outr'ora os illustres bispos ao lado dos reis christianissimos. A tradicção destruida reconstituia-se, afinal, o presente e o passado combinavam-se afim de prepararem as glorias do futuro. Mais um esforço, ainda um impulso para derrubar o edificio carunchoso do materialismo jacobino!

Depois d'esta exposição historica, o orador indicava o que restava ainda a fazer; reforma da escola, onde a vontade deve formar-se tanto, pelo menos, como a intelligencia; reforma do exercito, o qual, desde que reune nas suas casernas todos os cidadãos, exactamente na edade em que se forma o caracter, deve ser tambem uma escola, uma escola de virtudes moraes; reforma dos costumes, corrompidos pelos maus exemplos vindos de cima e pela licença da litteratura; reformas sociaes, emfim, que reconciliem o proletario com o patrão, o operario com o burguez no reinado da Justiça.

Longas salvas de applausos acolheram este discurso. O enthusiasmo era universal: dir-se-hia que um sopro de ideal correra pelo auditorio, o qual julgava ir já chegar á realisação d'aquelles bellos sonhos, abrazados no amor do Bem.

—Ah! o meu amigo é um homem! dizia a Teissier o jornalista Peyraud, que viera representando a *Ordem*, e estava tão impressionado que, esquecia, por uma vez, as objecções do costume.

E um dos altos magistrados de Lyão fez-se orgão do sentimento geral n'uma resposta sobria e justa: O que é mais preciso á França, disse elle em resumo, é o coração. Foi pelo coração que Gambetta a conquistou. O homem que acaba de falar é o coração do novo partido: por essa razão, é forte, escutam-o e seguem-o.

Depois d'esta resposta, muitas notabilidades foram tocar com o seu copo no de Miguel ou apertar-lhe a mão. Diziam-lhe os seus nomes e elle inclinava-se, tendo, ás vezes, uma phrase amavel. De repente, estremeceu. Acabavam de proferir o nome do abbade Gondal, e defronte d'elle estava um padre de estatura elevada, fitando-o audaciosamente com os olhos penetrantes. Esse olhar agudo perturbou-o. Comtudo, sustentou-o, occultando o mal estar que sentia.

—Acaba de proferir palavras grandiosas, senhor, disse o padre com voz lenta, sonora, quasi solemne... Defende nobremente uma nobre causa á qual seria uma felicidade sacrificar tudo...

Accentuou de modo tão singular estas ultimas palavras, que Miguel julgou vêr n'ellas uma allusão. Quiz responder, reflectiu um instante, não achou nada, e apertou bruscamente a mão ao abbade, voltando-se para outras pessoas. Entretanto, uma fanfarra tocou o *Hymno dos Girondinos*, e Teissier reflectia tristemente. Se pudesse ler-lhe na alma, toda essa gente que acabava de beber as suas palavras e que o admirava! Se elles soubessem! se pudessem obser-

var, sob as apparencias correctas e solidas, o surdo trabalho da paixão, cavando a mina! Se suspeitassem que immenso esforço elle tinha de empregar emquanto falava para ouvir as suas proprias palavras e o som da sua voz!... Mas não sabiam, não desconfiavam de nada, acceitavam-o pelo que elle parecia ser, não viam senão o deputado Miguel Teissier, ignoravam o homem, o homem verdadeiro, com a sua dôr e as suas tempestades intimas... E, n'uma necessidade subita de expansão, Teissier voltou-se para Peyraud, que se conservava de pé, atraz d'elle:

— Tudo isto são palavras, disse elle... Ha ainda outra cousa, outra cousa...

— O que? perguntou o jornalista, espantado.

— Outra cousa, repetiu Teissier com voz surda.

O olhar intelligente de Peyrand conservou-se fixo n'elle durante muito tempo. Não adivinhou nada, com certeza: o que podia elle adivinhar? Mas presentiu que o carvalho tinha sido ferido pelo raio; e, mais tarde, comprehendeu todo o sentido d'aquella phrase inopportuna e mysteriosa, deixada escapar por uma alma que já não podia dominar-se.

O discurso de Lyão foi seguido por uma verdadeira campanha, como se Teissier tivesse sido atacado por um desejo insaciavel de movimento, como se quizesse aturdir-se com o ruido, com as palavras, com a acção. De Lyão partiu para Dijou, d'ahi para Marselha, onde se realisaram manifestações quasi tumultuosas, em sua honra. Depois falou aos grévistas de Fourmies. A sua popularidade augmentara com o silencio de dois mezes: agora tornava-se ainda maior com o esforço que elle empregava para falar e para se mover, esforço que dava ás suas palavras um impulso irresistivel, como se ellas contivessem a tempestade interior que lhe suffocava a energia e lhe punha, até nos gestos, um ardor communicativo. Exercia um encanto singular, o encanto dos sentimentos profundos e occultos, que, sem se trahirem, irradiam nos actos mais insignificantes da

existencia. As mulheres apaixonavam-se por elle. Os jornaes, mesmo os que combatiam mais violentamente as suas idéas, respeitavam o homem. Foi n'essa occasião que um reporter, de passagem em Annecy, se lembrou de publicar um artigo ácerca da installação de Teissier: um verdadeiro idyllio, onde até se via a descripção dos vestidos claros de Annie e de Lourença, e que mostrava a felicidade tranquilla do lar esperando o grande homem, emquanto elle percorria a França, para que o bem triumphasse.

Miguel leu o artigo em Cobourg, onde achara meio de ir, entre dois discursos. Leu-o, durante uma interminavel manhã de expectativa apaixonada, de angustia febril. Chegando cedo, com um tempo magnifico, pensou que Branca não deixaria de ir á praia, quer fosse para tomar banho, cuja hora se approximava, quer para passear. Sem saber ainda se lhe falaria ou se devia contentar-se com vêl-a passar, começou a esperal-a no interminavel passeio onde ia morrer a agua levemente enrugada, azul como o ceu, innocente e quasi silenciosa. A praia encheu-se a pouco e pouco, os banhistas mergulharam á vista dos basbaques, as horas passaram. Enervado, com as mãos humidas, a garganta secca, Miguel, vagueando por entre a multidão, estremecia a cada novo grupo que via apparecer; ao mesmo tempo, fazia a diligencia para evitar conhecimentos que avistava a distancia. Nem sempre o conseguira: tinha de supportar cumprimentos obsequiosos e discretos, de retribuir apertos de mão, de responder a phrases como esta: «Então por aqui?» chamando Branca com toda a força do seu desejo, e tremendo com receio de que ella apparecesse emquanto elle era detido por algum d'aquelles importunos. Ella não appareceu. Então, quando recomeçava pela vigesima vez o seu passeio, procurando sem cessar em torno de si, pareceu-lhe que todos os olhos liam a sua agitação e que iam adivinhar a causa d'ella se Branca ainda viesse. Comtudo, não podia renunciar a vêl-a depois de quatro horas de espera, cujo desespero o suffo-

cava, augmentando, de minuto para minuto, com imaginações loucas, idéas de doença ou de morte que lhe martellavam o cerebro. Por fim, a hora do almoço esvasiou a praia. Miguel entrou n'um café, mandou vir dois ovos quentes, que comeu com esforço, e tomou uma decisão; devia partir no expresso da noite; era impossivel supportar uma tarde de angustia como a da manhã, e talvez debalde. Por consequencia, não obstante recear que Branca estivesse com visitas, resignou-se a ir bater á porta dos Quérieux.

Madame de Quérieux, tendo o marido ausente, recebeu Miguel no terraço; como ella se mostrasse admirada, vendo-o, teve de explicar que, passando proximo de Cobourg, onde sabia que estava a sua pupilla, quizera ter noticias d'ella.

— Está perfeitamente, respondeu madame de Quérieux, que nunca olhava para sua filha; diverte-se muito; o ar do mar faz-lhe muito bem. Mas, se me dá licença, eu vou buscal-a: ella vae ficar bem admirada e bem contente, quando o vir.

«Está perfeitamente, diverte-se muito.»

Miguel ficou um momento a reflectir sobre esta dupla informação. Mas a entrada de Branca expulsou todas as suspeitas que já se lhe formavam no espirito: estava muito magra, de uma pallidez dolorosa, e as suas maneiras, o seu andar, o seu olhar, toda a sua pessoa, emfim, parecia marcada por uma tristeza profunda, resignada, definitiva. Madame de Quérieux arranjara o pretexto de ir chamal-a unicamente para mudar de *toilette:* Branca, que o sabia, fez-se esperar algum tempo; mas, ainda assim, achou-se alguns minutos só com Miguel.

— Branca! exclamou elle, pegando-lhe na mão, Branca!... Precisava tanto vêl-a!

De pé, muito chegado a ella, contemplava-a bebendo-lhe o olhar, interrogando-lh'o. Ella desviou-se, com um ligeiro esforço e, deixando-se cahir n'uma cadeira, murmurou, com voz surda e tremula:

— Ah! não é generoso!...

— Não me censure, peço-lhe! replicou elle apaixonadamente... Eu soffria muito!... Já não podia mais!... Branca, se soubesse que, para chegar aqui, ando, ha quinze dias, de terra em terra, atravez de banquetes, de discursos, de um barulho que nem ao menos ouço!...

Branca extendeu-lhe a mão; mas, como elle fazia um movimento para leval-a aos labios sentando-se ao seu lado, ella retirou-a logo:

— Não, disse brandamente...

E, depois de um curto silencio, accresceutou:

— Para que me persegue, visto que tudo nos separa?... Custa-me tanto esquecel-o!... E, comtudo, é forçoso que o esqueça!... é um dever!... Fomos ambos tão fracos!... É por que não me comprehendia!... Mas já comprehendo, agora, comprehendo!...

E, durante um momento, o seu olhar doloroso perdeu-se no vacuo, como se procurasse um conforto longinquo. Miguel lembrou-se do padre que, n'aquelle intervallo, lhe atravessara a existencia:

— Ah! exclamou elle, respondendo mais ao pensamento do que ás palavras de Branca, soffremos bastante para sermos indulgentes com a nossa fraqueza!... Não estrague estes minutos que ainda podiam ter alguma felicidade... Deixe-me lêr nos seus olhos... Depois, ir-me-hei embora, e, se quizer, não tornarei a vir...

Ella murmurou, com voz surda, sem erguer os olhos para Miguel:

— Parece-me que é o melhor...

Ella ía a replicar.

A entrada de M.me de Quérieux interrompeu-os. Vinha radiante, sorridente, cordeal; convidou Miguel para jantar. Elle esteve quasi a acceitar, arriscando-se a não assistir ao seu banquete: encontrou, porém, o olhar grave de Branca que lhe dizia: «Parta!» Recusou.

Demorou-se ainda um momento, ouvindo como um sus-

surro, a voz de M.me de Quérieux, a qual gabava os attractivos de Cobourg; conseguiu mesmo responder-lhe algumas palavras. Em seguida, despediu-se e, com a morte na alma, foi passear novamente para a praia, até á hora do expresso. O mar sorria sob as caricias do sol posto; o céu esbrauquiçado, cingido, no horisonte, por uma larga tira avermelhada, parecia infinitamente ligeiro... Oh! a alegria das cousas, como é cruel nas horas de soffrimento!...

Cinco ou seis dias depois, Miguel achava na sua correspondencia uma carta de Branca:

«Fui severa comsigo, Miguel, no outro dia, quando veiu aqui de proposito para me vêr. E, logo que partiu depois de uma fria despedida e eu imaginei a sua solidão n'aquelle comboyo que o levava para longe de mim, accusei-me pela minha dureza, chorei toda a noute. Pensava que talvez o senhor imaginasse que já não o amo: e, comtudo, pertenço-lhe, pertenço-lhe inteiramente, apesar da separação, apesar da distancia! Quiz apenas que cumprissemos a nossa resolução. O que ganhei afinal, foi vêr-me obrigada a escrever-lhe, agora, por que não posso supportar a idéa de que duvida de mim, que está zangado comigo. Tinha um ar tão triste, tão desolado, meu querido Miguel! é possivel que eu lhe seja necessaria a esse ponto? Queria dar-lhe alguma consolação, encontrar palavras que lhe suavisassem a dôr. Ai! não as encontro! Porque não sou eu ainda uma creança, como no tempo em que me chamava sua filha mais velha? Lembra-se? Miguel tinha dôres de cabeça frequentes e ninguem sabia tratal-o melhor do que eu. Assim o dizia, pelo menos, e Suzanna não pensava em ter ciumes d'aquella Branca de vestido curto, a quem Miguel gostava de puxar devagarinho a comprida trança. Agora tudo mudou: já não tenho o direito de o amar, não posso tratal-o quando está doente. E está tão pallido, tão fatigado, meu amigo; como deve precisar de mim! Mas, não, não posso correr para o seu lado, não posso vêl-o.

Quando o senhor atravessa a França para vir ter comigo, devo repellil-o, e faço mal, mesmo muito mal, em escrever-lhe!

«Se soubesse o que tenho pensado desde que nos separamos!

«Em Lyão senti-me tão só, tão só, com uma necessidade tão grande de apoio, de uma voz que me consolasse e dirigisse! Vou contar-lhe tudo, Miguel: tentei aproximar-me de Deus, rezei, e, como não recebia resposta, fui ajoelhar-me n'um confessionario, disse tudo a um padre. Tudo, excepto o seu nome, já se vê, apesar das diligencias que elle fez para sabel-o. Mas, então! não me disse cousa alguma que a minha consciencia não me tenha repetido desde que amo! Fez-me vêr a minha falta, como se eu não a visse. As suas palavras tornavam-me ainda mais desgraçada, pois sentia que eram inuteis, que nada nem ninguem podia impedir-me de amal-o, sempre; e, quando chorei, perguntando-lhe o que devia fazer, falou-me logo em convento. Convento! Não, não! que coração levaria para lá, meu Deus! além d'isso, amo a vida, quero conservar-me n'ella, sinto-me perto de si, apesar do abysmo que nos separa. Quero consagrar-me inteiramente a Miguel, sem dar nenhuma porção do meu ser a Deus nem a outro.

(Continua.)

Édouard Rod.

SANTO ELOI

Como o santo foi curado da vaidade

No anno de 610, Eloi, que era então um moço professor de 26 a 28 annos, residia na cidade de Limoges, situada a duas leguas sómente de Cadillac, sua terra natal. Desde a juventude que tinha mostrado uma grande aptidão para as artes mecanicas; mas como não era rico, foi-lhe preciso resignar-se a ficar simples ferrador.

Todavia tinha conseguido dar ao seu mister um tal progresso, que entre as suas mãos se tinha tornado quasi uma arte.

As ferraduras que forjava e que tinha conseguido fabricar em tres aquecimentos successivos, arredondavam-se n'uma curva admiravelmente elegante e brilhavam como prata polida. Os buracos pelos quaes as fixava aos cascos dos cavallos eram abertos a diamante, e poder-se-hia encastoal-os como os engastes d'um aro n'um relogio d'oiro. Esta certeza d'execução, que admirava toda a gente, acabou por enthusiasmar o proprio operario. A vaidade apossou-se d'elle e, esquecendo que Deus nos engrandece e nos opprime á mercê da sua vontade, Eloi mandou construir uma

taboleta na qual se representava a si mesmo ferrando um cavallo, e com esta insignia bastante insolente para os seus collegas e offensiva para o mundo religioso:

Eloi, mestre dos mestres, mestre acima de todos

A inscripção fez grande alvoroço assim que appareceu, e, como Eloi fazia especialmente negocio com commerciantes, cavalleiros é peregrinos, que se cruzavam sem cessar defronte da sua loja, o orgulhoso escripto bem depressa irritou a susceptibilidade dos outros ferradores, não só da França como da Europa.

De todos os lados se levantaram contra este orgulhoso taes clamores, que chegaram até ao paraiso. Deus, não sabendo logo a causa d'elles, impressionou-se, e deitou para a terra o seu olhar que, por acaso, se tinha voltado na direcção de Limoges, e que cahiu sobre a famosa taboleta, explicando-lhe tudo.

O orgulho é, de todos os peccados, aquelle que mais irrita Deus. Fulminou Satanaz, privou da rasão Nabuchodonosor, porque foi o orgulho que os revoltou contra o seu poder.

Por isso Deus procurava já o castigo com que devia punir o novo *Aman*, quando Jesus-Christo, vendo seu pae preoccupado, lhe perguntou o que tinha.

Então Deus mostrou a Jesus a taboleta, que elle leu.

— É verdade, meu pae, lhe respondeu Christo, a inscripção é violenta; mas Eloi é sem duvida muito habil; apenas esqueceu que toda a sua força é divina; mas, áparte o seu orgulho, professa bons principios.

— Convenho, disse Deus, que tenha excellentes qualidades, mas o seu orgulho excede-as tanto, quanto o cedro excede o hyssope, e fal-as-ha sumir-se nas suas temerosas sombras. Lêste? *Eloi, o mestre dos mestres, o mestre acima de*

todos. É não só um desafio lançado á habilidade humana, mas ao poder celeste.

—Não importa, meu pae; que esse poder o castigue com a bondade e não com o rigor. É a sua conversão, e não a sua morte que desejaes, Senhor? Pois bem! sou eu que me encarrego d'essa missão.

—Hun! disse Deus, meneando a cabeça, é bem espinhosa essa tua empreza.

—Consentis n'ella? proseguiu Jesus-Christo.

—Não pódes ter bom exito, respondeu-lhe o Senhor.

—Todavia permitti-me a experiencia.

—E quanto tempo precisas?

—Vinte e quatro horas.

Concedo-t'as.

Jesus não perdeu o seu tempo. Despojou-se dos fatos divinos, pôz o traje d'um aprendiz do officio de Eloi e immergido d'um raio de sol, chegou ás portas de Limoges. Entrou na cidade, apoiado a um bordão, com a apparencia d'um homem que acaba de fazer longa viagem. Dirigiu-se para a casa de Eloi e encontrou-o forjando: estava concluindo uma das ferraduras, com tal applicação. que nem deu pelo recemvindo.

—Deus seja comvosco, mestre! disse Jesus entrando na officina.

—Amen! respondeu-lhe Eloi sem o olhar.

—Mestre, continuou Jesus, acabo de percorrer a França, e em toda a parte ouvi fallar da tua sciencia, de tal maneira que, julgando que só tu no mundo pudesses mostrar-me alguma novidade...

—Ah! Ah! fez Eloi dirigindo sobre elle um olhar rapido e continuando a bater o ferro.

—Queres-me tu para aprendiz? retorquiu-lhe humildemente Jesus; venho offerecer-te o meu prestimo.

—E que sabes tu fazer? disse Eloi, largando negligentemente o ferro a que tinha acabado de dar a ultima martellada, e arremessando a tenaz.

— Olha, respondeu-lhe Christo, julgo que sei forjar e ferrar a par dos melhores.

— Sem excepção? disse desdenhosamente Eloi.

— Sem excepção, respondeu tranquillamente Jesus.

Eloi pôz-se a rir.

— O que dizes tu d'esta ferradura? retorquiu-lhe, mostrando complacentemente a Christo aquella que tinha acabado de fazer.

Jesus olhou para elle.

— Digo-te que não está má; mas julgo que se póde trabalhar melhor.

Eloi mordeu os beiços.

— E quantas vezes levarias um ferro á forja para ficar assim como este?

— Uma só, disse Jesus.

Eloi desatou a rir. Como dissemos, a elle eram-lhe precisas tres, e cinco ou seis aos outros. Julgou que o seu interlocutor estivesse louco.

— E pódes tu mostrar-me como farias isso? disse-lhe elle em tom chocarreiro.

— De boa vontade, mestre, respondeu Jesus, que pegou tranquillamente na tenaz e agarrando com ella, de junto da bigorna uma barra de ferro em bruto, collocou-a na forja. Depois, fez um signal a Eloi, o qual fez pôr em movimento o folle. O fogo, suffocado pelos carvões, bem depressa appareceu em linguas azuladas; chisparam myriades de scentelhas; e rapidamente a rubra chamma abrasou o alimento que se lhe tinha offerecido.

De tempos a tempos, o habil aprendiz humedecia a fornalha, que, por momentos ennegrecida, retomava immediatamente maior energia e se tingia de uma côr mais viva. Por fim as brasas pareciam materia em fusão.

Em um instante o carvão já nada tinha de combustivel e esta lava ardente empallideceu.

Então Jesus tirou do braseiro o ferro quasi branco, collocou-o sobre a bigorna, e, voltando-o com uma das mãos

emquanto que com a outra o batia e facetava, deu-lhe em pouco tempo tal fórma e tal perfeição que Eloi estava bem longe de conseguir.

Tudo isto fôra tão bem feito que o infeliz *mestre dos mestres* nada mais vira além do fogo.

— Vê, disse Jesus Christo.

Eloi agarrou no ferro com a esperança de lhe descobrir alguma falha; mas nada lhe faltava. Por isso, posto que a vontade fosse boa, nenhum defeito lhe poz.

— Sim, sim, dizia elle virando-o e revirando-o, não está mau... Concordo, para um simples aprendiz não está mau.

«Mas, continuou, com a esperança de encontrar Jesus em falta, não basta saber fazer uma ferradura, é preciso tambem saber applical-a ás patas do animal. Se não me engano, tinhas-me dito que sabias ferrar?

— E' verdade, mestre, respondeu tranquillamente Jesus.

— Pois bem! já vamos verifical-o, e sem demora: á porta está o cavallo do thesoureiro da moeda, desferrado dos quatro pés.

— N'esse caso, vae tudo ás mil maravilhas, disse Jesus.

— Prendam o cavallo ao pilão! gritou Eloi aos moços.

— Oh! Não vale a pena! interrompeu Jesus; conheço uma maneira particular que poupa muito trabalho e economisa bastante tempo.

— E que maneira é essa? perguntou Eloi admirado.

— Vaes vel-a.

N'isto, Jesus tirou uma faca da algibeira, e, dirigindo-se para o cavallo, cortou-lhe a mão esquerda pela primeira articulação, pôl-a em cima do torno, ajustou-lhe o ferro com a maior facilidade, e, levando-a assim ferrada, coisa inaudita! collou-a de novo á perna. Cortou depois a mão direita. repetiu o que fizera, continuando para as patas trazeiras com igual resultado, sem que o cavallo nem por sombras se inquietasse com o que havia de extranho e desusado n'este processo.

E Eloi contemplava esta scena mudo e estupefacto.

— Prompto, mestre, disse Jesus ajustando a quarta pata.

— Bem vejo, disse Santo Eloi fazendo todos os esforços para occultar o seu espanto.

— Não conhecias este processo? continuou negligentemente Jesus.

— Sim, com effeito, continuou vivamente Eloi; já ouvi fallar d'elle, mas preferi sempre o outro.

— Pois fazes mal, porque este é mais commodo e mais rapido.

Eloi, como deve bem comprehender se, nem pensou sequer em despedir tão habil aprendiz.

Além d'isso, temia, que se não transigisse com elle, Christo se estabelecesse nos arredores e bem comprehendia que era um concorrente terrivel: estabeleceu portanto as suas condicções, que foram acceites, e Jesus ficou installado na loja como primeiro moço.

No dia seguinte pela manhã, Eloi mandou Jesus Christo dar uma volta pelas aldeias circumvisinhas. Tratava-se de alguns recados que tinham necessidade de ser feitos por um mensageiro intelligente.

Jesus partiu.

Acabava apenas de desapparecer na volta da rua e já Eloi estava a pensar seriamente n'esta nova maneira de ferrar cavallos, desconhecida para elle. Tinha seguido a operação com o maior cuidado, tinha notado em que junta a amputação tinha sido feita; tinha em si, como dissémos, grande confiauça.

Resolveu aproveitar a primeira occasião que se apresentasse para fazer reverter em seu beneficio a lição que lhe tinham dado.

Não tardou ella a apparecer. Ao cabo de uma hora, um cavalleiro, armado dos pés á cabeça, parou á porta de Eloi. O seu cavallo tinha-se desferrado do pé direito a um quarto de legua da cidade e o cavalleiro, attrahido pela reputação do mestre, tinha dado de esporas ao cavallo para casa d'elle.

Vinha de Hespanha e voltava para Inglaterra, onde tinha, a proposito da Escossia grandes negocios a tratar com Santo Dunstan. Prendeu o cavallo a uma das argollas da loja, entrou n'uma casa de pasto e pediu um copo de cerveja, recommendando a Eloi que se apressasse. Eloi pensou que, visto ser o caso urgente, o momento era propicio para dar execução á maneira expedita como elle tinha na vespera assistido á estranha experiencia coroada de tão bom resultado. Tomou a sua faca mais afiada e passou-a ainda uma vez pela pedra de amolar; levantou a perna do cavallo, e tomando a junta com grande firmeza, cortou-lhe a pata por cima do casco. A operação fôra tão habilmente feita que o pobre animal perfeitamente tranquillo nem tempo tinha tido para oppôr-se a isso e nada comprehendera da amputação a não ser pela dôr que lhe havia causado; mas então soltou um rincho tão maguado e tão doloroso que o dono voltou-se e viu o cavallo conservando-se de pé com difficuldade sobre as tres patas que lhe restavam, e sacudindo a perna mutilada, d'onde brotava o sangue ás ondas. Sáhiu da taberna, precipitou-se na loja e encontrou Eloi, que ferrava tranquillamente o pé cortado, em cima do torno. Julgou que o mestre tinha enlouquecido. Eloi tranquilizou-o dizendo que era um novo systema que havia adoptado; mostrou-lhe a ferradura perfeitamente adherente ao casco, e, sahindo da loja pôz-se em acção de ir collocar de novo a pata ao côto da perna, como tinha visto fazer na vespera ao seu aprendiz.

Mas d'esta vez, contra a sua espectativa, aconteceu exactamente o contrario.

O pobre animal, que ha dez minutos perdia sangue, tinha-se extendido exangue e moribundo. Eloi approximou o pé da perna, mas nas suas mãos nada conseguia: a pata não tinha vida e o resto do corpo pouco mais valia.

A fronte do mestre cobriu-se de suor frio; sentiu que estava perdido, e não querendo sobreviver á sua reputação, tirou da bainha a faca que tão bem tinha cumpri-

do o seu officio, e já ía craval-a no peito quando sentiu que lhe prendiam os braços; voltou-se, era Jesus Christo.

O menságeiro divino tinha cumprido a sua missão com a rapidez e habilidade que costumava pôr em tudo que fazia e estava de volta duas horas antes d'aquellas em que o esperavo Eloi.

— Que fazes, mestre? disse-lhe elle em tom severo.

Eloi não respondeu; apontou com o dedo para o cavallo expirante.

— Não é mais do que isso? perguntou Jesus; e ao dizer isto agarrou na pata e approximou-a da perna; n'um ai, o sangue cessou de correr, o pé segurou-se, o cavallo ergueu-se e rinchou de bem estar, de tal modo que, a não ser a terra tinta de sangue, julgar-se-hia que nada tinha acontecido ao nobre animal tão vivo e tão contente.

Eloi contemplou-o um instante confundido e estupefacto, extendeu os braços, tomou um martello da loja e, quebrando a taboleta dirigiu-se a Jesus e disse-lhe humildemente:

— Só tu és o mestre, eu sou o aprendiz.

— Bem aventurado aquelle que se humilha, respondeu Christo com voz meiga, porque será glorificado.

Ao ouvir esta voz tão pura e tão melodiosa, Eloi levantou os olhos e viu que o seu companheiro tinha a fronte cingida d'uma auréola.

Reconheceu Jesus e cahiu de joelhos.

— Está bem, perdôo-te, disse Christo, porque te julgo curado do teu orgulho; pódes continuar a ser *mestre dos mestres;* mas recorda-te que só eu sou *mestre acima de todos.*

A estas palavras, montou de garupa atraz do cavalleiro e desappareceu com elle.

O cavalleiro era S. Jorge.

Alexandre DUMAS.

NA INDIA

DARJEELING

(Continuação)

III

27 de Novembro.

E' preciso levantar-se antes das quatro horas para se poder ver o primeiro flamejar do sol sobre o Kitchijunga. Depois illuminam-se umas linhas agudas; nem o mais leve signal d'aurora; a terra jaz em trevas, e assustam-nos aquellas coisas luminosas, que apparecem lá nas alturas, aquelles clarões que não são do nosso mundo, que parecem um preludio de alguma importante mudança na ordem habitual.

Seguidamente todas as cumiadas de neve sahem da noite, como a borda de um mar roseo, e mais tarde, muito tempo depois, as velhas florestas apparecem illuminadas.

Cêrca das sete horas tomo um guia para me internar um pouco no cannavial. Seguimos um caminho elevado ao longo do grande circo. Por baixo de nós, da espessura do arvoredo, surgem como palmas os fetos arborescentes, que sahem d'uma bainha de musgo fulvo, embebida em fresco orvalho. Mais em baixo o cannavial desce, com as suas copas de arvores relusentes, vistas d'alto, veladas

pelo ar denso, descendo sempre até o fundo do grande vale do Sikkim, que a quatro mil pés a baixo da estrada, desdobra a vastidão sombria das florestas virgens. Além, sobre a vegetação azulada, começam as linguas de gelo, e as altas linhas brancas recortam-se com precisão sobre o céu pallido.

O meu guia anda com um passo pesado e resoluto, o passo dos montanheses do Thibet, verdadeiro typo de chinez, não do china fino e delicado, mas do do norte, grande e anguloso. Cara sulcada de profundos traços, rugosa, engelhada, uma cara curiosa, gretada, curtida pelo sol. Chapeu verde tricorneo, d'onde sahe uma negra madeixa de cabellos entrançados, amplo manto de pello, botas de feltro verde, recurvadas em tres pontos. Ornamentos selvagens, um annel verde e outro grosso, de marfim, no dedo polegar, as orelhas distendidas e alongadas por um disco de prata. Caminha silenciosamente, com o passo regular, appoiado n'uma grande lança de pau de teca, coberta de caracteres ponteagudos, que não se parecem com as lettras usadas no Industão, complicada com um quadrante solar, onde os filhos do Thibet lêem a hora quando percorrem, lá em baixo, os grandes platós desertos. Ás vezes, com um aceno, um sorriso lento e sons gutturaes, que nada têem de humanos, elle designa os longiquos pinaculos. Entendemo-nos por signaes, elle, o extranho homem mongol, cuja raça vagueia desde os primitivos tempos da humanidade pelas steppes da Asia Central, e eu, excursionista parisiense, desembarcado ha pouco n'esta terra, apoz a longa travessia das monotonas aguas. Que abysmo entre a sua raça e a minha! Impossivel completamente encontrarmos uma origem commum na noite do passado. Impossivel comprehender esta physionomia parada, para mim impenetravel, essa cara que não é feita como as nossas, impossivel ler n'ella o que vae na alma.

Como eu examinasse com surpresa uma rocha curiosamente esculpida, que encontrei á borda do caminho, elle

levantou duas vezes os braços ao céu, e, creio eu para o sol. D'esta vez parece-me que o comprehendi. O mesmo gesto repetiu deante d'uma fileira de compridas varas, d'onde pendiam farrapos brancos, carregados de caracteres sagrados. Essas pobres bandeiras são emblemas religiosos, portadoras de preces innumeraveis. Quando o vento as levanta para o céu, todas as preces silenciosas são ouvidas. N'este momento, pendem inertes, ao longo d'uma pequena alameda que desce até ás casas miseraveis d'um templo de lamas, suspenso nos flancos do grande circo. Á entrada, uma creança, um noviço acocorado, desenrola, com uma melopéa nasal, preces escriptas em caracteres chinezes sobre velhas tiras de panno. D'um canto escuro, onde eu não o havia visto acocorado, sahe um individuo amarello, um bonso, que vem voltear em roda de nós, saúda nos profundamente levando as mãos á cabeça. É horrivel e lamentavel, este bonso, um verdadeiro monstro, com todos os traços tartaros exagerados, os olhos ensanguentados, o queixo inferior recolhido, a bocca perdendo-se nas dobras frouxas do pescoço amarello, a cara rigida e de embrutecida expressão.

A' porta está uma fiada de cylindros de preces, que o filho do Thibet espreita alguns momentos. Avança depois furtivamente e, com um sorriso enigmatico, volta, um por um, todos esses cylindros. Em que pensará este homem, emquanto em voz baixa murmura umas expressões gutturaes? Que sentimento obscuro é o que determina esses gestos?

No interior, á sombra, por detraz de uma vidraça, um vago esboço de um Buddah assentado, não sorridente e calmo, mas conservando a expressão physionomica de um tregeito mongolico. Deante do idolo, sobre um altar, estão as offertas, não flores sumptuosas, como em Ceylão, mas grãos de arroz, agua e magras plantas seccas, em velhas garrafas inglezas, que serviram a gin e a wiskey.

Tudo isto respira uma miseria primitiva e selvagem. So-

bre os muros encarquilham-se velhos frescos, antigas pinturas azuladas, onde abundam os monstros da imaginação mongolica, de ventres enormes, cabeças inchadas, olhos salientes, bôcas retorcidas... *Darjeeling*, pronuncia o bonzo, mostrando-me um d'elles; outro qualquer é a Kitchijunga. Por que mysteriosa associação de idéas a grande forma nobre e simples tem por symbolo este complicado e disforme dragão? Que vago genero de emmoção, de terror ou de tristeza, a sua presença despertou entre os antepassados?

Deixo cahir algumas moedas na mão amarellada, que o pobre lama intencionalmente me estende, e deixamos o pequeno templo lodoso, á sombra de seus sagrados estandartes, sob a protecção das mil preces que fluctuam ao vento, suspenso e isolado na peripheria do grande circulo immerso em brumas.

IV

Esta noite as nuvens enchem completamente o espaço, e os vapores pardacentos innundam os valles, que se estendem até á India ou até a China. Muito ao longe, para as bandas d'oeste, apparecem clarões rosados que se ignora d'onde sahem... Nas negras vertentes das montanhas, sobre as numerosas cristas, ha uma procissão monotona e lenta de coisas pardas, que rastejam sem se fatigar. N'este vapor pallido, os contrafortes inferiores entrecrusam as suas linhas negras, e nada se distingue além das sombras sobrepostas da noite. E tudo islo forma um infinito vago, não de superficie como o mar, mas profundo, onde se esboça um mundo obscuro, onde se reunem lentamente formas incompletas, espaços sombrios, manchas indecisas de luz confusa, presumidas florestas, cumes que se misturam, raios azues arremessados através do vacuo, um verdadeiro *pèle-mèle* sombrio a ondular.

Sobre a linha de cumiada, uma grande arvore torcida parece marcar o fim do mundo, a beira de um abysmo. Em baixo, nada, um nada vaporoso, onde fluctuam as formas vagas. Julgâmo-nos diante do espaço vasio, no limiar nebuloso da terra, por cima do cahos.

Coisa singular, ouvem-se canticos, frescas vozes de creanças que voltam de uma escola de raparigas inglezas, escondida na elevação, e isto extasia, como uma recordação da juventude quando se chega ao fim da vida, diante da negra incerteza do porvir. Porque serão estes minutos repassados por um estremecimento tão doloroso e subtil, porque será este introito da noite tão mysteriosamente triste, mais inolvidavel que todos os grandes espectaculos que se vem procurar tão longe?

A arvore saccode os seus ramos, e o vapor cinzento rasteja sempre sobre o fundo embaciado do céu. Agora todo o Sikkim está embebido em humido orvalho. Mas, acima d'esta tristeza e d'esta confusão, phantasiam-se os grandes picos surgindo purpureos, a dormirem sobre um leito de nuvens tranquillas, os unicos que contemplam ainda o moribundo sol.

BENARÉS

29 de Novembro.

Mudança repentina de decoração. Cheguei aqui hontem á tarde, depois de vinte e quatro horas de trajecto no Bengala-Norte e vinte e uma no Grande-Peninsular. Nada ha que ver no transito: frias regiões mongolicas passam-nos a fugir nos sagrados plainos da India, nas margens do velho Ganges divino.

E' a India classica, a India indiana. O europeu, aqui apenas passa mas não habita. Nada transformou, não se

estabeleceu como mercador ou manufactureiro. Esta cidade, estes indus, estes templos, são hoje os mesmos que ha dez seculos. E' aqui o coração do mundo hindu, o fóco ardente do brahmanismo. Esses velhos brahmanes, que, quando chegam a ver o filho de seu filho, se embrenham no seio de uma floresta, para ahi meditarem no amago de todas as cousas, sahem de Benarés ou das immediações do valle do Ganges. N'esta terra foram elaborados os seis grandes systemas da philosophia do pensamento hindu. Ha vinte e cinco seculos esta cidade era já famosa. Sim, quando Babylonia luctava contra Ninive; quando Tyro estabelecia as suas colonias nas plagas do Mediterraneo, antes que o ágora d'Athenas retumbasse com a eloquencia de seus oradores e que os templos se povoassem de estatuas de marmore; quando Roma não passava de uma pequena cidade de camponezes, quando floresciam os velhos cultos egypcios, esta cidade, grande e famosa, achava-se replecta como hoje de brahamanes de pelle branca, semelhantes, por suas feições, aos que vejo aqui, já curvados pela tyrannia dos ritos, dobrados sobre si mesmos, absorvidos no sonho metaphysico, enrolando indefinidamente o flo subtil da sua especulação, chegando á vertigem, e, em sua allucinação, vendo o mundo solido vacillar e afundar-se no nada tranquillo, de onde sobem eternamente as apparencias. Çakya-Mouni foi um d'elles; este nasceu a trinta leguas d'aqui, e, depois da sua meditação de cinco annos, vein prégar a Benarés.

Hoje, cousa alguma resta do nosso occidente de então. E' um mundo absolutamente morto, acabado, abysmado nas trevas do tempo. Mas esta cidade é sempre a Kasi, a «resplandecente» da India.

De manhã logo que o disco palpitante do sol sóbe por detraz do Ganges, vinte e cinco mil brahmanes, acocorados á borda d'agua, diante da multidão hindu, dizem ainda os velhos hymnos védicos ao astro, ao divino rio, ás forças primitivas, ás fontes visiveis da vida. Roma é menos

sagrada para o catholico do que Benarés é para o hindu: todas as suas pedras são santas. Nenhuma macula, peccado algum póde perder o homem que morre dentro dos seus muros. Seja christão ou seja mussulmano, tenha embora morto uma vacca ou comido carne, elle será com certeza transportado ao kailos, ao paraiso himalayano de Siva. Feliz pois quem póde terminar aqui os seus dias! Mais de duzentos mil peregrinos aqui accodem todos os annos de todos os cantos da India e entre elles muitos velhos e moribundos.

Quando um homem não se póde finar aqui, muitas vezes são as suas cinzas que cá veem parar, afim de que os «filhos do Ganges», os brahmanes de Benarés, sobre ellas pronunciem as orações dos mortos e o rio sagrado os receba. Kasi, a santa Kasi, dizem os hindus, morre-se tranquillo depois de a contemplar!»

Esta cidade é realmente extraordinaria.

N'alguns pontos a religião é uma parte da vida publica. Em Benarés é a occupação geral; a religião enche tudo tomando ao homem todos os minutos da sua existencia, cobrindo a cidade de templos, cujo numero se eleva a mais de mil e novecentos, e o numero das capellas é incalculavel. A multidão de idolos é tão consideravel que excede proximamente duas vezes a dos habitantes. Conta-se cerca de quinhentos mil. Hontem á tarde, quando cheguei, como ainda fosse dia, fui até ao rio. Nas viellas tortuosas formigava uma humanidade semi-nua. A' porta dos logares sagrados a balburdia era mais intensa; brahmanes brancos a empurrarem-se, acotovelavam-nos, fakirs, assentados sobre os calcanhares, nús, cobertos de cinzas, com o craneo brilhante e o olhar fixo, immoveis no meio de tanta agitação, pareciam de pedra. As barracas regorgitam com objectos religiosos, colares de flores amarellas, rosarios, pedras sagradas, estranhos emblemas phalicos, lingams e yonis. Nos muros, por cima das portas, os nichos abrigam deuses disformes, deuses monstruosos de cabeça de ele-

phante e corpos de androgynos, enlaçados por serpentes. N'um e n'outro ponto, poços, d'onde sahe um cheiro fetido a flores podres, que são habitados por deuses, e em volta d'elles a multidão é mais compacta. Sobre as muralhas as pinturas azues fallam da mythologia hindu; os templos são cercados por uma grinalda formada por deuses obscenos, e no meio das ruas, como se os templos fossem escassos para tão numerosos idolos, elevam-se, em pequenos altares, o gordo Ganesh ou a monstruosa Kali. Escorrega-se sobre uma montureira de flores, anda-se por cima de uma lama exquisita, formada de immundicies, de jasmins sagrados que apodrecem n'esta agua do Ganges, com a qual se aspergem todos os altares, e do solo pegajoso exhala-se um cheiro extranho e insipido.

No meio da multidão humana, saltam e guincham macacos, suspensos dos tectos, e as vaccas andam em liberdade pastando nas flores.

A mesma sensação de atordoamento e de vertigem que se sente ao ler os velhos poemas hindus, que desfallecem o espirito pela accumulação de myriades de milhões de seculos, pela ennumeração infinita dos deuses, dos elementos, das plantas, dos animaes que remoinham e se enlaçam. Todos os actos a que o nosso espirito está habituado encontram-se aqui invertidos. Imaginae que desembarcaes em um paiz onde os homens andam de cabeça para baixo. Esta raça pensa, sente, vive de uma maneira contraria á nossa, e a primeira idéa que assalta o viajante, ao chegar a Benarés, é que o delirio é aqui o estado normal.

II

30 de Novembro.

Levantei-me ás cinco horas. A's seis e meia estou no rio. A lua matutina, fresca e branca, brilha no horisonte como prata fluida. O largo Ganges dilata o seu seio escuro

e rola em lamacentas e ruidosas ondas entre os extensos desertos de areia e uma legua de templos, de palacios, de mesquitas, de muros de marmore, cujo longo sequito se perde ao longe, n'uma rosada bruma.— Os vastos degraus descem nobremente até ao rio, e as suas linhas parallelas formam uma larga superficie obliqua, toda resplandecente de luz. No meio d'esta claridade remeche-se o povo hindu, peregrinos, fieis, padres que vem cumprir as devoções matinaes, adorar o Ganges e o Sol que se ergue. Estão ali aos milhares, velhos brahmanes de pelle branca, de triplo ventre soprado e craneo eburneo, sentados em mesas de pedra, sob grandes umbrellas de palha, recitando textos sagrados diante da multidão que patinha na lama: escuros çudras, de cabeça toda rapada, excepto um pequeno tufo que cahe sobre a nuca, flexiveis em sua nudez sombria, mulheres envolvidas, da cabeça aos pés, em pannos de côres vivas, orando de pé, com os braços erguidos e as mãos postas, voltadas para o sol. A' medida que o barco avança sobre a esplendida agua, a multidão e os templos multiplicam-se. Escadarias de quatrocentos pés de largo sobem em pyramides immensas, regularmente sulcadas pelos seus mil degraus. Pesadas columnas octogonaes mergulham no rio; os frontispicios quadrados, os grandes cónes folhudos de pedra vermelha, os cubos de marmore, onde se abrem nichos e capellas, succedem-se e sobrepõem-se: é a colossal accumulação da pedra abundante, sobreposta em construcções geometricas, como no velho Egypto, como nas legendarias cidades da Assyria. E sob estas architecturas, na margem do antigo rio, cem mil hindus se agitam, cumprindo as prescripções dos seus ritos.

Demoro-me quatro horas a subir e a descer o rio. Como descrever esta variedade inexgotavel, este ondear de fórmas e de attitudes?— Sobre os largos degraos, que o sol branqueia, entre as estacarias, mais em cima, sobre os terraços, sobre os blocos amontoados dos templos arruinados, mais acima ainda, sobre os balcões e sobre os

tectos de pedra macissa, sob a floresta de chapeus de sol de palha, ha um formigar de corpos escuros, um fervilhar de cores simples. Cinco corpos nús, de cocoras sobre uma columna, saltam bruscamente para a agua, que espadana em scentelhas prateadas. Por detraz d'elles estão brahmanes brandindo os ramos com que batem monotonamente o rio, emquanto seus labios se agitam murmurando uma prece. Mas em baixo, sahem do rio mulheres, a cujas fórmas adhere o véu azul ensopado que as cobre, graves e aprumadas. Acocorado sobre um elevado penhasco de marmore, separado da multidão, envolto em seda vermelha, um homem immovel, n'uma attitude hieratica, contempla o nascer do sol. Notam-se depois as posições mais extravagantes, um gesticular doido; duas mulheres seguram-se com uma mão pelo nariz e com a outra batem-se no peito; uma velha curvada, toda tremula, com o misero corpo desenhado em toda a sua magresa sob o veu molhado, junta as enrugadas mãos, e seis vezes gira sobre si mesma.

Outros, com uma rapida vibração dos labios, encrespam methodicamente o rio fazendo a agua saltar diante de si, velhos curvados inclinam urnas de cobre. E fazendo fundo a tudo isto, por detraz das innumeraveis capellas conicas, que se erguem mesmo no meio dos degraus, ha uma fiada de vinte e quatro templos e palacios. Noto, ao acaso, um maior do que os outros, um vasto edificio quadrado, côr de rosa, vivamente recortado no céu, com balcões floridos, coberto d'arabescos, rendilhado, com columnatas e janellas ogivaes. A grande escada chega até o rio, onde entra continuando a ampla faixa obliqua; e lá em cima, sobre os mais altos degraus, homens nús distendem os reluzentes musculos a brandir massas, desenhando sobre o marmore sombras heroicas.

Já temos percorrido duas milhas e o espectaculo continúa o mesmo. Esta multidão, estas architecturas, esta luz, parecem vistas n'um sonho, sob a influencia da embriaguez que produz o opio, na qual o tempo, o espaço e tudo quanto

lhes diz respeito é monstruosamente augmentado e multiplicado. Aqui, como lá em baixo junto aos edificios, as plataformas de pedra ou de madeira avançam até á agua luminosa, e ha junto de cada uma um formigar distincto — cem mulheres, cobertas de brancos veus, estão curvadas sobre a agua, — troncos ephebos erguidos no meio da luz, brahmanes immoveis, magros, de vertebras salientes, dobrados ao meio, curvados, como em extase no meio d'algum delirio febril, — grupos de creanças a saltar em volta das fogueiras onde se queimam os mortos, vaccas sagradas, sombras agradaveis enfileiradas sobre a brancura das marmoreas escadas; e de toda esta multidão que se move, ora e canta, sobe um rumor enorme, um ruido confuso de humanidade. Em toda a parte, por toda a margem da grande agua indifferente é a mesma vida que pullula, a mesma onda de povo que corre e se esmaga.

As pombas voam aos milhares e vão pousar sobre os cónes dos templos; corvos cinzentos, grandes abutres de pescoço pendente, estão poisados nos fustes das columnas.

No céu estridulam os gritos de esplendidos papagaios; ás nuvens eleva-se o fumo dos cadaveres que o fogo consome, e em alguns pontos o rio está manchado de negro pelas cinzas humanas lançadas á agua.

O rio arrasta flôres; preces innumeraveis se erguem a Siva, a Durga, a Ganesh, a Surya e ao Sol agora já bastante ardente. Diante do vasto Ganges, entre as pyramides, sob as columnatas das capellas, ao pé das architecturas enormes, extranhas como as vegetações da India, como as religiões da India, fervilha a vida immensa da India. Por momentos, parece renovar-se a oppressora sensação que, repetida durante gerações inteiras, modificando a estructura dos cerebros aryanos, se traduz em seus poemas e em suas philosophias. Alem dos seres singulares e mortaes, concebe-se uma força que se desenvolve para produzir todas as cousas e todas as vidas, força immortal, eternamente presente, a mesma sempre atravez dos milhões de

nascimentos e d'obitos, que a manifestam sem a diminuir. É esta força que elles adoram, é o culto d'esta força que fórma o amago da sua religião. Uma vez comprehendido isto, explicam-se as contradicções, as incoherencias d'este hindunismo tão complexo, onde o fetichismo selvagem está aliado ás penetrantes lucubrações, que adora tresentos milhões de deuses ao mesmo tempo que as bestas, as arvores, os elementos, os astros, as pedras, ao mesmo tempo pantheista, monotheista, polytheista, segundo considera no Ser universal, a sua principal encarnação, algumas ou todas as suas manifestações pela Materia ou pelo Espirito. Uma vez comprehendido isto, explicam-se as loucuras da sua imaginação, os seus extraordinarios sonhos expressos n'esses compactos e interminaveis poemas, em que o homem immerso no seio da natureza, tem por eguaes e companheiros os macacos, os ursos, os elephantes, as plantas e os insectos. Antes de tudo, elles sentiram a vida, a vida ondulante, fluida, que morre e que renasce, multipla, indefinidamente mutavel e varia. E o contraste assim m'o dizia quando por cima da multidão confusa, por cima dos templos floridos eu subia a rampa branca, de dois minaretes d'uma mesquita que se projectava no azul do céu mussulmano. Elles abraçavam-se n'um impeto energico, como o ardor d'uma prece e o enthusiasmo d'um grito, e sentia-se a obra fervorosa d'uma raça simples, decidida, monotheista e apaixonada.

III

É meio dia. Deixo o Ganges, e, ao trote, atravessamos a cidade. As estreitas ruas, os barrancos, os objectos de cobre cinzelados, expostos sobre os passeios, a multidão multicôr, tudo desfila rapidamente, depois segue-se a pulverulenta campina. No hotel experimenta-se uma extranha sensação em encontrar novamente a tranquillidade e o ra-

ciocinio europeu, a boa ordem tranquilla, os costumes correctos, a conversação banal e cortez. Repentinamente cahe-se outra vez na vida habitual, e a impressão causada pelo que se acaba de vêr desappareceu como um sonho que se desfaz ao despertar. Todavia fica sempre uma tal ou qual perturbação. Quando se vê um homem a fazer gestos desordenados, a recitar discursos incoherentes, vivendo ao contrario de toda a gente, diz-se que esse homem delira. Quando se passeia sósinho no meio d'uma multidão que assim procede é necessario ser mui forte e estar bem seguro de si proprio para fazer tal juiso. Se alguem vive aqui fóra das regras, sou eu e o meu companheiro á mesa do hotel. Em todas as mais pequenas cousas sente-se que estamos fóra da regra geral, achamo-nos desnorteados, perdeu-se a noção da medida pela qual se avaliava e se estava habituado a vêr avaliar tudo. Somos violentados a comprehender que as nossas idéas e os nossos costumes europeus são simples costumes e idéas locaes, que o nosso ponto de vista é apenas differente do ponto de vista hindu, que realmente um vale tanto como o outro, e que todos os modos de ser são legitimos pela simples rasão de existirem. Com que direito disse eu ainda ha pouco que, n'este povo a loucura é o estado normal?

Depois do *tiffin* não sabemos que fazer: a esta hora o sol dardeja sobre a campina solitaria. Abro algumas obras especiaes a vêr se posso encontrar a explicação do que acabo de vêr. Que significam estes ritos, que querem dizer esses gestos de maniacos? Que preces recitavam diante do povo esses brahmanes nús, sob as grandes umbellas de verga? Depois d'uma hora de leitura volta a sensação primitiva: são realmente muito doidos.

*
* *

Eis a vida quotidiana d'um dos vinte e cinco mil brah-

manes de Bénarès [1]. Ergue-se antes da aurora romper, e o seu primeiro cuidado é lançar a vista para algum objecto de bom agouro. Se descobre uma gralha á sua esquerda, um milhano á sua direita, uma serpente, um gato, uma lebre, um chacal, um vaso vasio, fumo que se eleva d'algum fogo, uma pilha de madeira, uma viuva, um zarolho, todo o dia o ameaçarão grandes desgraças: se está para emprehender uma viagem áddia-a. Mas se o seu primeiro olhar depara com uma vacca, um cavallo, um elephante, um papagaio, um lagarto, um fogo puro, uma virgem, tudo correrá bem. Se espirra uma vez, póde contar com uma grande alegria. Se espirra duas vezes deve esperar grande catastrophe. Se boceja póde um demonio entrar-lhe no corpo. Tendo evitado todos os objectos de mau agouro, o brahmane, fica logo preso na engrenagem sem fim dos ritos religiosos. Sob pena de tornar inuteis todas as acções do dia deve lavar os dentes na margem d'um rio ou d'um tanque sagrado recitando uma mantra especial que termina pelo seguinte hymno:

«Ó Ganges, filho de Vichnu, tu brotas do pé de Vichnu, tu és por elle amado;—Livra-nos da mancha do peccado e da origem e, até á morte protege os teus servos.»

Depois do que se esfrega com cinzas dizendo: «Homenagem a Siva, homenagem á fonte de toda a creação! Que elle me proteja em todo o nascimento! Que elle me proteja durante todos os nascimentos!» Depois, traça sobre a fronte signaes sagrados: os tres riscos verticaes que representam o pé de Vichnu, ou os tres riscos horisontaes que lembram o tridente de Siva, e faz um nó dos cabellos, que a navalha deixou no alto do craneo, afim de que nenhuma impureza ali possa cahir que vá manchar o rio santo.

---

[1] Para conhecer os pormenores do culto, consulte-se principalmente, Monier Williams: *Brahmanism and Hindonism.*

Depois pódem começar as ceremonias da manhã *(sandhia)*, as que ha pouco celebravam os brahmanes de Bénarès, junto ás grandes escadarias de pedra. Minuciosamente, mecanicamente, cada um por sua parte executará a serie de actos e gestos prescriptos.

Primeiramente a ablução interna: o fiel tira agua com a mão e lança-a d'alto dentro da bocca, para purificar o corpo e a alma. Entretanto invoca mentalmente os vinte e quatro grandes nomes de Deus Vichnu, dizendo: «Gloria a Kesava, a Narayana, a Madhava, a Godinva, etc.»

O segundo acto é o exercicio ou disciplina da respiração *(Prajayama)* no qual ha a distinguir tres operações: 1.° o fiel comprime a narina direita e expelle o halito pela outra; 2.° aspira pela narina esquerda, depois comprimindo esta, respira atravez da narina direita; 3.° fecha completamente o nariz com o indice e o pollegar e, durante o maior tempo possivel, sustem a respiração.

Todos estes actos devem preceder o erguer do sol e preparam o fiel para o que se ha de seguir. De pé, á borda da agua, immovel, elle pronuncia então solemnemente a famosa syllaba AUM, cuja extensão deve ser egual á de tres vogaes. Esta syllaba recordar-lhe-ha as tres pessoas da trindade hindu, Brahma que cria, Vichnu que conserva, Siva que destróe. Mais nobre que toda a palavra, immortal, diz Manon, ella é eterna como o proprio Brahma. Não é um signal mas sim um ser, uma força, uma força que obriga os deuses, superior a elles, a propria essencia de todas as cousas. Mysteriosas operações do espirito, estranhas associações de idéas, d'onde podem sahir semelhantes concepções.

Pronunciada a antiga e temerosa syllaba, o homem chama pelos seus nomes os tres mundos; a terra, o ar, o céu e os quatro céus superiores: voltando-se para o oriente recita os versos do *Rig-Véda*: «Meditemos sobre a gloria esplendida do divino Vivificador, que elle esclareça as nossas intelligencias.» Pronunciando estas ultimas palavras tira

uma pouca d'agua na palma da mão e lança-a no alto da cabeça. «Aguas, diz elle, dae-me vigor e força, afim de que eu rejuvenesça. Como mães amantes, benzei-nos, penetrai-nos com a vossa sagrada essencia. Acabámos de lavar-nos da mancha do peccado: fazei-nos fecundos e prosperos.» Seguem-se outras abluções, outras mandras, versos do *Rig-Véda*, e este hymno, que conta a origem das cousas: «Do calor ardente sahiram todos os seres, sim, a ordem inteira d'este universo; a Noite, o oceano que palpita e, depois do oceano que palpita, o Tempo, que separa a Luz da Noite. Todos os mortaes são seus subditos. E' elle quem tudo ordena e foi elle quem fez, um após outro, o sol, a lua, o céu, a terra e o ar intermedio.» Este hymno, diz Manon, repetido tres vezes apaga os mais graves peccados.

E' n'esta occasião, approximadamente, que o sol surge por detraz das amarellas areias que bordam a outra margem do Ganges. Logo que o disco rutilante emerge, toda a multidão o acclama e saúda com a «offerta da agua». Lançam-n'a ao ar, quer com um vaso, quer com a mão. Tres vezes o fiel, mergulhado até á cintura, atira a agua para o sol. Quanto mais longe ella se espalha maiores são as graças attribuidas a este acto. Entretanto o brahmane, sentado nos calcanhares, pratica o mais sagrado dos exercicios religiosos: medita ácerca dos dedos. Entre elles os dedos são santos, habitados pelas diversas manifestações de Vichnu: o polegar por Govinda, o index por Mahidhara, o terceiro por Hrikera, o quarto por Trivikama, o quinto pelo proprio Vichnu, e a palma é a mansão de Madhava.» «Homenagem aos dois polegares, diz o brahma, aos dois index, aos dois dedos medios, aos dois dedos sem nome (os anullares), aos dois dedos minimos, ás duas palmas, ás duas costas da mão.» Ao mesmo tempo toca no peito, nos olhos, no umbigo, na garganta, na cabeça e finalmente na parte sagrada entre todas, a orelha direita, onde residem ao mesmo tempo o fogo, a agua, o sol e a

lua. Toma então um sacco vermelho *(go-mikhi)* e n'elle introduz a mão e pelas contorsões dos dedos que entrecrusa, figura rapidamente as principaes encarnações de Vichnu: um peixe, uma tartaruga, um javali, um leão, uma carroça, um nó corredio, uma grinalda. Ha cento e oito d'estas figuras das quaes nem uma deve ser omittida, e os merecimentos attribuidos a estes gestos são infinitos.

A segunda parte do serviço é tão rica como a primeira em abluções e em mantras. O brahmane invoca o sol. «Mitra, que contempla as creaturas com immutavel olhar», e as Auroras «brilhantes filhas do céu», primeiras divindades das nossas raças aryanas; glorifica o mundo de Brahma, o de Siva, o de Vichnu, recita trechos de *Mahabharata,* dos *Puranas,* o primeiro hymno inteiro do *Rig-Véda,* os primeiros versos do segundo, as primeiras palavras dos principaes Vedas, do *Yapur*, do *Rama*, do *Atharva*, depois trechos de grammatica, prosodias inspiradas, emfim as primeiras palavras do livro das leis de Yojna Volkya, dos sutras philosophicos e termina finalmente a cerimonia com tres especies de abluções chamadas — refresco dos deuses, dos sabios e dos antepassados. Collocando primeiro o fio sagrado sobre o hombro esquerdo, o brahmane tira agua com a mão direita e deixa-a escorrer pelos dedos estendidos. Para refrescar os sabios, o fio deve prender em torno do pescoço como um collar e a agua correr pelas costas da mão entre a raiz do polegar e o indicador dobrado para dentro. Para os antepassados o fio passa sobre o hombro direito, e a agua corre da mesma fórma que para os sabios: «Que os paes sejam refrescados, diz a oração, que esta agua sirva a todos os que habitam os sete mundos até á mansão de Brahma, ainda mesmo que o seu numero seja maior do que milhares de milhões de familias. Que esta agua consagrada pelo meu fio seja recebida pelos homens de minha raça que não deixaram filhos.

Com esta prece finda o serviço da manhã. Agora resta saber que este culto é diario, que estas formulas devem

ser pronunciadas e estes gestos executados com uma precisão mechanica, que se o fiel olvida a quinquagessima das encarnações de Vichnu, que deve figurar com os dedos, que se tapa a narina esquerda em vez da direita, a cerimonia completa perde toda a sua efficacia, que para cousa alguma se perder no meio da multidão de palavras e gestos rituaes, deve usar de meios mnémotechnicos, que, elle tem cinco para recordar tal serie de formulas, que a sua attenção, sempre activa e dirigida para o lado exterior do culto, não deixa ao espirito um minuto para pensar no sentido profundo de algumas d'essas orações, e só assim se poderá comprehender a extraordinaria scena que as margens do Ganges apresentam todas as manhãs em Benarés: essa multidão anciosa e demente, esses gestos rapidos e methodicos, essa ligeira agitação dos labios, a fixidez do olhar d'esses homens e d'essas mulheres que, de pé dentro d'agua, parecem ninguem mais ver, completamente absorvidos, como se entregues a um calculo febril interior. Imagine-se que ha cerimonias similhantes, á tarde e á noite, e que no intervallo, na rua, em casa, á hora da comida, á hora de deitar, analogos ritos tambem minuciosos, perseguem o brahmane, todos precedidos pelos exercicios da respiração; a enunciação da syllaba AUM, a invocação dos principaes deuses. Calcula-se que, entre a aurora e o meio do dia, pouco mais haverá de uma hora para repousar do culto. Depois das grandes potencias naturaes, o Ganges, a Aurora, o Sol, vae o fiel tambem honrar em seus templos os deuses figurados: o Lingam, que elle asperge; as arvores sagradas, em torno das quaes dá uma volta; as vaccas, ás quaes offerece flores. Em casa novas divindades o reclamam ainda, e que divindades! Cinco pedras negras que representam Siva, Govesh, Surya, Devi, Vichnu, dispostas segundo os pontos cardeaes: uma ao norte, outra ao sueste, a terceira no sudoeste, a quarta ao noroeste, a ultima ao meio, podendo esta ordem variar, conforme o fiel considera tal ou

tal deus como o mais importante, depois uma concha, uma campainha á qual offerece flores prostrado, um vaso, emfim, cuja bôca contem Vichnu, o gargalo Sudra e o bojo Brahma, ao passo que no fundo dormem as divinas mães, isto é, ao mesmo tempo o Ganges, o Indo e o Jumna. Tal é o culto ordinario de Benarés, e nos dias de festa este culto complica-se. Porém, a grande época do brahmanismo é sempre a mesma. Poderá ter variado tal ou tal practica, mas o conjuncto tem sido sempre do mesmo modo tyranico, egualmente extravagante. Já nos *Upomishads*, encontra-se a mesma fé na potencia da palavra articulada, as mesmas prescripções absolutas e innumeraveis, as mesmas formulas estranhas, o mesmo numero de gestos exquisitos. Todos os dias, ha vinte e cinco seculos, porquanto o budhismo foi um protesto contra o despotismo e loucura dos ritos, esta raça tem machinalmente passado por essa engrenagem, terminando em taes deformações mentaes, em similhantes attitudes habituaes do espirito e da vontade, e por isso hoje são tão differentes de nós que nos é impossivel comprehendel-os. Um negro, um selvagem da Terra do Fogo assimelha-se-nos mais. São mais simples do que nós, mais proximos da vida animal, mas se subtrahirmos a nós mesmos o instavel cabedal da nossa civilisação encontraremos de novo occultos, mas vivendo no mais profundo da nossa alma, o maior numero de seus instinctos.

Pelo contrario a alma hindu está tão desenvolvida como a nossa; a sua vegetação é tambem rica, mas é extraordinaria. Fica-se estupefacto perante o emaranhado das noções, a nossos olhos incoherentes e absurdas, que formam a trama permanente do seu espirito. Qualquer de entre elles, que se considere, pertence a uma casta na qual está encerrado como o estiveram seus avós. A idéa de casta liga-se, no fundo, com a idéa de especie animal. A distincção é a mesma entre um cão e um touro que entre um

çudra e um brahmane. D'ahi o horror que se liga á idéa de um casamento entre pessoas de differentes castas. E' preciso notar que as castas são hoje tão numerosas como as profissões. Cada hindu nasce pois, padre ou medico, escriba ou oleiro, ferreiro ou gravador; julgar-se-ha perdido se um homem de casta inferior toca no seu alimento ou come a seu lado. Se deixa a India, se atravessa o mar, torna-se pária, isto é, perde parentes e amigos, não mais poderá vender nem comprar, comer ou viver com pessoa alguma. Ficará polluido, e nada o póde privar da mancha senão a purificação suprema, a purificação *pela vacca*. Para a conseguir tem de dar grandes sommas de dinheiro aos brahmanes e de reunir os homens da sua casta, depois engulir os quatro productos do mais sagrado dos animaes, um bolo feito de leite, manteiga, urina e bosta, porque esta vacca é uma das altas encarnações de Deus, inferior ao brahmane, mas superior a quasi toda a humanidade. Materia alguma é mais preciosa do que o seu esterco; demonio algum ousará approximar-se da casa do fiel que com elle houver untado as suas paredes.

O nosso hindu tem muitos deuses, improprios para dar habitos de clareza e ordem ao cerebro que se esforce em comprehendel-os. São quasi todos seres essencialmente metaphisicos, tão abstractos que escapam á investigação de uma intelligencia ordinaria. Por exemplo, Kali é «a energia de Siva», e o proprio Siva é a potencia eterna, que persiste sob as mudanças das apparencias. Eis ahi idéas religiosas que de fórma alguma poderão ser arguidas d'anthropomorphismo, e que quasi parecem incapazes de representações figuradas. Todavia, Kali povôa os templos com os seus idolos. Esta divindade é um monstro negro, que quer sangue. Outr'ora sacrificava-se-lhe creanças, hoje, porém, immolam-se cabras diante dos seus altares. Culto algum lhe é mais agradavel do que a repetição dos prestados aos seus nomes que possuem a letra M. Quando julgamos alcançal-a e conhecel-a eis que se transformam;

fluctua, seus attributos mudam, confunde-se com Durga, com Parvatti, ccm Çamunda. De negra e medonha torna-se em voluptuosa e bella. As suas fórmas são innumeraveis, é uma encantadora virgem de dezeseis annos, é uma mulher nua e sem cabeça, uma cegonha, uma nuvem de fumo.

(Continua.)

André **CHEVRILLON.**

EM PLENO DIA

Hoje, domingo, 30 de abril, o Odeon dá uma *matinée*, á uma hora, isto é, á uma hora «e um quarto». Não se deve esquecer que no theatro tudo é falso, até as horas que são.

A grande *coquette* Fanny Perez accordou muito tarde e está de um humor pessimo. Hontem á noite teve um papel insignificante na peça nova, cuja primeira representação foi, além d'isso, bastante tempestuosa. O seu amante, Salomão Cerf, o bolsista, que a sustenta sem prodigalidade, quiz por força leval-a a cear com tres collegas, os quaes não falaram senão em um bom negocio que se podia fazer com o Rio Tinto. Aborreceram-se a valer defronte das carnes frias e da salada russa, e a pobre rapariga, que já não é muito nova,—tem trinta annos, leiam trinta e tres, trinta annos «e um quarto»,—deitou-se extremamente tarde. Ora, esta *matinée* deve começar pelas *Falsas Confidencias*, onde ella faz o papel de Araminta. Marietta, a creada de quarto, adivinhou logo, pela violencia do toque de campainha, que a senhora estava nos seus dias maus, e trouxe immediatamente o chocolate e os jornaes. Emquanto almoçava na cama, Fanny percorreu as noticias arranjadas á pressa pelos jornalistas nocturnos.

Falam n'ella duas ou tres vezes apenas, juntamente com os nomes das suas collegas que representam papeis secundarios, sem um elogio especial, sem nada! E a peça é completamente arrazada. É muito agradavel, na verdade!

O relogio deu horas! Onze e meia! Já! Fanny deve estar no theatro ao meio dia, o mais tardar, para ter tempo de fazer a caracterisação. «Marietta! Marietta!...» E «a senhora» veste-se ás tres pancadas, tratando a creada com maus modos.

«Não!... Não são essas botas, parva!... Vae buscar um trem, e avia-te, hein?»

Está prompta, afinal!... Sempre bonita, mas tão pallida! de uma pallidez amarellada, com as feições contrahidas, o tremor febril da noite perdida, Fanny, sem reparar no sol radioso e no ceu puro, mette-se no *fiacre*, conchegando a capa de pelles, e, ao cabo de alguns minutos, — perfeitamente! é apenas meio dia e cinco! — chega ao theatro, sobe a escada com ligeireza e entra no camarim onde já a espera o caracterisador, segurando a cabelleira empoada das *coquettes* de Marivaux.

— «Bom dia, menina Fanny.

— «Bom dia, Augusto... Aviemo-nos.»

A actriz desapparece por um instante atraz de um biombo, despe o seu fato de passeio, enfia um penteador por cima do espartilho, e, finalmente, installa-se defronte do espelho, entre os dois bicos de gaz que brilham fazendo ouvir um silvo muito leve.

Meu Deus, que mau parecer que ella tem, esta manhã! Felizmente, estão ali as pommadas e os cosmeticos, espalhados por cima da mesa de *toilette*. *Cold-cream*, pó d'arroz, *blanc gras*, carmim, *veloutine*, não falta nada. Está o arsenal completo da formosura provisoria. A actriz põe-se logo á obra, com destreza machinal. Agil, abre os boiões, as caixas, os frascos, enche algumas tigellinhas, molha a pequena esponja, unta e caia o rosto, o pescoço, o peito,

alisa as sobrancelhas com uma escova minuscula, e, toc! toc! duas pincelladas azues debaixo dos olhos, e «os braços, que me esqueciam!» e mais um bocadinho de negro nas pestanas e um nadinha de carmim nas unhas e na extremidade das orelhas.

Está mais bonita, transforma-se a olhos vistos, a comediante! O olhar, agora, é humido e luminoso. O sorriso tem rubores de romã entreaberta.

— «Depressa, Leontina... O meu vestido!»

A mulher aproxima-se, com ar solicito, segurando nos braços estendidos o bello vestido de theatro, o vestido de setim côr de rosa com grandes folhos. Fanny, então, levanta-se, despe rapidamente o penteador, mostra, por um instante, ao cabelleireiro — que ainda está ali, de cabelleira em punho — oh! cousas encantadoras, uma nuca, umas costas, uns hombros!... Depois enfia o vestido estendido, como uma *ecuyère* passa atravez do arco, e eil-a, em menos de meia hora, enfeitada, penteada, de cabello empoado, scintillante na graça pomposa e piegas da sua *toilette* de outros tempos.

Já lhe voltou a alegria. Aquella *matinée*, aquella representação deante de burguezes, de extrangeiros que lêem a brochura, de familias empilhadas nos camarotes, já não lhe parece uma estopada, como ha boccado. Pelo contrario, Fanny está encantada por representar mais uma vez aquelle papel de Araminta, no qual sabe que vae bem, que tem sempre um successo.

Oh! os alumnos de Saint-Cyr que estão nas cadeiras da orchestra, segurando nos joelhos a barretina de pluma branca e encarnada, vão applaudil-a furiosamente, tem a certeza d'isso, e hão de sonhar com ella, n'essa noite, em muitos dormitorios de collegios. E, ensaiando o seu olhar da grande scena do «terceiro», a actriz, orgulhosa com a sua belleza de uma hora, sorri para o delicioso pastel emmoldurado no espelho, defronte d'ella.»

Está acabado. A creada, de joelhos, já pregou o ultimo

alfinete. O cabelleireiro collocou uma rosa na cabelleira empoada. Fanny está prompta, e, triumphante como um tenente de grande uniforme, em dia de parada, desce para o palco, com a cauda no braço e o leque na mão, atravez do dedalo de escadas estreitas e sombrias.

Mas, é debalde que a voz arrastada do contra-regra geme, no meio das trevas: «Va...e...e começar...» Fanny foi excessivamente exacta, como sempre.

«Olha, menina, ainda não veiu ninguem» diz-lhe o velho comico Bonamy com quem ella se encontra, n'um corredor.

E a actriz, para esperar que se levante o panno, dirige-se para o salão dos artistas. Mas, logo que chega á porta, detem-se, deslumbrada.

O sol entra pelas janellas abertas, innundando de luz a sala espaçosa e vasia; e lá fóra, é a primavera, — a primavera fresca, esplendida, chegada n'essa manhã. Como o céu está azul e ligeiro! E como é agradavel, o primeiro sopro da estação juvenil, tepido e puro como o halito d'uma creança! Hontem estava o tempo humido e pardacento, os transeuntes, de guarda-chuva, patinhavam na lama. Esta noute, porém, mudou de repente. É Abril. Por isso, todcs estão fóra de casa, com o fato dos domingos, e assaltam o *omnibus* ou accumulam-se á porta do Luxemburgo. Porque é adoravel, o velho jardim, com os seus lilazes em flôr, as suas aves doidas de alegria, e as suas grandes arvores de folhagem rebentada hontem, de um verde tão tenro, tão delicado, que faz accudir as lagrimas aos olhos. Ó divina manhã! Fim do mau inverno! Clemencia e bondade de Deus!

Esta apparição não inspira á actriz, cuja alma é pouco bucolica, senão uma reflexão de mau humor:

«Bom! Com um tempo d'estes vamos representar para as cadeiras vasias... Ia apostar que não fazem nem «mil e duzentos.»

Em seguida, querendo certificar-se de que a *toilette* lhe

está bem, olha para um dos grandes espelhos da sala, vê se ahi dos pés á cabeça, e, de repente, recua com um gesto de estupefacção, quasi de susto. Porque o sol triumpha de todas as pinturas e de todos os arrebiques, e, em pleno dia, n'aquella claridade serena, a actriz acha-se horrorosa.

O que! É ella, aquella boneca de cabelleireiro, pintada como um quadro, aquella cabeça de cera coberta de unto e de pommada? O que! pois é o seu trajo, aquelle vestido usado e reles, aquelle pacote de farinha na cabeça, aquella rosa de confeiteiro, aquellas lantejoulas de rei preto e de saltimbanco? Não, era para gritar de dôr!

Ella não é muito impressionavel, repetimos, aquella boa Fanny. Quem passa a vida no theatro, ha quinze annos, e se vê reduzida a supportar as homenagens de um Salomão Cerf, que devia estar em Mazas, sente-se bronzeada contra muitas sensações, não é verdade? Mas, realmente, é muito cruel, o contraste entre aquella deliciosa manhã d'abril e o phantasma pintado e coberto de ouropeis que Fanny vê reflectido no espelho. Pela primeira vez na sua vida, sente como que uma vergonha confusa da sua pessoa e da sua profissão. Pois é possivel que ella se tivesse gasto d'aquella maneira na sombra e na poeira dos bastidores! E, d'ahi a pouco, apesar d'aquelle radioso dia, apesar d'aquelle sol tão alegre terá de descer ao palco, a essa adega illuminada, e recomeçar ahi os seus trejeitos, fingir sentimentos complicados, falando com uma linguagem litteraria quasi incomprehensivel para ella, exercer, emfim, o seu mister de macaco e de papagaio. A primavera? Ah! pois sim! Isso já não existe para ella. E pensamentos amargos arrebatam-a para o passado longinquo. Vê-se em casa do papá — official de encadernador, — quando a mamã a levava ao conservatorio. Lembra-se do seu visinho de portas fronteiras, o rapazito louro que não lhe desagradava e por quem tinha a certeza de ser amada. Era empregado n'um ministerio, e, se ella tivesse querido renunciar ao theatro, tel-a-hia desposado, com alegria. O pae sabia isto, desejava que

assim acontecesse. Mas a mãe era ambiciosa, e o sr. Régnier affirmava que lhe dariam o primeiro premio de comedia. Comtudo, se tivesse sido rasoavel, seria hoje mulher de algum honrado chefe de repartição, e, com aquelle formoso sol, passearia pelo braço de seu marido, como o par que vê d'aqui entrar no Luxemburgo, precedido por dois collegiaes. Mas, qual historia! Está condemnada, para sempre, á sua vida enervante e artificial. Alem d'isso, não tem a certeza de renovar a escriptura, e Salomão Cerf — é o seu decimo segundo amante? já não se lembra! — Salomão Cerf não é generoso nem certo. Que futuro tão sombrio! Talvez se veja obrigada — e brevemente — a representar pelas provincias, a envelhecer assim, a acceitar, qualquer dia, o papel de *duègne?*...

N'esse momento, o velho Bonamy — vae representar Dubois nas *Falsas confidencias* e, com a sua casaca de marquez, parece exactamente um boneco de entrudo, um cão sabio de realejo, — entra no salão, vê-se tambem ao espelho, e diz á sua collega, com o tratamento cynico e sem ceremonia de comediante:

«Minha querida Fanny, estás sempre linda como os amores... Mas não ha que vêr... Não somos nada bonitos, em pleno dia.»

Ah! a pobre actriz tem bastante vontade de chorar. Mas a voz do contraregra geme, no corredor: «Primeiro acto... Vae começar.» E Fanny é obrigada a reprimir as lagrimas, por causa da pintura.

F. COPPÉE.

PORTUGAL EM 1787

(Continuação)

CARTA IV

Procissão do Corpo de Deus da Patriarchal

7 de junho de 1787.

«Atroadores repiques de sinos, bellicoso arruido de tambores, e agudos toques de trombeta me puzeram fóra da cama ao alvorecer o dia. Segundo o grau de devoção que possuis, acho que não ignoreis que é hoje o dia de festa do Corpo de Deus. Estava meio disposto a ficar em casa folheando uma curiosa collecção de *Chronicas Portuguezas*, que o grão-prior d'Aviz me mandara; porém tinha ouvido maravilhas taes da esperada procissão, que não pude resistir a tomar algum incommodo a fim de presenceal-a.

«Todos se haviam posto em movimento, antes que eu saisse, e as ruas do suburbio, onde habito, bem como as da cidade, que segui encaminhando-me á Sé patriarchal, estão inteiramente desertas; parece qne passou um ramo de peste pela grande Praça do Commercio e os estabelecimentos mercantis e fiscaes da Bolsa e casa da India, porque até os vadios, os varredores das ruas, e mesmo os mendigos na ultima phase da decrepitude abalaram man-

quejando para o logar da scena. Só ficaram nas ruas desamparadas uns poucos de miseraveis cães vagabundos e estropiados, e não vi nas janellas individuos humanos, á excepção de meia duzia de creanças tinhosas choramingando, porque as deixaram em casa.

«O borborinho da multidão apinhoada á roda da patriarchal, ouvia-se muito antes de lá chegar, avançando difficultosamente entre as fileiras dos soldados formados em ordem de batalha. Ao voltar um angulo escurecido pela sombra dos altos edificios do Seminario contiguo á Patriarchal descobrimos as casas lojas e palacios, convertido tudo em pavilhões, forrados d'alto a baixo de damasco encarnado, tapeçarias, cobertores de seda, e colchas de franjas reluzindo em oiro. Julguei achar-me no meio do acampamento do grão-mogol, tão pomposamente descripto por Bernier. Em especial a frontaria do templo estava ornada com toda a sumptuosidade; esta fachada levanta-se d'um espaçoso adro de lanços de escadaria, que estava coberta de archeiros da guarda real com suas ricas fardas multicôres, e d'uma infinidade de padres trazendo luzidas e diversas bandeiras de seda pintada; rebanhos de frades macilentos, de habitos brancos, pardos e pretos, vinham saindo de envolta e successivamente, como bandos de perús levados ao mercado.

«Demorando-se fastidiosamente esta parte do espectaculo religioso, aborreci-me, e deixando o balcão, onde estavamos mais á vontade, entrei na egreja. Celebrou-se missa pontifical com pompa magestosa; subiam ao ar nuvens de incenso, numerosos cirios faziam rutilar mais os diamantes da custodia elevada pelas tremulas e devotas mãos do patriarcha.

«Antes de acabada a ceremonia ganhei a minha janella para gosar da plena vista da procissão do Sacramento. Tudo era espectação e silencio no povo.

«A guarda real se enfileirou de ambos os lados do adro em frente da porta da egreja; e por fim um chuveiro de

flôres annunciou que se approximava o patriarcha trazendo a custodia debaixo de um rico palio, cercado dos grandes da côrte, e precedido por uma longa serie de personagens mitrados, de mãos postas em acto de adoração, com suas vestes purpureas roçando pela terra, trazendo os seus assistentes os baculos, e outras insignias da dignidade prelaticia.

«A procissão desceu vagarosamente os degraus do adro ao som dos canticos e do ribombo distante das salvas d'artilheria, sumiu-se n'uma larga rua, toda decorada de luzidas armações, e deixou-me os sentidos enleiados, e os olhos suffocados, como se acabasse de despertar de uma visão de esplendor celestial. N'este momento tenho a cabeça azoinada, e os ouvidos a zunir com a bulha confusa dos sons, sinos, vozes, echos dos tiros de canhão prolongados pelos montes e diffundidos pela superficie do Tejo.»

CARTA V

Casa de campo e banquete de Mr. S*** — A donzella tragica

11 de junho de 1787.

«Hoje fomos convidados a jantar no campo, na quinta d'um cavalheiro, que tem uma carga de nomes, os quaes pronunciados com o mau accento portuguez sôam como uma expectoração.

«O nosso agasalhador hospedeiro é irlandez de origem; gaba-se de uma estatura de 72 pollegadas, proporcional largura de costado, rosto vermelho, pernas herculeas e todos os attributos exteriores, pelo menos, d'aquella raça emprehendedora, que não poucas vezes alcança a fortuna de casar com a riqueza. Haverá um anno ou dois que se arranjou com uma opulenta herdeira braziliense, e acha-se

agora senhor de vastas propriedades, e de uma nedia e acaçapada mulher com uma cabeça que arremeda a de Holophernes das tapeçarias antigas, e uns hombros que representam muito bem a figura de grandes pratos. Pobre creatura! Para maior certeza de que não é nenhuma Venus nem Hebe, tem beiços grossos e voz de machacaz, e notei-lhe algumas disposições para hydropica; comtudo os seus risos são frequentes e esperdiçados; ainda agrada ao marido com a maior perseverança.

«Mr. S*** é um caracter singular, não acceita emprego civil ou militar, e blazona de certa franqueza mordaz, que segundo eu penso ha de desagradar muito n'este paiz, onde a independencia, quer de bens da fortuna, quer de opinião é raras vezes ou nunca tolerada. Este cavalheiro gosta de ostentação na mesa; sessenta pratos se me afigurou que seriam pelo menos, oito d'elles de fumegantes assados, além de toda a casta de guisados á franceza, á ingleza e á portugueza. A sobremeza apresentava-se como um modelo de fortificação; a principal empada-torre afoito-me a dizer que tinha tres pés de altura perpendicular. A companhia não correspondia nem no numero, nem na comsideração ao esplendor do banquete. Se não tivesse ficado ao pé de mim, por felicidade, miss Still e Bezerra, eu teria morrido de enfado.

«Uma sisuda donzella com portentosas sobrancelhas e olhar, que exprobava á porção masculina da assembléa a sua desattenção, era a unica dama do paço, que Mr. S*** havia convidado.

«Eu esperava achar-me com todo o rancho do meu conhecimento tomado no Jardim Botanico, e acompanhal-o pelas vinhas e pomares d'esta casa de campo; mas ai de mim, que não estava fadado para tão recreativa excursão! A tragica donzella, que me constou ter sido infeliz nas suas ternas inclinações, aproveitou-se do meu braço, e nunca o desamparou em um longo passeio pelas extensas fazendas de Mr. S***. Conversámos em italiano, e dissemos aos pas-

saros que cantavam, aos regatos que susurravam, lindissimas cousas n'uma prosa estonteada, rapsodia de trechos de operas e cantatas, do *Amintas* de Tasso e do *Adonis* de Marini.

«O sol acabava de dourar com os seus ultimos raios os distantes rochedos de Cintra; o ar tornava-se balsamico; nas veredas por entre as vinhas medrava a herva viçosa, e milhares de flôres reanimavam-se com o rocio da tarde. Deixando á senhora o trilho estreito, que dá serventia pelo meio d'estes dominios ruraes, caminhei a seu lado por uma regueira bem guarnecida de ortigas, acanthos, e piteiras anãs, arranhando-me e esfolando-me a cada passo. Esta penitencia, e a logração, que eu sentia mais vivamente, tiraram-me um tanto do meu genio jovial; pagava-me ter passado uma tarde deliciosa em tão mesquinha sociedade, e ter lacerado as minhas pernas para tão pouco resultado. Quanto teria eu gosado passeiando com a joven irlandeza por estes odoriferos atalhos entre festões de folhagem vecejante, e de vides pampinosas, não prezas a ramos esgalhados, ou a tanchões como em França e na Suissa, mas trepando por leves cannas a oito e a dez pés d'altura.»

CARTA VI

Convento de Belem — Noite de vespera de Santo Antonio

12 de junho de 1877.

«Passámos o dia em Belem inteiramente como em reunião de familia com toda a legião dos Marialvas. Alguns dos reverendos padres, não sei de que communidade, lhes tinham mandado uma immensa quantidade de sopa muito espessa, gelatinosa e azeitada, porção da qual, segundo pa-

rece, costumavam os devotos engulir na vespera de Santo Antonio.

«Depois de uma refeição, que foi servida debaixo de um toldo estendido sobre um dos terraços, logo que o pude fazer airosamente, escapuli-me da roda dos fidalgos e senhoras, dos anões, frades, bobos, toureiros e capellães, para visitar o proximo mosteiro. Subi os grandes lanços construidos a expensas da infanta D. Catharina, rainha viuva de Carlos II, e tendo percorrido os claustros de D. Manuel examinei a livraria, que está longe de achar-se na melhor ordem e aceio.

«Os espaçosos e altos claustros apresentam uma notavel extensão de arcadas, que, posto não sejam do mais puro estylo, attrahem a vista pelos seus ornatos d'arabescos delicadamente lavrados, e pela phantastica côr arruivada da pedra. O dormitorio, para o qual tem serventia uma linha quasi interminavel de cellas, mede em comprimento 500 pés folgados. Cada janella tem seu commodo descanso, onde os monges se encostam á vontade, e desfructam a vista do rio.

«N'uma pequena e escura casa de thesouro, que por uma escada de caracol communica com a parte do edificio, que a tradição designa como habitação do rei D. Manuel, quando em certas épocas religiosas do anno se retirava a este recinto, mostraram-me á luz de vélas algumas alfaias extremamente curiosas, e em especial uma custodia feita em 1506 do mais puro ouro de Quiloa; não ha coisa mais bella como specimen do bem trabalhado lavor gothico do que esta complicada peça esmaltada, e com mui leves esteios e pinaculos cinzelados, tendo os doze apostolos em seus nichos debaixo de pavilhões, formados por milhares de voltas e ramificações.

«D'este sombrio recanto fui conduzido á egreja, uma das maiores de Portugal, vasta, magestosa e phantastica como o interior do templo de Jerusalem, segundo o tenho visto representado n'algumas antigas Biblias allemãs. Com-

tudo pouco havia nos altares, ou monumentos digno de minha investigação.

«Já era escuro, quando sahi da grande portada, e achei o terreiro em frente allumiado com a luz coruscante de um renque de fogueiras á beira do Tejo. A custo alcancei a minha carruagem sem ser chamuscado por buscapés e bombas, e desejei ver-me fóra no momento, em que entrara, porquanto estourou um foguete mesmo debaixo dos focinhos dos meus machos, que os espantou terrivelmente.

«Se por milagre me não acalentasse Santo Antonio, esperava não pregar olho em toda a noite, tamanho era o estrondo do fogo artificial, das lavaredas estridentes das fogueiras, das gaitadas das bozinas em louvor da festa de ámanhã, 555.º anniversario do memoravel dia, em que o santo querido de Lisboa passou em placido transito aos gosos do paraiso; vi a sua imagem á porta de quasi todas as casas, e até das barracas d'esta populosa capital, collocada em altar, e adereçada com profusão de velas de cêra e de flôres.»

CARTA VII

Egreja de Santo Antonio — Sermão de Fr. João Jacinto — Convento da Cartuxa

13 de junho de 1787.

«Dormi melhor do que esperava, o santo foi propicio; alta noiie entibiou o ardor de seus devotos, e as chammas de suas fogueiras um chovisco vernal, que rumorejava agradavelmente esta manhã por entre as parreiras do meu quintal. As nuvens dispersaram-se pelas oito horas, e ás nove, quando eu subia as escadas do adro da nova egreja, edificada no proprio local da casa, em que Santo Antonio nascera, resplandecia o sol com todo o seu brilho.

«Não posso dizer bem se este edificio me recordou o magnifico santuario de Padua, que ha cinco annos n'este mesmo dia fez na minha imaginação uma impressão tão viva. Aqui não ha constellações de alampadas aureas suspensas do ferro lavrado da mysteriosa abobada em lustrosas correntes, nem arcarias de alabastro, nem marmores esculpidos. A egreja estriba-se em duas fieiras de pilastras de cantaria, bem lavrada, mas de mesquinhas proporções. Sobre o altar mór, onde estava a venerada imagem no meio de brilhantes luzes, avultava um docel de velludo bordado. Esta armação com ricas franjas e borlas marca o logar onde foi o quarto do santo; e recebe uma suave claridade de uma serie de janellas altas com ricas guarnições de douradura burnida.

«Muitas caras largas sobresahiam petulantes d'entre a turba do vulgo profano no portal do templo; e todos dirigiam os olhos para o seu enthusiastico patricio; mas não era para ser mirado assim o seu sisudo semblante.

«A cerimonia foi extremamente pomposa. Um prelado da primeira gerarchia officiava com um troço consideravel de padres da real capella ao som de buliçosas contradanças e minuetes, mais proprias para excitar uma dança de patuscos na copa dos banhos thermaes, do que para dirigir os movimentos de um pontifice e seus assistentes.

«Depois de muita musica mediocre, vocal e instrumental, executada a galope no mais rapido alegro, subiu ao pulpito Fr. João Jacintho, famoso prégador, elevou as mãos e os olhos, e despediu uma torrente de phrases sonoras em louvor de Santo Antonio. O que não daria eu por uma tal voz! Alcançaria de uns aos outros confins da terra de Israel.

«O padre indubitavelmente era dotado de grande vigor de elocução, e não tinha aquelle accento nasal, lamentoso e hypocrita tão commum na recitação dos sermões dos frades. Tratou os reis, tetrarchas e conquistadores com indizivel desprezo, reduziu a pó os seus palacios e fortalezas,

os seus exercitos a formigas, as suas vestes imperiaes a teias de aranha, e incutiu em todo o auditorio, excepto os maliciosos herejes da porta, perfeita convicção da superioridade de Santo Antonio sobre todos aquelles objectos de uma erronea e impia admiração.

«Felizes (exclamou o prégador) eram esses tempos gothicos, falsamente denominados tempos de barbaria e ignorancia, em que os corações dos homens, não corrompidos pela allucinadora bebida da philosophia, se abriam ás palavras de verdade, que manavam, como o mel, das bôcas dos santos e confessores, taes como as que distillavam os labios de Antonio.

«Acabado o sermão, começaram a chiar novamente as rabecas com redobrado vigor, e eu aborrecido de tão intempestiva leveza, retirei-me agastado para casa. Esta tenue nuvem de enfadamento, dissipou-se em breve pela amavel presença do bom prior de Aviz, como o qual não existe talvez no mundo, um caracter mais benigno e evangelico, que glorifique Deus com menos ostentação e tenha uma benevolencia mais sincera para com o proximo. Este excellente prelado tinha gasto a manhã, não em assistir a ceremonias pomposas, mas em consolar os enfermos e remediar os indigentes, subindo aos seus miseraveis aposentos a ministrar soccorros em louvor do santo, cuja festa se celebrava, e cuja reputação da pratica de toda a casta de actos de caridade, se tem transmittido de paes a filhos entre os habitantes da cidade por uma longa serie de gerações.

«A nossa conversação não foi de natureza tal que me inclinasse a abandonar pompas e vaidades. Hesitei se veria a procissão, que se esperava que passasse pelas principaes ruas da cidade, e acompanhado do meu reverendissimo amigo fui gosar da serenidade da tarde na praia de Belem. Fiz alto ao passar pelo palacio de Marialva, e levámos comnosco D. Pedro e seu aio, o velho abbade, que propoz uma visita ao Convento da Cartuxa de Laveiras.

«Em meia hora quasi estavamos sentados á vista da egreja, que faz frente para os jardins e quinta real de Caxias: fomos introduzidos n'um vasto e silencioso quadrangulo; alguns espectros d'aquella ordem monacal se escoam pelos claustros, que se ramificam d'este pateo. No meio ha uma fonte de marmore, sombreada por pyramides de buxo tosqueado, e em redor sete ou oito pequenas capellas, uma das quaes contem a imagem incarnada do Salvador na mais tremenda agonia de sua Paixão, a qual se figura coberta de contusões e sangue coalhada.

«Quando nos occupavamos a examinar esta imagem tão propria, alguns monges por ordem do seu superior se juntaram ao pé de nós; um d'elles interessante e bem apessoado, attrahiu a minha attenção pela profunda melancolia retratada nas suas feições. Tendo-me informado soube que apenas contava vinte e dois annos de edade, que era de illustre ascendencia, e dotado de viveza e talento; mas a causa immediata de ter procurado esta morada de quietação e de austeridades repugnava ao grão-prior o communical-a.

«Não pude deixar de observar, tendo deante de mim a victima novel, e contemplando a luz vespertina, que coava pelas arcadas do quadrangulo, quantos occasos do sol verosimilmente elle teria de ver desperdiçar seus luzeiros sobre estas paredes, e quão enfadosa serie d'annos essa, a que se sacrificou, consummida com toda a probabilidade dentro d'este recinto. Os olhos do bondoso prior humedeceram-se de lagrimas, Verdeil estremeceu de horror, e o abbade, olvidando o supersticioso papel, que geralmente representa nos logares santificados, prorompeu em vehementes exclamações contra a tolerancia dos sacrificios humanos. e de permittir que renunciem o mundo mancebos ainda incapazes de fazerem devida apreciação de suas magoas ou vantagens. Quanto a D. Pedro a sua compleição melancolica recebeu um supplemento de tristeza á vista dos objectos que o rodeavam. O vento frio, que soprava

de uma casa de abobada, onde os padres se enterram, e cujo pavimento dá um som cavo, quando se anda, lhe incutiu terror. Era a primeira vez que entrava n'um convento Cartuxo e, com admiração minha, mostrava ignorar as austeridades da ordem.

«Tinha-se posto o sol antes de voltarmos á nossa carruagem e na conversação em todo o caminho até casa ressumbravam as impressões, que nos inspirára a scena, que presenciámos.»

CARTA VIII

Curiosas visitas — Padre Theodoro d'Almeida — Mensagem de freiras — Theatro da Rua dos Condes — Arcebispo de Thessalonica — Modinhas brazileiras — Phantasias.

14 de junho de 1787

«Coube-me hoje a sorte de receber uma curiosa serie de visitas. O primeiro foi Pombal, que parecia gasto por excesso de prazeres e pelas noitadas, mas que se apresenta com um agrado e modos elegantes, não muito communs n'este paiz. Posto que seja um dos mais ricos proprietarios de fazendas no reino, de rendimento de cento e vinte mil cruzados por anno, quiz-me metter-me na cabeça que seu defunto pae, o açoite e terrror das casas mais nobres de Portugal, o unico administrador do real erario por muitos annos, não obstante isso fallecera em circumstancias apuradas, carregado de dividas, que contraira para manter a dignidade de seu cargo.

«O immediato que me honrou com a sua visita foi o juiz da conservatoria ingleza, João Telles, ramo, não sei bem se legitimo, se espurio, da casa dos Penalvas; este sujeito, que ascendeu a um dos mais eminentes logares da magistratura só pela força de sua capacidade, é dotado

de um estylo de expressão original e nervoso, que me trouxe á idéa Lord Thurlow; mas a todo o seu vigor de caracter e de dicção reune a flexibilidade e ardileza de serpente; e aquelles, que não pode levar d'assalto, está certo de vencel-os com algumas astuciosas descargas de lisonjas e blandicias.

«Logo que elle se retirou, veiu um par de frades com um cestinho de doces mettidos em papel de lavores, dadiva de uma abbadessa fidalga, supplicando-me o dote para duas lindas donzellas, que iam ser esposas de Christo n'um convento dos suburbios.

«Apenas os tinha despedido, entrou o padre Theodoro d'Almeida com outro de seus confrades; quasi que só se lhe viam as alvas dos olhos; nem o original doutor vesgo do Foote era capaz de os revirar com maior sciencia.

«Prestei a maxima attenção ao seraphico discurso do padre Theodoro, não sendo para desprezar tão excellente opportunidade de ouvir um specimen, de primeiro lote, de geringonça hypocrita. Inda bem os frades não tinham sido conduzidos ao patamar da escada com a devida cerimonia, annunciou-se a chegada de monsenhor Aguilar, um dos prelados da Sé Patriarchal, o qual me confirmou na opinião que eu tinha formado do padre Theodoro. Ninguem poderá accusar de hypocrisia o monsenhor Aguilar: ao contrario é de rasgada franqueza, e trata a egreja, d'onde lhe provém pingue mantença, não como patroa, mas como humilde companheira, assumpto e alvo constante dos seus sarcasmos. Em Portugal, ainda no corrente anno de 1787, tal proceder é doudice, e receio-lhe qualquer dia severa perseguição.

«Ao tomar pacificamente uma chavena de chá fez-nos erguer uma estrondosa bulha na rua, e correndo á sacada achámos apinhada a sordida relé de velhas furias, rapazes e maltrapilhos, tendo á frente meia duzia de tambores, e uns poucos de pretos de vestias escarlates assoprando trombetas com extraordinaria vehemencia, e apontando-as

directamente para a casa. Maravilhou-me este modo de assediar uma porta como as muralhas de Jerichó; e recuando um pouco para não ser chamuscado por um foguete, que zuniu obra de uma pollegada adiante do meu nariz, vi entrar um criado trazendo em salva de prata um crucifixo, e uma delicadissima mensagem das freiras do mosteiro do Sacramento, que mandavam a sua musica com pandeiro e fogo do ar convidar-nos para rasgada funcção no seu convento em honra á festividade do Coração de Jesus. Na verdade que estas funcções de egreja começavam a perder para mim o attractivo que lhes dera a novidade: estava já um tanto farto de motetes e de kyrïe eleisons, de incenso, bandejas de doces e de sermões.

«Aquelle heretico Verdeil, para quem valeria quasi tanto estar no inferno, como n'este ceu empachado, não descançou, emquanto não deu commigo no theatro da Rua dos Condes afim de dissipar com um pouco de ar profano os vapores de tamanha santidade. O drama causou-me mais enfado que divertimento. O theatro é baixo e acanhado, e os actores, porque não ha actrizes, são inferiores a todo o criterio.

«Tendo as ordens absolutas da rainha afastado do palco scenico as mulheres, os papeis attinentes a estas são representados por mancebos. Julgae que agradavel effeito esta metamorphose produzirá, especialmente nos bailarinos. Ali se vê uma robusta pastora trajando as candidas vestes virginaes, de macia barba azulada e proeminente clavicula, colher flores com um punho capaz de derrubar o gigante Goliath, e um rancho de leiteiras, seguindo as suas enormes pégadas, aos pontapés ás saias a cada passo. Taes meneios e saltos desconcertados, taes tregeitos de olhos nunca eu tinha visto, nem espero tornar a vêr na minha vida.

«Estavamos cordealmente enfastiados do espectaculo, inda bem não chegava ao meio da peça; e como a noite era serena e agradavel, tentou-nos a dar um passeio até

á grande praça do palacio, que recebia a frouxa claridade das luzes nos aposentos reaes, abertas todas as janellas para entrar a viração. O arcebispo confessor de sua magestade ostentava n'uma das sacadas o seu volumoso vulto: da classe de homens rusticos este personagem, agora muito importante, veiu a ser soldado raso, d'ahi passou a cabo de esquadra, de cabo de esquadra a frade, e n'esta ultima profissão deu tantas provas de tolerancia e bom genio, que o marquez de Pombal, topando com elle por uma das casualidades, que se esquivam a todos os calculos, julgou-o sufficientemente astuto, jovial, e ignorante para fazel-o innoxio e acommodado confessor de sua magestade, então princeza do Brazil: pela accessão d'esta senhora ao throno foi despachado arcebispo *in partibus* e inquisidor-mór; é a primeira mola do actual governo portuguez. Nunca vi um sujeito mais obstinado e obtuso: parece ungir-se com o oleo do contentamento (banhar-se em agua de rosas), folgar e engordar a despeito da critica situação dos negocios n'este reino.

«N'uma janella, immediatamente por cima da luzida testa de sua reverendissima, divisámos as duas formosas irmãs Lacerdas, damas de honor da rainha, acenando-nos com as mãos a convidar-nos: era incentivo bastante para galgarmos vastos lanços de escadas até o seu aposento, que se achava atulhado de sobrinhos, sobrinhas e primos, apinhando-se em torno de duas jovens mui elegantes, as quaes acompanhadas de seu mestre de canto, um frade baixo e quadrado e de olhos verdes, garganteavam modinhas brazileiras.

«Quem nunca ouviu este original genero de musica, ignorará para sempre as mais feiticeiras melodias, que tem existido desde o tempo dos sybaritas. Consistem em languidos e interrompidos compassos, como se faltasse o folego por excesso de enlevo, e a alma anhelasse unir-se a outra alma identica de algum objecto querido. Com infantil desleixo insinuam-se no coração antes de haver tempo

de o fortificar contra a sua voluptuosa influencia; imaginaes saborear leite, e o veneno da sensualidade vae calando no mais intimo da existencia: pelo menos assim succede áquelles, que sentem o poder dos sons harmoniosos: porém não respondo n'este caso pelos animaes do norte fleugmaticos e duros de ouvido.

«Uma ou duas horas correram quasi imperceptivelmente no deleitoso delirio, que aquellas notas de sereia inspiravam, e não foi sem magua, que eu vi a companhia dispersa, e o encanto desfeito. As donas do aposento tendo recebido aviso para assistirem á ceia de sua magestade, fizeram-me uma mesura com o maior donaire e desappareceram.

«De caminho para nossa casa encontrámos o Viatico, acompanhado de vividas luzes, levado em procissão a fazer a algum enfermo a visita de despedida; o esperançoso fidalgo, moço conde de Villa Nova (depois marquez de Abrantes) precedia a umbella, de capa encarnada, e tangendo uma campainha de prata. Nunca falha a estes acompanhamentos, e passa a flôr da mocidade n'este singular beaterio; ainda não houve amante mais cioso da sua namorada, do que este ingenuo mancebo o é da sua campainha; não lhe soffre o animo que as vibrações d'esta sejam obra d'outra pessoa; os mezarios parochiaes do extenso e populoso bairro onde está situado o seu palacio, consentem n'este capricho, por attenção ao seu nascimento e opulencia; e de certo não podiam escolher mais assiduo porta-campainha. A toda a hora, e faça o tempo que fizer, está prompto a desempenhar este bento ministerio; e nas trevas de alta noite, no mais intenso calor do dia, ou subindo ou descendo, quer a uma espelunca, quer a um sotão, lá vae onde se requer um auxilio espiritual d'esta natureza,

«Por vezes se tem observado que taes cousas não se hão de levar á conta de manias; cada pessoa tem a sua tineta, que segue, como póde, e que prefere a tudo. As

delicias do velho marquez de Marialva consistem em jantar entre os seus dois aparadores de prata: as do marquez seu filho em esperar muito tempo pela rainha: e as do conde de Villa Nova em annunciar com a sua campainha a todos os fieis crentes a aproximação da celeste magestade. A actual tineta do rabiscador d'estas extravagancias são as modinhas brazileiras, e sob a sua influencia acha-se muito tentado a dar á vela para o Brazil, terra natal d'aquellas feiticeiras composições, a viver em choças, taes como as descreve Parny.»

CARTA IX

Noites de verão—Vespera de S. Pedro —Palacio da casa de Angeja —Convento das Salesias—Madame Scarlati

29 de junho de 1787.

«O sol resplandecente, com que os ultimos dias nos brindaram, apesar do seu esplendor começa a enfastiar-me. Vinte vezes no dia, debalde cubiço estirar-me ao comprido na fresca relva de algum frondifero valle inglez, onde as fadas dançam ás horas do crepusculo estivo, e segredam a seus somnolentos amigos as boas ou más sinas, que os aguardam. Em Portugal o calor é demasiado para esses vaporosos entes fatidicos; não ha, pois, que esperar as suas inspirações: prouvera ao céu que alguma revelação, d'esta ou d'outra natureza, a tempo me tivesse avisado da poeira de cegar, e da excessiva calma de Lisboa e seus suburbios. Que tolice de quem está bem e refrigerado em casa, vadiar por fóra na futil esperança de melhorar no que já de si é optimo! Capacitae-vos do que vos digo, ha mais delicias de primavera, e mais goso em nossas verdejantes

collinas e bosques do que em todos estes enfezados olivedos e crestados promontorios.

»Temos um rifão que diz: — É peçonha para uns, o que para outros é manjar — não ha coisa mais certa. Estes dias e noites de temperatura ardente, que me opprimem sem allivio, são o deleite e ufania dos habitantes d'esta capital. O calor não sómente parece ter envenenado os ferrões das moscas e mosquitos, mas tambem arrojou para a rua por noutes inteiras todos os abelhões humanos, que pulam e bailam e arraoham bandurras desde o sol posto até á alvorada. Junte-se-lhes os cães em abundancia, latindo e uivando sem interrupção; a vozearia das ladainhas, dos terços; os estalidos do fogo d'artificio, que os devotos deitam sem cessar em louvor de algum membro da celestial gerarchia; a bulha suja da vadiagem insolente, que percorre as ruas em busca de aventuras; ver-se-ha que não ha pilhar uma piscadella de somno, ainda quando o suão o permittisse.

«Quanto ás mansas convivencias nocturnas, onde ingenuos mancebos repousam as cabeças, não em o regaço da mãe terra, mas de suas amasias que pacificamente se empregam em livrar d'uma copiosa população as madeixas azevichadas de seus affeiçoados, nada tenho a dizer contra ellas; nem me perturbam os sons das caldeiradas jorrantes das janellas; porém os uivos caninos de que acima fallei, excedem todo o incommodo, que n'este genero tenho supportado, e fornecem não pequena noção previa das regiões infernaes.

«Como em a presente estação só se cuida em folias e algazarras, e a celebração da festa de S. Pedro com o maior barulho e dispendio, que fôr possivel, não é tanto uma inclinação profana, como um pio dever, o tal bolonio conde de Villa Nova abriu os seus jardins a noite passada a toda a fidalguia e maltezia de Lisboa; fez uma insipida illuminação de balões de papel, e armou uma casa de pavilhão para dança, achavascadamente construido, sob o qual as mais elegantes costureiras francezas e inglezas e capellis-

tas da metropole figuravam nos cotilhões com o duque de Cadaval e outros moços da principal nobreza, os quaes, como muitos da nossa capital, e tambem de boas esperanças, só estão á sua vontade em humilde companhia. Dois ou tres dos meus creados acompanharam o meu alfayate á festa, e vieram extasiados dos modos jocundos das capellistas extrangeiras e da nobreza nacional.

«Dei-me por satisfeito de ficar em casa a coberto dos meus transparentes verdes, ouvindo por mera preguiça, qualquer destempero que aprouvesse a alguem dizer-me. Mas tinhamos ha muito sido convidado a jantar com D. Diogo de Noronha no palacio de Angeja. Chegando ao nosso destino, achámos o herdeiro da casa rodeado de padres e pedagogos, doutrinando-se em mirar á janella, precipua occupação da vida de um fidalgo portuguez. Oh! que preciosa coliecção de contos eu ouvi n'este banquete attico! Aconteceu achar-se na companhia um estupido padre ainda moço, não me lembra de que universidade (espero que não fosse a de Coimbra) que nos regalou durante o jantar com estupendas narrações, taes como de uma perola da rainha defunta, e de inestimavel valor, moída para se engulir em beberagens medicinaes; outra ácerca de umas freiras do convento do Sacramento, que tendo seus namoricos com o proprio Belzebuth em pessoa, foram mettidas na inquisição, e a janella por onde sua magestade infernal entrára, depois d'esta proesa de galanteio, foi entaipada e toda pintada de cruzes vermelhas; accrescentou que a mesma decoração preventiva foi distribuida por todas as frestas da frontaria, para que nenhum demonio, ainda o mais ateiado em desejos, pudesse repetir o feito. Tambem nos quiz embutir que uma mulher mui guapa, engordando a olhos vistos, com os peitos sempre arrebentando de leite, que tomava creanças de mama, mais barato do que outra qualquer ama, e que de ordinario as sumia, lá jazia agora nos carceres do santo officio accusada de ter feito em picado para cima de vinte innocentes!

«Deus me livre de relatar outras mais particularidades de nossa conversação, á mesa; se o fizesse ficarieis aceiadamente empanzinado.

«Depois de jantar, a companhia dispersou-se, uns para os seus encostos da sesta, alguns para ouvirem uma tocata de salterio acompanhada na harpa hebrea, por um par de anões; o herdeiro presumptivo para a sua querida janella; e Verdeil e eu tomamos para o convento de freiras saboyanas em Belem, o mais fresco e limpo retiro d'estas cercanias, e ainda por cima d'isto abençoado pelo especial patrocinio e direcção do padre Theodoro d'Almeida. Parece que sua reverendissima foi o principal instrumento, abaixo da Providencia, da transplantação d'estas bemditas vergonteas de santidade do convento da Visitação em Annecy para o ardente clima de Portugal.

«Como eu tinha acabado de receber uma assucarada epistola d'este exemplar de piedade, recommendando o seu prezado estabelecimento n'algumas paginas de fervoroso panegyrico, elle não poude deixar de sahir do interior de seu ninho; e fez-nos bom gasalhado com um semblante rebuçado de brandos sorrisos posto que ouso dizer que, pela nossa invasão, desejaria esfolar-nos.

«Pobres creaturas! (nos disse falando das educandas d'esta capoeira,) fazemos quanto em nós cabe para aperfeiçoar seus tenros entendimentos e suas castas linguas nos idiomas extrangeiros. Soror Thereza tem singular pericia para ensinar arithmetica, a nossa veneravel madre é bastante profunda em grammatica, e Soror Francisca Saleia, que eu tive a dita de trazer de Lyon, não só é mui persuasiva moralista, como tambem geralmente reconhecida por uma das eminentes mestras de costura em toda a christandade; estamos soffrivelmente quanto a bordados. Em musica não ha grandes proficiencias; não permittimos modinhas nem arias de opera; e o que n'este ramo podeis esperar é apenas o canto singelo; em summa não estamos bem preparados para receber tão distinctos hospedes, e

nada possuimos do que o mundo chama interessante, que nos recommende; mas, em compensação, eu, seu indigno confessor, devo declarar que tanta docilidade, e tão puras consciencias como tenho achado n'este asylo são thesouros muito acima de quantos as Indias nos possam fornecer.

(Continua.)

William BECKFORD.

LENDA DO PARAISO D'AMOR

1

Ha na terra um paraiso,
Onde amor perfeito cabe!
Que elle existe todos dizem,
Mas onde é ninguem o sabe.

Minas de Ophir
Que os loucos teimam
Em descobrir.

2

Aurora intensa da vida!
Prospera a monção e o vento!
Metti-me em aurea galé,
E fui ao descobrimento.

Louco! sem siso!
Pois aspiraste
Ao paraiso!

3

Andei por terras longinquas;
Mas em todas vi padrões:
—Almas feitas em pedaços,
E mordidos corações!—

Outros, emfim,
Lá tinham ído,
Antes de mim!

4

No mar largo, pontos negros:
Prôas altas e redondas!
Eram restos de naufragios,
Balouçados pelas ondas.

Mas, por meu mal,
Do paraiso
Nenhum signal!

5

Azas brancas d'alcyões
Terra perto me diziam,
Quanto mais seguia em frente,
Mais as terras me fugiam!

Perfume vão!
Jardins ignotos
Da tentação!

6

Um gigante negro, negro,
Mais negro que Adamastor,
Surge em frente... perguntei-lhe:
Onde era o Cabo do Amor?

Cerrou-se um véu!
Subiam vagas
Até ao céu!

7

Arrosto as ondas e as névoas,
Confiando sempre em mim;
Passam noites sobre noites,
Dobrei um cabo, por fim!

Minh'alma avança...
Mas era o Cabo
Da Desesp'rança!...

8

Quando tornei da viagem
Dos mundos desconhecidos,
Trazia as vélas rasgadas,
Trazia os mastros partidos.

Que desconforto,
Quando sósinho,
Entrei no porto!

9

Paiz que ninguem conhece!
Inda encontras quem te gabe!
Talvez que na terra existas;
Mas onde és, ninguem o sabe!

De ti não zombo;
Mas não fui eu
O teu Colombo!

(Do Poema do Ideal)

FERNANDES COSTA.

A EGREJINHA

V

(Continuação)

Findara a missa. A grade de ferro e a porta abertas deixavam ver no fundo da egreja, obscurecida mais ainda por effeito da claridade intensa de fóra, as velas apagando-se, uma após outra, e em pé, sobre o portico o sr. Mérivet, barbeado de fresco, os cabellos brancos em frocos sobre a enorme gravata de setim, e a roseta da ordem de S. Gregorio Magno na botoeira da sobrecasaca, cumprimentando os seus convivas á sahida, acompanhando até á estrada as pessoas de distincção, agradecendo-lhes a immensa honra com uma maneira antiquada, muito mexida...» Effectivamente. Agradeço-lhes... hoje tivémos cá muita gente, e mais seriamos ainda se não fôra a festa de Draveil e não sei que mais no orphanado de Soisy que nos prejudicou. Até domingo... não faltem domingo.

Os fieis da egrejinha, quasi todos visinhos do logar, dispersavam, passeando pela estrada franca durante alguns minutos um aroma de pão bento, e a rangedeira de botas novas e de vestidos de seda. Barbara, cosinheira muito antiga na casa, e que depois da morte do creado de quarto

suppria-o nas suas funcções, trazia a Mérivet a chave do portal. «Sim, senhor, está tudo muito bem fechado e apagado... Só a sacristia é que está aberta onde o sr. Vigario se demora um pouco. Disse-me que não esperasse por elle, pois sahiria pelo jardim.

O jardim era um bocado de terreno adjacente á capella, e no qual se viam entre a herva e as vistosas papoulas em flôr, pedras de cantaria que ali jaziam depois da construcção. Vistas da entrada dir-se-ia um cemiterio de aldeia.

«O abbade Cérès não está doente?» perguntou o sr. Mérivet a quem o capellão da sua egrejinha era tão caro como a propria egreja. Mas Barbara tranquilisou-o. O sr. vigario pedira uma agulha e retrós preto, de certo para dar alguma passagem na sua batina já velha e lustrosa.

—Se o sr. Mérivet lhe comprasse uma outra sotaina já não vinha sem tempo.

—Tens razão, Barbara, comprar-lhe-hemos uma batina nova... Mas vae tratar do almoço, e depressa.

A velha atravessou a estrada, agora deserta, como toda a campina circumvisinha, pelo silencio e repouso do domingo; desappareceu por uma portasinha da parede proxima, deixando o amo assentado ao sol sobre uma das lages brancas do jardim. O sr. Mérivet esperava que o vigario sahisse procurando artes de lhe fazer acceitar uma bella sotaina que não fosse logo vendida em beneficio dos pobres, quando se ouviram passos pelo caminho com a cantilena de uma voz baixa. Gostava Mérivet sobretudo que qualquer caminhante, um extrangeiro parasse deante da inscripção da sua egreja: *Napoleão Mérivet, cavalleiro da ordem de S. Gregorio Magno*... E já levantava a cabeça, saboreando antecipadamente a sua alegria vaidosa, um pouco esfriada em presença de Ricardo Fénigan a quem não tornara mais a vêr desde a interrupção dos concertos musicaes, por causa da fuga de Lydia. Chamou-o com um gesto affectuoso, fel-o assentar a seu lado, e depois de tel-o contemplado profundamente: «Porque não veiu mais

cedo? Não quer entrar, uma vez ao menos, na minha egrejinha? Pois olhe que lhe faria bem.»

Ricardo, magro, chupado de rosto, e em cuja fronte se desenhavam longos sulcos horisontaes como as pautas nos cadernos da musica, procurava um pretexto para se escapar immediatamente, para fugir ás censuras d'esse velho maniaco, proprietario do culto; mas o calor da pedra, o cheiro enervante das papoilas, e o que quer que fosse de attractivo e de captivante na bondade do velho, prendiam-no a esse lugar.

«O sr. é mais novo que eu, dizia o bom do homem batendo-lhe suavemente nas mãos, mas tem-se quasi a mesma edáde quando se teem as mesmas dôres... O mal de que o senhor soffre, tambem eu já o tive, passei por elle como o senhor: é uma tristesa que nos faz morrer, e até matar... sim litteralmente matar... É exquisito, pois não acha, que o pae Mérivet, este velhinho, tão calmo, tão polido... Pois pouco me faltou que um ataque de orgulho me convertesse no mais covarde dos assassinos, pois que não passa de um covarde todo o marido que mata sua mulher com auctorisação da lei!»

Ricardo baixava os olhos sem responder. Elle que havia oito dias só sonhava morte e vingança e vinha justamente do correio com a esperança de ahi descobrir, ás occultas, no monte de cartas da posta restante, qualquer sobrescripto suggestivo, revelador, expôr-se a taes confidencias! Pelo visto, deixavam-se adivinhar os pensamentos sinistros que uma cabeça esquentada arrasta pelos caminhos; e por que motivo o velho Mérivet, de ordinario tão concentrado, experimentava desejos de lhe contar a sua historia?

«Esta historia, meu filho, parece-se muito com a sua; com uma differença; é que eu tinha dezeseis annos mais do que minha mulher. Eu era baixo, nada bonito, enfronhado nos negocios do commercio até aos cabellos, um negocio de *alfa* que me obrigava a frequentes viagens a

Argel; no meu activo havia apenas uma cousa: eu tocava rasoavelmente rabecca. A minha Irene, nascida em Blidah, tinha um rosto encantador, a cutis dourada, olhos grandes e gaiatos, um grande ar de doçura. Não conhecendo nem uma nota de musica, amava-a, como o senhor, por instincto, pelos nervos. A caricia dos sons, roçando-lhe pela epiderme, fazia-a arripiar toda; verdade, verdade, eu tinha um arco seguro. Admira-se talvez de me não ter ouvido nem uma só vez, nos seus concertos de domingo; é que depois da morte da minha Irene, nunca mais quiz tocar.

No nosso segundo anno de matrimonio minha mulher deu á luz um filho que não viveu. Teve um desgosto profundissimo com isso, tanto mais que o medico advertiu-me de que minha mulher não tornaria a ser mãe. Foi então que para distrahil-a, para occupal-a em alguma cousa, para fazel-a respirar bons ares, comprei a propriedade de Uzelles; ahi se encontrava bem, ou fingia-o para me ser agradavel. Punha em tudo tão boa vontade! Por infelicidade um pintor de fama veiu fixar-se n'essa região. Irene gostava das celebridades e eu partilhava com ella d'ese fraco parisiense, — o orgulho de sentar á sua mesa um homem celebre. O pintor muito bem recebido em nossa casa voltou varias vezes. Era um bello rapagão de ares theatraes, barba ponteaguda, cabellos á Rubens, e, sob os seus ademanes pretenciosos, uma imaginação a mais rica, uma palavra colorida e captivante. Todo o tempo em que elle ahi estava, minha mulher, inclinada, bebia-lhe as phrases; depois, por mais que me esmerasse em fazer cantar o meu violino, era só a voz do pintor que minha mulher escutava, que ella seguia, apesar de Mendelssohn e Chopin. Soffria eu bastante com isso, como de a vêr enfastiada, silenciosa, quando estavamos sós — animando-se pelo contrario, tornando-se rosea e brilhante, ao ouvir os passos d'esse homem á nossa porta. Algumas vezes, sorrindo-me, fazia notar-lh'o, mas o meu sorriso devia desarmal-a tanto como

o seu quando me respondia com ar ingenuo, de surpresa: «Pois tu crês?... oh! não, asseguro-t'o.»

Em breve porém só tive esta idéa na cabeça: «Ella ama-o... ama-o...» De noute, dormindo a seu lado, sonhava que eu era muito alto, muito forte, mais bello que o outro, e muitas vezes, em logar de dormir, espiava o seu somno, os gritos da paixão de que eu adivinhava o seu coração preso, ainda que todavia cousa alguma houvesse de commum entre elles. Outras vezes tinha desejos de despertal-a em sobresalto: «Ama-me, ama-me: ou mato-o.» Por ultimo, sentindo que todos os dias ella se apartava pouco a pouco do meu coração, tive idéas de dirigir-me áquelle a quem Irene amava. Não sei porque, associava no meu espirito esse nome de artista á grandeza d'alma, á generosidade e comprehensão superior. Um dia, pois, disse muito simplesmente a esse homem: «Ouça... conheço a minha pouquidão... Sinto que ella me escapa e que vae para o senhor sem o querer... Isto para o senhor não passa de um amorico, da satisfação de um capricho momentaneo... Para mim, é toda a minha vida. Não m'a roube, supplico-lh'o... deixe-m'a: vá-se embora.» O homem respondeu: «Pois bem; ir-me-hei.»

Com effeito partiu no dia seguinte, é facto; mas levando-a comsigo.

«Quanto soffri já o senhor sabe ou adivinhou; e para mais ajuda eu era só, não tinha um coração a quem confiar as minhas maguas, uma mamã para me impedir de fazer tolices. Fil-as e de todo o calibre. Primeiramente quiz encontrar-me com elles, absolutamente resolvido a matal-os ambos; estavam na Suissa, em Gersan, na margem do lago dos Quatro-Cantões. Quanto esse lago me pareceu triste, ensombrado pelo reflexo de montanhas, enlutado de dó e de sombras nocturnas, na noute em que desembarquei, a dois passos do unico hotel! Minha mulher e o amante acabavam de partir para o Kursaal. Aluguei um quarto em frente do seu; ouvi-os entrar com todas as pessoas do ho-

tel. Elle falava alto no corredor, com a sua voz indolentemente acariciadora e bem modulada; mas o homem tinha uma outra voz que eu não lhe conhecia, a sua voz intima, de portas a dentro, aguda e aspera que logo me chegou vagamente aos ouvidos atravez da porta fechada. Conservei a minha entre-aberta, parte da noute, e ali me achava, de revolver em punho, espreitando, prestes a arremetter contra elles. Deteve-me uma circumstancia por signal bem estupida, o pouco habito que eu tinha de manejar as armas, sobretudo da que eu comprara na manhã da partida, toda carregada, e de que receava servir-me. Parece-me comtudo que ao menor suspiro equivoco, ao menor chamamento voluptuoso, ter-me-hia arremessado sobre os dois como uma féra; mas o que eu ouvi em nada se assemelhava a caricias. Elle ralhava furiosamente, cheio de odio; ella, com uma vozinha dolente, cortada de lagrimas, supplicava, humilhava-se. Soube mais tarde que fazia uma scena a proposito d'um musico do Kursaal para quem Irene teria olhado com certa attenção, porque o homem ardia em ciumes, chegando ao extremo de lhe bater, e no meio das suas recriminações, o que sobretudo lhe lançava em rosto, era o facto de ella ter trahido o marido. Ao escutar esse queixume fraco, enervante e monotono de um ser a quem eu amava tanto e que eu sentia soffrer tão proximo de mim, as lagrimas correram-me em fio pelas faces, provocadas pelas lagrimas da infeliz, e a mim mesmo taxando-me de simplorio e de covarde, deitei-me sobre a minha cama, com soluços e gritos que eu escondia, inteiramente envergonhado sob o travesseiro... Ah! que escuridão se faz nas nossas pobres almas, quando a oração não as illumina. E n'esses tempos eu não sabia rezar...

De madrugada, o amante de Irene sahiu sósinho com a sua caixa e o seu cavallete. Ia pintar a uma montanha visinha. Minha mulher devia estar dormindo; no quarto havia um profundo silencio. Bastou-me dar uma volta ao pu-

xador e, sem saber como havia entrado, se como assassino se como marido, para beijal-a ou para assassinal-a, encontrei-me ao pé d'ella. O leve ruido que eu fizera despertara-a a meio, porque agitou-se; mas o seu pesado somno de manhã apóz uma noite pessima ganhou-a immediatamente em dilatados suspiros. Ella tivera de deitar-se sósinha, elle no divan onde se viam lençoes em desalinho, casando-se isto com a balburdia d'esse aposento acanhado, cheio de malas, de roupas, de vestidos, alumiado pela dubia luz matinal do céo e do lago visinho. Que commoção experimentei ao tornar a ver a minha bem-amada sobre esse leito de hotel e de acaso, na mesma attitude *coquette* que eu tantas vezes admirara, um braço recolhido segurando os cabellos, o outro deitado sobre as roupas, na sua nudez deslumbrante! Sim, uma vez ali, julguei que ia estrangulal-a para a impedir de pertencer ainda a esse homem; mas, ao inclinar-me sobre ella, allucinado pelo desejo cruel, saccudiu-a um d'esses longos meio-suspiros como o faz a creança que se deitou triste apoz uma reprimenda. Vi então que os seus olhos estavam vermelhos, as suas palpebras inchadas pelos vestigios de lagrimas, e senti por essa infeliz uma piedade immensa; toda a minha cólera cahira deante de tanta irresponsabilidade e fraqueza. Ah! é facil ao outro, a esse mercador de palavras, o dizer-nos com um bello gesto theatral: «Mata-a...» E para isso ainda é preciso ter o instincto da carnagem, do assassinio, uma alma cobarde e mãos de algoz... Ganhei a porta sem me voltar para traz; uma hora depois punha-me a caminho.

«De novo em Paris, incapaz de me entregar a negocios, vim refugiar-me aqui, encontrando-me tão isolado, tão desgraçado, que terminei por utilisar-me do meu revolver contra mim mesmo, d'essa vez. Este buraquinho muito redondo que fiz na cabeça — o velho Mérivet apartou os seus cabellos brancos designando a cicatriz — este perfuramento causado pela bala teve-me dois mezes nem morto nem

vivo, n'um completo pasmo. Quando o meu cerebro tornou a sentir, a viver, encontrei a meu lado um homem admiravel, um santo que medicou a minha alma, e a minha alma uma vez curada, pela lei da caridade e do perdão, os meus braços abriram-se de novo áquella a quem eu amava ainda e que outra cousa não queria senão vir a mim. Pobre creatura; que regresso! Magra, completamente mudada, com essa mesma vermelhidão nas maçans do rosto que se vê nas folhas das faias atacadas pelo bixo, sossobrava apoz os seus seis mezes de amor livre como se sahira de um hospital. Era minha esperança que este cantinho cheio de verdura, collocado milagrosamente entre o rio e o bosque, lhe restituiria as forças. Mas a pobre continuou a emmagrecer, a enlanguescer, até mesmo depois de haver passado um inverno no seu paiz, no meio de um pomar de larangeiras, perto de Blidah. Algumas vezes com o sorriso magoado dos seus esplendidos olhos que de dia para dia tomavam mais espaço no seu rosto, dizia-me: «Amo-te, sou feliz e vou-me d'esta vida... Que destino o meu!»

Quanto a mim, confiava na minha paixão, na sua juventude... Subitamente a vida voltou-lhe, pelo menos o gosto e as apparencias da vida. Os romances de Herscher tinham feito o milagre. Durante um verão completo, o ultimo que viveu, passou-o no nosso jardim, que o senhor está vendo do outro lado da estrada, encafuada, friorenta, no fundo de uma guarita de verga, em plena luz do sol, dando-se a ler e reler as delicadas historias de amor d'aquelle romancista, e entre essas uma: «A Bordadora a ouro,» que a minha pobre Irene preferia por causa d'essa deliciosa figura de Jamina cujo traje copiava e usava, uma jaquetinha de velludo palhetado de ouro e a coifa de sequins sobre as suas compridas e esplendidas tranças. Que diria o auctor se me vira nos trajos de Jamina? perguntava-me muitas vezes... Por ventura me assemelho a ella?...» Eu, sem saber, respondia: «Certamente...» pensando com

tristeza que se o romancista ali estivesse, teria visto como eu via, justamente por cima do *fauteuil* da sua garrida Jamina, com os seus lindos olhos febris, a roupa branca estendida á janella do seu quarto, a sua roupa de doente — o colchão, o travesseiro, seccando ao sol, encharcados dos suores da insomnia. Comtudo, procurando agradar-lhe, apaparicando-a até ao fim, perguntei-lhe um dia se sentiria algum prazer em encontrar-se com Herscher, se desejava que eu lhe escrevesse convidando-o a vir. O meu amor durava ainda, mas o meu orgulho ciumento estava já completamente curado, como vê; tudo isto é tão mesquinho perante a morte! Irene, muito commovida, conservou-se silenciosa e enviou-me como unica resposta um beijo nas pontas dos dedos, soluçando.

Algum tempo depois, perdi minha mulher: foi n'um d'esses primeiros dias de outomno em que os corvos, nos campos escalvados, substituem as andorinhas. Foi só então que eu soube que ella mantivera correspondencia com o illustre romancista, que a tresloucada era uma das «suas desconhecidas» cuja loucura amorosa o escriptor metteu a ridiculo mais tarde. Que quer o senhor? a minha pobre mulher era uma romanesca. A vida monotona, pelo caminho ordeiro, assustava-a. Sem nunca a ter visto, o grande homem respondia-lhe: *Senhora X...*, posta restante, *Villeneuve-Saint-Georges*. E todos os sabbados, Barbara ia buscar e deitar nova carta; foi ella quem me revelou o mysterio d'essa troca de cartas, aliás absolutamente inofensiva, segundo supponho. Digo «supponho», porque tive a coragem de não abrir nenhuma das numerosas missivas, todas do mesmo punho, encontradas n'uma gaveta de minha mulher. Restitui-as ao homem celebre com estas palavras: «A vossa desconhecida de Villeneuve finou-se. Se quizer saber o seu nome, encontral-o-ha no frontão de uma modesta egreja edificada por sua intenção sobre o caminho de Corbeil, entre Draveil e Soisy.»

O tal sr. Herscher não deu nunca o menor signal de si.

Houve um momento de silencio, cortado pelos arrulhos dos pombos sobre o telhado da egreja, pelos sons de sinos longinquos, trazidos pelo rio como sobre um trampolim sonoro. Depois Ricardo com um sorriso sardonico:

«A sua narrativa, meu caro senhor, prova que no trahir e no mentir todas as mulheres são eguaes, e que, entre os homens,- poucos teriam a sua indulgencia, a sua bondade.

O sr. Mérivet olhou para elle, descoroçoado por ter sido tão pouco comprehendido.

«A culpa é minha, respondeu o cavalleiro de S. Gregorio Magno. Não lhe descrevi bem a distancia que existia entre a minha Irene, e eu. Tinha ella tudo o que me faltava — belleza, mocidade; por causa d'ella fui feliz durante annos, sem me preoccupar com a sua propria felicidade, sem lhe perguntar nem uma só vez: «Que te falta?» Deante de juizes que fossem juizes a valer, a culpa da mulher encontraria a sua justificação n'esse exclusivo egoismo. E quantas outras razões poderiam tambem absolvel-a! com que direito, por exemplo, se exige que a mulher seja a mulher de um só homem quando o homem não se contenta jámais com uma unica?! Durante annos, Irene viveu sósinha em casa, vendo apenas o marido á noite, e longe do seu paiz, longe de sua mãe, sem filhos. Não havia filhos no casal, eis a principal desculpa... A maternidade é a razão de ser da mulher, a sua funcção, a sua alegria, a sua salvaguarda... Ao senhor, como a mim, meu caro Ricardo, o que nos faltou foi um filho.»

Fénigan levantou-se furioso. O que acabavam de dizer-lhe sabia-o elle e de mais. Lydia sentia um enorme desespero pela falta de um filho. Mas entregue completamente á sua vingança, não ligava os termos de um raciocinio no seu espirito, e contentava-se com invectivas:

«Então, segundo o seu criterio, o que nos succede é a cousa melhor e a mais natural do mundo, e a mulher anda perfeitamente bem enganando o marido?

—Não! quero apenas que haja uma defeza, e que a ouçam antes de condemnal-a.

—A mulher encontrou pois a melhor fórma de defender-se, pondo-se ao fresco, disse Ricardo com raiva.

O velho piscando os seus olhos minusculos, forçou-o delicadamente a sentar-se sobre a pedra, a seu lado:

—Assim é; a mulher safa-se... e não é isso mais digno do que ficar, mentindo e escondendo-se? Essa subtracção á lei social e mundana não valerá mais do que o adulterio, intallado sem perigo nem escandalo? Direi ainda mais: a ausencia de sua mulher facilita-lhe o advogar a sua causa, perante o senhor mesmo, o encarar de frente a infelicidade d'ella e a sua, com o fim de estar bem preparado para o dia grande da reconciliação e do perdão.

—Não perdoarei nunca; regougou Ricardo com os dentes cerrados.

O velho meneou a cabeça:

—O senhor crê isso, porque está ainda torturado por esse mal horrivel do ciume, de que soffri tanto como o senhor, e de que o senhor se curará como eu me curei.

—O curativo só vem depois do amor extincto.

—Desilluda-se d'isso. O ciume não é a mesma cousa que o amor; tira a sua origem d'elle, não ha duvida! Sentimol-o na voluptuosidade que se insinua nos seus soffrimentos os mais abominaveis... Oh! meu Deus, quando me lembro da alegria que eu esperimentava ao obter de minha mulher a propria confissão de que pensava no seu pintor! que o amava sobre todas as cousas! Sentia-me morrer e ao mesmo tempo era uma cousa selvagineamente deliciosa... Sem embargo, o amor póde existir sem o ciume, que é como uma febre, um delirio inherente a elle. Delirio orgulhoso algumas vezes, mais ainda que passional. «Pois é possivel?... um outro mais bello, mais amado que eu!» A prova de que o ciume é uma sensação ao lado do amor, independente d'elle, é que por toda a parte o amor mostra-se identico a si mesmo, no Oriente como no Occidente;

ao passo que o ciume dos orientaes não se parece em nada com o nosso. Assim, o arabe não tem o ciume do passado, que é talvez o mais triste, o mais dilacerante. Conheci proximo de Orleansville um kaïd que entre as suas quatro mulheres dava a preferencia a uma, na verdade mais bella que as outras. Chamava-se Baia; tinha sido dançarina e cortezã. Um *rumi* amoroso não deixaria nem um unico dia, uma unica hora, de torturar essa infeliz com os desatinos da sua execravel mocidade. O nosso Kaïd, pelo contrario, muito indifferente a esse passado sumido nos abysmos do tempo, pois que o conhecia e o esquecia voluntariamente, mostrava-se, quanto ao presente, de um ciume feroz, de tal sorte que um dia que Baïa se permittira a liberdade de um ligeiro *flirt*, como o senhor diz, com um interprete do exercito, o marido encheu-lhe a cara e o pescoço não sei com quantos gilvazes produzidos por um *kandjar*. A mulher escapou milagrosamente á morte, e o marido foi condemnado em cinco annos de penitenciaria em Ajaccio. Pois o bom do kaïd d'ali mesmo escrevia regularmente a um irmão seu, encarregado de vigiar os seus bens e as suas mulheres, e em cada carta, ao alto, em logar da formula arabe do estylo *la ilah ill Allah*, lia-se invariavelmente esta recommendação: *não largues d'olho Baia*. O que prova que o seu ciume era constante... Veja mais: o grande homem cujo nome meus paes me deram na pia baptismal, bastante mal adaptado, pobre de mim, que nunça tive nada de heroico! — Napoleão, quasi arabe de origem, tinha o ciume oriental. As suas cartas a Josephina nol-o mostram sem inquietações por um passado terrivelmente tumultuoso, em quanto que tudo é suspeita e tortura quanto á sua vida presente... D'essa mesma Baïa em que ha pouco lhe falei, fixei na memoria esta resposta ao presidente do tribunal, ao perguntar-lhe por que motivo era ella tão *coquette* com um marido tão cioso: «Para o ensinar a vigiar-me melhor,» disse ella tranquillamente. Quantos maridos, com effeito, não só não vigiam as mu-

lheres, mas até as expõem ao perigo, por vaidade, por negligencia ou por falta de tacto! Pois não fui eu proprio que fui buscar o pintor, e o introduzi em minha casa? E o senhor mesmo, meu caro visinho, está certo de ter vigiado Lydia sempre e bem?

N'este comenos a velha sotaina coçada do vigario atravessou o jardim, pelo meio das abelhas e das papoulas de hastes esguias. Ao passar o abbade Cérès, oriundo das montanhas do Ariége, ainda esperto e aprumado a despeito da sua edade avançada, dos seus cabellos brancos, bastos, inclinou-se humildemente.

«Não se esqueça, sr. abbade, de que nós almoçamos juntos», disse-lhe o velho Mérivet. Voltando-se depois para Ricardo, quando já o padre ia tão longe que não poderia ouvir o que se passava:

«Eis o homem, eis o santo que me curou, que me salvou:

—Como, o padre Cérès, disse Ricardo que, desde creança, do cathecismo, conhecia o vigario tratando-o um pouco como seu inferior, pois que o pobre abbade não era recebido nem nos palacios, nem nas casas burguezas, onde o consideravam excentrico em demasia, mal vestido e de mãos duvidosas.

—Sim, esse padre admiravel venceu o meu orgulho... Sei muito bem o que dizem do padre Cérès nas sacristias officiaes: mas se o senhor entrasse na egrejinha, e é preciso que o senhor alguma vez a isso se decida, comprehenderia por que razão admitti como capellão esse homem simples, de olhos claros, alheio aos cuidados da existencia; e quando o ouvir recitar o *Pater*, notará que elle tem um modo de dizer «como nós perdoamos aos nossos devedores...» que ha de tocar-lhe o seu coração, e cural-o-ha como a mim me curou.

—Ha offensas imperdoaveis, feridas que jámais se curam, resmungou Ricardo por entre dentes... O homem ultrajado vinga-se e mata. Sou por Shakespeare contra Jesus Christo.

—Ah! sim, Shakespeare, Othello... Li isso, para saber, para me esclarecer, quando estava a contas com o mal; mas o seu Shakespeare não percebe nada do assumpto.

O seu Othello não é um cioso, é um negro, um *paiz quente*, apaixonado, brutal, e nada mais. O cunho do ciume, quando este sentimento se apodera de um ser, é tornar feroz o mais doce de indole, é iniciar bruscamente o mais candido em todas as depravações, dar aos anjos, ás virgens, uma imaginação satanica, e todas as iniciações no deboche. Para que Othello fosse verdadeiro seria preciso, quando victima do ciume, que a alma invejosa d'Iago, o unico verdadeiramente cioso da peça, entrasse dentro d'elle e ahi habitasse... O traço de genio está, por exemplo, em ter feito de Othello um mulato, ter-lhe dado a inferioridade da raça, uma disformidade, uma enfermidade. No enfermo amoroso, o ciume parece ser cousa natural; explica-se, porém, menos n'um rapagão bem construido, como o senhor o é, meu caro visinho.

Ricardo sorriu com tristeza; conhecia existir em si uma enfermidade cruel, essa timidez que uns poucos de annos de viver domestico não puderam vencer. Uma vez, a unica, n'um lapso de oito annos, ousara amar sua mulher tal como a desejava, a plenos labios, a plenos braços; e para isso foi preciso estar bebado n'essa noute. Emquanto que o outro, o joven monstro, inventor de palavras fogosas, experimentado em todos os generos de caricias... Ah! que bella viagem de nupcias elles deviam ter feito... Um sobresalto violento pôl-o a pé, com o gesto de afastar, de arrancar dos olhos alguma visão atroz.

—Aonde vae?... Ricardo!...

—Não... não... sempre com isto deante dos olhos; acabou-se. Não posso mais. Adeus... adeus...

E espectorava as palavras com uma voz rouca, caminhando a passos furiosos pela estrada ampla. Por detraz d'elle o velho Mérivet quedou-se a scismar, um pouco inquieto,

em resultado d'essa brusca partida, perguntando a si mesmo se com todas as suas antigas historias, com as suas dissertações sobre o ciume, não excitara o pobre marido, em logar de acalmal'o. No silencio e no calor do modesto jardim, em que o murmurio das abelhas parecia a vibração da luz sobre a floração azul, rosea, malva, purpurea, das papoulas, o bom do homem, ao cabo de alguns momentos punha-se em pé, completamente aturdido, quando passou um *break*, cheio de gente, toilettes claras, sombrinhas de côres garridas.

A egreja toda branca, no alto da qual as pombas andavam aos turbilhões, esse homem edoso com a botoeira mosqueada de côr de rosa, fechando a grade com ares importantes e atarefados de proprietario, intrigaram os passeantes que por ultimo se detiveram.

— Póde vêr-se? perguntou do alto da imperial uma das mais frescas sombrinhas.

Mérivet sorriu-se, muito lisongeado:

— Vêr? Vêr o quê e porquê? A egreja não tem nada curioso, mas todos os domingos, ás nove horas, temos missa e sermão, e affiânço-lhes que a missa d'esta egreja não tem outra que se lhe avantaje.

Depois cumprimentou, entrou para sua casa, lá do outro lado do caminho, com uma vaidade que mais se exaltava, ouvindo sobre o breack que parára, uma linda voz de mulher lêr bem alto a inscripção lapidaria:

NAPOLEÃO MÉRIVET
Cavalleiro da Ordem de S. Gregorio Magno
Construiu esta egreja...

VI

Jornal do Principe

«A sua carta, meu caro Vallongue, veiu-me recambiada de Messina, ponto que eu lhe designara como sendo a mi-

nha primeira escala. O que se explica pelo facto da nossa viagem á roda do mundo ter sido subitamente interrompida.

«O effeito produzido pela minha ausencia sobre o pessoal de Stanislas, a allocução do director no refeitorio, a oração do P. Salignon pedindo a Deus a volta immediata de uma ovelha desgarrada, toda a narrativa pittoresca e minuciosa que V. me faz dos dias que se seguiram á minha partida, divertiu-me muitissimo, e d'isso carecia em extremo, por que em summa, nem tudo é côr de rosa no mister de seductor.

«De novo lhe peço mil desculpas e de novo lhe agradeço o incommodo que V. teve em fazer conduzir o meu espolio para Grosbourg debaixo de agua a cantaros, como lamento o almoço frugalissimo que lhe serviram na baixella sumptuosa de prata com as armas da casa. V. não exagera: conheço o ordinario da casa quando a duqueza ahi se acha. Em plena estação das fructas, V. teve de comer passas de ameixas, passas de figos, avelãs e amendoas, á sobremesa; além d'isso V. teve de aturar uma duqueza mal humorada, a quem eu acabara de fazer um novo saque de dinheiro.

«N'estas circumstancias o sangue do barão Silva ferve e brada contra mim. O que eu não sei explicar bem é o sobrecenho carregado de meu pae, se, como V. diz, de dia para dia experimenta melhoras nas pernas. Deveria estar radiante! Quanto a mestre João, meu ex-preceptor: essa palavra *cavata* que elle lhe pronunciou ao ouvido, falando do seu discipulo, tem apenas uma relação longiqua com a gaveta das gravatas onde eu guardo as minhas cartas e presentes de amor...

«O que o homem sobretudo lhe queria fazer comprehender é que sou um irresistivel seductor de mulheres. O pobre rapaz teve a prova d'isso, na sua qualidade de testemunha assidua dos meus amores que elle acompanhava no seu violoncello... Sim, o modesto campanario no alto

da encosta, descortinado atravez da chuvada com algumas casas muito juntas em redor, e ao fundo, a enorme cortina verde da floresta de Sénart, é realmente a egreja de Uzelles. É conhecida n'esse sitio pelo nome de *Egrejinha* e, mais pittorescamente, «a Egreja do coitadinho condescendente,» por causa do bom velhote que a mandou construir. O logar era pois privilegiado para a minha aventura.

«Foi ahi, que n'uma manhã do mez passado, esperei ao romper d'alva a minha amante, F... n'um coupé de Grosbourg que assim o indicavam as armas ali pintadas, e a respectiva libré, o que não deixa de ter sua graça: não concorda V.? O delicioso Alexandre dispuzera tudo para a nossa fuga, fornecera o dinheiro, traçara os itinerarios; recommendo-lhe esse sujeito: é caro, mas não tem rival.

«Chegados a Melun, pelos caminhos dos bosques, mettemo-nos no comboyo até Lyon, e depois de uma paragem de algumas horas, toca para Cassis onde chegavamos no dia seguinte á noute. Um encanto, toda essa viagem! Imagine bem: essa lindissima rapariga saltando do leito para a minha carruagem, sem mesmo ter tido tempo de apertar o espartilho, as nossas primeiras caricias adoçadas pelo orvalho da manhã e pelo aroma dos campos, a bebedice de nos crermos perseguidos n'essa corrida louca através dos campos, entre as crepitações dos ramos seccos e o frémito das folhas contra os vidros, e sobre isso tudo, a alegria delicada e ao mesmo tempo selvagem de sentir que escapamos á disciplina, ao dever, que caçâmos em terreno defeso! Finalmente Cassis, o mar, e na agua o *Bleu-Blanc-Rouge*, com a sua ampla vela goeleta a meio mastro, esperando apenas por nós para desdobrar a sua airosa aza. Tudo isto, oh! tudo isto é superexquisito.

«Apenas embarcados, por uma divina tarde verde e lilaz, em que a minha amiga e eu começámos a saborear, creio-o bem, a plenitude do goso physico, enlaçados e deitados no tombadilho, balouçados por um admiravel côro de vozes de homem, que vinham d'um barco napolitano dos que se

empregam na pesca do coral, e que vinha tambem na nossa esteira, oh! não sei de nojo como o conte! eis que a minha bem amada cae no terrivel enjôo, que não mais a abandonou nem n'essa noute, nem na manhã seguinte, e que nos obrigou a suspender a viagem por um mez, dois mezes e quem sabe se para sempre. Como fiasco não o ha mais completo. Descrevera eu a V. a deliciosa companheira que eu escolhi entre muitas outras, aventureira e viajante, apaixonada por barcos e vélas, sabendo governar um leme, caçar ou largar uma escota tão bem como eu, o typo da mulher adequada a navegadores. Adeus minhas encommendas! Tudo isso cahiu por terra deante do enjôo... e que enjôo, terrivel, incuravel!

«Que fazer agora? Renunciar á minha esplendida viagem? Mandar embora o *Bleu-Blanc-Rouge* para Cardiff, deixando nas mãos do bom do Nuitt as mil e quinhentas libras adeantadas, correspondentes á paga de tres mezes? Não senti coragem para o fazer, como não sentiria tambem coragem para nos installarmos burguezmente, a condessa e eu, — o conde e a condessa de Uzelles para os visinhos, á mesa redonda e para os registros do hotel — n'uma villa, nas margens do lago de Lucerna ou de Genebra, para emigrarmos seguidamente para os lagos italianos. A vida para duas pessoas n'estas condições, é o suicidio pelo aborrecimento, a menos que se não esteja apaixonado ou enfermo do peito, o que não é o meu genero; nem o seu, pois não é assim, meu caro Vallongue?

«Afim de poder reflectir sobre o caso, mandei ancorar o meu hiate proximo do rochedo de Monaco, aluguei o primeiro andar de um d'esses caravan-serralhos de Monte-Carlo, agrupados pomposamente á roda da casa do jogo. Posto que não seja ainda a estação propria, ha grande affluencia de jogadores em volta das roletas, affluencia de extrangeiros exclusivamente. Nos primeiros dias ganhei o melhor premio da roleta; depois perdi não só quanto tinha ganho mas ainda por cima quarenta ou cincoenta mil fran-

cos que me restavam. O azar que fez que Alexandre não estivesse em Uzelles para responder immediatamente ao meu pedido de dinheiro, obrigou-me a pedir ao capitão Nuitt os adeantamentos que lhe tinha concedido; V. póde imaginar muito bem a sua decepção e o seu espanto. E a paga da equipagem, *by God?!* e a pensão de mistress Nuitt? Durante oito dias tive que supportar esta algaravia com variações que era de a gente morrer de riso, por parte do capitão, do immediato, do *stewart*, boas figuras inglezas, congestionadas, consternadas, perseguindo-me por toda a parte, na estação postal, nas mesas de jogo, agitando nos alvos terraços do hotel, na avenida de Monaco, as sombras freneticas e comicas de uma pantomima de Hanlon Lee. A final, chegados os galeões, pagos, satisfeitos e contentes o capitão Nuitt, mais a mulher e a sua equipagem, continúo a jogar, porque os dias são grandes, mas ao abrigo, d'ora avante, de todos os accidentes lamentaveis.

(Continúa.)

Alphonse DAUDET.

OS DOIS GRANADEIROS

Dois granadeiros dirigiam seus passos para França, dois granadeiros que tinham sido aprisionados durante a campanha da Russia. E quando elles chegaram aos quarteis allemães, inclinaram tristemente a cabeça.

Foi ahi que souberam a triste nova: — como o imperio francez tinha sido destruido, como o grande exercito tinha sido derrotado e posto em debandada e como o imperador estava prisioneiro.

Com tão dolorosa descripção, os dois granadeiros derramaram bastantes lagrimas. Um d'elles suspirou: «Que horrivel mal estou sentindo! parece que as minhas feridas antigas se estão abrindo de novo!»

O outro replicou: «Acabou-se tudo; tambem eu gostava de morrer comtigo; mas tenho mulher e filhos que me esperam, e que sem mim morreriam de fome.»

«— Que me importa a mim mulher e filhos! Tenho outros cuidados! peçam esmola, se tiverem fome! O meu imperador, prisioneiro o meu imperador!

«Meu amigo, promette-me que has de cumprir o que te peço; se, como espero, a morte se não demorar em libertar-me, transporta o meu cadaver para França; enterra-me no chão da patria.

«Pôe-me sobre o coração a cruz d'honra suspensa da sua fita vermelha; colloca-me a espingarda na mão e o sabre ao lado.

«É assim que quero ficar deitado na cova, é assim que quero esperar, como uma sentinella, até ao momento em que ouça resoar o estrepito dos canhões, e escute os relinchos dos cavallos impacientes.

«Então, sem duvida, — o meu coração já está pulando — então o meu imperador passará a cavallo por cima da minha cova; chocar-se-hão milhares de espadas cruzando os seus relampagos; e eu levantar-me-hei, armado, da sepultura, para defender o meu imperador, o meu imperador!»

Henrique **HEINE.**

A VIDA PRIVADA DE MIGUEL TEISSIER

(Continuação)

IV

«Comtudo, quando soube que vinha para Annecy, deixei Lyão, receiando que ficassemos muito proximos um do outro. E' custava-me tanto, ter de afastar-me ainda mais! Custava-me tambem vir para aqui, para o meio d'esta familia á qual sou mais indifferente do que uma verdadeira estranha. Minha mãe disse-lhe que eu passo bem, que me divirto, que estou alegre; ella assim o julga; conhece-me tão mal, interessa-se tão pouco por tudo o que me diz respeito! Ah! estou bem só, creia, para pensar no seu amor! Os que me rodeiam não me estorvam quando eu deixo o meu espirito correr ao seu encontro e chamal-o! Arrastam-me com elles na sua existencia e, como eu não me opponho, julgam que essa existencia me basta, me satisfaz. Não sabem! Felizmente, porque a unica cousa que poderia ainda affligir-me seria que elles tivessem a mais leve suspeita da verdade!...

«Bastantes vezes pensei na morte, querido Miguel, mas nada receie! Sei que não tem o direito de morrer comigo, e não quero deixal-o só. Longe como estou, o sentimento da minha existencia não lhe dá a illusão de estar mais acompanhado? Tenho a certeza de que deve sentir-me frequentes vezes ao seu lado. A mim, ás vezes, parece-me que o seu pensamento me toca ao de leve, com doçura, e então envio-lhe o meu atravez do espaço. E depois, bem sabe que, se fosse successivamente desgraçado, podia chamar-me. Eu iria, n'esse caso: não tenho deveres nem gratidão senão para comsigo, porque me ama.

«Meu Deus! Como posso eu escrever estas cousas? Quando esta carta tiver partido, accusar-me-hei por tel-a escripto, envergonhar-me-hei, ficarei arrependida. Comtudo, vou envial-a. Se não o fizesse, ficaria com a idéa torturadora de que duvida do meu amor. Miguel não ha de censurar-me, por ver que o amo de mais, nem abusará d'isso; sabemos ambos perfeitamente que devemos ser superiores ao nosso amor, visto que elle é culpado e prohibido.

«Adeus, meu bem amado; sua, sempre sua

Branca.»

Depois de mais dois ou tres discursos, muitos banquetes, visitas e diversas instituições, depois de haver tomado parte em um d'estes congressos que, de verão, occupam, melhor ou peior, as horas vagas dos homens politicos, Teissier voltou para Annecy afim de passar ahi alguns dias antes de regressar com a familia a Paris.

Outr'ora, quando entrava em casa depois d'estas expedições fatigantes, ainda vibrante da lucta sustentada ou do esforço realisado, Suzanna acalmava-o brandamente, com palavras affectuosas, caricias na fronte, toda a doçura, toda a serenidade que as mulheres sabem espalhar sobre os que ellas amam. D'esta vez, porém, recebeu-o friamente, com desconfiança, procurando ler-lhe nos olhos se elle occultava

algum novo segredo. Miguel não supportou a sangue-frio essa especie de exame. Dizia comsigo mesmo: «Adivinhou». E ella pensava: «Occulta-me seja o que fôr; ainda mente, ha de mentir sempre!» E estavam mais longe um do outro do que outr'ora, quando havia entre elles uma longe distancia. Tudo o que os cercava parecia collocar-se ao nivel do seu sentimento; o outomno começava a avermelhar as folhas da vinha, o céu impregnava-se em melancolia, os colchicos esmaltavam os campos; havia o que quer que fosse de languido nos brinquedos de Annie, e até nas gargalhadas da alegre Lourença.

Miguel, desejando fugir d'aquellas paisagens que predispunham excessivamente para a meditação, era, comtudo, obrigado a mergulhar-se n'ellas constantemente, porque uma força secreta expulsava-o de casa, do seu «ninho familiar», como diziam os jornaes, e impellia-o para os campos. Mondet acompanhava-o todas as vezes que podia:

— Então, grande homem, disse elle a Teissier, quando este regressou, distrahiste-te, segundo me parece... Que bellas palavras proferiste!... Se cumprires a quarta parte das tuas promessas, quando estiveres no poder, a França deve tornar-se uma succursal do paiz de Cocanha!... Distribuiste-a aos camponezes, aos operarios, aos patrões, aos soldados, a todos emfim... E comtudo, és sincero, tu...

— Não sei, respondeu Miguel, estava pensando em outra cousa... Julgas que eu parti com destino a Lyão, a Amiens ou a Fourmies?... Pois enganas-te: ia só a Cobourg... Sim, a Cobourg, onde ella está, onde a vi...

— Ah! desgraçado! então não tens vontade tua?...

— Já não podia... Amo-a mais do que nunca... Isto não pode durar assim, estou exhausto de forças...

— De certo: tornaste a vêl-a, tens de recomeçar tudo...

Miguel murmurou, com voz surda:

— O que me parece é que tudo vae começar agora...

— Cala-te! replicou Mondet com vivacidade... Não sei o que queres dizer, mas espero que não seja nada...

Depois de um momento de silencio, accrescentou:

— Comtudo, preciso falar-te com franqueza, Miguel... Eu tenho dó de ti, afianço-te... mas, ao mesmo tempo, não posso deixar de confessar que te acho um pouco ridiculo... Se reflectisses, estou certo de que acabarias por percebel-o... Pois que! Um homem da tua edade, do teu caracter, na tua posição, não tem a força moral de se arrancar a um sentimento de adolescente!... Que diabo! não se pode ter dezoito annos quando se representa um papel como o teu!...

Miguel sorriu:

— O meu papel! disse elle, importo-me com isso, porventura? A minha existencia, a minha verdadeira existencia é que me preoccupa... Ah! achas-me ridiculo? Pois eu não!... Gostava que me dissesses se ha alguma cousa que valha um grande amor?... Eu não conheço nada mais grandioso, mais nobre... Por isso, mesmo que tivesse força para renunciar ao meu, não o fazia... Sinto uma especie de alegria em queimar assim o meu coração... E de orgulho, sim, de orgulho... Admiro-me por amar loucamente, contra a razão, contra o bom senso, contra o dever, apesar de tudo e sem esperança!... Admiro-me por amar como amo, no meio da nossa sociedade de gelo, entre homens que só teem ambição e mulheres que só teem vaidade... Creio até que este amor é o que ha em mim de melhor, mais desinteressado, mais generoso... E não quero que elle acabe, conserval-o-hei até ao fim...

Mondet abanava a cabeça, ouvindo-o:

— É preciso que estejas muito doente, disse elle com tristeza, para te entregares a semelhantes paradoxos... O que queres que te responda? Estás excessivamente fóra da verdade para ouvires as cousas razoaveis que eu podia dizer-te; e, como estás contente mesmo assim, não have-

ria palavras que te fizessem voltar ao bom caminho... Não me resta senão uma esperança: o regresso a Paris, o trabalho, a lucta, a febre parlamentar... Se fores chefe do proximo gabinete...

Miguel interrompeu-o encolhendo os hombros:

— Sim, com certeza, hei de andar de um lado para o outro, hei de trabalhar, presidir commissões, fazer discursos ou administrar: tudo isso como se estiver sonhando. A verdadeira realidade, para mim, está n'outra parte: a minha alma já não está no que faço ou no que digo, está no que penso, no que sinto... Aprendi tão bem a duplicar-me, meu caro, que vivo duas existencias: a exterior, que todos conhecem, que parece absorver-me completamente; e a interior: uma vida de monge extatico, de cavalleiro fervoroso... Esta, és tu o unico que a conheces, e é a verdadeira. A outra deslisa sobre mim sem que eu dê por tal...

Mondet não respondeu. Esboçou um gesto vago, e os dois amigos perderam-se na melancolia outomnal dos finos nevoeiros que se erguiam dos lagos, e das arvores que amarelleciam.

Suzanna soffria sempre que os via sahir juntos: «Falam d'ella, pensava: e ficava durante horas a contemplar o lago, n'uma tristeza desolada, emquanto Lourença trabalhava no seu jardim e Annie vinha descançar-lhe nos joelhos a bonita cabeça loura.

— O que tem, manã?

— Não tenho nada, filha, não tenho nada...

... Ah! como ella perdoaria, se elle voltasse francamente!... Mas não; estava ao seu lado á força, conservava-se ahi como uma féra presa, recomeçava todos os dias o mesmo sacrificio; de maneira que ella talvez o lastimasse se não se desligasse d'elle a pouco e pouco. Muitas vezes esteve quasi a dizer-lhe, por compaixão ou cansaço: «Escreve-lhe, dou-te licença para o fazeres; bem vejo que isto te mata...» Mas não poude: era detida por

uma força interior, a indefinivel força negativa que os gelava um para o outro, e os fazia estremecer quando, por acaso, Miguel pousava distrahidamente os labios indifferentes na testa de sua mulher.

Quando partiram, talvez fossem menos inimigos, mas eram, com certeza, muito mais estranhos um ao outro do que no proprio dia do rompimento.

VI

Logo que se abriram as camaras, o governo apresentou á opposição um bello terreno de ataque. Acabava de dar-se no Tonkin um d'estes incidentes dolorosos que provocam sempre grande commoção: um destacamento de cem homens fôra completamente destruido, em seguida a uma sublevação local; outro destacamento enviado contra os rebeldes tivera de bater em retirada, pois as forças d'estes haviam augmentado consideravelmente. A revolta que, ao principio, podia ter sido reprimida sem grandes sacrificios, tornava-se inquietadora, e o ministro via-se obrigado a pedir um credito supplementar. Ora, n'essa mesma occasião, o ministro das colonias, Diel, debatia-se n'um escandalo complicado: em vesperas de ser heroe de um processo de divorcio, acabava de sel-o de uma scena de bastidores, contada e commentada pelos «serões parisienses» dos jornaes. O duplo escandalo, rebentando no momento em que os exercitos dependentes da sua administração eram massacrados, tornava essa situação difficil. A singular indulgencia que a sua elegante perversidade havia obtido durante annos, cansava-se, afinal; um vento de colera soprava contra elle. Julgavam-n'o perdido: dizia-se que nem os amigos tentariam defendel-o e que o ministerio seria obrigado a desembaraçar-se d'elle. A opposição contava já com essa victoria provavel, com essa bre-

cha feita n'um gabinete homogeneo, que devia unicamente á sua cohesão a resistencia que ainda apresentava a um partido de dia para dia mais forte. Na imprensa travara-se uma campanha extremamente violenta. Até os jornaes mais importantes se declaravam com energia, quasi com furor. O jornal de Teissier, a *Ordem*, era o unico que conservava uma attitude relativamente moderada. A esse respeito tivera Miguel uma discussão muito viva com o seu collaborador principal, Peyraud, que era um tactico muito habil e queria «largar todo o panno» segundo elle dizia:

— Estamos n'um momento favoravel á moral, dizia elle. Aproveitemol-o! Deitemos por terra os patifes que se prestam ao ataque.

— Primeiro que tudo, devemos ser consequentes com os nossos principios, respondia Miguel.

Censurámos muitas vezes ás folhas da extrema esquerda os seus ataques contra a vida privada dos adversarios. Não os imitemos! Esses meios pouco limpos sujam tambem os que os empregam.

Peyraud cedeu, mas convencido de que commettia um erro. Comtudo, queixando-se d'isto a de Thornes, este encolheu os hombros:

— Homens como Diel podem fazer tudo o que quizerem, disse elle com a sua sagacidade desdenhosa, livram-se sempre.

Com effeito, Diel não parecia nada perturbado com os ataques que choviam sobre elle: no banco dos ministros ostentava o seu cynismo tranquillo; encontravam-o no Bosque manejando com garbo o seu fogoso irlandez; no theatro, viam-o afrontar serenamente todos os binoculos que o fitavam.

— E' um valente luctador, na verdade, dizia Peyraud, e seria um verdadeiro prazer de artista dar-lhe cabo do espinhaço!...

Quando a discussão dos creditos passou á ordem do dia, Diel falou pausadamente, como quem estava senhor de si,

forte com a sua boa consciencia. De Thornes respondeu-lhe, em termos incisivos, mas sem sahir da questão. Replicou-lhe um orador ministerial, com um discurso extenso e mediocre, como para fatigar a camara. Em seguida, um membro da direita atacou, emfim, n'um discurso bastante frouxo, a questão pessoal, em que todos pensavam: «O que fazia o ministro das colonias emquanto os Pavilhões negros massacravam os nossos soldados?» Um murmurio de espectativa correu pelo hemicyclo e entre os assistentes, quando viram Combel dirigir-se para a tribuna. O ministerio mantinha-se solidario: era a verdadeira batalha que ia travar-se.

O presidente do Conselho explicou, primeiro que tudo, as razões de «interesse geral» pelas quaes o gabinete não podia conservar-se passivo no debate. Depois accrescentou:

«Ha ainda outras que me fazem considerar um dever defender um collega, o qual, desde que occupamos este banco, teem sido um dos nossos mais activos e mais preciosos collaboradores; e não deve causar admiração que eu as indique, visto que o digno preopinante me convidou a fazel-o. Nunca poderemos admittir que boatos de fóra venham comprometter o bom andamento dos negocios publicos. Os interesses do Estado são, para nós, muito mais importantes do que esses boatos e essas calumnias...»

A' palavra calumnias interromperam-o alguns protestos e ouviu-se a voz de Teissier que dizia, no meio do tumulto:

—Peço a palavra!

A campainha do presidente agitou-se; depois, tendo-se, a pouco e pouco, restabelecido o socego, Combel continuou, sem acabar a phrase interrompida:

«Em outros paizes tem-se visto homens de Estado uteis á sua patria cahirem perante accusações que, no emtanto, lhes deixavam a honra intacta. E' um triste espectaculo que não presenciaremos aqui, assim o espero. Não ha duvida que os que dirigem os negocios publicos devem

ter as mãos puras; comprehendemos o que elles nos devem e o que devem a si mesmos; mas, no entretanto, não podemos erguer o véu que lhes encobre a vida intima, a qual só a elles pertence, até ao dia em que o publico chega a conhecel-os de qualquer maneira que não seja por bisbelhotices despreziveis. Ora, esse dia aínda não chegou.»

A camara agitou-se novamente; dos bancos da direita, partiram algumas interrupções. Combel, porém, logo que poude continuar, abandonou a questão pessoal, como se estivesse exgotada, e começou a tratar a questão de fundo, com desenvolvimentos infinitos.

Mal o ouviam. No ar pairava tempestade, evidentemente; o scepticismo já não estava em moda; sentia-se que, se alguem, com a auctoridade de uma convicção robusta, respondesse ás phrases desenvoltas do ministro com palavras de honradez, a crise, latente havia muito, rebentaria, afinal. E emquanto a attenção da camara decahia, e Combel, inquieto, perdia pé, de Thornes disse a Miguel:

— O senhor pode decidir tudo... Sinto-o, e sabe se eu tenho faro... Que victoria!... uma quéda na lama...

— Não gosto muito d'essas batalhas, respondeu Teissier, repugnam-me as armas que é necessario empregar...

— Comtudo, está bem certo de que não podem feril-o; a sua couraça não tem defeitos...

No mesmo instante, um porteiro entregou um bilhete de visita a Miguel. Elle fez-se muito pallido e ergueu-se immediatamente.

— O que! exclamou de Thornes, sae?... mas Combel vae concluir...

— E' que afinal, pensando bem, desisto da palavra...

— Está gracejando!... Vamos, Teissier, não é occasião de perder o animo... Deve sentir que contam comsigo...

— Talvez, respondeu Miguel, mas não posso dizer o que seria necessario... Perdia a batalha, meu amigo, é melhor calar-me...

Como de Thornes ia insistir, elle repetiu, com inflexão singular:

—Sim, é melhor calar-me, creia!...

E sahiu, enviando um bilhete de duas linhas ao presidente da camara. Como Teissier desistisse de falar e mais ninguem pedisse a palavra, votou-se, em escrutinio secreto. Os creditos foram concedidos com trinta votos de maioria. Em taes circumstancias esta pequena maioria constituia um brilhante successo para o ministerio. Emquanto a Diel, absolvia-o. Por isso, todas as mãos se estendiam para elle. Triumphava com indifferença e modestia, como se já estivesse certo do resultado. E dizendo-lhe alguem, com as maneiras desastradas dos aduladores:

—Aqui está o que prova que não somos inglezes, e que entre nós, M. Parnell...

Elle interrompeu-o com uma phrase que fez logo carreira:

—Sim, em França perdoam-se sempre estas cousas... a quem está habituado a ellas!...

Entretanto, Miguel, dominado por uma commoção que o fazia caminhar offegante e lhe perturbava a vista, ia encontrar-se, na sala dos Passos-Perdidos, com a pessoa que o mandara chamar e que era nem mais nem menos que M.me do Quérieux. Uma unica hypothese, pensava elle, podia justificar essa visita inesperada; M.me de Quérieux sabia tudo, e vinha fazer-lhe as suas exprobações de mãe. E tremia como uma creança com a idéa de ser reprehendido por essa mulher a quem não estimava. Durante os poucos minutos que a fez esperar, o seu cerebro procurou desesperadamente um meio de defeza; não achou nenhum. Ella podia dizer-lhe tudo, podia chamar-lhe miseravel, cobarde, hypocrita: teria razão, na apparencia. Oh! as scenas extravagantes d'esta comedia da vida, em que as cousas nunca teem as suas côres verdadeiras nem as pessoas os seus verdadeiros rostos! Era ella, a mãe indifferente, absorvida pela vaidade mundana, que ia proteger contra

elle a filha abandonada; ella, que não a amava, contra elle, que a adorava; e, como Teissier não conhecia o sorriso de Diel, como não era capaz de arrostar com as tempestades, nada tinha a fazer senão curvar a cabeça, como réo consciente da sua culpa e a quem ella esmaga.

A maneira como foi recebido tranquillisou-o immediatamente:

— Como está, meu caro senhor Teissier? disse M.me de Quérieux estendendo-lhe a mão. Ha um seculo que não apparece. Esquecer-se-hia dos seus amigos?...

Miguel balbuciou, acabando de recuperar a serenidade:

— Minha senhora, bem sabe que ando muito occupado, desde a abertura...

— Sim, sim, bem sei, por isso não o censuro... E madame Teissier, como passa?

— Perfeitamente, minha senhora, muito obrigado.

— E as pequenas?

— As pequenas tambem.

— Estimo deveras. Aposto que não imagina que emquanto nos abandona assim, em nossa casa estão-se dando acontecimentos... importantes?...

Miguel sentiu o coração opprimir-se-lhe de novo:

— Ah! fez elle.

— É verdade, continuou madame de Quérieux, cousas graves para as quaes precisavamos muito do seu juizo e da sua influencia... Mas, diga-me, não o estorvo demasiadamente, n'esta occasião? Pode conceder-me alguns minutos?

— Estou ao seu dispor, minha senhora...

— Pois então, vou dizer-lhe, em duas palavras, de que se trata. Branca foi pedida em casamento. Sabe que ella já tem recusado alguns partidos muito convenientes. Eu e meu marido sempre a deixámos livre. Mas d'esta vez, realmente, não podemos deixar de tomar algum interesse pela sua decisão. Já está em edade rasoavel para mudar de estado. Não lhe parece?

Miguel respondeu, com grande esforço:

— Certamente.

— Bem. O pretendente é um homem que reune todas as condições possiveis. Já não é muito novo, o que é mais uma garantia de felicidade, como sabe; está n'uma bella situação de fortuna; fez parte da ultima camara... Ah! é verdade, parece-me que não é dos seus amigos...

Como ella fizesse uma paragem, Miguel repetiu:

— Dos meus amigos?...

— Quero dizer, dos seus amigos politicos... Emfim, é M. Graval... Conhece-o, não é verdade?...

— Sim, minha senhora, sei quem é.

— Creio que é um perfeito cavalheiro, apesar de um pouco avermelhado de cara. Talvez o combatesse algumas vezes quando era deputado. Mas isso não é razão para Branca deixar de casar com elle. Além d'isso, já não quer saber de politica, está todo entregue aos seus trabalhos de historia. Emfim, meu marido e eu esperámos que o senhor não nos recusaria o seu apoio e que, visto esse casamento convir-nos, por todos os motivos, não teria duvida em fazer uso da sua influencia em nossa filha para ver se ella se decide.

Vendo que Miguel não respondia, accrescentou:

— Podemos contar comsigo?

Elle parecia reflectir:

— M. Graval, disse, com esforço, passado um instante, não é dos homens cujas opiniões me são sympathicas. Mas creio que isto não tem importancia para Branca, e nada sei a respeito d'elle que não seja honroso.

Calou-se.

— Então, é negocio tratado? disse madame de Quérieux.

— Perdão, minha senhora, respondeu elle. Disse-lhe que nunca ouvi dizer mal do sr. Graval, o que é de bom agouro para um homem que já atravessou a politica... Mas não o conheço bem... Antes de envolver-me n'esse negocio,

preciso tomar algumas informações... Peço-lhe, portanto, que me conceda dois ou tres dias de espera, findos os quaes escreverei a vossa excellencia e a mademoiselle Branca...

— Escrever-lhe?... Porque não lhe fala, antes?

— Ou falar-lhe-hei, minha senhora, conforme as circumstancias.

— Muito obrigada, meu caro senhor... Ainda uma vez, desculpe ter vindo importunal-o aqui... Talvez deixasse de proferir algum bello discurso por minha causa?

E partiu, não sem dirigir alguns olhares curiosos ás figuras que esperavam ou circulavam em torno d'ella. Emquanto a Miguel, voltou para a sala das sessões e tomou o seu logar silenciosamente. Agora expediam-se negocios correntes, no meio da indifferença geral. As tribunas estavam vasias. A voz monotona dos oradores perdia-se no rumor das conversações. De Thornes, que se levantava para sahir, estendeu-lhe a mão:

— Commetteu um erro, disse-lhe elle em tom de censura.

Miguel dirigiu-lhe um olhar vago.

— Que me importa? murmurou.

De Thornes fitou-o um momento com o seu olhar penetrante, aquelle olhar frio que parecia ir tão longe:

— Temos interesses muito graves entre mãos, disse elle lentamente; não devemos esquecel-o amiudadas vezes!

— Esquecel-o! respondeu Miguel com um riso que soava falso. Mas não pensamos em outra cousa!

E accrescentou, seccamente:

— Nem sempre estamos de accordo, eis tudo!...

Em seguida, como de Thornes se afastou sem insistir, poude emfim isolar-se. No cerebro ferviam-lhe mil idéas tempestuosas. Muitas vezes, desde que amava Branca, lhe occorrera a idéa de que ella podia casar-se; e pensava n'isso com uma especie de resignação suave, a suavidade

da mutilação voluntaria, do martyrio acceite. Pensava, n'esse tempo: «Eu mesmo lh'o hei de aconselhar. Far-lhe-hei ver que ainda pode ser feliz, mais tarde, quando me tiver esquecido; ou que, á falta de felicidade, achará, pelo menos, junto de um homem honrado, o descanço, a tranquillidade da existencia regulada pelos deveres onde se acalmam, a pouco e pouco, as tempestades da alma. Hei de demonstrar-lhe que, uma vez que estamos separados por um abysmo insuperavel, não deve sacrificar ao nosso pobre sonho as realidades da vida commum. Dir-lhe-hei que tem ainda longos annos deante de si, annos em que pode crear affeições tão preciosas como o amor. Dir-lhe-hei que a amo, e que, apesar d'isso, quero perdel-a, e que é necessario que o nosso amor seja immolado. Dir-lhe-hei tudo isto. Ella ha de comprehender-me. Entrará sem alegria na grande corrente da vida. Depois, mais tarde, quando pensar n'estes momentos dolorosos, amará a minha lembrança, que nada vil terá manchado. O meu sacrificio talvez lhe fortaleça o coração contra outras tempestades: não podendo contribuir para a sua felicidade, dar-lhe-hei, ao menos, o que melhor pode substituil-a.» Taes eram os projectos incertos que alimentava quando a idéa longinqua do casamento de Branca lhe acudia ao espirito, na epoca em que, vendo-se quasi todos os dias, viviam na embriaguez, ao abrigo das ameaças. Essas nobres promessas, esses pensamentos generosos, esses bellos raciocinios voltavam-lhe agora ao espirito, e elle sorria-lhes, com um meio sorriso ironico e triste: porque voltavam como doces lembranças desvanecidas ou antes, como agradaveis chimeras da mocidade, que se avistam já de azas partidas, nas distancias remotas e nebulosas do passado. Separado d'ella, agora, vivia de sentil-a sua, mesmo longe, apesar de tudo. E eis que umas mãos brutaes se estendiam para ella, afim de lh'a roubarem... Ah! a dôr era muito diversa do que elle imaginara! Não se tratava de uma ferida ligeira que a alegria do sacrificio pode curar,

como um balsamo innocente: mas de uma chaga profunda, sangrenta, maligna e que lhe causava febre. Branca de outro!... Ai! e de quem?... Miguel conhecia esse Graval; e, se pedira alguns dias de espera, não era para se informar, era para reflectir, para ganhar tempo. Graval não era nenhum mau homem, bem o sabia: era simplesmente um d'estes seres que se encontram com abundancia em todas as classes sociaes, que não são maus por habito, não são bons por indifferença, possuem sentimentos vulgares, e só feições insignificantes distinguem uns dos outros. Andam d'aqui para ali, trabalham, são bem succedidos, considerados, dão uns maridos soffriveis e uns paes correctos. É raro haver que formular contra elles uma censura definida; tambem não ha motivo para louval-os. Não se estimam nem se detestam: supportam-se. Este, Graval, fôra um deputado muito conveniente, docil á maioria, trabalhando honrosamente nas commissões, falando pouco, não interrompendo nunca. Tinham-o enviado para a camara sem motivo e sem motivo o haviam tirado de lá: a sua frouxidão acabara por alcançar os eleitores. Agora, esperando cousa melhor, entregava-se a honrosos trabalhos de historia, que talvez o levassem qualquer dia ao Instituto. Emfim, um excellente partido, como dizia madame Quérieux: pois, além dos seus meritos incontestaveis, possuia uma grande fortuna, e, como nunca praticara excessos de especie alguma, os seus quarenta e cinco annos não estavam demasiadamente murchos. E Miguel, procurando na memoria, com um calafrio, essa physionomia que nenhum traço lhe deixara ahi gravada, achava apenas umas suissas sal e pimenta, uns cabellos lizos e chatos que começavam a fazer-se grisalhos, um pescoço largo, uns oculos com aros de ouro: tudo isto installado no *fauteuil* da esquerda, proximo do centro, revolvendo papeis, escutando, com os olhos meios fechados, dormitando algumas vezes, durante as digestões pesadas... Mas porque era que Graval queria Branca?... Porque?...

Para se casar, primeiro que tudo, pois já era tempo; e tambem um pouco por causa da fortuna, da belleza, da mocidade, e das relações d'ella. Quem sabe até se a amisade, bem conhecida, que a ligava a Teissier não fôra um dos argumentos que elle apresentara a si mesmo? Outr'ora, apesar de votar contra Miguel, procurava-o, com a intuição vaga dos seus successos futuros. Quando fosse marido de Branca, diligenciaria aproximar-se, de certo, porque não renunciara ás suas ambições politicas, e era provavel que desejasse voltar para a camara: depois de reintroduzido no hemicyclo, transportar-se-hia, sem despertar a attenção, das proximidades do centro esquerdo para a entrada do centro direito; e, da mesma maneira que acompanhara os jacobinos quando estes subiam, estaria com os reaccionarios, agora que elles ganhavam terreno de dia para dia... E era este homem que ia possuir Branca, que teria os seus beijos, que lhe beberia a vida!... E Miguel via antecipadamente, com uma nitidez cruel, o drama lento do qual poderia seguir todas as phases, o drama banal da alma superior que elle amava absorvida a pouco e pouco por aquella alma baixa, como uma bella flor a que um pesado insecto aspira o perfume! Comtudo, era essa a vida normal, a vida correcta, regular, tal como a rascavel disposição dos deveres, dos usos e das conveniencias a prepararam; e era a isto, que era justo e moral, que elle tinha de sacrificar até os ultimos vestigios do seu amor, que era culpado. A ultima carta que escreveria a Branca ou as ultimas palavras que trocaria com ella seria para arrastal-a a esse holocausto. O bem estava ahi; o mal era a exaltação, o enthusiasmo, a abnegação, todas as nobrezas, todos os sentimentos elevados que Branca despertava n'elle e que era necessario fazer calar, com um gesto. Assim o exigiam a ordem, a virtude, a regra, a moral, todos os deuses pelos quaes Teissier emprehendera a sua cruzada. E, agora, duvidava d'elles, sentia-os impotentes para afrontarem o inimigo que se erguera no

seu coração, chamava desesperadamente a consciencia em seu auxilio para acreditar ainda que esse monstruoso sacrificio era necessario. E a consciencia dizia-lh'o, muito alto, com uma voz que queria dominar todas as outras, uma voz que, apesar de tudo, se fazia escutar. Houve um momento em que formou este desejo esteril: se ao menos podesse transmittir Branca a um homem em todos os pontos digno d'ella... Depois, afastou esta idéa: talvez soffresse ainda mais com isso. Não ha paixão que não seja egoista: elle esforçara-se, debalde, por elevar a sua; era o mesmo que as outras, possuindo os mesmos defeitos, sujeita ás mesmas fraquezas.

Via-o bem, n'esta hora de crise: amava como todos amam, com mais consciencia, talvez, e mais intensidade, é soffria como todos soffrem, com uma dôr quasi physica que o prostrava ali, no seu banco, indifferente ao que se passava no hemicyclo onde se conservava sem o saber. Como um dos seus collegas se aproximasse para lhe falar a respeito de um negocio qualquer, o esforço que teve de empregar para ouvir e para responder acabou de exgotar-lhe as forças. Sentia os soluços opprimirem-o e não tardaria que não pudesse contel-os, acabando por fazer explosão, ali, á vista de todos; e teve medo. Achou-se só, medonhamente só, no meio d'aquelle ruido, d'aquellas vozes, d'aquelles seres que encontrava todos os dias, havia annos, e dos quaes nenhum se compadeceria do seu mal, que haviam de sorrir, se alguma vez o descobrissem, com ironica indulgencia ou com odio satisfeito, conforme fossem amigos ou adversarios; que, hostis ou benevolos, não o conheciam, formando uma idéa falsa a seu respeito. Então, o que sentiu foi um tedio enorme dos homens e de si mesmo, da sua actividade, dos seus discursos, dos seus projectos, dos seus esforços, com o desejo obstinado de fugir para outra parte, fosse para onde fosse, comtanto que estivesse só, em outra solidão, no silencio que acalma.

Sahiu. Vagueou pelas ruas. O barulho d'estas abatia-o.

As idéas tornavam-se-lhe mais vagas entre o rodar dos trens, dos omnibus, e o caminhar dos peões. Invadia-o uma especie de embriaguez benefica. Mas essa embriaguez abandonou-o quando se viu em casa, á hora de jantar. Como de costume, sentaram-se á mesa alguns convivas que falaram, desejando interessal o. Como era natural, a sessão do dia foi o thema principal das conversações. Todos estavam admirados com o triumpho do ministro, mais completo do que Combel esperava, com certeza.

— O ataque da opposição não foi tão vigoroso como podia ser, arriscou alguem.

Miguel, que mal escutava o que se dizia, ouviu esta phrase e replicou seccamente:

— A opposição tem repugnancia em combater em semelhante terreno.

A sua voz era brusca e cortante. Os hospedes trocaram entre si olhares, alguns dos quaes perguntavam: «O que tem elle?» emquanto que os outros respondiam: «Está de mau humor.» Houve um momento de silencio que um official interrompeu, affirmando:

— As victorias do gabinete são victorias á Pyrrho: servem-lhe para perder as ultimas forças.

— Não se pode saber isso, disse Miguel. Combel é muito habil e os jacobinos ainda teem uma maioria solida.

Depois, recahiu na sua abstracção, não ouviu mais nada, nem sequer notou o olhar de Suzanna que diligenciava chamal-o a si e acabou por abreviar a refeição afim de arrancal-o áquelle mutismo. Mas, apenas chegaram á sala, Miguel pretextou um trabalho urgente para deixar os seus hospedes e retirar-se para o gabinete de trabalho onde, ao menos, podia soffrer descançado, no silencio amigavel dos objectos familiares. Ahi, pela primeira vez havia muitos annos, chorou. Chorou, nâo de dôr, mas de commoção: chorou pelo soffrimento de Branca, que seria mais profundo que o d'elle e que devia ser mais resignado e mais occulto, chorou por ella, pelo encanto d'aquella alma

que só elle conhecia e que nunca seria comprehendida, pelos lentos annos em que aquelle coração cheio de amor se esvasiaria gota a gota, até chegar á indifferença, ao esquecimento.

Depois, suffocou-o nova angustia: ella comprehenderia o seu sacrificio? Acreditaria que elle a amava e se immolava por causa d'ella? Quem sabe se, pelo contrario, o seu orgulho de mulher não lhe encobriria a grandeza do que elle ia fazer? Ellas são assim, dizem: não querem que se fuja do seu amor, não acreditam que os homens que as arrancam do coração são os que as amam com mais violencia. E respondeu a si mesmo com desespero: «Que importa mais essa dôr? É preciso ser incomprehendido, assim como é preciso ser cruel. O soffrimento está em toda a parte, e augmenta com o amor.» Em seguida, rezou, elle que não rezava nunca, não tendo sabido apreciar na religião senão a sua força social. Rezou, pedindo a Deus coragem para cumprir aquelle sacrificio supremo, supplicando-lhe que o tornasse mais suave para Branca e para elle. Rezou, e um clarão illuminou-lhe a alma: nunca pensava no Além-mundo, que as preoccupações da terra lhe encobriam: pensou então. Era a sua derradeira esperança: por que razão havia de repellil-a? Por que razão não ha de haver um espaço desconhecido onde vão reflorescer em liberdade os sentimentos elevados que se esboçaram nos nossos corações mortaes, sentimentos suffocados por excessivos obstaculos?... A nossa immensa necessidade de amor eterno, por que razão não ha de ser mais do que um logro?... Emfim, separada d'elle pelo que ha de mais rigido no dever e mais cruel na sociedade, não poderia vir a ser, um dia, sua amante celeste?... Meu Deus! sim, chorou, rezou, sonhou loucuras, deixando vegetar no espirito uma florescencia completa de idéas que teriam feito sorrir os seus amigos, mas que os seus amigos haviam de ignorar sempre. Decorreram assim horas. Vieram bater-lhe á porta; elle respondeu;

— Estou a trabalhar... não me estorvem!...

Conheceu os passos de Suzanna, que se afastavam, e tornou a mergulhar-se nos seus pensamentos. Estes, a pouco e pouco, tornaram-se menos agudos, menos dolorosos. Poude então reflectir no que ia fazer. Falar a Branca, vêl-a, dizer-lhe cara a cara: «Case com Graval,» não tinha força para isso: o coração bradar-lhe-hia o contrario e o coração é que ella ouviria. Por consequencia, era preciso escrever-lhe... De que maneira?... Esteve muito tempo procurando as palavras necessarias, sem as encontrar, começou phrases que não concluia. Depois, como a necessidade de proceder vencesse, afinal, pegou na penna, e escreveu, lentamente, fazendo os maiores esforços para repellir o amor, que queria exprimir-se:

«Estive hoje com sua mãe, Branca. Pediu-me que lhe falasse ou lhe escrevesse, e, como ella diz, que fizesse uso da influencia que exerço no seu espirito afim de resolvel-a a acceitar as propostas que lhe fazem. Não posso falar-lhe, não teria força para dizer o que devo; talvez a tenha para escrever-lhe.

«Este dia tem sido horrivel, mais do que tudo o que eu poderia dizer. O passado despertou no meu coração. Senti que o meu amor vivia, vivia sempre, tão forte como no tempo em que podia vêl-a e ouvil-a. Senti que o sacrificio era talvez ainda mais cruel para Branca do que para mim, visto que tem de entregar-se e de comprometter a sua vida; senti — oh! queria poder dizer-lhe com que dôr! — senti todo o soffrimento que ha em nós, e como temos sêde de felicidade, e o abysmo que nos separa, abysmo que ainda é necessario alargar. Sim, sabia que até agora estavamos unidos, apesar da ausencia, e que os nossos pensamentos se conservavam sempre proximos um do outro; sabia que não estavamos mais separados que de antes, pois que, apesar de tudo, podiamos continuar a nossa existencia interior; e eu gosava, sei-o agora,

gosava sabendo que estava constantemente ao meu lado, sem que entre nós houvesse outra cousa além do espaço. Agora, Branca, se responder sim, é o fim d'este ultimo sonho, o fim de todas as nossas esperanças, o fim d'este estado de coração, o qual, comparado com o que será ámanhã, parece-me hoje uma especie de felicidade. E comtudo, é preciso que seja assim. É preciso, por sua causa, Branca, pela sua vida, que pode ser longa, pelo seu futuro do qual devo desapparecer inteiramente. Não quero que o seu amor tão generoso a condemne ao isolamento, á velhice solitaria, a todas as miserias das existencias que sahiram da regra commum. Talvez tambem seja melhor para mim. Amo a, Branca, hei de amal-a sempre. Mas, quando pertencer a outro... Meu Deus! escrevo-lhe tremendo, sem achar as palavras necessarias, e não quero dizer-lhe tudo o que penso... Tenho medo de persuadil-a, tenho medo de não a persuadir, e é forçoso, é forçoso que a persuada... Mas, como hei de convencel-a quando todo o meu ser protesta?... O que hei de dizer-lhe?... Conheço-a bastante para estar certo de que já pensou tudo o que se pode pensar; e, ás vezes, diz-me uma voz que, se recusou, deve ter razão para isso... Mas não! não tem razão!... A outra voz é mais forte, Branca, é o dever!... O mundo quer que seja assim, quer que pertença a um homem que não poderá comprehendel-a nem amal-a, mas que é um homem de bem, e Branca terá a missão de eleval-o a pouco e pouco até á sua alma. Sim, o mundo exige uma cousa d'estas, monstruosa, e eu, que lhe conheço todo o horror, digo-lhe, comtudo, que acceite... Digo-lh'o depois de ter chorado e rezado durante horas. Digo-lh'o na serenidade d'esta noite que envolve as nossas angustias sem o saber. Digo-lh'o depois de ter pedido força a Deus para lh'o dizer, depois de ter pedido para nós ambos a vontade e a coragem necessarias para cumprir este sacrificio.

«Branca, minha querida, d'esta vez é a ultima carta que

receberá de mim, e estou a lembrar-me da que lhe escrevi ha apenas alguns mezes!... Vamos ser arrastados pela vida, continuaremos a existir como se os nossos corações não tivessem esta chaga, encontrar-nos-hemos, de certo, e o meu olhar não lhe dirá cousa alguma e o seu nada me dirá. Adeus, adeus!... *É preciso*, não posso fazer mais do que repetir-lhe esta sentença barbara. Provar-lh'o? Não, não tenho coragem para lhe apresentar novos argumentos. Além d'isso, para que? A voz que falou á minha consciencia, ai! tambem ha de falar á sua!... Adeus, não duvide de mim: nunca a amei tanto como agora que a perco.

Miguel.»

Teissier, no dia seguinte, não sahiu. Passou o dia fechado no gabinete, com o pretexto de ter que trabalhar, diligenciando, effectivamente, examinar alguns papeis, e esperando a resposta. Ao anoutecer veiu um creado trazel-a. Eram apenas duas linhas sem assignatura.

«Obedecer-lhe-hei, Miguel. Já o disse a minha mãe. Ella lhe agradecerá. Adeus.»

Elle ficou horas e horas a reler, a esquadrinhar, a analysar este bilhete. procurando adivinhar o verdadeiro sentido das palavras, pedindo explicações á propria letra, que lhe parecia rapida, nervosa, um pouco tremida. «Obedecer-lhe-hei... Minha mãe lhe agradecerá...» Não havia n'estas duas phrases breves uma especie de ironia offendida e mortal, um fremito de colera reprimido, um rancor digno, mas prestes a fazer explosão?... Ou não significariam senão o que queriam dizer, e, pelo contrario, aquella obediencia seria unicamente um penhor supremo de dedicação, a sua expressão discreta uma delicadeza rara, um ultimo sacrificio: o do direito ao queixume, natural nas victimas fracas?... Ou ainda, seria realmente a elle que

Branca obedecia? O duro conselho que elle lhe dera não responderia a alguma exigencia imperiosa da sua consciencia? Quem sabe? Talvez ella pensasse: «Ao menos, fica tudo acabado...» E talvez, talvez visse brilhar a aurora de uma nova existencia, talvez, — pensamento abominavel! — avistasse no futuro longinquo algumas probabilidades de felicidade, e a tentação das ternuras permittidas... Mas saberia, poderia adivinhar o que elle soffrera escrevendo aquella carta cheia de desespero, que lhe devia parecer uma ordem?... Não havia meio de responder a nenhuma d'estas perguntas. Não havia meio de saber mais, de conhecer cousa alguma com respeito aos sentimentos de Branca. Estava acabado, agora. Aquellas duas linhas tão breves eram as ultimas que d'ella receberia, d'ahi para o futuro o ponto final do seu amor.

Como se aproximasse a hora de jantar, Miguel sahiu dizendo a Suzanna, cujo olhar desconfiado o espiava, que estava fatigado e que ía mexer-se, dar uma volta:

— Mas vens jantar?

— Não sei, talvez...

Vagueou como uma alma penada pelos bairros por onde outr'ora encontrou Branca e passou defronte da casa d'ella. Avistou-a descendo da carruagem, sem que ella o visse. E essa visão furtiva encheu-o de commoção inexprimivel, causou-lhe uma especie de terror, um enternecimento que o abalou até ás entranhas. Foi como que um unico relampago depois do qual se accumulou a sombra espessa; e pareceu-lhe que não a tinha visto, de maneira que ficou com uma necessidade mais violenta de tornar a vêl-a um pouco melhor, pela ultima vez.

Á noute havia recepção na Presidencia, onde Miguel fôra uma unica vez para affirmar a sua adhesão á republica. Sabia que os de Quérieux frequentavam a sociedade official. Pensou que talvez elles lá estivessem, que talvez lá arrastassem Branca, na companhia do noivo; foi a casa vestir-se e dirigiu-se para o Elyseo, sem dizer onde ia.

Á sua passagem erguia-se um murmurio, esse murmurio indiscreto e lisongeiro que acompanha os homens em evidencia por toda a parte onde elles se mostram. Em muitos grupos de graves personagens perguntava-se o que significava a sua presença inesperada, commentava-se o aperto de mão cordial que elle trocava com o presidente, observavam-se-lhe os movimentos. Teissier não reparava em tal: apertou machinalmente as mãos que lhe estendiam, respondeu distrahidamente a algumas perguntas banaes que lhe dirigiram; de maneira que, se escutasse, podia ter ouvido repetir á roda de si:

— Tem seja o que fôr... o que será?...

Elle, porém, não ouvia; o seu olhar inquieto esquadrinhava a multidão, e os observadores diziam:

— Procura alguem...

A primeira physionomia que Miguel encontrou entre os indifferentes foi a de Graval, com as suas suissas sal e pimenta irreprehensivelmente aparadas e os seus olhos baços por detraz dos oculos de ouro. Quiz evital-o. Não poude: Graval, que já o tinha visto, dirigia-se ao seu encontro, radiante, com a mão estendida n'um gesto de cordealidade quasi intimá:

— Que felicidade encontral-o, meu caro senhor e poder agradecer-lhe... Sim, agradecer-lhe... Porque sei que o consultaram... E não posso exprimir-lhe o meu reconhecimento por ter dito bem de mim... Emfim, está decidido desde esta manhã... Ao meio dia recebi a resposta definitiva .. E o casamento realisar-se-ha o mais brevemente possivel... Sabe que a minha noiva conta com o senhor para testemunha... É natural: tem sido tão bom para ella... Ha de vêl-a hoje, pessoalmente: ella deve vir...

Dizia tudo isto n'um tom de meia confidencia, sem esperar pela resposta, e cada uma das suas phrases penetrava no coração de Miguel como a lamina de uma faca. Emquanto conversava, Graval, contente por affirmar em publico a sua intimidade recente com Teissier, conseguira

isolal-o, a um canto do fogão, e, collocando-se defronte, defendia-o, com as costas, dos que se aproximavam. Com a desenvoltura de um homem que tem o espirito socegado, poz-se a falar de outra cousa, de politica, baixando a voz como se se tratasse de questões mais graves. Observavam-os muito, pensava-se:

«— O que terão elles que dizer ha tanto tempo?...»

Entretanto, Diel, que acabava de chegar e notara a scena, passou por detraz de Graval e disse-lhe, batendo-lhe no hombro:

— Os meus cumprimentos, meu caro!...

Graval exclamou, admirado:

— O que, pois já sabe?

— Pudera: sabe-se tudo sempre e immediatamente.

E passou, dirigindo a Teissier um dos seus olhares maus, escrutadores, incisivos, que pareciam penetrar no fundo das consciencias, trazendo de lá despreso.

— Comprehende isto? continuou Graval. Uma cousa que se decidiu ha algumas horas...

— Não ha nada que possa conservar-se secreto, respondeu Miguel.

Foi a unica phrase que Graval poude arrancar-lhe. Por isso julgou que devia repetil-a, acompanhando-a de commentarios:

— Não, não ha nada que possa conservar-se secreto... Tem muita razão, meu caro senhor... Toda a gente se mette no que não é da sua conta... Logo que um homem levanta um dedo, desde o momento que tem um vislumbre de notoriedade, todos o sabem... Sim, diz bem, não ha nada que possa conservar-se secreto...

Graval, por fim, vendo que Miguel quasi que não respondia, separou-se d'elle, inquieto por ter-lhe desagradado, e deixou-o envolver-se na multidão, cada vez mais compacta, das casacas pretas e dos vestidos decotados. Teissier circulou um momento pela enfiada de salões, detido a cada passo por algum importuno. Depois, de subito,

emquanto falava a Peyraud, sentiu o coração gelar-se-lhe: os de Quérieux passavam a alguma distancia, sem o verem, seguidos de Branca. Esta viu-o bem. Parou, voltou-se para elle, fez-se muito pallida, dirigiu-lhe um longo olhar e continuou o seu caminho no momento em que M. de Quérieux se voltava afim de procural-a com a vista. Miguel fizera-se tambem muito pallido e envolvera-a n'um olhar tão desesperado que Peyraud seguiu-lhe involuntariamente a direcção, sem, comtudo, vêr para quem elle olhara. Em torno dos dois cochichava-se:

—Amanhã, na *Ordem*, talvez se explique o que quer dizer a sua presença aqui.

Teissier, entretanto apertou a mão ao jornalista e pareceu encaminhar-se para a sahida. Mas não poude decidir-se a partir assim: queria tornar a vel-a ainda uma vez, só uma: estava tão formosa, com o seu vestido côr de rosa pallida e a sua tristeza mortal!... Voltou para traz, percorreu a custo as salas, e tornou a avistal-a pelo braço de Graval que se desfazia em sorrisos e attenções. Então não poude mais, sentiu que o destino lhe cortava o sonho a que se entregara; e foi-se embora.

—O que veiu elle cá fazer? perguntava-se nos grupos. Não conversou um pouco mais demoradamente senão com Graval.

Peyraud, que tambem fazia essa pergunta a si mesmo, ouviu Diel responder a alguem com a sua voz sibilante:

—Mas é que vão tornar-se intimos, Graval e elle... Não sabem que Graval está para casar com uma pessoa da intimidade de Teissier, aquella rapariguinha magra e loura que sahe agora mesmo da outra sala... Parece que foi Teissier que fez o casamento...

Só dois dias depois é que Miguel teve força para dizer a Suzanna, emquanto almoçavam:

— Uma noticia que ha de interessar-te: M.elle Estève vae casar.

Suzanna teve um gesto de surpreza ainda desconfiada:

— Ah!... Com quem?

— Com Graval, o historiador, o ex-deputado...

Ella hesitou, e não conteve o grito de rancor que lhe subiu aos labios:

— E' um bom casamento!...

Depois, comprehendendo que esta phrase offendia profundamente Miguel, arrependeu-se de a ter dito:

— Consultaram-te, talvez? continuou ella.

Elle respondeu sêccamente:

— E' verdade, consultaram-me.

Suzanna sentiu como que uma força que a impellia a levantar-se da mesa, a aproximar-se de Miguel, a pôr-lhe as mãos nos hombros e a dizer-lhe: «Foste corajoso e amo-te!» Não fez nada d'isto; detinha-a outra força, que venceu, emquanto ella commentava a noticia comsigo mesma; Branca ia casar-se; mas ficava entre elles da mesma maneira porque Miguel continuava a amal-a. N'esse caso, que importava que estivessem separados por um obstaculo ainda mais invencivel? O que importava que, de accordo um com o outro, accumulassem os abysmos entre si?... Os seus corações transpunham-os: já não se viam, soffriam mas amavam-se ainda... Depois, assaltou-a um mau pensamento: quem sabe se esse casamento, em vez de separal-os mais, não iria lançal-os nos braços um do outro? quem sabe se elles não tinham pensado n'isso?

E, depois de um momento de silencio, disse, em tom aggressivo:

— Espero que ha de ser feliz!

Miguel não respondeu.

De repente, Lourença, que escutara com uma gravidade pouco usual n'ella, exclamou:

— Eu, quando fôr crescida, é com a mamã que hei de casar!...

— Tola, não se casa com a mamã, explicou Annie.

Suzanna beijou a creança, que lhe perguntava:

— E' verdade?

Miguel não sorrira uma unica vez.

Quando o almoço terminou, mulher e marido foram cada um para seu lado, sem uma palavra amigavel, sem um olhar.

VII

Ha uma monotonia tragica n'estas existencias apparentemente exteriores, que parecem devoradas por mil occupações diversas e que, no emtanto, pertencem completamente a um unico segredo. Uns certos homens andam d'aqui para ali, trabalham, luctam, impõem-se ao publico, dominam-o ou governam-o, conquistam a gloria e a riqueza. Admiram-os, invejam-os, julgam-os felizes por possuirem estas ninharias vulgares, por parecer que desenvolvem largamente a sua personalidade superior, que deixam expandir a alma.

Mas não: no intimo d'elles ha um sentimento mais poderoso que a actividade, mais vasto que as ambições; e, emquanto que estas podem ostentar-se á vontade, repellindo o que as incommoda, aquelle, encerrado n'um estreito recanto do coração, vegeta ahi na dôr, magoado e comprimido. Para o mundo, possuem tudo; a unica cousa, porém, que desejam, não podem obtel-a. Não podem porque são elles proprios o seu obstaculo invencivel: a sua força de combate, as faculdades que os elevaram ao primeiro logar na lucta pela vida, não lhes servem aqui de nada. Ou antes, servem-lhes para se vencerem, para se torturarem e recuarem heroicamente perante a solução banal a que os corações vulgares recorrem instinctivamente nos problemas da paixão. Conhecem o mundo, sabem quaes são as contradicções da nossa sociedade contemporanea, o pouco caso que ella faz da virtude, a maneira como alargou a idéa do dever, a ponto de destruil-a, o respeito que tem pelos que resistem aos seus appetites em vez de os satisfazerem; sabem que, no fundo, o que

mais se censura n'elles é a lucta, a qual faz um crime do que para os outros é apenas um habito ou um accidente; sabem que os audaciosos são tratados com indulgencia porque os julgam fortes, e os hesitantes ccm severidade por que os consideram fracos. Sabem tudo isto: estas idéas, estas tentações palpitam-lhes nas veias, augmentando a febre do desejo. Comtudo, não cedem: e, com a morte na alma, o coração torturado, continuam a representar o seu papel na vida, irreprehensiveis e desesperados, invejando secretamente os inconscientes que são arrastados pelo instincto, achando apenas uma ligeira consolação em se ergue-rem acima do seu mal, no sentimento da sua superiorida-de. Algumas vezes, o seu triumpho é definitivo; só elles então sabem o que lhes custou esse drama interior cujo desenlace se executa no meio do silencio e do esqueci-mento. Outras vezes, porém, cahem prostrados, vencidos repentinamente: então, quanto mais alto estão, mais a que-da é mortal; a opinião esmaga-os com uma ferocidade tanto mais implacavel quanto mais tempo elles a dominaram; soffrem todas as censuras que merecem menos: julgam-os fracos porque a vontade, n'elles, quebrou-se por ter sido retezada em excesso; hypocritas, porque tiveram o pudor do mal; perversos porque a consciencia os obrigou a vêr claramente no abysmo.

Nunca Teissier foi mais activo, mais poderoso, mais se-nhor da sua palavra, mais habil calculador dos seus actos publicos do que nas semanas seguintes á crise que acaba-va de atravessar. Em poucos dias tinha-se esquecido a sua retirada singular durante a discussão dos creditos coloniaes, ou mesmo alguns dos seus partidarios, irritados, ao prin-cipio, chegavam a pensar que talvez essa retirada fosse boa tactica: emfim, logo que esse silencio passou por calculo, cessaram de discutil-o. Quem o visse na Camara, quem o ouvisse nas commissões, quem lesse os artigos da *Ordem* que tinham a sua marca, se não a assignatura, não seria capaz de adivinhar que esse robusto luctador não se sen-

tia viver e que, logo que deixava um momento de aturdir-se no turbilhão dos seus actos e das suas palavras, o desespero arrastava-o á loucura. Muitas vezes emquanto discutia algarismos ou projectos de lei em alguma repartição, o pensamento fugia-lhe d'ali: então, como se duplicasse, continuava, com a sua lucidez habitual, não obstante a alma estar ausente. No espirito enfermo germinavam-lhe assim projectos insensatos. Um dos mais loucos era raptar Branca no dia da assignatura do contracto, ou mesmo no dia do casamento, entre a ceremonia civil e a religiosa, ou durante o jantar. Comprazia-se a combinar com todos os pormenores esse engenhoso campitulo de romance: resistiam, ambos, até ao ultimo instante, resolvidos a levarem o sacrificio até ao fim; mas, quando chegava o dia fatal, desvairado lembrando-se de que Branca ia pertencer a outro, sentindo-se enlouquecer com as imagens que o perseguiam, aproximava-se d'ella e dizia-lhe:

«Venha!»

Ella comprehendia immediatamente, e respondia:

«Vou.»

E seguia-o, no seu trajo de noiva.

(Continúa)

Edouard ROD.

A BATALHA DE TOLBIAC

Clodewig, o rei dos frankos, notou durante a batalha que os allemães iam ganhar a victoria pela superioridade do numero;

Corta de repente a multidão do campo, sobre um corcel fogoso; vêem-no passar em frente dos nobres, por deante do grosso do exercito;

Ergue ao céu as duas mãos para o juramento; e com uma voz de ferro que retumba atravez das fileiras:

«Christo Deus, exclama elle, Deus da cruz, Deus que a minha esposa adora, se tu és o Deus dos combates, que desce ao meio do pavôr;

«Ajuda-me a domar este povo, põe a victoria em minhas mãos, e que as margens do Necker e do Rheno sejam forçadas a reconhecer o poder dos frankos!

«Ajuda-me, e eu te proclamarei meu Deus, e edificar-te-hei egrejas e capellas, e ensinarei aos nobres frankos a não venerarem outro Deus senão a ti!»

Diz, e do seio das nuvens avança radiante de fógos, esplendido, o sol. Uma nova coragem anima os corações e centuplica as forças do pequeno exercito.

O proprio Clodewig empunha a bandeira; precipita-se com ella para o meio das fileiras inimigas, e os frankos cheios de ardor seguem-o impetuosos, soltando gritos ferozes.

O espanto apodera-se dos batalhões allemães; voltam as costas e fogem desordenados. A sua gloria guerreira eclipsou-se de todo; acabou para sempre o seu poder e a sua liberdade!

O rei Clodewig fez-se baptisar assim como o seu nobre povo, e o imperio dos frankos dominou d'ahi em deante todas as tribus allemãs.

Karl SIMROCK.

Nota.— Karl Simrock (1802-1876) poeta allemão, é sobretudo um poeta traductor; mas que empregou nas traducções das obras da edade média, principalmente dos *Nibelungen*, uma força verdadeiramente creadora. Na intimidade da velha Allemanha, creou para seu uso um patriotismo intransigente,— o qual lhe inspirou, cêrca de 1870, um volume de *Cantos de guerra*,— e ao mesmo tempo uma simplicidade franca e viva que dá um grande viço ás suas *Lendas*.

O FIM DO MUNDO

Vi em seguida um ceu novo e uma terra nova; porque o primeiro ceu e a primeira terra tinham passado.

APOCALYPSE, XXI, 1.

PRIMEIRA PARTE

No seculo XXV—As theorias

CAPITULO IV

Como ha de acabar o mundo

(Continuação)

A hora final chegará, sobre isso não ha duvida, e no entretanto a maior parte dos homens não crêem em tal.

MAHOMET, *Alcorão*, XL, 61.

Mas talvez seja util dar aqui algumas palavras de explicação.

Os observatorios estabelecidos nas mais altas montanhas do globo estavam, como vimos, ligados telephonicamente com o observatorio de Paris, e os telephones de chegada falavam a distancia, sem ser preciso encostar nenhum apparelho receptor ao ouvido. O leitor recorda-se sem duvida, que no fim da sessão precedente tinham trazido um phonogramma do monte Gaorisankar annunciando uma mensagem photophonica dos habitantes de Marte, a qual iam

decifrar immediatamente. Como a interpretação d'esse documento ainda não tinha sido recebida no momento da abertura da segunda sessão, a administração das communicações electricas tinha posto o Instituto em relação com o Observatorio, e um telephonoscopio havia sido suspenso na cupula do amphitheatro no momento mesmo em que se tinham aberto as portas.

Cahindo de cima a voz dizia:

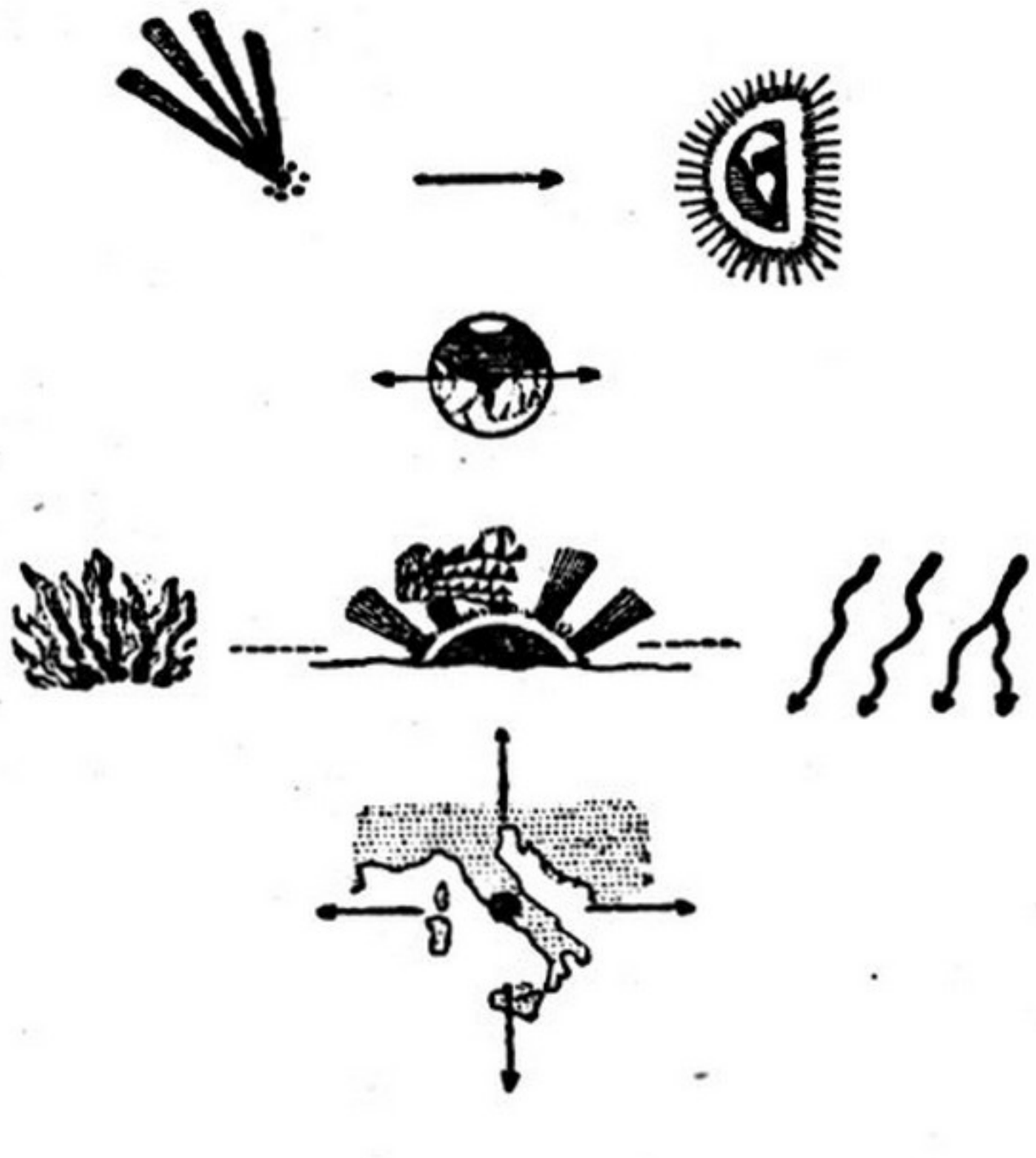
«*Os astronomos da cidade equatorial de Marte previnem os habitantes da Terra que o cometa chegará directamente sobre elles com uma velocidade egual a quasi o dobro da velocidade orbital de Marte. Movimento transformado em calor e calor em electricidade. Intensa tempestade magnetica. Afastar-se da Italia.*»

A voz calou-se no meio do silencio e da estupefacção de todos os espiritos, com excepção de alguns scepticos ainda, porque um d'elles, director do jornal *A Critica Alegre,* assestando um monoculo no olho direito, levantara-se na tribuna dos reporters e exclamara em voz de ensurdecer:

«Veneraveis sabios, estou com muito receio de que o Instituto seja victima de alguma grande e boa partida. Ninguem me poderá fazer acreditar, que os habitantes de Marte —admittindo mesmo que elles existam e realmente nos enviem advertencias — conheçam a Italia pelo seu nome. Pela minha parte, ponho muitas duvidas em que algum d'elles tenha lido os *Commentarios de Cesar* ou a *Historia dos Papas*, tanto mais que...

De repente, o orador, que principiava a lançar-se n'um interessante dithyrambo, foi detido pela extincção subita da electricidade. A sala ficou mergulhada na escuridão, exceptuando um grande quadro luminoso no tecto. A voz accres-

centou quatro palavras: «*Eis o despacho martiano,*» e immediatamente se viu apparecerem os seguintes signaes sobre a placa do telephonoscopio:



Como se não podia examinar este despacho no tecto senão tendo a cabeça levantada n'uma posição extremamente fatigante, o Presidente fez ouvir uma campainha electrica, appareceu um auxiliar, e por meio de um apparelho de projecção e de um espelho transportou esses hieroylyphos para o alvo extendido atraz da presidencia da assembleia. D'esse modo, todos os olhos tiveram deante de si a communicação celeste e puderam analysal-a á sua vontade.

Analyse facil, aliás, pois nada era mais simples do que a sua leitura. A figura do cometa denuncia-se por si mesma. A setta indica o seu movimento para um corpo celeste que, visto de Marte, apresenta phases, mas tem raios como uma estrella: é a Terra, e é naturalissimo que os habitantes de Marte a representem sob esse aspecto; porque os olhos d'elles, tendo-se formado em um meio menos luminoso do que o nosso, são um pouco mais sensiveis e dis-

tinguem as phases da Terra, tanto melhor quanto a sua atmosphera é rarefeita e transparente (as phases de Venus estão para nós justamente no limite da visibilidade.) Vê-se em seguida o globo de Marte visto do lado do mar da Ampulheta, o mais caracteristico da geographia martiana, e o traço que o atravessa indica para a velocidade do cometa uma velocidade egual ao duplo, pouco mais ou menos, da velocidade orbital de Marte, um pouco menos. As chammas indicam a transformação do movimento em calor; a aurora boreal e os relampagos que se lhe seguem, a transformarão em electricidade e em força magnetica. Finalmente, reconhece-se a bota da Italia, que é perfeitamente visivel da distancia de Marte, e o aspecto assignala o ponto ameaçado segundo os calculos d'elles, por um dos elementos mais perigosos do nucleo do cometa, ao mesmo tempo que quatro settas irradiando para os quatro pontos cardeaes parecem dar o conselho de se afastarem do ponto ameaçado.

A mensagem photophonica dos martianos era mais comprida e mais complicada. Já os astronomos de Gaorisankar haviam recebido muitas e tinham reconhecido que eram enviadas por um centro intellectual e scientifico muito importante da zona equatorial de Marte, não longe da bahia do Meridiano. Esta ultima mensagem era a mais grave e resumia-se afinal na interpretação precedente. O resto não foi transmittido. Era mais obscuro, e a sua traducção não era segura.

O presidente agitou a campainha. Cumpria-lhe, effectivamente, dar uma peroração ao que até ahi se tinha dito, uma conclusão a tudo quanto se acabava de ouvir:

«Senhores, disse elle, o ultimo despacho do Gaorisankar impressionou-os com razão. Parece, effectivamente, que os habitantes de Marte estão mais adeantados do que nós nas sciencias, o que não teria nada de surprehendente, pois

são muito mais antigos do que nós, e o progresso teve já ali innumeros seculos para se desenvolver. Alem d'isso, póde ser que a sua organisação seja mais perfeita do que a nossa; podem ter melhores olhos, instrumentos mais penetrantes, e faculdades intellectuaes transcendentes. Reconhecemos por outro lado que os seus calculos concordam com os nossos emquanto ao encontro; mas são mais precisos pois designam o ponto do globo, que ha de ser mais violentamente chocado. Pode, portanto, seguir-se o conselho de se afastar da Italia, e eu vou immediatamente telephonar para o Papa, o qual, n'este momento mesmo, reune em Roma todos os bispos da christandade.

«Assim, o cometa vae encontrar a Terra, e ninguem póde ainda prevêr o que succederá. Mas, segundo toda a probabilidade, a commoção será parcial, e o fim do mundo não será consequencia d'ella. O oxydo de carbone, é indubitavel, não penetrará as camadas respiraveis da nossa atmosphera. Haverá, todavia, um desenvolvimento enorme de calor.

«Emquanto ao fim real do mundo, das diversas hypotheses que nos permittem desde hoje presagial-o, a mais provavel é a que vem de ser adoptada pelo sr. director do Observatorio. Por um lado, a vida do nosso planeta está suspensa dos raios do Sol e, emquanto o Sol brilhar, a humanidade póde quasi estar segura de viver; mas por outro lado, a diminuição da atmosphera e do vapor d'agua provocará antes o reinado do frio. No primeiro caso, teriamos ainda uns trinta milhões d'annos a viver; no segundo uns dez milhões sómente. Mas o resultado é o mesmo. É pelo frio que o mundo ha de acabar.

Esperemos sem excessiva commoção o acontecimento de 14 de julho. No entanto, eu aconselharia aos que puderem fazel-o que vão passar estes dias de crise em Chicago, ou mesmo um pouco mais longe, em São Francisco, Honolulu, em Liberty ou em Numea. Os transatlanticos aerios electricos são bastante numerosos e teem commodos sufficien-

tes para transportarem viajantes d'aqui até sexta feira á noite.

«Accrescentarei emfim que não andou nem anda mal quem tome certas precauções contra o choque cometario e prepare convenientemente os subterraneos, as adegas enterradas, os tunneis. É fóra de duvida que soffreremos uma terrivel borrasca, a qual poderá durar muitas horas, e talvez durante ellas tenhamos de respirar uma atmosphera bem suffocante. Mas, senhores, as victimas — e infelizmente não serão poucas — morrerão sobretudo de medo. Tenhamos, pois, sangue frio, e saibamos que o encontro celeste, o qual, não o esqueçamos, poderá talvez ser absolutamente innoffensivo, só durará algumas horas e passará, deixando a humanidade viver como precedentemente ao bom sol da natureza.»

V

O concilio do Vaticano

A afflicção será tão grande como jámais se viu outra egual desde o começo do mundo

Jesus Christo, Evagelhos (MATHEUS, XXIV.)

Emquanto se realisavam em Paris as precedentes discussões scientificas, reuniam-se assembléas do mesmo genero em Londres, em Chicago, em S. Petersburgo, em Yokoama, em Melbourne, em New-York, em Liberty, e em todas as principaes cidades do mundo, esforçando-se, cada uma com as suas luzes, em encarar as diversas soluções do grande problema que provocava tão universalmente a attenção da humanidade. Em Oxford, principalmente, a Egreja reformada reunia um synodo theologico no qual as tradicções e as interpretações religiosas eram longamente

controvertidas. Seria interminavel referir e mesmo resumir aqui todos esses congressos. Comtudo, não podemos deixar de recolher o do Vaticano, como o mais importante sob o ponto de vista religioso, do mesmo modo que as sessões do Instituto de Paris tinham sido as mais importantes sob o ponto de vista scientifico.

Havia muito tempo que tinha sido convocado pelo soberano Pontifice Pio XVIII um concilio ecumenico de todos os bispos, para votar a adopção de um novo artigo de fé destinado a completar o da infallibilidade papal, proclamado em 1870, assim como os tres outros accrescentados depois. D'esta vez tratava-se da divindade do papa. A alma do pontifice romano, eleito pelo conclave sob a inspiração directa do Espirito Santo, devia ser declarada participar dos attributos do Ser Eterno, não poder errar a partir do seu sacerdocio papal, não sómente nas decisões theologicas *ex cathedra*, mas ainda em todos os negocios puramente humanos, e pertencer de pleno direito á immortalidade paradisiaca dos Santos que rodeiam immediatamente o throno de Deus e que compartilham a gloria do Altissimo. Um certo numero de prelados modernos, diga-se a verdade. não consideravam a religião senão no ponto de vista do papel social que ella póde desempenhar na obra da civilisação. Mas os pontifices da antiga escola admittiam ainda a Revelação, muito sinceramente, e os ultimos papas, entre outros, tinham todos sido verdadeiros modelos de sabedoria, de virtude e de santidade. O concilio anticipara-se um mez por causa da ameaça cometaria; pois esperava-se que a solução theologica da questão derramasse uma viva luz na alma agitada dos fieis, e talvez levasse a tranquillidade perfeita ás consciencias pacificadas.

Não temos que nos preoccupar aqui com as sessões do concilio relativas ao novo artigo de fé. Diremos apenas que elle tinha sido votado por uma grande maioria (451 *sim* e 88 *não*.) Tinham sido bem notados os votos negativos de quatro cardeaes e de vinte e cinco arcebispos ou bis-

pos francezes; mas a maioria tinha força de lei e, tendo sido solemnemente proclamado o dogma da divindade do papa, viu-se quatrocentos e cincoenta e um prelados prostrarem-se ao pé do throno pontifical e adorarem o «Divino Padre,» expressão que substituia havia muito tempo já a antiga qualificação de «Santo Padre.»

Nos primeiros seculos do christianismo, o titulo honorifico dado ao papa tinha sido «Vosso Apostolado;» posteriormente, tinha-se substituido a esse titulo antigo o de «Vossa Santidade;» d'ahi em deante devia dizer-se: «Vossa Di vindade». A ascensão do titulo fôra assim continuada até ao zenith.

O concilio dividira-se em um certo numero de secções ou de commissões de estudos, e a questão, aliás muitas vezes agitada, do flm do mundo, tinha feito o objecto exclusivo de uma d'essas commissões. O nosso dever é reproduzir aqui, tão exactamente quanto possivel, a physionomia da sessão principal consagrada a esta discussão.

O patriarcha de Jerusalem, homem de grande piedade e de fé profunda, fôra o primeiro a tomar a palavra. Expressára-se em latim, mas eis a traducção fiel das suas palavras:

«Venerandos padres, o mais acertado que tenho a fazer perante este respeitavel auditorio, é abrir e lêr os santos Evangelhos. Peço licença para lêr textualmente:

«Quando virdes que a abominação da desolação, a qual foi predita pelo propheta Daniel, está no logar santo; o que lê, entenda;

«Então os que se acham em Judéa, fujam para os montes;

«E o que se acha no telhado, não desça a levar cousa alguma de sua casa;

«E o que se acha no campo, não volte a tomar a sua tunica;

«Mas ai das que estiverem pejadas, e das que criarem n'aquelles dias;

«Rogae, pois, que não seja a vossa fuga em tempo de inverno, ou em dia de sabbado;

«Porque será então a afflição tão grande, que desde que ha mundo até agora, não houve nem haverá outra semelhante;

«E se não se abreviassem aquelles dias, não se salvaria pessoa alguma: porém abreviar-se-hão aquelles dias em attenção aos escolhidos; [1]

«... Porque assim como o relampago, que fuzilando na região inferior do ceu, faz clarão desde uma até á outra parte: assim será o Filho do Homem no seu dia.

«E haverá signaes no Sol, e na Lua, e nas Estrellas, e na Terra consternações das gentes pela confusão em que as porá o bramido do mar e das ondas;

«Mirrando-se os homens de susto, e na espectação do que virá sobre todo o mundo, porque as virtudes dos ceus se abalarão;

«E, então, verão o Filho do Homem, que virá sobre uma nuvem com grande poder e magestade; [2]

«Estae vós, pois, sobre aviso: olhae, que vos preveni de tudo;

«N'aquelles dias, depois d'aquella tribulação, o Sol se escurecerá, e a Lua não dará o seu resplendor;

«E cahirão as estrellas do ceu, e se commoverão as virtudes que estão nos ceus;

«E então verão o Filho do Homem, que virá sobre as nuvens, com grande poder e magestade;

«E então enviará os seus anjos, e ajuntará os seus escolhidos de todos os quatro ventos, desde a extremidade da terra até á extremidade do ceu. [3]

Taes são, meus veneraveis irmãos, as palavras de Jesus Christo.

---

[1] Matheus, XXIV, vers. 15 a 22.
[2] Lucas, XXI, vers. 25 a 27.
[3] Marcos, XII, Ivers. 23 a 27.

«E o senhor teve o cuidado de accrescentar:

«Em verdade vos digo, que não passará esta geração, sem que tudo isto seja cumprido.

«Passará o ceu e a terra; mas não passarão as minhas palavras;

«A respeito, porém, d'este dia ou d'esta hora, ninguem sabe quando ha de ser, nem os anjos no ceu, nem o filho; mas só o pae.»

«Estas palavras são tomadas textualmente nos sagrados Evangelhos. Bem sabeis que n'este ponto os evangelistas são unanimes.

«Sabeis, tambem, reverendissimos padres, que o Apocalypse de S. João expõe em termos mais tragicos ainda a grande catastrophe final. Mas as sagradas Escripturas são conhecidas de cada um de vós, palavra por palavra, e parecer-me-ia superfluo, se não mesmo deslocado, deante da erudição que me escuta, accrescentar aqui citações, que todos conheceis tão bem.»

Tal foi o exordio do discurso do patriarcha de Jerusalem. Dividiu elle a sua allocução em tres pontos: 1.º a palavra de Jesus Christo; 2.º a tradição evangelica; 3.º o dogma da ressurreição dos corpos e do julgamento final.

Começado sob a fórma de exposição historica, o discurso não tardou a transformar-se em uma especie de sermão de vasta amplitude, e quando o orador, tendo passado de S. Paulo a Clemente de Alexandria, Tertuliano e Origenes, chegou ao concilio de Nicéa e ao dogma da resurreição universal, deixou-se arrebatar pelo seu assumpto n'uma exaltação sublime, que revolveu no mais intimo toda a assembléa dos bispos.

Muitos d'elles, que já não acreditavam, sentiram-se invadidos pela fé apostolica dos primeiros seculos, tão grande é a força da eloquencia. Deve dizer-se que o scenario da reunião prestava-se maravilhosamente ao assumpto. Era na capella Sixtina. O immenso e grandioso quadro de Mi-

guel-Angelo erguia-se como um novo ceu apocalyptico em frente de todos os olhos. A formidavel accumulação de corpos, de braços, de pernas, em perspectivas violentas e extravagantes, o Christo fulminante, os condemnados impellidos e arrastados por diabos de faces bestiaes, os mortos que saem das sepulturas, os esqueletos que se recobrem de carnes e regressam á vida, o temeroso espanto da humanidade tremendo sob a colera de Deus, todo esse conjuncto parecia dar uma vida, uma realidade aos eloquentes periodos oratorios do patriarcha, e por momentos, sob certos effeitos de luz, julgava-se vêr avançar as trombetas do julgamento, ouvir mesmo os sons longinquos da chamada celeste e vêr agitar-se e reviver entre ceu e terra todas essas carnes resuscitadas!

Apenas o patriarcha de Jerusalem havia concluido a peroração do seu discurso, logo um bispo independente, um dos mais férvidos dissidentes do concilio, o sabio Mayerstross, precipitou-se para a tribuna e começou sustentando que nada devia ser tomado á letra nos evangelhos, nas tradições da Egreja, e mesmo nos dogmas. «A letra mata exclamou elle; o espirito vivifica! Tudo se transforma, tudo soffre a lei do progresso. O mundo caminha. Os christãos esclarecidos não podem já admittir nem a resurreição dos corpos, nem o regresso de Jesus n'um throno de nuvens, nem o julgamento ultimo. Todas essas imagens, accrescentou elle, eram boas para a Egreja das catacumbas! Ha muito tempo já que ninguem crê em tal. Semilhantes idéas são anti-scientificas, e, reverendissimos padres, não ignoraes, como eu não ignoro, que hoje é necessario estar de accordo com a sciencia, a qual deixou de ser, como no tempo de Galileu, a serva humilde da theologia: *Theologiæ humilis ancilla*. Os corpos não podem ser reconstituidos, mesmo por um milagre, visto como as suas moleculas regressam á natureza e pertencem successivamente a innumeros sêres, vegetaes, animaes e humanos. Nós sômos formados da poeira dos mortos, e, no futuro, as molecu-

las d'oxygenio, d'hydrogenio, de azote, de carbone, de phosphoro, d'enxofre ou de ferro, que constituem as nossas carnes e os nossos ossos, serão encorporadas em outros organismos, humanos ou brutos.

É uma troca perpetua, mesmo durante a vida. Morre um ser humano por segundo, mais de oitenta e seis mil por dia, mais de trinta milhões por anno, mais de tres mil milhões por seculo. Cem seculos — e este tempo não é enorme na historia de um planeta, — cem seculos apenas, dariam trezentos mil milhões de resuscitados. A humanidade terrestre, mesmo que ella não vivesse mais do que cem mil annos — e aqui ninguem ignora que os periodos geologicos e astronomicos se enumeram por milhões d'annos — deveria lançar na planicie do Julgamento uma cousa parecida com tres milhões de milhões d'homens, de mulheres, e de creanças resuscitadas. E a minha avaliação não póde ser mais modesta, pois que não metto em linha de conta o accrescimo secular da população terrestre. Responder-me-heis, talvez, que só os christãos é que hão de resuscitar! N'esse caso, o que será feito dos outros? Dois pesos e duas medidas! A morte e a vida! A noite e o dia! O preto e o branco! A injustiça divina e o capricho reinando sobre a creação! Não póde ser; com certeza que não acceitaes esta solução. A lei eterna é a mesma para todos. Pois bem! esses milhares de milhões de milhões de resuscitados, onde os haveis de pôr? Mostrae-me o valle de Josaphat sufficientemente vasto para os conter. Imaginaes espalhal-os em toda a superficie do globo? Supprimis os oceanos e os gêlos dos polos? Envolveis a Terra em uma floresta de corpos humanos? Pois seja! Como é que os dos antipodas hão de vêr o Homem Deus? Dará elle volta ao mundo? Admitto-o. E depois? O que ha de ser feito d'essa immensa população? Transportaes os eleitos para o céu e os condemnados para o inferno? Para onde?... Difficuldades sobre difficuldades, absurdos sobre absurdos. Não, meus reverendissimos Padres, as nossas crenças não devem, não

pódem ser tomadas á letra. Quizera que não houvesse aqui theologos de olhos fechados que olhem para dentro, mas sim astronomos de olhos abertos que olhem para fóra!»

Estas palavras tinham sido pronunciadas no meio de um tumulto indescriptivel; por muitas vezes tinham querido retirar a palavra ao bispo croata, muitas vezes lhe tinham mostrado punhos cerrados, chamando-lhe scismatico; mas os regulamentos mesmo do concilio se oppunham a isso, e a maior liberdade interior havia sido deixada á discussão. Um cardeal irlandez veiu chamar sobre elle os raios da Egreja e falou de excommunhão e de anáthema; mas viu-se um dos prelados da Egreja gallicana, não dos menores, o arcebispo de Paris em pessoa, subir á tribuna, e declarar que o dogma da resurreição dos mortos podia ser discutido, sem incorrer em nenhuma censura canonica, e ser interpretado por uma conciliação entre a razão e a fé. Podia-se, no seu entender, admittir o dogma, reconhecendo ao mesmo tempo racionalmente impossivel a resurreição dos nossos proprios corpos!

«O Doutor angelico, disse elle falando de S. Thomaz, assegurava que a dissolução completa de todos os corpos humanos será operada pelo fogo antes da resurreição *(Summa theologica, III.)* Accrescentarei de bom grado, com dom Calmet *(Dissertação sobre a Resurreição dos mortos,)* que não é impossivel á omnipotencia do Creador reunir as moleculas dispersas, de tal modo, que, no corpo resuscitado não haja nenhuma que lhe não tenha pertencido em qualquer época da sua vida mortal. Mas semelhante milagre não é necessario. S. Thomaz foi o proprio a demonstrar *(loco citato)* que esta identidade completa de materia não é de nenhum modo indispensavel para estabelecer a identidade perfeita do corpo resuscitado com o corpo destruido pela morte. É certo que não compartilho das idéas um pouco subversivas do nosso honroso collega, mas

penso como elle que a letra deve dar logar ao espirito.

«Qual é o principio da identidade dos corpos vivos? Seguramente, não consiste na identidade completa e persistente da *materia* d'esses corpos. Com effeito, n'este fluxo continuo e n'esta renovação incessante que constituem o jogo da vida physiologica, os materiaes que pertenceram successivamente a um mesmo corpo humano desde a infancia até á velhice bastariam para formar uma estatua colossal. N'esta torrente da vida, os materiaes passam e mudam sem cessar; mas o organismo mantem-se o mesmo, apezar das suas modificações de grandeza, de fórma, de constituição intima. A haste nascente do carvalho, occulta entre os seus dois cotyledons, terá deixado de ser o mesmo vegetal quando se houver tornado um carvalho magestoso? O embryão da lagarta, ainda contido no ovo, terá deixado de ser o mesmo insecto, quando se tiver tornado lagarta, depois chrysallida, depois borboleta? O feto humano terá deixado de ser o mesmo individuo, quando se houver tornado creança, homem, velho? Não, com certeza. Ora, no carvalho, na borboleta, no homem, resta por ventura uma unica das moleculas ponderaveis da haste nascente do carvalho, do embryão da lagarta, do feto humano? Qual é pois o principio que persiste atravez de todas essas mudanças? Esse principio é qualquer cousa real, e não imaginaria. Não é a alma, porque as plantas vivem e não teem alma no sentido que devemos ligar a esta palavra. É todavia, um agente imponderavel. Sobrevive elle ao corpo? É possivel. S. Gregorio de Nyssa assim o pensava. Se fica unido á alma, pode ser chamado a restituir-lhe um novo corpo identico áquelle que a morte dissolveu, quando mesmo esse corpo não possua *nenhuma das moleculas* que possuiu n'um momento qualquer da sua vida terrestre, e esse será tanto o nosso corpo como o foi aquelle que tivemos aos cinco, aos quinze, aos trinta ou aos sessenta annos.

«Tal corpo concorda perfeitamente com as expressões da Escriptura Sagrada, segundo a qual é certo que, depois

de terem vivido os corpos e as almas uma vida separada, as almas retomarão os seus corpos no fim dos tempos e para todo o sempre.

«A S. Gregorio de Nyssa, permitti-me, reverendissimos padres, que eu accrescente um philosopho, Leibnitz, cuja opinião era que o principio da vida physiologica é imponderavel, mas não incorporeo, e que a alma fica unida a esse principio quando é separada do corpo ponderavel e visivel. Não pretendo nem acceitar esta hypothese, nem rejeital-a. Noto simplesmente que ella pode servir para explicar o dogma da ressurreição, no qual todo o christão deve crer de uma maneira absoluta.

—Essa tentativa de conciliação entre a razão e a fé, interrompeu o bispo crcata, é digna de elogios, mas parece-me mais engenhosa do que acceitavel. Parecer-se-hão esses corpos com os nossos? Se são perfeitos, incorruptiveis, appropriados á sua nova condição, não devem possuir nenhum orgão de que não tenham que se servir. Para que hão de ter bocca, pois se não tornarão a comer? Para que hão de ter pernas, se não tornarão a andar? Para que hão de ter braços, se não trabalharão mais? Para quê?... Um dos nossos antigos padres, Origenes, de quem não esqueceu jámais o heroico sacrificio pessoal, pensou que esses corpos deveriam ser bolas perfeitas. Seria logico; mas é fóra de duvida, que nem seria bello nem muito interessante.

—É preferivel admittir com S. Gregorio de Nyssa e Santo Agostinho, replicou o arcebispo de Paris, que os corpos resuscitados terão a forma humana, veu transparente da belleza da alma.»

Foi n'estes termos que o cardeal francez resumiu a opinião moderna da Egreja sobre a resurreição dos corpos. Emquantc ás objecções apresentadas sobre o logar da resurreição, o numero dos resuscitados, a exiguidade da superficie do globo terrestre, a morada definitiva dos elei-

tos e dos condemnados, foi impossivel entenderem-se, por causa de contradicções insoluveis.

Devemos, comtudo, assignalar a idéa muito original emittida por um prégador do Oratorio, candidato á purpura, que o mundo futuro destinado a receber os resuscitados será um immenso globo ôco, illuminado no centro por um sol inextinguivel, e habitado pela sua face interna: assim, dizia elle, seria resolvido o problema do dia eterno da vida futura.

A impressão que subsistiu nos pensamentos foi, apesar de todas as proposições, que tambem n'isto deviam tomar-se as cousas no sentido figurado; que nem o ceu nem o inferno dos theologos devem representar logares precisos; que isso são estados d'alma, de felicidade ou de desgraça, e que a vida eterna, qualquer que seja a sua forma poderá e deverá cumprir-se nos mundos innumeraveis, que povôam o espaço infinito.

(Continua.)

Camillo FLAMMARION.

A ULTIMA ENTREVISTA

No meiado do outomno, n'um d'estes tempos calmos do mez de setembro, em que o céu brilha com a serenidade especial dos ultimos dias bonitos do anno, um rapaz que parecia ter, pouco mais ou menos, trinta annos, deixava, na estação de Sèvres, o comboyo que se dirigia para Versailles, e encaminhava-se para a estrada que conduz a Ville d'Avray. Acompanhava-o uma mulher, cuja *toilette* matinal indicava uma pessoa habituada ás elegancias da vida parisiense. Logo que sahiram da gare e mal tinham dado alguns passos na estrada, a mulher ergueu rapidamente o véu que conservara descido durante o trajecto do caminho de ferro. Com um movimento que parecia indicar um sentimento de curiosidade reprimida durante muito tempo, o seu companheiro curvou-se para ella e contemplou-a um momento, sem dizer nada; e, no emtanto, quantas palavras n'esse olhar rapido, e que palavras! Vendo-se assim examinada e tão de perto, a mulher não poude deixar de estremecer; um ar de inquietação appareceu-lhe e desvaneceu-se-lhe logo no rosto, onde um alegre sorriso apagou todos os ves-

tigios da commoção passageira que não pudera occultar. Parecia ter a mesma edade que o seu companheiro, talvez menos um anno ou dois; não era formosa, nem bonita mesmo, mas as suas feições irregulares eram extremamente sympathicas, e os seus olhos da côr do mar, que brilhavam com um brilho terno e puro ao mesmo tempo, espalhavam-lhe no rosto um encanto vago, de uma seducção indefinivel; emfim, devia pertencer a um certo genero de mulheres cuja convivencia póde não inspirar nenhum capricho, mas pelas quaes nunca se sente menos de que uma paixão profunda. Duas ou tres rugas imperceptiveis atravessavam-lhe a testa, cuja brancura mate era realçada pela cabelleira negra e lustrosa que a emmoldurava. A essa pallidez, que não era a côr baça de uma melancolia de convenção, ou de uma saude delicada, juntava-se, a pouco e pouco, havia alguns instantes, um colorido rosado que parecia indicar a transpiração de um bem estar interior, e que lhe dava ao rosto uma animação encantadora.

Iam assim ambos por um bello caminho, debaixo de grandes arvores levemente agitadas pela brisa; a verdura estendia-se para traz, na frente e em toda a parte; aqui jardins, além campos, mais longe, bosques que o outomno começava a tingir com as suas côres fulvas; — por cima d'elles, um formoso céu onde o verão mostrava os seus ultimos esplendores; aos seus pés, a relva ainda verde, onde mal deixavam vestigios dos passos, tal era a ligeireza com que caminhavam, elle, com pressa de chegar ao seu destino, de certo, e ella querendo seguil-o. Quem os encontrasse assim pelo braço um do outro, poderia dizer-lhes: De onde veem? Mas não se lembraria de perguntar para onde iam, pois bastava o rasto amoroso que deixavam á passagem para fazel-o adivinhar. Comtudo, iam andando quasi sem falar, trocando unicamente, de espaço a espaço, algumas palavras indifferentes que não tinham relação alguma com a sua situação commum, menos para falarem do que para ouvirem o som das suas vozes e convence-

rem-se de que estavam juntos e que a sua reunião não era um sonho.

Passados vinte minutos tinham chegado ao extremo da aldeia de Ville d'Avray e paravam defronte da porta de um restaurante, onde entraram. O rapaz disse que lhe preparassem o almoço. O dono da casa, especie de estalagem e de taberna, costumado a receber pares da cidade, offereceu-lhes um gabinete; elles, porém, responderam ao mesmo tempo, sorrindo, que preferiam ficar ao ar livre e que os servissem no jardim.

Instantes depois, estavam sentados em frente um do outro, junto a uma mesa rustica. Essa mesa estava collocada debaixo de um caramanchel de parreira, tendo em frente os lagos de Ville d'Avray, cujas aguas serviam de espelho ás collinas cobertas de matto que os rodeiam. Um grupo de creanças brincava á borda do lago. Uns diligenceavam deitar a nado um barco encalhado na praia; outros, tendo descoberto umas linhas esquecidas ali por um pescador, luctavam uns contra os outros para vêr qual deitaria primeiro o anzol e quando este era agarrado, por acaso, gritavam em côro, com um barulho capaz de fatigar os eccos. A este rumor infantil juntava-se, da margem opposta, o bater sonoro do lavadouro, onde a chronica da aldeia desenrolava as maledicencias diarias. Toda esta paizagem encantadora emmoldurada pelos raios do sol, as figuras rusticas e os ruidos familiares que a animavam, foram para a mulher e para o rapaz que acabavam de sentar-se debaixo dos pampanos bravos, um espectaculo cuja contemplação fez vibrar no coração de ambos uma commoção e um pensamento communs. Communicaram-os um ao outro com uma simples troca de olhares á qual accrescentaram um aperto de mão rapido, como se essa varonil caricia de amisade lhes parecesse mais propria do que uma phrase terna para exprimir a alegria que sentiam, vendo-se ambos em tão perfeito accordo.

Foi então que uma creada trouxe o almoço.

Para dizer a verdade, era uma refeição bastante frugal, improvisada ao acaso da magra cosinha, cujos fogareiros não se accendiam senão ao domingo. No emtanto, o rapaz começou a comer sem ceremonia, convidando a sua companheira a imital-o, ao que ella accedeu sem se fazer rogar, trincando com vontade o pão escuro e bebendo, sem fazer muitas caretas, o vinho da terra que espumava dentro do copo. O principio do almoço foi ainda meio silencioso. Comtudo n'esse mesmo silencio e até na attitude reservada que mantinham um para com o outro, sentia-se palpitar o desejo de quebrarem esse silencio, e os seus gestos mais insignificantes trahiam essa preoccupação. Houve um momento em que o pé da rapariga tocou involuntariamente, debaixo da mesa, no do seu companheiro, e elle sentiu a vibração repentina que esse ligeiro contacto lhe imprimiu a todo o ser; um segundo depois as mãos de ambos encontraram-se, a tirar fructa de um prato, e d'essa vez foi ella que estremeceu como se recebesse um choque electrico.

De repente, o rapaz, indicando a mesa a que estavam sentados, disse, sorrindo:

—Este lugar é feliz para mim. Ha um mez, pouco mais ou menos, jantei aqui e foi um jantar campestre delicioso.

—Alguma entrevista? perguntou ella.

—Não, respondeu elle simplesmente. Foi com alguns dos meus amigos. Achámo-nos tão bem debaixo d'este caramanchel que deixámos partir o ultimo comboyo e tivemos que voltar a pé.

—Que motivo tão grave foi esse que os fez demorar assim?

—Uma conversação intima que se travou depois de jantar. Eramos quatro ou cinco camaradas, tendo entrado todos na mesma época na carreira difficil em que deviamos ser bem succedidos, felizmente, tendo seguido o mesmo caminho durante muito tempo, ligados por uma solidariedade commum de esperanças e de trabalhos, tão frater-

nalmente unidos que houve anno em que não estivemos uma hora sem nos vêrmos. Depois, a pouco e pouco, a necessidade, as exigencias de interesse, esse resfriamento progressivo que é, para assim dizer, uma lei de physica moral a que as affeições do homem estão sujeitas, haviam-nos afastado completamente. — Eu vou para aqui, e eu para ali, disseram todos, no dia em que o egoismo lhes ensinou a sua breve divisa: Cada um por seu lado. Por consequencia, durante sete ou oito annos tinhamos vivido isolados uns dos outros. Encontravamo-nos algumas vezes, mas n'esses encontros rapidos não se trocava mais do que um aperto de mão, meia duzia de palavras, ainda mais a respeito dos outros do que de nós mesmos, e, na profissão que exerciamos, todos, n'essa época, quando dois amigos falam de terceiro, succede muitas vezes ser um duetto de maledicencia e de inveja. A respeito do passado, nem uma palavra. Quem se lembra de hontem, quando ámanhã está a bater á porta e o dia seguinte ainda por cima! — Despediamo-nos rapidamente, em poucas palavras: — Adeus, passa bem, estou com pressa. — E eu!... — E, mal voltavamos as costas, eramos dois indifferentes, não pensando mais um no outro. No domingo em questão, depois de uma solemnidade artistica que nos reunira todos, viemos passar o resto do dia aqui, e, como já disse, foi n'este mesmo logar que jantámos tão bem unidos e de tão bom humor como no tempo em que jantavamos tão mal.

«Não ha nada para despertar a franqueza como estes vinhos simples nascidos em collinas modestas, accrescentou o rapaz, mostrando o seu copo ainda meio de vinho. A nossa conversação tornou-se logo mais familiar, mais animada e mais franca; por isso os convivas acharam-se todos, a pouco e pouco, no mesmo nivel de satisfação; todas as physionomias respiravam a mesma cordealidade indulgente, todos os espiritos se sentiam dispostos a esquecer pequenos incidentes que podiam ter esfriado a nossa amisade, e todos os corações murmuravam interiormente o velho estribilho:

Ventura de se tornar a vêr! Foi então que começámos a falar do passado, d'esse passado do qual já nos separavam sete ou oito kalendarios. Á primeira chamada, as recordações acudiram todas em tropel. *Lembras-te?* Era a palavra que começava todas as phrases, a palavra encantada que voava de bocca em bocca, tornando os rostos pensativos ou risonhos. No meio do enthusiasmo commovido que se apoderara de nós, passavam e tornavam a passar os nossos dias de outr'ora. — Eu sou o alegre domingo das estações formosas, dizia um, verde em abril, amarello em setembro. — Era eu, dizia outro, que os levava aos bailes campestres onde se arqueiam as cinturas finas, onde se agitam os pés furtivos; lembras-te, Richelieu das toucas, D. João dos vestidos de chita? — E depois, eram os nossos dias de soffrimento, de paciencia e de coragem que nos repetiam, ora a um, ora a outro: — Somos a desgraça sem odio e a obscuridade sem inveja. — Somos o pão ganho rudemente, a pobreza alegre, despreoccupada e livre, a moeda de cobre das magras bolsas, da qual a vossa industria sabia fazer uma barra de ouro. — Somos a preguiça e a meditação das noutes de estio. — Somos o trabalho das noutes d'inverno em torno do lar apagado. — Somos as paginas mais bellas da nossa existencia. — *Lembram-se?* — *Lembras-te?* A estas lembranças do passado juntavam-se o rir expansivo, a exclamação alegre, o dito malicioso e algumas vezes tambem a nota commovida, certas palavras ditas de certa maneira, com um gesto e um tom especiaes, palavras que se hesita em dizer, e que se dizem, apesar de tudo, palavras que os libertinos do paradoxo não pódem ouvir sem uma lagrima discreta derramada por detraz da mão que finge coçar distrahidamente a testa, — lagrima que lava tantas cousas, mas que ninguem se atreve a deixar vêr! — Ah! diziamos a cada nova recordação do passado, era bom tempo, aquelle! Não tinhamos nada, mas repartiamos tudo uns com os outros! Os nossos prazeres de hoje, todos juntos, não valem uma das alegrias de ou-

tr'ora! — Começava outra vez, de boa vontade, a nossa vida antiga, dizia um. — Por um dia, tornava o outro. — Não, não era bastante; por um mez. — Oh! isso era demais! respondiam todos. Depois, a conversa tornava-se triste. Nem todos os logares estavam occupados n'este banquete improvisado, e aquelles cujos nomes nos acudiram aos labios, tinham partido para a ausencia eterna. Então, como os soldados no fim de uma batalha, puzemo-nos a contar os mortos. Este morrera em plena seiva dos vinte annos. Deixara a vida bruscamente, como se deixa um lugar onde se está mal, sem queixumes, mas tambem sem saudades nem pesar. Aquelle despertara um dia no leito dos pobres, entre as orações de um anjo de caridade a quem chamava «minha irmã» e um padre de cabellos brancos que lhe chamava filho, chegando-lhe Deus aos labios. O terceiro tinha sido fulminado escorrendo no suor do trabalho e curvado sobre a sua obra incompleta. Quando lhe fechavam os olhos, a Providencia, que a ingratidão dos homens tornou descuidada e vagarosa, corria a levar-lhe o que elle pedira durante tanto tempo, o pão de cada dia. — Vens bem tarde, disse o moribundo; e, indicando os amigos reunidos á cabeceira do leito, accrescentou: — Dividí o meu quinhão pelos que ficam.

— Pobre amigo! interrompeu a mulher. Soffreu bastante.

— Os meus amigos e eu fomos rudemente experimentados, é verdade, mas atravessámos esse tempo de infortunio sem que uma unica voz se erguesse para accusar o destino: sabiamos que o desespero é um mal contagioso, e, nos caminhos mais penosos, se algum se deixava abater, occultava a sua fraqueza para que ella não atacasse tambem os outros. Nem a morte, ferindo os que mais estimavamos, poude arrancar um *salve-se quem puder* aos que ficavam, e quando a nossa dôr podia repetir, como os frades cartuxos: «Irmãos, devemos morrer,» a nossa resignação activa deitava-se outra vez á vida, repetindo, pelo contrario: «Irmãos, devemos esperar.»

—No entanto, proseguiu o rapaz, continuando a sua narrativa, a triste homenagem que prestámos aos que já não existem foi unicamente, para assim dizer, um curto parenthese que tratámos logo de fechar. Os phantasmas amigos evocados um momento pelas nossas recordações, desappareceram como sombras ligeiras, e, passando de um extremo a outro, depois de falar nos mortos começámos a falar de amor. Recordámos os vestidos brancos e os vestidos de côr de rosa, os cabellos pretos e os cabellos louros: Todos sentiam prazer em vêr resuscitar na imaginação as figuras estouvadas ou ternas das favoritas fieis ou inconstantes que outr'ora lhes tinham povoado o harem da mocidade.—Ah! aquelle quartosinho, de onde eu via os moinhos de Montmartre e os olhos de Eugenia?—E a Paulina? E a Clara? – Que doidos que nós eramos! E ellas tambem! Entre todos aquelles nomes de mulheres que, em tempos que já iam longe, haviam feito conhecer e talvez desconhecer o amor a quasi todos de entre nós, um dos convivas proferiu, de repente, o seu nome. —E tu, Octavio, perguntou-me elle, tornaste a vêr Maria?—A esta pergunta, todos os olhares se dirigiram alternativamente para mim e para um dos nossos companheiros cuja attitude embaraçada indicava bem a impressão viva e generosa que estas palavras lhe tinham causado.

—Disse-lhe já que todos os meus antigos camaradas se achavam reunidos n'este jantar, continuou, depois de um momento de silencio, o rapaz que dizia chamar-se Octavio; não preciso declarar-lhe qual foi o que se fez pallido, ao mesmo tempo que eu, ouvindo falar em Maria.

—Oh! meu amigo, interrompeu a rapariga baixando os olhos, era muito necessario não esquecer esse pormenor? para que ha de trazer a esta entrevista fugitiva uma recordação que me obriga a desviar os meus olhos dos seus, e a retirar a minha mão da sua, onde estava tão bem? accrescentou ella fazendo um leve esforço para soltar a sua mão da de Octavio.

—Perdôe-me, replicou este com vivacidade, e não veja uma falta de delicadeza n'uma cousa que eu não podia deixar em silencio para chegar ao que me resta dizer-lhe. Assim, o nosso grupo, até ahi tão alegre, tornou-se embaraçado, silencioso; em todos os rostos se lia a mesma inquietação; sentia que se quebrara um annel na cadeia que a nossa amisade renascente tornara a sol lar, porque o seu nome, cahindo no meio da nossa conversação tão expansiva e tão cordeal, recordava a todos os assistentes a unica acção má commettida por um de nós quando não comprehendiamos que a maldade podesse ser perdoada, mesmo no pensamento... —O auctor d'essa traição...

—Não é generoso, Octavio, interrompeu Maria bruscamente, e essa persistencia em falar n'um assumpto que seria tão facil evitar, castiga-me cruelmente de ter consentido em recebel-o.

—Ainda uma vez, Maria, não dê ás minhas palavras um sentido que ellas não têem. Soube depois que, n'essa traição, não foi tanto cumplice de Urbano como victima d'elle. Outr'ora soffri e soffri muito; mas, se chorei como uma creança, se quiz morrer, não foi só por vêr que o meu primeiro amor e a minha primeira amisade tinham sido trahidos, e um pelo outro: foi tambem porque a perdi, Maria e por que o meu amigo não me perdoava eu ter alguma cousa a perdoar-lhe.

Vendo o estado em que a sua desastrada pergunta deixara todos, o que a dirigira tentou fazer esquecer o incidente que o seu nome avivara em todas as memorias. Comprehendendo o seu intuito, logo ás primeiras palavras, todos os convivas se associaram a elle; mas, apesar de muito habil, a transicção fôra excessivamente rapida. Conversava-se ainda de outras cousas, mas todos pensavam n'aquella em que se evitara falar. Urbano e eu eramos os unicos que guardavamos silencio. Elle estava de pé, encostado ao tronco d'esta arvore, no qual dava golpes com a faca, para affectar uns ares indifferentes; eu estava sentado n'esse logar

onde Maria está, não ouvindo o que se dizia em torno de mim, com a cabeça encostada a uma das mãos e comprimindo com a outra as pulsações do coração, no qual se abrira repentinamente a primeira ferida. Os meus amigos, vendo o isolamento involuntario em que estavamos, um e outro, adivinhando, pela expressão das nossas physionomias, o pensamento secreto que nos obrigava a procurar aquella solidão, diligenciaram envolver-nos na conversação geral. Um d'elles, erguendo-se, percorreu a mesa toda em volta, e, depois de encher todos os copos, propoz que se bebesse á reunião d'aquelle dia e a outra proxima — Á memoria do passado, á felicidade do futuro! disse um dos convivas, dando signal para o *toast*. — Á lembrança dos dias bons e ao esquecimento dos maus! accrescentou outro.

Não podendo deixar de imital-os, por que todos os olhares estavam fixos em nós, Urbano e eu pegámos nos copos; mas hesitávamos ainda em aproximal-os, elle detido, de certo, pelo amor proprio, e eu por uma franqueza que tinha repugnancia em testemunhar publicamente um sentimento contra o qual sentia protestar um antigo rancor que despertara de subito. Comtudo, Urbano foi o primeiro a decidir-se, e, avançando para mim, chegou o seu copo ao meu. — Ao esquecimento! Octavio, murmurou elle, de maneira que quasi só eu o ouvi. — Á lembrança do passado! respondi eu no mesmo tom, batendo levemente com o meu copo no d'elle. — E agora que as questões estão acabadas, continuou um dos nossos amigos, bebamos o golo da despedida, por que são horas de partir.

Bebemos mais uma vez e puzemo-nos a caminho; mas, como já disse, tinhamo-nos demorado e, quando chegámos ao caminho de ferro, acabava o ultimo comboyo de sahir da estação. Era forçoso voltar a pé. Tomámos o nosso partido alegremente. Estava a dar meia-noute quando entrámos no parque de Saint-Cloud, pela porta de Ville-d'Avray. Eram mais de duas leguas que tinhamos de andar; mas a

noute estava magnifica, e o caminho é tão bonito! — Conhece-o, não é verdade? interrompeu Octavio olhando para a rapariga, que inclinou a cabeça affirmativamente. — Não foi sem commoção que entrei n'esse formoso parque, pois não era a primeira vez que o atravessava áquella hora tranquilla. Ha dez annos que Maria me conduziu lá; mais tarde, fui eu que acompanhei outras ao mesmo sitio. Em formosas noutes de verão semelhantes á que então nos illuminava, passeei muitas vezes debaixo das grandes arvores das alamedas, e não ia só, Maria! Primeiro foi com uma pobre rapariga que dorme agora debaixo da terra, onde a sepultaram um dia que eu estava ausente. Chamava-se Lucilia e parecia viver da felicidade que me dava. Quando morreu, juntei a lembrança d'ella á sua, que nunca me deixára, e ambas viveram fraternalmente na minha alma. Mais tarde ainda, n'essas mesmas alamedas percorridas comsigo e com Lucilia, sobre a mesma relva que ambas pisavam, caminhei com o passo lento do amor que scisma ou que duvida, levando pelo braço a minha Julietta pensativa, cuja bocca dizia sim mesmo quando o coração não dizia nada, e que contemplava com indifferença o meigo luar das entrevistas de Romeo, tremendo por entre a folhagem. De todas as minhas amantes foi a essa que disse mais vezes que a amava, menos para convencel-a do que para me convencer a mim e revestir com o sagrado nome de amor um sentimento que de certo, não era mais do que a monstruosa alliança de um habito egoista e de um desejo grosseiro.

— Oh! meu amigo, interrompeu Maria abanando a cabeça, porque é então que a sua voz treme quando fala n'essa mulher e o seu olhar vagueia em torno, como se chamasse a imagem d'ella? Talvez a trouxesse aqui e ha pouco tempo, mesmo. N'este lugar onde eu me sento, sentou-se ella, mais perto de Octavio do que nós estamos um do outro. O tempo estava bello, o ar tepido, o céu azul. Estas folhas que começam a amarellecer, estavam então verdes;

era talvez n'um d'esses formosos dias de primavera que são a esperança da estação, como este é a saudade. Veiu para debaixo d'este caramanchel com a sua amiga, não é assim? Não diga que não. Estes logares parecem conhecel-o, da mesma maneira que Octavio os conhece. N'este ramo onde pendurou o meu chale, quando chegámos, pendurou n'esse dia o chale da sua amante. Ella veiu aqui, não diga o contrario. Ainda agora, quando bebia, os seus labios pareciam procurar nas bordas do copo o logar onde ella collocara os seus. Fale, Octavio, cada palavra que não diz recae-lhe em lagrimas no coração. Oh! meu amigo, fale sem receio de maguar-me, sem offender o seu amor, sem crueldade para comsigo ou para com essa a quem amou. O senhor amava essa mulher, e não só por habito ou desejo, como deligenceia convencer-se a si mesmo, inutilmente, não só a esta ou aquella hora, mas sempre desde que a conheceu. Por mil cousas que eu ignoro, mas que adivinho, pelo som da voz e pela côr dos cabellos, pela vivacidade ou pela doçura do olhar, por certas palavras que ella sabia dizer como outras mulheres não as diriam, foi-lhe querida e muito. Oh! não diga que não, Octavio, o senhor amou-a. O tom amargo com que falou n'ella estava cheio de ternura, e o seu nome, quando lhe acode aos labios, ainda lh'os adoça. Ella tambem o amou, póde estar certo d'isso, quer ella o negue, quer o confesse. O seu coração não era mudo, segundo disse ha pouco; mas talvez o senhor não o escutasse quando elle falava. Amou-o, creia, talvez menos do que Octavio a ella ou de maneira diversa; amou-o e póde ser que mesmo por causa do mal que lhe fazia.

—Pois bem! seja, respondeu Octavio, amei-a; mas não foi com esse amor sadio e salutar que alegra o coração e o espirito, que torna bons os que são maus e melhores os que são bons. Foi um d'estes amores que veem fóra de proposito e que devia acabar mal; começado a sangue frio, ao acaso, por vaidade, de um lado, e por ociosidade do

outro; continuando em uma lucta perpetua entre a mentira e a desconfiança; interrompido cem vezes por fadiga, reatado outras tantas para fugir á solidão: paixão triste, miseravel e inutil, que gasta o coração, que o secca, que estraga o passado e corrompe o futuro; amor funesto, que não deixa senão destroços, entre os quaes seria difficil achar, mais tarde, uma d'estas recordações agradaveis, que são como as flôres das ruinas...

—Não obstante essa mulher, continuou Octavio, ser a ultima com quem vim a este sitio, não era n'ella que eu pensava quando atravessei o parque de Saint-Cloud. Desde o momento em que se proferiu o seu nome, ao jantar, todos os meus pensamentos eram para si Maria e, tanto em mim como no que me rodeava, tudo me falava a seu respeito. Os meus amigos iam adeante, cantando em côro uma velha canção que em outros tempos fôra para nós uma especie de canto de trabalho. Eu conservava-me a alguma distancia atraz d'elles, contente por ninguem me distrahir do isolamento povoado de recordações nas quaes entrava sempre a sua imagem. De repente senti baterem-me no hombro, e, erguendo a cabeça, vi Urbano ao meu lado.—Tenho que falar comtigo, disse elle, detendo-me.—Como quizeres, respondi eu; mas não podemos ir andando e conversando?—Sim, disse Urbano; mas conservemo-nos a distancia, não quero que nos ouçam. Continuas a ter-me rancor, não é verdade, Octavio? disse elle. Bem o vi ainda agora, quando aquelle imbecil falou em Maria.

—E' para que vens tu agora falar-me n'esse nome? repliquei.

—Por que elle recorda-nos a ambos um facto que nos tornou muito desgraçados.

—E de quem foi a culpa?

—Foi minha, só minha! exclamou Urbano com vivacidade. Depois d'essa época decorreram tantos dias, passaram-se tantos acontecimentos! Tinhamos, ambos, cada um para seu lado, trabalhado e vivido tanto! Não imaginava

que podesses lembrar-te ainda de uma cousa que eu já esquecera completamente. Percebi o contrario, ha bocado, quando vi o rancor subir-te aos olhos. É por isso que quero falar-te. Escuta, é preciso esclarecermos esta questão.

—O que pódes tu dizer-me que eu não saiba ha muito tempo? Se pudesses justificar-te, não o terias feito ha dez annos? É certo que, ainda agora, senti reabrir-se-me no coração uma antiga ferida: era a primeira e levou muito tempo a cicatrizar. O que a abrira estava deante de mim e é possivel que isso me causasse algum abalo e me fizesse estremecer. Tu notaste-o, não o nego; agora, porém, já não penso em tal.

—Não pensas n'outra cousa desde que nos puzemos a caminho; ouve, continuou Urbano: tu não soubeste tudo, ainda que o resultado seja doloroso para qualquer de nós: reabrir a ferida de que falavas ha pouco, ou talvez fechal-a para sempre, e, quando tiver dito tudo, estender-te a mão e esperar que me dês a tua; isto é que eu quero.

Este preambulo excitara-me a curiosidade ao mais alto grau, como deve suppôr.

—Fala depressa, disse eu a Urbano.

Elle enfiou o braço no meu e começou d'esta maneira a sua revelação:

—Não sei se ainda te lembras da tua paixão por Maria, ha dez annos; eu lembro-me bem, e não creio que os amores que lhe succederam se aproximassem alguma vez d'aquelle. Essa mulher tornara-se o teu unico pensamento; falar d'ella a todos, em toda a parte e sempre, era a tua preoccupação unica. O teu espirito descobria ardis extraordinarios para te darem o pretexto de abrires o coração. Nas conversas e nos actos mais indifferentes da vida, essa paixão emanava de ti como os perfumes que se evolam dos frascos que os conteem. Esta felicidade durou dezoito mezes. N'essa época, a existencia já tão dura para nós, para ti era cheia de caricias e poupava-te como uma terna mãe que protege o filho debil. Ah! quantos desgraçados a tua

felicidade deve ter feito, n'aquelle tempo, ó prodigo, que, vendo o teu quinhão tão grande, o aproveitavas de tão boa vontade, sem ao menos pensares que talvez entrasse n'elle o quinhão dos outros! Quando chegou o dia da desgraça, foi de mim que te lembraste. Entre todos os amigos que podiam, tão bem como eu, prestar-te o serviço que a circumstancia reclamava, foi a mim que escolheste, e, por mais que eu dissesse e fizesse para te obrigar a mudares de escolha, teimaste em conserval-a. Se então cedi ás tuas solicitações, foi menos para te obsequiar do que para evitar que duvidasses da minha dedicação. Consentindo em receber Maria e em escondel-a em minha casa, sujeitava-me a uma rude experiencia e a catastrophe que devia terminar a tua ligação com ella não era a unica que eu previa.

No dia em que ella passou, pela primeira vez, o limiar da minha porta, eu estava mais commovido e inquieto do que tu, vendo sentar-se debaixo do meu tecto essa mulher de que me falavas havia tanto tempo. Conheci depressa a natureza d'essa commoção. Lembra-te, Octavio, lembra-te que, depois de os ter installado no meu quarto, me retirei immediatamente, apesar das instancias de ambos para me deterem. Parecia-me que seria impossivel occultar-lhes a agitação em que estava. Fiquei de tal maneira indignado com o que se passava em mim, que fui sem demora confessar-me a dois ou tres dos nossos amigos. Responderam-me que estava faltando ao respeito a mim mesmo e fizeram toda a diligencia possivel para me acalmar. Apesar do que elles disseram e do despreso com que a consciencia já me castigava, sentia uma dôr singular quando me lembrava de que eras meu amigo. Ah! que terrivel noute passei, percorrendo as ruas cobertas de neve, perseguido por um instincto de ciume insensato que me levou duas ou tres vezes para debaixo das janellas do quarto onde eu te deixara com a tua amante!... —O que fez elle para ser feliz? pensava eu, vendo brilhar a luz que illuminava,

de certo, a vossa vigilia amorosa. E o pensamento monstruoso da inveja: Por que ha de ser elle e eu não? era a preoccupação constante do meu espirito. Agora mesmo que me lembro do que soffri n'essa noute mortal, não penso em justificar-me. A inveja é um vicio horrivel e aquelle que é atacado por ella deve ser detestado e posto de parte como um leproso. De todas as paixões más a inveja é a que deve ser condemnada sem lhe permittirem que se defenda, o que absolve ou lastima um invejoso faz descer a indulgencia ou a compaixão ao grau de sacrilegio. E, comtudo, por muito vergonhoso e despresivel que seja, esse vicio tem o castigo comsigo, pois demonstra a quem é atacado por elle, a inferioridade da sua natureza; obriga-o ás confissões mais humilhantes, flagela-lhe a vaidade, mancha-lhe todos os desejos, obriga-o a desprezar-se, a temer-se, quasi, a inspirar-lhe o odio de si mesmo, talvez ainda mais violento do que o odio que tem aos outros.

Ah! ainda ha pouco, continuou Urbano com amargura, á roda d'aquella mesa onde estavamos sentados, tocando alegremente nos copos uns dos outros, lembravamo-nos do tempo que passou, e diziamos com saudade commum: Era bom tempo, esse! Comtudo, a nossa existencia actual não se compara com a de outr'ora; mas a desventura quando já não se vê senão de longe e no passado, é como a amante que abandonamos por causa dos seus defeitos e de quem recordamos apenas as qualidades, logo que ella está ausente. Talvez notasses que eu era o unico conviva taciturno. De que podia eu ter saudades, realmente, eu, que vim ao mundo no berço dos orphãos, eu, a quem o vento das estradas enxugou as primeiras lagrimas quando pendia, debil e enfezado, do seio sem leite de uma mulher infecunda que me adoptara unicamente para obter mais compaixão dos transeuntes? Um pouco mais tarde, na idade da ignorancia e da despreoccupação, a sorte, sempre madrasta, ensinava á minha infancia sempre errante quantas gotas de suor eram precisas para amassar um bocado de

pão. Quando cheguei á adolescencia, tinha, ao menos, se me interrogassem acerca da minha familia, o triste e legitimo orgulho de poder responder, mostrando os meus dois braços: Aqui está o meu pae e aqui está a minha mãe. Comtudo, no meio do abandono e da miseria a que parecia votado de nascença, nunca passara um dia sem agradecer a Deus ter-me enviado ao mundo. Da minha bôcca nunca sahira uma palavra que se assemelhasse a um queixume, a felicidade dos outros nunca me offendera a vista; como o espectaculo da alegria d'elles era para mim a prova visivel de que a felicidade existia realmente n'este mundo, consolava-[illegible] e animava-me com isso. Christão como os primitivos ouvintes do Evangelho, esperava o quinhão de alegria que me era devido e não suppunha que a resignação humana, exgottada por demoras excessivamente longas, tivesse nunca o direito de reclamar a promessa divina. Na epocha em que attingi a edade viril, não me faltava nenhum dos sentimentos elevados, nenhuma das virtudes que fazem do homem uma creatura superior. Todas as minhas aspirações tinham as azas do enthusiasmo e eram dirigidas para um unico pólo, o amor do bem e a procura do bello. A meditação, que é a companheira dos solitarios, encaminhara-me para a arte; fizera-me artista, porque, vendo os productos do genio, parecera-me que a arte era um poder concedido ao homem para glorificar em obras duraveis, os grandiosos espectaculos que lhe offerecem a natureza, as bellas acções a que elle assiste e as nobres paixões que sente. Aos desoito annos, a corrupção do espirito moderno deixara todas as minhas crenças intactas. Negava o mal com a firmeza de um estoico que nega a dor, e nunca houve um coração mais rico de illusões para se offerecer em holocausto á experiencia.

Eis como tinha sido a minha vida quando os conheci, a ti e aos nossos amigos. Ah! esse dia em que os nossos passos deviam encontrar-se no mesmo caminho é talvez o unico da minha existencia que posso recordar sem que o

pensamento me fique ainda mais triste. Demoliram-a, aquella pobre barraca exposta aos quatro ventos onde comemos a primeira refeição fraternal, onde bebemos o vinho falsificado que faz nodoas azuladas. No dia em que derrubaram essa casa hospitaleira, passei defronte por acaso, e vi um operario armado com um alvião, preparando-se para arrancar o banco de pedra onde tinhamos ficado sentados toda a noite seguinte ao nosso primeiro encontro. O tempo era o mesmo que n'esse dia. Em um céu egual, nuvens da mesma fórma corriam para o horisonte, no fundo do qual a paisagem, illuminada da mesma maneira, reproduzia o mesmo effeito de linhas e de luz que haviamos observado juntos. Senti-me desfallecer vendo ameaçada de ruina aquella pobre pedra que, nas minhas recordações, ficara sagrada como um altar. Dirigi-me ao operario e offereci-lhe dinheiro para elle consentir que eu me sentasse n'aquelle banco durante alguns instantes e deixar-me ali só.

Elle fitou-me com ar espantado, julgou-me doido, pegou no dinheiro e foi beber com os companheiros á taberna proxima, onde os senti rir da minha aventura.

Emquanto elles riam estava eu sentado no banco. D'ahi a meia hora, quando me levantei para me ir embora, tinha o rosto humido. Ah! essas lagrimas que derramei eram as ultimas que brotavam de uma fonte estancada para sempre, tenho a certeza, porque já depois me ri por causa d'isto e não ha muito tempo. A datar do dia em que, sem nos conhecermos, nos sentimos attrahidos um para o outro, quasi que não nos separámos durante tres annos. Pareceu-nos que as nossas idéas eram irmãs isoladas que se procuravam havia muito tempo. Eu, pelo menos, que nunca tivera intimidade com pessoa alguma, era a primeira vez na minha vida que conversava: até ahi tinha falado, dizendo palavras ás quaes respondiam outras; comtigo, trocava pensamentos. A amisade que te dedicava não era apenas um laço formado pelo habito, uma affeição baseada na conformidade de gostos; para mim, orphão, era um

sentimento que me revelava o amor da familia, e, se nos corresse o mesmo sangue nas veias, não seriamos mais irmãos. Não tardou que os teus amigos fossem tambem meus, mas tu ficaste sempre o preferido das minhas sympathias. Que grandes passeios démos através dos campos! que agradaveis conversações, á noite no *atelier*, onde os votos de todos se reuniam tão fraternalmente em torno do desejo de cada um! Argonautas ingenuos, como estavamos de accordo em voltar para a mesma direcção a prôa dos nossos navios, e como o vento da esperança soprava brandamente nos seus mastros empavezados! Ah! quantas vezes a aurora nos surprehendeu na attitude de sonhadores felizes, embriagados com os seus sonhos, com um pé nas cinzas e outro no futuro! Entretanto, o que se tornou a vida para mim, no meio dos meus companheiros? Lembra-te, Octavio, do que foi a minha existencia n'esse tempo. A fatalidade perseguia-me a mim, pequeno, desconhecido, miseravel, como se eu fosse um colosso; humilde canniço, dava-me as honras da tempestade. As minhas esperanças mais modestas encontravam montanhas de obstaculos: nas estradas mais planas, o grão de areia tornava-se pedregulho para me fazer tropeçar. Era em vão que me debatia, que reanimava a coragem desfallecida e a excitava para a lucta: tudo eram esforços inuteis, que me deixavam mais fatigado; a vida, para mim, era como que uma d'estas escadas encantadas das magicas, cujos degraus descem ao nivel do solo á medida que os vão subindo: achava-me sempre no mesmo ponto. Se tinha amigos, corações que se abriam ao meu a toda a hora, mãos leaes sempre estendidas para as minhas, dedicações que estavam promptas a auxiliar-me tanto em palavras como em acções, bem sabes, Octavio, que até essa amisade se me tornou penosa, a pouco e pouco; todas as vezes que algum tentava paralysar a minha má sorte, interpondo-se entre ella e eu, a sua boa vontade ficava esteril. Assim como os meus

actos, as minhas palavras tomavam um sentido opposto áquelle que o pensamento lhes dava. Se, em uma conversa qualquer, arriscava uma observação diversa da opinião geral, existia, sem que eu o soubesse, um motivo que fazia suppor haver intenção malevola em uma reflexão feita ingenuamente e sem segundo sentido. Se, pelo contrario louvava alguem ou alguma cousa com a exaltação habitual do meu caracter, uma razão egualmente desconhecida dava-a esse louvor um aspecto de servilismo ou de interesse. Em toda a parte e sempre as circumstancias mais vulgares, mais insignificantes na apparencia, formavam como que uma rede inextricavel em cujas malhas a minha vontade se debatia sem cessar. Emfim, se estivesse na tolda de um navio, em dia de temporal, seria d'aquelles que a superstição dos marujos assustados accusa de attrahir a sorte maligna e que elles atiram ao mar para acalmarem a tempestade.

Tu, que me conheceste n'esse tempo, sabes que isto não eram chimeras como as que podem nascer n'um espirito melancolico. A hypocondria é a doença das naturezas desconfiadas, é uma especie de fermento original que dispõe certos homens para uma hostilidade preventiva e os leva a julgarem-se temidos porque se sentem temiveis. Mas eu, que não pertencia a esse genero, por que razão era arremessado com violencia para fóra da lei humana? Estaria soffrendo o castigo de algum crime desconhecido, commettido pela minha raça? Foi no ultimo anno da nossa intimidade que começaram a desenvolver-se em mim os symptomas de uma tristeza selvagem, cheia de irritações, de perturbações e de angustias. O meu caracter egual, habituado de nascença a sujeitar-se ás ironias do destino, como um escravo que obedece machinalmente aos caprichos do seu despota, tornava-se de dia para dia mais rebelde e taciturno. As mais leves contrariedades faziam-me romper em queixumes. Eu, que, em consequencia do meu espirito conciliador, era algumas vezes accusado de fra-

queza, tornara-me propenso a contradizer. Nas discussões mais pacificas, em assumptos que me eram indifferentes, tinha replicas hostis. Arriscava de bom grado os argumentos mais absurdos, as propostas mais inconvenientes, e defendia-os com paixão acerba, com temeridade offensiva. Sentia um prazer culpado em provocar estas meias disputas cuja conclusão deixa sempre o amor proprio maguado, se não ferido, por algum epigramma acerado, e tinha um estremecimento de alegria quando achava um ponto vulneravel em algum dos meus contradictores. Á noite, quando entrava em casa, entregava-me de preferencia á leitura dos escriptores cujas obras podiam tornar as minhas chagas intimas ainda mais dolorosas. Inhabil em formular as minhas queixas, gostava de encher a bocca com as imprecações que encontrava já feitas nos livros onde o genio enfermo depoz o seu fel. Quantas vezes, como Manfredo, curvado sobre o abysmo, ouvi com alegria selvagem resoar na alma de Byron as lamentações do desespero moderno! Innoculava assim nas minhas duvidas nascentes os venenos dos sarcasmos mais desolados que a incredulidade e o orgulho dos homens teem produzido; povoava a memoria com axiomas tirados das philosophias e dos pamphletos mais audaciosos do scepticismo e, anão ridiculo, armava a minha funda anonyma afim de lapidar os idolos que me repelliam a adoração. Devia dar fructos, esta educação do mal, e o terreno estava preparado para que a semente das más palavras germinasse ahi rapidamente.

Continúa.

Henri MURGER.

A EGREJINHA

V

(Continuação)

«Minha amante, a principio desolada pelo contratempo de que foi causa, em breve se resignou, graças aos dois excellentes Pleyel, e ao amavel e condescendente auditorio do nosso caravan-serralho. Accrescente-se a isto a alegria do confortavel, da elegancia, e da alegria incomparavel de ouvir o mordomo do hotel dizer-vos: «Senhora condessa, o almoço (ou o jantar) está na mesa,» entrando na sala de jantar pelo braço do sr. conde. Titulos, brazões — eis o sonho d'esta burguezinha sem pae nem mãe, e, que no orphanato onde a recolheram em creança, medrou com a idéa de que provinha de estirpe nobre, archi-nobre até. Verdade seja que não lhe falta a distincção, sendo como é de estatura alta, sem rigidez, uns ares facilmente insolentes, a fronte estreita, admiravelmente enquadrada; mas o peor são uns pés e mãos grandes, muito commodos, sem duvida para o piano — teclado e pedaes — mas que lhe compromettem um pouco a origem. Amar-me-ia essa burguezinha se eu não fôra filho de duque e até principe como

sou? Duvido. É demasiadamente joven para que os meus verdes annos lhe tenham servido de engodo, assim como succede a certa baroneza já madura, amiga de minha mãe e muito gulosa de carne fresca. Posto que desmentidos pela minha estatura e solidez de construcção, póde dizer-se que os meus dezoito annos a desgostam um pouco, e do mesmo modo a candura e a ingenuidade que suppõe existirem em mim. Pobre rapariga!

«Afinal de contas ainda ha mulheres sentimentaes. A minha amante é d'aquellas que nos dizem: «Vem repousar um pouco sobre o meu hombro.» E a este respeito, meu caro Wilkie, vou contar-lhe, e isto servir-lhe-ha de licção algum dia, como é que eu pude vencer as ultimas resistencias: Nós estavamos sós, uma noute, na casa envidraçada ao fundo do parque. Quanta astucia me não foi precisa para leval-a para ali! Supplicas, lamentos — nada a commovia: as cousas não avançavam um passo. Para cumulo do ridiculo, — e é tão facil sel-o em taes circumstancias! entrou-me um argueiro para um dos olhos. Desato a esfregar com força, insistindo sempre, está claro, nas minhas tentativas; os meus olhos avermelham-se, o attrito provoca as lagrimas e bruscamente, sinto que ella se me rende: «Tu choras? Tu duvidas que te amo?... Oh! não, não chores mais, não duvides mais de mim... faze de mim o que quizeres.» E o equivoco dura ainda, por que ella crê-me muito amoroso, sem que por sua parte sinta por isso grande amor.

«Pois não é curioso que ella se tenha lançado n'uma aventura d'estas, com tão pouco combustivel passional? Será verdade, como ella affirma que «repugnar-lhe-ia mentir?» E todavia não é caso para tal repugnancia; e no duello entre o homem e a mulher, a arma da fraqueza, a arma infantil e feminina, a bella mystificação, delicada e perversa, cinzelada por mãosinhas artistas, parece-me um dos jogos mais agradaveis... Não, a mystificação não a enfastiaria. Enfastiava-se sem motivo, simplesmente. Victima da vi-

da monotona e ociosa, preferiu entregar-se a todos os caprichos dos meus dezoito annos, a todos os perigos de um balão de papel cheio com fumo de palha. Que espera ella! Admittindo que consiga divorciar-se, eu tenho, para não a desposar, mil pretextos de edade e situação. Além de que não se trata do seu divorcio. Seu marido, F... que todos suppunham um pesadão indifferente, segundo me participa Alexandre, estoira de raiva e poderia qualquer d'estes dias arremessar-se sobre nós. Mas esse ciume de marido parece-me menos para temer do que o de meu pae o general.

«Sim, meu caro Vallongue, meu pae tem ciumes de mim, está louco de amor pela minha amante que, no intimo do seu coração, conserva um sentimento mais intenso pelo heroe de Wissemburgo do que pelo seu innocente filho. Esse sentimento. foi a piedade que o originou, ou existia antes da doença do general? Ignoro-o; mas durante mezes e mezes vi-os, a ella ao piano, a elle na sua poltrona de enfermo, trocarem olhares mais significativos que as palavras, e muitas vezes percebi que a despeito da sua doença, esse enfermo carregado de annos e de gloria, era um rival perigoso. Elle, o velho, adivinhava-me, temia a *cavata*, convencido de que eu acabaria sempre por triumphar, por causa das minhas pernas e de tudo o que lhe faltava. Ah! quanto devera tel-o molestado, tornado infeliz, mórmente quando ella vinha passar a tarde a Grosburgo e quando eu a seguia por toda a casa e a levava para o jardim. Imagine *Don Juan* inerte, aleijado das pernas; o maldoso dos maldosos, aquelle a quem ninguem lhe préga uma peça, como elle diz, e que por sua parte pregou peças a todo o mundo, imagine-o por pouco enterrado n'uma poltrona, reduzido a espreitar de longe, por dentro de uma vidraça, e a perguntar constantemente a si mesmo: «Onde estão elles?... O que é que elles fazem?» desconfiado, ralado de ciumes, arrastando-se para ir escutar ás portas, furioso, covarde, debulhado em lagrimas. Pois esse homem era

meu pae. Como eu comprehendo que para pôr termo a essas torturas, lhe viesse á idéa o enclausurar-me em Stanislas! Ao que respondi, com a dupla escapada do mancebo e da sua amada... Agora, poderia muito bem succeder, sobretudo depois da falsa partida do *Bleu-Blanc-Rouge* a qual nos deixou facil a pista, que meu pae abusasse da minha necessidade para me reintegrar em Grosburgo e até em Stanislas! Não! seria uma grande ratice o voltar a estudar preparatorios... Em companhia da minha amante, pois não? a tunica ficar-lhe-ia muito bem. Eis um desfecho que ella de certo não terá previsto.

«De resto, pensará ella n'alguma cousa? Ser-me-ia difficillimo sabel-o; e é realmente muito extraordinaria essa concentração, essa impenetrabilidade de dois seres que vivem um em frente do outro e adormecem dentro do mesmo mosquiteiro. Algumas vezes penso no grito de horror que ella daria, se entrasse subitamente dentro de mim, no meu intimo; se ella habitasse repentinamente este meu *eu*, um *eu* por tal fórma obscuro e turvo que n'elle me perco e n'elle experimento horror; que decepção não experimentaria essa pobre rapariga! E se ella quando mais não fosse abrisse esta carta... Seria caso para matar o pouco amor que póde ter por mim, a menos que o contrario succedesse. Quem é então essa duqueza do grande seculo que pretendia que para amar um homem em cheio, a mulher devia desdenhal-o um pouco? V. vê por ventura que eu, farto da minha amante e para desgostal-a de mim, mostrando-me tal qual sou, transforme em paixão o seu amorico? Não: mais vale deixar que o destino e Nossa Senhora de Fourviéres, em quem ella tem a mais cega confiança, operem o milagre. É uma fé tão viva essa, que minha amante, que sahira de sua casa quasi nua, quiz, ao chegar a Lyon, e antes mesmo de comprar uma camisa, ir em peregrinação a Fourviéres e munir-se ahi de escapularios e rosarios bentos. Não a dissuadi de tal; é tão bonito o telintar das medalhinhas n'um pescoço loiro, é tão bom esse prazer que

se torna em peccado, a volupia saboreada no remorso e no temor religioso!

*
* *

«Entre os extrangeiros mais ou menos hybridos que habitam o nosso hotel na presente estação, ou ali vão apenas comer, travámos relações com um joven casal, os Nansen. O marido, um suéco, professor n'uma faculdade qualquer do seu paiz, sentindo-se mal do peito, arranjara uma missão ao sul da Italia. D'ali acaba de voltar, casado ha oito mezes com uma linda rapariga filha do proprietario de um hotel de Palermo. Lua de Mel apaixonada, liga do Norte e do Sul n'um contraste engraçado. O homem, um ruivo de luneta, brando, rachitico, hombros descahidos, olhos peculiares dos individuos do Norte, finos e baços. Alguem disse já: «Á medida que nos approximamos do Norte, os olhos tornam-se mais finos e apagam-se.» Não são assim os bellos olhos myopes de Nina, M.me Nansen, dois bagos de uva preta, tentadores e luzentes n'essa esplendida carnadura italiana. Como mulher é um tanto roliça, mas verdadeiramente joven e natural, roçando-se pelo marido com um riso de amante estimada, com arripios de planta feliz que se ergue e desabrocha ao sol. A nossa presença no hotel, onde os esposos Nansen vinham de uma *villa* proxima tomar as suas refeições, quebrou a harmonia do casal. As lindissimas *toilettes* da minha parisiense, a sua reserva altiva, impressionaram visivelmente o sr. Nansen que de repente notou que a sua Nina tinha ares vulgares e usava uns corpos de vestidos horrivelmente mal feitos e berrantes. Mas o bom do rapaz era demasiadamente timido para provocar em mim a suspeita de que me substituiria, por maior que fosse o seu desejo, e talvez o meu. Do que é feita esta timidez, tão frequente entre nós, homens, e que a mulher ignora? Recorda-se d'aquelle sr. *Pum-pum* de

que lhe tenho falado; pois Nansen, no seu papel de timidez, faz-me lembrar esse sugeito. É um d'esses seres que se desequilibram quando sentem que alguem os vê andar, que fazem um grande esforço para empurrarem a porta de um estabelecimento, e, na rua, andam ao rez das paredes, e desejariam fural-as, desapparecendo pelos buracos. *Pum-pum*, que me confiava todos os seus segredos, falava-me de um amigo seu que se embebedava para ousar ser terno com sua mulher, e sempre estive convencido de que o tal amigo era elle proprio. O meu suéco é d'esta força. Uma noute, no salão, tocava ao piano uma valsa lenta de Brahms, contemplando a minha amante como em extasi. Eu estava perto d'elle e disse-lhe baixinho: «Cuidado, Nansen; olhe que todos o vêem...» Em logar de perguntar o que é que todos viam, fez-se encarnado como um tomate e deixou cahir a luneta sobrê o teclado.

«Quando a encanzinava a proposito do seu mudo admirador, Lydia respondia-me sorrindo-se: «O que me parece é que a mulher tambem não te desagrada muito...» E na verdade, Nina captivava-me por essa dupla attração mysteriosa de uma mulher extrangeira; a mais d'isso, muito apaixonada pelo marido, e provocante. Comprehendeu-o a minha amante? Foi o receio de um dos meus habituaes caprichos que a decidiu a abandonar bruscamente Monte-Carlo? o que é positivo é que uma manhã, ha oito dias, á hora em que o capitão Nuitt viuha receber ordens, Lydia declarou estar prompta a fazer-se ao mar, apesar dos conselhos dos medicos. Combinou-se então que aportariamos a Genova e no caso em que esta curta viagem a não fatigasse, continuariamos seguidamente para Malta.

«E se nós levassemos comnosco os Nansen até Genova?» propuz eu com um ar negligente. Depois de ter perscrutado o meu pensamento até ao fundo dos meus olhos, o que não é commodo, decidiu altiva como sempre: «Pois levemos comnosco os Nansen.

«N'esse mesmo dia, pelas dez horas, sahia de Monaco o

Bleu-Blanc-Rouge, de vélas pandas, cortando airoso o mar. Mas antes da noute, ao largo de Vintimillia, apanhamos uma borrasca de respeito: granizo, trovoada, tramontana, o mar revolto e Lydia extendida na cama, sem forças para fazer o movimento mais simples, nem para queixar-se, agonisante. Ao lado, Nansen vomitava como um desesperado, incapaz de pensar mais no amor. Eu e sua mulher teriamos podido até rolar pelos divans, abraçar-nos deante d'elle: o pobre diabo não teria tido fo.ças para fazer um só gesto que fosse. Mas a boa Ninette estava bem longe d'esses pensamentos. Louca de terror, passou toda a noute ajoelhada, agarrada á poltrona do marido, e, cada vez que um relampago illuminava o interior do hiate, eram signaes da cruz sem conto, litanias recitadas em grita, soluçadas: «Santa Barbara, advogada dos trovões, Santa Helena, Santa Magdalena...» Para eu *flirtar* em taes condições, serme-ía preciso a alma romantica e blasphematoria de um personagem de Eugenio Sue.

No dia immediato, novas complicações. Nansen estava accommettido de uma hemoptysis violenta, consequencia do enjôo, e a pharmacia de bordo não tinha perchloreto, pelo que tivemos de arribar a San-Remo para o prompto allivio dos nossos doentes. Pela tarde, em quanto o *Bleu-Blanc-Rouge* bolinava para vir retomar a sua posição ao lado do hiate de Sua Alteza, ao pé do rochedo de Monaco, voltamos todos para Monte-Carlo pela Cornija. No hotel esperava-me uma carta de meu pae, appello marcial de clarim á honra e á patria. De ha cem annos a esta parte, temos tido sempre um Dauvergne nos regimentos, e com gloria; se ámanhã rebentasse a guerra, se a França carecera dos seus filhos, quem entre nós, marcharia? N'este lyrismo, assim, liam-se quatro paginas, aconselhando-me a abandonar definitivamente a minha amante e a entrar para Saint-Cyr. V. imagina muito bem que toda esta musica de clarim me deixou bastante frio.

«A guerra aborrece-me: acho a bestial e porca. Das duas

maneiras de encarar um campo de batalha, a vertical, a do cavalleiro, de sabre desembainhado, direito e fincado sobre o estribo, a cabeça esquentada e, a horisontal, a do ferido que se arrasta, no sangue e na porcaria, com o ventre aberto, só tenho podido imaginar a ultima, a qual me causa nauseas, se é que não me causa terror. No dia seguinte á terrivel batalha de Wissemburgo, dizia meu pae: «Havia ali carne...»

«Assim me apparece a guerra, toda em carne, carne abatida e carreada, não essa bella carne em pé, brilhante e vivente. Todavia não sou cobarde. Na noute da tempestade a bordo do *Bleu-Blanc-Rouge*, se V. ali estivesse veria que eu não ficava atraz da minha solida equipagem no artigo sangue frio e coragem. Não terei como toda a gente a coragem para ser actor na guerra: sómente a carnagem causa-me horror. A mais d'isso, as palavras: patria, bandeira, familia, não acordam em mim senão echos hypocritas, sons e mais nada. Assim é V., meu caro Vallongue, mas com esta variante, e vem a ser que em V. tudo provêm do estudo e da reflexão. O seu cerebro, como o de tantos mancebos francezes, é uma conquista da philosophia allemã, conquista por uma outra maneira mais séria, que a da Alsacia e até a da Lorena. Kant, Hartmann, e sobretudo o outro, o famoso — sabe bem a quem me refiro — demonstraram a V. a decoração da vida, peça por peça; a erudição do sentimento e da sensação destruiu em V. a faculdade de sentir.

«Mas eu, eu que não sei nada, que não tenho lido nem apprendido cousa alguma, como é que me encontro na situação da lassitude e decrepitude moraes? Por que motivo estou já secco e arido, estragado, com dezoito annos apenas? D'onde me vem este despreso de toda a casta de deveres, de toda a missão, esta revolta contra toda e qualquer lei?... O meu nome, a minha fortuna, a minha mocidade, de par com uma alma de anarchista! Porque e isto? V. Vallongue, a quem eu confio tudo, que

me conhece a fundo, veja se explica o meu ser a si mesmo. Aprecia-me V.—e a sua carta parece dar-m'o a entender—como sendo o producto da nova escola, uma amostra da ultima novidade? Os nossos antepassados n'esse caso deverão ficar bem surprehendidos! Os que vão e os que véem não se parecem nada uns com os outros, bem o sei; mas d'esta vez, a julgar por meu pae e por mim, o abysmo entre as duas gerações é bem grande, e de uma á outra margem, á incomprehensão poderia exaggerar-se até aos limites do odio.

«É certo que li a'meu modo a carta do general, vendo apenas n'ella a volta á vida e o desejo de tornar a vêr a sua querida F... por quem, devo confessal-o, as suas torrentes de eloquencia militar foram mais bem apreciadas do que pelo seu filho. Á minha sentimental amiga iam-se-lhe os olhos n'essa tirada de patriotismo; de resto, ha tempos a esta parte, taes accessos de sensibilidade são frequentes n'ella, e até inquietadores. É isto que podia constituir uma aventura! N'este caso, as suas lagrimas promanaram de uma fonte exclusivamente moral; sentia-a transtornada, preste aos maiores sacrificios. Ah! o velho devasso, a sua carta não se dirigia tanto a mim como áquella que a leria por cima dos meus hombros, pensando n'elle! E prevejo agora uma demonstração paternal ainda mais viva. Apostamos em como vae surgir aqui em pessoa, representar-nos uma scena de melodrama para matar de uma mesma cajadada dois coelhos — arrancar d'aqui a sua amante e o seu filho. Imaginará que estou aqui esperando mesmo por elle!... Primeiramente, a roleta não me diverte já, — mais uma sensação cahida para o limbo; não valia o fastio de assar-me n'esta paisagem africana, cego de sol e de poeira encamada, estonteado por esta cantarola das cigarras que parece o ruido monotono da luz.

«O melhor seria tornar a partir no meu hiate, confiando Lydia a amigos que a conduziriam, por terra, a algum cantinho perdido da Bretanha ou da Italia. Mas quem? Os Nan-

sen... passaram á historia. Esquecia-me dizer-lhe que o pobre sueco foi d'esta para melhor fulminado por uma tisica galopante, no dia seguinte ao da nossa arribada. A este respeito, senhor philosopho, permitta-me que lhe submetta, como eu o faria ao meu confessor, a analyse de um caso passional e mysterioso, quasi inaudito.

«Temos pois o sueco em companhia dos anjos durante dois dias, vivemos por assim dizer d'essa morte, a minha amante passando horas esquecidas junto da desolada viuva, eu e o meu bravo Nuitt, de cuja sinecura me aproveito em todas as occasiões, occupados com o triplo caixão de carvalho, chumbo e pinho, para conduzirmos o defunto para a sua patria, e com as questões de transporte, de transito... Não tratamos de outra cousa senão do sueco; comiamos e bebiamos sueco; as suas cinzas misturavam-se nos nossos alimentos, insinuavam-se no nosso somno. No terceiro dia, hontem de manhã, disse-me a condessa:

«—Tu devias ir vêr Nina... tens sido extraordinariamente amavel e condescendente com ella, e a pobre senhora desejaria apresentar-te os seus agradecimentos.»

«Nada mais banal do que essa visita. Por que razão me senti tão commovido, tão apaixonadamente commovido, ao entrar no jardimzinho da *villa* Nina, talhado na concavidade de uma ravina côr de malva, a dez minutos do mar? Seria isto effeito do sirocco, do aroma dos loureiros-rosas? Sentia a bocca secca, as mãos a escaldar, e todo o meu ser entumecido por uma vertigem sensual que não me impedia de pensar na morte. Como não pensar n'ella de resto? Senhora, dominadora n'essa casa, enchia-a com a propria desordem e perturbações que traz comsigo. Estas janellas no primeiro andar, completamente abertas, essa outr'ora hermeticamente cerrada por onde se entrevia a lugubre luz amarella das tochas em pleno dia, e por toda a parte, até no jardim, até sob os loureiros-rosas, o horrivel cheiro dos desinfectantes e da serradura de madeira que exhalam as camaras ardentes.

«Esperei durante cinco minutos n'um locutorio, no rez-do-chão, assentado n'um canapé de palha. Passos na escada. Nina... Já lhe disse, não é assim? que nada existia de commum entre essa mulher e eu. Na vespera da sua desgraça, riramos e jogaramos juntos, toda a noute, no terraço do hotel. Um *flirt* divertidamente encantador. Por mais que a alegrasse e a distrahisse, a sua attenção concentrava-se sobretudo no marido, a quem ella vigiava, sentado ao piano com a minha amante, deante de uma sonata a quatro mãos. Não a tornei depois a vêr. Ora explique-me V. por que motivo *tinha eu a certeza* do que ia succeder... Nina entrou, muito pallida; enfiara um vestido negro muito justo, muito collado ao corpo airoso e flexivel; sentia-se a sua bella carnadura mate d'italiana por dentro da roupa. Os seus olhos luziam por entre as palpebras vermelhas inchadas. Deixou-se cahir no canapé, junto de mim, sem proferir nem uma palavra; as nossas mãos roçaram umas pelas outras; e o fogo pegou... «Ah! senhor Charley...» Seguidamente apertei-a contra o meu peito, contra a minha bocca, quebrada pelas noutes de vigilia, vencida, esquecida, desfallecida n'um longo beijo de febre que rescendia a remedios e a phenol... Precisamente n'esse momento entrava o proprietario do hotel a pedir lençoes, fazendo-me perder uma occasião que seguramente não voltará mais.

«Não importa, meu philosopho, que pensa V. de isto tudo? Por que diabolicas artimanhas se arrancou ella a esse morto que amava, que pranteava, para cahir inconsciente nos meus braços? Será por que em roda dos ataúdes volteia um halito aphrodisiaco? ou simplesmente porque a vida tira a sua desforra n'um impulso immediato e vehemente? Tenho a convicção de que os medicos sabem mais do que propriamente dizem ácerca d'esses momentos de desordem e de perversão, de que elles proprios muitas vezes devem tirar proveito. Eu mesmo, já uma outra occasião, em circumstancias mais terriveis ainda, experimentei a mysteriosa influencia... O amor e a morte, Vallongue!

*
* *

«Contava enviar-lhe o meu jornal só quando eu tivesse tomado uma decisão e fixado a nossa nova estada, mas eis-nos em plena e nova peripecia. Não é meu pae que acaba de chegar, é Othello. Esta manhã entrou no nosso aposento, pimpante como sempre, mas com cara de caso, o Alexandre que, desde a minha partida, espia por conta de minha familia, o sr. F... e fez a viagem n'um expresso, ao lado d'elle. Felizmente este terrivel marido, estabeleceu o seu campo de exploração em Monaco, onde suppõe que nós estamos, o que nos dá tempo para tomarmos uma resolução.

«Em breve receberá V. mais noticias minhas. O negocio não deixa de ter gravidade; mas tomo o pulso a mim mesmo: o pulso funcciona bem.

Charlexis.

VII

Ricardo separando-se bruscamente do velho Mérivet, depois do seu colloquio ao pé da Ermida, deu de cara com Alexandre; e o sorriso significativo do velhaco e a ironia que julgou vêr n'esse sorriso, foram como que um raio de luz atravessando-lhe o cerebro.

«Onde estão esses miseraveis?... este homem deve sabel-o; sabe-o por Grosburgo, e Rosina, cá em casa, deve sabel-o por Alexandre.

E emquanto calcurriava a estrada já quente a escaldar, a sua sombra curta ao lado d'elle, repetia os gestos de um furioso soliloquio.

«Sempre sou muito bruto em não ter pensado n'isto mais cedo, e em ter perdido tempo em ir repetidas vezes encafuar-me na estação do correio! Tudo está agora em que essa rapariga desembuche... Oh! ha de falar, se não...»

Precisamente assomava á porta do parque Rosina Chuchin que reproduzira a physionomia de fuinha de seu pae, o guarda-pesca, apenas com a differença da edade. Fôra n'esse parque e no alto dos seus degraus que ella uma vez estivera prestes a fulminar o amo ao annunciar-lhe a fuga de Lydia. Com o seu chapeu de senhora e sapatinhos de laço, e um livro de missa dourado debaixo do braço, a creada esperava alguem. Afastou-se para dar passagem a Ricardo, com esse sorriso vago e subalterno, em que se póde vêr tudo quanto se quer; mas Ricardo fel-a voltar servindo-se de ambas as mãos, acostando-a contra a porta que fechou com um violento pontapé:

—Onde está a senhora... tu sabes... dize immediatamente... onde está a senhora?

E saccudia-a brutalmente. Ella, estupefacta, sem comprehender nada, balbuciava:

—Mas senhor Ricardo eu não sei, eu não sei onde está a senhora... Quando voltou da missa encontrou um telegramma...

—Falo-te da tua ama... de mi... de mi... de minha mulher. E disse estas palavras com esforço. Onde está ella?... E vendo que a rapariga ia mentir: Eu nunca me metti n'essas historias, mas sei o que se passa; tu pensas... Se crês que eu não vos ouço quando o teu ámante vem vêr-te á casa dos engommados... Bastava-me dizer uma palavra para que minha mãe te puzesse na rua e para que o pae Chuchin...

—Oh! senhor Ricardo...

—Então nada de subterfugios e de pantomimices. Quando Alexandre lhes escreve para aonde dirige as cartas?

A involuntaria oscillação de todo esse corpanzil de camponeza robusta testemunhou a sua incerteza, acabando a final por dizer em segredo o nome da terra e do hotel. Ricardo ficou passado. Julgava-os longe, para lá dos mares, fôra de mão. Não lhe tinham falado d'uma viagem pelas Indias? E eis que em logar de tripudiar sobre a sua vin-

gança bem proxima, sentiu-se subitamente calmo, sem renunciar todavia á sua partida, por que encarregou Rosina de lhe preparar a sua maleta de viagem:

—Sabes? é a maleta que levo commigo quando vou caçar aos paúes de Mérogis... Sobretudo nem palavra a minha mãe... Ella foi, disseste tu?...

—Á estação de Villeneuve, de carruagem.

—Minha mãe foi a Villeneuve? E que iria fazer lá?

Com effeito a senhora Fénigan só sahia quando ía á missa.

—Não sei, sr. Ricardo, mas vou aproveitar-me da sua ausencia para ir buscar a maleta que está no palacio.

E metteu pelo passadiço.

Ricardo chamou-a:

—Entra no meu quarto ao mesmo tempo e tira de lá...

Não soube como havia de pedir o revolver, que estava na gavetinha da mesa de cabeceira. Correspondia isso a sublinhar as suas intenções, e não teve animo para o fazer.

—Não; eu vou lá.

Analysando a sua arma, censurou a si mesmo esta tranquilidade subita e inexplicavel.

«—A razão d'este phenomeno? Como é que a idéa de que ámanhã, a esta mesma hora estarei vingado se quizer, como é que esta idéa me fez resfriar a este ponto? Sou eu pois absolutamente um covarde, ou simplesmente incapaz de uma determinação?

Então, para excitar-se, para retomar o impeto furioso de ha pouco, procurou as cartas de Charlexis a sua mulher, as quaes conservava n'um cofre para tel-as sempre á mão, e debaixo de olho. Ah! foi cousa que depressa fez. N'esse cerebro um tanto paralysado, amodorrado, tornado mais lento por effeito dos torpores causados pelo ar livre, a imaginação tinha necessidade das representações exteriores para avivar-se. Assim succede com certos voluptuosos que recorrem ao livro e á imagem em auxilio dos seus senti-

dos amortecidos. De cór sabia elle perfeitamente essas cartas; mas com a leitura as palavras creavam corpo, as palavras brilhavam como olhares...

O rodar de uma victoria sobre o saibro arrancou-o a essas visões... Sua mãe... pois já?... Empacotou as cartas á pressa, desolado por não poder partir sem ter que lhe falar. Agora seria preciso um pretexto para justificar a viagem, evitar as lagrimas, as supplicas. Procurava essa justificação no seu espirito ao descer para ir ao encontro da mãe, e mostrar-se no patamar, no momento em que a victoria parava defronte da porta, lá em baixo. Qual não foi o seu espanto ao vêr a almofada do cocheiro atulhada de malas, e ao lado da sr.ª Fénigan, sob uma sombrinha de um vermelho escarlate, uma mulher muito nova ainda, trajando de côr escarlate, desde a *aigrette* do seu chapeu de viagem até á seda das meias transparentissimas que ella deixou vêr ao saltar da carruagem com um impeto de rapaz esturdio.

«Bom dia, Ricardo,» disse ella alto, e bom som, alegremente, ajudando a descer a sr.ª Fénigan, que fazia certos signaes de intelligencia ao filho. A voz soava, joven e fresca, n'uma accentuação engraçada do paiz, voz já ouvida, quasi familiar. Comtudo Ricardo hesitava, quando a mãe, subindo a escadaria pelo braço da dama de encarnado, a annunciou:

«É Elysa, a prima de Lorient; pois não te lembras?»

Um enxame de recordações, de momentos amorosos e felizes, entraram em turbilhão pela sua memoria. Tornou a vêr a prima muito roliça e meã, galopando junto d'elle nas planicies de Sainte-Geneviève-des-Bois, á portinhola do *landau* em que Francisco Bellegnic, rico negociante de madeiras e a sr.ª Bellegnic, da familia de Kerkabelec, ajustavam com a sr.ª Fénigan o proximo casamento dos filhos que já se entendiam perfeitamente. Por infelicidade as duas mães assimelhavam-se demasiado nos genios para poderem entender-se. A sr.ª Bellegnic, filha de Fulano... era

uma bretã talhada na pedra dura, ainda um «bom tyranno» que pretendia dirigir todo o mundo como dirigia o marido, mão firme e as redeas altas. «Francisco que não é uma aguia,» dizia falando do marido, deante d'elle, e o marido cada vez que a mulher assim falava inclinava-se, sorrindo boquiaberto, sem indicar cousa alguma com effeito que o fizesse parecer a uma aguia, submettido a um jugo conjugal que, com o andar dos tempos lhe havia deformado o cachaço. Ricardo, após uma scena violenta entre os dois bons tyrannos, teve que tomar partido por sua mãe contra os parentes d'aquella a quem elle olhava já com olhos de futuro marido; sacrificou-se, sobretudo por causa da sua fraqueza, pela impossibilidade material de dizer *não*, mas conservando no intimo d'alma uma verdadeira magua que desapparecera sob a acção corrosiva do tempo e de outra casta de soffrimentos bem profundos. No espaço d'estes doze annos a sr.ª Bellegnic, da familia de Kerkabelec fallecera. Francisco, que não era realmente uma aguia, desolado por não mais ouvir esta confissão da bocca da mulher, breve a seguiu no tumulo. Elisa, casada com um cirurgião de marinha, alcoolico e brutal, que lhe batia com uma regularidade mechanica assás notavel, obtivera separação de pessoas e bens, e em seguida o divorcio, logo que esta lei passou no parlamento. A sr.ª Fénigan primeiramente fulminou esse acto com toda a sua indignação de catholica orthodoxa; n'esse tempo tal facto foi pretexto para discussões azedas entre ella e Lydia, discussões em que as phrases «querida mãe» e «querida filha» se cruzavam silvando com intenções corrosivas. Depois, com a fuga da voz, perante o abandono e a tristeza do filho a quem julgava que bastaria a sua ternura de mãe posto que sem effusão, as suas idéas mudaram sobre a divorciada e até mesmo sobre o proprio principio de divorcio.

Lembrou-se que Elisa e Ricardo se haviam amado. Accometteu-a o remorso do seu capricho em ter quebrado um casamento que tantos desgostos teria poupado a todos;

remorso tanto mais sincero que o desapparecimento dos Bellegnic deixava-lhe a auctoridade plena, despotica, de que tão ciosa era. Então, sem uma resolução ainda bem definida, guiada pelo seu instincto de mãe e pelos conselhos do cura de Draveil, seu confessor, escreveu em segredo á prima de Lorient convidando-a a vir passar algum tempo aos Uzelles, e a prima, em quem o rancor não era o seu forte, accorrera ao convite.

A sua presença teve como primeira consequencia o impedir a partida immediata de Ricardo. Demorou-a formando tenção de seguir n'um dos comboyos da noute, e almoçou em frente de Elisa, encantado por tornar a vêr o riso franco e alegre da prima, o arrebitado do nariz e a graça especial dos seus labios deslumbrantes. Elisa pertencia a essa raça de privilegiados, para quem a vida rola em torrente as suas interferencias e as suas catastrophes, sem deixar o menor traço. Depois de tantos annos de luto e de lagrimas, tornava a vêl-a alegre e esturdia, sempre com esse gosto provinciano das joias e das côres alegres, sempre com essa fieira de perolas entre os labios, a sua face morena e rosea com uma vellusidade de pecego apetitoso, apenas com os braços mais roliços, a pelle mais branca, e uma arte no decote dos vestidos, impudente e infantilmente desenvolta, muito propria para intimidar o seu honesto visinho á mesa. Ricardo, a cada momento lançava um olhar furtivo, corando, o que causava uma especial alegria á *coquette* rapariga a quem a mãe dissera simplesmente: «Trate de curar meu filho que está doente.»

Ao terminar o almoço, Elisa soltou um grito de desgosto: «E o meu saquinho?» Era um saquinho de couro encarnado em que trazia dinheiro, titulos, joias, todo o seu haver. Primeiramente o facto não causou alarme. Tendo chegado apenas havia uma hora, quantas cousas não se achavam já deslocadas?! De certo que o sacco encontrar-se-ía como o leque, os anneis, a sombrinha, em differentes sitios, por effeito das voltas e reviravoltas, e pela mobilida-

de de idéas d'essa gentil creatura. Depois de infructuosas pesquizas, foi forçoso convir em que o saquinho ficara esquecido no wagon ou talvez na estação de Villeneuve, pois que o cocheiro Libert affirmava que não o vira na almofada com os outros volumes.

— Pois então que o Libert volte á estação, ordenou a sr.ª Fénigan.

— Obrigado, prima; estou em cuidados; irei eu mesma á estação.

— Elisa, eu acompanho-a, alvitrou Ricardo... Tomaremos o *boghey* para irmos mais depressa.

(Continua.)

Alphonse DAUDET.

MELODIA

Aos beijos da brisa
Inclina-se a rosa,
Vertendo amorosa
Seu placido olôr:
E cheios de aroma, de côr, matisados,
Os bosques, os rios,
Os campos e os prados
Exhalam perfumes de paz e de amor.

E é pura e tão santa
A essencia primeira
Que sobe, ligeira,
Da timida flôr;
Como é innocente uma lagrima pura
Brilhando n'uns olhos
De infinda doçura,
Ao beijo primeiro da brisa do amor.

Quão grato é então
Contar, seductoras,
A vida e as horas

Passando sem dôr;
Qual correm serenas, em noites de estio,
As ondas azues
Do limpido rio
Ao leve suspiro da brisa do amor.

As aves ostentam
As nitidas plumas;
O mar, as espumas;
As rosas, a côr;
A terra as fragrancias mais puras e bellas,
E o céu, suas nuvens
E brancas estrellas,
Promessas divinas de paz e de amor.

Porém de que servem
Do mar e das aves,
Os hymnos suaves
O vago rumor;
De rosas e estrellas, aromas e lumes,
Se á alma não descem
Os gratos perfumes
Que leva nas azas a brisa do amor?

O mundo nos mostra
Seus ricos festins,
Da terra os jardins,
Do sol o calôr;
E as almas captivas de tal harmonia,
As vozes escutam
Da eterna poesia,
Sem treguas dizendo: «A vida é o amor.»

R. de MENDIVE.

A VIDA PRIVADA DE MIGUEL TEISSIER

(Continuação)

IV

Atravessavam, de braço dado, a multidão de convidados, com tal desembaraço e serenidade que ninguem desconfiava de cousa alguma. E desappareciam. A enormidade do escandalo quasi que o desculpava.

Mas, ao mesmo tempo que fazia estas combinações, Miguel pensava no desespero humilhado de Suzanna, no isolamento de suas filhas, orphãs d'ahi para o futuro, no seu lar destruido, na vergonha e nos remorsos que os devorariam, a elle e á sua cumplice; e encolhia os hombros a estas imaginações loucas. Depois, quando, tendo-se resignado novamente, media a extensão do sacrificio, perguntava a si mesmo a quem era elle feito; porque a sua casa, agora, já não tinha alegria; os momentos que ahi passava era quasi como extranho, sob o olhar desconfiado de Suzanna, refugiada entre Annie e Lourença que já não sorriam ao pae; estava ahi como que cercado de ruinas, de censuras mudas, de desgostos que elle causara, isolado en-

tre as suas affeições feridas; e, pensava, muitas vezes, que eram os seus mesmo que o expulsavam.

Na ultima semana antes da reunião do contracto, que os de Quérieux queriam que fosse muito sumptuosa, Miguel achou na sua correspondencia uma carta de Branca:

«Não pensava que teria de escrever-lhe ainda, Miguel. E agora preciso falar-lhe a todo o custo. Parece que enlouqueço. A quem posso eu dirigir-me, senão ao senhor? Nunca tive mais ninguem, nem tenho ainda, apesar da distancia que nos separa. Portanto supplico-lhe que venha em meu auxilio, que me diga o que se ha de fazer.

«É com respeito ao meu casamento. Até agora acceitara-o com frieza: a data era ainda incerta e o sr. Graval era-me tão indifferente! Tencionava, até, fazer o que estivesse ao meu alcance para que elle fosse feliz: era injusto que elle tambem soffresse por nossa causa; já temos espalhado bastantes lagrimas em torno de nós. Comtudo disse-lhe logo que o não amava e que casava para fazer o mesmo que toda a gente, sobretudo para sahir de uma casa que se me torna cada vez mais odiosa. Julgava que elle casava comigo por motivos similhantes, mas parece que começou a amar-me... Desde que o sei, já não é indifferença que me inspira, é odio. Com que direito me ama elle? Pois não sabe que sou d'outro? Isso não está escripto no meu rosto? Chego a despresal-o por ter tido a cobardia de pedir a minha mão, de aproveitar o meu isolamento para se impôr...

«Eu não sabia o que dizia quando disse que sim. N'esse momento tudo me parecia preferivel á hospitalidade humilhante do meu padrasto, e acceitaria fosse quem fosse para sahir d'esta casa onde tudo me fere e me contraria. E depois, era a sua vontade, Miguel: julguei que podia obedecer-lhe. Além d'isso não sabia, repito, não sabia. Agora sinto que é impossivel, vejo claramente, comprehendo...

«Esta noute, ou hontem á noute—por que são duas ho-

ras da manhã, — estavamos na sala. O meu noivo trouxera-me um cofre á Luiz XV, delicioso. Eu estava reconhecida pela attenção e disposta a mostrar-me amavel. A mamã, porém, entendeu que devia sahir da sala com um pretexto qualquer. Fiquei só com elle. Então senti-me horrivelmente afflicta. Elle viu isso nos meus olhos:

«—O que tem, Branca? perguntou-me. Está a tremer, dir-se-hia que tem medo de mim...

«Sim, tinha medo d'elle!... Como não respondi, pegou-me nas mãos e beijou-as. Então, não sei o que fiz, Miguel, perdi a cabeça, arranquei as minhas mãos das d'elle, fugi para o meu quarto e fechei-me lá.

«Não quero que elle me toque, não quero, não quero! Antes o convento, antes a morte! Resigno-me a não ser sua, Miguel, visto que é impossivel, mas não posso pertencer a outro homem. Presumira muito das minhas forças, não posso, causa-me horror. E era odioso, o que eu ia fazer: enganar aquelle homem honrado que não tem culpa de não ser Miguel! Como poude o senhor, que é tão leal, aconselhar-me essa mentira suprema?

«Não sei como se arranjaram uns com os outros, lá em baixo. Vieram bater-me á porta: não respondi. Não insistiram. Provavelmente querem deixar-me reflectir com socego, esperando que me torne mais rasoavel. Mas amanhã ha de rebentar a tempestade. Tenho de dizer que já não quero M. Graval para marido. Tremo, Miguel, quando penso na scena que hei de supportar.

«Venha em meu auxilio, supplico-lh'o! Já não tenho força, a minha falsa resignação abandonou-me, sou horrivelmente desgraçada! Se eu lhe dissesse tudo o que tenho soffrido n'esta casa! Desde que estou separada de Miguel e dos seus, ainda não tive um olhar de affeição nem uma palavra de sympathia, estou desamparada, não sei para onde vou, tenho medo de todos e de mim propria.

«Ámanhã sahirei muito cedo, antes de estarem levantados e deitarei esta carta no correio para que a receba mais

cedo. E não dê ouvidos senão ao seu coração, Miguel: se ainda me tem alguma affeição, venha em meu auxilio! É a minha unica esperança. Emquanto não tomar uma decisão por mim, não responderei nada ao que me disserem, oppor-lhe-hei toda a minha força de inercia. Seja qual fôr essa decisão prometto sujeitar-me a ella... a não ser que torne a falar-me n'este casamento. Mas não terá essa crueldade, bem sabe que não posso. E o senhor talvez consiga que cessem de atormentar-me, que me deixem livre de dispôr da minha pessoa.

«Olhe! se não houver salvação possivel, se não existe um canto do mundo onde eu possa esconder-me para viver como muitas outras, só com o meu pesar, entrarei para o convento, acceitarei essa idéa que repelli em Lyão. Lembro-me muitas vezes das palavras do abbade Gondal, nos primeiros tempos da nossa separação. Repito-as no pensamento e comprehendo-as melhor, provavelmente por causa dos longos mezes de angustia que me fizeram reflectir. Oh! o convento ainda me repugna; sinto que não tenho bastante fé, que levaria para lá a minha ferida. Mas, ao menos, teria silencio e paz. E, quem sabe se, a pouco e pouco, o socego se não restabeleceria na minha alma? Isto parece-me impossivel, agora, de tal maneira ms sinto angustiada e dorida. Comtudo, sei que os claustros têem apasiguado bastantes maguas. O que é necessario é querer, luctar, e eu já não tenho forças nem vontade para a lucta.

«Oh! como eu recuperaria essas forças, Miguel, como eu renasceria se pudesse refugiar-me ao seu lado! Mas comprehendo que é impossivel e bem sabe como sou rasoavel. No emtanto, é preciso que descubra um meio de me fazer sahir d'esta casa, de conseguir que me enviem seja para aonde fôr: póde fazer isso porque é attendido.

«Diga a Suzanna, peço-lhe, que não tem direito de se desinteressar de tudo o que me diz respeito, diga-lhe que é absolutamente necessario que me veja ainda uma vez, a ultima, para regular a minha pobre existencia. Ella é boa,

ha de comprehender e permittir-lhe que se occupe ainda alguns momentos comigo, afim de livrar-me do que me torna excessivamente desgraçada e enviar-me para longe d'aqui.

«É tão tarde, ou tão cedo, que não vale a pena deitar-me. Vou estender-me na minha *chaise-longue*, esperando que sejam horas de sahir. Se pudesse dormir um bocado e, ao despertar, vêr que tudo o que se tem passado ha tres annos é apenas um sonho mau! Oh! accordar no meu quartosinho de Annecy, com o sol a dourar os cortinados de *cretonne*, e levantar-me á pressa, com medo que seja tarde, porque temos de dar uma grande caminhada juntos!... N'esse tempo, ainda me não amava, Miguel, e eu era tão feliz!...

«Mas para que serve recordar estas cousas passadas, que nunca mais voltam? Ai! o presente está aqui, com todas as suas angustias. Miguel, meu querido Miguel, venha soccorrer-me, não por me ter amado, mas por eu ter sido sua filha adoptiva e por não ter mais ninguem no mundo!

Branca.»

Teissier relia ainda esta carta, que o afastava mil leguas das suas preoccupações de negocios, quando Suzanna entrou no gabinete. Era estranho, porque havia muito tempo que ella já ahi não ia. Miguel, vendo-a, estremeceu, como se o accordassem bruscamente, estando a sonhar:

—O que é?... o que queres tu?... perguntou elle.

Suzanna sentou-se e esteve um momento calada, como quem vae dizer uma cousa grave:

—Ha novidades, disse ella com a voz um pouco tremula; tenho de falar comtigo... Acabo agora mesmo de receber a visita de Mme de Quérieux. Tinha ido procurar-te á Camara... Não te encontrando lá, veiu aqui... Como receei que ella te estorvasse, disse-lhe que não estavas em casa.

Miguel franziu as sobrancelhas.

— Tens muito cuidado em que eu não perca tempo, disse elle ironicamente.

— O que é verdade, explicou Suzanna, é que não imaginei que pudesse tratar-se de alguma cousa importante... Foi por isso que a recebi, e não por outros motivos...

Calou-se, esperando uma pergunta que não vinha; depois continuou:

— Ella desejava falar-te... Está muito inquieta... Parece que... M.elle Estève fala em desmanchar o casamento... e não quer dar ouvidos a ninguem... É isto!...

Houve um silencio prolongado. Miguel parecia reflectir, com os olhos fitos no vacuo.

— Já sei, disse elle, afinal.

Suzanna teve um gesto de cólera. que reprimiu:

— Já! exclamou ella, já o sabias?... De que maneira?...

Miguel pegou na carta de Branca e extendeu-lh'a:

— Lê! disse elle brandamente.

O papel tremeu na mão de Suzanna:

— Então, disse ella, dobrando a carta, o que tencionas fazer?...

Miguel levantou-se, deu duas ou tres voltas á roda do gabinete e tornou a sentar-se:

— Vou falar com ella, disse afinal, com esforço.

— Falar?... Falar para que?... Não é bastante escrever-lhe?...

— Não, não é bastante... Quero falar-lhe... Quero repetir-lhe o que já lhe tinha escripto, o que ella escutou a primeira vez e ha de escutar ainda... quero dizer, que este casamento é necessario, por causa d'ella e por mim, tambem...

— Dir-lhe-has isso?... Terás força para tanto?... Já não a amas, então?...

E n'estas ultimas palavras brilhou como que um relampago de alegria:

—Dir-lh'o-hei, repetiu Miguel, terei força para isso...

Deteve-se. Suzanna comprehendendo o sentido da phrase que elle deixára suspensa, tornou-se sombria:

—Se ainda a amas, por pouco que seja, disse ella com voz surda, não a vejas!...

—Hei de vêl-a, é preciso, respondeu Miguel com brandura tenaz.

Ella interrogou-o com os olhos, diligenciando vêr se estas palavras eram uma resposta indirecta á sua pergunta angustiada: elle, porém, conservava-se de uma serenidade insondavel, essa serenidade sob a qual os olhares interessados nem sempre distinguem as ameaças de tempestade.

—Mas se ainda a amas um pouco... repetiu ella.

Depois, abandonando a phrase, como se o pensamento tomasse, de repente, outra direcção, teve um impeto subito de ternura: approximou-se do marido, deitou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o na testa, lentamente, com todo o affecto de outr'ora:

—Miguel!...

Elle apertou-a a si, reprimindo a custo um soluço, como se o coração se lhe partisse sob aquella caricia inesperada e compassiva.

—Tenho confiança em ti, disse ella... Vae, podes ir!... Sei que farás sempre o teu dever...

E sahiu, deixando-o só.

Miguel ficou, por um momento, n'uma attitude acabrunhada; depois ergueu-se e murmurou debilmente, em tom de duvida:

—O meu dever?... O meu dever?... Sim, é preciso...

Afinal chamou um creado, mandou pôr o trem, vestiu-se e fez-se conduzir ao hotel de Quérieux. Havia muitos mezes que não lhe transpunha o limiar. Os creados novos não o conheciam:

—Previna m.elle Estève de que o sr. Teissier deseja falar-lhe.

Introduziram-o na salinha particular de Branca, a qual confundia o menos possivel a sua vida com a dos parentes: era uma casa forrada de côr de malva, elegante e simples ao mesmo tempo, de um gosto quasi severo, e que Miguel conhecia bem, onde respirava, como um perfume, a lembrança das antigas horas de intimidade. O creado que o annunciára, veio dizer-lhe:

—A menina pede a vossa excellencia que espere um instante.

E elle esperou nervosamente, indo do piano onde folheou a partitura do *Lohengrin*, á secretaria Luiz XV, sobre a qual estava um volume de poesias de Sully-Prudhomme. Miguel pegou no livrinho encadernado em papel velino, abriu-o no logar marcado por uma fita, e por muito distrahido que tivesse o pensamento, deteve-o um instante n'estes versos:

«Apesar da distancia e do tempo, os labios que querem unir-se podem sempre conseguil-o, á força d'arte e de constancia.

«Sempre ha modo de preparar os caminhos que ahi conduzam: não ha ondas, nem desertos, nem montes que os detenham; a pouco e pouco se faz a approximação e todas as horas concorrem para o mesmo fim.

«Mas o que faz durar o exilio melhor do que as ondas, do que as rochas ou as areias do deserto, é um simples obstaculo invencivel, que não tem a espessura de um cabello. É a honra.

«Nenhum estratagema, nenhum aspero e violento esforço a pode jámais vencer, porque tudo quanto ella oppõe ao coração, é do coração mesmo que o recebe.

«E bem sabeis se ella é rigorosa ou não, vós, pobres

pares de alma nobre e altiva a quem tão sómente o horror da falta impede que sejam felizes.

«Inclinados á beira do abysmo, respeitaes no fundo de vós mesmos, como enfermeiros crueis de gente louca, os decretos d'esse juiz intimo.

«Amantes puros, desnorteados na terra, que martyrio extranho é esse que sentis! Quanto mais perto uns dos outros tendes os corações, mais separados elles se sentem e julgam.

«Oh! quantas vezes, sob o aspecto de uma fria indifferença, ruge e ferve o vosso desespero sorridente, no meio da mascarada do mundo!

«Quantos gritos sempre reprimidos! Quantos soluços sem allivio! E, sob as apparencias da tranquillidade, quantos heroismos desconhecidos!

«Preferis, aos inebriamentos, mesmo impuros, um luto mais bello, e deixaes aos labios, mesmo no tumulo o direito de se unirem!

Quando fechou o livro e procurava em torno um objecto que pudesse distrahil-o, entrou Branca.

Mudara, sobretudo de maneiras: o andar, os movimentos, as attitudes, tinham a languidez fatigada das tristezas incuraveis, accentuada pela delicadeza e pallidez das feições um pouco emmagrecidas, como que espiritualisadas. Indicando uma poltrona a Teissier, com um gesto, sentou-se defronte d'elle, sem lhe extender a mão:

—Esperava-o, meu amigo, disse ella... O que vem dizer-me?...

A sua voz era affectuosa até á caricia, de uma harmonia

monotona, com sons de cristal muito ligeiro. Miguel não respondeu logo: a commoção estrangulava-o. Procurou debalde algumas palavras para dizer: uma força invencivel impellia-o a cahir-lhe silenciosamente aos pés; teve de reunir as ultimas forças para resistir, para conservar a respiração regular e o rosto tranquillo. Afinal, poude balbuciar lentamente, em voz muito baixa:

—Vim porque devia vir, Branca... para lhe dizer o que devo...

Ella deteve-o extendendo a mão com um gesto quasi supplicante:

— Não, não me faça mal, peço-lhe!...

— Branca, minha querida Branca... começou elle.

Ella interrompeu-o de novo:

—Se quer repetir-me o que me disse na sua carta, prefiro não o ouvir... Para que ha de ir dizer-me essas cousas? .. Não servia de nada: eu não o acreditava, e já tenho um pezar tão grande!...

—Bem sei, Branca... Mas julga que o que lhe custa tanto a ouvir me não custa a mim a dizer?... Olhe, não sei onde eu vou buscar a força necessaria para lhe falar assim, contra o meu coração, para lhe pedir que complete o sacrificio que ha de destruir a minha vida e a sua... Querida, ha seis mezes para cá ainda não tive um pensamento que não fosse para si, ainda não cessei um instante de soffrer por sua causa, tenho-a amado mais do que nunca, o meu amor augmenta á medida que o abysmo se alarga entre nós...

Branca teve um lampejo de alegria, d'esta alegria que as mulheres teem quando lhes dizem que as amam.

— É verdade? disse ella.

— Bem o sabe... Mas o que talvez não saiba é o esforço que me é necessario para me resignar a perdel-a... Pense que tive de apertar a mão áquelle homem, de felicital-o, quasi... que elle me fala de si... que hei de ser sua testemunha... que sou eu, eu, que hei de entregal-a

a elle... Creia que eu nunca soube o que era odio, mas esse homem!...

Ella interrompeu-o:

—Odeia-o e pede-me que lhe pertença!...

Como elle ficasse desconcertado por este argumento directo, continuou:

—Bem vê que é impossivel, Miguel... É superior ás forças humanas... E seria monstruoso, sabe?... Em primeiro logar, era uma deslealdade para com elle: porque, emfim, se elle soubesse que nos amamos, este casamento horrorisal-o-hia... E depois era monstruoso, repito, monstruoso!... Não podemos dispor assim de nós mesmos, contra a nossa vontade, contra o nosso coração... Eu, pelo menos, não posso... Olhe! quero-lhe mal por pensar n'isto, por insistir assim, com essa obstinação, como se o desejasse... Se me tivesse amado alguma vez!...

—... Branca!...

—Sim, se me tivesse amado, não teria esse heroismo... Bem vê que eu não o tenho!... Não se é tão forte quando se ama!...

Esta censura de não amar, nunca erra o golpe: ellas sabem-o, e é o seu grande argumento, pois o que nós não acceitamos nunca, é que ellas duvidem do nosso amor.

—Branca, exclamou Teissier, não me fale assim, supplico-lhe!... Eu não sou tão forte como julga, e as forças exgotam-se-me!... Não sou um heroe, diga o que disser, sou apenas um homem, um pobre homem que sente faltar-lhe tudo, e que, não obstante, quer cumprir o seu dever até ao fim, seja por que preço fôr...

—O seu dever?... Está bem certo de que seja esse?... Então o seu dever é obrigar-me a acceitar um casamento que eu não quero?... Mas com que direito, diga?... Não devemos vêr-nos, não devemos amar-nos, renunciemos a isso, seja! E depois?... É razão para que eu deva casar com M. Graval?... Seja logico, meu amigo... Se eu não quero casar-me, por que motivo me hão de obrigar?...

Minha mãe, meu padrasto, o senhor mesmo, não fazem senão atormentar-me por causa do futuro!... O futuro! Eu penso n'elle, porventura?... E, com o pretexto de me prepararem uma existencia como a de toda a gente, querem que me sacrifique, enganando um homem de bem!... Sim, enganando-o: não me diga que não é mentir, dar-lhe a mão quando o coração pertence a outro... Reflexione um instante, supplico-lhe, e atreva-se a dizer-me que não tenho razão, que não é abominavel, o que me pede!...

—É muito nova, Branca, não pensa senão no momento presente... Mas, lembre-se de que estamos separados para sempre, e que eu não tenho meio algum de torual-a feliz!... Fui culpado para comsigo, oh! muito culpado em dar-lhe a conhecer que a amava... Quem sabe se o futuro de que lhe falo, para o qual a estou impellindo, sacrificando-me, não lhe substituirá a felicidade?... Não engana um homem, visto que o torna feliz. Como é possivel não ser feliz ao seu lado?...

—Oh! phrases!...

—Não, não são phrases, creia... E depois, Branca, pense bem, d'aqui a alguns annos ter-me-ha esquecido... Não diga que não, tudo acaba... e então...

Ella ergueu-se com um gesto de desespero:

—Não me diga mais nada! exclamou, tenho medo de enlouquecer!... Acabaria por ceder, só para não continuar a ouvil-o... E eu não posso ceder!... Não quero, porque não posso!...

Torhou a deixar-se cahir na poltrona, e continuou com voz surda, escondendo a cabeça entre as mãos:

—Ah! queria morrer!... Era a maneira de liquidar tudo!... E já estaria morta se não tivesse receio de ligar-lhe um remorso... É para lh'o poupar que vivo, percebe?... Por consequencia, deixe-me continuar a amal-o de longe, sem o vêr, sem o ouvir... Sim, sem o ouvir dizer essas cousas!...

Rompeu emfim em choro, vencida, não tendo já força

para conter a dôr, para occultal-a. Miguel luctou ainda um instante: contemplou-a, agitada pelos soluços, gemendo, pobre ser despedaçado que se abysmava n'um luto sem allivio nem esperança. Depois, aquellas lagrimas, aquelles soluços, aquelles queixumes, arrebataram-o como um sopro irresistivel de tempestade, e fizeram-o cahir-lhe aos pés.

—Não, não, Branca, exclamou elle, não lhe direi o que não quer ouvir!... Não, não lhe pedirei que se sacrifique, que se entregue áquelle homem a quem nunca poderia amar... Escute!... Dir-lhe-hei que a amo, que a amo, que a amo!... Nada mais!... Querida, não chore, as suas lagrimas fazem-me mal... Veja, sou seu, não resisto, não tenho vontade minha, pertenço-lhe!...

Desunia-lhe as mãos, que cobria de beijos, bebia-lhe as lagrimas, procurava-lhe a bocca.

Um sorriso de felicidade esboçou-se nos olhos, ainda humidos, de Branca. Comtudo, repellia-o sempre, debilmente:

—Não devia ter vindo, disse ella... Devia deixar-me fazer a minha vontade, simplesmente, não pensar mais em mim...

—Não era possivel pensar em outra cousa... respondeu Miguel... Era de mais, afinal!... Amamo-nos excessivamente e não temos culpa d'isso!...

E, como os labios de ambos se encontrassem, soltaram-se com um esforço supremo:

—Não, não, disse Branca escondendo o rosto...

Miguel, porém, apertou-a de encontro a si:

—Nunca mais a deixo, exclamou elle... Quero-a para sempre...

—Cale-se! balbuciou ella.

Elle continuou, com violencia:

—Isto não pode durar assim!... A vida passa e nós soffremos, tendo o amor que pode dar-nos felicidade... Ha de ser minha, Branca, apesar da sociedade, apesar de

tudo... Não sei de que maneira, mas ha de ser, é preciso... D'esta vez não lhe digo adeus, é até á vista... Hei de tornar a vir, buscal-a!...

Ella estava de pé, nos seus braços. Beijou-a nos cabellos, na testa, na bocca. Depois arrancou-se d'ali, fugiu, deixando-a inerte e palpitante.

A exaltação a que acabava de ceder persistiu ainda um momento: entregava-se a ella, já não raciocinava. Os seus deveres, a sua situação, as suas affeições de familia, todas essas cadeias solidas que o prendiam havia tanto tempo, eram quebradas por este ultimo golpe. Peor para todos. Acabavam-se as luctas e os esforços: era a derrota. Sentia-se invadido pela cobardia que nos assalta perante as desgraças irreparaveis, em que ha fatalidade.

Como sempre, nos momentos de crise interior, Teissier tinha uma necessidade violenta de movimento physico: mandou embora o trem, e foi a pé, escolhendo ruas pouco frequentadas, esquecendo-se a gesticular, a falar só, a advogar a sua causa, ou então repetindo phrases sem nexo. Voltou a si vendo-se defronte da porta da sua casa, onde o habito o conduzira. Só então se lembrou de que Suzanna o esperava, sabendo de onde elle vinha, e que era preciso dar explicações, — uma confissão completa ou novas mentiras. Nem um instante pensára no que havia de dizer. Comtudo, precisava sabel-o, porque a hora era decisiva. Então, para reflectir e ganhar tempo, continuou a caminhar ao acaso. Ai! a sua exaltação de ha pouco não mudara cousa alguma, o impulso que o arrebatara por um momento levava-o ao mesmo ponto, o peso dos deveres tyrannicos continuava a esmagal-o, mais immutavel, mais pesado. Hoje, como hontem, como no dia em que Suzanna surprehendera o seu segredo, era forçoso escolher, e o problema era o mesmo: apenas mais angustioso, por causa do que se passara, por causa de todos os pensamentos, suaves ou dolorosos, que o tinham levado, insensivelmente, ao ponto em que o circulo se fecha. Sim, era preciso

escolher, como um heroe de tragedia, entre o dever e o amor: era preciso escolher, e a escolha, d'esta vez, seria irrevogavel. Como podia duvidar? O seu procedimento, muito simples, impunha se: pegar de novo na penna, escrever á Branca o que já lhe tinha escripto uma vez, e seguir o seu destino... Não, não, não podia, já não era livre: os beijos que lhe dera prendiam-o a ella, e queria outros; não podia deixar de sorrir lembrando-se d'elles, cessava de reflectir para os saborear na memoria... Então, era necessario dizer a Suzanna: «Está acabado, amo-a mais do que te amo a ti, mais do que ás nossas filhas, mais do que ao dever, quero-a, seja por que preço fôr!...» Não havia outra alternativa, não havia meio termo nem compromisso possivel. E o desgraçado murmurava:

— Não posso! não posso!...

O tempo ia passando, as horas corriam, e Miguel dirigia-se vagarosamente para casa, com a fronte humida de suor.

Houve um momento em que pensou em morrer: a morte não é um meio de arranjar tudo?... Mas repelliu-a instinctivamente, como luctador de raça, que vae até ao fim da carreira. Morrer, no seu caso, não remediava cousa nenhuma, a sua morte passava unicamente para outros o desespero que elle não tivera coragem de supportar... Comtudo, mesmo repellindo-a, saboreou essa tentação: como deve ser agradavel, a morte, quando se ama!... Está tão proxima do amor!... Não se compõe ella tambem de inconsciencia e de esquecimento?...

Demorando-se n'estas idéas, Miguel, de repente, sentiu nos labios o sabor dos labios de Branca. Ah! aquelles beijos, agora, eram a sua vida, nunca renunciaria a elles, nunca... E, como se achasse de novo em frente da porta, entrou bruscamente.

Annie e Lourença desciam a escada, com a governante. Gritaram-lhe:

— Adeus, papá!...

Elle não respondeu e entrou na saleta.

Conforme tinha previsto, Suzanna esperava-o. Ao principio, esperara com a cegueira ingenua das mulheres que se obrigam a si mesmas a acreditar, contra a evidencia, nas soluções faceis, reflectindo ácerca do seu caso, admirando a firmeza de seu marido, compadecendo-se de Branca, felicitando-se a si propria; sim, meu Deus! por ser a mais forte e vencer; muito terna, muito bondosa, pensando que um pouco da affeição de que o privara e algumas caricias quasi maternaes haviam de suavisar a ferida que elle trouxesse. Depois, como íam passando as horas, enervou-se, a pouco e pouco. O que estaria elle fazendo? Era impossivel que a explicação fosse tão longa! Diligenciava responder á sua pergunta com respostas tranquillisadoras, cuja inverosimilhança a incommodava. Atravessaram-lhe o espirito algumas duvidas: repelliu-as, decidida a não o offender com a mais leve suspeita, obstinadamente convencida de que tudo corria o melhor possivel. Tentou pensar em outra cousa, dar ordeus, entreter-se com algum trabalho. Mas não era possivel: a idéa importuna lá estava sempre, dando-lhe febre, opprimindo-a: por que razão não vinha elle?

Quando o viu entrar, teve a intuição repentina de que se enganara, de que elle não voltava o mesmo: foi um sentimento tão agudo, tão pungente, que se sentiu prestes a desfallecer, e foi com grande esforço que conseguiu perguntar com voz serena:

—Então?...

Miguel sentou-se defronte d'ella, sem responder, como um homem prostrado. Houve um silencio cheio de angustias.

—Então? repetiu Suzanna; e a voz tremia-lhe... Então?... Ficou tudo combinado?...

Miguel respondeu, com voz surda:

—Não, não ficou...

Ella ergueu-se, irritada:

—Não te obedece, visto isso?... Ama-te de mais para te obedecer?...

Houve outro momento de silencio. Foi ainda Suzanna que o interrompeu, perguntando:

—E tu?...

Como elle continuava a não responder, ella insistiu quasi ameaçadora:

— E tu?... Vamos, fala!... Parece-me que devo saber... E tu?...

Miguel esboçou um gesto vago:

—Oh! eu!... disse elle.

Suzanna continuou:

—Então ama-l'a outra vez?...

Elle balbuciou, com voz apenas intelligivel:

—Não devia lá ter ído!...

Suzanna soltou um grito: comprehendia a verdade toda, afinal. Depois serenou, a pouco e pouco.

—Escusavas de m'o dizer, gemeu ella.

Tambem chorava, agora: lagrimas, sempre lagrimas! Miguel levantou se para se approximar d'ella. Mas, o que havia de dizer-lhe? Pudera consolar a outra; esta, não podia. Ai! nem mesmo se atrevia a pegar-lhe nas mãos, a beijal-a na testa. E só poude dizer-lhe esta phrase, que proferiu sem convicção:

—De mais, nada está differente do que era. Continuaremos a não nos vermos, se o exiges...

Suzanna não ergueu a cabeça: continuava a chorar, silenciosamente, brandamente, como uma victima. E essas lagrimas, que elle fazia correr, cahiam-lhe no coração como se fossem pedras. Chamou-a:

—Suzanna!...

Ella não se moveu. Então, hesitando, tentou pegar-lhe em uma das mãos. Ella repelliu-o, sem colera:

—Não, não...

Ficou deante d'ella, humilde e desolado. Acabou por murmurar:

—Não posso fazer nada, não posso!...

Ella, então, disse:

—Gostava que me deixasses só, por alguns instantes!...

E elle sahiu.

Suzanna chorou ainda um momento, de vagar. Depois, as lagrimas pararam, o rosto tomou a expressão habitual. Subiu ao seu quarto, arranjou o cabello, banhou os olhos inchados. Em seguida, entrou no quarto das creanças, beijou-as, ouviu a sua tagarellice com ar tranquillo, e auxiliou a pequenina Lourença que luctava com as difficuldades de um jogo de paciencia.

—Talvez saiba onde está o senhor? perguntou ella, como por acaso, á governante.

—O senhor foi ainda agora para o seu gabinete de trabalho. Vi-o subir para lá.

Como Suzanna se dirigia para a porta, Lourença quiz detel-a:

—Mamã, deixe-se estar aqui mais um bocadinho, peço-lhe...

A razoavel Ánnie accrescentou:

—Só um bocadinho muito pouco.

—Não, respondeu Suzanna, agora tenho que ir falar com o papá!

Deixou-as, depois de as beijar de novo, e foi ter com Miguel ao gabinete.

Elle não a esperava. Ficou admirado vendo-a entrar, porque, de mais a mais, notou logo a mudança que se dera n'ella; o seu rosto já não apresentava vestigios dos sentimentos extremos que a agitavam momentos antes; pelo contrario, fosse resignação profunda ou esforço supremo de vontade, parecia tranquillo e apasiguado. Parada a tres passos d'elle, fitava-o, com olhar compassivo. Elle tambem a fitava, sem dizer nada, sentindo prazer em vêl-a, comprehendendo que ella não vinha como esposa ultrajada, fatigal-o com censuras, que vinha apenas tratal-o como

amiga; e, no meio da desordem em que se debatia, sentiu uma especie do allívio que sente um doente abandonado em receber um soccorro que já não esperava.

Suzanna, entretanto, aproximou-se d'elle e, poz-lhe a mão na testa, com um gesto affectuoso de mãe:

— Meu pobre amigo! disse ella meigamente.

Desde que Suzanna sabia tudo, nunca elle comprehendera melhor a sua dôr commum do que n'aquelle minuto em que nenhum rancor os separava. Sentia bem que a alma d'ella estava livre dos maus sentimentos que a obstruiam quando defendia asperamente os seus direitos de esposa; vendo que perdera a partida, já não lhe restava ciume nem vaidade, nada mais do que soffrimento. Vinha ter com elle, desesperada e compadecida, quem sabe? talvez com algum remedio que o coração lhe suggerisse:

— Ah! comprehendes, disse elle, e perdoas-me!...

Ella respondeu, com voz fraca:

— Sim, comprehendo, perdoo-te!

Miguel pegou-lhe na mão e beijou-lh'a sem que ella resistisse. Suzanna continuou, em seguida, com voz que se tornava mais firme á medida que falava:

— Oh! não foi sem custo que o consegui, pódes crêr! foi-me preciso bastante tempo para chegar a isto!... Mas vi-te soffrer, meu pobre amigo, soffrer e luctar... Por que razão te hei de querer mal? fizeste o que estava ao teu alcance, não é verdade? Não tens culpa de ser fraco.

N'estas ultimas palavras e na sentença que as seguiu, havia como que uma expressão imperceptivel de desprezo. Miguel não deu por isso, suspenso como estava dos labios d'ella:

— Reflecti, continuou Suzanna... Sim, reflecti muito, sobretudo em Annecy, durante as minhas horas de solidão... Não podia pensar em mais nada... E, a pouco e pouco, resignei-me... Julgava então que isto poderia continuar sempre assim... Mas, ha bocado, quando entraste, comprehendi que era impossivel... E sabes o que desco-

bri?... Descobri que havia um remedio, um só, que ha de ser cruel para ambos, para ti talvez tanto como para mim, mas que ha de curar-me ..

Parou, como para tomar forças:

— Então! disse ella com um sorriso triste, não adivinhas que remedio é?...

Miguel abanou a cabeça.

— Comtudo, já pensaste n'elle, outr'ora, e afastaste essa idéa... Mas é preciso recorrer a elle, forçosamente...

E a voz enfraqueceu-lhe de novo para dizer:

— É o divorcio, meu amigo...

Miguel teve um sobresalto:

— O que dizes tu! exclamou elle. Estás doida?...

Ella continuou, com força:

— Sim, Miguel, o divorcio, que nos fará sahir d'esta situação intoleravel, impossivel de prolongar, que te restituirá a liberdade e será menos cruel do que uma vida commum tal como a nossa...

Elle interrompeu-a:

— Cala-te, peço-te, não digas absurdos!...

Ella, porém, continuou, com uma brandura persuasiva, como se não se tratasse de si:

— ...Cousas muito razoaveis é que são, meu amigo, tu mesmo has de confessal-o... Agora, só vês as objecções. Pensas, de certo: «O divorcio, que eu combati, que me poria em contradicção com todos os meus principios, que comprometteria a minha autoridade, a minha posição...»

Miguel abanou a cabeça:

— Não, Suzanna, não penso nada d'isso!... Ah! se, para sahir da situação em que estamos, fosse bastante renunciar á minha posição, afianço-te que não hesitava... Emquanto aos meus principios, ai! já faltei a elles... Mas tu, Suzanna, e as creanças...

— Oh! eu! exclamou ella com uma vibração de dôr, agora já não se trata de mim!... Pelo que me diz respeito, o mal já está feito: soffri tudo o que se póde soffrer... O

divorcio não será mais cruel do que o teu abandono... O maior desgosto não é perder-te legalmente, é ter-te visto afastar de mim, a ponto de me considerares tua inimiga...

— Nunca, Suzanna, juro-te!...

— Não me desmintas: li-te no coração e não me enganei... Tambem, não julgues que sou generosa... Meu Deus, não!... Se soubesse que, defendendo-te de ti mesmo, ainda podia ser feliz, conservar-te-hia... Mas sei que não estamos n'esse caso, meu amigo... Seriamos simplesmente dois forçados presos á mesma cadeia, e que acabam por se odiarem... Pois bem, isso é que eu não quero, percebes?...

— Não tens que receal-o.

Ella encolheu os hombros e continuou, como se estivesse recordando o passado:

— Ao principio julguei que a esquecerias quando deixasses de vêl-a: foi por isso que exigi um rompimento completo... Agora vejo que me enganei e que a amas mais do que eu pensava... Queres que continuemos a viver juntos, mesmo assim?... Queres que te conserve atrelado ao dever, contra tua vontade?... Não posso: sou excessivamente orgulhosa e não sou bastante cruel para isso... Bem vês que já te não sirvo de obstaculo!...

— Discutes, raciocinas, respondeu Miguel, e não é possivel que acredites o que estás a dizer... Sabes perfeitamente que, nem M.elle Estève nem eu acceitariamos uma solução injusta como essa é; sabes que, primeiro que tudo, não queremos que ninguem seja desgraçado por nossa causa... E se a nossa vida commum, Suzanna, estivesse realmente ameaçada...

Ella interrompeu-o com novo accesso de violencia:

— Se a nossa vida commum estivesse ameaçada... Pois não o está já, dize?... Atreve-te a affirmar que não pensaste em fugir com ella?...

Miguel não respondeu.

— Vês! exclamou Suzanna, vês ao que chegaste, des-

graçado?... Pois bem, não comprehendes que eu quero evitar a nós ambos essa vergonha?... Escolho o partido menos humilhante, menos doloroso, o unico que me conserva ainda um resto de dignidade... a mim, não a ti, porque tu perder-te-has, tanto com a lei como sem ella!...

— Suzanna, toma sentido no que dizes!... pódes acabar por me incutires idéas que eu quero repellir, a todo o custo...

— Oh! ha muito tempo que ellas te occorrem!... Não as confessavas, talvez porque não podias imaginar que eu mesma viesse propôr-te o desenlace que o teu coração deseja... Os homens comprehendem tão poucas cousas... Mas, emfim, tiveste outros pensamentos... não sei quaes, nunca estive no teu caso... E os teus não devem parecer-se com os meus... Emfim, fosse o caminho qual fosse, chegámos ao mesmo resultado: és livre, como sonhavas sel-o, e eu acceito e resigno-me...

— Infelizmente, isso não é bastante... Se tu acceitas e te resignas, lembra-te das creanças, das nossas filhas, duas raparigas!... Não pensaste que ellas iam ser filhas de paes divorciados?... Não sabes que em França o divorcio é admittido pela lei, mas não pelos costumes, e que ellas teriam de supportar essa mancha toda a vida?... Reflectiste no que seria a sua educação, como os seus corações se formariam quando tivessem a familia dividida em dois troços?... Pensa em tudo isto, Suzanna, e supporta, supporta a nossa cadeia commum, como eu tambem a supporto!...

Suzanna ficou um momento silenciosa, examinando estas graves objecções.

— As creanças, replicou, afinal, sim, as creanças!... Oh! se não fossem ellas, ha muito tempo que não estava aqui!

E o seu rosto, dolorosamente contrahido, exprimia uma angustia extraordinaria. No emtanto, continuou, em tom sereno e decidido que occultava, decerto, muitas hesitações passadas:

—Mas, se ellas existem, nós tambem existimos... Se ellas teem os seus direitos, nós temos os nossos... Não posso sacrificar-lhes tudo, tudo, até a minha dignidade de mulher... Não posso, nem mesmo por causa d'ellas, viver como vivo desde... desde que sei... É de mais... As forças teem limites... O sacrificio que era necessario fazer é excessivamente pesado para mim, renuncio a elle...

—Mas nós devemos tudo ás nossas filhas!... Ouve, minha querida amiga, no ponto em que estamos, não devemos occultar cousa nenhuma um ao outro: portanto, vou confessar-te os meus pensamentos mais secretos... Sim, houve momentos em que cheguei a detestar-te... detestei-te verdadeiramente, em Annecy, certos dias em que lhe tinha escripto e tu desconfiavas d'alguma cousa e me observavas com mau olhar... Então não existia entre nós nenhum laço affectuoso, havia apenas um constrangimento, uma cadeia... N'esses momentos, tambem me occorria a idéa do divorcio: e, se se tratasse unicamente de ti, talvez não a tivesse repellido... Mas pensava nas duas pobres pequenitas: pareceu-me que lhes pertenciamos, que podiam exigir de nós todos os sacrificios, que nos deviamos a ellas sem reserva... Aqui não se trata de sentimento, mas de dever: não temos por que procurar equilibrio entre os nossos desejos e os interesses d'ellas: são estes que vencem com todo o peso da nossa responsabilidade... Bem vês que o divorcio é impossivel!...

(Continúa)

Édouard Rod

AS NUPCIAS DA ESPADA

«Espada, suspensa á minha cinta, que significa o teu alegre lampejo? Lanças-me um olhar tão enternecido, que me penetras de alegria. Hurrah!

—É porque me traz á cinta um valente cavalleiro: por isso o meu brilho é tão alegre e reluzente. A espada rejubila por defender um homem livre. Hurrah!

—Sim, boa espada, sou livre e amo-te com um amor ardente, como se fosses minha noiva, minha bem amada. Hurrah!

—Foi por isso que te consagrei a minha vida, a minha alma de ferro. Ah! quando seremos unidos, quando conduzirás a tua noiva ao hymeneu? Hurrah!

—A trombeta que resôa annuncia alegremente a auro-

ra das nossas nupcias. Quando os canhões trovejam, conduzo a minha noiva ao altar. Hurrah!

— Ó celeste união, desejada com ardor! Recebe-me, pois, meu noivo. A ti, só a ti a minha corôa. Hurrah!»

*

Prece durante o combate

Pae, invóco-te! a artilheria bramando envolve-me de fumo, sinto-me agitado pelos relampagos que ella vomita com estrondo. Conductor dos combates, invoco-te! Pae, guia-me!

Pae, guia-me; guia-me á victoria ou á morte! Senhor, submetto-me ás tuas ordens; Senhor, conduze-me segundo a tua vontade; Deus, reconheço-te!

Deus, reconheço-te no rumorejar das folhas no outomno, como na tempestade dos combates; fonte de misericordia, reconheço-te. Pae, abençoa-me!

Pae, abençoa-me! nas tuas mãos deponho a minha vida; deste-m'a, pódes rehavel-a; para a vida ou para a morte, abençoa-me. Pae, honro-te!

Pae, honro-te! este não é um combate pelos bens da terra; o que ha de mais sagrado, eis o que defendemos com a espada; quer eu succumba, quer eu triumphe, honro-te! Deus, abandono-me a ti!

Deus, abandono-me a ti! quer o trovão da morte me saúde, quer as minhas veias abertas deixem correr o meu sangue, a ti, meu Deus, a ti abandono-me! Pae! invoco-te !»

Carlos Theodoro KŒRNER.

Kœrner foi um joven poeta allemão, que morreu tendo apenas vinte, e dois annos de edade. Filho de um intimo amigo de Schiller, ***Carlos Theodoro Kœrner*** (1791-1813) enthusiasmou-se, sendo creança ainda, pela poesia e pelo theatro : aos vinte annos as letras pareciam já sorrir-lhe; estava em Vienna, depois de uns ensaios dramaticos bem acolhidos, considerado poeta da côrte, quando, em 1813, se alistou nos caçadores voluntarios de Lutzow ; marchava com elles para a independencia ou para a morte ; foi a morte que encontrou. Mas a sua gloria ficou salva e pura : com effeito, deixou ***A lyra e a espada***, collecção de cantos de guerra, ardentes, imaginosos, de uma côr e de um sabor quasi biblicos, que fazem ao seu fim prematuro o commentario mais poetico e como que uma apotheose.

NA INDIA

BENARÉS

(Continuação)

IV

Do mesmo modo Siva é um gigante e um anão, tem o pescoço azul e veste de pelles, é o patrono dos ladrões, é um monstro destruidor, um deus benevolente e amoroso, dispõe de mil e oito modos de ser e de igual numero de nomes.

Em certas occasiões, confunde-se com Vichnu; o adorador de Siva venera tambem Vichnu e as suas diversas encarnações: o peixe, a cabeçada, o javali, a corda. Adora tambem Ganesh, e se escreve um livro dedica-lh'o, como o deus da litteratura. E como o concebe? Sob a fórma d'um brahamane gordo e branco, cuja cara termina em tromba d'elephante.—Quando ora, depois de haver sustido a respiração, repete sessenta e quatro vezes o mesmo mantro. Acredita na virtude sobrenatural das syllabas simples. «*Am* para a frente, diz elle, afim de honrar Durga, *Im* para o olho direito, *Im* para o olho esquerdo, *Um* para a orelha direita, *Um* para a orelha esquerda, *Rim* para a narina direita, *Rim* para a narina esquerda.» —Não con-

tente com os seus trezentos e trinta milhões de deuses, venera tambem os animaes, as plantas, as pedras. As vaccas sagradas enchem os templos, os touros vagueiam em liberdade pelas ruas. Comprar ervas para lhes offerecer é um acto meritorio. Os lugares santos são estabulos onde esvoaçam os pombos, mugem as vaccas, guincham os macacos, e d'esta confusão de homens e de animaes, eleva-se com os mais extranhos odores uma bulha ensurdecedora. Os macacos têem aqui o seu templo onde não se póde entrar senão descalço. Um rajah celebrou solemnemente o casamento d'um orango-tango com uma macaca; dispenderam-se em ceremonias, em festas e em sacrificios cem mil rupias. O macaco foi conduzido em um carro, servido por um exercito de fieis, adornado com uma corôa, e os festejos duraram doze dias. Mui perto d'aqui, em Allahbad, onde as serpentes são divindades, padres e fieis rastejam até o alto da colina, onde se ergue o templo enroscando-se sobre o ventre, imitando as contorsões dos vermes.

Veneram egualmente os pavões, as aguias, as tartarugas, os corvos, os crocodillos. «Respeito, diz um hymno, aos cães e aos donos dos cães; respeito aos cavallos e aos donos dos cavallos.» O mesmo culto merecem certas arvores, certas flôres, as pedras negras, as pedras redondas, as pedras de amolar, as navalhas de barba, as charruas, os folles e os thesouros. Póde-se affirmar que não ha no mundo animal, nem ha objecto vegetal ou mineral, que não seja divino, n'um ou n'outro ponto da India.—No meio d'estas loucuras, ha investigações sobre a divindade, sobre a união intima de todas estas manifestações. — «Veneração, canta o hindu; respeito ao eterno e infinito masculino, a Purusha que tem milhares de nomes, milhares de fórmas, milhares de pés, milhares d'olhos, milhares de cabeças, milhares de coxas, milhares de braços e que vive ha dez mil milhões d'annos.»

O nosso hindu tem uma moral. Uma voz intima dicta-lhe certas acções, cuja practica é meritoria e cuja omissão desa-

fia o contagio. Não ha a menor relação entre o seu codigo e o nosso. Toda a sociedade se baseia n'um dado numero de sentimentos, communs a todos os seus membros, que travam ou dirigem os instinctos egoistas pelos quaes o individuo tenderia a desenvolver-se desmesuradamente á custa do proximo, com prejuiso para a vida harmoniosa da collectividade. Estes sentimentos são, por certo, muito variaveis e conforme elles variam, varia egualmente a fórma, a estructura, a energia e o grau de cohesão da sociedade. Pódem ser mui simples como nas cidades antigas, pódem ser muito complexos como nas nossas sociedades modernas, onde lentamente, atravez de seculos, circumstancias mui diversas sobrepuzeram aos instinctos antigos sentimentos numerosos e delicados. Mas simples ou complicados são sempre uma condicção de existencia para toda a sociedade. — No hindu a moral parece ter uma origem e um caracter differentes. Não é um codigo de deveres do homem para com o proximo, mas unicamente uma serie de prescripções que lhe regulam a vida exterior, os gestos, a alimentação, os costumes. Imagine-se que na idade media desapparecia o instincto social, que prohibia ao homem a traição, a mentira, o roubo, o assassinio, a violencia contra a mulher, assim como a honra que lhe impunha o dever de bater-se com coragem, de proteger o vassallo, de seguir o seu soberano, de não abandonar o seu companheiro, de sacrificar-se pela bandeira sob a qual se havia aiistado, de sustentar a sua palavra, de conservar pura a sua boa reputação. Supprima-se ainda a parte da moral religiosa que apenas consagra certos sentimentos cuja origem se encontra n'um estado social anterior, e conservem-se sómente as practicas ordenadas pela egreja, ir á missa commungar na paschoa, confessar-se, jejuar, observar a quaresma, baptisar as creanças, ungir os moribundos, multipliquem-se estas praticas até o infinito, de maneira que ellas preencham toda a vida do homem, e obter-se-ha uma idéa do que é a lei moral para o nosso hindu.

Não lhe é defeso mentir nem roubar: antes da dominação ingleza, certas seitas prescreviam o assassinato ou honravam o Siva com o estupro organisado. Mas se o hindu vê comer carne, se engole um pello de vacca n'uma taça de leite mal filtrado, está perdido, condemnado ás peiores transmigrações, ao inferno de sangue, ao inferno de azeite fervente, ao inferno de reptis, ao inferno de cobre ardente; além d'isso, elle proprio possue-se de horror, por que taes prohibições não se referem sómente ao homem exterior: correspondem-lhe sentimentos enraisados por uma practica de vinte e cinco seculos, sentimentos organicos e tradiccionaes que fórmam a parte permanente da alma, os mesmos atravez da vida inteira, independentes do jogo das circumstancias e das idéas, verdadeiros imperativos cathegoricos, semelhantes aos que nos impedem de matar ou de roubar. Tem succedido a alguns babús intelligentes, ao corrente das nossas idéas e das nossas sciencias, europeus pela philosophia e pela moral, desmaiarem com horror, por terem inadvertidamente provado um caldo. Em 1877 os cypaes julgaram que lhes faziam rasgar com os dentes cartuchos untados com gordura e isto bastou para se revoltarem desesperados, como doidos furiosos. Outr'ora, quando os inglezes deixavam de usar nas prisões as prescripções de casta, os criminosos condemnados por assassinio preferiam deixar-se perecer á fome a tocar a carne que mancha. Desobedecer a um preceito, cuja origem e fins, incomprehensiveis, jámais foram examinados, eis o *peccado*, o peccado abominavel, que infama e que mata. Extranho peccado este, que nem o arrependimento, nem uma acção virtuosa resgata e que se redime pela practica mechanica d'um acto desprovido de senso, com o enunciado d'uma syllaba, com uma immersão no Ganges, com um mergulho em qualquer poço fetido habitado por Siva. Tocar a orelha d'um brahmane, ouvir a historia da descida de Ganga, comer em certas epocas uma mistura de arroz e legumes, eis os meios de resgate omnipotentes. Todo o hindu

conhece a historia edificante d'Ajamil, o assassino, que salvou Vichnu, porque, quando estava moribundo, chamára a si seu filho Naradyana e este nome designa tambem uma das encarnações do deus; de Valmik, esse ladrão que Siva levou ao paraiso de Kailas, por haver gritado varias vezes *Mar, Mar*, isto é, mata! mata! porque esta palavra invertida *(Ram,)* é o nome do grande Rama.

Observemos alguns costumes geraes. os quaes manifestam, não menos claramente, a extranhesa, as contradicções dos seus habituaes sentimentos. Aqui perto de mim, nas ruas, vejo os passaros vivendo tranquillamente no meio dos homens, pavões azues vagueiam pela cidade, ha hospitaes para animaes doentes onde se curam os cães, as gazellas, as aguias, toda a creação animal que soffre. Não é isto um signal da doçura e intima bondade d'estes hindus? Comtudo, em 1857, elles ultrapassaram em crueldade os Pelles-Vermelhas, e, apesar dos sacrificios humanos terem desapparecido com a dominação ingleza, encontram-se ainda cadaveres de creanças diante do altar da hedionda Kali. O amor é desconhecido na India. Casaram-se creanças de nove annos, que depois são separados até chegarem á puberdade. Desde então a mulher é enclausurada. Excepto os parentes, a ninguem é permittido vel-a: é prohibido aos amigos fazerem allusão á sua existencia, mesmo da fórma mais vaga, por exemplo, esta simples pergunta: «Como estão em vossa casa?» Se o marido sabe que ella viu um parente, que fallou a seu irmão stigmatisa-a: poderá cortar-lhe o nariz. A viuva torna-se um paria, um objecto de mau agouro, de que todos se afastam com abominação. O homem casado não é obrigado á fidelidade conjugal, nem mesmo á mais exterior decencia.

Praticam-se em pleno dia actos que nós rodeamos de todas as cautelas e reservas: nenhuma lei religiosa manda que d'isso se faça mysterio. Além d'isso, as prostitutas formam uma casta reconhecida, o seu mister é um dever sagrado, e no sul, cada templo tem o seu grupo de baila-

deiras. Segundo os saktistas, que adoram «a energia de Siva», isto é «a força que desenvolve o mundo», acto algum é superior ao que symbolisa a producção do universo, a união de Prakriti e de Purusha, da Materia e do Espirito.

Nas epochas das festas reunem-se os iniciados. N'esses dias, as distincções de castas e os laços de parentesco desapparecem. Homens e mulheres revestem-se d'um caracter mystico, deixam de ser individuos particulares e distinctos, para se considerarem encarnações directas de Siva e de Kali.

«Todos os homens são eu mesmo» disse o deus á deusa. Depois de terem bebido vinho e licores inebriantes, comido peixe, carne, arroz, homens e mulheres celebram a união de Kali e de Siva. N'este momento sente o fiel desapparecerem os limites que o continham em sua personalidade, absorve-se em Siva, identifica-se *á alma do mundo*. Este culto é «a via que conduz á mais elevada forma de salvação, ao anniquillamento no Ente supremo». Quem o conhece merece o nome de *Siddha*, que quer dizer, ser perfeito, quem o ignora é um *Pasu*, isto é, uma «besta», um ser impuro. Porque, diz um texto, não ha salvação senão pelo uso dos licores que inebriam, pelo uso da carne, e pela união com as mulheres. — Esta monstruosidade serve para avaliar a distancia que nos separa d'esse mundo hindu. É certo que nem todos os hindus praticam o culto saktista, mas é necessario não olvidarmos que estas noções, que parecem inconcebiveis ou monstruosas, habitam familiarmente em seu espirito, sem se chocarem com as idéas e sentimentos que entre nós lhes oppõem um obstaculo insuperavel e as excluem do regular funccionamento da intelligencia; é preciso recordarmonos que todos elles se inclinam diariamente diante de Lingam e Yoni, os symbolos masculino e feminino da reproducção; em resumo: entre o saktista e o hiudu ordinario, não ha uma differença de especie, mas sim de grau, e em

toda a raça se encontram os germens das doenças intellectuaes e moraes, que n'algumas seitas parecem chronicas e desenvolvidas voluntariamente.

Eis aqui umas almas extraordinariamente constituidas, perturbadas, pervertidas, viciadas desde nascença. N'essas almas, cahem ainda casual e profusamente, idéas geraes de toda a proveniencia, como sementes morbidas n'um organismo combalido.

Milhares de jovens hindus se preparam para exames que lhes facultarão o ingresso nos logares publicos, e povoam as numerosas universidades da India. Muitos ahi estudam o sanscrito, o persa, o arabe, as velhas philosophias asiaticas, duas ou tres litteraturas. Todos se compenetram das idéas inglezas, que por toda a parte adejam em volta d'elles.

Nas classes superiores os professores são inglezes. Nas classes inferiores, Addison e Macanlay, teem sido os seus classicos. Mais tarde começam a estudar a philosophia de Hamilton ou Spencer. Leem revistas e jornaes inglezes; ahi encontram estudos litterarios, politicos, factos diversos, estatisticas, descripções de toda a especie, que circumstanciam e pormenorisam, recortam, classificam, catalogam as innumeraveis porções da vida publica, intellectual ou moral, artistica ou religiosa, mundana ou commercial da Inglaterra. Os romances apresentam-lhes todos os typos inglezes, operarios, clerigos, marinheiros, raparigas, cavalleiros e commerciantes, e sob esta diversidade, uma concepção da vida, da religião, do dever, do amor, da morte, que não são d'uma raça differente, mas d'outra humanidade. Não sómente elles se nutrem d'idéas extrangeiras, mas vivem da vida d'uma alma extrangeira, que sente, quer, pensa d'uma fórma opposta á sua. Inquietadora operação esta, resultante da infusão d'outro sangue, que poderia terminar, como nos crusamentos entre especies animaes mui distanciadas, em abortos, em monstruosidades não viaveis.

Esta manhã, á margem do rio, atravessaram-me o espirito taes pensamentos, emquanto trocava algumas palavras com um joven brahmane, cuja physionomia intelligente e meiga muito me impressionára. Este rapaz é alumno d'uma escola ingleza em Benarés e conta seguir o curso da universidade de Allahabad para entrar no *civil service*. Leu já Addison, estudará as *Upanishads*.

Emquanto espera, prepara-se para fazer os exames de mathematica: discute a questão da India para a India, interessa-se pelo congresso de Allahabad, que pede um parlamento autonomo. Ao mesmo tempo, pertence a uma casta da qual não pode sahir, pratica o culto de Lingam, venera Siva, Ganesh, Vichnu, honra-os pronunciando a syllaba A U M, retendo a respiração, offerecendo flores ás vaccas sagradas. A cultura europea, tende, é certo, a destruir-lhe a fé hereditaria nos ritos; mas não esqueçamos que elle vive entre estes cultos hindus, que todas as manhãs elle vê a multidão chafurdar religiosamente no rio, os brahamanes a figurarem com os dedos as cento e oito encarnações de Vichnu, que as primeiras palavras que ouviu são as que ouve ainda, a maior parte das vezes formulas religiosas, syllabas sagradas, textos védicos, trechos dos *Puranas;* que, diante d'elle, seu pae rende culto a cinco pedras negras, a uma campainha, a um vaso, e que este espectaculo repetido incessantemente imprime, no mais profundo do seu ser, um cunho definitivo, sobre o qual nem a leitura nem o raciocinio levarão a palma, de modo que o que nos parece extraordinario é para elle natural, e as idéas para nós contradictorias associam-se no seu espirito.

Espantosa estructura intellectual e moral, inteiramente differente da nossa, para que a possamos conceber por sympathia. Com muita erudição, um espirito europeu póde talvez tornar-se assás flexivel e maleavel para tentar reproduzir em si as idéas e os sentimentos, as relações entre as imagens e as emoções, que formavam a alma d'um

monge da idade média ou d'um architecto atheniense. É porque apesar dos seculos decorridos, elles fizeram parte do mesmo grupo humano a que pertencemos, é porque elles transitaram sobre a mesma estrada, da lenta evolução, que em nós termina, e avolumaram a onda historica que por seu turno nos exalta e n'este momento nos dirige para a luz: elles contribuiram tanto para a encaminhar como para lhe dar a fórma. A seiva vivificante que n'ella circula, penetrou-os como a que nutre uma folha extrema e foi elaborada em obscuras raizes. Alguma cousa d'elles vive ainda e faz parte da herança accumulada, transmittida ás gerações europea, porque o presente contém inteiro o passado. Algumas pessoas podem comprehender um templo grego ou uma prece do seculo IX. Qual de nós, porém, comprehenderá perfeitamente um purana ou uma architectura hindu? Se houve alguma especie de consanguinidade entre nós e essa gente da India, os crusamentos com as raças negras, a acção secular d'uma natureza e d'um clima differentes, destruiram-n'o completamente. A sua alma é um composto de natureza mysteriosa, situado não sómente alem, mas fóra de quanto podemos imaginar. Notamos-lhes as manifestações, percebemos o exterior, as physionomias, os gestos, os ritos, as preces, o estylo, a arte, os costumes. O fundo porém é para nós impenetravel.

V

Esta tarde passeei de carruagem, ao acaso, pelas ruas de Benarés. Por um pequeno numero de rupias aluguei uma caléche tirada por dois cavallos, com um cocheiro, um groom e um *peon* que seguia o carro com uma gravidade admiravel. Estes individuos são pessoas sérias, silenciosas, de physionomia inalteravel. O peão, que trota e enfileira os numerosos transeuntes á nossa passagem, veste uma

tunica vermelha e está inteiramente compenetrado da gravidade das suas funcções. Com os cotovelos unidos ao corpo, o peito arqueado, a cabeça mui direita, vae correndo e soltando pequenos gritos seccos.

A divisão do trabalho é aqui levada ao infinito:é necessario este cocheiro para conduzir, este groom para abrir a portinhola, este peão para advertir quem passa. O europeu deve-se habituar a todo este apparato. Seria monstruoso vêr um filho da Europa a pé, e mui extraordinario se conduzisse um embrulho: um official inglez não póde mudar de sitio sem se fazer acompanhar d'um sequito enorme de homens e bagagens. No anno passado, em Londres, um simples cabo de esquadra referiu na minha presença, que na India chamava um creado para lhe apanhar o lenço. Muitos *gentlemen* teem um creado especial para lhe cuidar do cachimbo. A casa de um *civilian* comprehende cincoenta creados: ha entre elles alfaiates, empregados na limpeza, padeiros, sem contar uma multidão de mercadores, jornaleiros, ajudantes de toda a especie, que todas as manhãs lhe affluem a casa. Exactamente como em Roma, onde o patricio dispunha d'um exercito de creados, de freguezes e de libertos. O branco é aqui o *senhor*, o nobre, e muitos o julgam feiticeiro. É preciso, porém, saber-se que intimamente o indigena despreza o europeu como impuro, como polluido diariamente pelo uso das carnes e dos licores. Ao lado d'esta gente grave, immovel e franzina, nós parecemos grosseiros, com as nossas expansões de riso estridente, com os nossos jogos athleticos, com os nossos largos movimentos, e a nossa actividade sempre em expansão. A mulher da India sahindo sem véu ultraja todo o pudor.

Na escala dos seres, estamos muito abaixo do Sudra, e seria necessario um sectario de Brahma haver commettido bem negros peccados para renascer sob a fórma de um europeu. Comtudo o temor e o respeito curvam deante d'elle o indigena. É porque o filho da Europa lhe parece omnipotente pela força muscular, pela riqueza, pelas armas,

por seus mysteriosos instrumentos. Que pensar d'esses fios de ferro suspensos a postes, ao longo das campinas, d'esse véu negro que o cobre, quando elle assesta uma caixa exquisita para os monumentos? Esta manhã por cousa alguma do mundo conseguìria que os meus remadores tocassem n'uma unica peça do apparelho photographico. O meu creado recebe as ordens que lhe dou dobrado ao meio, com os braços crusados como um escravo. Todos os cypaes apresentam as armas ao viajante europeu. Responde se-lhes, com semi-desdenhosa condescendencia, movendo a cabeça e enterrando-se novamente nas almofadas da caleche, que, mediante trinta soldos na primeira hora e doze nas seguintes vos leva a galope, de maravilhas em maravilhas, de palacios em palacios.

É preciso fazer profissão de *touriste* e seguir docilmente o guia. O meu, que tem tradicções, conduz-me á margem do Ganges, que atravessamos n'uma barca. Eis-nos em casa do maharajah. Tres largos corredores de marmore conduzem á sala de gala, mobilada com um luxo excessivamente vistoso, meio hindu, meio europeu.

Nada ha de notavel, afóra uma galeria de retratos: os antepassados de Sua Alteza, todos da raça dos guerreiros, Kshattryas, os verdadeiros conquistadores aryanos da India, mui empertigados, mui pomposos dentro de suas saias brancas, com a mão sobre o coração apertando flôres, ou então armados com tesouras extraordinarias que servem para a caça dos tigres. Um, teso, arqueado, em attitude de soberano d'opera comica, de braço estendido e um dedo appoiado sobre uma grande bengalla, com um gesto que faz lembrar o Luiz XIV de Rigaud, e a barba aberta em flôr, dos dois lados da cara, ostentando uma bravura fanfarrona, e um ar de suprema *coquetterie*. Ao lado, sobre a mesma parede, o principe de Galles, ajanotado e fatuo, e o retrato do vencedor do Derby de 1865, o grande cavallo magro, classico, montado pelo seu minusculo jockey, de botas e bonet de seda amarella, velhas chromographias, vulgaris-

simas nos albergues inglezes, que aqui são consideradas raros primores, mandadas encuadrar preciosamente pelo rajah.

Este rajah, que dá cem rupias por dia para o sustento das vaccas sagradas e do templo de Siva, assistia em 1887, ao jubileu da rainha de Inglaterra. Diz-se que trouxera fortes impressões e que a grande estatura dos cavallos de Londres foi a sua principal admiração.

*
* *

Em frente, na outra margem do Ganges, confundido na fileira dos edificios que bordam o rio, está o grande templo dos Macacos. Os deuses ali estão, os fulvos deuses que saltam debaixo dos porticos, ou se balançam suspensos pela cauda aos rendilhados da pedra.

A nossa apparição causa um grande tumulto, um grande frémito de curiosidade: com grandes e ligeiros saltos accodem todos, batendo os dentes, agitando as palpebras, encarando-nos fixamente, com o olhar penetrante, mui anciosos.

Faço piedosamente a minha offerta, que se compõe d'algumas sementes compradas ao brahmane que guarda a entrada do templo, e immediatamente se ouve uma guincharia aspera, gritos penetrantes, sente-se o friccionar de corpos aveludados apertando-se uns contra os outros, um mistiforio de espinhaços ondulantes, de nadegas vermelhas que se mostram nas cambalhotas.

É facil comprehender que estas divindades não estão ali enclausuradas como os nossos macacos do jardim das plantas. Este templo é apenas o seu quartel general, d'onde todas as manhãs sahem para infectar a cidade, roubar os jardins e as casas. Um inglez matou alguns que lhe roubavam fructos; houve logo grande rumor em Benarés, os

indigenas assediaram-lhe a casa e foi preciso, para o livrar, virem os cypaes em seu auxilio.

Na terça feira, grande festa de macacos: quasi todo o sagrado bando se reune no templo. Os devotos affluem, e com elles as offertas, sementes, nozes, côcos, fructos. Sacrifica-se solemnemente uma cabra, emocionante espectaculo, que faz erguer os topetes felpudos, bater todas as maxilas, franzir as aveludadas sobrancelhas sobre os pequenos olhos penetrantes.

É necessario visitar a universidade, que é um velho centro da cultura hindu n'esta cidade de Benarés. Outr'ora os seus brahmanes philosophavam, e de longe vinha gente para estudar as suas doutrinas. A astronomia, que contempla o que é eterno, ahi estava representada em logar d'honra. Visitei esta manhã um velho observatorio cheio de enigmaticos instrumentos de pedra sobrecarregados de mysteriosas inscripções, e o espirito remonta aos obscuros tempos em que n'esta cidade, desconhecida na nossa Europa, se elaborava essa antiga sciencia oriental, quando os brahmanes curiosos calculavam a declinação do sol e mediam as revoluções dos astros em volta do polo.

O sanscrito é aqui a lingua dos *pundits*. Servem-se d'ella como os professores de certas universidades suecas escrevem ainda em latim. Em Benarés explicam-se e commentam-se sempre os velhos textos sagrados, os *Védas*, as grandes epopéas, as *Upanishads*, os *Puranas;* alguns d'estes brahmanes são conhecidos dos nossos sanscritistas europeus.

Os inglezes chamam a Benarés o Oxford da India, e realmente, o edificio universitario que construiram parece importado de Oxford. Quem vê estas ogivas, estas torres quadradas guarnecidas de ameias, estes portaes, estes nichos, os feixes torcidos de columnatas delgadas, julga entrar em Oriel ou em Magdalen. Sómente em vez do velho granito, todo corroido pelo tempo e pelas chuvas, tendo estampado o melancholico cunho do céu baço, ha aqui a

pedra scintillante de luz, intimamente penetrada pela suavidade do ether tépido. Como molduras, em logar de monotonas campinas e finas verduras frementes do norte, encontra-se aqui as grandes palmas rigidas e lustrosas. No interior, sob os arcos ogivaes ha tres ou quatro grupos de estudantes, apertados á roda do professor. Não são as frontes claras e ousadas que se encontram em Oxford, n'uma sala inteiramente similhante a esta, mas sim umas caras orientaes, meigas, femininas, mui indolentes, corpos franzinos envoltos em véus pendentes. O *pundit* Bapu-Deva-Sastri, professor de mathematica, é quem me conduz, e os jovens saudam-nos com uma graciosa inclinação de corpo, com os olhos no chão, levando aos labios as mãos juntas, em gesto repetido. Deante de um quadro negro, coberto de signaes algebricos, estão creanças assentadas de pernas crusadas, com gorros de veludo com flôres d'ouro na cabeça; o oval d'esses rostos, as compridas palpebras, a côr sem brilho, a bella curva dos labios, são d'uma doçura e d'uma seriedade encantadoras.

Mais além, estudantes mais adeantados ouvem uma lição de philosophia. Estão dois livros sobre a mesa do *pundit* que professa. Reparei nos titulos d'essas obras: *Mansel's Philosophy*—Spencer, *Social Statics*.

*
* *

É difficil vêr aqui outra cousa além das ruas e monumentos. As cartas de apresentação só dão ingresso no interior da casa dos europeus; da habitação hindu nada se póde vêr senão o exterior. Todavia, deixando fóra o meu guia e a lista catalogada das curiosidades, pude entrever o interior de duas casas.

Uma, do babu Devi-Parshad, negociante de pannos, d'ouro e prata: pequenas salas brancas, frescas, muito baixas;

nada de moveis. As paredes de pedra, ornamentadas com pinturas e esculpturas, crivadas de nichos quadrados onde vélam os deuses vermelhos, quadrupedes com cara de gente, o monstruoso Ganesh, advogado do commercio e da litteratura. Por cima dos deuses diplomas em inglez, diplomas d'exposição, similhantes aos que se encontra no primeiro armazem vindo de Paris.

Ao fundo da ultima sala, portas fechadas a cadeado, que um rapaz abre em nossa honra, guardam as riquezas da casa, estofos phantasticos, tecidos de metal precioso, rendas delicadas como teas de aranha: sedas maravilhosas das *Mil e Uma Noites,* côr do sol, côr da lua, desdobradas com precaução deante de nós.

Ao meio da casa, n'uma especie de throno, formado por grandes coxins, assenta-se o dono da casa, uma cara indolente e preguiçosa. Acocorado, entre as sedas que o cobrem, dá a sua licção de musica; e da comprida cithara sahem os retornellos orientaes, complicados, dissonantes, tristes, eternamente os mesmos.

Por terra, a um canto, um escriba, vestido com um amplo manto verde, curva-se sobre os livros carregados de escriptos cabalisticos. É um velho de cara rapada, labios finos e unidos, nariz d'aguia em que se apoiam os oculos, physionomia intelligente e austera de velho mestre escola alsaciano. Mostra-me o fio sagrado que prova ser brahmane: tenho encontrado entre os individuos d'esta casta caras singularmente europeas. Ha pouco, na margem do Ganges um rapaz apresentava os traços physionomicos de prematura velhice, finos e fatigados como os d'um estudante parisiense. Extranho poder do typo, que os milhares d'annos são impotentes para destruir, o que permitte encontral-o inalteravel n'um busto romano, n'um passeiante do boulevard em Paris, n'um brahmane de Benarés.

Emquanto o babu vae moendo a sua solfa gemebunda e sempiterna, esse velho escriba, que parece muito sabio, demonstra-me a affinidade que existe entre o inglez e o

sanscrito. Estabelece a similhança qne ha entre a palavra *pitar* e *father*, *bratar* e *brother*, *duhitor* e *daughter*, velhas comparações triviaes nas nossas actuaes grammaticas, mas devéras interessantes aqui, na bocca d'este adorador de Siva, que se nos assemelha.

*
* *

Agora vamos a casa das dançarinas. Fica mesmo no coração da cidade, na rua mais populosa ao meio do *basar*. O movimento continuado da multidão sarapintada, as caras de todas as côres, esse mixto de nudez e de vestes vaporosas causam sempre admiração. Ao meio da rua a onda humana não cessa de correr; sentados ao longo dos passeios ha homens que cinzelam cobre, batem bronzes, os negociantes inclinam-se sobre os seus livros, individuos acocorados abandonam indolentemente a negra cabeça nas mãos dos barbeiros.

A rua é tortuosa, muito estreita, por causa das tendas portateis que avançam para o meio d'ella excedendo as casas; todas estas tendas estão cheias de fructas, de objectos de cobre, de joias de vidro pintado, de pantufos bordados, e as ruas estreitam-se ainda mais acima de nós, pela saliencia dos terraços irregulares, dos bojudos balcões, das estatuetas, das varandas, das galerias de madeira, que recortam lá em cima uma faxa irregular do ceu. Eis ahi o que é o interior d'um formigueiro oriental, o mesmo que ha seculos. Assim se julga serem os bairros mercadores da Bagdad dos contos.

O meu criado abre uma pequena porta, que elle bem conhece, a qual se torna a fechar; e, repentinamente, cahimos na obscuridade e no silencio. Nada mais se ouve do ruido que lá fóra fazem os milhares de pés nús.

Uma segunda porta ao fim do corredor, e vamos dar na

penumbra d'uma sala baixa, onde ha um quadrilatero de esbeltas columnatas. Nem viv'alma aqui: tres pequenos deuses bojudos velam, meios visiveis em seus nichos. Ao fundo da sala, uma escada escura, que subimos ás apalpadellas.

No primeiro andar é a casa das dançarinas. É sombria e pesada esta grande camara completamente cheia de estofos, espessos tapetes e pannos de seda bordados. Por mobilia alguns coxins apenas, e no tecto, um riquissimo candelabro espalhando os seus numerosos braços, ramalhudo como todas as cousas hindus. Atmosphera perfumada, estonteadora. No chão vasos carregados de eternas flores amarellas, e algumas caçoilas, d'onde se eleva em espiral um vapor azul d'incenso.

Agora certificamo-nos de que é habitado este aposento silencioso, que ao principio julgámos vasio. Sentadas no tapete, com os cotovellos apoiados na balaustrada e a cabeça encostada á mão, tres mulheres olham para a rua distrahidamente.

A nossa entrada não as fez sahir do torpôr em que estavam immersas: apenas se moveram ligeiramente. Rostos bronzeados, de puros traços, as palpebras e as pestanas mui compridas, os grandes olhos negros carregados de languidez e voluptuosidade, de voluptuosidade grave, com um ar de nobreza, que em nada é prejudicado pelas argolas que usam no nariz. Esta immobilidade, esta seriedade, este mutismo oriental, perturbam sempre.

Passam essas mulheres assim os seus dias, preguiçosamente estendidas, envoltas em seus veus, adormecidas na penumbra d'essa sala, onde as nuvens de vapores perfumados fluctuam e se despedaçam, contemplando, pelos rendilhados do balcão de madeira, a multidão que passa lá em baixo, na rua estreita, mas escondidas, invisiveis do exterior.—Algumas vezes fazem ramos, brincam com as suas flores, ou então uma toca cithara, e no soturno aposento ouve-se o rapido friccionar das cordas, as gam-

mas menores, d'um rythmo imperceptivel, indefinidamente repetidas, rolando sobre si mesmas, acabadas em notas interminaveis, que fazem esperar ainda alguma cousa além, musica extranha e monotona como a sua vida. Eis ahi a existencia de todas as mulheres hindus enclausuradas nas *Zenanas*. Tudo isto devia tornar as almas d'uma extrema simplicidade, mas então porque são esses rostos tão extraordinariamente graves, e as longas palpebras manifestam a existencia d'uma paixão tão concentrada?

Entra silencioso um grande hindu dissimulado, que longo tempo conversa em voz baixa com o meu guia. Acho muito caro um nautch, pois pedem-me cem rupias por esta dansa. Ás objecções que apresento explicam-me, para me decidir, que as dançarinas se mostrarão cobertas de preciosos tecidos, de costumes que custaram milhares de rupias, e trazem-me os cofres, onde se guardam os trajos de festa. Effectivamente, mui bellas cousas ha ali a admirar: sedas de Benares recamadas de estrellas de prata, gazes delicadas onde tremulam bagos d'ouro, rendas bordadas de pedrarias e d'azas arroxadas de escaravelhos.

Accender-se-hão os mil lumes do grande lnstre e a dansa durará toda a noute.

Extranha alegria, a primeira de todas, segundo os hindus. Não ha festa, não ha solemnidade sem nautch. Quando um europeu d'importancia chega a Calcutta ou a Bombaim, os grandes funccionarios indigenas convidam-n'o a assistir a um nautch e despendem avultadas sommas para lhe mostrar quatro dançarinas. O europeu aborrece-se sempre; para todos os inglezes que o teem visto. este espectaculo é um prazer incomprehensivel. Acceitam por cortezia e retiram-se no fim d'uma hora enfrascados em essencias, engrinaldados com flores, como é devido proceder-se com os convidados. Os indigenas ficam sentados como Buddas, de pernas cruzadas, mãos unidas sobre o ventre, mudos e immoveis, e assim passam toda a noite. É preciso notar-se que nada ha de sensual no nautch classico, ao

lado do qual o mais casto dos nossos bailes pareceria ligeiro: as mulheres vão carregadas de estofos e quanto mais bellos estes são, mais caro se paga o nautch. Quem poderá comprehender o morno enervamento, o feliz lethargo, o entorpecimento vago, o encanto enfadonho e subtil, que se apodera d'esses hindus, sentados sobre os calcanhares em filas successivas? A cega-rega da cithara, não se cança de repetir a mesma musica confusa e triste, os vestidos das dançarinas reluzem, os tecidos enrolam-se e desenrolam-se, as pedrarias scintillam, os braços agitam-se lentamente, os corpos serpenteiam ou estacam subitamente, immobilisados n'um longo estremecimento, percorridos por uma imperceptivel vibração, as cabeças inclinam-se para traz, desfallecidas, os punhos torcem-se, os dedos inteiriçam-se e tremem, a cithara geme, sempre a mesma toada melancholica e penetrante, e as horas fogem... Prazer similhante ao que sentimos quando observamos o subir lento do fumo azulado d'um charuto, ou ao contemplar a passagem d'um sequito de brancas nuvens sob o azul luminoso d'um ceu tepido. O *eu* desfaz-se então, dispersa-se nos objectos circumdantes; nada ha mais em nós senão o scintillar rythmico d'essas pedrarias, a suave ondulação d'esse fumo, a esplendida e indolente ascensão d'essas nuvens.

(Continúa).

André CHEVRILLON.

PORTUGAL EM 1787

CARTA IX

Noites de verão — Vespera de S. Pedro — Palacio da casa de Angeja — Convento das Salesias — Madame Scarlati.

(Continuação)

«Verdeil e eu, conscios da nossa pequenez, ficámos de todo o ponto humilhados por esta sublime declamação, despejada de braços cruzados sobre o peito, e olhos postos no tecto, como algumas imagens que tenho visto de S. Francisco Xavier. Um minuto pelo menos esteve sua reverencia sem mudar d'esta attitude; d'ahi a pouco correu uma cortina, tendo a condescendencia de admittir-nos n'um espaçoso locutorio deliciosamente fresco, perfumado de jasmins, e povoado de pombinhas brazileiras, papagaios, e canarios; arrulhos e chilros taes nunca se ouviram em maior auge de perfeição, excepto no paraizo de Mafoma; nem faltavam as *huris*, por quanto n'um esconderijo, que se dilatava para dentro da clausura, detraz d'uma rotula soffrivelmente larga, estava sentada uma fileira das mais amaveis donzellas, que eu tenho visto; seus olhos de feiticeira meiguice parecia adquirirem nova fascinação n'aquella mysteriosa especie de crepusculo, luzindo atravez do duplicado ralo d'arame.

«De quando em quando os passaros, de nenhum modo intimidados pelos predatorios relances d'olhos do padre Theodoro, violavam o sanctuario, e pousavam nos colos alabastrinos, sendo recebidos com milhares de caricias pelos anjos d'este pequeno e retirado Eden, que tão refrigerante parecia, e que pelo seu religioso socego formava contraste com o turbulento mundo cá fóra e sua rutilante atmosphera; de maneira que não pude reprimir-me, e exclamei: Oh! quem me dera azas como a pomba, que voasse atravez d'essas grades, e lá repousasse para sempre!

«Desnecessario é referir-vos que passamos meia hora deliciosa falando de musica, flores e devoção com as meninas; quasi nos ia esquecendo a promessa de ouvir cantar Scarlati, cujo pae de origem italiana, antigo capitão de cavallaria, reside não muito longe do convento da Visitação; por isso não tivemos tempo de experimentar no transito a penosa differença ontre o fresco locutorio das freiras e o abafador ar externo.

«Numeroso grupo de parentes das senhoritas achava-se á porta da casa com a hospitaleira cortezia, que tão notavelmente distingue os portuguezes, para introduzir-nos no andar superior em uma galeria adereçada de pannos de raz e de placas, na apparencia mais d'uma ostaria italiana, do que de palacio de cavalleiro; para nos confirmar nas idéas das casas de posta aspiramos ao subir, os fortes effluvios da estrebaria, e ouvimos as patadas e rinchos, como se um bando de monteadores viesse tomar parte no concerto.

«Muitas caras singulares e indigenas de ambos os sexos estavam alli reunidas, collecção disparatada e extraordinaria, segundo conjecturo; dispenso-me de individual-as. A dona da casa, senhora ainda moça, encantou-me á primeira vista pelas suas maneiras engraçadas e modestas; porém, quando cantou algumas arias da composição do famoso Peres, não só me deleitou, fez-me pasmar; a sua voz modula-se em uma negligencia desafectada nos tons mais pathe-

ticos. Posto que tenha adoptado o estylo magistral e scientifico de Ferraruti, um dos primeiros cantores da rainha, dá uma simplicidade de expressão aos trechos mais difficeis, similhando as effusões d'alma d'uma heroina de novella trinando solitaria no recondito das florestas.

«Sentei-me n'um canto obscuro, sem dar fé nem do que se passava no aposento, nem das extravagantes physionomias dos que entravam ou sahiam; as vistas attentas, o cochichar, os movimentos e mexerico da assembléa eram para mim cousas perdidas, não fui senhor de proferir uma syllaba, e bastante me affligiu que uma despotica tia velha insistisse em que não se cantasse mais, e propozesse uma partida e dança.»

CARTA X

Altos e baixos de Lisboa — Quinta do duque de Lafões — O jesuita Duarte e um medico ridiculo Os Penalvas — Concerto importuno

30 de junho de 1787.

«Dcpois de jantar puzemo-nos na rua para pagar visitas. Nunca vi em minha vida tão amaldiçoados altos e baixos, tão abruptas ladeiras, tão ingremes subidas, como se topam a cada passo caminhando por Lisboa; cincoenta vezes me julguei a ponto de despenhar-me no Tejo, ou de tombar em vallas areientas entre chinellos velhos, gatos mortos, ciganas fuscas; que se acoutam n'essas espeluncas e esconderijos para lêr a *buena dicha*, ou vender amuletos contra febres e quebrantos.

«A inquisição muito a miudo pilha estas miseraveis sibyllas e as vexa abominavelmente; ao passar pelas ruinas d'um palacio, que o terremoto demolira, vi uma d'essas mulheres que arrastavam á claridade; se a filava nas gar-

ras algum familiar do santo officio, ou se lhe tomava contas algum rufião burlado, é o que não pretendo, nem posso affirmar. Como quer que fosse, tive a fortuna de se arredar da vista aquelle hediondo vulto, cujas contorsões e uivos eram na verdade horriveis.

«Quanto mais conhecemos Lisboa, menos corresponde á expectativa suscitada por sua magnifica apparencia do lado do rio. Se um viajante pudesse ser transportado subitamente, sem prevenção nem apparato, a differentes partes, rasoavelmente podia conjecturar que tinha atravessado uma série de povoações ligadas desconcertadamente, e ficando-lhes sobranceiros massiços conventos. Os templos em geral são d'um pesado gosto de architectura, o estylo de Barromini, com empenas *arrugadas*, cornijas e torrinhas com *folhos*, algumas á maneira das caixas de relogio da antiga moda franceza, como Boucher as desenha, com muitos arrebiques e floreados, para adornarem as salas de madame de Pompadour.

«Esta tarde atravessámos a cidade em todo o seu comprimento, dirigindo-nos ao palacio de campo do duque de Alafões, e fornecemos a um copioso numero dos mais fieis subditos da rainha a opportunidade de admirarem na altura da caixa da carruagem o gibão curto do cocheiro, e outros inglezismos da equipagem. O duque tinha sido chamado a um conselho de estado; só achamos o marquez de Marialva, que nos andou mostrando todos os aposentos da casa de campo, que nada tem notavel, excepto uma ou duas vastas salas de bellas e assombrosas proporçôes.

«Propoz-nos em seguida acompanhar-nos obra de meia milha mais adeante á quinta de Marvilla, propriedade de seu pae. Este sitio tem grandes bellezas pittorescas. As vores são antigas e de fórmas caprichosas, curvando-se por cima de fontes destruidas e estatuas de guerreiros mutiladas, que o lapso dos annos serapintou de innumeraveis tintas de vermelho, verde e amarello. No centro de quasi impenetraveis balsas de louro e buxo alteiam-se extrava-

gantes pyramides de pedra lavrada, que rodeiam leões de marmore, de catadura magica e symbolica. O marquez tem o sentimento delicado de respeitar estes rudes monumentos de uma época, em que seus ascendentes praticaram muitos feitos heroicos; e francamente me prometteu nunca os sacrificar, nem as venerandas sombras que abarcam as ruas, ao gosto ligeiro e loução da moderna jardinagem portugueza.

«Voltamos de passeio para casa por um luar sereno da lua cheia, que despontava detraz dos montes, na opposta margem do Tejo, o qual n'esta extremidade da metropole tem quasi nove milhas de largo. Lisboa, que poucas horas havia me parecera tão desinteressante, assumiu mui diverso aspecto sob aquelle suave clarão. Os atrios, eirados, capellas e portadas de varios conventos e palacios á borda do rio, luziam como edificios de marmore branco, ao passo que as escabrosas ribanceiras e os mesquinhos telhados sobre ellas erguidos quasi jaziam submersos em sombras espessas. O Terreiro do Paço, por onde seguimos caminho, estava cheio de ociosos de todas as classes e sexos, pasmados para as vidraças illuminadas do palacio, na esperança de vêr n'um relance a sombra momentanea de sua magestade, do principe. do confessor, ou das damas, escoando-se d'um para outro aposento, e sendo alvo espaçoso de vãs conjecturas. Disseram-me que o confessor, ainda que um tanto adeantado na carreira dos annos, está longe de ser insensivel aos engodos da belleza, e segue de janella em janella as nymphas moças do paço com juvenil alacridade.

«Davam as nove, quando entramos em casa, e ainda bem não tinha repousado do passeio, e posto em ordem algumas plantas colhidas nas moutas de Marvilla, tres distinctas badaladas da campainha na minha porta annunciaram a chegada de algum personagem distincto; não me achei burlado, porque era o velho marquez de Penalva, e seu filho, que apenas haverá um anno, antes de lhe con-

ceder a rainha o mesmo titulo do pae, chamava-se Conde de Tarouca.

«Tereis ouvido falar muito n'aquelle nome, que o avô do marquez velho assaz illustrou em diversas e bem succedidas embaixadas; as suas brilhantes conferencias no congresso de Utrecht vem largamente descriptas na obra de madame de Noyers, e em varios livros de memorias.

Os Penalvas traziam em sua companhia n'esta tarde um celebre jesuita, padre Duarte, que o marquez de Pombal julgou tão importante, que por dezoito annos esteve encarcerado; e vinha tambem um medico alto, de joelhos desengonçados e faceira rubicunda, vestido de uma andaina magnifica de setim lustroso, um dos mais desastrados e presumidos professores da arte de matar que eu tenho topado. Entre o jesuita e o doutor não fiz pequeno esforço para manter-me commedido e serio; palraram incessantemente, com pretenções de mui implicita admiração por tudo quanto vinha de Inglaterra, quer em materia de moveis, quer de bellas-artes, e confundindo nomes, datas e individuos n'uma indigesta mixordia, perguntaram se não era sir Peter Lely o actual presidente da nossa academia real, e espraiarem-se em vivos encomios ao meu compatricio Hans Hobbeim. Pedi licença para certificar a estes complacentes sabios, que o ultimo dos mencionados artistas nascera em Basilea; e que sir Peter Lely tinha morrido ha um seculo. Assombraram-se algum tanto com esta informação; apesar d'isso continuaram na cantilena á solta, disparando uma bateria de cumprimentos empolados ácerca do nosso progresso nacional em pintura, relojoaria, fabrico de meias, etc., a tempo que entrou o general Forbes, e operou uma diversão a meu favor. Conversámos um pouco sobre o estado presente de Portugal, e os riscos que corre de ser absorvido pelas negociações, não pelas armas de Hespanha, no lapso de poucos annos.

«O nosso discurso foi interrompido pela vinda de um rabequista, um padre e um musico italiano, humildes cria-

dos e commensaes aduladores de minhas illustres visitas; deram rijas taponas no meu pobre piano forte, e tocaram symphonias quer eu quizesse, quer não. Bem sabeis quão pouco sou apaixonado de sonatas, e que certos meios tons e guinchos de rabeca, quando o musico revira as alvas dos olhos, torce o besuntado queixo, e affecta extasis, fazem-me embotar os dentes na bocca; a crispatura do doutor já era de sobejo para produzir o effeito sem o reforço de seus companheiros parasitas, o padre e o musico. O jesuita, ao que parecia, via-os com tão bons olhos como eu; o general Forbes fez uma prudente retirada; e o marquez velho, inspirado por um pathetico adagio, percorreu de subito a sala n'um passo, que eu tomei pela abertura de um bailado heroico, e que porém desandou n'um minuete á moda portugueza com todos os pinotes e requebros, ao qual foi convidada parceira Miss S*** que viera ao chá, e que accedeu muito contra seu gosto. Inda bem não tinham concluido, o doutor alardeou a sua lugubre e esguia pessoa n'um arrebatado minuete *anguloso*, que não tenho expressões para descrevel-o; de fórma que entre as artes irmãs, a musica e a dança fizeram-me passar uma *deleitavel* noite!»

CARTA XI

S. José de Ribamar — Hospitalidade portugueza — O almoço — Outra vez o bispo do Algarve

2 de julho de 1787.

«Accordou-me de noite o horrido alarido dos cães; nem aquella infernal matilha, que Dryden nos descreve em seu divino conto de Theodoro e Honoria acompanhando em todas as sextas feiras um phantasma uivava mais espantosamente; Lisboa é infestada, como nenhuma das capitaes,

que tenho habitado, por bandos d'aquelles animaes semi-famelicos, que comtudo são de alguma importancia e utilidade, limpando as ruas d'alguma parte, ao menos, de seus fetidos entulhos.

«Verdeil, que dormiu tanto como eu, por causa d'uma furiosa batalha, longamente protrahida entre dois troços dos taes cerberos, persuadiu-me a erguer-me com o sol, e passear a cavallo pelas praias de Belem, que appareciam em todo o seu esplendor matutino; era bello vêr a côr variegada do firmamento com as nuvens radiantes de purpura orladas d'oiro, e o mar coalhado de innumeraveis embarcações de differentes portes, fazendo espadanar a espuma em todas as direcções, ao passo que as vagas á foz do porto se agitavam violentas.

«Para variar um tanto a nossa excursão nos afastámos do transito commum, e visitamos o convento de S. José de Ribamar. O edificio é irregular e pittoresco, levantado n'uma eminencia ingreme, tendo nas costas a sua matinha d'olmos, louros e olaias. Fomos recebidos pelos frades risonhos e simples, n'um pequeno pateo dos claustros sustentados em pezadas columnas toscanas. No meio um repuxo, borrifando a profusão das flores, dava um aspecto oriental a esta pequena claustra que excessivamente me agradou; os frades pareciam conscios de seu merecimento porque a conservavam soffrivelmente limpa, que é o mais que posso dizer do seu jardim.

«Trepadeiras e aloes anões quasi impediam a passagem para a matta, delicioso retiro, refugio e conforto de metade dos passaros d'aquelles contornos. Graças á preguiça fradesca, os arbustos estão por tosquiar, e invadem á vontade as ruas, que ficam sobranceiras ao mar de um modo assaz romantico.

«Os frades quizeram mostrar-nos o seu jardim, que é um bonito terraço, bem calçado de tijolo, entremeado de lavores n'um estylo, que eu conjecturo tão antigo como o dominio dos mouros em Portugal; limoeiros e laranjei-

ras em latadas forram os muros, e teem quasi tomada a melhor parte de um lustroso embrexado, em que os incrustára um reverendo padre ha dez ou doze annos; pratos da China e pires, que o circumdam, compõem o principal ornamento; notei a mesma tendencia para embrexados de conchas e loiça da India quebrada n'outro exemplo de mr. de Visme, cuja quinta em Bemfica eclipsa as nossas de Clapham e Islington em todos os attractivos de estatuas de chumbo, templos chinezes, arroios serpeantes e empoados eremiterios.

«Recolhemos a casa antes que a força da calma se tornasse intoleravel, justamente a tempo de almoçar com o marquez de Penalva, que nos tinha convidado na vespera. Quando um portuguez d'alta jerarchia determina admittir um extrangeiro nos penetraes de sua familia, não poupa disvellos para apresentar com o maior realce tudo quanto tem, e offerecel o a seu hospede com o mais liberal acolhimento; é como se vós o dominasseis, a elle e a tudo; portanto a nossa recepção foi mui sumptuosa e cordeal.

«Se desejassemos um concerto, ali estavam os melhores musicos da capella real para executal-o; se quizessemos examinar as primitivas edições dos classicos ou os auctores raros portuguezes, a livraria estava franca e o bibliothecario prompto a mostrar, e explicar todo o objecto, que attrahisse a nossa attenção; se procurassemos ver as pinturas, as paredes dos diversos aposentos ostentavam uma interessante collecção das duas escolas italiana e flamenga; se preferissemos a conversação, achavamos reunidas quasi todas as pessoas de reputação litteraria n'esta capital, academicos e artistas.

«Suppondo serem do nosso particular gosto as flores e os especimens botanicos menos vulgares, nos foram apresentados alguns dos mais perfeitos, que eu tenho visto; e para que nada faltasse em qualquer sentido, as ricas meias portas da capella estavam abertas de par em par, e a ara

esplendidamente illuminada parecia convidar os que sentissem inspirações espirituaes a entreter-se n'ellas. Pela minha parte, como a viração do mar tivesse aguçado o meu appetite mundano, deitei-me ao almoço com o maior contentamento; foi elle magnifico e bem servido. Não posso deixar de especialisar a bellissima qualidade das toalhas e guardanapos de linho, curiosamente bordados com brazões e flôres, encarnado sobre fundo branco; salvas de prata de soberbo relevo sustentavam pratos de fructas geladas, particularmente morangos, que não são communs em Portugal, e enchiam de fragrancia a casa, o que me foi mui grato, porquanto suscitava, pela grande força das idéas associadas, recordações dos lares patrios e de Inglaterra.

«Muito susurro e galhofa surdia da fresca sombra de alguns mysteriosos camarins, contiguos á sala, onde estavamos á meza: estes sons provinham das senhoras da familia, que se fossem naturaes de Bagdad ou de Constantinopla difficilmente estariam n'um estado de exclusão mais asiatico. Comtudo foi-me permittido fazer-lhes a minha reverencia no seu proprio *harem*, o que, segundo me deram a entender, eu devia considerar como o mais lisongeiro signal de distincção. E quem havia de achar no meio do grupo das senhoras, sentado como ellas no chão á moda da Barbaria? O recem-sagrado, e ainda com muitos visos de moço, bispo do Algarve, cujas bochechas morenas, nedias e de rapaz de escola ficavam á sombra d'um enorme par de oculos verdes! A verdade me obriga a confessar que a expressão, que transluzia de seus olhos debaixo d'aquelles formidaveis vidros não participava absolutamente do mais sisudo, manso e apostolico caracter.

«O marquez de Penalva velho instou comnosco para o jantar, que estava posto com todo o primor n'uma casa agradavel e fresca: Verdeil não poude resistir á tentação; mas eu estava fatigado com as berrarias da noute passada, e recolhi-me para uma partida mais quieta com o grão-prior e D. Pedro.

«De tarde fomos descahir a Marvilla, o abandonado jardim que já mencionei, e que é sobranceiro á maior largura do Tejo, vista que me fez lembrar o lago de Genebra. Condescendi em acompanhar o grão-prior pelas ruas e terraços d'esta romantica cerca, theatro da sua meninice, e de que elle é particularmente apaixonado. O palacio, pateos e fontes estão quasi ruinas, os buxos e murtas cresceram como o matto bravio cobertos de flores, as estatuas estão meio encobertas com os jasmineiros.

«Aqui ha um pequeno theatro para operas, e uma ermida com suas parecenças de mesquita pela fórma e monumentos arabes, toldados com bastas bandeiras castelhanas, tropheus da batalha d'Elvas, ganha por um ascendente dos Marialvas. Um extenso parreiral sobre pilares de pedra conduz do palacio á capella: ha certa majestade n'esta verdejante galeria, e a luz scintillante do sol no occaso penetrando entre as parras allumiava as physionomias desbotadas de alguns caducos servos da casa, que se arrastavam fóra de seus deteriorados quartos, e vinham ajoelhar na presença do grão-prior e de D. Pedro.

«Vagueámos por este solitario e abandonado jardim, cujo silencio iguala a um convento da Cartuxa, até o lusco fusco, que se levantou uma brisa fresca, fazendo nutar as cimas dos cyprestes, e sacudindo os alvos jasmins sobre os canteiros de buxo como frocos de neve. D. Pedro encheu a carruagem com raminhos floridos arrancados das estatuas mutiladas; estavamos todos meio embriagados antes de chegar á minha pousada com aquelle delicioso, mas excessivo perfume.»

CARTA XII

Rapida jornada — O Ramalhão — Quinta de Marialva em Cintra — Collares — Regresso a Lisboa

9 de julho de 1787.

«Achava-me no palacio de Marialva pela volta das nove horas e parti d'ali com o marquez para Cintra; este que mandava nas reaes cavallariças, onde havia quatro mil muares e dois mil cavallos, deu ordem para quantas mudas lhe aprouve, de fórma que mudámos de machos quatro vezes por hora.

«Poucos minutos depois das dez nos apeámos no Ramalhão, quinta n'uma baixa inferior ás pyramidaes rochas de Cintra, que o sr. Street-Arriaga tivera a bondade de facultar-nos, havia um mez ou dois, e que até hoje eu não podera visitar. Todos os aposentos são espaçosos e ventilados, com illimitada vista de mar e de terra; mas, se o calor não fosse tão forte, estaria n'elles mais fresco do que desejaria, não tendo outra chaminé senão a da cosinha.

«Achei o jardim em excellente ordem, e florescentes em quantidade as plantas, vegetando entre os renques de larangeiras e limoeiros. Tal é a influencia do clima que as gardenias e plantas do Cabo, que eu trouxe de Inglaterra ainda com troncos despidos, estão cobertos de lindas flores. Os malvaiscos e algumas variedades de milho, semeadas pelo meu jardineiro inglez, cresceram a extraordinaria altura, e começam já a formar avenidas sombrias e selvas, onde os rapazes podem á sua vontade jogar ás escondidas.

«Tendo consumido meia hora na observação d'estas coisas, metti-me na carruagem com o marquez, e partimos para a sua quinta, creação nova, que lhe tem custado mui-

tas mil libras sterlinas: ainda ha cinco annos era um cabeço maninho, alastrado de sebes e fragmentos de penedos. Ao presente, achaes um elegante pavilhão desenhado por Pillement e adereçado com elegancia, um jardim com estatuas e fontes, ruas densamente guarnecidas de loiro, buxo e cedro, cascatas, arvoredo, o buxo tosqueado de differentes feitios, e todos os ornamentos, que se pódem apetecer no gosto da jardinagem portugueza.

«Jantámos n'uma aceiada e commoda hospedaria, situada ao meio da povoação de Cintra. A rainha tinha ultimamente doado ao marquez aquella casa e a grande porção de terreno adjacente. Das suas janellas, contemplaes profundos algares e empinadas encostas de matos e florestas, variegados com pedras musgosas e caducos castanheiros.

«Assim que o sol declinou, fomos para Collares, e passeiamos no eirado pertencente a Mr. la Roche, negociante francez, que mostrou alguns visos de gosto no arranjo da sua quinta.

«As matas de pinhaes e castanheiros elevando-se das fendas da penedia, crescendo umas em sucalcos acima das outras até consideravel altura, dão a Collares o aspecto d'uma aldeia dos Alpes. Innumeraveis arroios, sobre os quaes se debruçam sobreiros e esgalhados limoeiros, rompem pelos arruinados muros da banda da estrada, e espadanam em tanques de marmore. Um valido do defuncto rei, que tem n'estes suburbios uma vasta fazenda, nos convidou com muita attenção e urbanidade para o seu jardim; imaginei que entrava nos vergeis de Alcinoo; os ramos curvavam-se ao peso dos pomos, o mais leve abalo alastrava o chão de ameixas, damascos e laranjas.

«Esta quinta ufana-se d'uma grande cascata artificial com tritões e golphinhos vomitando torrentes d'agua, mas não lhe prestei metade da attenção, que o proprietario esperava, e acolhendo-me á sombra das arvores fructiferas regalei-me de doiradas maçãs e purpureas ameixas, que em tanta profusão caíam ao redor de mim: o marquez, que

participa com a maior parte dos portuguezes da extremada predilecção pelas flores, atulhou de cravos e jasmins a carruagem.

«Nunca vi plantas tão assignaladas em crescimento e vigor como as que tiveram a boa sorte de ser semeadas n'este afortunado torrão, cuja exposição é notavelmente propicia, abrigada por oiteiros declives, e defendida com o espaço de algumas milhas de matas e pomares. Não sentia a menor vontade de largar um sitio tão favorecido da natureza, e M*** se jacta de que eu me tentasse a comprar esta fazenda.

«O vento tornou-se incommodo, quando subiamos a eminencia coroada pela quinta de Marialva; a atmosphera estava cristallina e o sol declinava radiante. O convento de Mafra ao longe scintillando com vivo fulgor, similhava o palacio encantado d'um gigante, e o terreno circumvisinho desbotado e esteril, era como se o monstro o tivesse devastado.

«Para descansarmos um pouco do nosso veloz passeio entrámos no pavilhão, que eu já disse ter sido delineado por Pillement: representa uma rua de phantasticas arvores indicas, que entrelaçando os ramos superiores convergentes fórmam arcos abaulados, descobrindo-se pelas roturas dos intervallos o céu d'um tempo estivo; da bocca d'um dragão volante pende um magnifico lustre para cincoenta lumes, ornado de festões de cristal, que rutilam como collares de diamantes. Detivemo-nos n'esta sala do mirante até o caír das sombras.

«Os pagens cavalgavam adiante levando archotes, e o vento nos atirava á cara com o fumo e fagulhas; de modo que eu vinha atordoado, embruxado, experimentando taes sensações, como as d'um noviço em feitiçaria montado pela primeira vez á garupa d'uma bruxa a correr por matagaes. Em menos d'uma hora tinhamos galgado ruidosamente doze milhas de aspera e desegual calçada, trepando e descendo ingremes cabeços n'um galope convulsivo, em

que eu esperava por momentos estirar-me de nariz no chão: mas felizmente as muares eram escolhidas d'entre um cento, e nunca tropeçaram.

«Nos altos d'Ajuda senti o ar muito fino e penetrante.»

XIII

Palacio real de Cintra, e capella real—O consul hollandez Guildmeester

24 de julho de 1787.

«Vacillei por alguns momentos se encaminhasse os passos do meu cavallo para o Penedo dos Ovos, ou para o outro lado da montanha até á Peninha, Conventinho dos Jeronymos, e dependencia da sua principal acolheita, Penha Longa; porém Marialva, que encontrei com toda a sua comitiva de cavalhariços e picadores, sahindo da quinta, resolveu-me a deixar caminhos de cabras, e a acompanhal-o ao paço, que eu ainda não tinha visitado interiormente.

«O proprio Alhambra de raro será mais sarraceno em materia de architectura do que esta confusa molle, que parece brotar do cimo da rocha em que assenta, desabrochando n'uma variedade de recantos e projecções. De milhares de miserias foram testemunhas estas venerandas paredes, fechadas por uma ordem de seguras arcadas, e que repartem uma extremidade da casa grande em dois ou tres aposentos medianos, como guarda roupas d'um theatro. As frestas, n'um phantastico estylo oriental, em recortes deseguaes e laçarias sustentadas em pilares espiraes e de marmore liso, são maravilhosas e campeiam sobre vistas romanticas dos fraguedos e da povoação de Cintra. Alguns pateos irregulares e lojas, formados pelos angulos quadrados dos torreões, aviventam-se com fontes

de marmore e de bronze doirado, que despejam de continuo copiosos jorros d'agua mui pura.

«Uma especie de deposito de comprimento tal, que se póde quasi denominar canal, continuado em toda a extensão da casa grande, é como um paraiso de cardumes dos maiores e mais brilhantes peixes doirados e prateados, em que tenho posto a vista. O susurro dos repuxos, que resaltam d'este canal, os borbotões deslisando por degraus, e em bacias de marmore polido, o brilho e o giro veloz dos peixinhos, o admiravel contraste da luz e da sombra produzido pelo intrincado labyrintho de arcarias e columnas combinam-se para formar uma scena magica, como as que ás vezes se nos figuram em sonhos, mas que mal presumimos realisaveis. Reina uma sobriedade de matiz nos marmores, um mysterio nos aposentos opacos e reconditos vistos em perspectiva; é tão solemne a côr das aguas quasi proxima da negridão na parte, a que fazem sombra os altos do edificio, que eu não posso deixar de achar-lhes superioridade a todo o esplendor e labyrintho das mais afamadas construcções mouriscas de Granada e de Sevilha.

«A sumidade rasa d'um dos mais altos eirados, nada menos de cento e cincoenta pés acima do nivel do chão, está preparada como um elegante jardim, que se estende á similhança d'uma alcatifa bordada deante do portal de um immenso torreão quadrado, que é quasi todo occupado por uma sala, cujo remate é uma cupula das mais singulares; entre as volutas dos arabescos que a enfeitam, apparecem os brazões das principaes casas nobres portuguezas: a divisa da desventurada familia Tavora foi apagada, e o vão, que occupava, está em branco. Subimos ao terrado e ao torreão por uma d'essas escadarias empinadas, e em volta de caracol, que abundam no palacio e prendem com passagens de abobada por um modo secreto e suspeitoso.

«O marquez indicou-me o pavimento ladrilhado d'um pequeno quarto, poído e gasto pelos passos de D. Affonso

VI, que em tão estreito espaço esteve recluso muitos annos.

«Descendo d'ali vimos o interior da capella, não menos singular na forma e construcção do que o restante do edificio. O tecto baixo e chato, bem como as intersecções dos arcos, aproximam-se muito do estylo das mesquitas; mas a barbarica profusão de oiro, e ainda mais barbaras pinturas de que estão cheios todos os apainelados, quasi póde suppôr-se obra de artistas chingalezes ou industanicos, e trazem-me á idéa os subterraneos pagodes, onde sua magestade diabolica recebe homenagens sob a fórma de Shiva ou de Budha.

«O brilho original de toda esta extravagante capella acha-se grandemente amortecido pelo fumo dos lampadarios, qne ardem ha seculos em frente do altar, mysterioso composto de obra de talha e de estatuaria em perfeita consonancia, no que toca a estylo carregado e inculto, com todos os objectos ali existentes. Diz-se que estando ajoelhado ante este mesmo altar o joven, impetuoso e cavalleiro D. Sebastião, recebera aviso sobrenatural para desistir da fatal expedição d'Africa, que lhe custou a corôa e a vida, e que um espirito heroico tem em mais elevada estimação, do que a fama immortal, que segue as emprezas bem succedidas.

«Uma coisa que difficil me seria descrever, certa melancolia oppressiva parece impendente sobre esta capella, que segundo imagino, jaz ainda pelo mesmo gosto, em que a deixou o malfadado D. Sebastião. A falta da livre circulação do ar, a nuvem pezada de incenso, atacam-me os musculos da cabeça tão desagradavelmente, que muito me apraz abalar e seguir o marquez aos quartos preparados para a rainha e infantas. Estes são agradaveis e bem ventilados; em vez de os guarnecer de ricos pannos de raz, representando aventuras de cavalleiros e heroes, os armadores da casa real andavam azafamados a forrar as fortes paredes com esplendidas sedas e setins das mais brandas

e mimosas côres. Não vi moveis dignos de menção, nem uma pintura, nem um traste rico de gabinete: e não havendo que vêr, pequena foi a nossa demora.

«Assim que o marquez deu algumas ordens, que lhe encarregára a sua real ama, voltámos ao Ramalhão, onde nos esperavam Horne e o consul hollandez, altercando ácerca de seguros, percentagens, commissões e outras especulações commerciaes. Eu tinha persuadido o marquez a acompanhar-me ámanhã a casa do consul, M. Guildmeester; é o dia dos annos d'este velhote, e elle inaugura a sua casa nova com baile e ceia. Teremos uma bonita amostra de senhoras de negociantes, escreventes e caixeiros, alguns agentes do corpo diplomatico, e sabe Deus quantas mil libras de pezo de gordos mercadores hollandezes.»

CARTA XIV

Dia de gala — Funcção de annos do consul Guildmeester — Dois caracteres oppostos

25 de julho de 1787.

«Grande gala a que o marquez vae assistir; este abençoado dia não só deu nascimento a Guildmeester, mas tambem á princeza da Beira. Vamos jantar com a marqueza. Uma banda de musica regimental de caminho para casa de Guildmeester, começou a tocar no pateo, e fez sahir um d'esses curiosos enxames de gente de todos os sexos, edades e côres, que esta bemfazeja familia tanto gosta de agasalhar. D. Henriqueta está sentada nos degraus, que sobem para o grande mirante, cochichando com algumas das suas criadas validas, que á maneira do côro na antiga tragedia grega, de continuo davam a sua opinião sobre o que vinha apparecendo.

«No momento que D. Pedro e eu nos dispunhamos a partir para o baile dado pelo velho consul, agradavelmente nos tomou de subito a chegada do marquez, que se tinha safado do paço muito mais cedo do que esperava. Conduzi-o na minha carruagem á residencia de Horne, onde tomámos chá no terraço, do qual se descortina a vista mais romantica de Cintra, a vastidão das cimas do arvoredo com variada folhagem, marachões seguros pelas raizes enleadas, troncos de enormes castanheiros de mistura com os salgueiros, chorões da mais viçosa verdura, e limoeiros vergando com o fructo. Muito acima d'esta scena silvestre alteam-se tres fendidos pinaculos de rocha, distinguindo-se o do meio pelas torrinhas e recinto de Nossa Senhora da Pena, convento de Jeronymos, frequentemente escondido nas nuvens. Encosto-me a um sobreiro, que dilata os ramos cobrindo quasi toda a varanda, afim de gozar d'aquella vista, e de observar no meu remanso as exquisitas figuras hollandezas, inglezas e portuguezas, que passavam para casa de Guildmeester. Este carreiro de pessoas era bastante variado para me entreter por algum tempo.

«M*** não se impacientava, nem se incommodava por cousa alguma. Tendo dado entrada seu cunhado S*** V*** a quem elle professa mortal aversão, as forças da luz e da sombra, se fossem personificadas, não exhibiriam mais saliente contraste do que estes dois personagens; M*** todo elle inculcando benignidade, e S*** V*** todo malevolencia. E de certo se metade das atrocidades, que a voz publica attribue a este fidalgo são verdadeiras, não maravilhará o negrume de vingança e tyrannia tão profundamente assignalado em cada linha da sua physionomia.

«Aproveitando a primeira opportunidade atravessámos bêccos escuros e medonhos, admiravelmente adequados a proezas como aquellas, a que acima alludimos, e corremos o risco de saltar a pés juntos uma regueira, quando estavamos quasi batendo á porta do velho consul: o terreiro

defronte d'esta casa nova está na peior desordem, o edificio pouco mais tem do que as paredes nuas, e achava-se muito mal alumiado.

«Pelo que toca á companhia, achei-a evactamente como a esperava. M.me G*** que é senhora de penetração e discernimento, fez as honras da casa com desembaraçada affabilidade, e prestou a suas principaes visitas as mais distinctas attenções: ha uma certa agudeza original em todas as suas observações, que me agradou muito: não pertencendo á laia dos indulgentes, reforçou Verdeil em cortar pela pelle da gente mercantil. M*** deu-lhe o braço, quando fomos á ceia; e esta parte da funcção foi magnifica; havia uma brilhante illuminação, immensa profusão de iguarias n'uma mesa tão vasta, as mais delicadas, que se podiam obter, e um apparato de *dessert* de 50 ou 60 pés de comprimento, todo lustroso de figuras burnidas e vasos argentinos de flôres.»

CARTA XV

A musica da capella real—O arcebispo ministro—Proposta da jornada a Mafra

26 de agosto de 1787.

«A musica de capella da rainha de Portugal é por certo a primeira da Europa quanto a excellencias vocaes e instrumentaes: nenhum outro corpo similhante, nem a capella pontificia, apresenta uma tal reunião de admiraveis musicos. Para onde quer que sua magestade vae estar, elles acompanham-a, ou á caça d'altaneria em Salvaterra, ou á busca de saude nos banhos das Caldas; até para o meio d'estas agrestes fragas e montanhas vem cercada de um côro de mimosos cantores, que engordam como codornizes, e gorgeiam com tanta melodia como rouxinoes. Os re-

becas e rebecões de sua magestade deixam a perder de vista todos os de primeira ordem, e o seu viveiro de tocadores de oboés e flautas não tem rival.

«O marquez de M*** na qualidade de primeiro camarista e estribeiro-mór, e tambem como primeiro valido entre os nobres, goza decisiva influencia sobre todo aquelle imperio de vozes harmoniosas; e teve para comigo tanta bondade, que me facilitou participar d'essas bemaventuranças musicaes sendo-me permittido disfructar, onde me aprouvesse, uma banda escolhida de tão estupendos executantes. Exactamente na manhã de hoje, e para minha vergonha o consigno, passei quasi horas e horas no meu pavilhão de novo composto, sem lêr uma palavra, escrever uma linha ou entrar em conversação, absorvidas todas as minhas potencias d'alma na harmonia dos instrumentos de vento, postados os instrumentistas a distancia n'um massiço de laranjeiras e loureiros, não por falta de proposito ás vezes de me esquivar á magia dos tons; mas tantas vezes voltava, quantas forcejei por evadir-me. Se eu consultasse sómente o meu entendimento, despediria os musicos: os seus insinuantes tons maviosos despertaram-me longa série de melancolicas lembranças, e pela força das idéas associadas prostraram-me em estado de abatimento e tristeza.

(Continúa).

William BECKFORD.

OS TRES BOHEMIOS

Passando uma vez no meio da charneca, encontrei no meu caminho tres bohemios deitados á sombra de um chorão.

Um d'elles, abraçando a sua rabeca, tocava ao clarão dos ultimos raios do sol, uma aria cheia de enthusiasmo e de fogo.

O outro fumava no seu cachimbo e, tão socegado como se não precisasse mais nada d'este mundo, contemplava o fumo a desfazer-se brandamente no ar.

O terceiro dormia sem cuidados; pendurara a cythara n'um ramo por cima da cabeça; o vento perpassava no instrumento e fazia-o gemer, emquanto que um sonho ineffavel lhe deliciava a alma.

No entretanto, todos tres apenas vestiam andrajos miseraveis; mas na embriaguez da sua independencia, desprezavam a miseria bem como a injustiça da sorte.

Ensinaram-me tres vezes como, se a fortuna nos atraiçôa, a podemos tres vezes desprezar: fumando, tocando, dormindo.

Debrucei muitas vezes a cabeça fóra da carruagem para contemplar aquelles bohemios cujos rostos queimados e longas madeixas de cabellos pretos ainda vejo presentes no meu pensamento.

N. Niembsch LENAU.

Lenau, o hungaro *Nicolau Niembsch Strehlenau*, pois é este o seu nome verdadeiro, nasceu em 1802 e morreu em 1850. É um grande poeta, que deve ser classificado entre *Uhland*, com quem partilha o amor do povo e da natureza, e *Heine*, de quem possue a melancolia, a graça malleavel, a audacia; funde estes elementos tão diversos n'uma deliciosa melodia que embala a alma e a encanta. As suas *Poesias* e as suas *Novas Poesias*, — titulos que elle poz á sua obra lyrica tal qual como Musset, — formam os seus melhores titulos á popularidade, talvez crescente, de que está hoje em posse; mas dois fragmentos épicos. pelo menos de fórma, *Savonarola* e os *Albigenses*, e bem assim o *Fausto*, que se subtrahe ás classificações consagradas, recommendam o com mais segurança aos delicados, aos amigos da independencia e da poesia philosophica. Morreu bastante novo, e louco, victima da sua melancolia, do isolamento em que se confinava, de uma fadiga cerebral na qual parece fóra de duvida que o abuso do tabaco tomou grande parte.

O FIM DO MUNDO

Vi em seguida um ceu novo e uma terra nova; porque o primeiro ceu e a primeira terra tinham passado.

APOCALYPSE, XXI, 1.

PRIMEIRA PARTE

No seculo XXV—As theorias

V

O concilio do Vaticano

(Continuação)

A afflicção será tão grande como jámais se viu outra egual desde o começo do mundo.

Jesus Christo, Evagelhos **(MATHEUS, XXIV.)**

Assim parecia que o pensamento christão se tinha gradualmente transformado, nos espiritos esclarecidos, segundo os progressos da astronomia e de todas as sciencias.

Comtudo o papa e a maior parte dos cardeaes mantinham-se sempre no sentido stricto e absoluto das crenças antigas e dos dogmas decretados pelos antigos concilios.

Pouco se tratou do cometa. No entretanto, o papa ordenou, pelo telephone, a todas as dioceses do mundo, em communicação constante com elle, preces publicas para apaziguar a colera divina e desviar da christandade o bra-

ço do Soberano Juiz. Phonographos apropriados fizeram ouvir em todas as egrejas a propria palavra do pontifice romano.

A sessão que precede havia-se realisado terça feira, á noute, isto é no dia immediato ás duas sessões de Paris, acima referidas. O Divino Padre tinha transmittido o convite do Presidente do Instituto para se afastarem da Italia, afim de estarem longe d'ella na data critica; mas não tinham feito caso d'isso: primeiro, porque a morte é uma libertação para todos os crentes; em seguida porque a maioria dos theologos contestava até mesmo a existencia dos habitantes de Marte; em terceiro logar porque um concilio de bispos presidido pelo Divino Padre não póde parecer ter medo e deve manter alguma confiança na efficacia da oração, na elevação das almas para o Deus que dirige os corpos celestes e que é omnipotente.

CAPITULO VI

A crença no fim do mundo atravez dos tempos

Vi, no meio das nuvens, um clarim monstruoso, o qual parecia, ali, no profundo limiar dos céus, estar esperando tranquillo o sopro immenso do Archanjo.

Victor Hugo, *A trombeta do Julgamento.*

É este o logar apropriado para fazermos uma pausa de um instante, no meio dos acontecimentos precipitados que nos invadem, comparar esta nova espectativa do fim do mundo com todas as que a precederam, e passar rapidamente em revista a curiosa historia do fim do mundo atravez dos seculos. De mais, sobre o globo terrestre inteiro,

em todos os paizes e em todas as linguas, não havia outro assumpto de conversa.

Os discursos dos padres do concilio de Roma succederam-se, na capella Sixtina, e conduziram no seu conjuncto á interpretação definitiva resumida pelo cardeal arcebispo de Paris, emquanto ao dogma *Credo resurrectionem carnis.* A continuação «*et vitam æternam*» foi tacitamente abandonada ás futuras descobertas dos astrónomos e dos psychólogos. Esses discursos tinham, de certo modo, feito a historia da doutrina christã do fim do mundo atravez dos seculos.

Este estudo é curioso, porque representa ao mesmo tempo a historia do pensamento humano em face do seu proprio destino definitivo. Crêmos interessante expôl-o aqui em um capitulo especial. Abandonamos, portanto, um momento, o nosso papel de narrador do seculo vigessimo quinto, para voltarmos á nossa época actual e resumirmos essa crença das edades que nos precederam.

Tem havido seculos de fé convicta e profunda e, nota digna de attenção, fóra da doutrina christã, todas as religiões abriram a mesma porta para o desconhecido, no extremo da avenida da vida terrestre. É a porta da *Divina Comedia*, de Dante Alighieri, embora nem todas tenham imaginado, para além d'essa porta symbolica, o paraiso, o inferno e o purgatorio dos christãos.

Zoroastro e o Zend-Avesta ensinavam que o mundo devia perecer pelo fogo. Encontra-se a mesma idéa na epistola de S. Pedro. Parecia que, indicando as tradicções de Noé e de Deucalião que uma primeira destruição da humanidade tinha sido operada pelo diluvio, a segunda devia sêl-o por um processo contrario.

Entre os romanos, Lucrecio, Cicero, Virgilio, Ovidio sustentam a mesma linguagem e annunciam a destruição futura da Terra pelo fogo.

Vimos no capitulo precedente, que no pensamento mesmo de Jesus, a geração a que elle falava não devia mor-

rer antes de se realisar a catastrophe annunciada. S. Paulo, o verdadeiro fundador do christianismo, apresenta esta crença na resurreição e no proximo fim do mundo como um dogma fundamental da nova Egreja. Insiste n'isso oito ou nove vezes na sua primeira epistola aos Corinthios.

Infelizmente para a prophecia, os discipulos de Jesus, aos quaes elle tinha assegurado que não morreriam antes da sua vinda, succumbiram uns depois dos outros sob a lei commum. S. Paulo, que não tinha conhecido pessoalmente Jesus, mas que era o apostolo mais militante da Egreja nascente, acreditava que elle proprio viveria até á grande apparição. [1] Mas, naturalmente, todos morreram, e o fim do mundo annunciado, a vinda definitiva do Messias, não succedeu.

A crença não desappareceu por isso. Foi necessario, portanto, deixar de tomar á letra a predicção do Mestre e procurar interpretar-lhe o espirito. Não deixou por isso o facto de ser um grande golpe dado na crença evangelica. Sepultavam-se piedosamente os mortos, deitavam-os com veneração nos tumulos em logar de os deixarem consumir pelo fogo, e nas sepulturas escrevia-se que elles dormiam ali á espera da resurreição. Jesus devia voltar «em breve» a julgar «os vivos e os mortos.» A palavra de reconhecimento dos christãos era *Maran Atha*, «o Senhor vae chegar.»

Os apostolos Pedro e Paulo morreram, segundo todas as

---

[1] Epistola I, aos Thessalonicos, cap. IV, vers. 14 a 17: «Nós, pois, vos dizemos isto na palavra do Senhor, que nós outros, que vivemos, que temos ficado aqui para a vinda do Senhor, não preveniremos aquelles que dormiram; porque o mesmo Senhor com mandato, e com voz de Archanjo, com a trombeta de Deus, descerá do Céu: e os que morrerem em Christo resurgirão primeiro. Depois, nós os que vivemos, os que ficámos aqui, seremos arrebatados juntamente com elles nas nuvens a receber a Christo nos ares, e rssim estaremos para sempre com o Senhor. Portanto, consolae-vos uns aos outros com estas palavras.»

probabilidades, no anno 64, na horrivel carnificina ordenada por Nero depois do incendio de Roma, ateiado por sua ordem e do qual accusou os christãos para saborear o prazer de novos supplicios. S. João escreveu o Apocalypse no anno 69. Um nevoeiro de sangue cobre o reinado de Nero: o martyrio parece a sorte natural da virtude. O Apocalypse parece escripto sob a impressão da allucinação geral e representa o ante-christo Nero precedendo a vinda final do Christo. Surgem prodigios de todos os lados. Cometas, estrellas cadentes, eclipses, chuvas de sangue, monstros, terremotos, fomes, pestes, e por cima de tudo, a guerra dos judeus, o fim de Jerusalem — talvez nunca se reunissem em tão pequeno numero d'annos, (64 a 69), tantos horrores, tantas crueldades, tantas loucuras, tantas catastrophes. A pequena egreja de Jesus parecia inteiramente dispersa. Não era já possivel viver em Jerusalem. O Terror de 1793 e a Communa de 1871 não foram nada ao lado dos horrores da guerra civil dos judeus. A familia de Jesus teve que deixar a cidade santa e fugir. Thiago, o irmão de Jesus, tinha sido morto. Manifestavam-se falsos prophetas, completando a prophecia. O Vesuvio preparava a espantosa erupção do anno 79, e já, no anno 63, Pompeia tinha sido arrasada por um terremoto.

Estavam portanto evidentes todos os signaes do fim do mundo, e nada faltava. O Apocalypse annuncia-o, Jesus vae descer sobre um throno de nuvens; os martyres são os primeiros que vão resuscitar. O anjo do julgamento apenas espera a ordem de Deus.

Mas a tormenta acalma depois da trovoada, está finda a guerra terrivel dos judeus, o templo de Jerusalem não se levantará mais, Nero cae sob a revolução de Galba, Vespasiano e Tito trazem a paz depois da guerra (anno 71), e... o fim do mundo não chega.

Tornou-se necessario depois d'isso interpretar de novo a palavra dos Evangelhos. A vinda de Jesus foi retardada até á ruina do velho mundo romano, o que deixou mar-

gem sufficiente aos commentadores. A catastrophe final mantem-se certa, e mesmo bastante proxima, *in novissimo die,* porém rodeia-se de nuvens vagas que fazem perder toda a precisão á letra e mesmo ao espirito das prophecias. No entretanto, continua a esperar-se.

Santo Agostinho consagra o XX.º livro da sua *Cidade de Deus* (no anno 426) a pintar a renovação do mundo, a resurreição, o julgamento final e a Jerusalem nova; o seu livro XXI.º é applicado á descripção do fogo eterno do inferno. O bispo de Carthago, deante do naufragio de Roma e do imperio, crê assistir ao primeiro acto do drama. Mas o reinado de Deus devia durar mil annos, e Satanaz não devia chegar senão depois.

S. Gregorio, bispo de Tours (573), o primeiro historiador dos francos, começa a sua historia n'estes ternos:

«No momento de traçar as luctas dos reis com as nações inimigas, sinto o desejo de expôr a minha crença. O espanto produzido pela *espera do fim proximo do mundo* decide-me a recolher nas chronicas o numero dos annos já passados, afim de que se saiba claramente quantos teem decorrido desde o começo do mundo.»

O Salvador tinha vindo sanctificar a humanidade. O que esperava elle para transportal-a para o ceu?

A tradição christã perpetuava-se, d'annos para annos, de seculos para seculos, apezar dos desmentidos da natureza. Toda a catastrophe: tremôr de terra, epidemia, fome, inundação, — todo o phenómeno: eclipse, cometa, tempestade, noite subita, trovoada, eram considerados como signaes precursores do cataclysmo final. Os christãos tremiam, folhas agitadas sob o sôpro do vento, na espectativa perpetua do julgamento. e os prégadores mantinham com exito este receio mystico de todas as almas timoratas.

Tendo passado as gerações e tendo-se perpetuamente renovado, foi preciso definir melhor o conceito da historia universal. Então o termo do anno 1000 fixou-se no espirito

dos commentadores. Houve varias seitas de «millenarios» crendo que Jesus Christo reinaria sobre a terra com os seus santos durante mil annos antes do dia do julgamento. Santo Ireneu, S. Papias, S. Sulpicio Severo partilhavam esta crença. Muitos exaggeravam-a revestindo-a de côres sensuaes, annunciando uma especie de nupcia universal dos eleitos durante esta era de voluptuosidade. S. Jeronymo e Santo Agostinho contribuiram muito para desacreditar essas theorias, mas sem ferir a crença no dogma da resurreição. Os commentarios do Apocalypse continuaram a florir no meio das sombrias plantas da edade media, e a opinião que o anno 1000 marcaria o fim das cousas e a sua renovação desenvolveu-se sobretudo no seculo decimo.

A crença no fim proximo do mundo tornou-se, se não universal, pelo menos muito geral. Varios diplomas do tempo começam por estas palavras: *Termino mundi appropinquante*, «approximando-se o fim do mundo». Apezar d'algumas contradicções, parece-nos difficil não partilhar a opinião dos historiadores, principalmente de Michelet, Henri Martin, Guizot e Duruy, sobre a generalidade d'essa crença na christandade. Sem duvida não parece que o monge francez Gerbert, então papa com o nome de Silvestre II, nem que o rei de França Roberto tenham regulado a sua vida por essa crença; mas nem por isso ella tinha deixado de penetrar no fundo das consciencias timoratas, e a seguinte passagem do Apocalypse era o texto de muitos sermões:

«E depois que os mil annos forem cumpridos será desamarrado Satanaz da sua prisão, e sahirá, e seguirá as nações, que estão nos quatro angulos da terra...

«E vi os mortos grandes e pequenos, que estavam em pé deante do throno, e foram abertos os livros; e foi aberto outro livro, que é o da vida: e foram julgados os mortos pelas cousas, que estavam escriptas nos livros segundo as suas obras:

«E o mar deu os mortos, que estavam n'elle; e a morte e o inferno deram os seus mortos, que estavam n'elles; e se fez juizo de cada um d'elles segundo as suas obras.

«E vi um ceu novo e uma terra nova. Porque o primeiro ceu e a primeira terra se foram, e o mar já não é.»

Um eremita da Thuringia, Bernardo, tinha precisamente tomado estas palavras enigmaticas do Apocalypse para texto das suas prégações; cêrca do anno 960, tinha elle annunciado publicamente o fim do mundo. Foi um dos promotores mais activos da prophecia. Fixou mesmo o dia fatal para a data em que a Annunciação da Virgem se encontrasse com a sexta-feira santa; o que aconteceu em 992, sem produzir nenhuma catastrophe.

Um monge de Corbia, Douthmario, annunciou de novo a destruição do globo para o dia 25 de março do anno 1000. O susto foi tão grande que o povo, em muitas cidades, foi encerrar-se esse dia nas egrejas, ao pé das reliquias dos santos, e ahi se conservou até á meia-noute, afim de esperar o signal do julgamento ultimo e morrer ao pé da cruz.

D'esta época datam um grande numero de doações. Legavam as suas terras, os seus bens aos mosteiros... que os acceitavam, continuando a prégar o termo proximo, das cousas d'este mundo. Existe precisamente uma chronica authentica muito curiosa, escripta por um monge do anno 1000, Raul Glaber. Ahi se lê, logo nas primeiras paginas: «Satanaz será em breve desencarcerado, conforme a prophecia de João, *pois os mil annos estão decorridos*. É d'estes annos, que vamos falar.»

O fim do seculo decimo e o começo do decimo primeiro marcam uma época verdadeiramente extranha e sinistra. Do anno 980 ao anno 1040, párece que o espectro da morte extende as suas azas sobre o mundo. A fome e a peste reinam sobre a Europa inteira. Ha primeiro o «mal dos ardentes» que queima os membros e os desliga do

corpo: a carne dos doentes parecia tocada pelo fogo, desligava-se dos ossos e cahia em podridão. Estes infelizes cobriam as estradas dos logares de peregrinação, vinham morrer proximo ás egrejas, amontoavam-se n'ellas, enchiam-as de fétido, e ficavam mortos sobre as reliquias dos santos. Esta espantosa peste ceifou mais de quarenta mil pessoas na Aquitania, e devastou todo o sul da França.

Chegou a fome e assolou uma parte da christandade. Em setenta e tres annos, desde 987 a 1060, houve quarenta e oito de fomes e de epidemias. Voltava a época da barbarie. Os lobos tinham abandonado os bosques e os homens disputavam-lhes a vida. A invasão dos hungaros, de 910 a 945, tinha renovado os horrores d'Attila. Depois tinham-se batido de tal modo, de castello para castello, de provincia para provincia, tinham de tal modo devastado tudo, que os campos já não eram cultivados. Choveu durante tres annos: não foi possivel semear, e portanto não houve que colher. A terra não produzia. Abandonavam-a. «O alqueire de trigo, escreve Raul Glaber, elevou-se ao preço de sessenta soldos d'ouro, os ricos emmagreceram e perderam a côr; os pobres comeram raizes de matto; muitos houve que chegaram a devorar carne humana. Pelas estradas, os fortes atacavam os fracos, dilaceravam os, assavam-os e comiam-os. Alguns mostravam ás creanças famintas um ovo, um fructo, e attrahindo-os assim a pontos solitarios, ahi os devoravam como féras. Esse delirio, essa raiva chegou a tal ponto, que os animaes chegaram a estar em mais segurança que os homens. Filhos matavam seus paes para comel-os, mães devoravam seus filhos. Como se passasse a ser costume, d'ahi em deante, comer carne humana, houve um que se atreveu a pôl-a á venda no mercado Tournus. Não negou, e foi queimado. Um outro foi durante a noute desenterrar essa mesma carne, comeu-a e foi queimado tambem.»

É um contemporaneo, muitas vezes uma testemunha que

fala. Os povos morrem de fome por toda a parte, comem reptis, animaes immundos, carne humana. Na floresta de Mâcon, proximo d'uma egreja dedicada a S. João, perdida no fundo dos bosques, um assassino tinha construido uma cabana onde degolava os passantes e os peregrinos. Um dia, um viajante e sua mulher entram na cabana para descançar. Vêem craneos humanos, caveiras juncando o chão. Levantam-se para fugir, mas o hospedeiro pretende lançar-lhes a mão. Elles defendem-se, fogem e contam a historia quando chegam a Mâcon. D'aqui enviam soldados á estalagem sangrenta: estes chegam lá e contam quarenta e oito cabeças humanas. O assassino é arrastado para a cidade, amarrado a um poste e queimado vivo. Raul Glaber viu o local e as cinzas da fogueira. Era costume atacar, combater, roubar. Comtudo, os flagellos do céu tiveram como resultado trazer uma luz de razão. Os bispos reuniram-se. Prometteu-se-lhes não se baterem tres dias por semana, os dias santos, de quarta feira á noite a sabbado de manhã. Foi o que se chamou a trégua de Deus.

O fim de um mundo tão miseravel foi a um tempo a esperança e o temor d'essa espantosa época.

No entretanto, o anno mil passou como os annos que o haviam precedido, e o mundo continuou a existir. Tinham-se ainda enganado os prophetas? Havendo sido Jesus crucificado na edade de trinta e tres annos, não era verdade que mil annos de christianismo conduziam antes ao anno de 1033? Esperou-se. Esperou-se. Mas, precisamente n'esse anno, a 29 de junho de 1033, houve um grande eclipse de sol. «O astro da luz tornou-se côr de açafrão; os homens, olhando-se uns aos outros, viam-se lividos como mortos; todos os objectos tomaram uma côr pallida; desceu o espanto a todos os corações, esperou-se alguma catastrophe geral...» O fim do mundo não chegou ainda.

É a essa época critica, que se deve a construcção d'essas magnificas cathedraes, que atravessaram os tempos, e fizeram a admiração dos seculos. Dons immensos tinham

sido prodigalisados ao clero, doações e successões continuaram a enriquecel-o. Houve como que uma nova aurora. «Depois do anno mil, escreve ainda Raul Glaber, as basilicas sagradas foram reedificadas desde os alicerces em quasi todo o universo, sobretudo na Italia e nas Gallias, apesar da maior parte d'ellas estarem ainda bastante solidas para não exigirem reparações. Mas os povos christãos pareciam rivalisar entre si em magnificencia para elevarem egrejas mais elegantes umas do que outras. Dir-se-hia que o mundo inteiro, n'um mesmo accordo, havia saccudido os andrajos da sua antiguidade para revestir a tunica branca. Os fieis não se contentaram com reconstruir quasi todas as egrejas episcopaes: embellesaram tambem os mosteiros dedicados a differentes santos, e até mesmo as capellas das aldeias.»

O funebre periodo do anno mil havia lançado no abysmo do tempo os seculos desapparecidos. Mas a Egreja que tribulações não tinha acabado de atravessar? Os papas eram o joguete tragico dos imperadores saxonios e dos principes do Lacio, em rivalidade armada. Toda a christandade estava n'uma desordem inexprimivel [1]. A tormenta passou;

Em 1033, no anno da grande fome, os condes de Tusculum tinham feito papa uma creança de doze annos, Benedicto IX, muito adeantado para a edade, já debochado, ladrão e assassino. Ainda não tinha dezeseis annos quando o escandalo da sua vida havia chegado ao cumulo, e os capitães de Roma juraram por isso estrangulal-o no altar, no momento em que elle tivesse Deus nas suas mãos impuras. Salvou-o o eclipse do sol a que nos referimos no texto: os conjurados cheios de espanto, não ousaram tocar no papa.

Comtudo, elle teve de fugir e recolheu-se a Cremona, onde estava o imperador Conrado. Henrique III restabeleceu-o em 1038, e viram-o reinar ainda durante seis annos, á maneira de um sultão, no meio de um harem. Acreditou-se que ia abdicar para casar com a filha de um barão romano; mas ficou papa, e o povo expulsou-o de Roma em 1044 para o substituir por um pontifice mais sério, Silvestre III. Quarenta e nove dias depois, Benedicto regressava, á

mas o problema do fim dos tempos não estava resolvido por isso, e a espectativa por ser vaga e incerta não desapparéceu, tanto menos quanto a crença no diabo e nos prodigios devia ainda ficar durante muitos seculos na base mesmo das superstições populares. A scena suprema do juizo final foi esculpida nos porticos de todas as cathedraes e ninguem entrava nos sanctuarios christãos sem passar sob a balança do anjo, á esquerda do qual os diabos e os condemnados se torciam em extranhas e phantasticas convulsões no momento de serem precipitados nas chammas do fogo eterno. Mas a idéa do fim do mundo irradiava longe, para além das egrejas.

No seculo XII, os astrologos atemorisaram a Europa annunciando uma conjuncção de todos os planetas, na constellação da Balança. Effectivamente assim succedeu, porque a 15 de setembro de 1186 todos se encontraram reunidos entre 180 e 190 gráos de longitude. Mas o fim do mundo não chegou.

O celebre alchimista Arnaldo de Villeneuve annunciou-o de novo para o anno de 1335. Em 1406, no tempo de Carfrente de um bando de salteadores. Por fim, abdicou no anno seguinte, em troca da renda do dinheiro de S. Pedro dos inglezes promettido por contracto com o seu successor Gregorio VI.

No anno de 1045, havia tres papas: Benedicto IX, reconhecido pelo partido feudal, que não havia desarmado nem desistido; Silvestre III, que pontificava n'nm castello forte dos montes da Sabina, e Gregorio VI, cura de Roma, no Vaticano. O imperador Henrique III fez, do mesmo golpe, depôr e enclausurar, por um concilio, Gregorio e Silvestre, e nomeou um quarto papa, Clemente II, que foi consagrado na noite de Natal de 1046.

Mas Benedicto não dormia. No anno seguinte, precipitou-se sobre Roma como um abutre, fez envenenar o papa allemão, e reinou ainda oito mezes sobre o throno de S. Pedro. O exercito do conde de Toscana chegou a Roma com um novo papa, e fêl-o desapparecer definitivamente. Tinha elle então vinte e seis annos.

Tal foi um dos pontifices d'essa época. O monge Raul Glaber mal se atreve a falar d'elle; limita-se a dizer: «Seria uma cousa excessivamente horrivel, contar a infamia da sua vida.»

los VI, um eclipse de sol, succedido a 16 de junho, produziu um panico geral, do qual foi historiador Juvenal dos Ursinos: «Fazia grande dó, diz elle, vêr o povo retirar-se para as egrejas, e todos imaginavam que o mundo ia acabar.»

S. Vicente Ferrer escreveu em 1491 um tratado intitulado: *Do fim do mundo e da sciencia espiritual.* Ahi, dá á humanidade christã tantos annos a viver quantos versiculos ha no psalterio: 2537.

Um astrologo allemão chamado Stoffler annunciou por sua vez, para 20 de fevereiro de 1524 um diluvio universal em consequencia da conjuncção dos planetas. Foi geral o panico. As propriedades situadas nos valles, nas margens dos rios, ou proximas do mar, foram vendidas a vil preço, a gente menos credula. Um doutor de Tolosa, chamado Auriol, mandou construir uma arca para elle, para sua familia e para os seus amigos, e Bodin assegura que não foi elle o unico. Houve poucos scepticos. O grande chanceller de Carlos V, havendo consultado Pedro Martyr, este respondeu-lhe que o mal não seria tão funesto quanto se temia, mas que, sem duvida, aquellas conjuncções produziriam grandes desordens. Chegou o termo fatal... e nunca se viu um mez de fevereiro tão enxuto! Isso não obstou a que se annunciassem novos prognosticos para o anno de 1232, pelo astrologo do eleitor de Brandeburgo, João Carion; depois para o anno de 1584 pelo astrologo Cypriano Léowitz. Tratava-se aqui ainda de uma conjuncção de planetas e de um diluvio. «O temor popular foi enorme, escreve um contemporaneo, Luiz Guyon; as egrejas não podiam conter os que n'ellas procuravam refugio; muitos faziam o seu testamento sem considerarem que era uma cousa inutil visto como toda a gente havia de morrer; outros davam os seus bens aos ecclesiasticos, na esperança de que elles, com as suas preces, retardassem o dia do julgamento.»

Em 1588, nova predicção astrologica, nos seguintes termos apocalypticos:

«Depois de mil e quinhentos e oitenta annos a datar do parto da Virgem, o oitavo anno que vier ha de ser um anno extranho e cheio de pavor. Se n'esse anno terrivel o globo não cahir em poeira, se a terra e os mares não forem anniquilados, todos os imperios do mundo hão de ser destruidos e a afflicção pesará sobre o genero humano.»

Encontra-se nos livros d'essa época, principalmente na *Chronica dos Prodigios,* publicada em 1557 por Conrado Lycosthenes, uma quantidade verdadeiramente phantastica de descripções e de figuras que põem bem em evidencia todos esses terrores da edade media. Um cometa, soldados nas nuvens e um combate no céu, tudo descripto como tendo sido perfeitamente visto por todos os espectadores! Emquanto ao cometa, passa; mas pelo que respeita aos combatentes celestes, é necessario confessar que a imaginação tem bons olhos!

O celebre adevinho Nostradamus não podia deixar de fazer parte do grupo dos profetas astrologicos. Attribue-se-lhe entre outras a seguinte quadra, que foi objecto de muitos commentarios:

Em Jorge Deus crucificando,
Marcos vindo resuscital-o,
E por fim São João leval-o,
O fim do mundo vem chegando,

O que quer dizer que, quando a Paschoa cahir a 25 de abril (festa de S. Marcos,) a sexta feira santa será a 23 (festa de S. Jorge,) e o Corpo de Deus cahirá a 24 de junho (S. João.) Aquella quadra não deixava de ter malicia, porque no tempo de Nostradamus—que morreu em 1566—o ca-

lendario não estava ainda reformado (não o foi senão em 1582) [1] e a Paschoa não podia cahir a 25 de abril. No seculo dezeseis, 25 de abril correspondia a 15. Depois da reforma gregoriana, a Paschoa póde cahir a 25 de abril: é a sua data extrema, e foi o que aconteceu ou ha de acontecer em 1666, 1743, 1886, 1943, 2083, 2190, etc., sem que essa coincidencia tenha o fim do mundo como resultado.

As conjuncções planetarias, os eclipses e os cometas pareciam compartilhar entre si as sinistras predicções. Entre os cometas historicos mais memoraveis sob este ponto de vista, assignalemos: o de Guilherme o Conquistador, que brilhou em 1066 e que se vê representado na tapeçaria da rainha Mathilde, em Bayeux; o do anno 1264, que, segundo se diz, desappareceu no proprio dia da morte do papa Urbano IV; o do anno 1337, um dos mais bellos e maiores que se teem visto e que «presagiou» a morte de Frederico, rei da Sicilia; o de 1399, que Juvenal dos Ursinos qualificou «signo de um grande mal imminente;» o de 1402, que se associou á morte de João Galéas Visconti, duque de Milão; o de 1456, que lançou o espanto em toda a christandade, sob o papa Calixto III, durante a guerra dos Turcos, e o de 1472, que precedeu a morte do irmão de Luiz XI. Outros lhes succederam, associados como os precedentes ás catastrophes, ás guerras, e sobretudo á ameaça do fim ultimo. O de 1527 é representado por Ambrosio Paré e por Simão Goulart como sendo formado de cabeças cortadas, de punhaes e de nuvens sangrentas. O de 1531 pareceu annunciar a morte de Luiza de Saboya, mãe de Francisco I, e a princeza participou do erro commum sobre esses astros prenuncios de desventura: «Ali está, disse ella, do leito onde estava, e vendo o pela janella, ali está um signal que não apparece por uma pessoa de baixa con-

[1] O dia immediato a 4 de novembro de 1582, foi numerado 15

dição. Deus que o faz apparecer, é para nos advertir. Preparemo-nos para a morte.» Tres dias depois, a princeza morria. Mas de todos os cometas, o de 1556, o famoso cometa de Carlos V, é talvez ainda o mais memoravel. Identificaram-o com o de 1264, e annunciaram o seu regresso para as proximidades do anno de 1848. O cometa, porém, não voltou mais.

O cometa de 1577, o de 1607, o de 1652, o de 1665 foram objecto de dissertações interminaveis, cuja collecção enche uma estante inteira n'uma bibliotheca. Foi a este ultimo que Affonso VI, o monarcha portuguez, disparou, na sua cólera, um tiro de pistola, dirigindo-lhe as ameaças mais grotescas! Por ordem de Luiz XIV, Pedro Petit publicou uma instrucção contra os receios chimericos — e politicos — inspirados pelos cometas. O grande rei capricha-va em ser, elle só e sem rival, sol unico, *nec pluribus impar!* e não admittia que se suppuzesse que a gloria perpetua da França pudesse correr perigo, nem mesmo por causa de um phenomeno celeste.

Um dos maiores cometas que até hoje teem impressionado os olhares dos moradores da Terra, é seguramente o famoso cometa de 1680, que foi objecto dos calculos de Newton. «Lançou-se elle, diz Lemonnier, com a maior rapidez, do fundo dos céus, pareceu cahir perpendicularmente sobre o Sol, d'onde o viram tornar a subir com uma velocidade egual á que lhe havia sido reconhecida quando cahia. Foi observado durante quatro mezes. Approximou-se muito da Terra, e foi á sua apparição anterior que Whiston attribuiu o diluvio.» Boyle publicou os seus curiosos «Pensamentos diversos, escriptos a um doutor da Sorbonna, por occasião do cometa» e poz em evidencia o absurdo das antigas crenças relativas aos signaes celestes. M.me de Sévigné escrevia a seu primo o conde de Bussy-Rabutin: «Temos aqui um cometa, que é bem comprido; tem a mais bella cauda que se póde imaginar. Todos os grandes personagens andam assustados e crêem que o céu oc-

cupado exclusivamente com a perda d'elles, lhes dá advertencias por esse cometa. Diz-se que o cardeal Mazarino estando desesperado dos medicos, entenderam os seus cortezãos que era necessario honrar a sua agonia, com um prodigio, e annunciar-lhe que apparecia um grande cometa, o qual lhes infundia a elles muito receio. Mazarino teve força bastante para ridicularisal-os e apenas lhes observou brincando que o cometa lhe fazia excessiva honra. Em verdade, todos deviam dizer o mesmo que elle, e o orgulho humano não repara que fez uma honra demasiada a si proprio, acreditando que se passam grandes cousas nos astros quando alguem está para morrer.»

(Continua.)

Camillo **FLAMMARION.**